

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE DIREITO E CIÊNCIAS DO ESTADO
Programa de Pós-Graduação em Direito

Murilo Leite Pereira Neto

A GÊNESE DA CRÍTICA MARXIANA AO DIREITO:

nas trilhas do *vigoroso andarilho*

Belo Horizonte
2022

Murilo Leite Pereira Neto

A GÊNESE DA CRÍTICA MARXIANA AO DIREITO:

nas trilhas do *vigoroso andarilho*

Tese apresentada por Murilo Leite Pereira Neto ao Programa de Pós-graduação em Direito da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do Título de Doutor em Direito.

Orientador: Professor Doutor Vitor Bartoletti Sartori

Belo Horizonte
2022

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Meire Luciane Lorena Queiroz - CRB-6/2233.

P436g Pereira Neto, Murilo Leite
 A gênese da crítica marxiana ao direito [manuscrito]: nas trilhas do
 vigoroso andarilho / Murilo Leite Pereira Neto. - 2022.
 523 f.

 Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
 Faculdade de Direito.

 1. Direito - Filosofia - Teses. 2. Marx, Karl, 1818-1883 - Teses.
 3. Crítica marxista - Teses. I. Sartori, Vitor Bartoletti. II. Universidade
 Federal de Minas Gerais - Faculdade de Direito. III. Título.

 CDU: 340.11



ATA DA DEFESA DE TESE DO ALUNO MURILO LEITE PEREIRA NETO

Realizou-se, no dia 19 de dezembro de 2022, às 16:00 horas, por meio de plataforma digital, a defesa de tese, intitulada *A GÊNESE DA CRÍTICA MARXIANA AO DIREITO: nas trilhas do vigoroso andarilho*, apresentada por MURILO LEITE PEREIRA NETO, número de registro 2018698383, graduado no curso de DIREITO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em DIREITO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Vitor Bartoletti - Orientador (UFMG), Prof(a). Ester Vaisman (UFMG), Prof(a). Leonardo Gomes de Deus (UFMG), Prof(a). Vania Noeli Ferreira de Assunção (UFF), Prof(a). Henrique Almeida de Queiroz (UFJF).

A Comissão considerou a tese:

(X) Aprovado tendo obtido a nota 100

() Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 19 de dezembro de 2022.

Prof(a). Vitor Bartoletti (Doutor) nota 100.

Prof(a). Ester Vaisman (Doutora) nota 100.

Prof(a). Leonardo Gomes de Deus (Doutor) nota 100.

Prof(a). Vania Noeli Ferreira de Assunção (Doutora) nota 100.

Prof(a). Henrique Almeida de Queiroz (Doutor) nota 100.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Vitor Sartori, orientador desta pesquisa e motivador constante da minha busca pelo rigor científico. Também o agradeço por seu companheirismo, sempre presente nos momentos difíceis dessa pesquisa. À professora doutora Ester Vaisman, por acompanhar toda a caminhada dessa pesquisa, desde as bancas de qualificação do mestrado. Agradeço, especialmente, pela solidariedade manifestada em cada conversa significativa que tivemos sobre essa pesquisa e sobre a história do marxismo brasileiro. Aos membros, antigos e atuais, das minhas bancas de qualificação, de mestrado e desse doutorado: professor doutor Elcemir Paço Cunha, professor doutor Leonardo de Deus, professora doutora Ana Selva Castelo Branco Albinati, professora doutora Vania Noeli Ferreira de Assunção, professor doutor Henrique Almeida de Queiroz e professor doutor Ronaldo Vielmi Fortes. Pelas críticas que corrigiram, inúmeras vezes, minha rota de investigação. À Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialmente todos os seus professores, servidores e estudantes, que me possibilitaram o convívio rico e instigante para o desenvolvimento dessa pesquisa. À FAPEMIG, pela concessão da bolsa que viabilizou em parte esta investigação. À família Uchôa e à família Peters, pelo acolhimento humano e carinhoso. À Kate Hellen, servidora da Universidade Federal Rural Fluminense, por ter me cedido sua garagem, uma rede e uma mesinha de estudos durante todo o segundo semestre de 2015, quando deixei o Ceará e tentei a sorte no *sul*. À Carolina Peters, por seu amor e companheirismo ao longo desses anos. Pelas conversas e pelo auxílio nas traduções e revisões.

Aos Uchôa e aos Peters
“comunzinhos”

RESUMO

A presente tese investigou a maneira pela qual o direito foi abordado na obra de Marx ao longo dos primeiros anos da sua formação intelectual. Para tanto, priorizou-se a produção iniciada nos anos estudantis de Marx, passando por sua tese de doutoramento e textos de intervenção na imprensa periódica, nos chamados tempos da *Gazeta Renana*, até que se chegou ao material dos anos de 1843 e 1844, escritos em Kreuznach e Paris. Partiu-se das descobertas do marxista e filósofo brasileiro José Chasin, segundo o qual o pensamento de Marx passa por mutação em 1843, após a saída do autor alemão da *Gazeta Renana*, podendo-se afirmar que há uma produção pré-marxiana, até março de 1843, e outra propriamente marxiana, começada em Kreuznach. Nesta tese, então, analisamos o pensamento de Marx ao longo do seu itinerário intelectual, de 1837 a 1844, e procuramos localizar as diversas posições de Marx em relação ao direito. Analisou-se até que ponto a mutação que atingiu o pensamento do autor atinge sua posição frente ao direito. A partir da *leitura imanente* dos textos, as posições em relação ao direito foram comparadas, identificando uma mudança qualitativa, o que resultou na apreensão da *diferença específica* entre uma e outra posição, o que permitiu a essa pesquisa localizar a gênese da crítica ao direito em Marx naqueles textos produzidos entre março de 1843 e 1844, tendo os *Manuscritos de Kreuznach* como produção de transição entre os dois momentos. Marx, entre os anos de 1837 e 1844, parte de uma posição que é de defesa do direito racional ancorado no Estado racional, nos textos da *Gazeta Renana*, passa nos *Manuscritos de Kreuznach* a defender o direito a partir da sua defesa da democracia como uma forma de Estado e chega à crítica ao direito entre o final de 1843 e 1844, notadamente em *Sobre a questão judaica*, na *Crítica da filosofia do direito de Hegel – introdução*, bem como nos *Manuscritos econômico-filosóficos* e nas *Glosas críticas marginais ao artigo "o rei da Prússia e a reforma social" de um prussiano*. Nesse caminho, ao direito não se reconhecerá qualquer caráter resolutivo dos problemas sociais, embora Marx vislumbre certa função do direito no reconhecimento de certos fatos resultantes do desenvolvimento das relações sociais no interior da sociedade civil-burguesa.

Palavras-chave: Karl Marx; marxologia; crítica ao direito.

ABSTRACT

This thesis investigated the ways Marx' works approached law during the first years of his intellectual development. For this purpose, priority was given to the production that began still in Marx's student years, going through his doctoral thesis and statements published in the periodical press during the so-called *Rhenish Gazette* period, finally reaching the material written in Kreuznach and Paris between 1843 and 1844. Our starting point were the discoveries of Brazilian Marxist and philosopher José Chasin, according to whom in 1843, after quitting the *Rhenish Gazette*, Marx's thought undergoes a mutation, making it possible to state that until March 1843 there is a pre-Marxian production, and after that, from Kreuznach on, a properly Marxian one. In this thesis, then, we've analyzed Marx's thought throughout his intellectual itinerary, from 1837 to 1844, and tried to identify his different positions regarding law. We've analyzed thus to what extent the mutation that reached the German author's thought also reaches his position regarding law. From the immanent reading of the texts, the positions regarding law were compared, identifying qualitative change, which resulted in the apprehension of the specific difference between both positions, allowing to spot the genesis of Marx's critique of law in those texts produced between March 1843 and 1844. Between 1837 and 1844, Marx, although already critical of a certain theory of law made famous in Germany during his time in the university, departs from the defense of law towards a position that sees law solely as an object of criticism, a position that becomes even fiercer when the author moves on to his critique of political economy, establishing a new level of scientificity. On this path, the character of resolving social problems will not be recognized to law, although Marx envisions a certain function of law in the recognition of certain facts resulting from the development of social relations within civil-bourgeois society.

Keywords: Karl Marx; marxology; critique of law.

Sumário

1 INTRODUÇÃO - LEITURA IMANENTE, UM PROJETO DE RETORNO A MARX PARA O RENASCIMENTO DO MARXISMO	10
2 CAPÍTULO 1 - O PROBLEMA DO ITINERÁRIO DE MARX NA CRÍTICA MARXISTA AO DIREITO	20
3 CAPÍTULO 2 - BREVES COMENTÁRIOS ACERCA DO <i>NACHLAß</i> DE MARX ATÉ 1844	36
4 CAPÍTULO 3 - O CAMINHO DE MARX PARA HEGEL	102
5 CAPÍTULO 4 – MARX NOS TEMPOS DA <i>GAZETA RENANA</i>: DA DEFESA DO DIREITO RACIONAL	149
6 CAPÍTULO 5 – A GÊNESE DA CRÍTICA DE MARX AO DIREITO	180
7 CONCLUSÃO	216
8 REFERÊNCIAS	219
ANEXOS – O LEGADO LITERÁRIO DE KARL MARX (1833-1844)	244
APÊNDICE – A CORRESPONDÊNCIA PASSIVA E ATIVA DE KARL MARX	267

1 INTRODUÇÃO - LEITURA IMANENTE, UM PROJETO DE RETORNO A MARX PARA O RENASCIMENTO DO MARXISMO

Os escritos de Marx foram e são tratados, pelo menos por uma parcela do autodeclarado marxismo, como se fossem uma espécie de espólio deixado pelo autor e sobre o qual seus herdeiros disputam o mais rico quinhão, *certa herança*, “o melhor Marx”, “o Marx mais marxista”, “mais científico”, “mais comunista” etc., esperando, desse modo, sobreviver mês-a-mês da renda superveniente à divisão do valioso material legado pelo *Mouro*. Assim, a obra marxiana foi inventariada, fracionada e separada em lotes, ao gosto dos autodeclarados herdeiros. A divisão mais famosa e que fez escola é aquela segundo a qual certa herança marxista corresponde à ruptura entre produção de juventude – filosófica e humanista – e produção madura de Marx, essa, sim, científica¹. A aludida divisão, ancorada no chamado “corte epistemológico”, ficou a cargo de Louis Althusser e fez certa fama entre a crítica marxista ao direito brasileira, embora, também é preciso reconhecer, tenha recebido contraposições importantes². Dedicaremos algumas páginas deste trabalho a essa via de recepção da obra marxiana, a qual, no momento, apenas referimos. Há também “o Marx” saído do RH das ciências parcelares, que, após realização de uma espécie de teste vocacional, conclui-se pelo “Marx sociólogo”, “economista”, “historiador”, “antropólogo”, não são poucas as obras que seguem por esse caminho. Procurando estar antenado às últimas tendências mercadológicas das *hermenêuticas da imputação*³, que ressignifica por forçagem qualquer texto, cujo resultado, aí sim, são interpretações impensáveis às cabeças que prezam pela verdade daquele mesmo texto, é preciso referir a tendência

¹ Esse corte na produção marxiana foi conduzido e fundamentado pelo filósofo francês, nascido na Argélia, Louis Althusser (2015). Para a crítica da aludida posição, responsável pela disparatada separação entre Marx filósofo e Marx cientista, a qual, no fundo, concebe a separação (que chega às vias da contraposição) entre filosofia e ciência, cf. Lukács (2012) e, sobretudo, Chasin (2009). Dada a robusta recepção no marxismo brasileiro e, especialmente, chamado marxismo jurídico local, daremos maior atenção ao tema no capítulo 1 deste trabalho, no qual se buscou formular uma crítica, ainda que apenas esboçada, à crítica marxista ao direito brasileira.

² Embora o althusserianismo seja bastante forte no marxismo jurídico brasileiro, tendo em Márcio Bilharinho Naves seu pesquisador de maior monta, é verdade que sua presença por aqui não ocorreu desprovida de contraposições, bastando recordar o texto *Contra Althusser*, de Giannotti (1975), e, no campo da crítica ao direito, a obra de Roberto Lyra Filho (1983), o qual procura ler Marx, também, em contraposição ao autor francês.

³ CHASIN, 2009.

*barbarológica*⁴ de interpretação do texto marxiano, que é devorado numa espécie de ritual antropofágico para, logo mais, regurgitar o excedente, eliminado como parte não necessária aos interesses do intérprete. O resultado dessa degustação é qualquer coisa próxima da indústria de ultraprocessados, cuja única verdade é a de que o alimento oferecido ao final não é o que parece nem o que se propõe a ser, péssimo alimento tanto ao estômago quanto ao espírito, como é o caso dos ultraprocessados acadêmicos. Bons exemplares desses produtos foram produzidos por Jean Tible, pesquisador influenciado pelo “romantismo revolucionário” de Michel Löwy⁵. Tible é o autor do livro *Marx selvagem*⁶, um dos organizadores do curso livre “Marx devorado”, ministrado em parceria com Alana Moraes⁷, e da recente palestra, também publicada na forma de cordel, *Marx indígena, preto, feminista, operário, camponês, cigano, palestino, trans, selvagem*⁸. A intenção, sem dúvida, é a melhor⁹, salvar Marx da pena de morte e dos detratores, no entanto, como em *O processo*, cujo réu é K., todos apenas o conduzem mais e mais ao seu infortúnio, a condenação, e com o auxílio de defesas selvagens, o alemão é julgado, condenado e culpado por toda a situação atual da

⁴ Pegamos de empréstimo a criação de Darcy Ribeiro (2015, p. 13), alterando quase por completo a índole da expressão, mas retendo seu ânimo crítico. Na origem, Darcy assim escreve: “Esses meus colegas [os antropólogos] têm um irresistível pendor barbarológico e um apego a toda conduta desviante e bizarra. Dedicam seu parco talento a quanto tema bizarro lhes caia em mãos, negando-se sempre, aparvalhados, a usar suas forças para entender a nós mesmos, fazendo antropologias da civilização”.

⁵ Cf. Löwy; Sayre (1995).

⁶ Cf. Tible (2013).

⁷ O programa do curso foi o seguinte: 1ª Terça-insurgente – 04/06 – Marx e o comunismo Antropofago; 2ª Terça-insurgente – 11/06 – Marx e a pesquisa-luta; 3ª Terça-insurgente – 18/06 – Marx devorado e contra o Estado; 4ª Terça-insurgente – 25/06 – Marx devorado e feiticeiro. Não se pode negar: se Marx não é selvagem, o curso e a interpretação são a própria selvageria. “Os precários”, a quem se destina o curso, sem dúvida, merecem um curso menos precário e melhor sorte para seu já precário tempo livre. Para acessar o programa detalhado, acessar <https://centrodeformacao.acaoeducativa.org.br/cursos/tercas-insurgentes-marx-devorado/>.

⁸ Essa palestra compôs a mesa Desejo e política, parte do I encontro Deleuze e Guattari, realizado entre 24 e 27 de setembro de 2019. A palestra pode ser consultada em <https://www.youtube.com/watch?v=2Nae8-dO9o4>.

⁹ O reconhecimento da intenção não se pode lhes negar, lê-se na ementa: “Enquanto alguns ainda insistem em decretar o seu fim, outros o elegem como um inimigo perigosamente vivo. E se está vivo, e assim também o vemos, é porque Marx deixou-se contaminar pelas lutas e suas urgências. Longe de preservar as cercas dogmáticas em torno de seu pensamento, Marx Devorado pretende honrar a inteligência própria daqueles que se deixam arrastar pela paixão das lutas – as de ontem, as hoje, as de sempre. Daquelxs que não perderam o apetite; daquelas que pulam as catracas”. Acessar: <https://centrodeformacao.acaoeducativa.org.br/cursos/tercas-insurgentes-marx-devorado/>.

esquerda e do marxismo. E o processo é simples: a Marx é imputado o que ele não disse, o que ele não fez.

Ao longo deste trabalho, sempre que possível, tais hermenêuticas serão confrontadas, procurando demonstrar que ainda há saída viável e de rigor no texto. Manteremos igual distanciamento crítico tanto da vulgata stalinista, hoje *redivava*, chamada ainda de marxismo-leninismo¹⁰, responsável por esculpir em rocha um Marx rígido e monolítico, dogmático, quanto das leituras mais selvagens, que se desmancham no ar da sua própria fluidez.¹¹ Ambas as posições são nutridas pelo interesse instrumental, para o qual a verdade presente no texto é mero acessório. É preciso resgatar aquilo que é necessário e verdadeiro no texto marxiano, a despeito dessa verdade contrariar possíveis táticas políticas.

Leitura ainda mais pertinente ao tema desta pesquisa é a que trata exatamente do período originário do pensamento marxiano, aquela que vislumbra na obra marxiana um momento de ruptura entre os escritos da dita juventude e a produção posterior do autor, então, na maturidade, a exemplo de Louis Althusser. A confrontação com aludida versão do marxismo não visa esgotar o assunto, já largamente tratado pela literatura; interessa por ora tão somente demarcar a diferença do caminho seguido nesta pesquisa e justificá-lo. Além do mais, parte considerável do chamado marxismo jurídico brasileiro tomou posicionamento favorável à leitura althusseriana de Marx. É também verdade que, diversamente do marxismo-leninismo e do marxismo-selvagem, o Marx saído das páginas do francês e de parte dos seus epígonos é um tanto mais complexo, demandando maiores atenções. Três motivos conduzem à confrontação da posição althusseriana: o primeiro e mais óbvio diz respeito ao fato da presente pesquisa ter abordado o período da produção marxiana considerado por essa visão como não científico, com o que nós divergimos. Portanto, a crítica da referida leitura e recepção da obra marxiana tem que ser feita também como forma de abrir caminho para este trabalho, dedicado à análise imanente do assim chamado jovem Marx. Esta pesquisa comprova que, relativamente ao direito, a ruptura mais significativa

¹⁰ “A degradação do pensamento de Marx alcançou seu clímax na interpretação do marxismo-leninismo” (MUSTO, 2015, p. 10).

¹¹ Marcello Musto destaca, abordando o tratamento instrumental de Marx, que suas obras “eram tratadas da mesma forma que o bandido Procusto tratava suas vítimas: se eram demasiado largas, as amputava, e se eram demasiado curtas, as alargava” (MUSTO, 2015, p. 10).

no pensamento de Marx ocorre entre os anos de 1843 e 1844, na esteira da mutação por qual este pensamento atravessou durante o referido interregno temporal.¹² Mas isso por si não bastaria, o que leva ao segundo motivo para a confrontação, a ressonância dessa leitura nos círculos marxistas. A influência da interpretação de Althusser, passada por fluência, acabou por determinar e dirigir a recepção da obra marxiana, ajudando, inclusive, as escolhas editoriais, que preferem a produção da dita maturidade do autor¹³, embora negligenciar a produção do jovem Marx, e até do jovem Engels, já não seja uma opção, dado o interesse crescente do público pelas obras do período. Por último, a necessidade da crítica dessa leitura epistemologizante de Marx se insurge em razão da sua repercussão específica dentro do chamado *marxismo jurídico*¹⁴. Cabe adiantar que o critério de tal divisão não advém de nenhum testamento legado por Marx aos autodeclarados herdeiros. A saber: há uma quantidade razoável de provas advindas do próprio autor que atestam o erro da cesura. De fora é que se efetuou o corte, pois obedece ao que se poderia chamar tirania dos herdeiros, por quem, “contra o melhor espírito do pensamento de rigor, que se atém aos textos e à sua lógica, o pensamento marxiano é abordado fragmentariamente a partir de exterioridades”¹⁵. A presente pesquisa procurou, então, retornar ao tecido textual marxiano, onde se procurou continuidades e rupturas da trama categorial lá presente, a fim de reabilitar a crítica marxista ao direito que parte de Marx, e não do Marx partido.

Na falta de um testamento e, ainda, de melhores herdeiros¹⁶, apenas tem contado a vontade dos sucessores, a qual guiada pela ânsia *politicista* impõe de tempos em tempos, com intervalos cada vez menores, a atualização de Marx. Na disputa da partilha, para que não se acuse a metáfora de descabida, o stalinismo atuou oficialmente como único e legítimo herdeiro de Marx. Eis que feito o inventário, satisfeitos os interesses dos herdeiros, a conexão interna entre as diferentes obras do autor foi perdida de maneira quase irrecuperável. Essa

¹² Cf. Chasin (2009).

¹³ Nesse aspecto, a importância de Althusser foi reconhecida pela Boitempo quando escolheu exatamente um texto do francês para abrir sua tão aguardada tradução de *O capital*.

¹⁴ Cf. Mascaro (2017).

¹⁵ CHASIN, 2001, p. 51.

¹⁶ Conta Musto (2011) que o legado literário [Nachlass] propriamente dito de Marx e Engels foi deixado para a socialdemocracia alemã.

conexão, perda, na verdade, marca uma relação evolucionária, que envolve e determina a produção intelectual de Marx, ainda que essa evolução ocorra também a partir de críticas às antigas posições. Por isso, recuperar o itinerário intelectual do autor se faz tão necessário. Defendemos que mesmo as supostas rupturas só podem ser bem compreendidas quando acompanhadas pelo interior da totalidade do desenvolvimento intelectual de Marx. Para tanto, suspendam-se agora as metáforas e o preconceito etário para encarar o desenvolvimento das formações ideais de Marx de forma imanente, ancorando-se na crítica textual, modo eficaz de iluminar continuidades e descontinuidades presentes no pensamento do autor, que é encarado aqui como formação ideal detentora de objetividade. Essa aludida objetividade de modo algum é negada pela incompetência desse ou daquele leitor, afinal, como escreveu Chasin¹⁷, “mesmo se todo observador fosse incapaz de entender o sentido das coisas e dos textos, os nexos ou significados destes não deixariam, por isso, de existir” a não ser que “a impotência do sujeito no campo ideal [seja] poder dissolvidor no plano real”. Deve-se a isso a defesa que se faz neste trabalho e, especificamente, nesta introdução da leitura imanente como aquela que melhores frutos rende ao intérprete comprometido com a verdade do texto, já que remete ao “respeito radical à estrutura e à lógica inerente ao texto examinado”¹⁸, tipo de “submissão ativa do sujeito à lógica intrínseca do objeto real”¹⁹. Somente assim é possível recuperar a antiga conexão perdida pelo esgarçamento a que foi submetida a obra de Marx. A leitura imanente pretende se colocar como antídoto eficaz à leitura que poderíamos chamar *leitura à moda Procusto*. Antes do que poderíamos chamar de leitura-interpretação, “atribuição de sentido ao texto ou documento pelo pesquisador/intérprete”²⁰, ou mesmo antes de criticar, “é incontornavelmente necessário compreender e fazer prova de haver compreendido”, justamente a isso se presta também a leitura imanente, produção e apresentação das provas necessárias de que se compreendeu o texto lido.

Portanto, longe de se encerrar em si mesma, a leitura imanente é proposta como momento prévio e fundamental à interpretação e à crítica, momento parametrizador. Para tanto, a análise imanente busca “apreender o texto na forma

¹⁷ CHASIN, 2009, p. 26.

¹⁸ CHASIN, 2009, p. 25.

¹⁹ VAISMAN; ALVES, 2009, p. 16.

²⁰ VAISMAN; ALVES, 2009, p. 7.

própria à objetividade de seu discurso enquanto discurso [...] que independe para ser discurso [...] dos olhares, mais ou menos destros, pelos quais os analistas se aproximam dele e o abordam”²¹. Prestes a completar 25 anos da publicação do posfácio de Chasin ao livro *Pensando com Marx*²², sente-se premente a necessidade de “reproduzir pelo interior mesmo da reflexão marxiana o trançado determinativo de seus escritos, ao modo como o próprio autor os concebeu e expressou”, a fim de ao menos ajudar a parametrizar os estudos acerca da obra de Marx, no caso desta pesquisa, da posição do autor em relação ao direito. Tal parametrização aparece como exigência a todo pensamento de rigor que investiga dada formação ideal – pouco ou nada afeito à visão que credita a toda e qualquer interpretação a equivalência absoluta – e não apenas àqueles estudos destinados à história da filosofia, embora, nesse caso, seja ainda mais indispensável.

É apenas aparente a semelhança, que alguns poderiam levantar, com o método de leitura estrutural, desenvolvido na Universidade de São Paulo (USP) a partir da famosa missão francesa²³. A diferença fundante entre análise imanente, posição inaugurada por Chasin para os estudos de Marx no Brasil, e leitura estrutural, introduzida pelo chamado *departamento francês de ultramar* no mundo universitário brasileiro entre os anos de 1934 e 1957 – de onde o próprio Chasin é egresso –, cujas figuras centrais foram Maugué, Granger, Guérout e Goldschmidt, pode ser assim sintetizada: aquela não descreve um método de análise textual simplesmente, mas uma posição do sujeito-intérprete frente ao objeto da análise, no caso, a formação ideal de um autor, seu texto; ao passo que esse último, o método estrutural de leitura, como proposto por Victor Goldschmidt²⁴, é tão rígido quanto se pode ser quando se parte da separação entre sujeito e objeto e se coloca como método *a priori*, não por acaso o comando lógico sobressai sobre o histórico na análise do texto, domínio do chamado tempo lógico. Portanto, esse último trata da “coisa da lógica” ao passo que a leitura imanente reconhece a necessidade de apreender a “lógica da coisa”. Como explicam Vaisman e Alves²⁵, com as devidas licenças para citação de longa passagem:

²¹ CHASIN, 2009, p. 25.

²² Cf. Teixeira (1995).

²³ Cf. Arantes (1994).

²⁴ Cf. Goldschmidt (1963).

²⁵ CHASIN, 2009, p. 16.

É interessante notar que, para Chasin, o padrão marxiano de cientificidade se caracteriza pela "inexistência de qualquer tipo de antessala lógico-epistêmica ou apriorismo teórico-metodológico", o que constitui o lado negativo ou expressão da propositura teórica de Marx, ou seja, da ausência de todo problema de uma fundamentação *a priori* do saber. Tal expressão, longe de desvelar-se como puro déficit ou lacuna, de outra parte, em sua positividade sustenta "a prioridade e a regência do objeto ou, mais rigorosamente, da *coisa* enquanto tal - do entificado real ou ideal em sua autonomia do ato cognitivo - para todo processo do conhecimento". Desse modo, ato ideal e idealidade não podem ser tomados como atividade e produto autossustentados. A prioridade da coisa, em seu irremediável e incontornável *por-si*, que se afirmará, segundo Chasin, por toda obra marxiana o seu cunho distintivo, dos primeiros momentos, da crítica à especulação impulsionada pelo enfrentamento feuerbachiano do pensamento hegeliano, aos momentos derradeiros constantes das "Glosas marginais ao 'Tratado de economia política' de Adolf Wagner". De passagem, é importante frisar que a identificação assim feita do núcleo gerativo do pensamento marxiano interdita também a postulação de uma ruptura ou corte entre as fases de sua constituição.

Sem engodos, Vaisman e Alves²⁶ não deixam dúvidas quando afirmam que "não há método que garanta a completa e imediata acessibilidade aos nexos essenciais das coisas", afirmação que marca a cientificidade marxiana. O método legado pela missão francesa na Faculdade de Filosofia da USP, chamado por Michel Foucault, jocosamente, de "departamento francês de ultramar", não apenas desconsidera como exige o afastamento de qualquer consideração que se aproxime da determinação social do pensamento, encarada como fundante da posição do intérprete pela análise imanente, pois:

Chasin afirma que produzir abstrações e expor o objeto, traçar o perfil de entificação do mesmo, ordenando o material recolhido na marcha da investigação efetiva, no corpo a corpo com o ente, não são compreendidos como atos puros ou formas *a priori*, mas como submissão ativa do sujeito à lógica intrínseca do objeto real. A produção de ideias revela aqui uma série de determinações essenciais compartilhadas com todas as outras formas de apropriação do real, num conjunto articulado de procedimentos de natureza ontológica e não epistêmico-metodológica.²⁷

A determinação social reconhece a existência do objeto enquanto tal, como também parece reconhecer o método estrutural, e das condições sociais da cognição, essa, por sua vez, não levada em conta pelo método deixado pelos

²⁶ CHASIN, 2009, p. 17.

²⁷ VAISMAN; ALVES, 2009, p. 17.

franceses. Assim, o resultado da leitura imanente é uma análise que, além de tratar da estrutura, da análise categorial, procura apreender o texto também na sua gênese e função. A análise imanente “encara o texto – a formação ideal – em sua consistência autossignificativa, aí compreendida toda grade de vetores que o conformam, tanto positivos quanto negativos” e, desse modo, analisa-se tanto “o conjunto de suas afirmações, conexões e suficiências” como “as eventuais lacunas e incongruências que o perfaçam”²⁸, distanciando-se, por isso mesmo, não apenas das hermenêuticas da imputação e da equivalência absoluta das interpretações, como também do método de leitura estrutural, o qual não admite lacunas e incongruências no texto.²⁹

A recepção da obra marxiana nessas primeiras duas décadas do século XXI parece seguir o desditoso século XX, ainda que se considere as descobertas da MEGA-2.³⁰ Por isso também a demarcação chasiniana da análise imanente tem sua pertinência e necessidade confirmadas pelos tempos dos ditos “youtubers de esquerda”, a última, oxalá, forma de vulgarização do marxismo vulgar. Os esforços da presente pesquisa seguem no sentido de fornecer os parâmetros ainda hoje fundamentais à crítica marxista ao direito, a qual, no nosso entender, passa pelo “retorno a Marx”, seu ponto de partida, ainda que muitos sejam da opinião que “a criatividade” no terreno da filosofia seja “dificultada por barreiras exegéticas”³¹. Mas a análise imanente não é mera exegese textual, muito menos paráfrase daquilo que o autor diz quase sempre melhor que nós, trata-se da apreensão e exposição

²⁸ CHASIN, 2009, p. 26.

²⁹ Em tudo diferente da descrição realizada por Musto, quando trata do marxismo-leninismo: “[...] foi cada vez mais comum a censura de algumas obras, o desmembramento e a manipulação de outras, assim como a prática da extrapolação e mal-intencionada montagem de citações”; e completa o autor italiano dizendo que as citações “recebiam o mesmo trato que o bandido Procusto reservava a suas vítimas: se eram demasiado longas, as amputava, se demasiado curtas, as alargava à vontade” (MUSTO, 2011, p. 28).

³⁰ A MEGA-2 é, atualmente, o projeto editorial mais abrangente das obras de Marx e Engels. Foi responsável, segundo Roberto Fineschi (2013, p. 85), por uma revolução científica nos estudos de Marx e Engels. No primeiro capítulo desta tese, debateremos mais detalhadamente a MEGA-2 e o legado literário de Marx. Por ora, nos bastaria reter as precisas palavras de Musto (MUSTO, 2011, p. 44) acerca do Marx saído da MEGA-2: “No lugar do perfil pétreo da estátua erigida em muitas das praças dos regimes absolutistas da Europa Oriental, que o caracterizava mostrando o caminho até o futuro com uma certeza dogmática, agora podemos reconhecer um autor que deixou grande parte de seus próprios escritos incompletos com o propósito de se dedicar, até o dia da sua morte, a estudos adicionais que verificariam a validade de suas teses”.

³¹ MARGUTTI, 2014, p. 406.

da arquitetura categorial de dada formação ideal, portanto, análise imanente é análise categorial.

A marxologia sofreu ao longo de todo o século XX com a pressão stalinista, cuja meta foi sempre a de vulgarizar e esquematizar o pensamento de Marx, como aponta Lukács³², ainda que para isso tivesse que saltar o texto e de modo bastante criativo produzir seu próprio marxismo, ressignificado e transformado no conhecido marxismo-leninismo. O desenvolvimento rigoroso da marxologia depende da recolha dos entulhos deixados pelos destroços do stalinismo e da prevenção contra a contaminação por tendências ideológicas da burguesia decadente e, nesse ponto, o rigor não virá sem o acompanhamento da coragem de enfrentar o objeto e seus vulgarizadores e da tão essencial paciência, à lembrança do que escreveu Marx em *O capital*, “não existe uma estrada real para a ciência, e somente aqueles que não temem a fadiga de galgar suas trilhas escarpadas têm chance de atingir seus cumes luminosos”³³. Nesse sentido, o renascimento do marxismo passa, mais radicalmente ainda do que pensara Lukács³⁴, por “retornar ao próprio Marx”, reavaliando seu itinerário intelectual e preservando sua evolução no interior de seu pensamento.

Este trabalho doutoral, à luz da situação atual, sem deixar de reconhecer os méritos daquele que para muitos foi o mais importante marxista do século passado, encara criticamente certas indicações lukacsianas que estimulam a leitura de Marx mediada por Engels e Lênin. Lukács³⁵ é explícito quando afirma que os esforços de retorno a Marx “podem muito bem ser apoiados de maneira eficaz por muitos elementos das obras de Engels e de Lênin”, ou quando Lukács diz, na mesma *Ontologia*, que “a obra de Lenin é, após a morte de Engels, a única tentativa de amplo alcance no sentido de restaurar o marxismo em sua totalidade, de aplicá-lo aos problemas do presente e, portanto, de desenvolvê-lo”³⁶. Nesse aspecto, fomos mais chasinianos que lukacsianos. Procuramos seguir os apontamentos de José Chasin e entender que o renascimento do marxismo, creditado por Lukács a Lênin, deva ocorrer via investigação da determinação das

³² LUKÁCS, 2012, p. 301.

³³ MARX, 2013, p. 93.

³⁴ LUKÁCS, 2012, p. 312.

³⁵ LUKÁCS, 2012, p. 302.

³⁶ LUKÁCS, 2012, p. 301.

origens do pensamento marxiano, guiada pela análise imanente da produção intelectual de Marx, sem recorrer à cisão nutrida do “critério gnosiológico” e muito menos às interpretações selvagens, por melhores que sejam as intenções, e pela crítica aos pontos cardeais da recepção do pensamento marxiano, algo apenas começado por Chasin quando concebeu sua crítica do amálgama originário, que, inclusive, tem em Lênin um dos principais propagadores.

2 CAPÍTULO 1 - O PROBLEMA DO ITINERÁRIO DE MARX NA CRÍTICA MARXISTA AO DIREITO

O presente capítulo tem como objeto demonstrar que a crítica marxista ao direito – que, em muitos casos, não consegue ultrapassar o próprio terreno do direito, permanecendo, por isso, como crítica marxista *do* direito –, chamada *marxismo jurídico*³⁷, embora tenha evoluído bastante nos últimos anos, ainda carece de adequada apropriação do itinerário intelectual de Marx. Defendemos nesta tese o seguinte ponto: a desconsideração do itinerário intelectual de Marx, evolução de seu pensamento, que engloba rupturas e continuidades, e considerações equivocadas do itinerário conduzem a posições ora sumamente erradas, ora frouxas.³⁸ Em outras palavras, a totalidade do legado literário do autor alemão, seu *Nachlass*, geralmente é desconsiderada por boa parte daquele marxismo jurídico. Este, frequentemente, toma como base de suas investigações apenas a obra marxiana por assim dizer canônica, a qual, por sua vez, é analisada pelas lentes de um ou de vários intérpretes, na linha de uma posição epistemologizante, e o resultado é *uma leitura* dentre várias possíveis. Disso à tendência de equiparação de leituras, é um passo.³⁹ Portanto, o que se procurará mostrar neste capítulo é a apropriação fragmentária das obras de Marx. Os textos e as citações são escolhidos de modo que melhor se adequem à *leitura* pretendida, e, para tanto, toma-se esses textos, numa espécie de *robinsonada*⁴⁰ interpretativa, à lembrança da ilusão do nascimento dos homens no estado de natureza hobbesiano, “como se nesse instante”, o da leitura, “acabassem de brotar da terra, e repentinamente (como cogumelos) alcançassem plena maturidade, sem qualquer compromisso entre si”⁴¹, escapa o nexos interno entre os textos, o nexos evolutivo, que envolve, necessariamente, a análise categorial daquele pensamento

³⁷ MASCARO, 2017.

³⁸ Nesse caso, temos em conta o marxismo jurídico althusseriano, adaptando Mascaro. Esse não desconsidera o itinerário marxiano, seu erro se encontra justamente na posição adotada frente ao desenvolvimento intelectual do Mouro. Além da tendência althusseriana, há uma importante interpretação de Marx no Brasil que considera o itinerário de Marx importante, trata-se do “marxismo adstringido”, como chamou Antonio Rago Filho (2008), de José Arthur Giannotti.

³⁹ Como salientado na introdução desta tese, a proposta da análise imanente procura parametrizar a leitura do autor em tela a fim de evitar, dentre outras coisas, a noite em que todos os gatos são pardos, e as leituras se equivalem.

⁴⁰ Expressão adaptada de Marx (2011, pp. 39-40).

⁴¹ HOBBS, 2002, p. 135.

estudado, bem como qualquer vaga noção de determinação social daquela formação ideal.⁴² Como destacaremos no segundo capítulo desta tese, qualquer interpretação de Marx que desconsidere o momento específico do itinerário intelectual do autor e sua evolução tem grandes chances de se ver prejudicada. E isso se deve por características próprias do novo padrão de cientificidade instaurado pelo pensador alemão, o que será, também, abordado no próximo capítulo.

A fim de melhor organizar a presente exposição, e como afirmado acima, não abordaremos neste capítulo o marxismo jurídico em todos os seus aspectos e pormenores. Não se trata aqui de uma revisão crítica detalhada desses autores e de suas obras⁴³, mas tão somente se abordará o modo pelo qual essa crítica marxista ao direito se apropria da obra marxiana, esboçaremos a crítica da crítica marxista ao direito pelo viés da marxologia, isto é, tendo em conta até que ponto, na escolha dos textos e citações, o itinerário intelectual de Marx e sua evolução categorial jogam nesse campo.

⁴² Um bom exemplo disso é a maneira imprópria pela qual os textos da *Gazeta Renana* serão trabalhados por certo marxismo jurídico que não leva em conta a diferença fundamental entre aquilo que Marx chamava, de maneira bastante larga, *Privateigentum*, por exemplo, nos artigos sobre o furto de madeira (MEGA I/1, 1975, pp. 199-236), e a *moderne bürgerliche Privateigentum*, expressão que aparece com destaque no *Manifesto Comunista* (Werke 4, 1977, pp. 559-493). Interessante notar que a expressão não havia sido utilizada nem uma vez sequer no texto preparado por Engels, entre outubro e novembro de 1847, chamado *Grundsätze des Kommunismus* (Werke 4, 1977, pp. 361-380). O que se pretende destacar aqui é justamente o fato de haver um desenvolvimento na compreensão marxiana daquilo que se entende por “propriedade privada” que não pode ser negligenciado. Nos capítulos dedicados à análise da textualidade marxiana procuraremos abordar com mais detalhes essas confusões.

⁴³ Boa síntese, embora nos pareça um esboço ainda, pode ser encontrada em Pazello (2021, pp. 129-264). Para uma revisão mais ampla da crítica ao e do direito, especialmente, da crítica marxista, cf.: na Colômbia (QUIÑONES PÁEZ, 1987, pp. 43-50); na Espanha (PUIQPELET MARTÍ, 1987, pp. 27-42); na Polônia (WRÓBLEWSKI, 1987, pp. 21-26); na literatura de língua inglesa (FITZPATRICK; RÜEGG, 1987, pp. 169-183); na França (JEAMMAUD, 1986, pp. 73-99) e vinte anos depois (JEAMMAUD, 1986, pp. 111-120); na América Latina (ROMERO ESCALANTE, 2020, pp. 227-247; 2015, pp. 126-132; SANDOVAL CERVANTES, 2020, pp. 293-313).

Em *O socialismo jurídico*, artigo escrito a quatro mãos⁴⁴ para o periódico *Die Neue Zeit*, em 1887, Engels e Kautsky forneceram, se não a primeira⁴⁵, uma das primeiras tentativas de esboço analítico acerca da posição de Marx em relação ao direito – ou ao que tem se chamado em linguagem contemporânea *luta por direitos* – e o papel deste para a emancipação do proletariado. Buscaram combater a influência da *concepção jurídica de mundo* no movimento dos trabalhadores e defenderam uma posição crítica ao direito, entendendo que esta concepção, “fadada a se tornar clássica”, por ser burguesa, deveria ser abolida. Engels e Kautsky passam a limpo o processo de secularização que seguiu a passagem da “concepção teológica de mundo”, típica da feudalidade, para a “concepção jurídica de mundo”, típica da sociedade civil-burguesa. Trata-se, dizem eles, “[...] da secularização da visão teológica”. Explicando:

O dogma e o direito divino eram substituídos pelo direito humano, e a Igreja pelo Estado. As relações econômicas e sociais, anteriormente representadas como criações do dogma e da Igreja, porque esta as sancionava, agora se representam fundadas no direito e criadas pelo Estado. Visto que o desenvolvimento pleno do intercâmbio de mercadorias em escala social [...] engendra complicadas relações contratuais recíprocas e exige regras universalmente válidas, que só poderiam ser estabelecidas pela comunidade – normas jurídicas estabelecidas pelo Estado –, imaginou-se que tais normas não proviessem dos fatos econômicos, mas dos decretos formais do Estado.⁴⁶

O “terreno do direito” termina por ser o início e o fim de toda luta política, pois, é a forma burguesa por excelência de solução dos problemas sociais. Apontando as limitações desse processo, que encerra a luta social no campo

⁴⁴ O recomeço do projeto MEGA, em 1998, chamada MEGA-2, trouxe algumas novidades para os estudiosos e estudiosas das obras de Marx e Engels. A partir da publicação de *Friedrich Engels, Werke, Artikel, Entwürfe. Oktober 1886 bis februar 1891*, foi possível, finalmente, distinguir pela primeira vez a contribuição de cada um dos autores (MUSTO, 2011), portanto, o que coube a Engels e a Kautsky. Sendo assim, vale uma correção à última edição de *O socialismo jurídico* editado no Brasil, onde se lê que não é possível “identificar qual parte foi escrita por Engels e qual parte por Kautsky” (EDITORA, 2012, p. 8). Embora fosse nossa intenção considerar as possíveis diferenças entre o que foi escrito por Engels e por Kautsky, não conseguimos acessar o volume correspondente da MEGA.

⁴⁵ Não se pode esquecer que o próprio Engels, antes, já havia tocado nessa questão em *Anti-Dühring* (ENGELS, 2015) e *Do socialismo utópico ao socialismo científico* (ENGELS, 1989), contudo, em nenhuma dessas “obras de sistematização” (MUSTO, 2011, p. 23), a exposição alcançou o grau de clareza e objetividade do texto escrito em colaboração com Kautsky.

⁴⁶ ENGELS; KAUTSKY, 2012, pp. 18-19.

político-jurídico, e demonstrando o acoplamento entre o direito e o desenvolvimento da sociedade civil-burguesa, dizem os autores:

[...] uma vez que a concorrência, forma fundamental das relações entre livres produtores de mercadorias, é a grande niveladora, a igualdade jurídica tornou-se o principal brado de guerra da burguesia. Contribuiu para consolidar a concepção jurídica de mundo o fato de que a luta da nova classe em ascensão contra os senhores feudais e a monarquia absoluta, aliada destes, era uma luta política, a exemplo de toda luta de classes, luta pela posse do Estado, que deveria ser conduzida por meio de *reivindicações jurídicas*.⁴⁷

De *O socialismo jurídico*, cujo título em alemão é *Juristen-Sozialismus*, literalmente, *socialismo dos juristas*, tradução mais próxima do espírito que animou sua escrita, uma crítica ao jurista e socialista Anton Menger, passa-se ao chamado debate jurídico soviético⁴⁸, que eclodiu com a Revolução Russa de 1917. O debate soviético é um marco das discussões acerca do direito em Marx e da crítica marxista ao direito. Nesse contexto, destacam-se os juristas Evgeni Pachukanis e Petr Stutchka. A obra de Pachukanis tem o mérito intrínseco de retomar a obra marxiana. E mesmo que as críticas a sua obra sejam válidas em diversos aspectos e necessárias para o desenvolvimento do campo, elas não são capazes de revogar ou mesmo diminuir a sua importância⁴⁹. O autor soviético em questão, como destaca Karl Korsch⁵⁰, vai além da crítica do “conteúdo jurídico”, e tem como fio condutor de sua obra, *Teoria geral do direito e marxismo*, a crítica da “forma jurídica”, aproximando-a da forma mercadoria, o que diferencia sobremaneira a análise pachukaniana de outros atores do aludido debate, como Reiner e o próprio Stutchka. Para colocar em movimento seu projeto, o autor soviético parte

⁴⁷ ENGELS; KAUTSKY, 2012, pp. 18-19.

⁴⁸ Cf. Bellon (1975), Cerroni (1976) e Casalino (2017).

⁴⁹ Para uma visão condensada da diversidade de posições em torno da obra pachukaniana, no Brasil, já há vasta bibliografia. Sem esgotar a literatura em língua pátria, cf. Sartori (2015, pp. 36-60; 2021, pp. 2689-2741), Melkevik (2015, pp. 61-69), Kashiura Jr. (2015a, pp. 70-78; 2015b, pp. 49-70), Nascimento (2015, pp. 79-90), Batista (2015, pp. 91-105), Casalino (2015, pp. 106-125), Pazello (2015, pp. 133-143), Paço Cunha (2015, pp. 160-171), Furquim *et al.* (2020, pp. 383-402), Akamine Jr. *et al.* (2020), da Silva (2021, 1615-1644), Uchimura e Coutinho (2019, pp. 274-302), Fonseca (2017, pp. 14-52), Mascaro (2002, pp. 135-140), Castro (2020, pp. 117-144), Ferreira (2022, pp. 1-31), Mastrodi e Furquim (2014, pp. 150-175), Cava (2103, pp. 2-30), Vaz (2022, pp. 1-23), Elbe (2019, pp. 1554-1582), Hoshika (2022), Junqueira (2021), Naves (2000; 2009), Ferreira (2009).

⁵⁰ KORSCH, 1977, p. 11.

declaradamente da obra de Marx, desde *Sobre a questão judaica* e *A sagrada família*, passando pela *Introdução de 1857* dos *Grundrisse*, ainda não publicado inteiramente, até chegar em *O capital*. É, pois, justamente o projeto de retomada do autor alemão aquilo que mais interessa a esta pesquisa, por isso, será por este viés que pretendemos discutir o pensamento do revolucionário e jurista soviético, afinal, conforme o próprio autor soviético, seu objetivo é “captar o direito não como um atributo da sociedade humana abstrata, mas como uma categoria histórica que corresponde a um regime social determinado, edificado sobre a oposição de interesses privados”⁵¹, para tanto, toma a obra marxiana como ponto de partida.

Uma crítica que merece ser pronunciada à abordagem de Pachukanis, podendo, sem dúvida e de modo mais fácil, ser aplicada a outros, como Alysson Mascaro, por exemplo, é a maneira com que o soviético termina por *assemelhar* a produção intelectual de Marx e de Engels, algo imperdoável do ponto de vista da marxologia, chegando a afirmar que “o que faltava [à literatura marxista] era compilar os diversos pensamentos de Marx e de Engels, unificá-los e tentar aprofundar algumas conclusões daí decorrentes”⁵². Parece bastante complicada essa *união*, partindo da *compilação*, que o autor não chega a revelar como seria realizada. Não é possível tomar como dogma, portanto, como ponto de partida inquestionável e prático, o fato de os desenvolvimentos dos autores, Marx e Engels, serem inteiramente compatíveis e unificáveis numa espécie de doutrina. Em poucas palavras, Engels adotou postura mais explícita e sistemática quando chamado a se posicionar em relação ao direito e a certos juristas. Infelizmente, o recorte temporal desta pesquisa é anterior à colaboração entre os autores alemães, o que acabou limitando, nesse aspecto, nossa análise e exposição.

Voltando a Pachukanis, outra questão que merece atenção, essa de maior envergadura, está ligada ao questionamento da validade de se formular, **a partir de Marx**, uma teoria geral do direito marxista, como é a intenção de Pachukanis, embora o próprio jurista soviético aponte para os limites do seu livro. Caso se encontre nos textos do período destacado posição de Marx semelhante àquela que o autor registrou na famosa *Ideologia alemã*, restará bastante complicado conceber algo que se possa chamar teoria do direito em Marx, muito

⁵¹ PACHUKANIS, 1977, p. 75.

⁵² PACHUKANIS, 1977, p. 27.

menos teoria *geral* do direito, ainda que se pretenda marxista, afinal, “não há história da política, do direito, da ciência etc., da arte, da religião etc.”⁵³. Esses são apenas alguns apontamentos críticos às formulações pachukanianas, mas que não retiram o seu vigor e, sobretudo, sua originalidade, como já afirmado neste trabalho.⁵⁴

É possível escutar as reverberações do debate jurídico soviético ainda hoje no Brasil, quiçá, como nunca, pois, além da forte influência pachukaniana, nota-se certo impulso à valorização de Petr Stutchka⁵⁵, outro importante jurista soviético. Até onde essa pesquisa caminhou, não se observou que o debate tenha contribuído para o melhor entendimento da obra marxiana e da posição própria de Marx em relação ao direito. Pachukanis teve o mérito de traçar como parte do seu projeto, cuja *Teoria geral do direito e marxismo* não foi mais que um esboço para o próprio esclarecimento, um retorno a Marx sem nenhum tipo de preconceito etário, ou *corte epistemológico* – embora tenha privilegiado passagens de *O capital* e da Introdução dos *Grundrisse*, Pachukanis mais de uma vez citou, como forma de reforçar seu argumento, trechos das obras marxianas anteriores a 1846. Contudo, no Brasil, a recepção do jurista soviético mais influente entre os estudiosos, feita a partir da obra de Márcio Bilharinho Naves, tratou *Teoria geral do direito e marxismo* como o *Fio de Ariadne* da crítica marxista ao direito, contradizendo o próprio Pachukanis, e o retorno a Marx acabou sendo, parcialmente, esquecido diante das inúmeras conclusões explosivas e, é bem verdade, instigantes veiculadas na pequena obra pachukaniana, a qual passou a funcionar como espécie de guia do “pensamento jurídico crítico” brasileiro mais radical, que canta em uníssono, quase como um mantra, que o direito é burguês, que a forma jurídica deriva da forma mercadoria e que o sujeito de direito emerge da relação de troca mercantil. É inegável que a obra pachukaniana foi o ponto de fuga dessa crítica marxista ao direito. E o retorno a Marx? Por incrível que pareça, ocorreu, não a partir de certas intuições de Pachukanis, que, como se disse, citou textos marxianos do início dos anos 1840 e do período de publicação do livro I de

⁵³ MARX; ENGELS, 2007, p. 77.

⁵⁴ Sobre a relação da obra de Pachukanis com o pensamento marxiano, Cf. Sartori (2015; 2019a; 2021).

⁵⁵ Além da vasta literatura citada neste trabalho acima (ver nota 13), Cf. Soares (2013), Ferreira (2009), Soares e Pazello (2014, pp. 475-500).

O *capital*, mas se adotou, no caso do retorno a Marx, o figurino francês, e parte importante da crítica marxista ao direito tornou-se althusseriana, lendo o autor alemão via *corte epistemológico*.

Antes de entrar propriamente na exposição dessa e de outras vertentes da crítica marxista ao direito desenvolvida aqui, é importante salientar que também a partir do ocorrido na Rússia em 1917 e do debate que lá se originou, a crítica marxista do direito correu o mundo, adquirindo contornos locais a fim de se adaptar aos diferentes coloridos nacionais. Escaparia bastante ao escopo deste escrito abordar cada uma das formas pelas quais a crítica marxista de diversos países, ainda que se trate somente dos principais autores e tendências, portou-se diante do direito, bem como o lugar ocupado pelo pensamento marxiano nessa crítica, a partir da análise dos escritos do autor alemão. Em todos os países estudados⁵⁶, a crítica buscou situar o direito como instrumento de classe, contudo, mesmo tal afirmação é bastante insuficiente para a verdadeira compreensão da formulação marxiana acerca do fenômeno jurídico.

No Brasil, a luta por direitos vem centralizando a ação política, tanto de partidos políticos quanto de movimentos sociais e sindicatos, em um processo de “legalização da luta de classes”⁵⁷. Legalização que se aprofundou no período da chamada Nova República, pós-democratização, pois, além de trazer diversos partidos políticos e organizações à legalidade, abriu-se um canal de diálogo que antes não havia entre Estado, por meio dos seus administradores, e movimentos sociais. Nos “anos de chumbo” muitos desses atores foram levados a atuar de “costas para o Estado”⁵⁸, não poucas vezes contra o Estado. Com a promulgação da Constituição de 1988, chamada “constituição cidadã”, que é sem dúvida um avanço em comparação a qualquer ditadura civil-militar, abre-se caminho para o idílico sonho do desenvolvimento em terras brasileiras da cidadania liberal-democrática, classicamente pensada por T. H. Marshall⁵⁹, na qual o direito, em suas três dimensões – civil, política e social –, joga papel central. Por tudo isso, interessa também a esta pesquisa estabelecer um contato crítico com certas

⁵⁶ Para os principais trabalhos sobre o assunto, cf. nota 7 deste trabalho.

⁵⁷ Cf. Edelman, 2016.

⁵⁸ Sobre a relação dos movimentos sociais com o Estado e, especialmente, sobre a mudança ocorrida no Brasil após a instauração da Nova República, Cf. Dreifuss (1989), Dagnino (2012), Carvalho (2008), Sader (1995) e Gohn (2010).

⁵⁹ Cf. Marshall; Bottomore, 2021.

formulações marxistas acerca do direito, produzidas no Brasil e que vão buscar em Marx, muitas vezes através de outros autores, seu tônus.

Em rápida síntese, parece produtivo prosseguir pela exposição do modo como três dos marxistas mais influentes do país trataram o direito, de algum modo se verá a profunda insuficiência de suas análises. A tematização do direito passa longe de ser algo relevante nas produções de Ivo Tonet, Mauro Iasi e Sérgio Lessa, de modo que se pode dizer que os textos aqui citados não resultam de pesquisa exaustiva, portanto, compõem a periferia do pensamento de cada um deles; e por isso mesmo nos servem como exemplares de certa espécie de formulação média do pensamento marxista sobre o direito.

Iasi afirma o potencial emancipatório do direito, pois entende que este é uma construção social e como tal, reflete uma sociedade estranhada. Trata-se, por conseguinte, de “desestranhar” ou “desalienar” o direito.⁶⁰ Sérgio Lessa guarda uma posição de mediação, pois reconhece que o horizonte estratégico dos trabalhadores é a superação do Estado e do direito na construção de outra sociabilidade, verdadeiramente humana, contudo, em momentos de fragilidade do movimento operário, é imperioso a todo revolucionário defender os direitos democráticos.⁶¹ No caso de Tonet, repete-se a sutileza da mediação, pois, para o autor, a defesa dos direitos humanos deve desaguar na sua extinção, entendida de maneira progressista, ou seja, na “autoconstrução do ser social”.⁶² Em comum a todos eles, e que interessa a esta pesquisa, é o fato dos três efetuarem o mesmo procedimento de indiferenciação entre direito e política, isso permanece turvo na posição dos autores, os quais parecem desconhecer completamente as posições desenvolvidas por Marx em relação ao tema. Tentou-se demonstrar nos próximos capítulos desta pesquisa de doutoramento que Marx tinha clareza da “heterogeneidade entre direito e política”⁶³ já desde o período pré-marxiano; e que a partir de 1843, quando começa a desenvolver certa posição crítica à política, o

⁶⁰ Cf. Iasi (2005).

⁶¹ Cf. Lessa (2007).

⁶² Cf. Tonet (2002).

⁶³ Acerca desse assunto, Sartori (2015a) estabeleceu, ainda que em forma de apontamentos, parâmetros fundamentais que comprovam o entendimento por parte de Marx da heterogeneidade entre direito e política, o que não é pouca coisa tendo em vista que a crítica do direito (assim como a crítica da religião) não chega a se somar como uma quarta crítica ontológica na perspectiva da descoberta chasiniana, pois o direito e o pensamento dele decorrente, chamado jurídico, não ocupa posição determinante na sociedade civil-burguesa, como fazem pensar os juristas e as aparências.

direito perde ainda mais espaço na arquitetura do seu pensamento com vista para a emancipação humana, isto é, se é possível pensar uma metapolítica em Marx, é impossível, com o autor alemão, vislumbrar algo próximo a um metadireito. E os motivos para isso serão explicitados nos capítulos que seguem.

No âmbito dos autores marxistas que se dedicaram à investigação do fenômeno jurídico, campo chamado por Alysson Mascaró de *marxismo jurídico*, elegeu-se três autores cujas produções, já bastante conhecidas no âmbito nacional, podem testar o vigor da tradição marxista dentro do direito, e em relação às quais o presente trabalho se posiciona de maneira crítica na medida em que trilha caminho diverso dentro da obra marxiana. Os autores em destaque são: Roberto Lyra Filho, Márcio Bilharinho Naves e Alysson Mascaró.

Utilizando o aporte categorial marxiano de maneira bastante heterodoxa, com pitadas da teologia da libertação e da dialética hegeliana, Lyra Filho, além de elencar seis diferentes obstáculos (filológicos, lógicos, paralógicos, cronológicos, psicológicos e metodológicos) para a análise do direito na obra de Marx, reafirma o potencial emancipatório do direito⁶⁴, a partir do seu “humanismo dialético”⁶⁵, defendendo a tese da afirmação, negação e negação da negação do direito em Marx – uma dialética conciliatória, que não vislumbra modificação alguma na *Aufhebung* marxiana em relação à de Hegel. Lyra Filho, embora crítico do direito, não deixa de projetar certa crença na possibilidade de um “direito sem dogmas”⁶⁶, direito que é produzido e “se faz, nesse processo histórico de libertação”⁶⁷. A posição de Lyra Filho nutre uma profunda esperança no caráter emancipatório do “direito achado na rua”, construído cotidianamente na luta dos oprimidos e espoliados.

Os aludidos obstáculos levantados por Lyra Filho cercam o terreno do direito de modo que a única passagem que o pensamento marxiano encontra para acessá-lo é a passagem aberta pelo lyrismo, que, sem rigor, obstrui a tessitura crítica do pensamento marxiano. É bem verdade, que desde 1980, data da publicação de sua obra *Karl, meu amigo: diálogo com Marx sobre o direito*, muito já se caminhou, principalmente em termos de acesso à obra original do autor

⁶⁴ Lyra Filho (1983a).

⁶⁵ Lyra Filho (1983b).

⁶⁶ Lyra Filho (1980).

⁶⁷ Lyra Filho (2006).

alemão, como tratado no segundo capítulo desta tese. Por exemplo, o primeiro obstáculo a que alude Lyra Filho, obstáculo filológico⁶⁸, supondo que ele de fato existisse, estaria em vias de superação, tendo em vista a nova direção do projeto MEGA-2, que, desde 1990, tem por objetivo a publicação rigorosa de toda obra marxiana original, tendo como pressuposto o que se chamou “virada filológica”⁶⁹. Há outras questões que o tempo não explica nem justifica, muito menos resolve, trata-se da leitura anêmica que Lyra Filho faz de Marx, selecionando, ao modo *cata varetas*, as passagens que melhor convêm, sem compreender o percurso trilhado pelo autor, por isso, o centro da investigação chasiniana – que se pergunta das origens do pensamento marxiano – é tão caro ao desenvolvimento do marxismo e ao seu revigoramento.

Márcio Bilharinho Naves parte da obra pachukaniana, como ele mesmo assume, porque “a empreitada notável de Pachukanis se confunde inteiramente” com a “tese defendida por Marx”, qual seja, “da especificidade burguesa do direito”⁷⁰. Naves é a antípoda do “provinciano ‘lyrismo’”, como o próprio autor se refere à escola de Lyra Filho, já que para fornecer as provas necessárias “da especificidade burguesa do direito” foi cogente:

[...] enfrentar a questão da natureza diferencial daquilo que se denomina “direito” pré-burguês, especialmente do “direito romano”, sem o que nos veríamos prisioneiros da banalidade burguesa dessa sentença definitiva: *ubis societas ibi jus*, da sombria ortodoxia vychinskiana e de seu impossível “direito socialista”, e de todas as intermináveis variantes do socialismo jurídico (e de que, tanto o “direito alternativo”, como o “pluralismo jurídico” e o “direito insurgente”, além desse estranho e provinciano “lyrismo” – bem característico da nossa “miséria intelectual” – são expressões, tão fáceis quanto prováveis).⁷¹

A proposta de Bilharinho Naves segue caminho oposto das escolas do “direito alternativo”, do “pluralismo jurídico”, do “direito insurgente” e de tantas outras variantes da mesma tendência de vislumbrar no direito um certo papel emancipatório, ainda que instrumental ou tático. Aqui, no entanto, importa avaliar

⁶⁸ LYRA FILHO, 1983a, p. 10.

⁶⁹ No segundo capítulo desta tese, tratamos detidamente do legado literário de Marx, portanto, dos projetos de publicação das obras de Marx e Engels, incluindo a MEGA e sua nova direção editorial, que inclui a chamada *virada filológica*.

⁷⁰ NAVES, 2014, p. 11.

⁷¹ NAVES, 2014, p. 11.

a sua leitura da obra marxiana no que tange à posição de Marx frente ao terreno do direito. Naves larga “da periodização que Althusser propôs da obra de Marx”, portanto, diz ele:

[...] acompanharemos a ruptura fundamental que *A ideologia alemã* opera nesse terreno, e os seus limites, que também são os de seus outros textos do período, notadamente *O manifesto comunista*, no qual encontraremos, ao lado de desenvolvimentos magníficos, a expressão de um equívoco teórico. Mas aqui encontraremos também as páginas insubstituíveis da *Miséria da filosofia*, que talvez pudéssemos considerar como uma “limpeza de terreno” ideológica para que *O capital* pudesse enfim ocupar o seu lugar.⁷²

Por isso, continua, “[...] é em *O capital* que concentrarei o meu esforço de reconstituição da análise jurídica marxiana, naquilo que constitui o segundo capítulo deste trabalho: ‘O conceito de direito em *O capital*’”⁷³. Da cisão althusseriana⁷⁴, Naves reduz toda “a questão do direito em Marx” à busca do “conceito de direito em ‘O capital’”.⁷⁵ Essa subsunção de Marx à sua obra-prima *inacabada* termina por simplificar e reduzir todo pensamento marxiano ao livro 1 de *O capital*, afinal, é conhecido por todos que tanto o livro 2 e, sobretudo, o livro 3 receberam valiosas e substantivas complementações de Engels. E mais: a obra de Marx não se encerra em meados da década de 1860, menos ainda as descobertas do autor alemão⁷⁶. Para ser mais coerente à sua proposta, então, Naves deveria alterar o título do seu segundo capítulo, passando a chamá-lo: “O conceito de direito no livro 1 de *O capital*”, afinal, é por lá mesmo que ele permanece, ainda que ignore boa parte do próprio livro 1, concentrando-se nos primeiros capítulos da obra. Uma segunda questão a ser levantada é que Marx procurou no seu grande livro capturar “a lógica da sociedade civil-burguesa”, portanto, o itinerário de pesquisa permanece o mesmo, como o próprio autor revela no prefácio de 1859, isto é, descobrir a “anatomia da sociedade civil-burguesa”, algo que já estava presente nos *Manuscritos de Kreuznach*, em 1843. Também

⁷² NAVES, 2014, p. 11.

⁷³ NAVES, 2014, p. 11.

⁷⁴ Cf. Althusser (2015).

⁷⁵ Para uma exposição mais aberta da posição althusseriana de Naves, cf. *Ciência e revolução* (NAVES, 2000).

⁷⁶ Sobre a vitalidade de Marx nos seus últimos anos, cf. Musto (2018).

foge às considerações de Naves a distinção marxiana, explicitada por Marx em *O capital*, entre modo de investigação e de exposição, que, sem dúvida, tem seus primeiros desenvolvimentos nos manuscritos supramencionados a pouco, na crítica ontológica do pensamento especulativo, distintamente, na crítica marxiana à inversão hegeliana entre sujeito e predicado, entre determinante e determinado. Por ora, aponta-se ainda a contradição entre assumir que a “empreitada notável de Pachukanis se confunde **inteiramente**” com a **sua** própria sustentação de que em Marx há uma defesa da “especificidade burguesa do direito”, e rejeitar a obra dita juvenil de Marx, tratando-a como ideológica, presa à “ilusão jurídica”; afinal de contas, o próprio Pachukanis, repetidas vezes, utiliza a dita “obra juvenil” para firmar posição crítica diante do terreno do direito, como nos casos das citações de *Sobre a questão judaica*⁷⁷ e de *A sagrada família*⁷⁸. Nesses poucos apontamentos, pode-se ter ideia do polêmico e vivo debate que a presente pesquisa se colocou.

Alysson Mascaro, destaca-se menos pelo rigor com que vem tratando a obra marxiana, que ele indistintamente chama de “marxista”⁷⁹, e mais pela *fama* que têm adquirido suas publicações, verdadeiros sucessos editoriais nos cursos introdutórios de direito, principalmente naqueles que se pretendem críticos. Mascaro não tem uma obra específica na qual trata de maneira detida da crítica marxiana ao direito, como Bilharinho Naves e Lyra Filho, entretanto, há em suas produções uma clara intenção de destacar o pensamento de Marx no seio da filosofia do direito, o que é bastante intrigante. Desse destaque, pode-se notar a proximidade entre este autor e Naves⁸⁰, pois ambos têm a *Ideologia Alemã* como obra de referência da “revolução teórica”⁸¹ ocorrida no pensamento marxiano. Para comprovação, basta uma breve consulta ao livro de Mascaro, no qual a obra anterior a 1845 é simplesmente secundarizada pelo autor brasileiro.⁸² Outro grave problema, que não pode ser desconsiderado, é o fato de Mascaro, no tópico

⁷⁷ PACHUKANIS, 1977, p. 33; p. 166.

⁷⁸ PACHUKANIS, 1977, p. 105.

⁷⁹ MASCARO, 2002.

⁸⁰ Não é de se estranhar que na sua principal obra, na qual Mascaro (2013) trata de temas como Estado e forma política, a referência mais próxima ao período aqui investigado seja da própria Ideologia alemã. O momento anterior a 1846, tão frutífero da produção marxiana, passa ao largo da sua reflexão teórica.

⁸¹ NAVES, 2014, p. 10.

⁸² Mascaro, 2002, p. 95.

“Estado e Política em Marx”⁸³, fundamentar certas posições de Marx na obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, cuja autoria é de Engels, fazendo clara confusão entre os dois autores. Como destacado no caso de Pachukanis, é imperioso fornecer tratamento distintivo entre as formulações marxianas e engelsianas, ainda que haja aproximações, e essas certamente existem.⁸⁴ Sobre o direito, há ainda uma passagem do autor que é esclarecedora acerca da sua posição. Diz ele:

[...] sua [de Marx] filosofia do direito parece seguir no mesmo itinerário de sua filosofia política. Incorporando uma identificação hegeliana de Estado e direito – na verdade, em Marx, dando-se a constatação do predomínio de um direito estatal no mundo contemporâneo, direito burguês porque expressão de um Estado burguês –, mas ao mesmo tempo trazendo esta perspectiva para o plano da práxis, Marx dirá do direito o mesmo que disse do Estado, ou seja, vincula-se às relações históricas sociais capitalistas.⁸⁵

Primeiramente, é salutar a intenção do autor em tornar o pensamento, agora sim, marxista mais palatável aos estudantes dos primeiros períodos dos cursos de direito, no entanto, por si só, isso não basta para eximi-lo das críticas. Livrem-se os pedagogos dessa culpa, a fonte dos equívocos não é a didática, mas a sua própria leitura da obra marxiana. Mascaro não parece seguir as indicações das linhas traçadas por Marx ao escrever que “sua [de Marx] filosofia do direito parece seguir no mesmo itinerário de sua filosofia política”, todo o resto é decorrência. Admitir uma “filosofia do direito” e uma “filosofia política” em Marx é um equívoco quando o próprio alemão diz, na prestigiada obra *A ideologia alemã*: “não se pode esquecer que o direito, tal como a religião [e o Estado], não tem uma história própria”⁸⁶, portanto, não podem ter uma filosofia própria. A noção de uma “filosofia do direito” foge completamente ao modo marxiano de perquirir a realidade, que se dá não por meio de um conjunto de conceitos abstratos, mas a partir do movimento da própria realidade efetiva, tendo em conta a “prioridade

⁸³ Mascaro, 2002, p. 110.

⁸⁴ Vale destacar o esforço realizado por Sartori (2015b; 2016a; 2016c; 2017c; 2018b; 2018c), que dedicou alguns textos à produção especificamente engelsiana, marcando assim diferenças e aproximações com a produção propriamente marxiana.

⁸⁵ MASCARO, 2002, p. 116.

⁸⁶ MARX, 2007, p. 76.

ontológica do objeto”⁸⁷. Como aludido por Elcemir Paço Cunha, Marx ao se referir ao “*Estado*, assim, no singular, pode dar a impressão de que se trata de um esboço de teoria geral”, contudo, completa o autor, “nada estaria [...] mais longe da verdade”, pois “não apenas os casos concretos são decisivos, mas o movimento da própria forma política [...]”⁸⁸. Mascaro entende que Marx, “incorporando uma identificação hegeliana de Estado e direito”, reduz o terreno do direito a epifenômeno da política. Nesse ponto, segundo a leitura que se faz aqui, seria mais coerente reconhecer a “heterogeneidade entre direito e política em Marx”, porquanto o direito é “o reconhecimento oficial do fato”, e a política tem um papel importante, embora limitado, dentro do processo de transformação social, que deve, “logo que tenha início a sua atividade organizativa, logo que apareça o seu próprio objetivo, a sua alma, então o socialismo se desembaraça do seu revestimento político”⁸⁹.

Por fim, vale aludir ao esforço do professor Vitor Bartoletti Sartori e de seu grupo de orientandos, que vêm se dedicando a uma tentativa de reconhecer com rigor a crítica marxiana ao direito.⁹⁰ Segundo o Sartori, a verdadeira crítica “é aquela que é consciente acerca do modo como se entrelaçam objetivamente as distintas esferas do ser social, concomitantemente, compreendendo que somente com a transformação do todo social é possível remeter para além da situação presente”⁹¹. Portanto, tem-se que a própria crítica é inseparável da perspectiva revolucionária, “a transformação do todo social”. Dito isso, conclui:

[...] a crítica ao Direito (e do próprio Direito), assim, [...] não poderia parar [...] diante da elaboração de “categorias jurídicas críticas” (se é que tal denominação faz algum sentido); antes, seria preciso perceber que o jurista e o pesquisador do campo do Direito estão inseridos em meio a uma sociabilidade e a instituições, elas mesmas, problemáticas. Portanto, [...] todos aqueles que pretendem uma abordagem efetivamente crítica não podem modificar verdadeiramente sua posição concreta sem que [...] questionem suas próprias posições e, com isso, a conformação objetiva da totalidade da sociedade atual e do modo capitalista de produção.⁹²

⁸⁷ SARTORI, 2014b, p. 699.

⁸⁸ 2016, p. 207.

⁸⁹ MARX, 2010, p. 52.

⁹⁰ Cf. Sartori (2011a; 2011b; 2012; 2013; 2014c; 2015a; 2015b; 2015c; 2015d; 2016d; 2017a; 2017b; 2017c; 2017d; 2018a; 2019a; 2019b; 2019c); Pereira Neto (2018a).

⁹¹ SARTORI, 2015c.

⁹² SARTORI, 2015c.

No Brasil, atualmente, há uma tendência que se destaca na formulação de uma crítica marxista ao direito e que, portanto, se apropria da textualidade marxiana, interpretando-a, pois. Essa tendência remete à antiguidade de certa tradição acadêmica do marxismo. Ela costuma lançar com desdém seus grandes e cortantes olhos epistemológicos à produção marxiana anterior a 1846, quiçá a toda produção marxiana anterior à publicação de *O capital*.⁹³ No direito, essa tendência cortante tem um representante respeitável e influente, como vimos, trata-se de Márcio Bilharinho Naves. No caso particular de Naves, além da influência althusseriana, bastante atuante na *seleção dos textos* seminais de Marx e na análise desses textos, é necessário considerar a lente pachukaniana por meio da qual encara a crítica de Marx ao direito. De certo modo, é estranho o amálgama de Althusser e Pachukanis tendo em conta que o próprio jurista soviético na sua obra principal, *Teoria geral do direito e marxismo*, acaba por citar obras relegadas pela escola de Althusser, como as obras *Sobre a questão judaica* e *A sagrada família*. Mas a consequência direta da influência althusseriana é bem retratada no seu último livro, cujo título é *A questão do direito em Marx*. Naves na economia interna do livro não dedica mais que 20 páginas a toda produção marxiana anterior ao livro 1 de *O capital*; resolve os *Manuscritos de 1844* em três páginas, e o que foi escrito antes em outras duas páginas. Diante daquilo que foi realizado no seu livro, a intenção de expor “a questão do direito em Marx” se mostrou ambiciosa demais.⁹⁴ Ao longo da presente exposição, nos capítulos que seguem, ao passo que a textualidade marxiana venha à tona, as posições firmadas por Naves no livro supracitado serão confrontadas, neste momento, apenas interessa dar mostras das consequências seletivas de uma dada periodização.

⁹³ É preciso dizer que esta tendência não aportou no Brasil, vinda da França, sem resistência, nesse sentido, cf. *Contra Althusser* (GIANNOTTI, 1968). Para uma análise, tão competente como detida, da resistência uspiana encontrada pela “internacional Althusseriana”, cf. Arantes (2007).

⁹⁴ Digno de nota, afinal, o baixo nível também precisa ser exposto, é o livro de Ronaldo Bastos (2012), vejam, *O conceito do direito em Marx*, publicado pela casa editorial Sergio Antonio Fabris Editor. Nesse livro se ler passagens do tipo: “O estudo *abstrato*, inversamente, tem este desiderato, pois consiste em uma investigação acerca do mecanismo que caracteriza a história. Tal estudo se concentra em descobrir qual a razão dos fatos na história e qual a substância lógica que determina os acontecimentos, de modo que a elaboração de uma teoria histórica visa explicar os eventos e, por vezes, **profetizá-los**” (BASTOS, 2012, p. 90, grifo nosso). Não contente, logo depois, o autor escreve: “Foi a esse tipo de estudo que Marx se dedicou durante grande parte da sua vida”. Aqui ecoam as palavras de Walter Benjamin quando defende que se critique os livros e seus autores, mas também as editoras. Antes que o leitor pergunte, responda-se, vire e revire este livro, nenhuma sombra do tal *conceito de direito em Marx* será encontrada.

3 CAPÍTULO 2 - BREVES COMENTÁRIOS ACERCA DO *NACHLAß* DE MARX ATÉ 1844

I

Após a exposição do modo como o itinerário de Marx foi apreendido pela chamada crítica marxista do e ao direito, apreensão que limitou a própria crítica na medida em que desconsiderou momentos fundamentais do desenvolvimento intelectual do autor alemão. Neste capítulo, pretende-se abordar em pormenor o vasto *Nachlaß* de Marx, portanto, seu legado literário.⁹⁵ Sim, tratou-se aqui dos escritos, publicados e não publicados em vida pelo autor, das correspondências, tanto as ativas quanto as passivas, das suas notas de leitura, fichamentos e excertos. Parte considerável desse material permanece ainda hoje um mistério para a crítica. Mas não se pode fugir da justa indagação do leitor que ao se deparar com este capítulo, resolva perguntar: mas isso não seria tão somente do interesse do pesquisador, em dicção marxiana, do modo de investigação [Forschungsweise]? Poderia ser questionado se não seria este um tópico de autoesclarecimento do pesquisador e, por isso, um desvio na exposição? Ainda em outras palavras: seria o caso de contaminação indevida do modo de exposição [Darstellungsweise] pelo modo de investigação? Por que escrever sobre o legado literário de Marx até 1844?

Afinal, para o seu próprio bem e de sua pesquisa, o investigador necessita, em face do momento exploratório do objeto, organizá-lo a partir dele mesmo, perseguindo seu processo de desenvolvimento e maturação. No caso da

⁹⁵ Recorreu-se, aqui, ao termo alemão *Nachlaß*, utilizado em ambiente acadêmico para referir o conjunto de escritos de um autor deixados após sua morte, tais como obras, manuscritos, rascunhos, anotações, correspondências etc. Traduziu-se, preferencialmente, o termo por *legado literário* ou *espólio literário*. Não custa salientar que o *literário*, neste caso, não guarda relação alguma com “literatura” como arte. O literário, aqui, conforme destaca Aguiar e Silva (1979, p. 34), refere-se à “bibliografia existente acerca de um determinado assunto [...]”. Este sentido é próprio da língua alemã, donde transitou para outras línguas”. Somente no sentido mais estrito, literatura refere “o conjunto de obras em estilo literário que manifestam o intuito de criar um objeto expressivo, fictício na maior parte” (CANDIDO, 2006, p. 18). Portanto, o uso que se irá fazer nesta tese é o que aponta para a acepção mais geral do termo literatura, como conjunto dos textos escritos por um autor. Como, também, acentua Candido (2006, p. 18), “em português, eu posso ser um escritor, e Carlos Drummond de Andrade também o é; em alemão eu sou Schriftsteller, e ele, um Dichter. Eu pertença à Literatur e ele à Dichtung”. Como Marx no período de juventude foi tanto Schriftsteller quanto Dichter, tendo se arriscado nas duas modalidades da Dichtung, Poesie e Roman, grafou-se com maiúscula sempre que se referiu neste trabalho à Literatura de Marx em seu sentido estrito.

leitura imanente, sobre a qual já se tratou na introdução deste trabalho, deve-se perseguir a formação ideal com o fito de capturar e fazer emergir os vigamentos categoriais que conformam o pensamento do autor, reconhecendo sua objetividade própria e procurando expor nos seus mesmos termos, evitando, também, adjetivações e predicacões extrínsecas à tessitura textual. Nisso e noutros aspectos, não se trata de mera paráfrase, mas apreensão categorial do ente analisado.

Eis que os escritos de Marx figuram como o material da investigação por excelência, afinal, trata-se de investigação que toma como objeto o seu pensamento, logo, suas formações ideais, que não podem ser acessadas por outra via que não seja a do seu próprio texto, ainda que alguns críticos tenham tentado, naturalmente sem sucesso, realizar incursões na mente do autor, procurando motivações psicológicas mais íntimas que explicariam supostamente determinadas posições de Marx⁹⁶. Não podendo acessar o pensamento do autor de outro modo, como se disse, o seu legado literário constitui, por isso, o próprio objeto da investigação.

Mas o que se escreveu até aqui justificaria o apego que essa pesquisa inegavelmente preserva com relação aos textos e a necessidade interna à pesquisa de realizar tal levantamento, e por isso, se essa fosse a única razão da presente exposição, o leitor ainda poderia levantar objeções à necessidade deste capítulo, e alguns dos futuros leitores da presente tese, os mais apressados, agradeceriam a redução⁹⁷.

⁹⁶ É o caso de Roberto Lyra Filho, grande nome das mais eminentes correntes do direito crítico brasileiro. Lyra Filho (1983), em sua obra *Karl, meu amigo: diálogo com Marx sobre o direito*, elenca uma séria de obstáculos que dificultariam a tematização do direito na obra marxiana, sobre os quais já tratamos no capítulo anterior. Um desses obstáculos, precisamente o quinto, é o que ele chama de psicológico. Lyra Filho, apelando ao psicologismo, atribui a indisposição de Marx em relação ao direito ao fato de ter sido forçado a cursar uma faculdade que não desejava, algo que não é, de modo algum, comprovado; além disso, Lyra Filho refere sua péssima experiência no curso de Direito, repleto de professores conservadores, o que teria gerado a indisposição de Marx em relação ao direito. O teórico do *direito achado na rua* chega, inclusive, a dizer que a atitude de Marx é “bem parecida com a do amante traído, que passa a generalizar sua decepção, dizendo que ‘a mulher’, e não apenas a vampe que o chifrou, é irredutivelmente debochada e prostituta [...]” (LYRA FILHO, 1983, pp. 40-41). Tudo que se pode dizer dessa análise é que Lyra Filho tem achado outras coisas na rua e transposto para sua pesquisa.

⁹⁷ Ainda que, com este trabalho, se pretenda alcançar um tipo de leitor cada vez mais raro, “leitores desejosos de aprender algo de novo e, portanto, de pensar por conta própria” (MARX, 2013, p. 78) e, também, “ávidos pela verdade” (MARX, 2013, p. 93), afinal, sabedores que “não existe uma estrada real para a ciência, e somente aqueles que não temem a fadiga de galgar suas trilhas

Contudo, a organização inicial do objeto voltada para o autoesclarecimento do pesquisador que intenciona a leitura imanente não foi o único motivo para a realização de tal levantamento detalhado de toda a produção marxiana do período supracitado. Adiante, os motivos que mais importam para a presente exposição, os quais fizeram deste capítulo uma necessidade, isto é, não apenas assunto do pesquisador, mas de interesse do leitor desta tese acadêmica, imaginando que este não queira apenas passear pelo texto, mas efetivamente se formar e, quem sabe, encontrar motivos e elementos para empreender suas próprias investigações acerca do pensamento de Marx, tão mal publicado e editado no Brasil, como veremos nas próximas linhas. Logo, apesar de se tratar de típica preocupação do modo de investigação, ou seja, do momento prévio à exposição, dado o cenário de verdadeiro caos dos estudos da obra de Marx no Brasil, a questão do legado literário passa a ser um assunto imperativo, também, à exposição.

Em primeiro lugar, a necessidade deste capítulo remonta à própria periodização do pensamento marxiano, melhor dizendo, à falta de acordo acerca dessa periodização⁹⁸, que, por seu lado, não pode desconsiderar o que foi produzido pelo autor, portanto, seu *Nachlass*. No bojo deste inventário é que aparece a enorme quantidade de materiais já disponíveis, mas que ainda aguardam por análise mais detida, como é o caso da correspondência trocada pelo autor alemão neste período⁹⁹, bem como seus inúmeros cadernos de anotações,

escarpadas têm chance de atingir seus cumes luminosos” (MARX, 2013, p. 93). Resta, então, fazer-se merecedor desses leitores.

⁹⁸ Diante da vasta bibliografia sobre este ponto específico, achou-se por bem apenas citar dois trabalhos cujas posições defendidas em um e em outro são impossíveis de conciliação, os quais servem de exemplos típicos dos desacordos em torno da periodização do pensamento marxiano, nesse sentido, cf. Vaisman (2000) e Moraes (2000). Enquanto Ester Vaisman (2000, p. 15), preferindo adotar postura mais cuidadosa frente a uma possível periodização rígida do pensamento marxiano, localiza, nesse caso, acompanhando Chasin (2009), “a clivagem fundamental em meados de 1843, quando da elaboração das *Glosas de Kreuznach*”, para tanto, a autora partiu do próprio itinerário teórico de Marx e do desenvolvimento interno do padrão reflexivo do autor, que se altera no ano indicado; João Quartim de Moraes defende, seguindo o francês Althusser, uma cisura no pensamento marxiano entre humanismo racionalista, que teria se estendido até o final da década de 1840, e materialismo crítico, e, para isso, ele parte da diferença entre filosofia e ciência. Nas palavras de Moraes (2000, p. 25), “estamos entre os muitos que reconhecem *O Capital*, cujos pressupostos teóricos só se reuniram ao longo dos anos 1850, como sua obra decisiva”. Este é um problema que foi tematizado nesta tese, no capítulo anterior, em vista de certa leitura althusseriana da crítica de Marx ao direito, que encontrou fino desenvolvimento na obra de Márcio Bilharinho Naves.

⁹⁹ Toda a correspondência ativa e passiva de Marx foi vertida para o português. Encontra-se disponível no *Apêndice* deste texto.

material ainda é pouco explorado no Brasil. Infelizmente, o atraso da crítica especializada não poderá ser devidamente investigado nesta tese – não parece que o idioma seja o único obstáculo ou motivo do atraso –, posto que tal abordagem ultrapassaria bastante os limites desta investigação, a qual deverá se contentar em tão somente mencioná-lo e quem sabe estimular futuras pesquisas neste sentido. Em suma, a fortuna crítica do autor alemão, no Brasil, ainda carece da necessária ampliação do *corpus* investigado – em alguns casos, a depender do intérprete, pode-se chamar mesmo de *corpo de delito*, haja vista os crimes que algumas interpretações cometem.

Ligado ao problema do *corpus* de investigação, volta-se ao da periodização, brevemente referido. Com efeito, qualquer periodização do pensamento de um autor deverá tomar como ponto de partida e referência balizadora os seus escritos, procurando extrair deles, via *análise imanente*¹⁰⁰, a

¹⁰⁰ Como se reservou nesta tese espaço próprio na sua conclusão para a explicitação mais detalhada da consistência intelectual da análise ou leitura imanente, por ora, apenas se alude ao texto fundamental de José Chasin (2009), marxista brasileiro responsável por uma das tentativas mais ambiciosas de estudo e pesquisa das obras de Marx, cujos frutos, mesmo passados mais de 20 anos do seu falecimento, continuam a aparecer, nesse sentido, cf. a mais recente obra de Albinati (2021). Chasin foi o responsável por um colossal trabalho investigativo, que, despido de todo e qualquer preconceito ranzinza, tomou como ponto de partida aquele Marx mais malfalado por uns e, também, adorado, por outros, e, ainda, profundamente desconhecido, o chamado *jovem Marx*. Amor e ódio, adesão incondicional e repúdio completo, esses foram alguns dos sentimentos que nutriram a recepção das obras da chamada juventude de Marx – parte importante dessas obras é composta por manuscritos descobertos apenas ao longo das primeiras décadas do século XX, assim, escritos que restaram desconhecidos de importantes nomes do marxismo, como Rosa Luxemburgo, Lênin e Gramsci. Como bem destaca Marcello Musto (2011c; 2015; 2019), ao analisar a recepção dos assim chamados *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, publicados pela MEGA em 1932, as interpretações ficaram por muito tempo presas entre dois extremos que faziam, ambos, leitura instrumental do texto, da parte dos intelectuais mais ligados aos partidos comunistas dominavam aqueles que diminuía a importância do achado, por outro lado, da parte do chamado “marxismo crítico”, acreditava-se que finalmente estavam ali diante do verdadeiro Marx. Chasin, contudo, não enfrentou o pensamento de Marx como mero instrumento de luta política e/ou partidária, muito menos como forma de alimentar o carreirismo acadêmico, combatido por ele com veemência. Planejou uma pesquisa de grande envergadura, cujo sentimento preponderante, sendo o único capaz de não enviesar a investigação, foi o sentimento de dúvida diante do objeto, o qual passou a analisar em primeiro plano, não apenas fugindo do esquematismo, mas o atacando diretamente. Chasin duvidou de todos aqueles que, certos ou errados, isso ainda estava por se provar, defendiam rupturas ou continuidades no pensamento marxiano, e, desse modo, foi levado a encarar a produção de Marx desde o início, investigou as *origens do pensamento marxiano e seu processo de desenvolvimento*, e este também é o sentido – como direção indicada – de *retorno a Marx*. Chasin se apercebeu da envergadura intelectual do autor alemão, o qual no seu plano de pesquisa não foi caracterizado “como [um] simples ‘crític[o] do capitalismo” (2001a, p. 51). O intento de retorno a Marx deveria enfrentar uma crise grave e profunda, responsável pela “destituição de Marx”, hoje, sabe-se que mais grave e mais profunda do que o próprio Chasin talvez fosse capaz de perceber. Vitimado pela aversão à objetividade (destituição ontológica), pela descrença na ciência (desilusão epistêmica) e pelo descarte do humanismo, três características dessa crise, a restituição de Marx passava necessariamente pelo esforço descomunal de redescobrir Marx,

fisionomia intelectual daquele autor, isto é, tudo aquilo que o fez ser o que é, considerando origem e desenvolvimento, também, lacunas e possíveis contradições. Tudo, portanto, extraído do interior do texto. Não se trata, como se afirmou anteriormente, de mera exegese, embora não se possa abrir mão dela, e paráfrase, mas de análise que, reconhecendo a objetividade de uma formação ideal, encara o texto como apresentação do pensamento de um autor e procura revelar a estrutura categorial ali firmada e afirmada para sua correta compreensão.¹⁰¹ Volta-se mais uma vez a esse ponto porque a periodização da obra marxiana tem adquirido, em muitos casos, a qualidade de vértice do debate marxista, e, no entanto – é preciso que se diga sem vergonha ou medo de ser acusado de academicismo – tem faltado, infelizmente, marxologia a parte considerável dos assim chamados marxistas.¹⁰² Esses têm constantemente feito a

impossível de ser realizado por um só pesquisador, por isso demandava e exigia um grupo, “trabalho conjugado”, e mais ainda, era preciso ter uniformidade nessa empreitada. E essa redescoberta se bem-sucedida, tudo era um risco, resultaria, caso o caminho não tivesse sido prematuramente interrompido, em uma investigação do começo ao fim dos escritos do alemão. As pretensões de Chasin faziam justiça ao pensamento de Marx, e a necessidade de realizar uma leitura imanente da sua produção intelectual aparece, também, como denúncia do descaso com que era tratada essa produção, inclusive pelos próprios autodeclarados marxistas, responsáveis diretos pelo rebaixamento de Marx. Escreveu Chasin (2001a, p. 51) : “contra o melhor espírito do pensamento de rigor, que além aos textos e à sua lógica, o pensamento marxiano é abordado fragmentariamente a partir de exterioridades”, esse é o caso, por exemplo, do famoso “corte epistemológico” promovido pelo filósofo francês L. Althusser, que impôs à matéria marxiana o peso da afiada teoria do conhecimento de Gaston Bachelard.

¹⁰¹ As conversas com a professora Ester Vaisman foram fundamentais nesse ponto. Por isso, agradecemos seu sempre gentil, delicado e rigoroso auxílio.

¹⁰² É possível que o termo *marxologia* tenha estreado no debate intelectual brasileiro com o texto polêmico de Nelson Werneck Sodré (1979), *Desventuras da Marxologia*, no qual Jacob Gorender é alvo dos ataques e culpado pelas ditas desventuras aludidas no título do artigo. O autor de *Escravidão colonial* é acusado, dentre outras, de “subverter o marxismo” com seu “novo Modo de Produção”. Segundo Sodré (1979, p. 163), Gorender, “na qualidade de eclético, embora disfarçado de marxiano, que emenda Marx e cria um apêndice aos textos marxistas relacionados com os Modos de Produção”, chega ao absurdo de inventar um novo Modo de Produção. Aqui não interessa os termos da polêmica, já bastante datada, importa-nos demarcar o modo até certo ponto negativo com que o termo *marxologia* aparece na vida intelectual brasileira. Segundo Sodré (1979, pp. 161-162), os marxólogos são algo como aproveitadores do “prestígio do marxismo”, que estava “no centro de toda e qualquer discussão científica”, afinal, “aqui e fora daqui, uma pitada de marxismo não faz mal a ninguém”. Não se pode deixar de aludir que a situação atual é bem outra, passadas pouco mais de quatro décadas da publicação do texto de Sodré. Como a própria ANPOF tratou de demonstrar a fim de acalmar os ânimos dos antimarxistas que acusavam as Universidades Públicas de doutrinação marxista, em um levantamento feito nas Pós-graduações de Filosofia, apenas 4% das disciplinas, de um total de 338, tratam diretamente de Marx (SALDAÑA, 2019). Nesse embate, os conservadores chegaram tarde demais, o trabalho já havia sido feito, sem maiores alardes, pela própria filosofia acadêmica, outrora *coruja de minerva*, hoje, ave de rapina. Bem, saindo das desventuras acadêmicas e voltando ao *Desventuras*, nele, o autor brasileiro afirma que os Marxólogos são “aqueles que, com maior ou menor simpatia pelo marxismo, utilizam, ou pretendem e declaram utilizar, o método marxista, mas não são marxistas, e fazem mesmo questão de deixar clara essa posição”. O uso que se vai fazer nesta tese do termo *marxologia* é distinto

apologia das armas para a morte da crítica, em alguns casos, literalmente¹⁰³. A história das publicações completas das obras de Marx é prova cabal das barreiras político-ideológicas colocadas à frente do seu tratamento rigoroso. Gerald Hubmann¹⁰⁴, novo editor das publicações Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA-2), para citar apenas um¹⁰⁵, dado seu envolvimento na retomada do projeto de publicação integral dos autores alemães, em edições histórico-críticas, conta que:

dessa acepção carregada e bastante temperada pelos ânimos daquele tempo. Por marxologia se procura aludir certa posição que toma como distintas as produções intelectuais advindas propriamente de Marx das interpretações proveniente do chamado marxismo, muitas delas valorosas e importantes, ressalte-se. Isso vale para o termo marxiano, com o qual se quer dizer do próprio Marx, em contraponto a marxista. Julga-se imperativo separar o desenvolvimento intelectual de Marx das inúmeras interpretações de sua obra, ainda que se chamem marxistas e reivindicuem certa herança. Ao fim e ao cabo, o primeiro a realizar tal distinção foi o próprio Marx quando disse: “a única coisa que sei é que não sou um marxista”, citado por Engels em carta a Paul Lafargue. E completa Engels a Lafargue, “provavelmente, ele diria destes senhores [aqueles que se diziam marxistas] o mesmo que Heine disse de seus imitadores: ‘semeei dragões e colhi pulgas’” (ENGELS, 2010, p. 277; Werke 37, p. 450, tradução levemente modificada após conferência do original alemão). Imbuu-se nesta investigação do espírito que resultou na formação do Grupo *Marxologia: filosofia e Estudos Confluentes* do CNPq., portanto, o uso que se faz do termo nesta tese não procura aludir a um estudo neutro, posto que se procura firmar aqui uma análise rigorosa do pensamento marxiano, e não a tão propalada neutralidade axiológica, famosa nas ditas ciências sociais. A marxologia é ainda o reconhecimento da necessidade de retorno a Marx, por isso, afirma-se de maneira taxativa: não é possível haver marxismo digno de tal nome sem marxologia, o estudo rigoroso de Marx não deve ser tratado como erva daninha para o marxismo, mas como fonte dos mais ricos nutrientes. Cf. *Itinerário de um grupo de pesquisa* (VAISMAN, 2001, pp. I-XXIX) e *Rota e perspectiva de um projeto marxista* (CHASIN, 2001b, pp. 5-78). Ainda: para uma reflexão acerca da necessidade de distinguir os juízos marxianos daqueles marxistas, cf. Cerqueira (2015). O autor também trata do modo como a história das publicações das obras de Marx e Engels ajudaram a construir essa espécie de zona cinzenta entre o pensamento de Marx e dos autores marxistas; nesse sentido, vale, também, conferir *Marx e o marxismo* (HAUPT, 1983).

¹⁰³ O horror que se abateu sobre a vida de David Borisovich Goldendach, mais conhecido pelo pseudônimo Riazanov, famoso editor responsável pelo primeiro esforço de publicação das obras completas de Marx e Engels, é prova cabal da ausência de limites do stalinismo e seu marxismo-leninismo. Depois de prender e torturar Isaac Rubin, alcança-se a sangrenta denúncia contra Riazanov, que logo foi banido para Saratov, preso em 22 de julho de 1937 e executado em 21 de janeiro de 1938. Riazanov, além de ter um prêmio bienal com seu nome, já havia sido o ganhador do prêmio Lênin e da Ordem da Bandeira Vermelha do Trabalho, mas nada impediu a polícia-política stalinista de enterrá-lo, aquele que foi o primeiro grande editor das obras de Marx e Engels, em vala comum. Cf. Cerqueira (2010).

¹⁰⁴ 2012, p. 39.

¹⁰⁵ Para uma apreciação detalhada do impacto da MEGA-2 nas pesquisas sobre Marx, sobre os mais diversos aspectos da produção marxiana, bem como do infortúnio que acompanhou as inúmeras tentativas de publicação completa de Marx e Engels, cf. Alcouffe e Wells (2009), e os autores tratam dos manuscritos matemáticos de Marx e seu lugar na MEGA, e também abordam a relação de Marx com o pensamento do século XIX sobre probabilidade e estatística; e ainda: Anderson (1997; 2001; 2019), Brophy (2007), Cerqueira (2010), Costa Neto (2010; 2019), Deus (2015), Diquattro (2011), Fineschi (1999; 2007; 2008a; 2008b; 2008c; 2013), Gtiese e Pawelzig (1986), Herres (2000), Hubmann (2011; 2012), Kenji (2018a; 2018b), Kurz (2018), Martins (2014), Marxhausen (2014), Musto (2010; 2011a; 2011b; 2014), Neuhaus (2011), Ribas (2018), Rohahn (2001), Sgro (2008a; 2008b; 2016) e Takenaga (2018).

[...] Moscou vetava qualquer emprego do adjetivo “crítico”, inclusive no título de uma edição histórico-crítica, e por fim não admitia que, com toda a importância de Marx e Engels, a edição completa planejada tivesse o dobro de volumes da edição das obras de Lênin. O ceticismo predominava em relação a um “academicismo” desagregador e um historicismo relativista.¹⁰⁶

Portanto, um projeto de periodização do pensamento marxiano, antes de ser colocado em pauta, se esse é mesmo o caso, precisa encarar com seriedade a aguda necessidade de retirar o entulho stalinista acumulado por décadas de interpretações e publicações manipulatórias. Sem desconsiderar que outros entulhos, infelizmente, têm se somado aos já existentes. É, também, neste sentido que se fala em *retorno a Marx*; e é por isso que se faz imprescindível a presente exposição do legado literário do autor alemão, porquanto é necessário encará-lo por completo.

Outro motivo que fez a presença deste capítulo tão necessária à exposição foi a escassez bibliográfica ainda existente no Brasil sobre o material – já disponível – que logo será apresentado¹⁰⁷. Como hipótese, afinal isso mereceria por si uma investigação, é provável que uma pesquisa rigorosa das dissertações e teses produzidas no Brasil sobre a obra teórica de Marx, nas últimas décadas, conclua que o material utilizado como fonte primária, no geral, não passe dos mesmos títulos, das mesmas obras clássicas. Que fique claro, não há nada de incomum nisso. Todo grande autor possui seu próprio universo de textos, por assim dizer, canônicos. Apenas se pretende, aqui, lançar o olhar, também, para uma infinidade de outros textos de Marx que aguardam maiores atenções da crítica especializada. Mais: que aguardam sua inclusão na análise do pensamento marxiano.

A obra de Marx é incompleta. Musto¹⁰⁸, a ela se referindo, alude ao “charme indiscreto da [sua] incompletude”. Marx não foi autor de um sistema, uma Lógica, esse nunca foi seu intento, pois sempre escreveu enquanto o mundo

¹⁰⁶ HUBMANN, 2012, p. 39.

¹⁰⁷ Como hipótese, afinal, isso mereceria por si uma investigação, é provável que uma pesquisa rigorosa das dissertações e teses produzidas no Brasil sobre a obra teórica de Marx, nas últimas décadas, conclua que o material utilizado como fonte primária, no geral, não passe dos mesmos títulos. Que fique claro, não há mal algum nisso, todo grande autor possui seu próprio universo de textos, por assim dizer, canônicos, apenas se pretende lançar o olhar, também, para uma infinidade de outros textos de Marx que aguardam maiores atenções da crítica especializada.

¹⁰⁸ 2011a.

dançava sobre um vulcão, e “aquilo que fermenta, cozinha e ferve no vulcão”¹⁰⁹ constituía nutriente indispensável para produção marxiana, daí que um pensamento feito no calor da hora não deva se limitar ao corpo das ditas grandes obras, consideração que, muitas vezes, acabou ficando ao gosto do freguês, seja de um partido ou, ainda, de um Estado. A fisionomia intelectual de Marx somente poderá ser completada e emergir da análise atenta e rigorosa de todo material disponível, sendo assim, deve ser encarado como trabalho coletivo e de gerações de estudiosos. Por isso, também, acreditou-se que um capítulo mais descritivo, não prejudicaria a exposição da tese, mas auxiliaria na sua compreensão, visto que se procurou, mirando as origens da crítica marxiana ao direito e seus momentos determinantes, consultar este material e analisá-lo.

Além disso, outro motivo para expor o *Nachlass* de Marx, talvez o mais importante para a presente pesquisa, foi o fato desta investigação ter identificado que a querela sobre a periodização das obras e, portanto, do pensamento de Marx, do seu itinerário, repercute fortemente, seja consciente ou inconscientemente, na discussão das possíveis posições de Marx frente ao direito, bem como na análise da evolução e do desenvolvimento dessas posições. Veja-se os casos de dois dos maiores estudiosos brasileiros da tematização do direito na obra marxiana: Roberto Lyra Filho e Márcio Bilharinho Naves. Ambos analisados no capítulo anterior.

Como afirmado acima, considerando que Marx produziu sua obra sobre um vulcão, e este vulcão quando não estava em erupção, como em 1848 e 1871, estava ameaçando entrar em erupção, não é nenhum equívoco afirmar: a obra marxiana carrega em seus textos, mais em uns que noutros, as marcas das circunstâncias, portanto, dos problemas de então. O que não significa reduzir os escritos de Marx, para se usar expressão em voga, a análises de conjuntura, de modo algum, apenas se alude para a necessidade de acompanhamento do desenvolvimento do pensamento do autor no ritmo dos problemas que ele mesmo foi enfrentando ao longo de sua produção, para que a síntese categorial desse pensamento resulte da dinâmica interna à obra. Como exemplificação disso, pode-se recordar que muitos aspectos da posição de Marx com relação à possibilidade

¹⁰⁹ HEINE, 2011, p. 265.

da revolução ocorrer antes em países cujo desenvolvimento capitalista era francamente inferior ao das grandes nações, como a Inglaterra, “sua localização clássica”, por isso, “ilustração principal à [sua] exposição teórica”¹¹⁰, adquirem enorme clareza face ao debate que o autor passa a ter com militantes russos que o provocaram a pensar nessas questões.

Sendo correta a afirmação, é necessário cuidado redobrado na análise de cada texto e citação, pois, caso contrário, corre-se o risco de se fazer como Roberto Lyra Filho, exposto, ainda que em linhas mais gerais, no capítulo anterior, que, ao se deparar com passagens supostamente contraditórias de Marx, acusa o alemão de paralogismo, pois a obra marxiana, segundo ele, admitiria nela mesma duas posições frente ao direito. Essa é a entrada para as *leituras*, para a noite em que todos os gatos são pardos: considera que em Marx há uma leitura que critica com veemência o direito *tout court* e outra que apenas criticaria *certo* direito. Desse modo, abre-se espaço para o advento *das leituras*, ou seja, qualquer que seja a posição que o intérprete venha a adotar encontraria respaldo na obra marxiana. Mas essa não é a posição defendida nesta tese, pois uma ou outra passagem de Marx, quando analisada isoladamente, é capaz de conduzir o leitor ao equívoco de supor que o pensamento de Marx admite a defesa do direito, ainda que esse direito receba a qualidade de pertencer aos *oprimidos*, aos *espoliados*, aos *despossuídos*. Mas, para isso, seria necessário não levar em conta de modo algum o desenvolvimento e o itinerário intelectual do autor. Acredita-se, como afirma Albinati¹¹¹ para o caso da questão da moralidade, “que parte destas dificuldades possa ser desfeita na leitura imanente dos textos de Marx, tendo-se o cuidado de se avaliar os momentos de ruptura e de superação teórica que encontram ao longo de sua obra”. Isso, também, é verdadeiro para o estudo da posição de Marx frente ao direito.

O acompanhamento da trajetória intelectual de Marx é decisivo aqui, pois, se há paralogismo, é preciso prová-lo tendo em conta essa trajetória e não apenas a mera comparação de citações. Por isso, é preciso dizer ainda que leitura imanente não é paráfrase, mas análise categorial que visa apreender o campo de força de uma dada formação ideal. Assim, como não é possível catar passagens

¹¹⁰ MARX, 2013, p. 78.

¹¹¹ ALBINATI, 2021, p. 39.

que tratem diretamente do direito nos vários textos de Marx e esperar que disso resulte algo rigoroso, é igualmente impossível extrair a verdadeira posição marxiana frente ao direito – ainda que essa verdadeira posição comporte lacunas e imprecisões – sem considerar o processo de gênese e desenvolvimento da arquitetura categorial marxiana mais geral, portanto, sem considerar possíveis rupturas e continuidades na sua obra.

Afinal, o que impediria alguém, munido das mais belas intenções críticas, de defender como propriamente marxiana, e atual, a defesa do direito feita por Marx no período da *Gazeta Renana*, entre 1842 e 1843? É possível que tal posição encontre abrigo na forma de *leituras*? Ou, ainda, o que poderia evitar a confusão entre a situação de pobreza dos camponeses que aparece retratada nos artigos sobre a lei referente ao furto de lenha e a situação do proletariado, tão tematizada nos textos marxianos a partir de 1843-1844? A propriedade que faltava aos camponeses, os assim chamados despossuídos, sobre a qual escrevia Marx nos idos de 1842, era a mesma a que os proletários estavam privados?¹¹² Por fim, seguindo este método que se poderia chamar de *citação achada na rua*, como o direito também encontrado por lá, o que seria, então, capaz de evitar a harmonização de passagens oriundas da *Gazeta Renana* com trechos, por exemplo, da *Miséria da Filosofia* e de *O capital*? Como as que seguem abaixo:

- i. “[...] um código de leis é a bíblia da liberdade de um povo [...]”;
- ii. “[...] o direito nada mais é que o reconhecimento oficial do fato [...]” e;
- iii. “[...] onde a produção capitalista se instalou plenamente entre nós – por exemplo, nas fábricas propriamente ditas –, as condições são muito piores que na Inglaterra, pois aqui não há o contrapeso das leis fabris”.

¹¹² Sobre esse aspecto em particular, parece ser um bom indicativo recordar aquele texto escrito por Engels na forma de um catecismo, *Grundsätze des Kommunismus*, e que serviria de base para o *Manifesto do Partido Comunista* (1848), no qual resta bastante explícita a importância de responder à pergunta *Was ist das Proletariat?* (cf. respostas às perguntas 2, 3 e 4), pergunta que se desdobra nas duas seguintes que abordam a novidade histórica que é o proletariado (questão 3) e a sua origem, como o proletariado surgiu (questão 4). Percebe-se a importância dada por Engels à devida explicação do proletariado, isto é, apreender a sua diferença específica em relação às “classes pobres e trabalhadoras” (ENGELS, 1977, p. 363) de outrora.

Acompanhando as linhas escritas por José Chasin, somente “o melhor espírito do pensamento de rigor, que além aos textos e à sua lógica” é capaz de evitar esses e outros equívocos cometidos por aqueles que abordam “o pensamento marxiano [...] fragmentariamente a partir de exterioridades”. À luz da lição chasiniana, esforçou-se nesta tese por investigar a gênese da crítica ao direito em Marx a partir da análise imanente dos escritos marxianos, considerados no itinerário do autor, apreendido do seu legado literário. Pensa-se que o esforço de rigor na compreensão dos textos marxianos não impede a originalidade do marxismo, tão somente o coloca sob bases mais sólidas; ou que os chamados marxistas tenham a coragem de retrucar Marx e dizer: *se isso é Marx, eu não sou marxista*.

É possível, então, afirmar que os motivos pelos quais o presente capítulo se colocou como uma necessidade para a exposição são da seguinte ordem: tendo em conta que a crítica brasileira permanece premida ao mesmo conjunto de textos clássicos do autor, achou-se por bem mostrar ao público mais amplo o material ainda não explorado, ou pouco explorado, ao qual esta pesquisa teve acesso e buscou analisar; o que conduz à existência de uma parca bibliografia sobre o assunto no Brasil; por aqui, o legado literário de Marx ainda é pouco estudado; por fim, considerando que a crítica marxista ao direito, consciente ou inconscientemente, parte de certa periodização do pensamento do autor, entende-se que qualquer tentativa desse tipo necessita considerar a tarefa de análise rigorosa do espólio dos escritos de Marx. Outro motivo ainda pode ser acrescido, pois, não tendo produzido um *método* nem algo que se poderia chamar de *sistema*, questões que, por exemplo, dividiram os discípulos de Hegel após a morte do mestre, o pensamento marxiano só é passível de apreensão quando se considera o movimento interno da obra e o conjunto de problemas com os quais o autor se depara ao longo da vida, portanto, seu itinerário intelectual, o qual somente pode ser acessado via legado literário do autor.

É desse modo que se pretende apreender a gênese da crítica de Marx ao direito, comparando a mudança de posição do autor frente à referida matéria no itinerário dos anos de 1837 a 1844. Toma-se a ida para o seu “gabinete de estudos” em Kreuznach, no início de 1843, após se demitir da *Gazeta Renana*, como início

da inflexão em seu pensamento. Dessa maneira, será exposta a diferença específica de uma e outra posição face ao direito, nos próximos capítulos.

II

Quanto à produção marxiana, do período aqui analisado, apenas o material relativo às obras, artigos e rascunhos, parte do primeiro conjunto de materiais definidos pela MEGA-2¹¹³, datado do segundo semestre de 1844, a partir de agosto, ainda não foi publicado. Portanto, com exceção desse material aludido acima, toda produção marxiana, ou aquilo que se conhece dela – correspondência ativa e passiva, excertos e notas, além das já mencionadas obras, artigos e rascunhos, até 1844 –, está publicada e disponível.

A presente pesquisa teve acesso a parte considerável do legado literário de Marx relativa ao interregno temporário que marca a mutação ocorrida no seu pensamento. Como José Chasin¹¹⁴ bem demonstrou, o pensamento propriamente marxiano floresce da crítica radical – antítese direta, como escreveu Marx em *O capital* – à filosofia hegeliana, crítica que foi iniciada pelo autor alemão em *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, manuscritos redigidos entre março e agosto de 1843¹¹⁵ e apenas publicados em 1927, por David Riazanov. Marx redigiu esse manuscrito durante sua estadia em Kreuznach, chamada por ele de “gabinete de estudo” no prefácio de 1859. Os *Manuscritos de Kreuznach*, como também são conhecidos, marcam, nesse sentido, um acerto de contas importante com o seu próprio pensamento, melhor dizendo, com o universo categorial que embalou sua produção nos tempos da *Gazeta Renana*, período idealista de Marx. O autor, de 1837 (como registrado na *Carta ao pai*) até sua saída da *Gazeta Renana*, procurava responder os problemas no interior do universo intelectual do idealismo

¹¹³ Além da bibliografia recomendada (cf. nota nº 9), para uma exposição mais sucinta e objetiva acerca do projeto e da estrutura da MEGA-2, cf. <http://mega.bbaw.de/projektbeschreibung>.

¹¹⁴ Sobre José Chasin, recomenda-se a leitura da entrevista intitulada “A trajetória de J. Chasin: teoria e prática a serviço da revolução social” (SATÓRIO; ASSUNÇÃO, 2008).

¹¹⁵ Segundo os editores da Marx-Engels-Werke (OS EDITORES, 1981, p. 608, tradução nossa), “A obra escrita por Marx em Kreuznach na primavera e no verão de 1843 consiste em 39 folhas manuscritas, numeradas por Marx com algarismos romanos. A primeira folha está faltando” [Die von Marx im Frühjahr und Sommer 1843 in Kreuznach geschriebene Arbeit „Zur Kritik der Hegeischen Rechtsphilosophie“ besteht aus 39 Manuskriptbogen, von Marx mit römischen Ziffern nummeriert. Der erste Bogen fehlt]. Os manuscritos de Kreuznach foram escritos entre março e agosto de 1843 (MARX, 1981, p. 202).

alemão, notadamente da chamada esquerda hegeliana, embora, destaque-se, seja verdade que Marx não foi um hegeliano *tout court*, isto é, carente de personalidade diante do mestre.¹¹⁶ Marx não era um discípulo dogmático de Hegel, inclusive, na sua tese, ele é explícito quanto a posição *reflexiva* que se deve manter diante da obra de Hegel. Nessa ocasião, o ainda jovem Marx acusa parte da escola hegeliana de dogmatismo, a qual ele contrapõe uma posição liberal.¹¹⁷

Mesmo antes de antagonizar com a filosofia hegeliana (que passaria a ser encarada pelo autor como o oposto da sua) e com o hegelianismo, Marx havia adotado postura crítica frente ao filósofo de Jena, na dicção de Marx, extraída de sua tese de doutoramento, datada de 1841, a sua postura frente a Hegel era reflexiva, e não de aceitação imediata. E mais: Marx revela em carta, de 5 de março de 1842, a Arnold Ruge o seu projeto de escrever uma crítica à defesa hegeliana da monarquia constitucional, artigo que deveria ser publicado na imprensa periódica, mas que nunca se concretizou¹¹⁸. Marx volta a referir sua intenção de publicar uma crítica à monarquia constitucional, mirando em Hegel para tanto, em carta a Dagobert Oppenheim, entre agosto e setembro de 1842.¹¹⁹ A questão volta a aparecer em uma carta para Arnold Ruge, datada da primeira metade de maio de 1843.¹²⁰ Nosso autor não pode ser visto, mesmo no período em que mais se apoiou em Hegel, como um hegeliano simplesmente. Uma das provas disso virá justamente das suas posições frente ao direito, quando, mais uma vez, a solução para o problema das feições intelectuais de Marx somente se resolverá a partir da análise do seu itinerário, por conseguinte, da análise imanente do legado literário do autor. Isto é, pode-se dizer que Marx tinha um modo próprio de apropriar-se do grande filósofo alemão, que ele chamava de reflexivo, o que não o impediu, muitas vezes, de adotar postura que poderia ser encarada como certa ultrapassagem do próprio Hegel, como se verá no caso da maneira com que Marx encarou a realização da filosofia, principalmente nos textos da tese doutoral e nas

¹¹⁶ Há quem acentue, além da influência hegeliana, certo peso de Kant e Fichte no pensamento do autor nos tempos da *Gazeta Renana* (ALBINATI, 2021); tem também quem fale da influência do jovem Schelling, notadamente da sua *Neue deduction des naturrechtes* (LYRA FILHO, 1983), essa, todavia, mais contestável.

¹¹⁷ Essa questão foi abordada na dissertação de mestrado, por isso, cf. Pereira Neto (2018).

¹¹⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 22, tradução nossa.

¹¹⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 31, tradução nossa.

¹²⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 48, tradução nossa.

intervenções na *Gazeta Renana*, bem como para o caso da relação entre Estado e direito.

É necessário, para tanto, deixar os preconceitos etários de lado e encarar o desenvolvimento intelectual de Marx na sua inteireza; e isso, acompanhados da compreensão da incompletude que o caracteriza. A prova dos supostos paralogismos encontrados por Roberto Lyra Filho deveria ser fornecida a partir da análise imanente da textualidade do autor e não pela simples seleção de citações, como fez o lyrismo. Roberto Lyra Filho, a fim de resguardar sua posição de defesa do direito, ainda que fale em termos de certo direito, confunde a obra marxiana, apontando nela uma série de paralogismos com relação ao direito. Ao fim e ao cabo, acusa Marx de não ter se decidido com relação à matéria dizendo que ora Marx foi crítico de todo o direito, ora foi apenas crítico de certo direito. Como foi possível demonstrar no capítulo anterior as afirmações do jurista brasileiro não estão fincadas na análise detida da obra de Marx, mas na seleção conveniente das passagens, que, como mostrado acima, pode resultar em inúmeras leituras.

Por óbvio que Marx não saiu do ano de 1844 com um pensamento *pronto e acabado*, e essa afirmação vale para o direito. Afinal, *pronta e acabada* a obra de Marx nunca esteve, por sinal, essa é uma das expressões que deveria ser abolida quando o assunto em questão é o pensamento marxiano, cujo movente preferido sempre foi a dúvida. Não há nada que Marx tenha praticado mais do que a dúvida, duvidou das verdades, então, sagradas da filosofia alemã, do pensamento socialista e da economia política¹²¹. A dúvida é uma das marcas da cientificidade do autor alemão, marca essa que certamente rendeu trabalhos primorosos, como o primeiro livro de *O capital*¹²², mas também resultou em inúmeras obras inacabadas, como é o caso dos demais livros de *O capital*, dos chamados *Manuscritos de Kreuznach*, aqui já referidos, conhecidos por *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, dos *Manuscritos de Paris*, mais conhecidos como *Manuscritos econômico-filosóficos*, e da fundamental *Ideologia alemã*.¹²³

¹²¹ Característica que manteve até os últimos anos de vida, nesse sentido, cf. Musto (2018). Sobre a incompletude da obra marxiana, também, cf. Musto (2011a).

¹²² Para melhor compreender as adversidades pelas quais passou Marx, cf. A escrita de 'O capital' (MUSTO, 2018).

¹²³ Sobre a cientificidade em Marx, cf. Alves (2010; 2012; 2015; 2018).

Obviamente, não se pode esquecer que a aludida incompletude também foi resultado de condições, inúmeras vezes, de completa miséria material e física que acompanharam Marx e sua família .¹²⁴

Mas o fato da incompletude da obra marxiana, seja ocasionada pelo modo como Marx encarava o processo investigativo e expositivo ou pelo fato de ter que pausar sua investigação e exposição para escrever artigos na imprensa periódica, seu ganha pão, ou por se encontrar enfermo e, ainda, com sérios problemas financeiros, que o fizeram cogitar mudar-se para abrigos públicos, aludida incompletude não pode servir de autorização à selvageria dos intérpretes, temática que foi melhor apresentada na introdução deste trabalho quando se abordou a análise imanente.

Como bem desvendara J. Chasin, embora o caminho das descobertas estivesse apenas no começo para Marx, naqueles anos, 1843 e 1844, o alemão, partindo da crítica do pensamento então existente e mais atual, tratou de construir com solidez as vigas e os pilares fundamentais para a arquitetura de seu pensamento próprio. Recordando uma famosa passagem de Marx, em uma carta a Maurice La Châtre, editor de *O capital* na França,¹²⁵ pode-se dizer que nesses anos Marx dava os primeiros passos, largos e firmes, pelas íngremes veredas da ciência, constituindo, nesse caminho, um pensamento próprio, novo e original. Na pior das hipóteses, deve-se concordar com Antonio Candido¹²⁶ quando escreve que “o que somos é feito do que fomos, de modo que convém aceitar com serenidade o peso negativo das etapas vencidas”.

A presente pesquisa teve como objeto aquela parcela da obra marxiana que foi muito comumente colocada de lado por certo marxismo, justamente sob a acusação de pertencer às supostas “etapas vencidas” do autor alemão, não se chegando sequer, como atenta Candido, à consideração do “peso” exercido pela produção marxiana anterior a 1845-1846, período que marca, segundo Althusser e seus seguidores, o início da cientificidade de Marx. Aqui, esse peso será medido, pelo menos naquilo que toca a tematização do direito. Abre-se a possibilidade para

¹²⁴ Para citar apenas um caso, talvez o mais emblemático por se tratar do processo de escrita de *O capital*, cf. Musto (2018).

¹²⁵ Trata-se da seguinte passagem: “não existe uma estrada real para a ciência, e somente aqueles que não temem a fadiga de galgar suas trilhas escarpadas têm chance de atingir seus cumes luminosos” (MARX, 2013, p. 93).

¹²⁶ CANDIDO, 2012, p. 21.

pesquisas futuras continuarem a averiguar o quanto da massa que o formara permanece no corpo teórico do Marx da dita maturidade, possibilitando, portanto, localizar o centro de gravidade do pensamento marxiano, que resiste aos tratamentos fragmentários, às cisuras amputadoras e às acusações apreçadas de paralogismos etc. Dessa maneira, a presente tese procura, ainda, parametrizar os trabalhos vindouros sobre a crítica marxiana ao direito, por isso, também, resulta tão importante a exposição sistemática do legado literário marxiano disponível aos pesquisadores e às pesquisadoras interessada no pensamento de rigor.¹²⁷

III

Passa-se, então, a relatar e comentar, ainda que de modo sumário, o conjunto dos escritos de Marx, que restam preservados e publicados, até 1844. Começando pelos materiais do último ano de *Gymnasium* e aqueles do período em que esteve na universidade, entre 1836 e 1841. Depois, também se encontram sumariados aqui aqueles escritos que o fizeram despontar no cenário intelectual e político alemão mais amplo¹²⁸, cuja expressão mais contundente são os artigos

¹²⁷ Neste mesmo sentido, sem também exaurir as publicações já existentes, cf. trabalhos orientados por Chasin, Ester Vaisman e Vitor Sartori: Eidt (1998), Albinati (1999; 2007), Chasin (1999), Alves (1999), Costa (1999), Enderle (2000), Barbosa (2001), Deus (2001), Gallego (2002), Teles Junior (2002), Alckmin (2003), Faria (2003), Gontijo (2007), Paço-Cunha (2010), Pereira Neto (2018), Perdigão (2018), Álvares (2019), Palú (2019).

¹²⁸ Marx, antes da *Gazeta Renana*, já era conhecido dentro de um círculo bastante influente de intelectuais alemães, por exemplo, Bruno Bauer, com quem Marx se correspondeu intensamente durante seu período acadêmico. Os dois trocavam impressões gerais sobre o ambiente político e intelectual alemão, além de compartilharem planos de atividades e escritas conjuntas, que não foram concretizadas, no entanto. Sobre a correspondência entre Marx e Bauer, infelizmente, nenhuma carta do primeiro restou preservada ou foi encontrada. Marx, também, já era reconhecido por suas capacidades intelectuais, Carl Friedrich Köppen (1840), figura importante no cenário alemão, dez anos mais velho que Marx, dedicou sua obra *Friedrich der Große und seine Widersacher* “ao meu amigo Karl Heinrich Marx de Trier”; sobre a amizade entre Köppen e Marx, cf. Hirsch (1936). Não custa recordar a já bastante conhecida primeira impressão causada pelo doutor Marx em personalidades como Moses Hess. Este último relatara o forte impacto e a satisfação de ter conhecido Marx em carta a Berthold Auerbach, em 2 de setembro de 1841. Nesta carta, Hess se refere a Marx como “[...] o maior, talvez o *único* verdadeiro filósofo vivente, o qual assim que seja conhecido publicamente (nos livros e na cátedra) atrairá sobre si os olhares da Alemanha”, e continua descrevendo as capacidades intelectuais do jovem, que “está não apenas acima de Strauss, mas também de Feuerbach [...]”. Não para por aí, a carta é inteiramente dedicada ao relato das impressões que Marx deixara: “Um homem assim é o que sempre sonhei como mestre de filosofia. Agora, ao conhecê-lo, dei-me conta de que, em matéria de filosofia propriamente dita, não sou mais que um trapalhão”. O final da carta é revelador da empolgação de Hess: “O doutor Marx, pois assim se chama meu ídolo, ainda é um homem jovem (tem, se muito, 24 anos), chamado a desferir o último golpe sobre a religião e a política medievais, pois sabe como combinar a mais profunda seriedade filosófica com a engenhosidade mais contundente; imagine Rousseau, Voltaire,

publicados no periódico *Gazeta Renana*, onde Marx publicou intensamente entre 1842 e 1843, chegando a exercer, inclusive, o cargo de redator-chefe. Foi por essa atuação e, obviamente, pelas posições críticas registradas no aludido periódico que Marx passou, ademais, a ser alvo da censura prussiana e personagem recorrente nos documentos dos órgãos encarregados da censura prussiana. Os relatórios do censor Saint Paul são reveladores do crescente grau de importância que Marx e sua opinião passaram a ocupar na Alemanha do chamado *Vormärz*, ainda que sua importância também não possa ser exagerada, posto que sua influência não parece ir além dos limites locais. Marx é tomado nesses relatórios como “centro doutrinário, a fonte viva das teorias”, “o mais influente de todos” os redatores da *Gazeta Renana*. O censor ainda relata o apego de Marx ao seu ideário, chegando a correr risco de vida por elas, que estão “enraizadas nele como convicções”. E após comunicar a demissão de Marx, “espírito orientador de toda a imprensa”, Saint Paul avalia que, em Colônia, não existe “nenhuma personalidade capaz de manter o periódico em sua detestável altura e sustentar com energia sua tendência”¹²⁹. Por fim, tem-se a produção teórica advinda do período imediatamente posterior ao seu pedido de demissão do jornal renano, entre março de 1843 e 1844, anos de reviravolta do seu pensamento: nesses dois anos, crítica e autocrítica tonificaram o pensamento marxiano¹³⁰. Marx, fortalecido e devidamente esclarecido das fragilidades anteriores, foi capaz de efetuar mudança de grande envergadura, que reposicionou seu pensamento diante de diversas

Holbach, Lessing, Heine e Hegel reunidos em uma só pessoa – digo reunidos, mas não misturados – e terá o doutor Marx” (HESS, 1987, pp. 696-697, tradução nossa). Importante perceber que Marx é elogiado por suas capacidades intelectuais, filosóficas, pois, e não propriamente por sua *militância*. Além disso, é bom destacar que Marx se correspondia intensamente com aquele que era um dos principais articuladores da intelectualidade alemã da época, Arnold Ruge. A envergadura de Ruge e sua influência é pouco considerada no Brasil, pois muitos guardam apenas o quadro pintado pelo próprio Marx quando da sua ruptura com os hegelianos e sua crítica direta a Ruge em artigo para o *Vorwärts!*, entretanto, pela correspondência do primeiro, recentemente publicada na Alemanha (HUNDT; LAMBRECHT; BUNZEL, 2006; HUNDT, 2014), é possível medir a importância deste personagem para o cenário político alemão do *Vormärz*. Não sendo descabido afirmar que, em termos de influência, neste período, Arnold Ruge estava acima de Marx. Um bom indício que corrobora essa afirmação pode ser extraído da falta de cuidado epistolar dos correspondentes de Marx, até 1844, a maioria das cartas escritas pelo autor não foram preservadas.

¹²⁹ ST. PAUL, 1987, pp. 699.

¹³⁰ Vitor Sartori (2018, p. 200) também destaca o caráter tanto de crítica quanto de autocrítica da produção intelectual marxiana imediatamente posterior à saída da *Gazeta Renana*, entre março de 1843 e 1844, afinal a crítica de Marx ao direito, num primeiro momento, “acerta as contas com Hegel e com sua própria concepção anterior, vigente até o começo de 1843”.

temáticas, como é o caso do direito, para citar apenas o que mais interessa nesta pesquisa.¹³¹ Por isso, identificamos a gênese da crítica marxiana ao direito nos escritos do período por nós estudado.

Para a realização dessa espécie de inventário do legado literário de Marx até 1844, utilizou-se como fonte primária as publicações da MARX-ENGELS-GESAMTAUSGABE (MEGA-2). A MEGA-2 é considerada a continuação do projeto iniciado no final da década de 1920 a partir dos esforços de David Riazanov, que foi interrompida já na década seguinte em razão de uma conjunção de fatores, cujo expurgo stalinista é o principal. O projeto de publicação das obras completas de Marx e Engels foi lentamente retomado na década de 1970, quando se começa a falar em MEGA-2, ganhando fôlego renovado a partir de edições histórico-críticas, fortalecida por sólidas bases filológicas, assentadas na integralidade e na fidelidade ao original.¹³² A MEGA-2 ampliou consideravelmente o *corpus* da presente investigação, quando comparada ao material fornecido pela MARX-ENGELS-WERKE (MEW) e pela MARX-ENGELS-COLLECTED-WORKS (MECW), edição alemã e inglesa, respectivamente, dos escritos dos dois autores.¹³³ Em relação ao período destacado, como já se afirmou neste texto, apenas o período de agosto a dezembro de 1844 resta descoberto pela MEGA-2¹³⁴.

¹³¹ Para uma análise detida e rigorosa da censura no período em que Marx esteve na direção do “periódico democrático”, é fundamental consultar *Rheinische Briefe und Akten zur Geschichte der politischen Bewegung 1830 - 1850 / Bd 1* (HANSEN, 1919), pois, nesta obra, estão coligidos uma série de documentos oficiais que tratam da censura.

¹³² Ainda que se reconheça o enorme avanço representado pelas edições histórico-críticas de Marx e Engels, é importante também considerar as críticas realizadas por Maurício Vieira Martins (2014) a certa concepção centrada na filologia e na pretensão de purificar a publicação dos autores alemães de supostas interferências ideológicas.

¹³³ De acordo com Musto (2011b), enquanto o projeto soviético de publicação das “obras completas” de Marx e Engels (*Socinenija*), que teve duas fases, entre 1928 e 1947 e entre 1955 e 1956, projetava, respectivamente, a publicação de 28 e 39 volumes, e o projeto alemão, MARX-ENGELS-WERKE, lançado entre 1956 e 1968, pretendia publicar 41 volumes divididos em 43 livros, a MEGA-2 intenciona publicar 114 volumes. A Werke, edição alemã, “longe de estar completa, estava carregada de introduções e notas que, seguindo o modelo da edição soviética, guiavam o leitor conforme a ideologia do marxismo-leninismo” (MUSTO, 2011b, p. 33). Da MEGA-2, espera-se que “no lugar do perfil pétreo da estátua erigida em muitas das praças dos regimes absolutistas da Europa Oriental, que o caracterizava mostrando o caminho até o futuro com uma certeza dogmática, agora podemos reconhecer um autor que deixou grande parte de seus próprios escritos incompletos com o propósito de se dedicar, até o dia da sua morte, a estudos adicionais que verificariam a validade de suas teses” (MUSTO, 2011b, p. 44).

¹³⁴ Segundo consta no site oficial da MEGA-2, o material relativo a esse período será publicado no volume IV relativo a primeira sessão (I.IV); sessão voltada à publicação das obras, artigos e manuscritos de Marx e Engels. Nesse volume serão publicados os textos que abarcam o período

Antes de cumprir com o prometido e sumariar o legado literário de Marx até 1844, é importante destacar que este tópico, de alguma maneira, descreve, além do que já se disse, o triste cenário da tradução e edição das obras de Marx (e, também, de Engels) no Brasil. Uma das maiores dificuldades para o tratamento rigoroso do pensamento marxiano (o caso de Engels é até pior, comumente tratado como segundo violino) é justamente a publicação fragmentária e incompleta dos escritos do autor alemão no país. Aquele tratamento fragmentário, aludido criticamente por Chasin, é causa e consequência do empobrecido mercado editorial brasileiro.

É inegável o crescimento, ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, da quantidade de traduções e publicações de Marx e Engels no Brasil. Contudo, também, é inconteste que sobre tais publicações pesam um forte politicismo, que instrumentaliza a obra em disputas políticas imediatas e rebaixadoras do seu legado. O politicismo obstrui e disputa terreno com a ciência e o pensamento de rigor. Nesse sentido, a visão geral do legado literário daqueles anos poderá também auxiliar no diagnóstico dos problemas de recepção da obra marxiana no Brasil, bem como apontar para o fato da *redescoberta de Marx* não poder ocorrer sem a devida tradução desse material: a redescoberta de Marx no Brasil é, nesse sentido, em um primeiro plano, a tradução de Marx, ou mesmo a construção de um novo e verdadeiro projeto editorial para as obras de Marx e Engels no Brasil. É necessário traduzi-lo considerando o desenvolvimento interno de seu pensamento, o que significa, na prática, a tradução de textos ainda pouco conhecidos, como correspondências e excertos. Além disso, traduzir somente não basta, é necessário, como se afirmou, um projeto editorial fundado no importante princípio de conhecer a integralidade da obra de Marx, respeitando o desenvolvimento e a organização interna de sua obra. Nesse caso, não se trata tão somente de verter ao português brasileiro textos inéditos, mas de reeditar aqueles que por algum motivo foram publicados de maneira imprópria. Portanto, precisamos de um projeto editorial que respeite o itinerário intelectual de Marx.

Para que a crítica que fazemos não perca força, parecendo vaga e desprovida de motivos, como prova, basta analisar melhor o caso da publicação

de agosto de 1844 a dezembro de 1845. Mesmo com todo avanço ocorrido nas últimas décadas, ainda há textos inacessíveis ao grande público.

do famoso artigo de Marx sobre o furto de madeira, texto fundamental para a devida apreensão da posição de Marx quanto ao direito e ao debate jurídico da época, com a *Escola Histórica do Direito*, especialmente. Por isso, o caso de sua publicação no Brasil merece destaque nesta tese. Essa publicação tem repercussão danosa ao trabalho dos pesquisadores acerca da crítica ao direito. Dada a gravidade da afirmação, é necessário realizar uma breve digressão a fim de explicar melhor o tipo de dano causado. E mais que o dano em si, a causa do dano é o interesse do que segue.

Por dano, entende-se o sufocamento da análise rigorosa, interna, do texto marxiano, a qual não sobrevive debaixo da monstruosa quantidade de entulhos interpretativos que se avolumam em certas decisões editoriais. *Tradução é traição*, reza o famoso ditado entre os tradutores profissionais, e se isso é certo, Marx não foi apenas traído, mas fortemente violentado pela edição. E nesse caso, não há saída, as editoras têm que responder pelas suas impropriedades. Aqui, vale aquilo que Walter Benjamin¹³⁵ chamou de “princípio da responsabilidade (econômica) do editor”, pois, em nome deste princípio, a crítica deve ter um “posicionamento correto em relação às condições de produção do mercado do livro”, portanto, “denunciando aqueles que editam maus livros” e aqueles, complete-se, que editam mal os livros “por esbanjarem o capital, já de si limitado, de que a produção do livro pode dispor”.¹³⁶ O caso analisado a seguir não é o único, mas é típico, considerando o nível da manipulação editorial sofrida pelo texto de Marx.

Até 2017, circulava no Brasil, pelo menos, duas traduções para o português de artigos de Marx publicados na *Gazeta Renana*: uma realizada por Celso Eidt¹³⁷, que publicou, em 1998, como anexo da sua dissertação de

¹³⁵ BENJAMIN, 2018, pp. 108-109.

¹³⁶ Para que a contundência de Benjamin (2018, p. 109) não seja compreendida pela metade, segue a conclusão do autor: “Trata-se, naturalmente, de atingir não o comerciante que todo editor também é – aquele que faz o seu negócio com maus livros, tal como outros comerciantes com maus produtos –, mas sim o idealista mal-informado, que, com o seu mecenato, apoia uma atividade altamente perigosa”.

¹³⁷ É preciso valorizar tanto o esforço individual envolvido nesta empreitada de Celso Eidt quanto as digitais intelectuais e orientadoras de Chasin neste projeto. Ao que tudo indica, havia certa diretriz para que o grupo de seus orientandos vertessem para o português os textos de Marx que eram mais importantes para as suas pesquisas. Outro bom exemplo desse esforço de grupo é a tradução de Monica Hallak (1999) dos *Manuscritos econômico-filosóficos*, publicados ao final da sua dissertação, intitulada *As categorias Lebensäußerung, Entäußerung, Entfremdung e Veräußerung nos Manuscritos Econômico-filosóficos de Karl Marx de 1844*.

mestrado¹³⁸, um conjunto dos artigos mais significativos dos tempos da *Gazeta Renana*¹³⁹; e outra, anterior, patrocinada pela editora L&PM, que circulava desde a década de 1980. Esta última trazia um artigo publicado por Marx na *Gazeta Renana*. A obra em questão, uma antologia de textos do autor sobre a temática que fornece título ao livro, *Liberdade de imprensa*, verteu para o português brasileiro o artigo intitulado “Die Verhandlungen des 6. Rheinischen Landtags. Erster Artikel: Debatten über Preßfreiheit und Publikation der Landständischen Verhandlungen”¹⁴⁰, além doutros textos de períodos posteriores. Em vista do volumoso legado literário de Marx referente a este período, essas traduções não poderiam ser mais que uma espécie de pontapé inicial para estudos e investigações acerca do pensamento de Marx naquele momento.

Em 2017, a Boitempo, editora que vem publicando as obras de Marx e Engels de modo recorrente, os autores contam com uma coleção própria dentro da organização editorial, resolveu publicar uma *nova*¹⁴¹ tradução de “Verhandlungen des 6. Rheinischen Landtags. Dritter Artikel: Debatten über das Holzdiebstahls-gesetz”¹⁴², conjunto de quatro artigos publicados entre 25 de outubro e 3 de novembro de 1842. No entanto, bem longe de significar contribuição aos estudos da obra marxiana no Brasil, a aludida publicação, intitulada *Os despossuídos*, serviu mais a interesses políticos que científicos, por assim dizer, e aqui, frise-se, sem recair na divisão weberiana entre ciência e política. O ponto é que a edição militou pelo embuste dos leitores e lacrou qualquer possibilidade de acesso rigoroso a textualidade marxiana, se se admite que a textualidade só pode ser acessada dentro de determinado contexto. Este foi inteiramente suprimido. A edição é promotora do engodo. Às provas, então.

¹³⁸ É significativo que o projeto encabeçado por José Chasin manifestasse o discernimento de que a descoberta ou renascimento de Marx no Brasil passaria necessariamente por um projeto de tradução e editorial.

¹³⁹ Cf. Eidt (1998).

¹⁴⁰ Em Eidt, “Debates sobre a Liberdade de Imprensa e a Publicação das Discussões da Dieta”; na edição da L&PM, cuja tradução ficou sob a responsabilidade de Cláudia Schilling e José Fonseca, “Debates sobre a Liberdade de Imprensa e comunicação”.

¹⁴¹ Posto que já constava na seleção de textos traduzidos e publicados por Eidt nos anexos de sua dissertação. O destaque é necessário em vista do esquecimento da própria editora, que se equivoca ao afirmar que os artigos sobre o furto da lenha estavam “até agora inéditos em português” (EDITORA, 2017, p. 8).

¹⁴² Em Eidt, “Debates Acerca da Lei Sobre o Furto de Lenha”; pela Boitempo, na tradução de Nélcio Schneider, “Debates sobre a lei referente ao Furto de madeira”.

Começa-se por destacar que a publicação da obra *Os despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira*¹⁴³, patrocinada pela Boitempo, faz parte de um enorme, ainda que insuficiente, projeto editorial, chamado *coleção Marx-Engels*. A referida obra é o vigésimo primeiro título dessa coleção, que, atualmente, conta com 30 títulos dos autores.¹⁴⁴ A mencionada *coleção*, lê-se numa nota da edição dos *Grundrisse*, ocorre “no marco de um ambicioso projeto da Boitempo”, a saber: “traduzir o legado de Marx e Engels, contando com o auxílio de especialistas renomados e sempre com base nas obras originais”¹⁴⁵. O confronto desta nota da edição com aquela que acompanha a publicação de *Os despossuídos* faz notar um explícito rebaixamento “no marco” do “ambicioso projeto da Boitempo”, posto que, na nota da edição mais recente, a promessa “de traduzir o legado de Marx e Engels” cede lugar à descrição do projeto da *coleção Marx-Engels* como aquele “que desde 1995 vem publicando [...] os trabalhos **mais importantes** dos filósofos alemães”¹⁴⁶. É inegável que todo grande autor possui o corpo de suas obras mais importantes, seu cânon, isso é natural, contudo, o ponto é que “o legado de Marx e Engels” não se resume aos ditos “trabalhos mais importantes” dos autores, o esforço investigativo deve caminhar para além dos “trabalhos mais importantes”. Afinal, tome-se Márcio Bilharinho Naves, cujo althusserianismo é bastante acentuado, um dos mais renomados pesquisadores da crítica marxista ao direito no Brasil, como parâmetro editorial para o estudo de Marx e Engels, por exemplo, e dificilmente se verteria para o nosso idioma qualquer escrito de Marx anterior a 1846, por exemplo. Vê-se, portanto, que a publicação de *Os despossuídos* ocorre no contexto de rebaixamento do projeto inicial da editora. O próprio título da obra demonstra isso, pois, nele, Bensaïd é mais importante, é o principal, embora o livro circule como sendo da autoria de Marx. Quem escreveu um livro sobre *os despossuídos* não foi o alemão, mas o francês.

Ainda referindo a nota da edição dos *Grundrisse*, percebe-se que rigor e respeito ao texto eram metas perseguidas pela editora, que, “no intuito de **respeitar o texto tal como foi escrito**, e atentando para o fato de tratar-se de um manuscrito”, reproduziu, no caso dos *Grundrisse*, “com o máximo de fidelidade

¹⁴³ MARX, 2017.

¹⁴⁴ Pesquisa realizada em outubro/2022.

¹⁴⁵ EDITORA, 2011, p. 8.

¹⁴⁶ EDITORA, 2017, p. 8, grifo nosso.

possível a sintaxe do alemão, a despeito das diferenças substantivas dos dois idiomas¹⁴⁷. O rigorismo da editora, refletido, neste exemplo particular, no cuidado com a sintaxe alemã, que no caso de alguns textos e idiomas muitas vezes sequer é recomendável, desaparece na publicação do artigo sobre o roubo de lenha, que não foi publicado tal como foi escrito. A começar pelo seu título, que não foi aquele dado por Marx. Da capa à contracapa, o “intuito de respeitar o texto tal como foi escrito” não esteve presente na aludida publicação. O título dado pela Boitempo, *Os despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira*, é um engodo, uma impropriedade, como se disse acima. E a ponta desse fio é a obra de Daniel Bensaïd, *Os despossuídos*. A obra brasileira, embora tenha por inspiração o livro *Les dépossédés: Karl Marx, les voleurs de bois et le droit des pauvres*, como revela a própria nota da editora¹⁴⁸, teria a enorme vantagem de trazer não somente alguns trechos do artigo de Marx, como é o caso da edição francesa, mas a sua integralidade, traduzido diretamente do alemão. O suposto mérito de ter possibilitado que a integralidade do texto marxiano pudesse circular por um público leitor mais amplo é obnubilado, entretanto, pelo ardil editorial: na edição francesa, fonte de inspiração da brasileira – e é bem mais que fonte de inspiração, pois fornece toda direção da edição da Boitempo –, o livro circula como sendo de Daniel Bensaïd, trazendo como anexo trechos, excertos do artigo de Marx. Neste caso, pode-se discordar da interpretação dada por Bensaïd ao texto marxiano, mas não é possível acusar a editora francesa do equívoco de ter confundido a autoria da obra. A autoria mudou assim que chegou ao Brasil, sem, contudo, ocorrer qualquer transubstanciação, isto é, o conteúdo da obra permanece exatamente o mesmo da obra original francesa. No Brasil, Bensaïd anda, nesta edição, disfarçado de Marx. Ora, o fato de ter traduzido o artigo inteiro, modificaria substancialmente a edição? Tanto não muda que a própria *Boitempo* repetiu o título da edição original francesa.¹⁴⁹

¹⁴⁷ EDITORA, 2011, p. 8, grifo nosso.

¹⁴⁸ EDITORA, 2017, p. 8.

¹⁴⁹ Sabendo da impossibilidade de aprofundar a discussão acerca da relação entre obra e autoria, apenas se salienta que uma espécie de rivalidade entre autor e editor não é nova, na verdade, está na origem do surgimento daquilo que se convencionou chamar nos estudos especializados de “função autor”. Roger Chartier, ao criticar Foucault, é bastante claro quando afirma que “contrariamente ao que [Foucault] podia pensar, que não é tanto em função de uma definição particular da propriedade burguesa que nasce uma definição da propriedade literária, mas, ao contrário, se esta propriedade literária é uma das formas fundamentais de sustentação da

A confusão, então, está feita. Mas a intenção é clara: fazer de Marx um defensor das classes oprimidas e dos direitos dessas classes de despossuídos. O engodo politicista e, pode-se dizer, juridicista – que não passa sem uma certa defesa do direito, sobre o qual se trata mais detidamente à frente nesta tese – é explicitado no final da nota da editora, onde se pode ler que “é no espírito desse jovem Marx que as classes menos favorecidas continuam encontrando **um advogado** à altura de suas grandes causas”¹⁵⁰. Não pode passar despercebido o fato de Marx ter dedicado inúmeras linhas de seus escritos para a crítica dos juristas.¹⁵¹ Seria preciso perguntar o que são exatamente essas *classes menos favorecidas*? Uma vez mais faz-se uso da lição de Benjamin, o qual afirma, no “Programa da crítica literária (1929-1930)”, que “a estratégia política só nos casos mais destacados corresponde a uma estratégia crítica”¹⁵², e esse não parece ser o caso. Pode-se dizer que isso vale não apenas para a crítica literária, que era o foco do autor, pois a publicação de *Os despossuídos* ilustra bem o caso em que a estratégia política não apenas se distancia da estratégia crítica, mas joga contra, nesse caso, a crítica ao direito e ao devido entendimento da posição de Marx, servindo, dessa maneira, ao engano.

Como uma publicação que se pretende rigorosa não seguiu as melhores práticas das edições histórico-críticas e perdeu a oportunidade de trazer à luz a totalidade dos textos da *Gazeta Renana*? A sua publicação, sob a única companhia do texto de Daniel Bensaïd, prejudica bastante a análise e acaba induzindo o público, tanto o mais amplo como aquele mais restrito dos círculos de estudo e pesquisa, a certa *presentificação* do texto e, por conseguinte, da posição do autor, o qual deixa de ser objeto de estudo, fim em si, e passa a meio para justificar certas posições políticas atuais, como a que encara o direito enquanto ferramenta de transformação social, por exemplo. Mesmo Marx quando se põe a recordar este período e, especificamente, o mencionado artigo, no prefácio de 1859, em *Contribuição à crítica da economia política*, não o toma como um momento em que

construção de uma ‘função autor, e nisso ele tem toda razão, é no interior da defesa do direito do livreiro editor, não do autor, que ela se afirma” (CHARTIER, 2014, p. 42).

¹⁵⁰ EDITORA, 2017, p. 9, grifo nosso.

¹⁵¹ Nesse sentido, cf. Sartori (2020). O que poderia passar como mera força de expressão, afirmar que Marx teria se colocado como *advogado das classes menos favorecidas*, é, na verdade, o fio condutor da aludida edição brasileira.

¹⁵² BENJAMIN, 2018, p. 107.

advogara em favor dos menos favorecidos. Naquele momento, definitivamente, não se tratava disso, tanto que o destaque do alemão é direcionado para a economia e para os interesses materiais. Em 1842/43, escreve Marx, “como editor do *Rheinische Zeitung*, estive pela primeira vez na **situação embaraçosa** de ter que tomar parte na discussão sobre os assim chamados interesses materiais”¹⁵³. Entre 1842-43, a dúvida passava a dominar a mente de Marx. E a dúvida se deve justamente a uma situação na qual as antigas respostas já não comportam os problemas enfrentados – os “interesses materiais” e “questões econômicas” – ¹⁵⁴, mas ainda não há uma nova resposta à vista. Por isso, constitui, aí sim, um obstáculo à devida compreensão do ator o fato de descontextualizar, isolando o texto sobre o furto de lenha, retirando-o do movimento interno do pensamento ao qual faz parte e de suas preocupações. É preciso compreender esse momento da produção marxiana nos seus próprios termos, ou seja, como “situação embaraçosa”. Uma edição rigorosa poderia ter trabalhado na direção de resguardar e apreender o movimento daquele pensamento, o qual, naquele instante, se encontrava em uma situação de embaraço e dúvida, tanto que poucos meses depois da publicação do aludido artigo Marx se retira para o “gabinete de estudo”, em Kreuznach.

Em passagem pouco trabalhada do famoso prefácio de 1859, Marx acentua “a situação embaraçosa” que caracterizava o período final dos seus trabalhos na *Gazeta Renana*, pois, assim recorda o autor, “no momento em que a boa vontade de ‘avançar’ muitas vezes compensava o conhecimento da matéria, um Eco de fraco colorido filosófico do socialismo e do comunismo francês se fez ouvir na ‘*Rheinische Zeitung*’”, e diante disso, continua, “declarei-me contra essa trapalhada”, posição bastante diversa do *advogado das classes menos favorecidas*¹⁵⁵. Eis que Marx completa: “mas ao mesmo tempo confessei [...] que

¹⁵³ MARX; ENGELS, 1961, p. 7, tradução nossa, grifo nosso.

¹⁵⁴ Ainda no prefácio de 1859, Marx elenca a série de problemas enfrentados à época, os quais colocaram-lhe na “situação embaraçosa de ter que tomar parte na discussão”, como é próprio da atividade jornalística, mesmo quando estava dominado pela dúvida: “As negociações da Dieta renana sobre o furto de lenha e o parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que Herr von Schaper, então presidente da Província do Reno, abriu com o ‘*Rheinische Zeitung*’ sobre as condições dos camponeses de Mosela, debates finalmente sobre o livre comércio e tarifas protecionistas, proporcionaram os primeiros motivos para minha preocupação com questões econômicas” (MARX; ENGELS, 1961, p. 7, tradução nossa).

¹⁵⁵ Um dado menor, percebido por Heinrich (2018, p. 128), mas que merece menção, ainda que seja encarado como mera curiosidade, foi o fato de Marx, na sua famosa redação escolar sobre a

meus estudos até aquele momento não me permitiam arriscar qualquer julgamento sobre o conteúdo das próprias orientações francesas”.¹⁵⁶ Marx se referia nesta passagem, precisamente, à chamada polêmica sobre o comunismo, da qual se tratará adiante. Aproveitando o clima de incerteza e a necessidade de estudar mais profundamente as questões, potenciado pela “ilusão dos gerentes da *Gazeta Renana* que acreditavam poder reverter a sentença de morte” do periódico “por meio da posição mais fraca assumida”, Marx se retira da “cena pública” e segue para seu *Studierstube*, em provável alusão ao laboratório do *Fausto* de Goethe.¹⁵⁷

Portanto, mais que advogar em prol das “classes menos favorecidas”, dos chamados “despossuídos”, Marx nesses textos é confrontado pelas *ökonomischen Fragen*, pelos *materielle Interessen* e, também, pelo *Echo des französischen Sozialismus und Kommunismus*¹⁵⁸.¹⁵⁹ De nenhum modo é possível caracterizar os posicionamentos do autor como a de um advogado dos oprimidos. O papel de Marx é outro. Ele não atua *como advogado*, profissão que já abandonara nos anos acadêmicos, mas tratava-se de atuar *als Redakteur*. Essa discussão enseja a oportunidade, que mais a frente será encarada na profundidade devida, de verificar a posição secundária do direito no pensamento de Marx, sendo possível afirmar que uma atuação na imprensa é, potencialmente, mais significativa para a crítica da sociedade então existente que qualquer atuação no terreno do direito.

escolha da profissão, ter referido algumas profissões, as mais elevadas, e não ter, para o desconsolo dos juristas críticos, citado a advocacia, e sim “um famoso erudito, um grande sábio, um excelente poeta” (MARX, 2018, p. 424). Marx também não refere profissões mais ligadas à política e ao Estado.

¹⁵⁶ “Por outro lado, naquela época em que a boa vontade de “continuar” muitas vezes superava a perícia, um eco fracamente filosófico do socialismo e do comunismo franceses se fez ouvir no ‘Rheinische Zeitung’. Declarei-me contra esta trapalhada, mas ao mesmo tempo confessei, numa polêmica com o Allgemeine Augsburger Zeitung, que os meus estudos até agora não me permitiam arriscar qualquer juízo sobre o conteúdo das orientações francesas” (MARX; ENGELS, 1961, p. 8, tradução nossa).

¹⁵⁷ “Em vez disso, agarrei avidamente a ilusão dos gerentes da *Gazeta Renana*, que acreditavam que poderiam desfazer a sentença de morte imposta por meio da atitude mais fraca do jornal, a fim de retirar-se do palco público para o gabinete de estudo” (MARX; ENGELS, 1961, p. 8, tradução nossa).

¹⁵⁸ MARX; ENGELS, 1961, pp. 7-8, tradução nossa.

¹⁵⁹ “As negociações da Dieta renana sobre o furto de madeira e o parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que Herr von Schaper, então presidente superior da província do Reno, abriu com o *Gazeta Renana* sobre as condições dos camponeses de Mosela e, finalmente, debates sobre livre comércio e tarifas protecionistas, deram-me a primeira ocasião para a preocupação com questões econômicas” (MARX; ENGELS, 1961, pp. 7-8, tradução nossa).

Quanto à publicação do artigo de Marx sobre o furto da lenha pela editora Boitempo, parece que a “influência” francesa sobrepujou o rigor filológico e foi na realidade muito mais que mera inspiração. A interpretação de Bensaïd foi mesmo eleita a lente pela qual o artigo de Marx deveria ser lido. Vire-se e revire-se essa obra, da capa a contracapa, passando pela orelha assinada pelo professor Pazello, pelo texto de apresentação de Bensaïd e pela nota da editora, não se encontra uma linha sequer que não conduza à entusiasmada conclusão da atualidade – a presentificação é patente – da análise de Marx no artigo sobre a lei que pune como furto a retirada da lenha em terras, até então, comunais, as quais se encontravam naquele momento em vias de sua apropriação privada, o modo como se dará essa privatização das terras comunais pelas codificações liberais será motivo de crítica de Marx. Concordar com a argumentação e com a posição de Marx naquele texto não é, em si, o problema, o dano é justamente causado pela edição quando essa ergue barreiras diante do valor preciso daquele texto no itinerário de Marx, impede, por isso, o verdadeiro acesso ao texto e, portanto, ao pensamento do autor. O pensamento marxiano por suas próprias forças superou o cerne daquela posição, que, como se viu, era bastante incerta e imprecisa para o próprio autor, e por isso constituía uma situação embaraçosa. A posição defendida naqueles artigos publicados no periódico renano, que encarara o direito e o Estado como algo positivo, seria paulatinamente abandonada ao longo dos anos de 1843 e 1844, como restará comprovado nesta tese.

Como se procurará demonstrar, fazendo prova nos textos, Marx nesse período apenas tangencia os chamados interesses materiais e as questões econômicas, ao passo que sua posição em relação ao comunismo e ao socialismo, na chamada *Polemik über den Kommunismus*, como exposta em um artigo da própria *Gazeta Renana*, é mais próxima daquela “situação embaraçosa”, dado que o próprio autor afirmava não conhecer a fundo essas tendências, embora fosse, também, bastante enfático na necessidade de estudá-las com o cuidado devido, pois constituíam problemas atuais. Na *Gazeta Renana*, Marx abordou diretamente a chamada polêmica sobre o comunismo no nº 289, de 16 de outubro de 1842, em polêmica contra o periódico *Augsburger Allgemeine Zeitung*¹⁶⁰, polêmica que foi

¹⁶⁰ Cf. Marx e Engels (1975, pp. 237-240, tradução nossa).

perfeitamente recordada no prefácio de 1859. Marx ainda voltou a tratar rapidamente do assunto, em uma curta nota editorial, intitulada *Zur Polemik über den Kommunismus - Bemerkung der Redaktion der "Rheinischen Zeitung"*, no nº 296, de 23 de outubro de 1842¹⁶¹. Ambos os textos sem tradução para o português brasileiro.

Talvez não sirva aos interesses políticos publicar escritos de Marx em que o autor coloca em dúvida o socialismo e o comunismo então existentes, bem como suas principais figuras. Mesmo sabendo que a investigação sobre a posição de Marx frente ao comunismo não constitui o cerne da presente tese, é importante colocar à prova a memória de Marx quando encarou em retrospectiva sua trajetória no prefácio de 1859. E nesse caso, *Mnemósine* não falhou. Na polêmica com *Augsburger Allgemeine Zeitung*, Marx é bastante explícito quanto a necessidade de não fazer, por assim dizer, vista grossa ao pensamento comunista, que se desenvolvia na Inglaterra e na França, ou, nos seus próprios termos, que o "Método da Frase" não resolveria os problemas reais – pode-se dizer que um dos aspectos da chamada miséria alemã era justamente a tentativa de solução dos problemas por uma espécie de fraseologia, essa era, dentre outras, uma das características da ideologia alemã –, e o comunismo constitui "um problema atual" e, então, consciente de não possuir, nem ele nem os demais na Alemanha, "a arte de dominar com uma frase problemas cujas soluções trabalham dois povos"¹⁶², seria preciso "levar a sério esses estudos teóricos" e compreender que "obras como as de Leroux, Considerant e, acima de tudo, o livro contundente de Proudhon não podem ser criticadas por se deixar levar por ocorrências superficiais do momento, mas depois de um estudo longo e profundo"¹⁶³. Cerca de cinco anos depois dessa afirmação, Marx publicava uma de suas obras seminais *Miséria da filosofia*¹⁶⁴, uma crítica detida a Proudhon, após "um estudo longo e profundo". Percebe-se, aqui, a importância, na análise da obra do autor, de se manter os olhos voltados para o seu itinerário, pois, ao invés de surgir inúmeros autores e leituras, aparece ao investigador apenas um autor, Marx, em seu processo de desenvolvimento. Em 1842, Marx já havia apontado a necessidade de uma análise mais detida de

¹⁶¹ Cf. Marx e Engels (1975, pp. 241-242, tradução nossa.).

¹⁶² MARX; ENGELS, 1975, p. 245, tradução nossa.

¹⁶³ MARX; ENGELS, 1975, p. 238, tradução nossa.

¹⁶⁴ MARX, 2017.

Proudhon; ainda no período da *Gazeta Renana*, encontra-se na sua correspondência o esboço de um projeto de crítica a Hegel; esboço que se encontra sumariado em seus cadernos de anotações, como se verá adiante.

A crítica aqui se volta, sobretudo, àqueles alemães que pretendiam transplantar as ideias francesas e inglesas para o caso alemão. E a chamada miséria alemã, atraso germânico em relação aos ingleses e franceses, foi um peso que recaiu sobre os ombros de gigantes, como Goethe e Hegel, os quais, segundo Lukács, só conseguiram ser “ora colossais, ora mesquinhos”¹⁶⁵. Ainda segundo Lukács, o caráter trágico do atraso econômico alemão na obra de Hegel pode ser identificado no fato de que para chegar ao seu sistema ele teve que renunciar à revolução democrática¹⁶⁶. Ao que tudo indica, Lukács parece seguir bastante de perto a análise de Engels em seu *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*:

As necessidades internas do sistema são suficientes para explicar a geração de uma conclusão política muito domesticada por meio de um método de pensamento revolucionário até a medula. A forma específica dessa conclusão decorre, contudo, do fato de que Hegel era alemão e, como seu contemporâneo Goethe, pendurou atrás de si um pedaço de trança filisteia. Goethe e Hegel eram, cada um em seu próprio campo, um Zeus olímpico, mas ambos nunca se livraram do filisteu alemão¹⁶⁷.

É preciso considerar, na análise dos escritos desse período, o peso negativo exercido pela miséria alemã sobre os autores. Nos seus escritos, percebe-se, ora mais, ora menos, espécie de luta para superar essa miséria material e ideal. Marx teve que sair da Alemanha para tentar fugir do destino de ser “ora colossal, ora mesquinho”. Esse é precisamente o significado da sua demissão da *Gazeta Renana*, autoexílio motivado pela censura crescente. Marx parece ter sentido essa espécie de mal-estar que só o atraso é capaz de causar, justamente revelada na sua desconfiança com os ditos liberais e com as teorias socialistas e comunistas importadas da França e da Inglaterra, mais um caso, quem sabe, de *ideias fora do lugar*. Marx tinha dúvidas com relação ao socialismo e ao comunismo, além disso, os liberais de seu tempo e seus conterrâneos

¹⁶⁵ LUKÁCS, 2018, p. 147.

¹⁶⁶ LUKÁCS, 2018, p. 146.

¹⁶⁷ ENGELS, 2020, p. 28, tradução nossa.

também não o convenciam, como o próprio autor expõe quando analisa a defesa pouco consistente da liberdade de imprensa feita pelos liberais e quando analisa o processo de posituação das leis comunais realizadas, também, pelos liberais na passagem do feudalismo à modernidade, do direito dos estamentos, privilégios, ao direito humano. Marx acusa a legislação liberal de ter positivado apenas parte do então direito consuetudinário relativo à posse da propriedade fundiária, tema que será discutido nos próximos capítulos. Mas a prova do mal-estar de Marx, do seu incômodo com o atraso alemão, manifesta-se na crítica do jovem redator da *Gazeta Renana* à fraseologia de parte da chamada esquerda hegeliana e da ala mais conservadora, o que Marx rotulou de *Método da Frase*. Não se pode esquecer que a crítica de Marx nos anos ulteriores à sua saída da *Gazeta Renana* se volta, sobretudo, não aos conservadores, à direita, mas aos intelectuais mais radicais da Alemanha.

Na polêmica sobre o comunismo, a compreensão manifesta por Marx do risco de aderir ao ideário de fora – importado da Inglaterra e da França – é tão patente que ele chega a interpelar em tom irônico o periódico de Augsburg, depois deste acusar a *Gazeta Renana* de comunismo: “você não teria percebido o surpreendente fato de que os princípios comunistas na Alemanha não são divulgados pelos liberais, mas por seus amigos reacionários?”¹⁶⁸. E continua:

Quem fala em corporações artesanais? O reacionário. [...] Quem está polemizando contra o parcelamento? Os reacionários. Em um panfleto feudal publicado recentemente (Kosegarten on Parcelization), chegou-se ao ponto de chamar a propriedade privada de um privilégio. Esse é o princípio de Fourier. Depois de concordar com os princípios, não é possível discutir sobre as consequências e a aplicação?¹⁶⁹

A consciência do descompasso alemão atua na “situação de embaraço” e é sobrelevada na nota editorial publicada na *Gazeta Renana* no nº 296, de 23 de outubro de 1842, ainda não vertida para o português, talvez, por não constar na edição alemã das obras de Marx e Engels, chamada *Werke*, e por isso, também, não aparece traduzida no *Escritos de juventud*, da editora *Fondo de Cultura*, a famosa tradução de Wenceslao Roces. A aludida nota, que, como contam os

¹⁶⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 239, tradução nossa.

¹⁶⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 240, tradução nossa.

editores da MEGA, foi provavelmente redigida pelo próprio Marx, tendo em vista as inúmeras semelhanças com seu artigo anterior, sintetiza a questão do seguinte modo:

Somos liberais contra todos, e isso é mais do que as massas podem dizer de algum liberalismo até agora. Mas já dissemos que o comunismo não pode encontrar uma base conosco, mas que é um fenômeno natural na França e na Inglaterra. Por fim, acrescentamos que não tínhamos nada contra os esforços comunistas na Alemanha, mas nos declaramos decididamente contra qualquer confraternização clubista do tipo em que se diz ter surgido na Silésia. As ideias liberais ainda não estão tão firmemente enraizadas em nós, ainda não progrediram tanto que nem todo esforço deva ser cuidadosamente cultivado. Via de regra, porém, vemos muito pouco as folhas de um matiz andando de mãos dadas, sem considerar que o isolado nunca preenche todo o espaço, que um efeito global só pode ocorrer quando um se torna alternadamente portador e disseminador das ideias do outro¹⁷⁰.

Não custa referir que Marx voltou a abordar de maneira direta e mais detida a miséria alemã entre 1843 e 1844, especialmente no artigo publicado nos *Anais franco-alemães*, intitulado *Crítica da filosofia do direito de Hegel – introdução*. Na sua obra-prima inacabada *O capital*, encontra-se uma das sínteses mais famosas, porque brilhante, da miséria alemã. Em *O capital*, escreve Marx:

Além das misérias modernas, aflige-nos toda uma série de misérias herdadas, decorrentes da permanência vegetativa de modos de produção arcaicos e antiquados, com o seu séquito de relações sociais e políticas anacrônicas. Padecemos não apenas por causa dos vivos, mas também por causa dos mortos. Le mort saisit le vif! [O morto se apoderado vivo!]¹⁷¹

Também é preciso salientar que a posição de Marx com relação ao atraso alemão é encarada com o passar dos anos, a partir da crítica da economia política. Portanto, sobretudo, como um atraso econômico, na chamada infraestrutura, mas ele não deixa, obviamente, de abordar o atraso com relação às leis fabris, por exemplo, portanto, na superestrutura. Voltando à posição de Marx como redator da *Gazeta Renana*, pode-se considerar sua posição como reticente em relação às ideias comunistas e socialistas, naturais da Inglaterra e da França, e não da Alemanha, que sequer tinha um liberalismo bem formado e maduro,

¹⁷⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 242, tradução nossa.

¹⁷¹ MARX, 2013, p. 79.

portanto, bastante distante de uma posição que se aproxime daquela normalmente ocupada por um *advogado dos despossuídos*, independente do que isso queira dizer de fato. No entanto, como se afirmou anteriormente, Marx também não negava a necessidade de estudar a teoria dessas tendências como problemas atuais da sua época.

Marx, nos tempos da *Gazeta Renana*, conhecia economia política, ao que tudo indica, apenas indiretamente, via Hegel¹⁷². Como se verá adiante, os primeiros excertos e anotações de Marx de obras da chamada economia política datam de 1844, nos *Pariser Hefte*¹⁷³. O próprio Marx, no já citado prefácio de 1859, recorda os seus primeiros estudos da matéria. Nesse prefácio, quando o autor escreve que Engels, com seu “genial esboço sobre a crítica das categorias econômicas”, havia chegado ao “mesmo resultado”, referia-se que: “a anatomia da sociedade civil-burguesa deve ser buscada na economia política”¹⁷⁴. Inclusive, no tomo IV.2 da MEGA-2, pode-se ler as anotações, bastante sintéticas e esquemáticas, que Marx fizera do artigo de Engels publicado nos *Anais franco-alemães*¹⁷⁵. Segundo Lukács, Hegel:

não só detém, na Alemanha, a compreensão mais elevada e justa da essência da Revolução Francesa e do período napoleônico, como é, ao mesmo tempo, o único pensador alemão que analisou seriamente os problemas da Revolução Industrial na Inglaterra, ele foi o único a estabelecer uma conexão entre os problemas da economia inglesa clássica e os problemas da filosofia, ou seja, os problemas da dialética¹⁷⁶.

Pode-se dizer que Marx, sendo levado a opinar sobre interesses materiais e questões econômicas, naquele momento, entre 1842-1843, somente era capaz de fazê-lo nos marcos filosóficos do idealismo, aproveitando-se da porção de economia política que corria, principalmente, na solução hegeliana; sem

¹⁷² Sobre a relação da filosofia hegeliana com a economia política, cf. Müller (2011), além, por óbvio, do incontornável livro de Lukács (2018). De algum modo essa relação já havia sido explicitada, ainda que de maneira bastante diversa, em meados da década de 1840, em *Hegels Leben*, de Rosenkranz (1844), publicado em 1844, e nos chamados *Manuscritos econômico-filosóficos*, de Marx (2010), escritos também em 1844, os quais só vieram à luz na década de 1930.

¹⁷³ Cf. Marx; Engels (1981, pp. 281-579, tradução nossa).

¹⁷⁴ MARX; ENGELS, 1961, p. 8, tradução nossa.

¹⁷⁵ MARX; ENGELS, 1981, pp. 485-486, tradução nossa.

¹⁷⁶ LUKÁCS, 2018, p. 61.

esquecer que o próprio Kant também se apropriou da economia política inglesa.¹⁷⁷ Mas, como se sabe, essa porção era insuficiente, e Marx teve que se voltar diretamente para o estudo daquela matéria dedicada a desvendar a “anatomia da sociedade civil-burguesa”, a economia política. Nesse sentido, o ano de 1844 é fundamental, pois, para citar alguns, os primeiros excertos e notas sobre Jean-Baptiste Say, Adam Smith, David Ricardo e James Mill datam desse ano.

Considerando tudo que foi escrito até aqui nesta tese, aludir qualquer atualidade da análise de Marx no artigo sobre o furto de madeira é um completo *nonsense*, pois a referida edição brasileira do texto desconsidera as três críticas que, na verdade, conformam o pensamento do autor, a saber: a crítica do pensamento especulativo, a crítica da politicidade e a crítica da economia política, iniciadas no momento posterior à saída de Marx do periódico.¹⁷⁸ Aqueles que conhecem de modo mais detido os artigos publicados pelo autor nesse período não tardam a perceber que seria mais coerente e rigoroso, contribuindo, portanto, para a efetiva investigação da obra e do pensamento marxianos, publicar, se não a integralidade das intervenções jornalísticas de Marx naquele período, pelo menos o *corpus* mais significativo daqueles textos.

É possível levantar outros equívocos da *coleção Marx-Engels*, da editora Boitempo. O caso em que houve um deslocamento indevido do artigo intitulado *Crítica da filosofia do direito de Hegel – introdução*¹⁷⁹ para junto dos *Manuscritos de Kreuznach*, ou *Crítica da filosofia do direito de Hegel*¹⁸⁰, quando o mais rigoroso seria publicá-lo juntamente com *Sobre a questão judaica*¹⁸¹, já que ambos os textos foram publicados no mesmo volume da primeira e única edição dos *Anais franco-alemães*¹⁸², em 1844, no início da temporada parisiense do autor alemão. Também teria contribuído bastante para os estudiosos da obra marxiana se os rascunhos preparatórios à tese doutoral sobre as filosofias da natureza de

¹⁷⁷ Algo que poderia elucidar melhor a radicalidade e a inovação da crítica da economia política realizada por Marx seria uma investigação que tivesse como objeto o estudo comparativo dos diferentes modos pelos quais a filosofia alemã (Kant, Fichte, Schelling e Hegel) assimilou as descobertas da ciência inglesa e o modo como Marx lidou com essas mesmas descobertas nos marcos da sua crítica da economia política, podendo apoiar-se na crítica de Chasin ao tríplice amálgama.

¹⁷⁸ Cf. Chasin (2009).

¹⁷⁹ MARX, 2010, pp. 145-158.

¹⁸⁰ MARX, 2010.

¹⁸¹ MARX, 2010.

¹⁸² MARX; RUGE, 1970.

Demócrito e Epicuro¹⁸³ fossem, também, publicados quando da publicação desta obra no Brasil, como ocorreu, por exemplo, na edição portuguesa. No fundo, é preciso que a recepção da obra de Marx no Brasil alcance materiais valiosos, como os excertos e a correspondência do autor, os quais foram devidamente arrolados adiante.

Além da apresentação assinada por Daniel Bensaïd¹⁸⁴, importa também mencionar a contribuição do professor Ricardo Prestes Pazello, autor do suposto “belo texto de orelha que acompanha este volume” e que “contribuiu com a edição em questões referentes à terminologia”; sem esquecer que “também foram de grande auxílio em questões técnicas o professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro José Paulo Netto e o sociólogo franco-brasileiro Michael Löwy”¹⁸⁵. *Os despossuídos* é a marca do infortúnio editorial brasileiro, para o caso de Marx e Engels. Como se disse, a edição brasileira é mais do que simplesmente “influenciada” pela obra de Bensaïd, como alude a nota da editora, trata-se precisamente da exata linha interpretativa adotada pela obra francesa, adaptada à necessidade flagrante de presentificar a argumentação de Marx, especialmente a sua posição frente ao direito, profundamente valorizado, nesta edição, ao modo dos *insurgentes*. Um problema que acompanha a presentificação – decorre dela, inclusive – é o da falsificação do próprio pensamento desenvolvido pelo autor no texto da *Gazeta Renana*, mais uma mostra de selvageria interpretativa. Vejamos como isso se processa, citando o texto assinado por Pazello:

No atual estágio do capitalismo, em que os métodos de acumulação originária do capital se repristinam, ler o texto de Marx sobre o furto de madeira - acompanhado, aliás, do fundamental estudo de Daniel Bensaïd, que atualiza o debate sobre os despossuídos - é renovar a reflexão sobre a necessidade de se insurgir contra a sociedade capitalista e suas instituições, tais como o Estado e o direito.¹⁸⁶

Nos capítulos que seguem, ficará bastante claro o absurdo da afirmação final de Pazello, qual seja que o texto de Marx sobre o furto de madeira “[renova] a reflexão sobre a necessidade de se insurgir contra a sociedade capitalista e suas

¹⁸³ MARX, 2018.

¹⁸⁴ BENSAÏD, 2017, pp. 11-73.

¹⁸⁵ EDITORA, 2017, p. 9.

¹⁸⁶ PAZELLO, 2017.

instituições, tais como o Estado e o direito”. Na *Gazeta Renana*, tratava-se justamente de exigir um Estado e um direito racionais, dignos, pois, de tais nomes. Uma crítica do capitalismo, então, é francamente ausente nesse momento. É verdade que a distinção entre aparência e essência é o que faz a ciência ser necessária, caso contrário, seria supérflua, como o próprio Marx reconhece, assim como é verdade que o objeto tem prioridade ontológica na sua relação com o sujeito, nesse sentido a devida compreensão de um texto demanda um duplo compromisso do intérprete: primeiramente, ir além daquilo que lhe aparece, por isso, não se pode ler seja qual for o texto sem o seu contexto e sem considerar outros escritos do autor. Como se afirmou em linhas passadas, Marx é um autor que demanda do intérprete a devida compreensão do seu itinerário; a observação da sua evolução intelectual e comparação do modo como ele tratou certas temáticas ao longo dessa evolução é o melhor reagente químico para identificar a arquitetura categorial de seu pensamento. O segundo compromisso do intérprete é com a objetividade do texto, portanto, não retirar dele aquilo que ele mesmo não oferece. Em ambos os casos, excluída a má vontade e falta de honestidade do intérprete, é necessário certa destreza na leitura. E o artigo de Marx, de modo algum, conduz à “necessidade de se insurgir contra a sociedade capitalista e suas instituições, tais como o Estado e o direito”. Como se verá, repita-se, a saída ensaiada pelo jovem Marx nessa série de artigos é de reconciliação via suprassunção ao modo hegeliano, dos interesses privados, representados pelos proprietários fundiários, no Estado e no direito, figuras do interesse geral.

A falta do ferro, abundante nas fábricas inglesas, gerava, além do atraso material, a anemia teórica e política da Alemanha de Marx. A *miséria alemã*, até certo ponto, foi um muro que separou a geração dos jovens hegelianos¹⁸⁷ da possibilidade concreta de vislumbrar as saídas efetivas para a situação alemã: pode-se dizer que a *miséria alemã* cimentava o chão impedindo que se fosse à raiz

¹⁸⁷ As principais publicações dos chamados “jovens hegelianos” abrangem justamente o período acadêmico de Marx, em que pesem as controvérsias em torno da existência ou não de um grupo coeso que se reunia em torno da filosofia de Hegel (HEINRICH, 2018, pp. 315-42). É desse período também a fundação dos *Hallischen Jahrbücher für deutsche Wissenschaft und Kunst* [Anais de Halle de Ciência e Arte Alemãs], o “mais importante órgão de publicação para os chamados ‘jovens hegelianos’” (HEINRICH, 2018, pp. 315-6), cujo principal nome foi o de Arnold Ruge, seu fundador juntamente com Theodor Echtermeyer (HUNDT, 2012). Para citar apenas as publicações mais influentes desse “grupo”, temos: Strauss (2012), Feuerbach (1838; 1839; 1989), Cieszkowski (1838), Bauer (1838; 1840; 1841), Köppen (2003).

dos problemas, pois mesmo o pensamento mais radical alemão permanecia na superfície desses problemas, acreditando ainda ser capaz de solucioná-los pela *Phrase*. Não pode ser outra a determinação capaz de fornecer a liga àqueles autores, incluso Marx que reivindicava os seguintes pares como contradições importantes à realidade alemã: feudalidade *versus* modernidade; direito animal (feudal) *versus* direito humano; privilégio *versus* direito, interesse egoísta *versus* interesse geral, e para quem a propriedade ainda era sinônimo de propriedade agrária.

Quando Marx discute com Arnold Ruge, discussão registrada na correspondência do primeiro, entre 1843-1844, sobre o caráter político ou não da Alemanha, quando escreve os dois textos publicados nos *Anais franco-alemães, Crítica à filosofia do direito de Hegel – introdução e Sobre a questão judaica*, realizando a fundamental distinção entre emancipação política e emancipação humana, ou mesmo quando escreve as *Glosas marginais*¹⁸⁸, ainda em resposta a Arnold Ruge, o que estava em jogo era justamente alinhar o desenvolvimento alemão, “com o seu séquito de relações sociais e políticas anacrônicas”, onde se padece “não apenas por causa dos vivos, mas também por causa dos mortos” e “o morto se apoderado vivo”, com a História Mundial, com o desenvolvimento de Inglaterra e França. Dito de outro modo, estava por sua conta demonstrar a seus pares algo como a contemporaneidade da não-contemporaneidade da Alemanha, o atraso como parte normal e não como anomalia, para justamente sair do esquematismo de reivindicar um estado político e um direito racional para a Alemanha. A Alemanha já era política, mas não como o modelo lógico hegeliano almejava, conforme ao conceito. Marx abandonava progressivamente a busca pelo *Estado digno de tal nome*.

É preciso lembrar que apenas seis anos depois do período em que Marx se digladiava com os interesses privados na Alemanha *como redator* da *Gazeta Renana*, acreditando na *suprassunção* desses interesses na figura de um Estado racional e na positivação da liberdade nos códigos de leis, em 1848, a revolução da burguesia, até aquele momento ainda confundida com o *terceiro estado*, chegava a termo, e uma nova revolução surgia no horizonte, e como o próprio

¹⁸⁸ MARX, 2010, pp. 25-52.

Marx¹⁸⁹ sintetizara: “A revolução está morta! – Viva a revolução!”. Da carta ao pai, em 1837, ao *Manifesto do Partido Comunista*, publicado em 1848, são dez anos de diferença; tempo que não é capaz de dizer da distância de um e outro texto e da evolução ocorrida no pensamento do autor.

De volta ao caso típico de impropriedade editorial analisado aqui, diz-se que, na edição da Boitempo, tudo que é acessório – capa, contracapa, textos de orelha, nota da editora e texto de apresentação – se *insurge* contra o texto marxiano, toma-lhe o lugar. O texto de Marx no máximo constitui um anexo da obra do francês. Seria a inversão da história dos anões sobre os ombros do gigante. Então, pergunta-se: o texto de Marx, o que faz ali? Responda-se: fornece prestígio à editora. É o mal que se segue ao desconsiderar a própria autocrítica realizada por Marx nos anos posteriores a sua saída da *Gazeta Renana*.

Deixa-se como indicação às pesquisas futuras a realização de uma crítica mais abrangente das edições de Marx e Engels no Brasil. A edição da Boitempo não faz justiça às suas próprias intenções ambiciosas, rebaixadas ao longo do tempo, que, passava, sobretudo, pelo “rigor filológico”, animado pelo chamado projeto MEGA-2, ao qual, tudo indica, a editora pretendia seguir. A partir do caso aqui exposto, é inegável que o modo pelo qual as obras de Marx (e Engels) foram e, infelizmente, continuam sendo editadas no Brasil constitui verdadeira barreira à análise rigorosa e, também, ao intento de investigação da *determinação das origens do pensamento marxiano*, passo fundamental iniciado por Chasin e pelo grupo reunido sob sua orientação, mas ainda inconcluso. Por isso a necessidade de sumariar a produção marxiana do período a fim de fornecer aos estudiosos e estudiosas brasileiras as bases mínimas às pesquisas futuras, além de levantar a matéria-prima a partir da qual se realizou a presente investigação.

IV

Se se fizesse uma espécie de história das publicações do que se conhece como “obras escolhidas” de Marx, bem como das próprias publicações dos artigos jornalísticos do período de 1842-1843, ou seja, dos tempos da *Gazeta*

¹⁸⁹ MARX, 2012, p. 65.

Renana, essa história teria de passar pelo ano de 1851, quando o editor Hermann Becker, em contato direto com Marx¹⁹⁰, organiza o primeiro projeto das obras escolhidas [*Gesammelten Aufsätze*] do autor alemão¹⁹¹, informação que também é compartilhada por Bensaïd quando escreve o seguinte:

Em 1851, o futuro prefeito de Colônia, Hermann Becker, planejou uma reedição dos artigos de Marx publicados entre 1842 e 1851. Foi desse modo que o exemplar da *Gazeta Renana* com o artigo sobre o furto de madeira, corrigido de próprio punho para essa edição, pôde ser encontrado muito tempo depois nos arquivos municipais de Colônia¹⁹².

Segundo Franz Mehring, conhecido biógrafo de Marx, o plano era a veiculação em “dois volumes” que “deveriam ter sido publicados, cada um com quatrocentas páginas, e quem se arriscou a subscrever antes de 15 de maio deveria receber os volumes em dez brochuras”¹⁹³, contudo, apenas o primeiro caderno chegou às mãos dos leitores, justamente aquele que reunia os “artigos publicados na *Anekdotia* e na *Gazeta Renana* sobre a censura prussiana e os debates da Sexta Dieta”¹⁹⁴.¹⁹⁵ A partir dessa publicação, como destacou corretamente Bensaïd, é que se tomou conhecimento dos escritos de Marx para o periódico renano – tanto é que as publicações posteriores das obras de Marx, como a *Marx-Engels Werke* e a *Marx-Engels Collected Works*, tomam como base a

¹⁹⁰ No ano de 1851, contou-se, pelo menos, 12 correspondências entre Marx e H. Becker, todas concentradas entre janeiro e maio.

Correspondência ativa:

1. entre 29 de janeiro e 6 de fevereiro (MARX; ENGELS, 1984, p. 23);
2. 8 de fevereiro (MARX; ENGELS, 1984, p. 34);
3. 28 de fevereiro (MARX; ENGELS, 1984, p. 65);
4. 9 de abril (MARX; ENGELS, 1984, p. 91).

Correspondência Passiva:

5. 27 de janeiro (MARX; ENGELS, 1984, p. 300);
6. 3 de fevereiro (MARX; ENGELS, 1984, p. 303);
7. 1 de março (MARX; ENGELS, 1984, p. 322);
8. 3 de março (MARX; ENGELS, 1984, p. 326);
9. 16 de março (MARX; ENGELS, 1984, p. 334);
10. 5 de abril (MARX; ENGELS, 1984, p. 344);
11. 29 de abril (MARX; ENGELS, 1984, p. 368);
12. 7 de maio (MARX; ENGELS, 1984, p. 375)

¹⁹¹ Refere-se à seguinte obra: *Gesammelten Aufsätzen von Karl Marx*, cujo primeiro caderno – e não passou desse – foi publicado na cidade de Colônia, em 1851.

¹⁹² BENSÄID, 2017, p. 16.

¹⁹³ MEHRING, 2013, p. 213.

¹⁹⁴ RUBEL, 1991, p. 46.

¹⁹⁵ É possível conferir o fac-símile da capa do primeiro caderno organizado por Hermann Becker, publicado em Colônia em 1851, na edição alemã *Marx-Engels-Werke* (1981, p. 25).

edição de Hermann Becker¹⁹⁶ e, por isso, acabaram deixando de lado uma série de artigos e documentos que apenas aparecem na MEGA. Isso é importante na medida em que esta pesquisa procurou seguir os volumes já publicados da MEGA, que ampliara consideravelmente o *corpus* de nosso objeto, pois também em relação ao período da *Gazeta Renana* não tomou por base apenas a edição de Becker, mas um amplo material de arquivos, o qual passara por rigoroso estudo filológico. Por exemplo, na MEGA, aparecem textos que foram escritos por Marx, mas publicados com a assinatura dos editores.

A fim de retomar o fio da meada, após incursão, no tópico anterior, no complicado mundo do mercado editorial, segue o *Nachlass* dos anos iniciais da produção intelectual de Marx. A discussão desse tópico não procurou encaminhar proposta de periodização do desenvolvimento intelectual do autor alemão, projeto que, se realizado, deverá ser conduzido não por interesses externos, onde dominam as “hermenêuticas da imputação”¹⁹⁷, mas por forças extraídas do próprio texto de Marx. Os motivos desse cuidado são até certo ponto bastante simples de justificar: se as biografias tiveram pouco interesse por essa época da vida de Marx, algo que o projeto biográfico de Michael Heinrich vem encerrar e lançar novas bases¹⁹⁸, menor ainda foi o empenho da crítica, marxista e não marxista, em analisar a produção intelectual desses primeiros anos¹⁹⁹, afinal de contas, o “redescobrimto de Marx” parece longe de chegar ao fim (se é que há mesmo um fim), isso para o bem e para o mal. No Brasil, o redescobrimto de Marx envolve, como se disse acima, um projeto de tradução integral dos textos do autor alemão,

¹⁹⁶ É o que escreve o *Institut für Marxismus-Leninismus beim ZK der SED* na apresentação das Werke: “A reprodução do texto foi baseada na última edição. A partir disso, depreende-se que alguns dos artigos de Marx para o *Rheinische Zeitung*, anteriormente reproduzidos do mesmo, agora se apoiam no texto revisado por Marx para os ensaios coletados e publicados por Hermann Becker em 1850”.

¹⁹⁷ CHASIN, 2009.

¹⁹⁸ Ainda que o biógrafo valorize bastante o “perspectivismo” de Gadamer, marcado pela noção de “dar sentido”, isto é, que não há sentido pré-existente, mas que o intérprete cria um sentido. Apesar dessa concessão, revelada no texto do apêndice da obra, eu diria que a sua biografia mais contesta sua hermenêutica gadameriana que a fortalece.

¹⁹⁹ De modo ilustrativo, alguns dos textos que mais circulam entre os estudiosos brasileiros de Marx e que possuem como objeto central a análise dos escritos do chamado *jovem Marx*. Cf. Lukács (2007), Althusser (2015) e Löwy (2012), Márkus (1974) e Lapine (1983); para não referir apenas estrangeiros, cf. Giannotti (1985), Chasin (2009) e Frederico (2009). Para uma análise histórica da recepção do chamado jovem Marx, é fundamental o estudo do número da *Recherches Internationales à la lumière du marxisme* dedicado a *Sur le jeune Marx*, publicado em 1960.

que deve ser acompanhado de um projeto editorial robusto, algo ainda distante da situação atual.

A fim de organizar melhor o legado literário de Marx, inclusos os anos de 1833 e 1835, quando se registra a produção do seu primeiro poema, encontrado no caderno de Sophie Marx, e as redações escolares referentes às provas finais do ginásio alemão, respectivamente, sistematizou-se a sua produção intelectual correspondente aos anos de 1833 a 1844 do seguinte modo, a saber: **escritos do período colegial** (1830 – 1835), **escritos do período acadêmico** (1835 – 1841)²⁰⁰, **escritos dos tempos da *Gazeta Renana*** (1842 – 1843) e, por fim, **escritos inaugurais do pensamento marxiano** (1843 – 1844). Os escritos do último biênio são marcados pela crítica e autocrítica de certas posições do período anterior, quando o alemão realiza os primeiros esboços da crítica do pensamento especulativo, da politicidade e da economia política. Pretende-se identificar as alterações no posicionamento de Marx frente ao direito tendo em conta, portanto, o aludido período no qual o pensamento do autor passa por espécie de mutação, e, desse modo, apreender a gênese da sua crítica ao direito, e por gênese, destaque-se, não se entenda de modo algum pensamento plenamente desenvolvido.

No interior de cada período, seguiu-se, no que diz respeito ao tipo de material disponível, a estrutura formulada pela MEGA, isto é, obras, textos e cadernos preparatórios, correspondência, trechos de obras, além das experiências literárias do autor, que contemplam seus assim chamados escritos ficcionais. Ressalte-se que essa sistematização serve apenas para fins de organização temporal e do tipo de material disponível, portanto, não se deseja projetar nenhum corte epistemológico na produção ideal do autor, pois, como é possível observar em detalhes ao longo deste trabalho, o devir intelectual de Marx é marcado também de continuidades, melhor, de desenvolvimentos e aprofundamentos, nos

²⁰⁰ Alguns dados biográficos importantes desse período: Marx foi matriculado na terceira série do ginásio em Trier no inverno de 1830-1831; em 1832 e 1834, ele foi, respectivamente, condecorado em *línguas antigas e contemporâneas* e *alemão*. Depois de prestar os exames finais em agosto de 1835, Marx se forma em 27 de setembro deste mesmo ano. Ainda em 1835, em 17 de outubro, matricula-se na Universidade de Bonn, onde ficará até 22 de outubro de 1836, quando ingressa na Universidade de Berlim, onde permanece até 30 de março de 1841. Dias depois, em 6 de abril desse mesmo ano, ele enviou sua tese, obtendo o diploma de doutor sem demora, em 15 de abril, completando, desse modo, seus estudos acadêmicos.

quais mesmo as rupturas são impossíveis de fixar sem um olhar voltado à produção precedente, ou, mais uma vez recordando aquilo que dissera Antonio Candido²⁰¹, “o que somos é feito do que fomos, de modo que convém aceitar com serenidade o peso negativo das etapas vencidas”. E como destacam diversos estudiosos da obra marxiana, entre eles Marcello Musto, a autocrítica é inseparável da produção marxiana, característica que já foi suficientemente sobrelevada neste texto. Definitivamente, o pensamento marxiano não pode ser captado por uma fotografia, senão por uma sequência de fotografias a formar um filme, inacabado.

Fazem parte do primeiro conjunto de textos aquelas redações escolares redigidas ao longo do mês de agosto de 1835, voltadas aos exames finais do *Gymnasium*, bem como o seu primeiro poema, escrito em 1833, sobre Carlos Magno. Os trabalhos finais consistiram em três traduções, do alemão para o francês, do grego antigo para o alemão e do alemão para o latim, uma prova de matemática e três redações: de latim, de religião e de alemão. Essas redações, de onde se poderia pensar em extrair algo de autoral do estudante, não são muito úteis, no entanto. Pois, a redação em latim, “como destacado pelos editores da MEGA, [...] não foi muito diferente das análises dos colegas de classes”, tendo em vista que após comparar as redações de Marx com a dos demais colegas de classe se verificou que “os alunos reproduziam sobretudo aquilo que Loers ensinava em aula [...]”²⁰². Quanto à redação de tema religioso, “também aqui foram constatadas muitas semelhanças entre as redações, que provavelmente repetiam o que havia sido aprendido em classe”, portanto, conclui o biógrafo mais recente de Marx, “não é possível concluir, com base nessa redação, se o jovem Marx era cristão devoto nessa época ou não”²⁰³. Uma curiosidade é que nessa redação há uma visão negativa sobre Epicuro, o que mudaria mais à frente na sua tese doutoral.

Já na redação de alemão, a mais conhecida e comentada, alguns chegam a localizar nela o materialismo de Marx, no entanto, é preciso um pouco mais de atenção. Nesta redação, diz Heinrich, “percebe-se o esforço do jovem Karl, em termos tanto estilísticos como de conteúdo”²⁰⁴.²⁰⁵ O tema da redação, como

²⁰¹ CANDIDO, 2012, p. 21.

²⁰² HEINRICH, 2018, p. 121.

²⁰³ HEINRICH, 2018, pp. 121-122.

²⁰⁴ HEINRICH, 2018, p. 122.

²⁰⁵ Confirmando o que afirma Michael Heinrich, reproduz-se a avaliação do professor Hamacher, a qual Wyttenbach apenas assinou: “Muito bom. O ensaio é marcado por uma riqueza de pensamento

revela Michael Heinrich, foi muitas vezes tratado por Wyttenbach em seus discursos. Mas o editor da MEGA destaca que, embora o tema tivesse sido bastante trabalhado pelos professores de Marx, é possível supor, após comparar a redação de Marx àquelas dos seus colegas, que o jovem foi original em alguns pontos, indo além do que foi abordado nas aulas, portanto, do que foi ensinado como resposta correta: a perspectiva antropológica, menções à divindade, mais do que todos os colegas, sobre esse ponto, destaca o biógrafo, “o fato de Marx ter mencionado a 'divindade' tantas vezes e também ter se referido de maneira positiva à religião no fim da redação - sem que a temática dada realmente o exigisse - são fortes indícios de que ele ainda seria religioso nessa época”²⁰⁶. Desse último ponto, Michael Heinrich alude ao suposto deísmo de Marx. Sobre a relação de Marx com a religião nesses tempos, não é possível fincar bem o pé em nenhuma posição certa, contudo, é preciso ponderar a suposição do biógrafo com certa passagem de uma carta, escrita poucos meses depois da aludida redação escolar, entre 18 e 29 de novembro de 1835, de Heinrich Marx ao filho na qual o primeiro procura convencer o jovem da importância de Deus, cita-se:

Que você continue a ser moralmente bom, eu realmente não duvido. Mas um grande apoio para a Moral é a pura fé em Deus. Você sabe que eu sou tudo menos um fanático. Mas esta fé é uma exigência real do homem, mais cedo ou mais tarde, e há momentos na vida em que mesmo o ateu é involuntariamente atraído para a adoração do Altíssimo.²⁰⁷

Além disso, a humanidade é citada 6 vezes na redação, “o momento do 'aperfeiçoamento de si mesmo' foi um importante topos da elevada cultura burguesa da época”, mas “essa questão do enobrecimento de si mesmo estava presente em outras redações”²⁰⁸. O biógrafo de Marx destaca ainda que o jovem estudante alemão adotou posição destacada em relação à turma quanto ao suposto conflito entre *indivíduo* e *sociedade*, ele “é o único que contesta a

e uma narração bem sistematizada. Mas geralmente o autor aqui também cometeu um erro que lhe é peculiar - ele busca constantemente elaborar expressões pitorescas. Portanto, muitas passagens sublinhadas carecem da clareza e definição necessárias e, frequentemente, da precisão em expressões separadas, bem como em parágrafos inteiros” (MARX; ENGELS, 2010, p. 644, tradução nossa). Para a leitura das avaliações completas, cf. Marx; Engels (2010).

²⁰⁶ HEINRICH, 2018, p. 124.

²⁰⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 291, tradução nossa.

²⁰⁸ HEINRICH, 2018, p. 127.

existência de tal relação conflituosa, contestação que ele fundamenta com um argumento antropológico”²⁰⁹. Michael Heinrich também reflete sobre certo matiz de elitismo burguês na redação, “como fica claro pelo desejo de elevar-se como ser humano digno acima da multidão”, o jovem estudante “não questiona a hierarquia de classes posta, que não permite à maioria ter sequer um ofício 'digno'”; disso, o autor da recente biografia conclui: “ele quer contribuir para a prosperidade da humanidade dentro do mundo burguês e como membro de uma elite burguesa”²¹⁰. Não deveria causar surpresa a ninguém as conclusões de Michael Heinrich sobre a redação escolar de Marx.

“Nossas relações na sociedade já começam, até certo ponto, antes mesmo de estarmos em posição de determiná-las”²¹¹, escreveu Marx, e a recepção desta passagem da redação escolar parece ser um tanto mais delicada. A tentação parece ter sido grande demais, pois muitos autores viram nesta passagem um germe do futuro materialismo marxiano. No entanto, a solução do biógrafo também não pareceu a mais adequada. Sua explicação para a passagem supracitada é “que ela reflete as experiências do pai de Karl”, afinal, completa o biógrafo,

[...] este cresceu em condições materiais simples e como judeu, de modo que suas aspirações profissionais eram limitadas tanto material quanto legalmente. Heinrich Marx provavelmente conversou com seu filho sobre as condições restritivas de sua juventude, deixando ao mesmo tempo claro que ele, Karl, estava agora sujeito a restrições muito menores.²¹²

A suposição de Michael Heinrich é genérica e de difícil comprovação, afinal, a conversa suposta entre Marx e seu pai parece ser possível em qualquer relação entre pai e filho. Mais plausível seria supor que não é preciso ser muito materialista para chegar à conclusão de que se nasce em um mundo já existente no qual certas relações e circunstâncias preexistem, algo que também já era reconhecido pela visão de mundo esclarecida. Para não ir longe demais com esses textos escolares, é preciso, sobretudo, considerar:

²⁰⁹ HEINRICH, 2018, p. 127.

²¹⁰ HEINRICH, 2018, p. 128.

²¹¹ MARX, 2018, p. 422.

²¹² HEINRICH, 2018, p. 125.

[...] que eles não necessariamente reproduzem a opinião do jovem Karl. Pode-se presumir que, apesar dos temas específicos das redações não terem sido abordados em aula, pelo menos a temática geral o foi. Os professores, provavelmente, haviam deixado mais ou menos claro o que consideravam ser a perspectiva 'correta' para analisar os respectivos problemas.²¹³

Após concluir o *Gymnasium*, Marx inicia sua vida acadêmica. Em 17 de outubro de 1835, matriculou-se, devido a proximidade da sua cidade natal²¹⁴, Trier, na Universidade de Bonn, e assinou²¹⁵ a matrícula como “estudante de direito e contabilidade pública”²¹⁶. Em Bonn, Marx cursou o semestre de inverno, entre setembro de 1835 e março de 1836. Nos dois semestres de Bonn, Marx se matriculou nos seguintes cursos: no semestre de 1835/1836, na Faculdade de Direito, *Enciclopédia do direito*, com Eduard Puggé, *Instituições*, com Eduard Böcking, e *História do direito romano*, com Ferdinand Walter; na Faculdade de Filosofia, cursou *Mitologia dos gregos e romanos*, com F. G. Welcker, *História recente da arte*, com Eduard d’Alton, e *Questões acerca de Homero*, com A. W. von Schlegel; no semestre de 1836, ele cursou duas disciplinas na Faculdade de Direito, novamente com E. Puggé e F. Walter, respectivamente, *Direito internacional europeu e direito natural* e *História do direito alemão*; e na Faculdade de Filosofia, *Elegias de Propércio*, com o grande e renomado A. W. von Schlegel. Como se pode perceber, em Bonn, Marx dedicara-se às matérias jurídicas, bem como àquelas relativas às artes.

Em 22 de agosto, o jovem alemão deixa a Universidade de Bonn e segue rumo à Universidade de Berlim. Como conta Michael Heinrich, na Universidade de Berlim, a influência do idealismo alemão, do hegelianismo, especialmente, era notória. Sobre isso, diz o biógrafo: “quando Marx chegou a Berlim, em 1836, o hegelianismo era uma das tendências mais influentes na filosofia alemã, e Berlim era seu centro”²¹⁷. A transferência para Berlim parece fazer parte dos planos familiares desde o início, ao contrário do que se costumou dizer, isto é, que teria sido uma espécie de punição pelo mal comportamento em

²¹³ HEINRICH, 2018, p. 120.

²¹⁴ Sobre a escolha da Universidade de Bonn, cf. Heinrich (2018, p. 146).

²¹⁵ Assinara na matrícula Carl Heinrich Marx, nunca mais voltaria a assinar o segundo nome (HEINRICH, 2018, p. 150).

²¹⁶ HEINRICH, 2018, p. 146.

²¹⁷ HEINRICH, 2018, p. 184.

Bonn. O assunto da ida a Berlim, pelo contrário, é tratado com bastante naturalidade na correspondência do autor. “Eu não só concedo permissão ao meu filho Karl Marx, mas é minha vontade que ele entre na Universidade de Berlim no próximo período para continuar seus estudos de Direito e Cameralística, que ele iniciou em Bonn”, escreveu Heinrich Marx²¹⁸, em primeiro de julho de 1836. Antes disso, em uma carta de março desse mesmo ano, ele já falava o seguinte ao filho: “Eu vejo que você não está indo para nenhum ramo da história natural, e se a física e a química são tão mal ensinadas, você certamente fará melhor cursando essas matérias em Berlim”²¹⁹. Note-se, pois, que o assunto da sua transferência é tratado com naturalidade. Provavelmente, Marx já havia relatado ao pai que o ensino de física e química era insuficiente em Bonn.

Na Universidade de Berlim, das disciplinas cursadas neste período, sabe-se que, no semestre de 1836/1837, Marx cursou *Pandectas*, com Savigny, *Direito criminal*, com Eduard Gans, e *Antropologia*, com Henrik Steffens; no semestre de verão de 1837, cursou *Direito canônico*, *Processo civil alemão* e *Processo civil prussiano*, todos com o mesmo professor, August W. Heffeter. No semestre de inverno de 1837/1838, período em que Marx é atingido pela dolorosa morte de seu pai, ele se matriculou em um único curso na Faculdade de Direito. Já no semestre do verão de 1838, Marx cursou: *Direito fundiário na Prússia*, com Eduard Gans, *Lógica*, com Georg Andreas Gabler, e *Geografia geral*, com Carl Ritter; no seguinte, inverno de 1838-1839, ele frequentou um curso, *Direito das sucessões*, com Adolf August Friedrich Rudorff, aluno de Savigny. No verão de 1839, matriculou-se no *curso sobre Isaías*, com Bruno Bauer. E, por fim, no inverno de 1840-41, acompanhou o *curso sobre o poeta Eurípedes*, com Carl Eduard Geppert.

Considerando que Marx, durante o período acadêmico em Bonn e Berlim, concluiu 6 cursos jurídicos, dos 9 que fizera em Bonn, e outros 8 cursos na Faculdade de Direito, dos 12 que cursara em Berlim, totalizando 14 cursos ligados ao direito e 7 cursos divididos entre arte, filosofia e história, ou seja, 2/3 da sua formação acadêmica formal se fizera em matérias jurídicas, é necessário, portanto, no mínimo, relativizar a passagem do *Prefácio de 1859*, em que Marx,

²¹⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 299, tradução nossa.

²¹⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 293, tradução nossa.

recordando este período, escreve o seguinte: “Meu estudo profissional era o direito, o qual, no entanto, eu só operava como uma disciplina subordinada à filosofia e à história”²²⁰. O próprio Noberto Bobbio²²¹ se equivoca quando parece aludir certa falta de conhecimento da parte de Marx em matéria de teoria do direito. De outro lado, é complicado dar alguma credibilidade ao argumento de Roberto Lyra Filho²²² quando alude, tratando da crítica ao direito realizada por Marx, a certa indisposição psicológica do autor frente a matéria. Segundo Lyra, parte da indisposição do autor alemão em relação ao direito se deve à experiência ruim como acadêmico de Direito. Mas a documentação do período indica outro caminho, afinal, resulta que a formação de Marx em direito pode ser considerada sólida, como destaca Michael Heinrich, e que, ainda acompanhando o biógrafo, “os estudos filosóficos e históricos de Marx foram feitos sobretudo fora das salas de aula”²²³. A medir pela posição resolvida do autor nos artigos da *Gazeta Renana* com relação à *Escola Histórica do Direito* e à querela sobre a codificação do direito, bem como sobre o processo de positivação do direito consuetudinário relativo à propriedade na passagem da Idade Média para a modernidade, Marx não pode ser, de modo algum, caracterizado como ignorante na matéria. Podemos menos ainda reduzir a sua crítica a certa indisposição pessoal com o curso.

Agora, buscando dar um passo a mais em relação ao biógrafo, recordando a famoso *Carta ao pai de 1837*, na qual o jovem alemão relata que naquele ano “a poesia pôde [durfte] e houve de ser [sollte] apenas uma acompanhante”, pois, continua Marx, “eu tive que [mußte] estudar Jurisprudência e, acima de tudo, senti o ímpeto de lutar com a filosofia”, não parece que o autor tenha sido enganado pelo tempo no relato de 1859. O que parece ficar claro é que, apesar da sólida formação especializada em direito, os estudos nessa área foram quase sempre encarados como parte de uma obrigação profissional e, também, familiar. Em 1859, Marx deixa explicitado isto quando fala que o direito era seu *Fachstudium*, ao passo que na carta, escrita 22 anos antes, o tom da obrigação é fornecido pelo modal *müssen*, o qual antecedido pelos outros modais *dürfen* e *sollen* ganha ainda mais relevo. É possível considerar que na passagem acima

²²⁰ MARX; ENGELS, 1961, p. 7, tradução nossa.

²²¹ BOBBIO, 2001, p. 186.

²²² LYRA FILHO, 1983.

²²³ HEINRICH, 2018.

existe um paralelismo entre a poesia, o direito e a filosofia: a poesia como companhia, espécie de *Musa*; o direito como obrigação profissional; e a filosofia como uma necessidade mais profunda, ligada ao ímpeto.

Pensando nas três profissões citadas por Marx na sua redação escolar - erudito, sábio e poeta – parece que mesmo em 1837 o direito não ocupava o núcleo das suas preocupações mais profundas. E ao longo do período acadêmico de Marx nenhuma reviravolta aconteceu nesse sentido, o direito, como matéria de estudo e área profissional, ficou cada vez mais relegado a segundo plano, e a filosofia, por seu turno, ocupou um grau de importância crescente, logo superando, inclusive, as pretensões poético-literárias do jovem Marx. Não por acaso, em 15 de abril de 1841, Marx encerra sua passagem pela vida acadêmica doutorando-se em Filosofia, na Universidade de Jena. Muito se falou dos motivos que levaram Marx a concluir seu doutoramento em Jena e não em Berlim, como se esperava. Sobre isso, Michael Heinrich afasta a difundida versão segundo a qual Marx teria apresentado sua tese em Jena por conta da repressão e da censura crescentes em Berlim, isto é, que a perseguição aos hegelianos teria sido o grande motivo da escolha. Segundo o biógrafo, no entanto, a eleição obedeceu mais a critérios práticos que políticos, embora, acrescente-se, esses não estiveram ausentes. Cita-se Michael Heinrich:

[...] as taxas de inscrição para o doutoramento eram muito menores que em Berlim, e a situação financeira de Marx ainda não havia melhorado. As condições de exame na Universidade de Berlim também dificultariam seu trabalho: Marx teria de traduzir sua dissertação inteira para latim. A prova oral era feita, pelo menos em partes, em latim, o que exigiria bastante tempo de preparo.²²⁴

Não há dúvida que havia uma certa pressa por parte de Marx para obter o título de doutor, dentre outros motivos, porque esse título o habilitaria para o exercício da docência. Mas, além disso, as questões econômicas também estavam presentes, sem dúvida. Não são poucas as reclamações de Heinrich Marx com os gastos do filho, “suas contas, querido Karl, são à la Carl”, aludindo ao modo como a sua mãe o chamava, e continua o pai, “desconectadas e inconclusivas. Se elas tivessem sido mais curtas e precisas, e os números propriamente colocados em

²²⁴ HEINRICH, 2018, p. 394.

colunas, a operação teria sido muito simples. Espera-se ordem mesmo de um colegial e, ainda mais, de um advogado prático”²²⁵. Seu pai é ainda mais direto na carta seguinte, de 19 de março de 1836:

Caro Karl, repito que faço tudo com muita vontade, mas como pai de muitos filhos - e você sabe muito bem que não sou rico - não estou disposto a fazer mais do que o necessário para o seu bem-estar e progresso [...]. De modo algum digo isso para afligir você, longe disso, mas para deixar clara minha firme decisão para você de uma vez por todas.²²⁶

O relacionamento com Jenny, que tanto afligia Marx, motivo de inúmeras crises nervosas do autor, era, também, uma razão para a pressa, e isso foi exposto com clareza por seu pai em uma carta de 28 de dezembro de 1836, possivelmente respondendo missiva anterior e aflita de Marx. Nessa carta, Heinrich aconselhava: “nesse contexto, devo perguntar-lhe se você sabe quantos anos deve ter para ocupar um cargo acadêmico. É muito importante saber disso, pois o seu plano, penso eu, deve ter como objetivo alcançar tal posição o quanto antes, mesmo que seja em um grau mais baixo [...]”²²⁷.²²⁸ Como se pode perceber, muitas questões estavam em jogo quando Marx decide doutorar-se em Jena.

Desse período, chamado aqui de acadêmico, o qual se prolonga de 17 de outubro de 1835 até o doutoramento, em 15 de abril de 1841, o material produzido foi o seguinte: textos literários, produções acadêmicas (exertos de obras, anotações preparatórios para a tese e a própria tese) e correspondências. Os seus textos literários incluem duas coletâneas de poemas. A primeira coletânea, enviada a Jenny von Westphallen como presente de natal, é composta de três cadernos organizados em outubro/novembro de 1836; e a segunda coletânea, ainda maior que a anterior, foi endereçada ao seu pai em decorrência do sexagésimo aniversário do velho Heinrich. Além de inúmeros poemas, no caderno oferecido ao pai, havia ainda os fragmentos de *Escorpião e Félix*, um

²²⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 293, tradução nossa.

²²⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 296, tradução nossa.

²²⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 303, tradução nossa.

²²⁸ Ainda para outros detalhamentos, cf. Heinrich (2018, p. 393 e ss.). Seria muito cansativo referir todos os trechos da correspondência entre Marx e seu pai em que os temas das finanças, da carreira acadêmica e do seu relacionamento com Jenny são referidos. Mas o que foi dito até aqui é capaz de apreender com precisão o espírito daquele diálogo epistolar.

romance satírico inacabado, e trechos de *Oulanen*, um drama.²²⁹ Na MEGA-2, “também foi publicado o álbum de poesias organizado pela irmã de Karl, Sophie, que contém poemas de 1835 e 1836, assim como trechos de seu caderno de anotações”²³⁰. No Brasil, esse é um material praticamente inexplorado.

Toda produção literária de Marx está, portanto, concentrada nos primeiros dois anos acadêmicos, quando os planos de levar a vida como *Dichter* foi mais acalentado pelo autor e, também, por seu pai. Heinrich Marx, que não era absolutamente um *pai kafkiano*, como fica retido no epistolário preservado, compartilhou dos planos literários do filho, aconselhando-o acerca dos melhores meios de iniciar tal carreira. Depois da carta de 08 de novembro de 1835, em que Heinrich Marx censura a demora excessiva de Marx em enviar notícias de suas primeiras impressões em Bonn, quando chega a dizer o seguinte, “infelizmente, apenas confirma fortemente a minha opinião de que, apesar das suas ótimas qualidades, em seu coração predomina o egoísmo”, na missiva seguinte, provavelmente após resposta do filho, Heinrich Marx trata de acalmar os ânimos, o que acaba revelando um traço de seu caráter paterno, pois, diz ele ao filho, “você sabe que eu não me sustento pedantemente na minha autoridade”²³¹, antes de reconhecer o exagero que cometera na carta citada acima. Ao que tudo indica, Marx teria se aborrecido com a cobrança de seu pai e argumentado que ele mesmo recomendara que esperasse um tempo até enviar notícias suas, que aguardasse para escrever apenas “depois de [...] ter olhado um pouco mais ao seu redor”²³². No entanto, diz o pai, “como demorou tanto tempo, você deveria ter tomado minhas palavras menos literalmente, especialmente porque você sabe quão ansiosa e preocupada é sua boa mãe”²³³. No entanto, Heinrich Marx também não difere da maioria dos pais, quando se trata de projetar-se no filho, escreve ele:

Eu gostaria de ver em você o que eu poderia ter me tornado se tivesse chegado ao mundo com perspectivas igualmente favoráveis. Você pode cumprir ou destruir minhas melhores esperanças. Pode ser injusto e imprudente construir as melhores esperanças em alguém e, assim, talvez

²²⁹ Ambos os textos foram recentemente vertidos para o português brasileiro, cf. Marx (2018).

²³⁰ HEINRICH, 2018, p. 212.

²³¹ MARX; ENGELS, 1975, pp. 290-292, tradução nossa.

²³² MARX; ENGELS, 1975, pp. 290-292, tradução nossa.

²³³ MARX; ENGELS, 1975, pp. 290-292, tradução nossa.

minar sua própria tranquilidade. Mas quem mais, a não ser a natureza, é o culpado se os homens que não são tão fracos são pais fracos?²³⁴

A escolha do curso de Direito certamente passou pelo crivo paterno, embora, nas cartas, não apareça nenhum indício de imposição. Há inúmeras passagens nas correspondências onde se pode perceber a preocupação paterna com a qualidade e a orientação da produção poética do jovem filho. Heinrich Marx, como fica evidente na carta de março de 1836, também o estimulava nessa área, compartilhando com ele os planos e as preocupações com a primeira publicação:

[...] você faz bem em esperar antes de publicar. Um poeta, um escritor, deve hoje em dia ter o chamado para fornecer algo sólido se quiser aparecer em público. Caso contrário, deixe-o, claro, prestar homenagem às Musas. Isso sempre permanece um dos mais nobres atos de homenagem às mulheres. Mas se, em toda parte, a primeira aparição no mundo é em grande parte decisiva, esse é basicamente o caso desses semideuses. Sua superioridade deve mostrar-se no primeiro verso, para que todos imediatamente reconheçam sua inspiração divina. Eu lhe digo francamente, estou profundamente satisfeito com suas aptidões e espero muito delas, mas me entristeceria vê-lo fazer sua primeira aparição como um mau poeta ordinário; ainda que deva ser o suficiente para você dar prazer àqueles imediatamente ao seu redor no círculo familiar. Apenas os excelentes têm o direito de reivindicar a atenção de um mundo mimado por um Schiller - mentes poéticas provavelmente diriam 'Goethe'.²³⁵

O pai manifesta seu contentamento com a promessa do filho de enviar suas produções antes de enviar a qualquer outro, pois, ele escreve:

Agradeço-lhe, a propósito, querido Karl, por sua consideração muito filial de que você só submeteria seu primeiro trabalho à minha crítica. Isso é tanto mais carinhoso de sua parte, pois sabe quão pouca poesia foi inoculada em mim pela natureza, como mesmo em minha vida não fui capaz de fazer um verso tolerável, mesmo nos doces dias do meu primeiro amor. Por enquanto, vou pensar nisso e esperar para ver se foi apenas um elogio.²³⁶

Na carta escrita entre maio e junho de 1836, atesta-se que Marx não cumprira com a promessa, pois seu pai assim lamentou ao filho:

Você não manteve sua palavra comigo - lembra da sua promessa - e eu me orgulhei pelo reconhecimento das minhas críticas. No entanto, como

²³⁴ MARX; ENGELS, 1975, pp. 290-292, tradução nossa.

²³⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 294, tradução nossa.

²³⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 294, tradução nossa.

otimistas políticos, eu tomo o estado atual das coisas como elas são, mas eu gostaria de ter algum conhecimento sobre o assunto, ou seja, sobre as negociações conduzidas, que talvez eu pudesse ter verificado melhor do que Schäfer - e, se possível, também o conhecimento do assunto em questão -, mas se este último envolver muitos problemas, esperarei até a sua chegada.²³⁷

Sua mãe também parecia apoiar os planos artísticos de Marx, pois escreve ela ao filho: “Como você gosta da minha cidade natal - é um lugar realmente lindo e espero que tenha inspirado tanto a ponto de lhe dar material para poesia”. Adiante, quando se tratar de explicitar as mudanças ocorridas durante o ano de 1837, pronunciadas na *Carta ao pai*, será fundamental, entendido o grau de envolvimento do autor com seus projetos literários, localizar a sua crítica ao idealismo de Kant e Fichte e ao romantismo à luz da sua nova aquisição filosófica, a filosofia hegeliana, destacando aí sua primeira crítica explícita, ainda que sucinta, a certa teoria do direito, notadamente aquela projetada pela *Escola Histórica do Direito*. Desse modo, na seção destinada à Carta ao pai de 1837, destacou-se o ponto de inflexão crítico do seu projeto literário, o qual se ligará também a certa posição em relação ao direito e àquilo que, na época, se conhecia como jurisprudência, algo que hoje poderia ser entendido como teoria do direito.

O poema mais antigo de Marx data do período escolar, do ano de 1833, e versa sobre Carlos Magno. Conforme escreve Heinrich, “uma série de poemas, o fragmento de um romance satírico [Escorpião e Félix], assim como trechos de um drama [Oulanem] foram preservados – textos escritos por Marx entre 1835 e 1837”²³⁸. A poesia de Marx pode ser encontrada em duas compilações distintas, como também conta Heinrich, “há os três cadernos que Karl organizou em outubro/novembro de 1836 e deu a Jenny como presente de Natal” e “há um caderno maior, que Marx deu a seu pai em abril de 1837, no sexagésimo aniversário” do pai.²³⁹ Do derradeiro caderno, saíram os dois únicos poemas publicados por Marx na revista *Athenäum*, em 1841, sob o título *Wilde Lieder*²⁴⁰, o que evidencia, até certo ponto, a seriedade de suas intenções poéticas e a longevidade dos planos de se tornar poeta. Como se viu, existe um diálogo entre

²³⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 297, tradução nossa.

²³⁸ HEINRICH, 2018, p. 209.

²³⁹ HEINRICH, 2018, p. 211.

²⁴⁰ HEINRICH, 2018, p. 218.

Marx e seu pai acerca das suas pretensões artísticas. Infelizmente, com exceção da *Carta ao pai*, as demais correspondências de Marx desse período não foram preservadas, de modo que se sabe, sobretudo, as visões paternas sobre o assunto. Nesse sentido, pode-se considerar sem sombra de dúvidas, não apenas pelo conteúdo e nível de detalhamento sobre seus estudos e projetos, a carta de 1837 como um documento único, cujo valor é inestimável.²⁴¹ Toda essa produção literária se encontra sumariada nos Anexos desta tese.

Wilde Lieder, único poema de Marx publicado em vida, saiu na edição nº 4 da revista *Athenäum*²⁴². Interessante notar que, embora os planos de viver da *Musa* tenham perdido força ao longo dos anos acadêmicos, prestes a concluir seu doutoramento em Filosofia, o jovem alemão talvez tenha cedido ao último impulso poético publicando este poema. A primeira parte, *Spielmann*, é uma variação do poema homônimo presente no caderno oferecido ao pai por ocasião do aniversário desse último. Portanto, de 1833 a 1841, sobreviveram 128 poemas e dois textos inacabados, uma tragédia e um romance. Diz-se *sobreviveram* devido ao fato de Marx relatar em carta a destruição de outras produções. Sua produção foi certamente maior que a conhecida hoje por seus leitores. Antes da crítica roedora dos ratos, Marx já havia testado a crítica fumegante do fogo.

Nesse caso, vale conferir certos trechos das correspondências do autor. Em um momento de crise, ele confia ao pai, na sua única carta preservada do diálogo epistolar entre ambos: “[...] queimei todos os poemas e projetos de novelas etc., iludido que poderia desistir completamente deles, até agora, de qualquer forma, tem dado certo”²⁴³. Infelizmente, Marx foi mais diligente que Kafka, por exemplo, e encarregou-se ele mesmo de destruir as obras as quais renunciara, portanto, não se tem, nesse caso, nenhum Max Brod a quem recorrer. Em uma das cartas mais duras enviadas a Marx, datada de 9 de dezembro de 1837,

²⁴¹ Recentemente, a editora Boitempo verteu para o português brasileiro a prosa literária de Marx, assim, *Escorpião e Félix e Oulanem* podem ser lidos na obra intitulada *Escritos ficcionais* (MARX, 2018). Infelizmente, a sua poesia não teve igual sorte no Brasil, permanecendo quase inteiramente inédita. Destaca-se ainda uma tradução de grande parte dos poemas de Marx para o espanhol realizada, em Chiapas, no México, por Francisco Jaymes e Marco Fonz, embora a editora El Viejo Topo tenha publicado *Cantos para Jenny y otros poemas* (MARX, 2000) em Barcelona, Espanha. Aos leitores familiarizados à língua alemã, os textos literários de Marx estão em: *MEGA I.1* (MARX; ENGELS, 1975, pp. 477 – 769). Além dos dois textos em prosa, Marx compôs cerca de 128 poemas.

²⁴² Engels, com o pseudônimo Friedrich Oswald, também publicou no *Athenäum*, periódico que teve sua atividade proibida no fim de 1841 (HEINRICH, 2018, p. 286).

²⁴³ MARX; ENGELS, 1975, pp. 16-7, tradução nossa.

provavelmente em resposta àquela única carta preservada, Heinrich Marx²⁴⁴ recrimina de modo veemente o espírito autodestrutivo do filho e o questiona: “Mas como pode um homem que a cada semana ou duas descobre um novo sistema e tem que rasgar trabalhos antigos laboriosamente alcançados, como ele pode, eu pergunto, se preocupar com ninharias?”. Adiante, tratou-se de modo mais detido desse momento da produção do autor, agora, interessa somente iluminar o fato de que a análise dos textos desse período se faz nas ruínas do que restou. Por falar de ruínas, sobre o caderno com o qual presenteou seu velho pai, comenta Michael Heinrich que:

[...] esse caderno só foi descoberto na década de 1920, durante as preparações da MEGA-1, após a morte de Mehring, de modo que ele não pôde ver os progressos de Marx. Entretanto, os cadernos analisados por Mehring haviam desaparecido após a morte de Laura. Assim, a MEGA-1 foi publicada sem o conteúdo desses cadernos.²⁴⁵

A situação dos comentários da produção literária de Marx, por isso, foi bastante dramática, conforme destaca o biógrafo, “a consequência foi uma paradoxal situação em que, até a publicação da MEGA-2, se conhecia a devastadora interpretação de Mehring, mas não os poemas a que ela se referia”²⁴⁶. Mas os cadernos reapareceram, “na década de 1950[...] - em meio às coisas deixadas por Edgar Longuet, neto de Marx. Assim, pela primeira vez foi possível publicar, na MEGA-2, ambas as coletâneas”²⁴⁷. É preciso considerar que o afastamento de Marx da poesia ocorre no clima de severa autocrítica e constitui uma das chaves de compreensão da passagem de Marx ao hegelianismo e sua crítica ao idealismo de Kant e Fichte e, também, ao romantismo, chave importante para melhor compreender a primeira posição de Marx em relação ao direito:

[...] a carta de Marx ao pai registra uma primeira e profunda transformação na vida do jovem de dezenove anos, resultado de uma crise: a ruptura com as ideias estético-políticas do romantismo – o que significava mais do o fim do projeto de se tornar escritor, tratava-se também da ruptura com as concepções que até então haviam orientado a vida de Karl.²⁴⁸

²⁴⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 326, tradução nossa.

²⁴⁵ HEINRICH, 2018, p. 212.

²⁴⁶ HEINRICH, 2018, p. 212.

²⁴⁷ HEINRICH, 2018, p. 212.

²⁴⁸ HEINRICH, 2018, p. 235.

É provável – a correspondência preservada corrobora essa direção – que Marx “imaginasse para si, já nos últimos meses da escola, antes a carreira de poeta do que a de jurista”²⁴⁹. Segundo Michael Heinrich, “não é difícil classificar os poemas de Marx como pertencentes ao ‘romantismo’ [romantismo literário, diferenciando-o daquele chamado de romantismo político]”²⁵⁰. Não se pode esquecer que Hegel foi um severo crítico da estética romântica. A leitura “do começo ao fim” de Hegel implodiu o edifício intelectual e as convicções até então existentes, e uma nova edificação começava então a ser erigida. E, segundo a própria textualidade marxiana aponta, é impossível dissociar as posições filosóficas de Marx no campo da arte e no campo da jurisprudência, estão imbricadas, na verdade. Desse modo, é preciso dizer que o foco dado à posição frente ao direito, deixando de lado maiores detalhamentos acerca da posição estética, é unicamente devido à exposição do problema proposto nesta pesquisa.

O registro da *Carta ao pai* também alcança frontalmente o modo como Marx passou a encarar o direito e a teoria do direito, o que será explicitado devidamente no próximo capítulo. É necessário, pelo menos no modo de investigação, não separar a crítica de Marx ao romantismo e ao idealismo subjetivo de Kant e Fichte, bem como à *Escola Histórica do Direito*, na figura de seu principal expoente, F. von Savigny, e sua leitura e adesão à filosofia hegeliana. No entanto, como já afirmado, é preciso trabalhar com esse material pelo que ele é: ruínas das quais é possível encontrar no máximo vestígios da passagem de um idealismo a outro, dito, respectivamente, subjetivo e objetivo. Os experimentos literários são os únicos materiais do período anterior ao hegelianismo do autor, considerando que nem mesmo suas cartas, anteriores a novembro de 1837, foram preservadas.

Com exceção da carta de 1837, na qual há tão somente algumas indicações, embora importantes, da evolução teórica de Marx, cujo tom memorial obnubila alguns pontos e impede conclusões definitivas, não se conhece nenhum escrito teórico de Marx até 1839, isto é, dos seus três primeiros anos acadêmicos. Considerando que um estudante sofria jubilamento após o quarto ano²⁵¹, conclui-

²⁴⁹ HEINRICH, 2018, p. 209.

²⁵⁰ HEINRICH, 2018, p. 212.

²⁵¹ Segundo Michael Heinrich (2018, p. 462-463): “Com base na data escrita no prefácio da dissertação, pode-se supor que a tese tenha sido concluída, no mais tardar, em ‘março de 1841’. Não sabemos se Marx chegou a tentar um doutorado em Berlim. Se o fez, descobriu que havia sido

se que a vida acadêmica do autor se encontra praticamente incógnita, sendo impossível dizer por onde caminhou o “vigoroso andarilho”. Nesse sentido, a *Carta ao pai* merece cuidado redobrado, devendo ser analisada minuciosamente, algo que a “apropriação seletiva da obra madura de Marx”²⁵² impede, pois cria obstáculos para aqueles que procuram realizar tal análise.

No último quarto do período universitário, Marx produziu o que se chamou nesta tese de produção acadêmica. Tem-se três qualidades de materiais: os trabalhos preparatórios para a sua tese doutoral, que datam de 1839-1840; a própria tese, isto é, o texto que foi enviado à banca examinadora em 6 de abril de 1841, e, por fim, os chamados *Cadernos de Berlim*.

Nesses cadernos, há uma quantidade infindável de excertos, citações e alguns comentários curtos às obras fichadas. Inclusive, percebe-se que esse método de estudo foi utilizado por Marx até o fim da vida e foi relatado pela primeira vez na carta de 1837, quando o jovem estudante diz ter adquirido o “hábito de fazer excertos de todos os livros que lia”²⁵³. Nos *Cadernos de Berlim*, encontram-se excertos de Aristóteles, do *De anima*; de Leibniz; de David Hume, *Über die menschliche Natur*, bem como de Spinoza e de Karl Rosenkranz, deste último, o título fichado foi *Geschichte der Kantschen Philosophie*. Trata-se, provavelmente, da sua preparação para a prova oral, requisito para doutorar-se na Universidade de Berlim.²⁵⁴ Os excertos dos cadernos de Berlim, provavelmente, destinavam-se à preparação para uma espécie de prova oral do doutoramento a ser realizada na Universidade de Berlim, mas que acabou não ocorrendo tendo em vista que seu doutoramento ocorrera na modalidade à distância na Universidade de Jena.

Os Anexos contêm o sumário da produção propriamente acadêmica de Marx, isto é, seus cadernos preparatórios para a tese doutoral, os excertos de obras lidas no período e a tese doutoral. Iniciados em 1839, os sete cadernos preparatórios para a sua tese doutoral, infelizmente não publicados na recente

jubilado no dia 3 de dezembro de 1840 – de acordo com o registro de matrículas da universidade. [...] É provável que ele nem sequer soubesse, em março de 1841, que já estava jubilado havia meses. Contudo, essa expulsão não era um problema real: pagando uma taxa de cinco táleres, era possível se matricular novamente. Ou seja, Marx poderia ter feito o doutorado em Berlim”.

²⁵² CHASIN, 2001a, p. 7.

²⁵³ MARX; ENGELS, 1975, p. 15, tradução nossa.

²⁵⁴ “Tais resumos tampouco contêm comentários de Marx, trata-se apenas de uma coleta de material. Talvez a intenção de Marx fosse se preparar para uma possível prova oral, pela qual ele teria de passar caso fizesse doutorado em Berlim” (HEINRICH, 2018, p. 374).

edição da Editora Boitempo, são material fundamental para a devida compreensão do estágio intelectual de Marx naquele período. Segundo, Michael Heinrich, “no fim de 1838, ele decidiu que Epicuro seria o tema de sua dissertação. A posição crítica de Epicuro para com a religião provavelmente influenciou a escolha do tema da tese de Marx”²⁵⁵.²⁵⁶ Como referido, a conclusão formal do seu período acadêmico ocorre com a entrega da tese, em 6 de abril de 1841. Conforme Michael Heinrich, em 1902, foram publicados alguns trechos da dissertação na edição organizada por Franz Mehring, no entanto, “a versão integral do manuscrito preservado – que só representa parte da dissertação – foi publicada por David Riazanov em 1927 na MEGA-1”.²⁵⁷ Identificou-se, ainda, “o problema da classificação equivocada do fragmento sobre Plutarco e uma série de erros na decifração do manuscrito [que] só puderam ser resolvidos na MEGA-2, em 1976”. Sobre a escolha do tema propriamente dito, escreve Michael Heinrich na mesma página:

[...] tampouco se sabe quando ou por que Marx decidiu tratar da “diferença” entre as filosofias de Epicuro e de Demócrito em sua tese de doutorado. De qualquer forma, essa diferença não é destacada em seus “Cadernos”. Taubert e Labuske creem que, entre “Cadernos” e o início dos trabalhos na tese, tenha havido outra etapa de estudos das fontes cujos resumos não foram preservados.

Entre a conclusão formal do seu período acadêmico e o ingresso na vida profissional como redator do periódico *Gazeta Renana*, Marx mantinha as esperanças de se tornar docente universitário, provavelmente, seguindo os passos de Bauer, naquele momento, ainda professor na Universidade de Bonn. No entanto, censura e perseguição ao grupo dos jovens hegelianos acabaram por liquidar seus planos acadêmicos e profissionais, restando-lhe apenas o periodismo. O que não quer dizer que Marx tenha decidido por colaborar com periódicos por falta de opção profissional, afinal, era praxe entre intelectuais e professores universitários, ainda mais considerando a posição anunciada na dissertação – de *popularizar a filosofia* –, participar de discussões públicas por meio de artigos em jornais especializados.²⁵⁸ Nesse período, entre os anos de

²⁵⁵ HEINRICH, 2018, p. 368.

²⁵⁶ Cf. Pereira Neto (2018, pp. 61-90).

²⁵⁷ HEINRICH, 2018, p. 374.

²⁵⁸ Apenas a critério de exemplo, lembrem-se da defesa feita por Kant na sua resposta à pergunta *Was ist Aufklärung*, quando o autor da *Crítica da Razão Pura* no afã de conjugar obediência e

1841 e 1842, Marx produziu mais um caderno de anotações e excertos, os *Cadernos de Bonn*.

Considerando os planos do autor, pode-se incluir esses cadernos no seu período acadêmico, embora, como se disse, Marx não estivesse vinculado a nenhuma instituição universitária. Nos referidos sete cadernos de Bonn, são abordados, sobretudo, temas relativos à religião e à arte. Aparece neles a primeira referência de Marx ao *fetichismo*, termo que volta a aparecer, pela primeira vez usado em um texto publicado, na *Gazeta Renana*. Em ambas as aparições, o termo se encontra ainda bastante próximo do seu uso religioso, diferente do que ocorrerá em *O capital*, quando Marx fala em termos de fetichismo da mercadoria, fora, portanto, do estrito círculo teológico, embora a remissão à teologia, também, seja necessária. Nesses mesmos cadernos, aparece pela primeira vez mencionada a crítica da filosofia do direito de Hegel, o que não é desprezível, ainda que em forma de *index*. O que autoriza a afirmar que Marx continha já em 1842 parte do seu roteiro da crítica a Hegel, concretizada em Kreuznach, em 1843, a qual viera à luz apenas em 1927 com a publicação dos enormes *Manuscritos de Kreuznach*, conhecidos como *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Nesse *index*, rascunhado em 1842, Marx escrevia:

A duplicação do desenvolvimento sistemático. I, 3, 4. misticismo lógico. II, 8, III, 9. o modo místico de falar, *ibid.* Um Exemplo. § 268. IV p. 13. 14. A ideia como Sujeito. IV, p. 15. 16. (Os sujeitos reais tornam-se apenas nome.) p. 17 p. 18 p. 20,21. p. 24,26,27, p. 28 p. 40. p. 57. p. 75,78. XXVI, 2. XXVIII. XXX, 3. XXXI, 3. XXXII, 2. XXXIV, 2, 3, 4. p. XXXVn; 2. Contradição XXXIX.²⁵⁹

Aqui é preciso, no mínimo, mencionar que a crítica à filosofia hegeliana já havia sido iniciada dentro do círculo de pensadores mais próximos a Marx com *Zur Kritik der Hegelschen Philosophie*²⁶⁰, de Ludwig Feuerbach, que destacava o sobrepeso da Lógica na filosofia hegeliana, “a *Fenomenologia* não é senão a Lógica fenomenológica”²⁶¹, para citar apenas uma passagem das inúmeras

raciocínio, a fim de garantir o progresso e a perfectibilidade da humanidade sem a necessidade de uma revolução, sustenta a importância, no uso público da razão, de atuar *como erudito* e realizar a crítica, também, na imprensa.

²⁵⁹ MARX; ENGELS, 1976 p. 368, tradução nossa.

²⁶⁰ FEUERBACH, 1839.

²⁶¹ FEUERBACH, 2012, p. 48.

presentes no texto feuerbachiano. Tendo isso em boa medida, percebe-se que, Marx ao defender a “posição reflexiva” frente ao mestre Hegel em dado momento dos escritos preparatórios para a sua tese, ele de algum modo já partia desse cenário no qual a crítica a Hegel já estava em andamento entre os jovens hegelianos. Com isso, por óbvio, não se quer dizer que Marx tenha sido em algum momento feuerbachiano, como afirmou Engels no seu *Ludwig Feuerbach*²⁶², mas tão somente que resta dificultada a análise desse período tão lacunar do itinerário de Marx caso não se considere o máximo de elementos disponíveis para a composição da análise, isso inclui análise de correspondências, anotações, excertos, além dos próprios escritos publicados, e, também, alguma consideração e conhecimento da produção jovem-hegeliana, por assim dizer, infelizmente, pouco estudada no Brasil.²⁶³

Em outras palavras: ainda que o trabalho inteiro seja quase impossível de ser realizado por um só, por isso, o trabalho de grupo, idealizado por J. Chasin, é necessário, no mínimo, a consciência do problema. E o problema maior desses anos iniciais, de 1837 a março de 1843, é a definição da fisionomia de Marx considerando o peso do idealismo alemão, de Kant a Hegel, passando, assim, por Fichte e Schelling, sem esquecer do universo político e intelectual do *Vormärz*, que engloba, para citar apenas alguns, a filosofia jovem-hegeliana, a filosofia chamada positiva, além de matizes do romantismo e do recente socialismo, cujos ecos, o próprio Marx assume no prefácio de 1859, já se escutava na Alemanha. Para exemplificar, um dos projetos de Marx, exposto em carta a Arnold Ruge, datada de 27 de abril de 1842, foi sumariado do seguinte modo: “Enviarei quatro ensaios 1) ‘Sobre a arte religiosa’, 2) ‘Sobre os românticos’, 3) ‘O Manifesto Filosófico da Escola Histórica de Direito’, 4) ‘Os Filósofos Positivos’, os quais cutuquei um pouco. Os ensaios estão relacionados em termos de conteúdo”²⁶⁴. Desses quatro ensaios empenhados, apenas o texto sobre *O Manifesto Filosófico da Escola Histórica de Direito* foi publicado, na *Gazeta Renana*. Sobre os filósofos ditos positivos, esses são duramente criticados no texto supracitado de Feuerbach, “pois, na verdade, em vez de ir para além de Hegel, ficou profundamente *aquém*

²⁶² ENGELS, 2020.

²⁶³ Para uma crítica rigorosa da aproximação entre Marx e Feuerbach, cf. Chasin (2009).

²⁶⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 26, tradução nossa.

de Hegel, não entendendo justamente as sugestões mais significativas que Hegel, e já antes dele Kant e Fichte, a seu modo evidentemente, tinham dado”²⁶⁵, contudo, não é possível saber o caminho que Marx seguiria no ensaio que nunca foi entregue. A ausência também diz muito, e a ausência de Schelling nessa passagem do autor de *A essência do cristianismo* denuncia aquele que era encarado como sendo o grande representante da filosofia positiva. Isso força a lembrança da carta de Marx a Feuerbach, em 3 de outubro de 1843, na qual aquele convoca o segundo a escrever um artigo antagonizando com Schelling para a primeira edição dos *Anais franco-alemães*, mas Feuerbach declinara ao pedido. Escreve Marx na carta referida a pouco a fim de convencer o filósofo: “considero-o o adversário necessário e natural de Schelling”²⁶⁶.

Além de tudo que já foi dito, ainda se alude para a necessidade de consultar atentamente a obra *Rheinische Briefe und Akten zur Geschichte der politischen Bewegung 1830 - 1850 / Bd 1*, organizada por Hansen, em 1919, a qual contém nada menos que parte considerável da documentação política oficial da Renânia, inclusos aqueles documentos dos censores da *Gazeta Renana* e outros documentos relativos à censura. É de se esperar que o próximo volume da biografia de Marx, escrita por Michael Heinrich, trabalhe com este material. No Brasil, não se encontrou sequer menção a esses materiais.

Da sua entrada na Universidade de Bonn, no segundo semestre de 1835, até 1839, quando são produzidas as primeiras anotações para a tese, com exceção dos escritos literários, o único texto conhecido de Marx é a carta enviada ao seu pai, em novembro de 1837, nesse caso, exclui-se a missiva enviada em 6 de abril de 1841, cujo destinatário é Karl Friedrich Bachmann, principal integrante da banca examinadora do doutorado, pois essa carta se destinava unicamente a acompanhar os documentos e o texto final da tese, portanto, tratava-se de uma mera formalidade. As correspondências pertencem ao terceiro conjunto de materiais do período aqui chamado acadêmico.

Do conjunto das correspondências, além das cartas de novembro de 1837 e de abril de 1841 (excluída da análise pelo motivo exposto acima), foram contabilizadas nos Anexos, seguindo as orientações editoriais da MEGA-2,

²⁶⁵ FEUERBACH, 2012, p. 62.

²⁶⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 60, tradução nossa.

também aquelas correspondências em que Marx figura como destinatário da comunicação epistolar, pois delas é possível reter dados importantes da sua vida naquele momento e das suas preocupações intelectuais, além de permitir compreender certo clima intelectual e político do chamado *Vormärz*.

Nesse período, a lista de remetentes não era extensa. Até 1837, figuram nessa listagem apenas sua família, pais e irmã; a partir de 1838, Jenny passa a escrever algumas cartas para o então noivo; e em 1839, Bruno Bauer ingressa no rol dos correspondentes de Marx. Contabilizou-se 32 cartas enviadas a Marx até seu doutoramento, ao passo que do autor, como se disse, merecedora de atenção, conhece-se apenas uma, a de novembro de 1837, ao passo que, antes desta carta, há, no mínimo, 13 cartas enviadas a Marx. É possível inferir, com algum grau de certeza, que outras cartas de Marx há, além daquela que o autor enviara ao pai, mas que por algum motivo se perderam. Ocorrerá com sua correspondência aquilo que Silviano Santiago²⁶⁷ chamou de quebra do pacto epistolar, afinal, no caso do epistolário, não é o autor que se responsabiliza pelo cuidado e arquivamento da carta, mas o destinatário.

Depois da Carta ao pai, transcorrerá mais de três anos até que se tenha uma nova carta de Marx, enviada por este, em 6 de abril de 1841, a Carl Friedrich Bachmann, professor de filosofia em Jena e crítico de Hegel, cujo conteúdo já se fez referência neste trabalho.²⁶⁸ Entre a Carta ao pai e aquela enviada a Carl Friedrich Bachmann, marco de encerramento do seu período acadêmico, isto é, entre fins de 1837 e início 1841, não se conhece nenhuma missiva de Marx, embora o conjunto da correspondência do autor, referente às cartas nas quais Marx figura como destinatário, não seja de modo algum desprezível. Contam-se 17 cartas. A novidade desse período é que, além dos remetentes habituais, seu círculo familiar mais íntimo, passam a figurar na lista dos remetentes Jenny von Westphalen (1814 – 1881), com quem Marx noivara “no mais tardar, no outono de 1836”²⁶⁹ e que já era citada nas cartas de Heinrich Marx, e Bruno Bauer (1809 – 1882), cuja primeira menção a ele nas correspondências do autor ocorre justamente na Carta ao pai.²⁷⁰

²⁶⁷ SANTIAGO, 2002.

²⁶⁸ Esse conjunto de cartas pode ser encontrado em: MEGA III/1 (MARX, 1975, pp. 289 – 320).

²⁶⁹ HEINRICH, 2018, p. 170.

²⁷⁰ Essas missivas podem ser encontradas em: MEGA III.1 (MARX, 1975, pp. 321 – 354).

Embora não baste por si, ainda mais quando se considera as lacunas decorrentes da não preservação de sua correspondência (arrisca-se dizer que, desse período, uma parcela nada desprezível de sua correspondência ativa foi perdida), o estudo e análise das correspondências de Marx parece ser uma das tendências que vem se afirmando como dominante na marxologia contemporânea. É o que se verifica, por exemplo, nas importantes contribuições do italiano Marcello Musto, que no seu mais recente livro publicado no Brasil, *O velho Marx*²⁷¹, utiliza majoritariamente, como fontes primárias, o epistolário do autor alemão, correspondência passiva e ativa.²⁷² Não apenas como fontes biográficas, as cartas também servem ao italiano como registro do desenvolvimento teórico do autor de *O capital*²⁷³, pois nelas resta indisfarçável o entrelaçamento de vida e obra. Recorde-se: “vários aspectos [da vida de Marx] não são compreensíveis sem uma análise do desenvolvimento de sua obra. Em contrapartida, tampouco é possível entender em sua completude as recorrentes interrupções e novas abordagens no desenvolvimento de sua obra sem levar em conta as viradas na vida de Marx”²⁷⁴.

Eis que tendo concluído, com o doutoramento em Filosofia, seu período acadêmico, Marx pretendia seguir profissionalmente a carreira docente, é o que se pode apreender da sua correspondência com Bruno Bauer, com quem ele mantém comunicação epistolar constante até 1841. A partir de 1842, é possível perceber um forte estremecimento da relação entre os dois antigos companheiros de juventude hegeliana, ao passo que Arnold Ruge passou a ser o correspondente preferencial de Marx, e Bauer era objeto da crítica de ambos, Marx e Ruge. Entre 1842 e a saída de Marx da *Gazeta Renana*, contam-se cerca de 20 cartas trocadas entre Marx e Ruge, enquanto a correspondência Marx-Bauer foi reduzida a tão

²⁷¹ MUSTO, 2018.

²⁷² Tratou-se brevemente dessa obra de Musto em Pereira Neto (2018).

²⁷³ Cf. o artigo *A escrita de O capital: gênese e estrutura da crítica de Marx à economia política* (MUSTO, 2018b), publicado na revista *Verinotio*, edição de abril. Nesse mesmo sentido, é preciso reconhecer quando o mercado editorial brasileiro acerta, publicaram-se, sob o patrocínio da editora expressão popular, as cartas de Marx e Engels que abordavam diretamente as reflexões em torno da produção e da escrita de *O capital* (MARX; ENGELS, 2021). A Expressão Popular publicou, também, a totalidade dos Artigos de Marx (2021) e Engels (2021) para o periódico *Nova Gazeta Renana*. Também parece salutar a publicação dos artigos de Marx e Engels que abordam a Guerra Civil Americana (MARX; ENGELS, 2020) pela Aetia Editorial e, mais recentemente, pela editora Boitempo.

²⁷⁴ HEINRICH, 2018, p. 412.

somente três cartas, todas datadas ainda de 1842. Para comparação, entre 1840 e 1841, são no número de oito as cartas preservadas entre esses últimos.

Findo o período acadêmico de Marx e fechado o cerco em torno dos jovens hegelianos, os quais, muitos, foram expulsos das universidades, entre eles Bruno Bauer, restava a Marx dedicar-se ao periodismo. Inclusive, a primeira menção à *Gazeta Renana* se encontra em uma carta de Bauer a Marx, datada de 26 de janeiro de 1842, quando o primeiro perguntou ao último: “Por que você ainda não trabalha para o *Rheinische Zeitung*?”²⁷⁵. O seu primeiro artigo foi escrito entre 15 de janeiro e 10 de fevereiro, chama-se *Bemerkungen über die neueste preußische Zensurinstruktion*, no entanto, este artigo somente foi publicado em 1843 no *Anekdotia*. A primeira publicação na *Gazeta Renana* ocorreu na data do seu aniversário, em 5 de maio de 1842, quando saiu nas páginas do periódico o artigo inaugural da série intitulada *Die Verhandlungen des 6. Rheinischen Landtags. Erster Artikel. Debatten über Preßfreiheit und Publikation der Landständischen Verhandlungen*. Como não se poderá deixar de notar, o grande tema do momento era censura e liberdade de imprensa, sendo o direito debatido a partir dessas questões. Quando os interesses materiais entram em cena, e as questões econômicas passam a tomar a dianteira das preocupações de Marx, neste momento, a sua posição frente ao Estado e ao direito não suporta o abalo e a dúvida, e o autor deve promover a revisão e a autocrítica do seu pensamento, a começar pelo seu “gabinete de estudo”.

Com toda certeza, até 18 de março, quando Marx publica sua demissão da *Gazeta Renana*, sob o título de *Erklärung*, e excluída esta publicação, foram 34 artigos, a maioria desses saiu na *Gazeta Renana*. Marx chegou a publicar no *Anekdotia*, no *Deutsche Jahrbücher* e *Trier'sche Zeitung*, um artigo em cada um deles. Há, ainda, pelo menos 16 artigos publicados na *Gazeta Renana* cuja suspeita da autoria recai fortemente sob Marx. Sabe-se de dois artigos que foram modificados pelo autor, provavelmente fazendo uso das suas atribuições de editor. Certamente, há mais artigos que foram modificados por Marx que não foram preservados, pois, em carta para Arnold Ruge, ele mesmo trata das alterações que precisa realizar nos artigos dos *Livres*, agrupamento dos irmãos Bauer, contudo,

²⁷⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 369, tradução nossa.

ao que tudo indica, se de fato ele fez as alterações, elas não foram preservadas. Datam dos tempos da *Gazeta Renana*, precisamente do início de 1843, uma série de petições, atas e memorandos para a manutenção do periódico, provando que de fato a situação de perseguição se tornava cada vez mais severa. Em carta a Arnold Ruge, Marx chega a mencionar encontros com os funcionários do governo para discutir a censura; nos seus relatórios o censor St. Paul também menciona encontros e discussões com o Dr. Marx. Fato é que a situação restou insustentável, como se pode perceber, não apenas nas páginas do periódico, mas em inúmeros trechos da correspondência do autor, quando o tema mais recorrente é justamente a censura. Eis que em 17 de março de 1843, Marx redige sua demissão, que é publicada e comunicada na edição de 18 de março. No prefácio de 1859, espécie de escrito memorial, Marx recorda este momento nos seguintes termos:

Eu aproveitei, na verdade, avidamente a ilusão dos gerentes da "Rheinischen Zeitung", os quais acreditavam ser possível reverter a sentença de morte que lhe foi proferida por meio da adoção de atitude mais moderada do periódico, para me afastar da cena pública para o gabinete de estudo.²⁷⁶

E Marx continua, ainda a procura de dar conta dos anos imediatamente posteriores a saída do "periódico democrático":

O primeiro trabalho empreendido para resolver as dúvidas que me assediavam foi uma revisão crítica da filosofia do direito de Hegel, obra cuja introdução apareceu nos Anais franco-alemães publicados em Paris em 1844. Minha investigação levou à conclusão de que as relações jurídicas e as formas de governo não podem ser entendidas em termos de si mesmas nem a partir do chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas estão enraizadas nas relações materiais de vida, cujo conjunto Hegel, após o advento dos ingleses e franceses do século XVIII, sintetiza sob o nome de "sociedade civil-burguesa", mas que a anatomia da sociedade civil-burguesa deve ser buscada na economia política.²⁷⁷

Não é de menor monta a recordação de Marx em 1859 do seu itinerário e, assim, da produção daqueles anos iniciais ainda mais levando em conta que os adeptos do *corte epistemológico* impuseram desde fora parâmetros que excluem da consideração a mencionada produção. Marx não deixou de referir esse período

²⁷⁶ MARX; ENGELS, 1961, p. 8, tradução nossa.

²⁷⁷ MARX; ENGELS, 1961, p. 8, tradução nossa.

mesmo naquela obra mais respeitada pelos seguidores de Gaston Bachelard, pois em *O capital* se encontra, no posfácio da segunda edição, de 1873, a seguinte passagem que remete justamente aos escritos do início da década de 1840, revelando o grau da imputação e externalidade imposta ao pensamento do autor quando se trata do aludido corte: “critiquei o lado mistificador da dialética hegeliana há quase trinta anos, quando ela ainda estava na moda”²⁷⁸. Ainda sobre a passagem acima, agora, dando um passo atrás, não custa recordar, como se mostrou anteriormente, que Marx, em 1842, possuía parte do roteiro daqueles pontos que mereceriam atenção na crítica a Hegel. Também é possível extrair da correspondência de Marx com Ruge uma promessa feita por aquele de enviar ao último uma crítica a Hegel para publicação, promessa que nunca foi efetivamente cumprida. Em 5 de março de 1842, Marx escreve o seguinte para Ruge:

Outro artigo que também pretendo para o *Deutsche Jahrbücher* é uma crítica ao direito natural hegeliano [Kritik des Hegelschen Naturrechts], na medida em que diz respeito ao sistema político interno. O ponto central é a luta contra a monarquia constitucional como um híbrido que do começo ao fim se contradiz e se anula. *Res publica* é totalmente intraduzível para o alemão. Eu enviaria ambos os artigos imediatamente para seu exame, se eles não exigissem a reescrita de uma cópia justa e, em parte, algumas correções.²⁷⁹

Como se pode perceber, apenas para adiantar um ponto importante no percurso da presente tese, sem prejuízo da devida exposição à frente, resulta difícil a vida daqueles que procuram espécie de *jusnaturalismo* em Marx, pois, note-se, que sequer a noção de *Naturrecht* presente em Hegel recebe menção positiva do autor. Marx volta a referir o projeto de uma crítica a Hegel, especificamente a monarquia constitucional, em carta a Dagobert Oppenheim, escrita entre agosto e setembro de 1842, “eu daria esta crítica ao *Anekdoten*, como um suplemento ao meu artigo contra a teoria da monarquia constitucional de Hegel”. Como se sabe, esse artigo sobre Hegel não apareceu, mas os pontos referidos tanto na carta a Arnold Ruge como naquele *index*, traduzido e exposto aqui, achado em um de seus cadernos de Bonn se encontram nos Manuscritos de Kreuznach, na chamada *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. É preciso encarar, ainda que como

²⁷⁸ MARX, 2013, p. 91.

²⁷⁹ MARX; ENGELS 1975, p. 22, tradução nossa.

apontamento para futura pesquisa, que o peso do idealismo alemão (Kant, Fichte, Schelling e Hegel) ainda não foi devidamente medido no que concerne à produção de Marx dos tempos da *Gazeta Renana*.

Eis que a devida investigação da produção levada a cabo pelo autor durante os anos subsequentes à demissão da *Gazeta Renana*, particularmente 1843 e 1844, são incontornáveis para a devida apreensão da crítica de Marx ao direito. E o motivo disso é simples. Uma investigação deste talhe encara como fundamental a localização do problema no desenvolvimento intelectual do autor, naquilo que se chama seu itinerário. Marx não foi autor de sistema, portanto, é próprio de sua obra e de sua cientificidade o movimento constante de aproximação do objeto investigado, por isso, todos os problemas – do direito à ética e à política, passando pela moral e pela religião, e sua crítica da economia política – não podem ser retirados desse desenvolvimento, muito menos realizados enxertos extrínsecos ao seu pensamento. Claro, isso apenas para aqueles que buscam apreender com o máximo rigor a verdadeira arquitetura ideal do autor. E a produção dele nos anos de 1843 e 1844 contemplam as suas correspondências – são desse período suas primeiras cartas com Friedrich Engels –, excertos e notas de leitura (os *Cadernos de Kreuznach* e os *Cadernos de Paris*), registre-se que os primeiros excertos dos economistas ingleses datam desses anos. Marx também deixou algumas obras inacabadas, as fundamentais *Crítica da filosofia do direito de Hegel* (Kreuznach, 1843) e *Manuscritos econômico-filosóficos* (Paris, 1844). Nesses anos, Marx não largou a imprensa, publicando, em parceria com Arnold Ruge, o primeiro e único volume do jornal chamado *Anais franco-alemães*, onde publicara sua *Crítica da filosofia do direito de Hegel – introdução* e *Sobre a questão judaica*, e onde tomou contato com “genial esboço” de Engels, *Esboço para uma crítica da economia política*, texto que lhe preparou o primeiro roteiro de estudo para alcançar a “anatomia da sociedade civil-burguesa”. A fim de medir o impacto do “genial esboço” basta lembrar do subtítulo da *Magnum opus* de Marx, *O capital: crítica da economia política*. Além de publicar nos *Anais franco-alemães*, Marx publicou inúmeros artigos nas páginas do *Vorwärts!*, incluso um dos seus trabalhos mais significativos, contra Arnold Ruge, chamado *Kritische Randglossen zu dem Artikel “Der König von Preußen und die Sozialreform. Von einem Preußen”*. Neste último

artigo referido, restará bastante explícita a nova posição de Marx frente ao direito e à política, ao Estado, pois.

Tendo tratado do problema do legado literário de Marx, que pesa sob a cabeça dos marxistas, e realizado o devido arrolamento de todo o material disponível à pesquisa da obra e do pensamento de Marx, presentes nos anexos desta tese, parte-se para a análise da posição de Marx frente ao direito no seu período acadêmico e da *Gazeta Renana*.

4 CAPÍTULO 3 - O CAMINHO DE MARX PARA HEGEL

Neste capítulo, procuramos apreender a posição de Marx frente ao direito no conjunto de escritos do seu período acadêmico, compreendido de 17 de outubro de 1835, quando se matriculou na Universidade de Bonn, onde permanecerá até 22 de outubro do ano seguinte, tempo em que ingressa na Universidade de Berlim, em 15 de abril de 1841, data na qual é diplomado doutor em filosofia pela Universidade de Jena. Conforme se afirmou no capítulo anterior, nesse período, Marx produzira textos literários (Anexo 2), excertos de obras (Anexo 3), anotações preparatórias para a tese (Anexo 3), a própria tese doutoral (Anexo 3) e um conjunto de correspondências (Anexo 5), 32 cartas enviadas a Marx, pela sua família, notadamente seu pai, e Bruno Bauer; e apenas três escritas pelo nosso autor, sendo que duas dessas cartas, ambas de abril de 1841, tem caráter protocolar, pois se destinava ao envio da tese doutoral à banca examinadora, carta a Karl Friedrich Bachmann, de 6 de abril, e um agradecimento destinado ao professor Oskar Ludwig Bernhard Wolff, de 7 de abril, por apressar a emissão do seu diploma.²⁸⁰ Portanto, de Marx, relativo ao seu período acadêmico, apenas nos interessa uma carta que foi preservada, aquela escrita na madrugada de 10 para 11 de novembro de 1837, destinada ao seu pai.

Analisaremos mais detidamente, neste capítulo, a carta ao pai de 1837 e o material referente à sua tese doutoral, sem, contudo, descuidar dos demais materiais que em certos casos iluminam os textos que se mostraram fundamentais para a presente pesquisa. E são fundamentais justamente por revelarem posicionamentos de Marx em relação ao direito de maneira mais clara, ainda que nenhum deles o tome por temática principal.

²⁸⁰ Essas duas correspondências, embora não sirvam diretamente aos fins da presente tese, dado seu objeto de investigação, são provas cabais da pressa de Marx para obter o título de doutor, clima que já pode ser sentido nas cartas de Bruno Bauer a Marx. O título de doutor é fundamental para que Marx possa viver da docência universitária, algo que nunca ocorreu. O cerco da censura prussiana à juventude hegeliana se fechava quando nosso autor concluía sua tese. Mas em abril de 1841 ainda havia alguma esperança, ainda que dominada pela urgência. Marx escreve a Karl Friedrich Bachmann: "Solicito também, sinceramente, caso meu trabalho seja suficiente, que o corpo docente acelere a concessão do doutorado, para o mais breve possível. Por um lado, só posso ficar mais algumas semanas em Berlim, por outro lado, as circunstâncias externas tornam muito desejável obter o doutorado antes de partir" (MARX; ENGELS, 1975b, p. 19, tradução nossa).

Como firmado no capítulo anterior, apesar do doutoramento em filosofia pela Universidade de Jena, a formação acadêmica de Marx ocorreu no curso de direito e cameralística²⁸¹, contudo, essa segunda área de formação parece não ter recebido do jovem estudante alemão a atenção que, inclusive, seu pai o recomendava.²⁸² Não deixa de ser curioso que Marx venha, anos depois, a ter que estudar economia política e temas correlatos, não mais para servir ao Estado, mas para criticá-lo. De outro lado, os estudos jurídicos do período acadêmico podem ser caracterizados como, no mínimo, consistentes. Marx cursou inúmeras disciplinas jurídicas, em maior quantidade que todas as outras somadas, de acordo com o exposto no capítulo 2 desta tese. Assim, um estudo cuidadoso do período acadêmico de Marx demonstra – o texto que segue trará outras evidências – o erro de Lyra Filho ao apontar no autor alemão certa indisposição psicológica quanto ao direito. Segundo o autor brasileiro, parte das críticas de Marx ao direito, principalmente, as mais contundentes se deviam a “decepções estudantis” vivenciadas no seu período universitário. Para que não se acuse a presente tese de retirar do contexto a afirmação de Lyra Filho, cita-se:

[...] há uma eterna ambiguidade, uma frequente oscilação, um ir-e-vir entre afirmação e negação de certo direito, às vezes inflado em negação do Direito *tout court*, que, entretanto, se revela, menos como uma questão de princípio, do que como reflexo e vestígio das decepções estudantis.²⁸³

²⁸¹ Segundo Flávio Oliveira (2021, p. 1), “concebido para assessorar o governo monárquico quanto à solução de questões práticas de administração pública, política econômica e finanças, o Cameralismo produziu efeitos de longo prazo, constituindo os alicerces sobre os quais se assentam, de um lado, a *Nationalökonomie*, e de outro a perspectiva orgânica inerente à organização estatal alemã”.

²⁸² Em missiva datada de entre fevereiro e março de 1836, época em que Marx ainda estava na Universidade de Bonn, Heinrich Marx, ao discutir os estudos do filho, após reclamar das poucas cartas que este último havia enviado até então, recomenda que curse, antes de transferir-se para Berlim, “apenas uma introdução geral à cameralística, porque é sempre bom ter uma visão geral do que se deve fazer um dia” (MARX; ENGELS, 1975b, p. 293, tradução nossa). Em 20 de agosto, Marx parece ter amenizado a preocupação paterna quanto a esta área de estudo, pois seu pai assim escreve: “Depois de seus projetos, parece-me desnecessário preocupá-lo com a cameralística” (MARX; ENGELS, 1975b, p. 315, tradução nossa). Pouco tempo depois, noutra carta, de 16 de setembro de 1837, portanto, ainda em Bonn, ele volta a questionar o filho acerca da profissão que este exercerá no futuro e pergunta: “[...] por que você não diz nada sobre Cameralística?”. Em seguida, seu pai aconselha, ainda tomando os planos de Marx de seguir, também, uma carreira literária: “Não sei se estou enganado, mas parece-me que poesia e literatura são mais propensas a encontrar patronos na administração do que no judiciário, e um conselheiro de governo cantor parece-me mais natural do que um juiz cantor” (MARX; ENGELS, 1975b, p. 318, tradução nossa).

²⁸³ LYRA FILHO, 1983, p. 42.

Antes, o autor de *Diálogo com Marx sobre o direito* nos oferece um exemplar raro de imputação e impropriedade, pois assim ele escreve:

Marx era filho de advogado e principiou seu roteiro universitário como estudante de Direito. Sua desilusão e rompimento com a carreira jurídica tem muita semelhança com o equívoco de tantos jovens contemporâneos. Quando chegam aos bancos acadêmicos, no alvoroço de inquietações e ideias apresadas e não isentos de impaciência e sentimentalismo, defrontam-se com as patacoadas rotineiras, os catedráticos subservientes, a dogmática obtusa e alienante, o estômago de avestruz dos positivistas engolindo qualquer pacote das prepotências estatais que o famoso “toque de midas” kelseniano transforma em “neutros” produtos “jurídicos”. Diante disso, muitos rapazes e moças progressistas logo se deixam tomar por um nojo não injustificado, que, porém, injustificadamente, vai tender à equiparação do lixo legislativo com o íntegro universo jurídico, sem perceber, sequer, que, dialeticamente, o estrume das estruturas corruptas serve também de adubo à contestação e florescimento de afirmações jurídicas para, supra e metalegais, oriundas de classes e grupos espoliados e oprimidos.²⁸⁴

Definitivamente, não foram esses os motivos que levaram Marx a criticar o direito. Esperamos que, ao final desta tese, esses motivos estejam devidamente esclarecidos. Não é necessário desmontar a cena criada pelo lyrismo, afinal, o anacronismo é patente. Fiquemos apenas com o sentido geral, isto é, supostamente Marx teria se decepcionado com o curso de Direito, com o ensino da matéria, portanto, e disso decorre sua oposição ao direito. Contra esse argumento, podemos aludir que a relação de Marx com seu pai, advogado de profissão, poderia ter inspirado o filho a seguir os caminhos do velho Heinrich Marx. Com relação aos professores, Marx seguiu alguns cursos de Savigny e de seus alunos, figura de proa do movimento conservador alemão, alvo de inúmeras críticas posteriores de Marx, que, por outro lado, também, acompanhou dois cursos com Eduard Gans, grande nome da escola hegeliana e importante para o movimento liberal alemão do *Vormärz*. Os estímulos psicológicos, chamemos assim, são múltiplos e não há provas textuais para atribuir peso destacado a esses estímulos para o caso particular de Marx. Mas há provas textuais para descartar o argumento do lyrismo, além dos já aludidos neste texto. Na famosa *carta ao pai*, quando Marx já cursava direito e cameralística há cerca de dois anos, a tese

²⁸⁴ LYRA FILHO, 1983, p. 40.

psicológica sofre mais um revés, haja vista a seguinte declaração do jovem estudante universitário, quando debatia com o pai seu futuro profissional²⁸⁵:

Quanto à questão da carreira de cameralista, meu querido pai, conheci recentemente um assessor Schmidthänner, que me aconselhou a continuar como *justitiarius* após o terceiro exame jurídico, o que me agradaria muito mais já que eu realmente prefiro jurisprudência à ciência administrativa administração [Verwaltungswissenschaft].²⁸⁶

A passagem supracitada é uma resposta à carta anterior de seu pai, na qual este opina que uma carreira de cameralista se adequaria mais às pretensões artísticas do filho que uma carreira como advogado, talvez, pela maior segurança financeira, afinal, diz ele, “parece-me que poesia e literatura são mais propensas a encontrar patronos na administração do que no judiciário”²⁸⁷. Como se pode notar, a carreira de Marx era tema recorrente da comunicação epistolar entre pai e filho, nela, não encontramos nenhum vestígio da indisposição psicológica do jovem estudante com a profissão e com a matéria em si. Como veremos adiante, os motivos que conduziram Marx à crítica ao direito são de outra ordem.

O caso de Lyra Filho é o oposto da análise imanente, a qual “não se trata de simples alinhavo de paráfrases ou de atulhamento do escrito com citações em grande quantidade, enumeradas acriteriosamente pelo intérprete de acordo com suas próprias crenças e convicções”, pois constitui “procedimento investigativo de rigor que almeja identificar a estrutura categorial das obras”, sendo, por isso, “atitude de respeito ao texto, em que o intérprete se subordina ao sentido nele existente objetivamente”, algo que, definitivamente, esteve ausente na análise de Lyra Filho. Este último adota postura mais cômoda ao “atribuir ao material estudado o significado que subjetivamente [ele foi] capaz e formular, à revelia da própria tessitura significativa presente no escrito”²⁸⁸. No caso em estudo, trata-se de pura imputação do jurista brasileiro, que no seu diálogo com Marx falou mais que escutou.

²⁸⁵ Como é de se esperar de um pai preocupado, discussões sobre a carreira do filho são bastante recorrentes na comunicação epistolar de Marx com seu pai. Cf. o apêndice desta tese, onde se encontram todas as cartas traduzidas.

²⁸⁶ MARX; ENGELS, 1975b, p. 293, tradução nossa.

²⁸⁷ MARX; ENGELS, 1975b, p. 318, tradução nossa.

²⁸⁸ VAISMAN; FORTES, 2020, p. XII.

Mesmo o método que se chama divinatório ou psicológico de Schleiermacher não prescinde do texto. Lyra Filho foi longe demais, pois desconsidera que antes de se tornar crítico do direito *tout court*, às vezes, afinal, o brasileiro considera ser esse apenas um lado da posição de Marx frente ao direito, já que, segundo ele, há trechos nos quais Marx é favorável ao direito, o que resulta em paralogismos, Marx foi durante seu período acadêmico e de *Gazeta Renana* um defensor do direito, transitando para a crítica ao direito tão somente a partir dos escritos de Kreuznach, posição que evolui ao longo de seu itinerário intelectual²⁸⁹, transição que é objeto desta tese.²⁹⁰

O presente capítulo cobre todo o período acadêmico de Marx e se divide em dois tópicos. O primeiro analisa a *carta ao pai de 1837*; ao passo que o ulterior investiga o modo pelo qual Marx encarou a tarefa da filosofia no seu tempo, preparando o terreno para sua intervenção pública como redator da *Gazeta Renana*. No caso do segundo tópico, trataremos da tese doutoral e daqueles materiais preparatórios desta tese. Cotejaremos, sempre que necessário, com passagem retiradas das correspondências, dos excertos de textos e, também, da produção literária. Sigamos ao primeiro tópico, onde, procuramos apontar os primeiros motivos que levaram Marx a criticar, primeiramente, a teoria do direito, chamada *Jurisprudência*, a partir da transição do idealismo de Kant e Fichte para o hegelianismo, bem como seus novos planos para melhor compreender a figura do direito.

I. Primeira inflexão de Marx frente ao direito: seu caminho para Hegel

No espólio de texto legados por Marx, há pelo menos dois dos seus escritos dedicados a delinear e analisar retrospectivamente o curso dos seus estudos e descobertas, o mais conhecido é o “prefácio” de *Contribuição à crítica da economia política*, muitas vezes chamado simplesmente de *prefácio de 1859*,

²⁸⁹ Para citar apenas um, cf. Sartori (2018a).

²⁹⁰ Poderíamos referir outros argumentos contra Lyra Filho, aqui, acrescentamos mais três, em brevíssimas linhas: 1) Marx escolheu Direito a Cameralística, fato completamente desconsiderado pela fortuna crítica; 2) Marx cursou mais disciplinas jurídicas do que as demais somadas, quando poderia ter feito diferente; 3) há pelo menos dois textos nos quais Marx se dedica a espécie de prestação de contas do seu desenvolvimento intelectual anterior, a *carta ao pai de 1837* e o famoso *prefácio de 1859*, e em nenhum deles Marx alude qualquer coisa próxima do imputado pelo lyrismo.

no qual o autor, como escreveu 22 anos antes, sentiu-se “compelido a olhar o passado e o presente com os olhos de águia do pensamento, de modo a chegar à consciência de [sua] posição real”²⁹¹, pois, em 1859, Marx faz “algumas alusões sobre o caminho percorrido pelos [seus] próprios estudos político-econômicos”²⁹², e o início da caminhada ocorre no período acadêmico. E data desse período o outro escrito dedicado à retrospectiva do seu desenvolvimento intelectual, trata-se da *carta ao pai*, escrita pouco mais de duas décadas antes do prefácio, em novembro de 1837. Menos sistemática que o texto de 1859, esta carta é um pedido de Heinrich Marx para que seu filho apresente seu plano de estudos²⁹³ – como é possível depreender da correspondência apresentada ao final desta tese, Marx costumava enviar seus planos de estudos e projetos acerca do futuro profissional a seu pai, com menor frequência que o desejado pelo velho Marx, infelizmente, o único documento que sobreviveu foi a carta de 1837.

A carta não satisfez em nada seu pai, que se queixou, pois “[...] depois de um período de dois meses, [...] recebo uma carta sem forma nem conteúdo, um fragmento rasgado, sem sentido, sem conexão com o que veio antes e sem conexão com o futuro!”²⁹⁴. Essa passagem da carta paterna, que provavelmente responde à missiva de novembro de 1837, transmite a monta da insatisfação paterna e do desafio analítico que este escrito nos impõe. Mas nos possibilita compreender a dimensão da inflexão ocorrida no pensamento de Marx naquele ano. O caminho de Marx para Hegel pegou seu pai de surpresa e não é de se estranhar, afinal, até aquele momento, o grande filósofo alemão apenas havia recebido menções críticas, às vezes jocosas, por parte de Marx. Hegel aparece algumas vezes no material literário do nosso autor, sempre de maneira depreciativa.²⁹⁵ Muito embora seja bastante provável que Marx só tenha lido Hegel

²⁹¹ MARX; ENGELS, 1975b, p. 9, tradução nossa.

²⁹² MARX; ENGELS, 1961, p. 7, tradução nossa.

²⁹³ Um dos pedidos de seu pai pode ser lido na carta de 20 de agosto de 1837: “Se você tiver tempo livre e me escrever, ficarei grato se você esboçar um plano conciso de quais estudos jurídicos positivos você realizou este ano” (MEGA III/1, p. 315, tradução nossa).

²⁹⁴ MARX; ENGELS, 1975b, p. 321, tradução nossa.

²⁹⁵ Cf. uma série de epigramas intitulado “Hegel”, presente no caderno endereçado ao seu pai por conta do seu aniversário, no início de 1837, no qual Marx, comparando Hegel a Kant e Fichte, adota posição favorável aos últimos (MARX; ENGELS, 1975a, p. 644-646). Ainda, no fragmento do seu romance humorístico, intitulado *Escorpião e Félix*, também presente no caderno oferecido ao pai, no capítulo 21, das “reflexões filológicas”, há uma passagem que diz: “De acordo com o exposto, uma vez que entre os velhos alemães o nome se originava de diversos adjetivos e expressava o caráter de seu portador – como Krug, o cavaleiro; Raupach, o conselheiro da corte; Hegel, o anão

em 1837, portanto, essas menções eram carregadas de preconceito²⁹⁶. Ao invés de enviar organizadamente as informações pedidas, Marx escreveu uma carta fragmentariamente picotada, por isso, sem forma ou conteúdo e, além disso, o que é ainda mais preocupante, a carta refletia uma pessoa em conflito interno, dilacerado.²⁹⁷ A carta do pai é bastante dura, como se pode verificar na passagem abaixo transcrita:

Falando francamente, meu querido Karl, não gosto dessa expressão moderna em que todos os fracos se disfarçam quando brigam com o mundo, de modo que eles não possuem palácios bem mobiliados com milhões e carruagens sem todo o trabalho e esforço. Esse dilaceramento [Zerrissenheit] é repugnante para mim, e eu não espero isso de você. Que razão você pode ter para estar deste modo? Tudo não sorriu para vocês desde o berço? A natureza não o presenteou maravilhosamente? Seus pais não o abraçaram com amor pródigo? Você já falhou em satisfazer seus desejos razoáveis? E você, da maneira mais incompreensível, não levou o coração de uma garota que milhares o invejam? E a primeira adversidade, o primeiro desejo malsucedido, mesmo assim, produz dilaceramento [Zerrissenheit]! Isso é força? Isso é caráter masculino?²⁹⁸

Foi dessa forma que seu pai recebeu a carta de 1837, texto confuso e, até certo ponto, enigmático, mas que marca o caminho de Marx para Hegel e a primeira inflexão da posição do nosso autor com relação ao direito e aquilo que chamamos hoje de teoria do direito, à época *Jurisprudência*. Marx tinha consciência que aquele ano marcara uma “nova direção” na sua vida privada²⁹⁹ e,

[...]” (MARX, 2018b, p. 20). Interessante perceber que, além de relacionar Hegel à pequenez, os outros nomes que figuram ao seu lado são de personalidades menores do pensamento alemão, o primeiro Wilhelm Traugott Krug sucessor de Kant em Königsberg; e o outro é Ernst Raupach, sucessor de Friedrich Schiller. Páginas adiante, do mesmo fragmento de romance, fica explícita a desdenha com Hegel, pois, lá, lemos: “os primeiros são demasiado grandes para este mundo; por isso são lançados fora. Os últimos, porém, deitam raízes e permanecem, como os atos nos mostram, pois o champanhe deixa um perseverante e repulsivo sabor final, o heroico César deixa atrás de si o ator Otaviano; o imperador Napoleão, o rei burguês Luís Filipe; o filósofo Kant, o cavaleiro Krug; o poeta Schiller, o conselheiro a corte Raupach; o celeste Leibniz, o aprendiz Wolff; o cão Bonifácio, este capítulo” (MARX, 2018b, p. 40).

²⁹⁶ Nossa afirmação encontra fundamento na própria *carta ao pai*, onde lemos que, primeiramente, ele “havia lido fragmentos de filosofia hegeliana cuja grotesca melodia rochosa” não o agradou; e mais a frente, na carta, ele diz ao pai que durante sua temporada em Stralow, onde foi se recuperar de um mal-estar aprendeu “Hegel do começo ao fim” (MARX; ENGELS, 1975b, pp. 16-17, tradução nossa).

²⁹⁷ Assim escreve seu pai: “Eu havia escrito várias cartas, algumas das quais solicitavam informações. E em vez disso, uma carta fragmentária, e o que é ainda pior, uma carta amargurada...” (MARX; ENGELS, 1975b, p. 321, tradução nossa).

²⁹⁸ MARX; ENGELS, 1975b, p. 321, tradução nossa.

²⁹⁹ Diz Marx ao pai: “quando deixei vocês, um novo mundo avia se aberto para mim, o do amor [...]” (MARX, 2018, p. 426).

especialmente, na sua vida intelectual, escrevia a tão solicitada carta ao pai em um daqueles “momentos da vida que são como um marco de um tempo passado e que, simultaneamente, apontam com firmeza uma nova direção”³⁰⁰. Foi, portanto, posicionado do “ponto de inflexão” do seu pensamento, quando “tudo o que [lhe] era mais sagrado foi dilacerado [zerrissen], e novos deuses tinham de ser encontrados”³⁰¹, que o jovem Marx procurou compreender sua “verdadeira posição”, expondo-a ao pai, ainda que sem forma ou conteúdo.

É certo que a “nova direção” tomada exigia que se abandonasse uma série de concepções que nutria sua vida intelectual até então, obrigando-o a uma crítica avassaladora do seu passado e uma busca desenfreada, como um “vigoroso andarilho”, por novos pontos onde pudesse fixar suas concepções atuais. Nesse sentido, é possível destacar duas frentes de ataque às suas velhas posições: uma no campo da estética e outra no campo que poderíamos chamar de filosófico-jurídico.

Na primeira frente, da qual não é possível tecer maiores detalhes, Marx teria realizado várias tentativas, inicialmente se dedicou à poesia lírica, mas, ao final, deu-se conta que “tratava-se de uma poesia puramente ideal”³⁰², chega mesmo a avaliar criticamente as produções poéticas contidas nos dois cadernos enviados à Jenny: “não obstante, talvez certo calor sentimental e uma luta por impulso também caracterizem todos os poemas dos três primeiros cadernos que enviei a Jenny”³⁰³. A caracterização da crise estética como uma crise da forma que acaba por comprometer o conteúdo pode ser bem apreendida na passagem abaixo:

Meu céu e minha arte tornaram-se mundos tão distantes quanto meu amor. Assim, desfoca-se todo o real, e tudo o que é desfocado não tem limites, culminando em ataques ao presente, sentimentos abrangentes e disformes, sem nada de natural, tudo construído da lua, exatamente o contrário daquilo que é e daquilo que deve ser, reflexões retóricas em vez de pensamentos poéticos.³⁰⁴

³⁰⁰ MARX, 2018, p. 425.

³⁰¹ MARX, 2018, p. 429.

³⁰² MARX, 2018, p. 426.

³⁰³ MARX, 2018, p. 426.

³⁰⁴ MARX, 2018, p. 426.

A autocrítica desse período impactou sobremaneira sua produção literária, a ponto de ter queimado todo o material produzido³⁰⁵. É comum se afirmar que essa crise estética é a crise da posição romântica de Marx, hipótese que não parece desprovida de sentido, contudo, não passa ainda de hipótese a ser verificada, afinal, também não faltam aqueles que procuram no romantismo “uma das fontes esquecidas de Marx e Engels”³⁰⁶. Atualmente, o ponto de partida precisa ser a biografia de Marx escrita por Michael Heinrich (2018), pois acumula importantes informações, contudo não pode ser mais que isso, ponto de partida, afinal, é necessário encontrar nos próprios textos o romantismo do jovem literato Marx, analisá-lo e, então, tratar da sua crítica e da “nova direção” assumida. Ainda mais em se tratando do romantismo alemão, movimento que contempla inúmeras fases, autores e obras; além de autores que transitaram do romantismo ao classicismo, como Goethe; sem falar do abismo que separa Herder de Schlegel. Não é suficiente identificar no autor temáticas antiburguesas e concluir por seu suposto romantismo. Eis um ponto a ser mais bem trabalhado pela marxologia.³⁰⁷

Na frente de ataque que chamamos aqui filosófico-jurídica, Marx é bem mais explícito no relato da sua antiga posição e na indicação daquela que seria sua nova direção. Primeiramente, vale ressaltar certa imprecisão de Marx quando aproximadamente duas décadas depois do seu período acadêmico ele relembra sua formação e diz ter estudado direito, “minha especialidade”, tão somente “como disciplina subordinada ao lado de Filosofia e História”³⁰⁸. Esse caráter de “disciplina subordinada” é que não está tão bem colocado. Não é esse o espírito da *carta ao pai*, onde ele relata seus empreendimentos intelectuais envolvendo a matéria de sua especialidade, “como introdução, escrevi frases metafísicas e desenvolvi essa

³⁰⁵ Marx relata na carta: “[...] queimei todos os poemas, os esboços de novelas etc., na louca ilusão de que poderia assim, deixar tudo isso para trás – o que parece, até agora, de fato funcionar” (MARX, 2018, p. 431).

³⁰⁶ LÖWY; SAYRE, 1995, p. 135.

³⁰⁷ Além de Löwy e Sayre, além da importante biografia de Michael Heinrich, sobre a relação de Marx com o romantismo, cf. o já clássico no assunto Praver (1978) e, no Brasil, Sartori (2018; 2019) aporta importantes considerações nessa temática. Por último, citamos o artigo de Douglas Rafael Dias Martins (2018) que procurou analisar o caminho de Marx do romantismo ao hegelianismo, mas o resultado é um trabalho confuso – há erros primários, como erros recorrentes de datas –, além de trabalhar bastante com a biografia de Michael Heinrich, contudo, de forma acrítica; também há um problema sério quando o autor pretende analisar as produções poéticas de Marx, algo a se elogiar, e acaba se atendo mais ao conteúdo que a forma daquelas produções literárias. Como se pode averiguar, há muito a se fazer nesse campo.

³⁰⁸ MARX; ENGELS, 1961, p. 7, tradução nossa.

infeliz obra até o direito público, um trabalho de quase trezentas folhas”³⁰⁹, conforme registrado na carta de 1837. Na mesma carta, Marx relata ter estudado uma série de juristas, como Johann Gottlieb Heineccius e Anton Friedrich Justus Thibaut, além das *fontes* de Savigny e de traduzir parte do *Digesto*, no entanto, diz ele que o fez “como um colegial”³¹⁰, isto é, “de modo puramente acrítico”³¹¹. Mais à frente ele diz ter lido Ernst Ferdinand Klein, seu *Direito criminal* e seu *Anais*³¹² e, algum tempo depois, alude que passou um tempo dedicando-se “exclusivamente aos estudos positivos”. Segue abaixo seu relato:

[...] li o trabalho sobre a posse de Savigny, o direito criminal de Feuerbach e Grolman, o *De verborum significatione* de Cramer, o sistema do Digesto de Wening-Ingenheim, o *Doctrina pandectarum* de Mühlenbruch, que ainda estou estudando, e, por fim, alguns títulos de Lauterbach que tratam do direito civil e, sobretudo, do direito canônico – de cuja primeira parte, a *Concordia discordantium canonum* de Graciano, li e resumi o texto original quase integralmente, assim como o anexo, o *Institutiones* de Lancelotti. [...] também vi um pouco de direito germânico, mas apenas de modo indireto, ao estudar as capitulares dos reis francos e as cartas enviadas a eles pelos papas.³¹³

Embora o jovem estudante também relate ter lido e tomado nota dessas obras³¹⁴, como o “*Laocoonte* de Lessing, o *Erwin* de Solger, a *História da arte* de Winckelmann, a *História alemã* de Luden” e “anotando sempre algumas reflexões”, além de ter traduzido a *Germânia* de Tácito, a *Tristia* de Ovídio e partes da *Retórica* de Aristóteles, também leu “o *De augmentis scientiarum* do famoso Bacon de Verulâmio, [e se ocupado] muito com Reimarus e refleti[do] voluptuosamente sobre seu livro *Acerca do instinto artístico dos animais*”, resta esclarecido que Marx não se dedicou ao direito apenas como “disciplina subordinada”, pelo menos, não durante todo o período acadêmico. Infelizmente, as notas, resumos, reflexões e excertos que Marx possivelmente fizera durante esse período não foram preservados, pois os primeiros cadernos que temos publicados pela MEGA datam

³⁰⁹ MARX, 2018, p. 426.

³¹⁰ O adjetivo utilizado por Marx foi *schülerhaft*. O sentido é francamente pejorativo, pois, segundo consta no famoso *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm*, o termo refere “todos os tipos de comportamento indecente dos alunos, comportamento de colegial, vestimenta ruim, modos indelicados, desempenho desleixado”.

³¹¹ MARX, 2018, p. 426.

³¹² MARX, 2018, p. 429.

³¹³ MARX, 2018, p. 430.

³¹⁴ “Nessa época, adquiri o costume de resumir todos os livros que lia [...]” (MARX, 2018, p. 429). Costume que ele mantivera até o final da vida.

do inverno de 1839 e já são as suas anotações preparatórias para a tese doutoral. Mas, como resumimos no capítulo 2 desta tese, é certo que Marx não esteve matriculado em disciplinas jurídicas apenas nos últimos dois semestres universitários, no verão de 1839 e no inverso de 1840-41, quando, seguramente, suas energias já estavam voltadas para o estudo e escrita da tese, e os planos já eram tornar-se professor universitário.

Segundo Marx, “chegando em Berlim”, depois de cortar todas as ligações com o mundo externo, tratou imediatamente de “imersão na ciência e na arte”³¹⁵ e, diz ele, logo percebeu que “a poesia pôde [durfte] e houve de ser [sollte] apenas uma acompanhante” sua, afinal, confessa: “eu tive que [mußte] estudar Jurisprudência e, acima de tudo, senti o ímpeto de lutar com a filosofia”³¹⁶. No *prefácio de 1859*, Marx se esqueceu de incluir a poesia, ou preferiu omitir essa informação, substituindo-a por história. Quanto ao direito e à filosofia, percebe-se na *carta ao pai* que nosso autor procurou conjugá-las num só empreendimento, que ele assim o descreve:

Ambas foram conectadas de tal forma que, em parte, eu estudei Heineccius, Thibaut e as fontes de forma puramente acrítica, apenas de forma colegial, por exemplo, traduzindo os dois primeiros livros das *Pandectas* para o alemão, e em parte tentei realizar uma filosofia do direito por meio da esfera jurídica. Como introdução, avancei com alguns teoremas metafísicos e conduzi esta infeliz *opus* até o direito público, uma obra de quase 300 folhas.³¹⁷

Esse projeto de “realizar uma filosofia do direito”, diz Marx, resultou numa divisão em duas partes, intituladas “metafísica do direito” e “filosofia do direito”, que, por sua vez, contaria com duas seções, “doutrina formal” e “doutrina material do direito”. Ainda segundo nosso autor, a *Metaphysik des Rechts* cuidaria dos “princípios, reflexões conceituais, separados de todo direito efetivo e de cada forma efetiva do direito”; ao passo que a *Rechtsphilosophie* deveria tratar:

[...] [d]a análise do desenvolvimento das ideias no direito positivo romano, como se o direito positivo, no desenvolvimento de suas ideias (não me refiro a suas determinações puramente finitas), nem sequer pudesse ser

³¹⁵ MARX; ENGELS, 1975b, p. 10, tradução nossa.

³¹⁶ MARX; ENGELS, 1975b, p. 10, tradução nossa.

³¹⁷ MARX; ENGELS, 1975b, p. 10, tradução nossa.

algo diferente da formação do conceito de direito que deveria ser abordado na primeira parte.³¹⁸

Ainda sobre a sua *Rechtsphilosophie*, Marx escreve na carta que a seção sobre a doutrina formal do direito “descreveria a forma pura do sistema em sua sucessão e em sua correlação, além da divisão e da extensão”, ao passo que a segunda seção, doutrina material do direito, “trataria do conteúdo, ou seja, do condensar-se da forma em seu conteúdo”. É de se lamentar que esse material de quase 300 folhas não tenha sido preservado, o que termina por limitar material e objetivamente nosso trabalho de investigação. No entanto, a partir do relatado ao pai, é possível deduzir alguns elementos desse projeto que nos aproximará de certas feições intelectuais do jovem estudante alemão. Ele afirma que na parte referente à *Metaphysik des Rechts* fizera “como na obra de Fichte”, mas, no seu caso, “de modo mais moderno e com menos conteúdo”. Sobre a segunda parte, sua *Rechtsphilosophie*, Marx avalia como um equívoco a separação entre forma e conteúdo, “um erro partilhado com o sr. Savigny, como descobri mais tarde em sua erudita obra sobre a posse”, como sabemos, Marx somente leu *Das Recht des Besitzes* (1804) do jurista da *Escola Histórica do Direito* algum tempo depois da sua empreitada acadêmica. Além de Fichte e Savigny, Marx revela que “na conclusão do direito privado material, vi que o todo estava errado, - em seu fundamento, aproximava-se de Kant; na execução, divergia completamente dele”³¹⁹. E mais adianta, Marx revela que seu idealismo havia sido “comparado e nutrido com ideias kantiana e fichtianas”³²⁰. A partir disso, puxemos um pouco o fio da meada e veremos o quanto conseguimos desenrolar o novelo confuso, sem “forma ou conteúdo”, como dissera seu pai, que é essa carta.

Então, comecemos o desenrolo por Fichte, figura destacada do idealismo alemão, que exerceu grande força de atração em várias parcelas da intelectualidade alemã do *Vormärz* e que foi o primeiro reitor eleito da Universidade de Berlim. A medida da importância de Fichte pode ser bem compreendida quando se conhece o lugar ocupado por ele, segundo Friedrich Schlegel. Em 1798, nos *Fragmentos do Athenaeum*, escreve Schlegel: “A Revolução Francesa, a Doutrina

³¹⁸ MARX, 2018, 427.

³¹⁹ Marx, 2018, 429.

³²⁰ Marx, 2018, p. 430.

da ciência, de Fichte, e o *Meister*, de Goethe, são as grandes tendências de nossa época”³²¹. Não é de se estranhar que o jovem estudante tenha buscado em Fichte as bases para seu empreendimento malsucedido. É possível que sua tentativa de unir filosofia e direito naquilo que ele mesmo chamou de “desenvolvimento filosófico do direito” tenha seguido as diretrizes da obra fichteana *Fundamento do Direito Natural segundo os princípios da Doutrina da Ciência*³²², publicada entre 1796 e 1797, sendo este o mesmo ano de publicação da primeira parte de *A Metafísica dos Costumes*³²³, de Kant, chamada “Princípios metafísicos da doutrina do Direito”, outra obra que certamente fazia parte da constelação intelectual do jovem estudante, o qual escreveu na carta que seu idealismo à época tinha sido alimentado por Kant e Fichte. Antes de prosseguir, cabe destacar que o debate sobre o direito natural predominava entre as principais publicações da época, fins do século XVIII e início do XIX, e sob forte influência da filosofia kantiana. Conforme José Lamego:

à altura, a publicação de ensaios sobre o Direito natural no espírito da filosofia crítica era abundante. Só em 1795, ano em que Fichte realiza as investigações que irão culminar na publicação de *Fundamento do Direito Natural*, são publicados na revista *Philosophisches journal einer Gesellschaft Teutscher Gelehrten*, de que Fichte era coeditor, entre outros, os seguintes ensaios: Johann Paul Anselm Feuerbach (1755-1833), “Yersuch über den Begriff des Rechts”; Salomon Maimon (1754-1800), “Ueber die ersten Gründen des Narurrechts”; Johann Benjamin Erhard (1766-1827), “Ueber das Rechts des Yolks zu einer Revolution” e “Beitrag zur Theorie der Gesetzgebung”. Também o grande divulgador da filosofia de Kant e antecessor de Fichte em Jena, Karl Leonhard Reinhold (1758-1823), dá à estampa, em 1797, “Aphorismen über das aussere Recht überhaupt und insbesondere das Staatsrecht.”³²⁴

Da lista supracitada, destaca-se Johann Paul Anselm Feuerbach, de quem Marx afirma ter lido, naquele ano, a obra de direito criminal, escrita em conjunto com Karl Grolman. Mas o quadro apresentado por Lamego pode perfeitamente ser completado com outras duas grandes publicações, referimo-nos a *Nova dedução do Direito Natural*, de Schelling³²⁵, escrito na forma de aforismas e publicado logo após a publicação da primeira parte do livro de Fichte, em 1796.

³²¹ Schlegel, 1987, p. 60.

³²² Cf. Fichte (2012).

³²³ Cf. Kant (2013).

³²⁴ Lamego, 2012, p. VII.

³²⁵ Schelling, 2019.

Schelling, nesse livro, se encontra “próximo das teses de Fichte sobre o modo como o ‘Eu’ é condicionado pela atividade de autoposição de outros sujeitos e sobre a dedução transcendental da ‘relação jurídica’”. Lyra Filho chega mesmo a tentar uma aproximação entre Marx e Schelling a partir da *Nova dedução*, no entanto, tudo ao modo do lyrismo, pouca prova e muita imputação³²⁶. É verdade que na carta de 1837, o jovem Marx chega a citar Schelling, entretanto, sem nos oferecer maiores detalhamentos, pois apenas diz ter estudado, de certo modo, “ciências naturais, Schelling e história” para escrever “um diálogo de 24 folhas: *Cleantes ou Do início e da necessária continuação da filosofia*”, mais um trabalho que não nos chegou, provavelmente, devido à fúria flamejante do nosso autor. Por fim, podemos incluir, finalizando esse esforço do idealismo alemão de dar conta do direito natural, a obra seminal de Hegel, *Linhas fundamentais da filosofia do direito: direito natural e ciência do estado no seu traçado fundamental*, de 1820, última obra escrita e publicada pelo autor.³²⁷ Mas o esforço hegeliano de tratar do direito, delineiam Lefebvre e Macherey, começa ainda no fim do século XVIII, em Tübingen (1788-1793), quando reagira de modo apaixonado à Revolução Francesa, interesse que continuou vivo no período de Berna (1793-1796) e Frankfurt (1796-1800), interesse documentado nos escritos sobre a constituição alemã, no entanto, esse esforço intelectual alcança mais solidez no período de Jena (1800-1807), nos seus primeiros anos como professor, afinal, data desses anos as elaborações iniciais do conceito de *Sittlichkeit*. Em 1803, Hegel publicou um texto inteiramente dedicado à discussão do direito natural, além do manuscrito *System der Sittlichkeit*, publicado postumamente; ainda é do período de Jena a *Fenomenologia do Espírito*, publicada em 1807, na qual o direito foi tematizado no seu capítulo 6. Do período de Nüremberg (1808-1816) e de Heidelberg (1817-1818), datam a sua *Ciência da Lógica* (1812-1816) e a *Enciclopédia das ciências filosóficas* (1817), respectivamente, então, o direito passa a ter lugar no sistema hegeliano, ocupando

³²⁶ Escreve Lyra Filho (1983, p. 46): “Cotejando-se a *Neue Deduktion* com as ideias jurídicas marxianas seria possível, inclusive, esclarecer melhor, à luz um dos seus antecedentes mais importantes (porém, não mencionados), o sentido e alcance de elementos da própria obra marxiana, em termos de liberdade e necessidade, direitos originários, contradições entre a liberdade individual e a ‘vontade geral’, separação entre Direito e legalidade, Direito de resistência e assim por diante”.

³²⁷ Cf. Hegel (2022).

a terceira parte, a qual trata do “Espírito objetivo”.³²⁸ Há nítida evolução do grau de importância do espírito objetivo na obra hegeliana, com isso, também, do direito. Conforme mostra Konzen, são 53 parágrafos na 1ª edição da *Enciclopédia*, 70 na 2ª e 3ª edições, saltando para 360 parágrafos na *Filosofia do Direito*, obra escrita no período em que lecionou na Universidade de Berlim (1818-1831), onde acabou, literalmente, fazendo escola. Marx, como é bem conhecido, matriculou-se em dois cursos, *Direito criminal e Direito fundiário na Prússia*, entre 1837 e 1838, ambos ministrados por aquele que foi um dos principais alunos de Hegel, Eduard Gans, quem chegou a ministrar ao tempo de Hegel, em substituição deste, o curso de Filosofia do Direito entre 1825 e 1831, usando como texto base a *Filosofia do Direito*.

É, pois, no interior desse quadro geral, cujos quatro vértices foram Kant, Fichte, Schelling e Hegel, referidos nominalmente, não por acaso, todos na carta de 1837, que Marx irá esboçar suas primeiras posições frente ao direito. Como “vigoroso andarilho”, Marx abriu caminho até Hegel pelas veredas do idealismo, sobretudo, haja vista que, quanto a Schelling, o jovem disse apenas que lera como parte dos estudos preparatórios para seu “diálogo de aproximadamente 24 folhas”. Sinalizando sua chegada a Hegel, Marx afirma, ainda comentando o projeto do diálogo, “minha última frase era o início do sistema hegeliano”, o qual guiará os próximos passos de sua caminhada.

No momento em que escreve a carta ao pai, isto é, quando já havia aportado na filosofia hegeliana, com a qual encontrou sua nova direção, e procurava explicar a antiga posição, rejeitada, de um idealista alimentado por Kant e Fichte, Marx adota tom bastante crítico ao idealismo, ou ao então chamado idealismo³²⁹. A autocrítica do seu trabalho de quase 300 folhas, que ele dividiu em

³²⁸ Cf. Lefebvre; machery (1999).

³²⁹ Algo que o leitor contemporâneo pode estranhar é o fato de Hegel não ser tratado como parte do idealismo, pois, como explica Michael Heinrich (2018, p. 187), “Igualmente problemática é a classificação – feita até hoje com a maior naturalidade – de Hegel como representante do ‘idealismo alemão’. O próprio Hegel, assim como seus contemporâneos, ficaria bastante surpreso com ela. No verbete ‘idealismo’ de uma enciclopédia de 1840, as teorias de Johann Gottlieb Fichte são classificadas como parte do idealismo filosófico, uma vez que ele interpretava o mundo exterior contraposto ao ‘Eu’ (o ‘não-Eu’) como uma posição [Setzung: o ato de pôr] do ‘Eu’ (sendo que o ‘Eu’ não é um Eu individual, mas, antes, a capacidade de raciocínio inerente a cada indivíduo, por isso a posição do ‘não-Eu’ tampouco é uma posição individualmente arbitrária). No entanto, o sistema de Hegel foi explicitamente excluído do idealismo. O mesmo argumento se encontra na enciclopédia de Wigand, publicada em 1848”.

duas partes, metafísica do direito e filosofia do direito, diz respeito à emergência “perturbadora” da “mesma oposição entre a realidade efetiva [das Wirkliche] e o devendo-ser [das Sollende] que é própria ao idealismo³³⁰”, a qual gerou a aludida divisão explicitada acima, “inadequada e errônea”.³³¹ Como na obra de Fichte, a dedução do direito estava apartada “de todo direito efetivo e de cada forma efetiva do direito” na parte relativa à metafísica do direito. E sua crítica segue, mostrando que ao final de 1837 o que interessava a Marx na filosofia era sua capacidade de compreender o verdadeiro de maneira imanente, mas isso somente é possível se o “sujeito” não se contenta com o “passe[ar] ao redor da coisa, raciocina[ndo] para lá e para cá”, portanto, sem permitir que a “coisa em si tome forma, vívida, num rico desdobrar-se”, eis, diz Marx, “a forma não científica do dogmatismo matemático”, no qual recai o então chamado idealismo.³³² Como bem explica Barata-Moura, a acusação que o jovem Marx faz ao idealismo de dogmatismo matemático, e esse como forma de não ciência, pode ser muito bem compreendido à luz da crítica hegeliana à “importação dos procedimentos construtivo-demonstrativos da matemática para o domínio da filosofia, enquanto metodologia de validade universal”^{333,334} A crítica de Marx ao idealismo e seu resultado dogmático, na passagem da carta, faz recordar certo trecho da *Fenomenologia do espírito* – dizemos *faz recordar* justamente por compreender que o estatuto de uma carta não é o mesmo de um texto teórico, assim como os rascunhos de um autor não são o mesmo que sua obra teórica publicada. Dito isso, na obra hegeliana se lê que:

O dogmatismo - esse modo de pensar no saber e no estudo da filosofia - não é outra coisa senão a opinião de que o verdadeiro consiste numa proposição que é um resultado fixo, ou ainda, que é imediatamente conhecida. A questões como estas - Quando nasceu César? Que estádio era e quanto media? - deve-se dar uma resposta nítida. Do mesmo modo,

³³⁰ Como Marx não utilizou o infinitivo do verbo Sollen, cuja tradução consagrada é *dever-ser*, mas Sollenden, uso incomum, mas que aparece algumas poucas vezes na *Filosofia do Direito*, de Hegel, sempre acompanhado do *sein*, optamos, como traduzir, também, é escolher, por verter Sollenden por *devendo-ser*, seguindo a tradução de Marcos Lutz Müller da obra hegeliana.

³³¹ Marx, 2018, p. 426.

³³² Marx, 2018, p. 427.

³³³ Barata-Moura, 1994, p. 32.

³³⁴ Marx, mesmo depois de passadas décadas, nunca se satisfaz com a prova matemática, pois em *O capital*, livro III, encontramos o seguinte trecho: “Aqui é válido o que diz Hegel com referência a certas fórmulas matemáticas, a saber, que aquilo que o senso comum considera irracional é racional, e o que ele considera racional é a própria irracionalidade” (MARX, 2017, p. 839).

é rigorosamente verdadeiro que no triângulo retângulo o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos. Mas a natureza de uma tal verdade (como a chamam) é diferente da natureza das verdades filosóficas.³³⁵

Não é por acaso que após referir dogmatismo matemático como “entrave à compreensão do verdadeiro”, o jovem Marx recorre justamente ao exemplo do triângulo³³⁶:

O triângulo permite que o matemático construa e demonstre; ele continua sendo mera representação [Vorstellung] no espaço, não se desenvolvendo, não se tornando nada mais. É preciso colocá-lo ao lado de outra coisa, assim ele assume outras funções, e essa diferença igualada lhe dá diferentes relações e verdades.³³⁷

Eis que a construção e demonstração típicas do matemático não passam de “mera representação”, isto é, um momento que mais concerne ao sujeito que “passeia ao redor da coisa, raciocina para lá e para cá”, momento externo à coisa, “não é em si mesmo o ser”³³⁸, por isso, Marx diz que a coisa mesma não tomou “forma, vívida, num rico desdobra-se”. Entendemos ainda melhor a dicção do jovem estudante ao pai se temos em nossa conta que para Hegel:

Quanto às verdades matemáticas, ainda seria menos tido como um geômetra quem soubesse os teoremas de Euclides exteriormente, sem conhecer suas demonstrações (ou conhecer interiormente, para exprimir-se por contraste). Também não seria considerado satisfatório o conhecimento da relação bem conhecida entre os lados do triângulo retângulo, se fosse adquirido medindo muitos triângulos retângulos. Mas a essencialidade da demonstração não tem ainda, mesmo no conhecimento matemático, a significação e a natureza de ser um momento do resultado mesmo; ao contrário, no resultado da demonstração some e desvanece. Sem dúvida, como resultado, o teorema é reconhecido como um teorema verdadeiro. Mas essa

³³⁵ Hegel, 2003, p. 49.

³³⁶ Barata-Moura (1994, p. 33) defende que a alusão de Marx ao triângulo teria relação com certa crítica do jovem alemão a Savigny, “ora, Friedrich Carl von Savigny, num dos seus textos programáticos de maior impacto, em 1814, havia precisamente reivindicado para a ciência jurídica que professava a dignidade e o modo de proceder das ‘matemáticas’, chegando mesmo para o efeito a evocar a imagem do ‘triângulo’”. Embora não seja um nenhum disparate considerar que a crítica de Marx alcance o autor da *Escola Histórica do Direito*, como resta comprovado nesta tese, a alusão ao triângulo e à matemática parece se ligar inteiramente à sua leitura de Hegel e, portanto, à crítica mais geral do idealismo.

³³⁷ Marx, 2018, 427.

³³⁸ HEGEL, 1992, p. 72.

circunstância, que se acrescentou depois, não concerne ao seu conteúdo, mas só a relação para com o sujeito. O movimento da prova matemática não pertence àquilo que é objeto, mas é um agir exterior à Coisa. Assim não é a natureza do triângulo retângulo que se decompõe tal como é representada na construção necessária à demonstração do teorema que exprime sua relação; todo o [processo de] produzir o resultado é um caminho e um meio do conhecimento.³³⁹

O trecho da missiva de Marx faz lembrar a escritura hegeliana, segundo a qual “no conhecer matemático, a inteligência é para a Coisa um agir exterior; segue-se daí que a verdadeira Coisa é por ele alterada”. O passear ao redor da coisa de Marx é nada menos que “o movimento do saber [matemático] [que] passa por sobre a superfície, não toca a Coisa mesma, não toca a essência ou o conceito”³⁴⁰. Não há movimento no conhecer matemático, pois, ao vívido desdobra-se da coisa, que é o almejado pelo saber filosófico, contrapõe-se um resultado “vazio e morto, no qual as diferenças são igualmente imóveis e sem vida”³⁴¹. Por isso, diz Hegel, “com efeito o morto, porque não se move, não chega à diferença da essência nem à oposição essencial ou desigualdade - e portanto à passagem do oposto no oposto -, nem à passagem qualitativa, imanente; e nem ao automovimento”³⁴². É possível que certa apreensão do pensamento hegeliano tenha levado Marx a concluir que:

na expressão concreta do vívido mundo dos pensamentos – como são o direito, a natureza e toda a filosofia –, deve-se observar o próprio objeto em seu desenvolvimento; divisões arbitrárias não se encaixam aqui. A razão da própria coisa tem de encontrar sua unidade em si, como um desdobrar-se conflituoso.

Aqui, é possível estabelecer certa relação com a posição hegeliana quanto aos limites das “regras do conhecimento do entendimento”, insuficientes no seu “definir”, “dividir” e “concluir”. Ao que tudo indica, Marx teria incorrido neste erro e identificado posteriormente. O que pode ser apreendido, também, como resolução do modo pelo qual Marx passaria a encarar o direito nos próximos anos, como a busca do Conceito, o direito racional, aquele que encontrou “sua unidade

³³⁹ HEGEL, 2003, pp. 49-50.

³⁴⁰ HEGEL, 2003, p. 51.

³⁴¹ HEGEL, 2003, p. 51.

³⁴² HEGEL, 2003, p. 52.

em si”, portanto, digno de tal nome.³⁴³ Marx identificou no idealismo e na oposição que lhe é característica entre o real e o dever-ser uma barreira “à compreensão do verdadeiro”, o que resulta numa crítica ao modo pelo qual o *Naturrecht* havia sido apropriado pelo idealismo alemão, na filosofia prática de Kant, isto é, fora do âmbito do conhecimento científico; e em Fichte, embora no âmbito da filosofia teórica, o direito é deduzido fora do âmbito prático e, depois, analisada a sua aplicação. Apesar das diferenças, tanto Kant quanto Fichte incorrem na oposição que impede a “compreensão do verdadeiro”, portanto, do verdadeiro direito. Nesse sentido, é importante perceber a inflexão que Hegel representa no tratamento do direito natural, como destaca Marcos Lutz Müller, acerca da *Filosofia do Direito*:

Esta nova designação [ciência filosófica do direito, ou Filosofia do direito], substituindo a denominação clássica de ‘direito natural’, causou estranheza à época, pois tanto a filosofia política antiga quanto o direito natural moderno tratavam o direito no âmbito da questão sobre a melhor constituição, isto é, do Estado concebido classicamente como sociedade civil (bürgerliche Gesellschaft). Hegel rompe com esta identidade entre Estado e sociedade civil, que remonta a Aristóteles e ainda está presente em Kant, estabelecendo a sua diferença conceitual precisa, o que constitui uma das teses mais inovadoras da sua filosofia política.³⁴⁴

Mas essa mudança – designar como *filosofia do direito* a busca do conceito do direito e não mais como *direito natural* – já havia sido preparado antes. Na *Enciclopédia das ciências filosóficas*, Hegel escreveu, no único trecho em que aparece a expressão *direito natural*, que:

A expressão “direito natural”, que foi corrente para a filosofia do direito, encerra a ambiguidade [seguinte]: se é o direito enquanto presente no modo natural imediato, ou se ele é visado tal como se determina pela natureza da Coisa, isto é, pelo conceito. O primeiro sentido era o visado ordinariamente outrora, de modo que se imaginou, ao mesmo tempo, um estado de natureza em que devia vigorar o direito natural, é oposto a ele, o estado da sociedade e do Estado que antes exigiria — e traria consigo — uma limitação da liberdade e um sacrifício de direitos naturais. Mas, de fato, o direito e todas as suas determinações se fundam unicamente na personalidade livre, em uma autodeterminação que é antes o contrário da determinação-de-natureza. Por isso, o direito da natureza é o ser-aí da força, e o fazer-valer da violência, e um estado-de-natureza é um ser-aí

³⁴³ Aqui, embora reste bastante restringida nossa possibilidade de analisar o que de fato Marx havia realizado nas produções comentadas na *carta ao pai*, afinal, nosso autor se desfez desse material, podemos dizer que suas intenções manifestadas na missiva são compatíveis com a filosofia hegeliana, a qual toma o Conceito em sua distinção com Intuição e com Representação. O Conceito se distingue da Representação pelo fato de não ser algo que se confunde com uma reflexão dos objetos.

³⁴⁴ MÜLLER, 2022, p. 8.

da força-bruta e do não-direito, do qual nada melhor se pôde dizer senão que preciso sair dele. Ao contrário, a sociedade é antes o estado em que somente o direito tem sua efetividade: o que se tem de sacrificar é justamente o arbítrio e a força-bruta do estado de natureza.³⁴⁵

Por isso, qualquer alusão a certo jusnaturalismo em Marx precisa levar em conta essa mudança promovida por Hegel. Nesse momento, a solução, como se verá, passa por Hegel, que não opunha a efetividade e o deveria ser, o qual resolve esse problema no conceito. A crítica de Hegel ao *Sollen*, a qual Marx parece seguir, passa justamente pela compreensão de que o critério para julgar o mundo é encontrado no próprio mundo e não fora dele. A tarefa do filósofo é descobrir, no mundo, a razão no interior deste mesmo mundo. Mais à frente, diante dos problemas enfrentados como redator da *Gazeta Renana*, o que era solução se mostrará obstáculo, e Marx terá, mais uma vez, que tomar nova direção, que se iniciará na crítica de Hegel, ou das antigas soluções. Marx chega ao diagnóstico que havia margeado, na sua metafísica do direito, o direito efetivo e cada forma efetiva do direito devido aquela oposição problemática entre o mundo e o que ele deveria ser, mas o direito é “um mundo de pensamentos vivos”, isto é, que se movem, diria Hegel, em passagem já citada aqui, “o morto, porque não se move, não chega à diferença da essência nem à oposição essencial ou desigualdade”, e, por que é vivo, necessita que o sujeito se detenha a “escutar atentamente o próprio objeto em seu desenvolvimento, sem se empenhar em imputar-lhe classificações arbitrárias, e sim deixando que o própria razão da coisa siga seu curso contraditório e encontre em si mesma a sua própria unidade”³⁴⁶, e sobre isso, mais uma vez diria Hegel, eis a passagem “do oposto no oposto”, ou o direito tem de ser investigado no seu automovimento e na sua imanência.

Não foi esse o caminho que ele percorreria no seu malbaratado projeto acadêmico, pois somente na segunda parte ele teria tratado “em geral de algo real” ao passo que o “conceito de direito” ocupava “toda a primeira parte”. Nessa segunda parte, chamada por ele de filosofia do direito, a sua pretensão era tratar do “desenvolvimento do pensamento no Direito Positivo romano (não me refiro às suas normas puramente finitas)”³⁴⁷ e, para tanto, pensou na divisão em duas

³⁴⁵ HEGEL, 1992, p. 112.

³⁴⁶ MARX; ENGELS, 1975b, p. 11, tradução nossa.

³⁴⁷ MARX; ENGELS, 1975b, p. 11, tradução nossa.

partes, teoria do direito formal e material, o que resultou noutras divisões malsucedidas, justamente devido à separação entre forma e conteúdo, escreve Marx:

[...] eu dividira a primeira parte em Teoria do Direito Formal e do Direito Material: uma procurava descrever a forma pura do sistema em seu desenvolvimento e em sua estrutura, a outra – ao contrário – tentava expor o conteúdo e a condensação, nele, da forma. Um erro que compartilho com o sr. Savigny, como mais tarde descobri em sua erudita obra sobre a propriedade, ainda que com a diferença [...] para mim, a forma é a arquitetura necessária das estruturações do conceito e a matéria é a qualidade necessária destas estruturações.³⁴⁸

Antes de prosseguir, dois apontamentos: Marx já no final de 1837 é crítico de Savigny, aspecto que se acentua ao longo do seu itinerário intelectual, como procuramos mostrar no capítulo em que tratamos da crítica de Marx à *Escola Histórica do Direito*, na *Gazeta Renana*, bem como nos capítulos que abordam o período de 1843 e 1844. Outro ponto a se notar é que mesmo quando Marx reconhece ter compartilhado com Savigny um erro, que descobriu somente meses depois ao ler a obra deste sobre a posse, nosso autor não deixa de apontar a diferença entre ele e aquele que foi seu professor. Nesse aspecto, é difícil compreender Hasso Jaeger quando escreve que “Marx manifesta um gosto especificamente savignyano pelos direitos antigos, e mesmo arcaicos, buscando expor as origens primordiais da propriedade, suas raízes, sua pré-história... sem perder de vista a Germânia de Tácito como fez Savigny em sua história acerca dos fundamentos jurídicos da nobreza alemã”³⁴⁹. E o erro, falo-nos o Marx que acabou de ingressar na filosofia hegeliana, embora nunca tenha subsumido seu pensamento ao mestre, com quem mantinha relação mediata, refletida, como veremos nas próximas páginas: “O erro foi acreditar que um poderia e deveria desenvolver-se separadamente do outro”, no caso, forma e conteúdo, “não contendo, assim”, ao final, “uma forma efetiva, mas, antes, algo como uma escrivaninha com gavetas que eu, mais tarde, encheria de areia”, metáfora que constata a completa separação entre a forma e o seu conteúdo³⁵⁰. A concepção que melhor explica a nova direção tomada pelo nosso jovem autor é aquela contida

³⁴⁸ MARX; ENGELS, 1975b, p. 11, tradução nossa.

³⁴⁹ JAEGER, 1967, p. 66.

³⁵⁰ MARX; ENGELS, 1975b, p. 11, tradução nossa.

uma vez mais na obra hegeliana, como, por exemplo, a que se lê que “na ciência o conteúdo está essencialmente ligado à *forma*”³⁵¹, noção amplamente desenvolvida por Hegel na sua *Lógica*. Puxando um pouco mais esse fio, Marx aprofunda a dicção hegeliana da carta ao escrever que “o nexos mediador entre a forma e o conteúdo é, precisamente, o conceito”, portanto, enquanto recrimina aquilo que é mera representação na filosofia, Marx resolve que a saída verdadeiramente científica, no caminho de Hegel, é a procura do conceito, isto é, “a verdade só no conceito tem o elemento de sua existência”³⁵², em oposição a certa filosofia que apela para intuição e sentimento. Marx anuncia, no fundo, que sua nova direção seguirá “o princípio central da [...] lógica especulativa” hegeliana, qual seja, “a unidade inseparável e essencial da forma e do conteúdo”³⁵³, princípio anunciado no início do prefácio da *Filosofia do Direito* e que é retomado ao final do mesmo prefácio, agora, tendo como elo o “conhecer conceitualizante”, escreve Hegel:

isso é também o que constitui o sentido concreto do que acima foi mais concretamente designado como *unidade da forma e do conteúdo*, pois a *forma* na sua significação mais concreta é a razão enquanto conhecer conceitualizante, e o *conteúdo* é a razão enquanto essência substancial da efetividade tanto ética como natural. A identidade consciente de ambas é a ideia filosófica.³⁵⁴

Não é, portanto, de se estranhar que Marx em seguida afirme que “em um *desenvolvimento filosófico do Direito*, um tem que brotar do outro; mais ainda, a forma não pode ser mais que o desenvolvimento do conteúdo”³⁵⁵; e outra vez, a dicção hegeliana é notável, afinal, não é o próprio Hegel que inicia sua *Filosofia do Direito*, já no §1, afirmando que “a *ciência filosófica do direito* tem por objeto a *ideia do direito*, o conceito do direito e a sua efetivação”³⁵⁶. Segundo Müller, Eduard Gans nas suas preleções sobre a *Filosofia do Direito*, após a morte de Hegel,

³⁵¹ HEGEL, 2022, p. 122.

³⁵² HEGEL, 2003, p. 28.

³⁵³ MÜLLER, 2022, p. 146.

³⁵⁴ HEGEL, 2022, p. 146.

³⁵⁵ MARX; ENGELS, 1975b, p. 11, tradução e destaque nosso.

³⁵⁶ HEGEL, 2022, p. 149.

destacava “a ruptura da obra com o direito natural”³⁵⁷, a começar, como destacado acima, pela modificação da designação, de direito natural para filosofia do direito.

Procurando compreender melhor as feições intelectuais do jovem Marx no final de 1837, a explicação de Müller ao *caput* do §1 da *Filosofia do Direito*, citado linhas atrás, pode nos ajudar nessa tarefa. Segundo o professor brasileiro, o escrito na cabeça do §1:

não só condensa a tese fundamental do idealismo especulativo, como também preside a toda a apresentação do sistema enciclopédico e, por inclusão, da ciência do direito. Com efeito, basta eliminar do enunciado a especificação do conceito de direito para obter-se a tese fundamental da dialética especulativa e de seu “método”, que tem na ciência da lógica a sua justificação. “A ciência filosófica [...] tem por objeto a ideia [...], isto é, o conceito [...] e a sua efetividade”. Essa efetivação do conceito, que é ao mesmo tempo o processo de sua determinação progressiva, alcança precisamente na ideia a sua completude sistemática, a qual, em contrapartida, se põe, então, no procedimento “retrocedente” ou “regressivo” da “apresentação” (*Darstellung*), como o fundamento e o sujeito desse processo. Transposta para âmbito da “ciência filosófica do direito”, a tese diz que esta não é senão a apresentação do processo de efetivação do conceito de direito, concebido num sentido extremamente abrangente como objetivação do conceito de vontade livre – por isso, coextensivo à esfera do espírito objetivo – em direção à sua determinação plena enquanto “ideia do Estado” e à sua suspensão no “espírito universal do mundo” (§§33, 340), que se constitui através da história universal.³⁵⁸

A partir disso, podemos apreender melhor os motivos pelos quais o jovem estudante avalia retrospectivamente e em dicção hegeliana que no seu projeto “o espírito do direito e sua verdade desapareceram”, e o erro se situa lá no início, naquela oposição entre o *Wirkliche* e o *Sollende*, “própria ao idealismo” de Kant e Fichte, os filósofos que nutriram o idealismo do jovem acadêmico de direito. Apenas para que não se deixe passar nada, ao final desses esforços malsucedidos, Marx conta ao pai: “isto me permitiu, ao menos de certa maneira, apaixonar-me pela matéria e abarcá-la com um olhar panorâmico”³⁵⁹. Essa declaração desbanca mais ainda a tese psicológica de Lyra Filho, como se precisava ser ainda desbancada. Marx diz ao pai que “na conclusão do direito privado material, vi que o todo estava errado – em seu fundamento, aproximava-se de Kant”, embora, “na execução, divergia completamente dele”, assim, ficava claro que “sem filosofia, não seria possível aprofundar o tema”. E, tudo voltou a se

³⁵⁷ MÜLLER, 2022, p. 19.

³⁵⁸ MÜLLER, 2022, p. 150.

³⁵⁹ MARX; ENGELS, 1975b, p. 15, tradução nossa.

repetir, pois tornou a insistir em “escrever um novo sistema metafísico”, sobre o qual é impossível tecer maiores comentários, tendo em vista que apenas sabemos da sua existência pela menção na carta. Desafortunadamente, essa nova tentativa o obrigou “a admitir que tanto o sistema quanto minhas tentativas anteriores estavam errados”³⁶⁰, desse modo, depois de muita luta e resistência, teve que abandonar o idealismo e procurar uma nova direção, agora, radicalmente diversa, pensava ele, da anterior, “uma cortina havia caído, tudo o que me era mais sagrado foi despedaçado, e novos deuses tinham de ser encontrados”³⁶¹. O dito e descrito aqui foi explicitado pelo próprio autor ao pai, quando aquele forneceu as coordenadas da sua caminhada até Hegel: “A partir do idealismo – comparado e nutrido com ideias kantianas e fichteanas, diga-se de passagem –, resolvi procurar a ideia na própria realidade efetiva. Antes, os deuses moravam acima da Terra; agora, tornaram-se o centro dela”³⁶². Nessa anunciação da nova direção, volta a aparecer a tonalidade hegeliana que marca tão profundamente a carta ao pai. E para provar, muitas passagens de Hegel poderiam ser trazidas à tona, elegemos uma que se encontra no prefácio escrito por Hegel à sua *Filosofia do Direito*, na qual esse afirma “que a filosofia, porque ela é o *perscrutar do racional*, é, precisamente por isso, o *apreender do presente e do efetivo*, não o estabelecer de um *além*”³⁶³, por isso “procurar a ideia na própria realidade efetiva” e por isso os deuses não moram mais no além, acima da Terra, mas no centro dela. E segue Hegel, explicando os motivos de se buscar a ideia naquilo que é efetivo, pois, escreve ele, ainda no prefácio, “se, inversamente, a *ideia* é tida como apenas uma ideia, uma representação num opinar, a filosofia, ao contrário, proporciona a intelecção de que nada é efetivo a não ser a ideia”³⁶⁴, ao que segue Hegel:

O que importa, então, é conhecer na aparência do temporal e do passageiro a substância da ideia, quando na sua efetividade entra ao mesmo tempo na existência externa, emerge e sobressai numa riqueza infinita de formas, fenômenos e configurações, e envolve seu núcleo com a casca colorida em que a consciência inicialmente habita, e que só o conceito penetra, a fim de encontrar a pulsação interna e de igualmente senti-la ainda batendo nas configurações externas. Mas as relações infinitamente variadas que se formam nessa exterioridade através do

³⁶⁰ MARX, 2018, p. 429.

³⁶¹ MARX, 2018, p. 429.

³⁶² MARX, 2018, p. 430.

³⁶³ HEGEL, 2022, p. 138.

³⁶⁴ HEGEL, 2022, p. 140.

aparecer da essência que nelas brilha, esse material infinito e sua organização, não são o objeto da filosofia.³⁶⁵

E na sequência, Hegel é explícito ao criticar Fichte, na sua *Grundlagen des Naturrechts*, ao dizer que Fichte poderia ter se absterido “de construir, como se disse, o aperfeiçoamento da *polícia de passaportes* ao ponto de que, no passaporte dos suspeitos, devesse não só constar a descrição de seus sinais exteriores, mas também que fosse pintado seu retrato”³⁶⁶, pois não há filosofia em detalhes desse tipo. Filosofia não é “ultrassabedoria” nem um “saber-tudo”. Assim sendo, e agora Hegel dará aquela que será a fundamental coordenada a ser seguida por Marx no seu tratamento do Estado e do direito até sua ruptura radical com o autor da *Filosofia do Direito*:

Assim, esse tratado [a *Filosofia do Direito*], na medida em que ele contém a ciência do Estado, não deve ser outra coisa do que a tentativa de *conceituar e apresentar o Estado enquanto algo em si mesmo racional*. Como escrito filosófico, ele deve estar o mais distante possível de dever construir um *Estado tal como ele deve ser*; o ensinamento que pode residir nesse tratado não pode pretender ensinar ao Estado como ele deve ser, porém, antes, como ele, o universo ético, deve ser conhecido.³⁶⁷

Como veremos no capítulo referente ao período da *Gazeta Renana*, “a recusa ao normativismo abstrato, que constrói ou postula um dever-ser que se situa fora e além do presente efetivo” consagrado nesse parágrafo hegeliano é programa das intervenções do jovem Marx no “periódico democrático”, e, como vimos, a adesão a esse programa ocorre em 1837 e se encontra registrado na *carta ao pai* na rejeição de Marx àquela oposição característica do idealismo. Como explica Müller, “a tarefa da filosofia” em Hegel, e para Marx a partir de então, pelos menos até a *Gazeta Renana*,

[...] é apreender conceitualmente a racionalidade intrínseca do universo ético e do Estado e, na apresentação dessa racionalidade, que é ao mesmo tempo uma crítica do apresentado, mostrar os limites das figuras historicamente constituídas do Estado quando confrontadas com essa racionalidade imanente atuante no presente. Sua pretensão de ‘ensinar como o Estado, o universo ético, deve ser conhecido’ e não como ‘ele deve ser’, significa que a filosofia só pode contrapor a racionalidade profunda do presente efetivo à realidade faticamente existente quando ela assumiu a forma de um ideal (“um reino intelectual”), tomando

³⁶⁵ HEGEL, 2022, p. 140.

³⁶⁶ HEGEL, 2022, p. 141.

³⁶⁷ HEGEL, 2022, p. 141.

consciência dessa racionalidade profunda que excede o presente histórico, “depois que a efetividade completou o seu processo de formação” (parágrafo 19).³⁶⁸

Na *Gazeta Renana*, Marx toma tão à serio o programa hegeliano para a filosofia, assumido desde a *carta ao pai*, que suas posições favoráveis ao Estado e ao direito racionais e contrárias ao Estado e ao direito então existentes tem que ser encaradas como alguém que se vê naquele momento no qual “a filosofia pinta seu cinza sobre cinza” e “então uma figura da vida envelheceu”, no caso, o Estado feudal, aristocrático e estamental, incapaz de reconhecer outro direito que não seja o da animalidade, e segue Hegel, “e com cinza sobre cinza ela não se deixa rejuvenescer” como era o deseja daqueles que Marx tentou combater no período jornalístico, como os conservadores Savigny e Schelling.

Depois das inúmeras tentativas fracassadas, descritas e analisadas acima, Marx confessa ao pai que depois de escrever “um diálogo de umas 24 folhas, intitulado *Cleantes, ou o ponto de partida e o desenvolvimento necessário da filosofia*”, percebeu que chegava em Hegel, depois de longa caminhada como “vigoroso andarilho”, pois ele “acabava por onde o sistema hegeliano começava”. Mas isso não foi fácil de admitir, para tanto, basta recordar a figura que Marx fazia de Hegel nos seus escritos ficcionais, cujos últimos são do início de 1837. Diz Marx ao pai: “que ainda hoje não posso imaginar como esta obra, minha criatura predileta, engendrada à luz da lua, pôde me jogar, como uma sereia traiçoeira, nos braços do inimigo”³⁶⁹. Adiante, Marx é ainda mais explícito quando diz que foi “consumido pela raiva de ter transformado em ídolo uma concepção que eu odiava”³⁷⁰, antes disso, havia dito ter lido “fragmentos de filosofia hegeliana” e que não o agradou sua “grotesca melodia rochosa”³⁷¹. Contudo, não teve outra saída, diante do caminho percorrido, senão ingressar na “atual filosofia mundana” depois de ler toda a obra de Hegel, o que explica a sua rememoração dominada pela dicção hegeliana. Eis passagem anunciadora da sua nova direção e, então, o fim de seu caminho para Hegel:

³⁶⁸ MÜLLER, 2022, p. 141.

³⁶⁹ MARX; ENGELS, 1975b, p. 16, tradução nossa.

³⁷⁰ MARX; ENGELS, 1975b, p. 16, tradução nossa.

³⁷¹ MARX; ENGELS, 1975b, p. 16, tradução nossa.

Durante meu mal-estar, conheci Hegel do começo ao fim, bem como a maioria de seus alunos. Através de várias reuniões com amigos em Stralow, entrei para o clube de doutores, entre os quais havia alguns Privatdozenten e meu amigo mais íntimo de Berlim, o Dr. Rutenberg aqui, na discussão, muitas visões relutantes se revelaram e eu me acorrentei cada vez mais firmemente à filosofia do mundo atual, da qual eu pretendia escapar, mas tudo o que era sonoro silenciara, e fui tomado por um verdadeiro frenesi de ironia, como facilmente poderia acontecer depois de tanta negação.³⁷²

A *carta ao pai*, embora não possua a estatura de um texto teórico produzido para publicação e exposição do pensamento do autor, ilumina o período mais sombrio da produção de Marx, sobre o qual nos chegou pouquíssimo material. Dela, foi possível apreender, ainda que de modo incerto, que a primeira filiação filosófica de Marx foi o chamado idealismo subjetivo de Kant e Fichte, com o qual pretendeu escrever uma obra de filosofia do direito. O seu projeto de filosofia do direito esbarrou na oposição, característica desse idealismo, entre ser e dever-ser, pois, segundo contou Marx, essa oposição o levou ao formalismo e divisões nas quais o direito perdia a sua riqueza como o mundo de pensamento vivos. As diversas tentativas de resolver o problema, ainda dentro da metafísica, não resultaram em melhores produtos, o que o levou cada vez mais perto de Hegel, filósofo que se mostrou mais adequado às suas pretensões de procurar a ideia na própria realidade efetiva, isto é, imanente ao mundo e não fora dele. Quando Marx escreve a sua *carta ao pai*, na primeira quinzena de novembro, o percurso rememorado já havia sido realizado, portanto, nosso autor já estava nos braços daquele que havia sido seu inimigo, como provam suas produções literárias e o próprio autor na carta, além disso, não há menções a Hegel, por exemplo, na correspondência com seu pai. Foi, pois, já como hegeliano que o autor alemão escreveu sua carta, por isso, a dicção tão marcadamente hegeliana. Como foi possível reter, Marx chega ao final de 1837 decidido a procura a ideia na própria realidade efetiva, o que o levará ao aprofundamento de suas posições frente à filosofia e sua tarefa no mundo. O seu programa para a filosofia, como chamamos aqui, será devidamente exposto no próximo tópico a partir da análise de sua tese doutoral e dos seus materiais preparatórios. Acreditamos que o período acadêmico de Marx é fundamental para bem compreender a defesa do direito realizada na

³⁷² MARX; ENGELS, 1975b, p. 17, tradução nossa.

Gazeta Renana, bem como sua virada crítica no período posterior à sua demissão do jornal.

II. Marx hegeliano e o programa de crítica ao existente na sua tese doutoral

Embora Michael Heinrich considere somente a *carta ao pai*, com exceção dos escritos ficcionais, como produção preservada dos tempos acadêmicos de Marx, nesta tese, encaramos os escritos preparatórios e a tese doutoral como produções acadêmicas do autor, pois esse material é parte constituinte da sua vida acadêmica, como conclusão do período acadêmico e ingresso na carreira docente. Já na carta de 28 de dezembro de 1836, seu pai refere a pretensão do filho de seguir carreira acadêmica, “devo perguntar-lhe se você sabe quantos anos deve ter para ocupar um cargo acadêmico”³⁷³. Mais adiante, em 3 de fevereiro de 1837, seu pai aconselha o filho quanto à escrita, voltando a referir sua carreira acadêmica, agora, trata diretamente do posto de professor. Nessa mesma carta, seu pai ainda aponta para certa carreira na imprensa periódica, um presságio daquela que será a profissão de toda a vida de Marx:

[...] portanto, a única coisa que resta é escrever. Mas como começar? Essa é uma pergunta difícil, mas há outra que a precede: você conseguirá ganhar a confiança de um bom editor? Pois isso pode muito bem ser a coisa mais difícil. Se você tiver sucesso nisso - e, no geral, você é o favorito da fortuna - então surge a segunda questão. Algo filosófico ou jurídico, ou ambos juntos, parece excelente para assentar uma base. A boa poesia pode muito bem ficar em segundo plano, e isso nunca prejudica a reputação de alguém, exceto, talvez, aos olhos de alguns poucos pedantes. Artigos polêmicos leves são os mais úteis, e com alguns bons títulos, se eles são originais e têm um novo estilo, você pode decentemente e seguramente aguardar um cargo de professor etc., etc., etc.³⁷⁴

Em 16 de setembro de 1837, o assunto é retomado pelo pai, e a cada carta sua o plano se torna mais concreto e palpável. Heinrich Marx que aplaudia a decisão do filho de tomar “o ensino acadêmico como seu objetivo, seja na Jurisprudência ou na Filosofia”, ainda acrescenta que “o último [é] mais provável”;

³⁷³ MARX; ENGELS, 1975b, p. 303, tradução nossa.

³⁷⁴ MARX; ENGELS, 1975b, pp. 305-306, tradução nossa.

e termina dizendo que “estava suficientemente ciente da dificuldade desta carreira, e aprendi particularmente sobre isso recentemente em Bad Ems, onde tive a oportunidade de ver um bom número de professores da Universidade de Bonn”.³⁷⁵ Na carta anterior, escrita entre 12 e 14 de agosto de 1837, enviada de Bad Ems, onde Heinrich Marx passou o mês de agosto, ele diz acreditar ser muito importante que o filho consiga “uma reputação como crítico”³⁷⁶, pois isso o auxiliaria na carreira docente.

De modo algum o assunto é restrito à comunicação paterna. Na correspondência com Bruno Bauer, cuja primeira é de dezembro de 1839, embora o nome de Bauer apareça pela primeira vez na carta ao pai de 1837, há algumas menções à tese doutoral de Marx e é possível captar certa urgência na sua entrega para que nosso autor assuma o mais rápido possível uma cátedra universitária, como na carta de março de 1840, onde Bauer termina dizendo: “Ponha fim à sua procrastinação e ao seu tratamento hesitante de bobagens e meras farsas, como é o exame”³⁷⁷. Em outra missiva, do final de março daquele mesmo ano, Bruno Bauer é ainda mais enfático e explícito com relação ao que seria o plano de Marx:

Agora, você pode se informar com precisão diplomática sobre os trâmites do doutorado. O colóquio é apenas uma formalidade que se resolve em um quarto de hora. Portanto, não há mais nada a fazer além de fazer o exame em Berlim. Não sei nem se você precisa dizer ao corpo docente de Berlim que quer se qualificar como professor, para ter que fazer o *Exame pro licentia docendi*. Não há nenhuma menção a isso nos estatutos aqui. Todo doutor tem essa licença. Mas você pode dizer a Gabler sua intenção, e ele ficará ainda mais inclinado e feliz durante o exame quando ver mais um hegeliano chegando para uma cátedra. O exame, como ouvi de Möller aqui, gira principalmente e regularmente em Berlim, em torno de Aristóteles, Spinoza e Leibnitz - nada mais. Apenas faça!³⁷⁸

O trecho supracitado deixa bastante explícita as intenções de Marx, segundo Bauer: finalizar a tese doutoral e, com isso, se habilitar ao posto de docente universitário. Esta carta ajuda a compreender a existência dos cadernos de Berlim, formado por um conjunto de excertos de Aristóteles, Spinoza, Leibnitz e outros. Ainda no trecho acima, percebe-se a autodeclaração de Bauer como

³⁷⁵ MARX; ENGELS, 1975b, p. 317, tradução nossa.

³⁷⁶ MARX; ENGELS, 1975b, p. 312, tradução nossa.

³⁷⁷ MARX; ENGELS, 1975b, p. 341, tradução nossa.

³⁷⁸ MARX; ENGELS, 1975b, p. 342, tradução nossa.

hegeliano e a incorporação de Marx nesse círculo, algo que será inteiramente explicitado pelo próprio autor na sua tese. Bruno Bauer, isso é inegável, foi um grande entusiasta do ingresso de Marx como professor, chegando a copiar, em carta de 28 de março de 1841, trechos inteiros do estatuto de Bonn para a habilitação como docente privado³⁷⁹, cargo inicial no qual o professor deve receber o pagamento das turmas, e se formasse turma, algo bastante corriqueiro na Alemanha daquele tempo, basta lembrar que Kant foi *Privatdozent* por um longo tempo, quinze anos, sendo mais preciso.

Desse modo, parece-nos bem justificado que a tese e o seu material preparatório, em discordância ao defendido pelo biógrafo, sejam incluídos no período acadêmico de Marx. Eis que após mostrarmos na análise da *carta ao pai* a reviravolta sofrida pelo pensamento de Marx, naquela sua “primeira crise intelectual”³⁸⁰ que delineou o caminho do autor alemão até Hegel, resultando na crítica do idealismo que separa ser e dever-ser e na adoção de certo programa filosófico que procura a ideia na própria realidade efetiva por meio da crítica ao existente que se tornou velho e anacrônico, passamos a analisar a tese doutoral de Marx e os seus materiais preparatórios.

Marx, diversamente daquilo que era planejado no início, conforme se lê na sua correspondência com Bruno Bauer, não apresenta a tese na Universidade de Berlim, mas, sim, na Universidade de Jena. No epistolário de Bauer e Marx, é possível reter essa alteração. Em carta de 31 de março de 1841, Bauer escreve a Marx: “imagine só, anteontem alguém veio ao meu bar, se anunciou como conhecido seu e de Köppen, e quem é? Neur. Aliás, ele já tinha ficado sabendo em Coblenz que você ia fazer o doutorado em Jena. Ele quer fazer um exame posterior aqui”³⁸¹. No dia 12 de abril de 1841, Bauer escreve em tom bastante aflito, possivelmente devido à demora de Marx para entregar seu “trabalho imortal”, como Bauer se refere à tese jocosamente, e obter o título de doutor. Implora Bauer:

Dê a ele [Edgar Bauer] o manuscrito de sua obra imortal, deixe-o imprimir e revisar e enviar as coisas para Jena para que o diploma possa ser enviado a você em Bonn ou Trier, ou Edgar pode recebê-lo em Berlim e

³⁷⁹ MARX; ENGELS, 1975b, p. 352, tradução nossa.

³⁸⁰ HEINRICH, 2018, p. 221.

³⁸¹ MARX; ENGELS, 1975b, p. 355, tradução nossa.

depois enviá-lo para você onde quer que você queira enviar. Você não precisa esperar por essas coisas em Berlim.³⁸²

Provavelmente, não havia dado tempo de Marx avisar Bauer que sua tese foi enviada em 6 de abril daquele ano, como se pode comprovar pela carta enviada a Karl Friedrich Bachmann, na qual o jovem acadêmico anuncia, para fins de doutoramento, o envio de uma “dissertação sobre a diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro”, além do texto, como anexo, ele “incluiu a *litterae petitoriae*, o curriculum vitae, [seus] certificados de conclusão das universidades de Bonn e Berlim e, finalmente, as taxas estatutárias de Friedrichsdors”.³⁸³ Ao final da carta, Marx pede urgência na apreciação:

Ao mesmo tempo, solicito sinceramente que, caso meu trabalho satisfaça o corpo docente, a concessão do doutorado seja agilizada o mais rápido possível. Por um lado, só posso ficar mais algumas semanas em Berlim, por outro lado, as circunstâncias externas tornam altamente desejável que eu obtenha um doutorado antes de minha partida.³⁸⁴

É compreensível a urgência sentida na correspondência dos autores. A virada da década de 1830 para a de 1840 é de relutante desilusão com o caminho tomado pelo Estado prussiano. A euforia que supostamente tomou conta da intelectualidade liberal alemã, com a chegada ao trono, em 1840, de Friedrich Wilhelm IV, visto por muitos como um *esclarecido*, sucessor de Friedrich Wilhelm III, que falecera em 6 de junho de 1840, durou pouco e logo a dura realidade se impôs. Segundo Michael Heinrich, “num primeiro momento, ele [Friedrich Wilhelm IV] também pareceu realizar tais esperanças”, pois Ernst Moritz Arndt, que havia sido perseguido, “voltou para a sua cátedra na Universidade de Bonn - ele foi demitido no período de ‘perseguição aos demagogos’”, e mais, “os irmãos Grimm, que pertenciam aos sete de Göttingen e que haviam perdido suas cátedras, foram convocados à Universidade de Berlim”; no início do seu reinado, “graças a uma anistia, muitos presos políticos foram liberados”. A expectativa foi tanta que se acreditou “que Friedrich Wilhelm IV por fim introduziria a Constituição prometida no

³⁸² MARX; ENGELS, 1975b, p. 358, tradução nossa.

³⁸³ MARX; ENGELS, 1975b, p. 19, tradução nossa.

³⁸⁴ MARX; ENGELS, 1975b, p. 19, tradução nossa.

dia 22 de maio de 1815”.³⁸⁵ No entanto, como destaca Heinrich, “já em outubro de 1840, Friedrich Wilhelm IV deixou claro que não pretendia trabalhar na criação de uma constituição, tampouco de um parlamento prussiano que fosse além dos parlamentos provinciais”³⁸⁶, as chamadas Dietas, contra as quais Marx tanto lutou nos tempos da *Gazeta Renana*.

A euforia gerada pela expectativa de reformas durou pouco. Em 14 de maio de 1840, Altenstein, que era ministro da cultura e considerado um dos grandes apoiadores dos hegelianos nas universidades da Prússia, faleceu, sendo, então, substituído pelo conservador Eichhorn. Um ano antes, havia falecido Eduard Gans, nome importante da ala liberal alemã, e Stahl foi nomeado para substituí-lo, “em sua primeira aula, no dia 26 de novembro de 1840”, ele “começou atacando com dureza Hegel e Gans; os estudantes reagiram com vaias, e houve certo tumulto”³⁸⁷. E com a morte de Gans, Savigny e sua escola acabaram por dominar mais facilmente o debate jurídico. Continuando a composição conservadora e reacionária do Estado prussiano, em 1841, houve a convocação de Schelling para Berlim, onde ocupou a cátedra de Hegel e combateu a filosofia desse último e seus seguidores como parte de sua missão estatal. Por fim, completando o quadro tenebroso no qual Marx irá concluir seus estudos acadêmicos, com sua tese, e se inserir, posteriormente, no debate público como redator da *Gazeta Renana*, Savigny, seu inimigo dos tempos universitários, é nomeado, em 1842, *Ministro para a Reforma da Legislação Prussiana*.³⁸⁸ Se houve euforia com a chegada do novo rei, como conta Heinrich, ela deve ter sido causada mais por ilusões do que por motivos reais. Já em uma carta datada de 30 de março de 1840, é possível sentir o clima de hostilidade e desconfiança em que viviam os hegelianos na Alemanha de então. Na referida carta, do punho de Bauer, lemos longo excerto em que o então amigo de Marx aborda o clima de desconfiança em Bonn e procura alertá-lo para a sua chegada ao local:

Quando você chegar aqui, não deve falar com ninguém daqui sobre nada além do tempo e coisas do gênero até que tenhamos conversado. Eu tenho que estragar todo o mundo local para você antes que você possa

³⁸⁵ HEINRICH, 2018, p. 289.

³⁸⁶ HEINRICH, 2018, p. 289.

³⁸⁷ HEINRICH, 2018, p. 289.

³⁸⁸ HEINRICH, 2018, pp. 286-290.

entrar. Eu tenho que estragar todo o mundo local para você antes que você possa entrar. Do coração, ou seja, das coisas mentais e espirituais, não se deve deixar cair uma palavra, as pessoas, ou seja, apenas os mais inteligentes, os mais ativos, têm horror ao diabo, mas os pobres tolos não sabem como deixar isso claro para si mesmos. O que é a filosofia e seu significado atual, apenas um vago sentimento de ansiedade lhes diz, mas eles não podem interpretá-lo. Até agora eu tenho - devo elogiar a mim mesmo - me comportado com cautela inabalável. Apenas uma vez, e isso ainda parte meu coração, eu me perdi. Eu estava com Kilian no Carnaval em Colônia, voltamos sozinhos à noite e deixei esse homem sem caráter me tentar a dizer uma palavra sobre a atual relação entre o Estado e a filosofia. Ainda me irrita! Este homem - um segundo sobrinho de Rameau - é sem nenhuma convicção e como eu sei com certeza ele levou as poucas palavras distorcidas para todos os teólogos [...]. Você vê o quão cuidadoso e equilibrado você tem que ser aqui, mas também vê a tortura que suporto aqui e quanto tempo desejo poder sentar-me com você [...]. Meu princípio é: abra apenas no púlpito! Pratiquei neste inverno e vou treinar e seguir cada vez mais, porque aquele lugar é o único onde se pode falar diretamente do peito dessa situação. Além disso, é claro: viva a caneta! Mas simplesmente não fale com essas pessoas sobre coisas maiores, elas não entendem! ou são tacanhos!³⁸⁹

Foi nesse contexto que Marx produzira sua tese doutoral. Mas como é típico desse autor, os tempos de urgência não o impediram de mergulhar profundamente nos seus objetos de investigação, afinal, o rigor exige paciência, talvez essa tenha sido a lição hegeliana que Marx mais assimilou. Conforme nos mostra Michael Heinrich, “[...] um dos motivos da demora foi o fato de Marx não ter se dedicado exclusivamente à tese nesse período”, ele “estudou com afinco temas filosófico-religiosos, além de ter planejado a publicação não só de artigos avulsos, mas de um livro inteiro (sobre o hermesianismo)”³⁹⁰, temática que é levantada na carta de Bruno Bauer com nosso autor, datada de 25 de julho de 1840. E, nessa missiva, Bauer se revela bastante desconfiado com o novo rei e pede cautela de Marx nessa publicação. Diz Bauer:

Pelo que tenho visto aqui, no entanto, não seria o momento certo, nomeadamente sob o novo governo, para submeter o hermesianismo à crítica filosófica. Ainda não se sabe como o atual rei vai lidar com ele, tudo é possível. Então seria melhor esperar. É inoportuno criticar uma escola de filosofia que é oprimida pelo Estado e ainda não se enraizou na mente do povo. Foi diferente sob o antigo rei, quando parecia a todo momento que o hermesianismo poderia alcançar a vitória de forma decisiva. A crítica deve ser dirigida contra a felicidade, isto é, contra o que já desmoronou por dentro. Escreva sobre isso.³⁹¹

³⁸⁹ MARX; ENGELS, 1975b, p. 343, tradução nossa.

³⁹⁰ HEINRICH, 2018, p. 365.

³⁹¹ MARX; ENGELS, 1975b, pp. 349-350, tradução nossa.

Como se pode perceber, algo que já afirmamos aqui, a esperança com o novo rei não era tão grande, sendo mais preciso dizer que o que imperava era mesmo desconfiança. É provável que o tema do hermesianismo tenha chegado a Marx via Bruno Bauer, que já havia levantado o assunto brevemente na carta de primeiro de março de 1840³⁹² e voltou a instigar Marx na correspondência de 30 de março daquele mesmo ano. Você, diz Bauer a Marx, “deve ler sobre isso, deve porque você fala sobre esse assunto há muito tempo”³⁹³. Outro motivo para a demora na conclusão da sua tese foi “o fato de Marx abordar seu tema de maneira muito mais profunda do que era comum na época”³⁹⁴. Essa temática já havia sido abordado por Friedrich Köppen, quem dedicou seu livro a Marx. Nesse livro sobre Friedrich Wilhelm II, rei admirado pelo seu esclarecimento³⁹⁵, “estoicismo, epicurismo e ceticismo são considerados fontes das concepções filosóficas de Frederico II da Prússia. Além disso, Köppen traçou um paralelo entre o iluminismo do século XVIII e epicuristas enquanto ‘iluministas da Antiguidade’”³⁹⁶, posição que é repetida por Marx na tese doutoral quando refere Epicuro como “o maior *Aufklärer* grego”³⁹⁷. Marx tinha a intenção de abordar as três grandes filosofias pós-aristotélicas, como ele mesmo cita na dissertação, pedindo ao leitor que “considere este tratado apenas como um precursor de um trabalho maior no qual apresentarei detalhadamente o ciclo da filosofia epicurista, estoica e cética em sua conexão com toda a especulação grega. As deficiências deste tratado na forma e afins serão eliminadas lá”³⁹⁸. Assim, como pudemos averiguar, após mais de dois anos de pesquisa – os primeiros rascunhos datam de 1839 – não era possível esperar um mês sequer, por isso, Marx teve que enviar um trabalho parcial, extraído daquele plano geral.

Encontramos na dissertação de Marx, bem como nos seus cadernos preparatórios, o desenvolvimento e o aprofundamento das posições filosóficas

³⁹² MARX; ENGELS, 1975b, pp. 340-341, tradução nossa.

³⁹³ MARX; ENGELS, 1975b, p. 344, tradução nossa.

³⁹⁴ HEINRICH, 2018, p. 365.

³⁹⁵ Impossível esquecer os altos elogios feitos por Kant ao Friedrich Wilhelm II no seu pequeno e marcante texto, *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?*.

³⁹⁶ HEINRICH, 2018, p. 368.

³⁹⁷ MARX; ENGELS, 1975a, p. 57, tradução nossa.

³⁹⁸ MARX; ENGELS, 1975a, p. 13, tradução nossa.

hegelianas anunciadas na *carta ao pai*. À vista disso, defendemos que a compreensão precisa da posição favorável ao direito nas intervenções públicas de Marx na *Gazeta Renana* necessita fundamentalmente da devida apreensão do perfil filosófico construído pelo jovem Marx durante os seus anos acadêmicos, assim como, também, a rigorosa determinação da gênese da sua crítica ao direito se mostrará bem delineada no confronto com a posição imediatamente anterior do autor. Dessa maneira, encontraremos a diferença específica entre uma e outra posição, a fim de evitar a confusão entre ambas. É recomendado definir o que Marx abandonou ao longo do seu itinerário intelectual e as suas novas aquisições que o fizeram avançar, desse modo o marxismo pode se desenvolver consciente de suas bases.

Assim, com a análise da dissertação, pensamos rebater devidamente certas afirmações que aludem para um Marx nutrido por Kant e Fichte, que sequer foi hegeliano, pois, ao abandonar o barco do idealismo kantiano-fichteano, Marx teria imediatamente se jogado nas águas quentes de Feuerbach³⁹⁹; e, também, aqueles que ligam Marx ao jusnaturalismo⁴⁰⁰. Para além dos embates que faremos,

³⁹⁹ A tese do Marx kantiano-fichteano, até onde fomos capazes de localizar, encontra-se desenvolvida em Althusser (2015, pp. 25-26): “[...] as obras do primeiro momento [até 1842] supõem uma problemática de tipo kantiano-fichtiano. Os textos do segundo momento [de 1842 a 1845] repousam, ao contrário, na problemática antropológica de Feuerbach. A problemática hegeliana inspira um texto absolutamente *único*, que tenta de maneira rigorosa operar, no sentido estrito, a ‘inversão’ do idealismo hegeliano no pseudomaterialismo de Feuerbach: são os manuscritos de 44. Excetuando o exercício ainda escolar da Dissertação, chega-se ao resultado paradoxal de que, para falar com propriedade, salvo no quase último texto do seu período ideológico-filosófico, o jovem Marx *jamais foi hegeliano*. De início kantiano-fichtiano; depois, feuerbachiano. A tese, tão correntemente espalhada, do hegelianismo do jovem Marx, em geral, é pois um mito”.

⁴⁰⁰ Aqui, aludimos à posição de Marcio Bilharinho Naves (2014, p. 10, grifo nosso), que chega a ser desleixada ao afirmar: “daí o eterno retorno aos textos não marxistas de Marx, nos quais **ele aparece como representante do direito natural, como uma espécie improvável de Grotius ou de Kant**, já meio fora de lugar em uma Prússia inteiramente fora de lugar. E não foram poucos os que julgaram ter descoberto uma teoria marxista do direito ali onde somente havia ecos distantes da ideologia jurídica burguesa”. Esse eterno retorno simplesmente não existe! Aqui, nós não julgamos descobrir nada próximo de uma teoria do direito em Marx, ou marxista, mas sim o início da crítica marxiana ao direito. Naves divide a juventude de Marx em: **fase jusnaturalista e liberal radical**, que perpassa *in nuce* o período da *Gazeta Renana*, e uma segunda fase, marcada pelo Humanismo e democratismo extremo (Sobre a questão judaica), bem como pelo comunismo especulativo (MEF de 1844), a qual perfaz os anos de 1843-1844. Em relação ao direito, a sistematização feita pelo autor brasileiro é a seguinte: I) jusnaturalismo e “defesa de um Estado de direito [...]” (NAVES, 2014, p. 17). Ainda sobre a tese de Naves, lemos: “Marx foi, de fato, adepto do jusnaturalismo e, com base nele, sustentava todo um conjunto de reivindicações políticas democrático-radical contra o Estado prussiano. Seus textos apoiam-se em uma teoria racionalista do Estado em que este tem por finalidade a realização da liberdade. [...] para Marx, uma lei só pode ser admitida como lei se ela for o reconhecimento da lei natural que a precede e da qual ela deve ser a expressão necessária. Assim, a lei só pode ser reconhecida com tal, ser verdadeira lei, quando ‘ela é a existência positiva da liberdade’” (NAVES, 2014, pp. 18-19). Diante da falta de provas

na dissertação, Marx firma sua posição sobre o papel da filosofia no mundo, expondo o que entende por realidade efetiva, trata da contradição entre existência e conceito, algo fundamental para bem caracterizar as críticas de Marx às legislações debatidas na Dieta Renana e, ainda, sua defesa do direito racional. Nela, o autor, também, realiza, ao comparar os antigos com os modernos, importante diagnóstico de época e, portanto, das realizações exigidas pelo seu tempo. E veremos como este diagnóstico é completamente consonante à forte afirmação segundo a qual a sua época é o “tempo das leis universais”⁴⁰¹, realizada nas páginas da *Gazeta Renana*.

Começemos, então, por mostrar a linha de continuidade entre *carta ao pai* e as posições firmadas por Marx na sua dissertação quanto aos filósofos Kant, Fichte e Hegel. Na dissertação e nos cadernos preparatórios, Kant e sua escola são referidos apenas cinco vezes, e, em nenhuma delas, de forma elogiosa. Definitivamente, Marx não aceitava os limites colocados por Kant ao conhecimento da coisa, posição que nosso autor encarava como impotência e espécie de apologia da ignorância. Em uma das cinco menções a Kant e seus seguidores, Marx chega a acusá-los de serem “sacerdotes contratados da ignorância”. Importa notar, também, que o jovem Marx direciona seu ataque mais aos kantianos do que ao próprio Kant, afinal, o embate filosófico e político se dava justamente com os seguidores do autor da *Crítica da razão pura*, o que não prejudica sua crítica ao criticismo, o qual é atingido no âmago. Isso pode ser percebido no excerto abaixo:

[...] os epicuristas consideram o conhecimento das coisas, como uma alteridade do espírito, impotente para realçar a sua realidade [Realitas]; os pirrônicos consideram a impotência da mente para apreender as coisas como seu assunto essencial, uma energia real dela. Mesmo que ambos os lados sejam degradados e não apareçam no frescor filosófico da antiguidade, há uma relação semelhante entre os fanáticos e os kantianos em sua atitude em relação à filosofia. Os primeiros renunciam ao conhecimento por piedade, ou seja, acreditam, com os epicuristas, que o divino no homem é a ignorância, que essa divindade, que é a preguiça, é perturbada pelo conceito. Os kantianos, por outro lado, são, por assim dizer, os sacerdotes contratados da ignorância, sua ocupação diária é

fornecidas pelo autor brasileiro, só podemos pensar que o critério da verdade é o grau de convicção com que alguém é capaz falar.

⁴⁰¹ MARX; ENGELS, 1975a, p. 206, tradução nossa.

rezar um rosário [Rosenkranz]⁴⁰² sobre sua própria impotência e a potência das coisas.⁴⁰³

Nos quase dois anos que separam a *carta ao pai* e o início dos estudos da tese doutoral, não parece que Marx alterara sua posição com relação a Kant, como escreveu na carta, a oposição típica desse idealismo, entre o efetivo e o dever-ser, faz com que o sujeito deslize em torno da coisa, raciocinando de um lado a outro, mas sempre na superfície dela, o que impõe um limite ao conhecimento da coisa, que não toma forma nem se desdobra. Marx estava convencido, naquele momento, que era possível conhecer a realidade efetiva, e o papel da filosofia não era pregar a ignorância e a impotência, mas medir o existente pela ideia. Nesse sentido, a posição kantiana de indiferença frente ao sujeito empírico se encontra muito afastada de suas pretensões de “procurar a ideia no próprio real”. Tal ponto é exposto quando, nos cadernos preparatórios, Marx escreve que para Kant, ao elaborar o imperativo categórico, não importa como o “sujeito empírico” se relaciona com esse imperativo.⁴⁰⁴ No apêndice de sua dissertação, “Crítica à polêmica de Plutarco contra a teologia de Epicuro”, Marx volta a referir Kant quando aborda a questão *das provas da existência de Deus*. E, mais uma vez, não concede uma linha de razão ao criticismo:

As provas da existência de Deus não passam de tautologias vazias - por exemplo, a prova ontológica não significaria nada além de: "O que eu represento como real (realer) para mim é uma representação real para mim", isso me afeta e, nesse sentido, todos os deuses, tanto pagãos como cristãos, tiveram uma existência real. O velho Moloch não reinou? O Apolo de Delfos não era um poder real na vida dos gregos? A crítica de Kant também não significa nada aqui. Se alguém imagina possuir cem táleres, se essa representação não é arbitrária, subjetiva, se ele acredita nela, então os cem táleres imaginários valem o mesmo que cem táleres reais. Por exemplo, ele incorrerá em dívidas com sua imaginação, que funcionará como quando toda a humanidade contraía dívida com seus deuses. Pelo contrário. O exemplo de Kant poderia ter reforçado a prova ontológica. Táleres reais têm a mesma existência que deuses imaginários. Um táler real tem outra existência que não seja na representação, mesmo que seja na representação geral, ou melhor, comunitária, das pessoas? Leve papel-moeda para um país onde esse uso de papel é desconhecido e todos vão rir de sua representação subjetiva. Vá com seus deuses para um país onde outros deuses são

⁴⁰² Marx faz um jogo de palavras, provavelmente, ironizando o principal kantiano da época Karl Rosenkranz, de quem lera *Geschichte der Kantschen Philosophie*, como é possível averiguar nos excertos do caderno de Berlim (MARX; ENGELS, 1976, p. 277).

⁴⁰³ MARX; ENGELS, 1976, p. 37, tradução nossa.

⁴⁰⁴ MARX; ENGELS, 1976, p. 44, tradução nossa.

cultuados e você verá que sofre de delírios e abstrações. Com razão. Qualquer um que trouxesse um deus Wendish para os antigos gregos teria encontrado provas da inexistência desse deus. Pois para os gregos ele não existia. O que um país determinado é deuses estrangeiros determinados, a terra da razão é para Deus em geral, uma região onde sua existência cessa.⁴⁰⁵

Como já havíamos demonstrado na carta de 1837, Marx, seguindo as lições hegelianas, pretende um conhecimento mais profundo que meras representações das coisas, um conhecimento que seja, portanto, imanente e objetivo. Marx encerra esse trecho de sua dissertação com a anúncio daquela que é a sua solução tanto para o problema da prova da existência de Deus quanto para o problema mais geral da possibilidade de conhecimento da coisa: a autoconsciência. Diz Marx: “ou as provas da existência de Deus nada mais são do que provas da existência da autoconsciência humana essencial, explicações lógicas dela. Por exemplo, a prova ontológica. Que ser é imediato enquanto pensado? A autoconsciência”⁴⁰⁶. E como bem explica Albinati, o ponto de partida da tese “é a observação de que, embora Demócrito e Epicuro professem a mesma ciência, o atomismo, eles se distinguem radicalmente no que diz respeito à verdade, à possibilidade do conhecimento, à relação entre o pensamento e a realidade, e ao próprio sentido da ciência”⁴⁰⁷. O que está em jogo na tese de Marx é, principalmente, como fundamentar a possibilidade da subjetividade se elevar ao nível do conhecimento objetivo da realidade efetiva, por isso, Marx encarava Kant e os kantianos como “sacerdotes contratados da ignorância”, pois renunciaram a essa pretensão filosófica fundamental, que é conhecer *o que é*, pois a filosofia “é o perscrutar do racional [...], o apreender do presente e do efetivo”⁴⁰⁸. A crítica de Marx a Kant e aos kantianos, presente na *carta ao pai* e na sua *dissertação*, não deixa espaço algum para a defesa althusseriana do Marx kantiano no período pré-1843, pois, como é possível perceber, as ressalvas do jovem Marx atingem o âmago do criticismo kantiano, aquilo que poderíamos chamar de sua teoria do conhecimento.

⁴⁰⁵ MARX; ENGELS, 1975a, p. 90, tradução nossa.

⁴⁰⁶ MARX; ENGELS, 1976, p. 91, tradução nossa.

⁴⁰⁷ ALBINATI, 2007, p. 118.

⁴⁰⁸ HEGEL, 2022, p. 138.

Sobre o Marx fichteano, a tese também nos fornece elementos suficientes para afastar tal defesa. Vasculhando os cadernos preparatórios e a dissertação, encontramos apenas uma menção de Marx a Fichte. E semelhante ao que ocorre com Kant, essa menção é negativa e ataca frontalmente o núcleo da filosofia fichteana, o seu *Eu*. Na passagem encontrada, Marx chega a mencionar um, à época, conhecido polemista alemão chamado Friedrich Nikolai, quem havia publicado duras críticas a Kant e a Fichte⁴⁰⁹. Escreve Marx:

Mas em termos de objetividade, em termos de conteúdo, Heráclito é tão bom, que não só despreza como odeia o senso comum, é o próprio Tales que ensina que tudo é água, enquanto todo grego sabia que não poderia viver de água, é Fichte com seu Eu criador de mundo, enquanto até mesmo Nikolai percebeu que não poderia criar um mundo, todo filósofo que afirma a imanência contra a pessoa empírica é um ironista.

Ao contrário do que se poderia pensar, isto é, que o destaque dado a autoconsciência significaria uma volta à filosofia fichteana, segundo Heinrich, isso, na verdade, seria “uma primeira tentativa de esclarecimento pós-hegeliano: o que impulsionaria a história não seria o movimento de uma racionalidade abstrata e geral - esse impulso estaria, antes, imediatamente no próprio ser humano”⁴¹⁰. Para Heinrich, o destaque dado por Marx à figura de Prometeu e a “reivindicação do reconhecimento da autoconsciência como ‘divindade suprema’ evidenciam que

⁴⁰⁹ Conforme Alexandre Hahn, “Friedrich Nicolai (1733-1811), além de livreiro, editor, historiador, crítico literário e escritor bem-sucedido de romances satíricos, notabilizou-se como expoente da filosofia popular, e representante de primeira ordem do Iluminismo berlinense. Almejando dar voz a esse movimento, fundou e editou por quarenta anos o periódico de resenhas *Allgemeine deutsche Bibliothek*. Nesse espaço, filósofos populares podiam combater tanto a autoridade religiosa, como aquilo que entendiam se tratar de extravagâncias do movimento romântico literário *Sturm und Drang*, e do classicismo de Weimar, representado por figuras como Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) e Friedrich Schiller (1759-1805)”. Ainda segundo Hahn, “Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) foi alvo dos ataques mais violentos. Sua reação veio em 1801, com a obra *Vida e opiniões extravagantes de Friedrich Nicolai*, cujo título parodia dois trabalhos de Nicolai (1773 e 1798). Nessa obra, além de acusar Nicolai de ter atacado sua honra, em uma resenha sobre o livro *Sistema do idealismo transcendental* de Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854), Fichte ironiza o princípio a partir do qual o mesmo teria derivado todas suas críticas. Segundo ele, Nicolai considera infalível sua avaliação pessoal acerca de toda ciência e conhecimento, e supõe que ela ‘deveria servir de guia e padrão para o juízo de todos outros seres racionais’. De acordo com esse diagnóstico, o citado editor teria a presunção de que todo conhecimento estaria nele compreendido e resumido, bem como que tudo que não compreendesse seria ‘ininteligível e absurdo, e que a mera expressão da sua opinião adversa era suficiente para aniquilar completamente todos os oponentes’. A reação de Nicolai a Fichte veio em um longo suplemento ao volume 61 do seu *Neue allgemeine deutsche Bibliothek*, no qual também critica Johann Friedrich Cotta (1764–1832), editor do referido trabalho de Fichte, por supostamente buscar apenas o lucro com a publicação de uma obra como essa”. Para mais detalhes da querela, cf. Hahn (2017).

⁴¹⁰ HEINRICH, 2018, p. 393.

essa referência ao ser humano por meio da autoconsciência era vista por Marx como avanço radical⁴¹¹. Posição que Marx já havia enunciado brevemente na *carta ao pai*, “antes, os deuses moravam acima da Terra; agora, tornaram-se o centro dela”. Foi nesse mesmo sentido que entendera Albinati na sua análise, já clássica, da tese doutoral, diz a autora brasileira, bem antes de ser moda estudar o verdadeiro jovem Marx:

Analisando o texto da tese doutoral, a referência a Prometeu que ali comparece como uma espécie de epígrafe da intenção do autor, vem no sentido de afirmar o homem como criador de si mesmo, o que constitui de fato um aspecto assumido ao longo de sua obra. Mas ali mesmo, neste texto inaugural, embora a ênfase do autor recaia sobre o papel da subjetividade, sobre o princípio da autoconsciência, tal como explicitada na filosofia epicúrea, Marx já questiona a ideia de uma liberdade como atributo do indivíduo-átomo, questionando os limites de uma filosofia que parte do indivíduo em contrapartida ao social. A noção de uma liberdade negativa, como autonomia de se recusar às determinações naturais ou sociais, que se deriva da ideia do "clinamen", é, ao final da tese, colocada em questão, deixando em aberto a maneira pela qual Marx prosseguiria no equacionamento da relação entre o singular e o universal, entre o indivíduo e a sociedade.

Não se trata, por isso, de retorno a Fichte via filosofia da autoconsciência. Isso fica explicitado e ganha novo desdobramento na passagem da tese em que Marx é direto com relação à filosofia do Eu, quando acusa Fichte de ser *irônico*. Diz o contrário do que deveria ser, por isso é ironista, além disso opõe os lados que deveria acolher. No trecho supramencionado, o uso do termo *Ironiker* por Marx se aproxima bastante do modo como Hegel utiliza o termo e encara a ironia, pois este “raramente emprega a palavra ‘ironia’, salvo para criticar as opiniões de outros⁴¹². Não é mera coincidência que no principal parágrafo da *Filosofia do Direito* onde encontramos um tratamento detido de Hegel sobre a ironia e quando, também, tematiza a autoconsciência, presenciarmos a mesma relação com Fichte. Escreve Hegel, sobre “ponto de vista supremo da subjetividade”:

Essa forma é agora a *ironia*, a consciência de que com tal princípio da convicção não se vai muito longe e de que nesse critério supremo só o arbítrio domina. Esse ponto de vista proveio propriamente da filosofia fichtiana, que exprime o eu como o absoluto, isto é, como a certeza absoluta, como a eguidade universal, que pelo seu desenvolvimento

⁴¹¹ HEINRICH, 2018, p. 393.

⁴¹² INWOOD, 1997, p. 195.

ulterior avança até a objetividade. não se pode propriamente dizer que Fichte tenha venha convertido no domínio prático o arbítrio do sujeito em princípio, mas, posteriormente, esse mesmo particular, no sentido da eguidade particular, foi divinizado por Friedrich von Schlegel, no que se refere ao bem e ao belo, de sorte que o objetivamente bom seria somente um construto da minha convicção, só de mim receberia o seu suporte, e que eu, enquanto o senhor e mestre, posso fazê-lo surgir e desaparecer. quando me relaciono a algo objetivo, ele ao mesmo tempo já só soçobrou para mim, e eu paio sobre um espaço enorme, evocando e destruindo figuras.⁴¹³

Interessante perceber que a crítica de Marx a Fichte segue no mesmo sentido daquela realizada contra Kant, isto é, acusa a indiferença de ambos ao elemento empírico, ao existente. Como se verá adiante, isso não significa que Marx se alinhe aos positivistas e eleve o empírico ao nível da efetividade, mas que não há imanência sem conhecimento do empírico. Se pensarmos na defesa de Marx do direito racional e sua defesa da codificação como positivação da liberdade, vemos de maneira exemplar que a relação entre o empírico e a razão não é meramente de oposição, mas, pode ser, de aparência e essência, onde esta última se revela naquela. Afastamos, com isso, aquele mitológico Marx fichteano.

No capítulo relativo às “Dificuldades quanto à identidade da filosofia da natureza de Demócrito e Epicuro”, temos a revelação daqueles que são os temas mais importantes para Marx e sobre os quais nosso autor se posicionará. Trata-se da relação dos filósofos antigos com a verdade, a certeza, a aplicação da ciência e a relação entre ideia e realidade efetiva⁴¹⁴. Dizendo de outro modo, a tese nos permite apreender o que Marx entende por verdade, certeza e ciência, bem como, o que é fundamental, aquilo que nosso autor entendia da relação entre ideia e realidade efetiva. Relação que desde a carta de 1837 causou a primeira grande inflexão no seu pensamento, quando chegou à conclusão que a oposição entre ideia e realidade efetiva conduzia ao formalismo, decidindo-se, então, pela busca da ideia na própria realidade efetiva, o que o levou, a contragosto, aos braços do seu inimigo de então, Hegel.

Sustentamos que a partir da confrontação das filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro é possível captar o próprio pensamento de Marx sobre aqueles temas, tendo em vista o modo como Marx encarava as filosofias pós-

⁴¹³ HEGEL, 2022, p. 393.

⁴¹⁴ MARX; ENGELS, 1975a, p. 25, tradução nossa.

aristotélicas e as de seu tempo, pós-Hegel. Marx encontrava muitas similitudes nessas duas épocas, desse modo, viu no crepúsculo da filosofia antiga, ainda, um feixe de luz capaz de iluminar o cinza sobre cinza da era que sucedeu a filosofia de Hegel. No excerto abaixo, vemos a explicitação da relação que levantamos aqui nesta tese, pois, escreve Marx:

Assim como há pontos nodais na história da filosofia que a elevam à concretude em si mesma, que abarcam os princípios abstratos numa totalidade e assim interrompem a progressão da linha reta, assim também há momentos em que a filosofia volta seus olhos para o mundo exterior, não mais para concebê-lo, mas como pessoa prática, por assim dizer, tecendo intrigas com o mundo, saindo do reino transparente de Amenthes e se jogando no coração da sereia mundana. Esta é a época carnavalesca da filosofia, quando ela se disfarça de cachorro como o cínico, com uma batina como o alexandrino ou com um vestido primaveril perfumado como o epicurista. É essencial que ela coloque máscaras de personagem. Como nos é narrado que Deucalião atirou pedras para trás na criação dos homens, a filosofia lança seus olhos para trás (os ossos de sua mãe são olhos brilhantes) quando seu coração é forte o suficiente para criar um mundo; mas como Prometeu, que roubou o fogo do céu, começa a construir casas e se estabelecer na terra, assim a filosofia, que se expandiu para o mundo, se volta contra o mundo como ele aparece. O mesmo agora ocorre com a filosofia de Hegel.⁴¹⁵

Marx, na tese, visava estudar os sistemas dos epicuristas, dos estoicos e dos cétricos como as *filosofias da autoconsciência*, momento no qual a filosofia assume sua “forma subjetiva” nos portadores intelectuais, os filósofos. O que significa dizer que a sua “importância histórica” não estava exatamente no conteúdo que professavam, na sua forma objetiva, mas na “forma subjetiva” que assumiram:

Parece-me que, ao passo que os sistemas mais antigos são mais significativos e mais interessantes pelo conteúdo, os pós-aristotélicos – sobretudo o ciclo das escolas epicuristas, estoica e cétrica – o são pela forma subjetiva, pelo caráter da filosofia grega. Só que, até agora, justamente a forma subjetiva, suporte espiritual dos sistemas filosóficos, foi quase totalmente esquecida em função de suas determinações metafísicas.⁴¹⁶

Marx adota posição semelhante ao abordar a filosofia pós-Hegel. O paralelo entre Aristóteles e Hegel é explícito no texto da dissertação, precisamente,

⁴¹⁵ MARX; ENGELS, 1976, p. 99, tradução nossa.

⁴¹⁶ MARX, 2018, p. 31.

no final das notas do capítulo intitulado “Diferença fundamental geral entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro”. Desse capítulo e do capítulo V, somente restaram as notas, que, normalmente, são postas, pelas edições, no corpo do texto, pois os capítulos se perderam. No caso do capítulo IV da primeira parte, quase a totalidade das notas explicativas, aquelas que não são apenas citações, tratou da relação da escola hegeliana com o mestre, bem como, e isso é fundamental, da filosofia com o mundo. Tendo isso em vista, é possível que a relação que ora levantamos tenha sido explicitada com maiores detalhes no texto integral, perdido. Marx imediatamente depois de tratar da divisão da escola hegeliana, das alas positivistas e liberais, ponto que abordaremos em seguida, afirma que “uma quantidade de formações de segunda categoria, lacrimosas e sem individualidade [...] se postam atrás de um gigante filosófico do passado”, no entanto, “logo se apercebe o jumento na pele do leão; ouve-se o choramingar da voz lacrimosa de um *mannequin* de hoje e de ontem, contrastando comicamente com a voz potente, por exemplo, de um Aristóteles”⁴¹⁷. Marx encarava o período posterior a Hegel, esse “gigante filosófico do passado”, como tempo da autoconsciência na filosofia, e a divisão em dois partidos como consequência do que ele chamou de “dualidade da autoconsciência filosófica”⁴¹⁸ que se manifesta em duas tendências opostas.

Nesse momento, Marx se posiciona pela primeira vez de maneira mais taxativa frente à escola hegeliana e, conseqüentemente, em relação à filosofia do mestre. Marx acusa os alunos de Hegel de aderirem, “há pouco tempo, como pode ser claramente demonstrado por seus próprios escritos, [...] com entusiasmo a toda a sua unilateralidade”⁴¹⁹, portanto, procuram se relacionar com a filosofia do mestre de maneira “imediate, substancial”⁴²⁰, como se fossem o próprio Hegel, mas esquecem, diz Marx, que a relação que estabelecem com aquela filosofia é uma “relação refletida”⁴²¹. Marx critica o deslumbramento de parte dos hegelianos, cuja adesão é “ingênua e acrítica” por acharem ter recebido uma ciência pronta e acabada, os quais não tiveram “escrúpulos [de] imputar uma intenção oculta atrás

⁴¹⁷ MARX, 2018, pp. 59-60.

⁴¹⁸ MARX; ENGELS, 1975a, p. 69, tradução nossa.

⁴¹⁹ MARX; ENGELS, 1975a, p. 67, tradução nossa.

⁴²⁰ MARX; ENGELS, 1975a, p. 67, tradução nossa.

⁴²¹ MARX; ENGELS, 1975a, p. 67, tradução nossa. Aqui, adotamos a mesma tradução que se encontra o §113 da Enciclopédia das ciências filosóficas, volume 1, de Hegel.

da noção do mestre”, e, por isso, explicam Hegel nas suas acomodações, como diz Marx, “moralmente”⁴²². Nosso autor, parecendo seguir linha a linha o prefácio da *Filosofia do Direito*, defende que para Hegel “não se tratava de uma ciência recebida, mas de uma ciência em formação, imbuída de sua própria força vital espiritual até o último capilar”.⁴²³

Na tese, Marx defende que os discípulos devem ter um papel ativo no “progresso do conhecimento” em contraponto àquela posição “ingênua e acrítica” que acaba cindindo o mestre em dois, um exotérico, portanto, público e externo, e outro esotérico, que oculta intenções que somente seus discípulos são capazes de revelar, aqueles que são capazes, pode-se dizer, de chegar às intenções morais do autor. Contra esse corte, Marx explica que é compreensível que um filósofo, pela sua relação de imediatez com sua própria filosofia, ao incorrer “em uma ou outra aparente inconsequência em decorrência desta ou daquela acomodação”, e ainda que tenha consciência disso, “não tem consciência de que a possibilidade dessa aparente acomodação tem suas raízes mais profundas em uma deficiência ou em uma formulação deficiente de seu próprio princípio”, e, nesse ponto, Marx atinge o núcleo da cisão ao passo que determina a tarefa dos discípulos: explicar a acomodação com base na “sua consciência interior essencial” e ir além da filosofia do mestre.⁴²⁴ Agora, na dicção da tese:

Portanto, se um filósofo realmente se tornasse acomodado, seus alunos teriam que explicar a partir de sua consciência interior essencial o que para ele próprio tinha a forma de uma consciência exotérica. Dessa forma, o que parece ser um avanço da consciência é também um progresso do conhecimento. A consciência particular do filósofo não é suspeitada, mas sua forma essencial de consciência é construída, elevada a uma forma e significado específicos e, assim, ao mesmo tempo ultrapassada.⁴²⁵

Marx considera esse movimento necessário da filosofia hegeliana como uma “virada não filosófica” da filosofia que conduz à “transição da disciplina para a liberdade”, isto é, a teoria abandona o círculo fechado de uma filosofia de escola e se converte em “energia prática” que se volta, “na condição de *vontade*”, isto é, de livre, contra “a realidade mundana”. Nesse momento, a filosofia se tornou crítica

⁴²² MARX; ENGELS, 1975a, p. 67, tradução nossa.

⁴²³ MARX, 2018, p. 56.

⁴²⁴ MARX, 2018, pp. 56-57.

⁴²⁵ MARX; ENGELS, 1975a, p. 67, tradução nossa.

do existente, pois, “na condição de vontade”, ela “se volta contra o mundo fenomênico”. A filosofia se torna ela mesma “um aspecto do mundo que se confronta com outro” aspecto, o fenomênico, “inspirada pelo impulso de realizar-se, ela entra em tensão com o outro. A autossuficiência interior e a rotundidade foram rompidas. O que era luz interior tornou-se chama devoradora que se volta para fora”. Agora, notemos, Marx via na filosofia hegeliana, no seu *curriculum vitae*, não a indiferença com relação ao fenômeno, como em Kant e Fichte, mas a qualidade de seu confrontar com o mundo fenomênico, uma filosofia que se tornava um aspecto do mundo contra o outro, uma filosofia que encontrou sua “determinidade imanente” e o seu “caráter histórico mundial”.⁴²⁶ O resultado disso, sintetiza Marx, na tese:

é que o tornar-se filosófico do mundo é concomitantemente um tornar-se mundano da filosofia, que sua realização é, ao mesmo tempo, sua perda, que aquilo que ela combate fora dela é sua própria deficiência interior, que precisamente na luta ela incorre nos danos que combate como danos no opositor e que ele só consegue suprimir esses danos na medida em que neles incorre. Aquilo com que se depara e o que ela combate sempre é o mesmo que ela é, mas com claves invertidas.⁴²⁷

Esse é o lado “puramente objetivo” da “realização imediata da filosofia”; há, contudo, um “lado subjetivo” que envolve “a relação entre o sistema filosófico que está concretizado e seus portadores intelectuais, as autoconsciências individuais em que aparece seu progresso”. Pois, nesse seu realizar-se, “tornar-se filosófico do mundo” e “tornar-se mundano da filosofia”, o confronto com o mundo fenomênico aparece do lado subjetivo na divisão da autoconsciência em dois partidos opostos, um que “se volta contra o mundo e o outro contra a própria filosofia”. Esses partidos formulam uma “exigência e ação duplas que se contradizem”, no caso da Alemanha, Marx faz referência ao “partido liberal” e à tendência ligada à “filosofia positiva”. Nenhuma dessas tendências, que fique claro, segundo Marx defende na tese, superou teoricamente o sistema hegeliano, “elas apenas sentem a contradição” – consequência direta da sua realização – “com a identidade plástica do sistema consigo mesmo e não sabem que, ao voltar-se para

⁴²⁶ MARX, 2018, p. 57.

⁴²⁷ MARX, 2018, p. 58.

esse sistema, só realizam dele os momentos individuais”, sendo ambas, portanto, unilaterais e parciais.⁴²⁸

Mas uma dessas tendências era capaz de progresso teórico e prático, afinal, conforme a concepção de Marx à época, a “própria *práxis* da filosofia é teórica”. A ação do partido liberal é encarada como “crítica e, portanto, exatamente o voltar-se para fora da filosofia”, compreendendo que o papel da filosofia já se completou e que, por isso, a deficiência está no mundo que necessita “ser tornado filosófico”, isto é, corresponder ao Conceito. É um passo para fora do círculo da filosofia, haja vista que a tarefa desta “é conceituar o *que é* [...] pois o *que é* é a razão”⁴²⁹, nesse sentido, segue a lição de Hegel, “enquanto *pensamento* do mundo”, a filosofia “aparece no tempo somente depois que a efetividade completou o seu processo de formação e se tornou acabada”⁴³⁰, por isso, o pulo para fora da filosofia se converte na disputa pelo tornar efetivo o mundo fenomênico; é um salto, pode-se dizer, para a política. Já a “filosofia positiva” ao insistir em filosofar, em um “votar-se para dentro de si da filosofia”, transfere a deficiência que é do mundo para a própria filosofia, encara, pois, essa deficiência “como algo imanente à filosofia”, torna-se desvairada. A contraposição é bem clara, e a posição de Marx nesse confronto também, quando sintetizamos o partido liberal como o partido do conceito e o partido da filosofia positiva como o partido do “não-conceito”, isto é, do “momento da realidade [Realität]”⁴³¹. Por isso, diz Marx, “apenas o partido liberal, por ser o partido do conceito”, isto é, o lado que combate pelo conceito em confronto com a *Realität*, pode produzir transformações reais. Mesmo sabendo das unilateralidades, Marx via no partido liberal a “consciência do princípio em geral e de sua finalidade”, a crítica do existente, do mundo fenomênico, portanto, uma ala que luta pelo conceito.

Marx segue para a *Gazeta Renana* com o seguinte programa filosófico: “é a *crítica* que mede a existência individual pela essência e a realidade particular pela ideia”. Pelo dito acima, defendemos que a tese doutoral de Marx revela os seus primeiros caminhos na crítica pública como redator do “periódico democrático”. Sua defesa do direito racional é a confrontação aberta com aquele

⁴²⁸ MARX, 2018, p. 58.

⁴²⁹ HEGEL, 2022, p. 142.

⁴³⁰ HEGEL, 2022, p. 148.

⁴³¹ MARX; ENGELS, 1975a, p. 69, tradução nossa.

direito então existente na Prússia e, particularmente, aquele direito produzido pela Dieta Renana. O direito racional é a medida do direito existente.

Defendemos, ainda, que a defesa do direito, nos tempos da *Gazeta Renana*, quando procurou nas suas intervenções publicísticas “produzir progressos reais”, tendo em vista que “a prática da filosofia é em si teórica”, portanto, crítica, ocorre no âmago dessa posição frente à filosofia de seu tempo e da filosofia hegeliana, em particular. É esse, e não outro, todo o sentido da defesa de Marx do direito racional; e é essa, e não outra, a sua crítica à existência individual e realidade particular do direito prussiano.

Sobre a negação do hegelianismo do jovem Marx, um mito, segundo Althusser, a tese doutoral atua, então, na desmitologização do mito, pois fornece provas mais que suficientes para desbancar o autor francês. É certo que, conforme apontamos neste texto, a posição de Marx em relação a Hegel é bastante nuançada, visto que não é o caso de adesão sem mais, do tipo *tudo ou nada*. Ainda mais se considerarmos que tal adesão significava, precisamente, uma posição frente à cisão da escola hegeliana. E na *Gazeta Renana*, o hegelianismo foi posto à prova, mas Marx, pela sua própria posição frente à filosofia do mestre, não tardou a abandoná-lo nos anos de 1843-1844. E sua defesa do direito se converterá em crítica ao direito.

5 CAPÍTULO 4 – MARX NOS TEMPOS DA GAZETA RENANA: DA DEFESA DO DIREITO RACIONAL

Os textos, pode-se dizer, memoriais de Marx, a *carta ao pai* e o *prefácio de 1859*, obviamente, têm valores distintos no que concerne ao pensamento marxiano. Primeiramente, vale referir que o estatuto de uma carta, do ponto de vista da investigação categorial de uma dada formação ideal, não é equivalente ao estatuto de um texto propriamente teórico, filosófico, embora possa iluminar certos aspectos da produção intelectual de um determinado autor, ainda mais quando esse autor, como é o caso de Marx nos tempos acadêmicos, queimou tudo que era produção propriamente teórica, além das literárias.

Enquanto a *carta ao pai* foi escrita por um jovem estudante de Direito da Universidade de Berlim, que prestava contas ao seu pai, tentando tranquilizá-lo quanto aos rumos dos seus estudos, e junto à carta não encontramos nenhum texto teórico que nos possibilite a averiguação certa daquilo que é afirmado na missiva; o segundo texto é uma prestação de contas do autor com o seu próprio pensamento, constitui um texto teórico, no qual nosso autor expõe sua trajetória ao público leitor, a preocupação com o rigor é bastante distinta. Ao passo que a carta, no dizer do pai de Marx, não tinha forma nem conteúdo, no prefácio, a atenção se volta à exposição,

suprimo uma introdução que esbocei porque, depois de refletir bem a respeito, me pareceu que antecipar resultados estão para ser demonstrados poderia ser desconcertante e o leitor que se dispuser a me seguir terá que se decidir a se elevar do particular ao geral.⁴³²

Marx, quando escreve o *prefácio de 1859*, preparava o passo decisivo rumo à sua obra-prima inacabada *O capital*. No primeiro parágrafo desse prefácio, o autor estabelece o seu plano de publicação, plano que ainda sofrerá alterações, mas que naquele momento passava por examinar “o sistema da economia burguesa na seguinte ordem: capital, propriedade, trabalho assalariado; Estado, comércio exterior, mercado mundial”, assim como estudar “as condições econômicas de existência das três grandes classes nas quais se divide a

⁴³² MARX, 2008, p. 46.

sociedade civil-burguesa moderna”⁴³³. A obra *Contribuição à crítica da economia política*, para a qual o prefácio foi escrito, não marca sua entrada na crítica da economia política. Antes dela, Marx já havia publicado, por exemplo, *A miséria da filosofia* e, juntamente com Engels, o *Manifesto Comunista*, textos que já pressupõem e desenvolvem, ainda mais, essa crítica. Além desses, publicados em vida, há também as obras póstumas que apontam outros entrelaçamentos da sua crítica da economia política, trata-se dos volumes 2 e 3 d’*O capital*, da volumosa *Teorias do mais-valor: a história crítica do pensamento econômico*, além dos famosos Manuscritos de 1857-1858, os *Grundrisse*, dos *Manuscritos de 1861-1863* e dos *Manuscritos de Paris de 1844*, texto com o qual Marx inaugura sua crítica da economia política, fundamental para a nossa tese, tendo em conta que nesse manuscrito, segundo Vitor Sartori⁴³⁴, há um deslocamento, em termos de enfoque, no pensamento do autor, da crítica ao direito à crítica da economia política. Esse e outros textos de 1844 serão analisados no próximo capítulo, depois de expormos o suporte categorial com o qual Marx empreende sua defesa do direito na *Gazeta Renana*. O que é importante reter, neste momento, já adiantando, é que o caminho que levou o pensamento de Marx da defesa do direito à sua crítica, também, conduziu o autor para longe do direito, que passa a ser encarado, cada vez mais, como esfera limitada e limitadora da emancipação humana. Por isso, também, notamos que a tematização do direito na obra do autor, neste período, da *Gazeta Renana* aos textos de 1843 e 1844, diminui substancialmente.

É, então, difícil estabelecer qualquer nexos categorial e de equivalência entre a *Carta ao pai* e o *Prefácio de 1859*, contudo, em ambos os textos o autor fixa um olhar panorâmico acerca do seu desenvolvimento pretérito a fim de apontar para sua possível rota de investigação no presente. Além disso, em se tratando especificamente do direito, nos dois textos, há uma abordagem explícita acerca da matéria, como vimos, para o caso da carta, no capítulo anterior. Inclusive, é justamente o prefácio que nos indica a importância de analisar o itinerário do autor partindo da sua produção pré-1843, em especial, para a *Gazeta Renana*. Assim, começaremos explicitando algumas passagens desse prefácio, naquilo que nos é mais caro, sem, portanto, ultrapassar os limites razoáveis dessa tese. O próprio

⁴³³ MARX, 2008, p. 45.

⁴³⁴ Cf. Sartori (2017).

Marx menciona a importância dos escritos do período por nós investigado. Citamos, então, a letra de Marx, que diz:

Em 1842-1843, na qualidade de redator da *Rheinische Zeitung* (*Gazeta Renana*), encontrei-me, pela primeira vez, na embaraçosa obrigação de opinar sobre os chamados interesses materiais. Os debates do Landtag [parlamento - alemão] renano sobre os delitos florestais e o parcelamento da propriedade fundiária, a polêmica oficial que o sr. Von Schaper, então governador da província renana, travou com a *Gazeta Renana* sobre as condições de existência dos camponeses do Mosela, as discussões, por último, sobre o livre-câmbio e o protecionismo, proporcionaram-me os primeiros motivos para que eu começasse a me ocupar das questões econômicas.⁴³⁵

No caso da citação acima, ela fornece uma valiosa rota de entrada para a obra de Marx. Pois foi exatamente nesses escritos jornalísticos que o autor alemão tomou seus primeiros contatos com os “chamados interesses materiais”, passando, assim, a encarar como uma necessidade o estudo das “questões econômicas”. Essa passagem também desvenda o preciso momento em que isso ocorreu. Foi quando, diante da “embaraçosa obrigação de opinar”, teve que tratar dos “debates do Landtag [parlamento - alemão] renano sobre os delitos florestais e o parcelamento da propriedade fundiária”, bem como das “condições de existência dos camponeses do Mosela”. A relevância desse momento é ainda sobrelevada por Engels, em carta dirigida a Richard Fischer, datada de 15 de abril de 1895. Nela, ele escreve que, apesar de não ter lido os “artigos de Mosela”, pois “já estava na Inglaterra”, tem certeza já ter ouvido de Marx que, “através do seu grau de envolvimento com a lei referente ao furto de madeira e com a situação dos camponeses de Mosela é que ele foi lançado da mera política para as condições econômicas e, assim, chegado, ao Socialismo”⁴³⁶, uma vez mais, isso foi dito por Engels em carta, na qual recorda conversa que tivera com Marx, portanto, a imprecisão é inerente ao testemunho supracitado. Esse primeiro contato com os “chamados interesses materiais” e com a necessidade de se “ocupar das questões econômicas” não resultaram imediatamente na mudança substantiva do pensamento de Marx, a sua relação com o direito, por exemplo, manteve-se inalterada durante todo o período em que esteve dirigindo, na posição de redator-

⁴³⁵ MARX, 2008, p. 46.

⁴³⁶ ENGELS, 1968, p. 466, tradução nossa.

chefe, a *Gazeta Renana* e publicou para o periódico. Quanto à sua chegada ao socialismo, na *Gazeta Renana*, especialmente na chamada polêmica sobre o comunismo, a posição de Marx foi tateante quanto à aplicabilidade daquelas teorias alienígenas, saídas de Inglaterra e França, na Alemanha de então, ponto que foi brevemente tratado no segundo capítulo desta tese.

Mesmo quando Marx criticou os interesses privados que rebaixavam o Estado e o direito, como naquele caso famoso da lei sobre o furto de madeira, mencionado por Engels na carta supracitada, ele o fez em defesa não da eliminação dos interesses egoístas do puro cálculo, mas da sua suprassunção pela esfera estatal. A sociedade civil-burguesa é mantida, como um reino de devassidão e miséria, conforme descreve Hegel, e o Estado que corresponde minimamente ao seu conceito, que é racional, portanto, capaz de reconhecer o direito universal, livre dos interesses estamentais, mantêm-se acima desses interesses e até certo ponto é seu pressuposto.

A exposição precisa dos termos da defesa do direito na *Gazeta Renana* envolve apreender a sua posição com relação aos seguintes pares: Estado estamental/Estado moderno, direito animal/direito humano, privilégio/direito, religião/política, bem como a relação do direito com a lei, com a liberdade e com a igualdade. Contudo, antes, é necessário mostrar a continuidade entre a proposta de Marx desenvolvida na tese doutoral, de uma “crítica que mede a existência individual pela essência e a realidade particular pela ideia”, em oposição ao partido do “momento da Realität”, e o modo como nosso autor encarava a tarefa da *Gazeta Renana* ao lado do partido que luta pelo conceito, voltando-se “para fora da filosofia”, pois a crítica é o tornar-se mundana a filosofia a fim de tornar filosófico o mundo.

Marx encarava a sua prática jornalística como o despir a filosofia de sua “batina ascética”⁴³⁷, e a filosofia alemã, em especial, vemos na *Gazeta Renana*, custa a largá-la e não o faz sem resistência, posto que ela “tem uma inclinação para a solidão, para o isolamento sistemático, para a introspecção desapaixonada”⁴³⁸. Marx estava resolvido, como foi possível perceber na análise da tese e se mantém na *Gazeta Renana*, a combater o caráter “antipopular” que a

⁴³⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 183, tradução nossa.

⁴³⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 182, tradução nossa.

filosofia adquire “no seu desenvolvimento sistemático”⁴³⁹. Naquele momento, a filosofia necessitava retornar ao mundo de onde ela partiu, “os filósofos não brotam da terra como cogumelos, são frutos de seu tempo, de seu povo, cujos sucos mais sutis, preciosos e invisíveis circulam nas ideias filosóficas”⁴⁴⁰, o que resulta na sua responsabilidade e no seu compromisso com o mundo. O compromisso do filósofo salta aos olhos quando notamos a semelhança da dicção de Marx com certa passagem da obra hobbesiana *Do cidadão*, na qual o autor inglês, eivado do seu característico individualismo, diz: “retornemos agora ao estado de natureza, e consideremos os homens como se nesse instante acabassem de brotar da terra, e repentinamente (como cogumelos) alcançassem plena maturidade, sem qualquer compromisso entre si”⁴⁴¹ e, poderíamos completar, com o mundo. O filósofo, portanto, para Marx, é a antípoda do indivíduo imaginado por Hobbes.

Nesse ponto, há leve semelhança a certa passagem da *Filosofia do direito*, quando Hegel escreve “no que concerne ao indivíduo, cada um é de toda maneira um *filho do seu tempo*; assim, a filosofia também é o *seu tempo apreendido em pensamento*”⁴⁴², no entanto, a direção é distinta. Enquanto no Marx da *Gazeta Renana* há um impulso para a prática, ainda que a “própria *práxis* da filosofia [seja] teórica”; em Hegel, o fato de todo indivíduo, incluso, obviamente, o filósofo, ser “um *filho de seu tempo*” atua como espécie de “batina ascética” que impede o “tornar-se filosófico do mundo” e o “tornar-se mundano da filosofia”, pois segue no seu “desenvolvimento sistemático”, portanto, impopular. Sem fazer, aqui, de Hegel um espantalho, precisamos considerar que:

A tese de que a filosofia ‘é o seu tempo apreendido em pensamento’ não conflita com a tarefa atribuída à filosofia pouco antes (parágrafo 13), a de ‘conhecer na aparência do temporal e do passageiro a substância que é imanente e o eterno que é presente’. Com efeito, O Presente que ela tem de conhecer é o presente afetivo, isto é, o teor de racionalidade ele é imanente como uma atualidade que é pura ‘manifestação’ do presente absoluto, de sorte que a ‘externação’ (Äusserung) Na essência enquanto fundamento na efetividade é identicamente a ‘sua reflexão dentro de si’. ‘Por isso, o efetivo é *manifestação* [Manifestation], ele não é atraído por sua exterioridade na esfera da *alteração*, [...] é *ele mesmo* na sua exterioridade e somente nela, a saber, é ele mesmo somente enquanto movimento que se diferencia de si e se determina’. Essa manifestação da

⁴³⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 182, tradução nossa.

⁴⁴⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 183, tradução nossa.

⁴⁴¹ HOBBS, 2002, p. 135.

⁴⁴² HEGEL, 2020, p. 142.

efetividade, subtraída à alteração, 'é o eterno que é presente'. Ao mesmo tempo, essa racionalidade atuante nesse presente efetivo contém o impulso e o critério que leva a ir além da sua realidade temporal e contingente e, assim, a ultrapassar suas figurações limitadas em direção à sua formação completa enquanto ideia. É esta que então permite à filosofia, uma vez que 'a efetividade completou o seu processo de formação' (parágrafo 19), se contrapor como um ideal as limitações e contradições do presente histórico".⁴⁴³

Marx não nega a determinação temporal da filosofia, no entanto, ao contrário de Hegel, postula uma tarefa a mais ao filósofo, que é a *práxis* da crítica pública do existente no interior do partido do conceito. Se em Hegel, a "racionalidade atuante nesse presente efetivo contém o impulso e o critério que leva a ir além da sua realidade temporal e contingente e, assim, a ultrapassar suas figurações limitadas em direção à sua formação completa enquanto ideia"; em Marx, os filósofos, como portadores intelectuais dessa racionalidade, devem atuar pedagogicamente ensinando como o mundo dever ser conforme o conceito:

O mesmo espírito que constrói os sistemas filosóficos nos cérebros dos filósofos, também, constrói as ferrovias com as mãos dos construtores. A filosofia não está fora do mundo, assim como o cérebro não está fora do ser humano porque não está no estômago; mas é claro que a filosofia está com seu cérebro no mundo antes de colocar os pés no chão, enquanto muitas outras esferas humanas há muito fincam os pés na terra e colhem os frutos do mundo com as mãos antes de suspeitar que a "cabeça" também é deste mundo, ou que este mundo é o mundo da cabeça.⁴⁴⁴

Para Marx, o seu tempo é aquele em que "a filosofia entra em contato com o mundo efetivo do presente", e não o faz apenas "internamente por meio do seu conteúdo", ficando, assim, fechada na forma de manifestação sistemática, mas "externamente por meio de sua manifestação", isto é, por meio da imprensa periódica. A defesa de Marx se colocava, justamente, contra os críticos, como o editor Hermes, da veiculação de debates filosóficos em jornais, pois este editor da *Gazeta do Estado Prussiano* defendia que certos temas deveriam ficar restritos à publicação em livros. A defesa mais geral de Marx é dos jornais filosóficos, como

⁴⁴³ MÜLLER, 2022, p. 148-149.

⁴⁴⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 183, tradução nossa.

a *Gazeta Renana*, que vai além do “interesse imediato do fato político”, posto que se volta para o “pensamento político”⁴⁴⁵.

Importava ao nosso autor, o confronto da filosofia com o mundo então existente – e podemos dizer do direito racional com o direito existente, do Estado racional com o Estado existente. Esse confronto atualiza o mundo. O voltar-se para fora da filosofia, promovido pelo partido do conceito, é o reconhecimento preciso que a “filosofia verdadeira é a quintessência espiritual de seu tempo”, e, por ser isto, identifica no mundo existente as deficiências que são desse mesmo mundo, e assim, enquanto “filosofia em tudo contra o mundo, torna-se a filosofia do mundo atualizado”, isto é, que superou as formas anacrônicas, tornando-se conforme o seu conceito. Ao passo que não é do seu interesse o confronto da filosofia como sistema com outros sistemas filosóficos, afinal, tal atitude não é mais que o “voltar-se para dentro da filosofia”, e as deficiências, que são do mundo, passam a ser “algo imanente à filosofia” e, assim, pode-se dizer, a filosofia se perde na noite em que todos os gatos são pardos, tudo se equivale, se assemelha, não há critério para medir o existente, e a razão foi sacrificada. A linha de continuidade entre a defesa da filosofia na *Gazeta Renana* e aquela presente na tese doutoral é tão marcante que Marx volta a escrever nos mesmos termos da tese: “a filosofia [...] se torna a alma viva da cultura, [...] a filosofia se torna mundana e o mundo se torna filosófico”.⁴⁴⁶ Dando continuidade à sua defesa da filosofia e da razão, passamos à análise da crítica de Marx à *Escola Histórica do Direito*.

Na crítica à *Escola Histórica do Direito*, presente, sobretudo, no artigo “Das philosophische Manifest der historischen Rechtsschule”, de agosto de 1842, Marx segue defendendo o “partido do conceito” em oposição à “filosofia positiva”. Embora o embate imediato de Marx neste artigo seja com Gustav Hugo, o pioneiro da *Escola Histórica do Direito*, nosso autor visava atingir Friedrich Carl von Savigny, seu antigo professor dos tempos acadêmicos em Berlim. Savigny havia sido conselheiro de Estado e, no período em que Marx escreve seu artigo, ocupava o cargo de *Ministro para a Reforma da Legislação Prussiana*. O “manifesto filosófico” ao qual o artigo faz menção é um texto de Savigny, publicado em 1838, em homenagem aos cinquenta anos do doutoramento de Hugo, “ao chamar o Sr.

⁴⁴⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 333, tradução nossa.

⁴⁴⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 183, tradução nossa.

Hugo de ancestral e criador da escola histórica, estamos a agir no seu próprio interesse, como prova o programa de comemorações do mais famoso jurista histórico para o aniversário de Hugo”⁴⁴⁷.

Marx acusa o conservadorismo das ideias de Hugo ao questionar sua filiação à filosofia kantiana, pois “Hugo interpreta mal o mestre Kant”⁴⁴⁸. A filosofia deste último “deve ser considerada corretamente como a *teoria alemã* da Revolução Francesa”, ao passo que o “direito natural de Hugo como a *teoria alemã* do *antigo regime* francês”⁴⁴⁹. Hugo, diz Marx, é um “iluminista do ponto de vista do *ancien régime*”⁴⁵⁰. Entrando um pouco mais na argumentação de Marx, identificamos que o fio condutor de sua crítica está na posição que a *Escola Histórica do Direito* ocupa frente ao problema da racionalidade, o que no fundo recai no debate sobre o papel da filosofia e no embate entre “partido do conceito” e “filosofia positiva”. Diz Marx que “o ceticismo do século XVIII, que tratou da razão do que existe, aparece para ele [Hugo] como ceticismo sobre a existência da razão”⁴⁵¹.

Neste artigo encontramos, *in nuce*, toda a concepção de Marx que embala sua defesa do direito naquele momento, pois identifica em Hugo, Savigny e sua escola a consagração da animalidade da natureza humana, da ausência de critério capaz de medir o direito existente e, por meio da crítica, elevá-lo ao nível do direito racional. Marx aponta tão somente certa atualização vocabular dos modernos defensores da *Escola Histórica do Direito*, em particular Savigny, com relação a Hugo, seu ancestral, no entanto, o espírito é o mesmo, isto é, a falta de *espírito*, “quando Hugo diz: ‘O animal é a característica jurídica distintiva do homem’, ou seja: o direito é o direito animal, os modernos cultivados dizem algo como direito ‘orgânico’ para o direito ‘animal’”⁴⁵². Mas a base dessa concepção, aponta Marx, é “uma ficção corrente do século XVIII que considerava o estado de natureza como o verdadeiro estado da natureza humana”. O ataque de Marx é centrado em um dos lados daquela ambiguidade presente na expressão “direito natural”, diz Hegel, “de modo que se imaginou, ao mesmo tempo, um estado de

⁴⁴⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 192, tradução nossa.

⁴⁴⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 192, tradução nossa.

⁴⁴⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 194, tradução nossa.

⁴⁵⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 194, tradução nossa.

⁴⁵¹ MARX; ENGELS, 1975, p. 193, tradução nossa.

⁴⁵² MARX; ENGELS, 1975, p. 198, tradução nossa.

natureza em que devia vigorar o direito natural, e oposto a ele, o estado da sociedade e do Estado que antes exigiria — e traria consigo — uma limitação da liberdade e um sacrifício de direitos naturais”⁴⁵³. E para Marx, assim como para Hegel, o direito de modo algum estaria ligado à limitação da liberdade, mas à sua própria realização, como teremos oportunidade de conferir adiante.

Os defensores do direito natural, entre eles os juristas da *Escola Histórica do Direito*, defendem, segundo nosso autor, o direito da animalidade como o verdadeiro direito humano, posto que a animalidade é a distinção jurídica do humano, e não a razão. Desse modo, apesar da atualização vocabular, “todos bradam com igual grosseria”, do ancestral aos discípulos, a favor do “direito à violência arbitrária”. Em clara alusão a Hegel, Marx acusa Hugo de mostrar não que o “positivo é racional”, mas “que o positivo não é racional”. Para ele, “nenhuma necessidade racional anima as instituições positivas, como a propriedade, a constituição do estado, o matrimônio etc., que elas inclusive contradizem a razão e que no máximo permitem tagarelar a favor ou contra elas”⁴⁵⁴. Note que a posição de Marx frente à propriedade, ao Estado etc. não é “crítica e revolucionária”, para usar a dicção presente em *O capital*. Trata-se de uma *crítica* que tem por missão não a abolição da propriedade (fundiária), do Estado, do matrimônio etc., mas a sua transformação conforme o conceito. Para Marx, o positivo vale quando é racional, e não, simplesmente, pelo fato de ser positivo, e isso se aplica às leis. Já Hugo joga na noite em que todos os gatos são pardos, “ele pensa que a chama da razão foi soprada do positivo para reconhecer o positivo sem a chama da razão”. Quando Hugo nega a “chama da razão” que deve aquecer o positivo, ele nivela tudo que existe, todos os povos, todas as instituições, pois “em um lugar isso é positivo, em outro aquilo; um é tão irracional quanto o outro”. Eis que temos aqui uma “questão central” para a filosofia: “negação ou afirmação da razão”, isto é, “o problema filosófico do irracionalismo”⁴⁵⁵ habita nos textos de Marx desde sua tenra idade intelectual. E para continuar na vereda de Lukács, mais algumas palavras que podem iluminar o problema encarado por Marx:

⁴⁵³ HEGEL, 1992, p. 112.

⁴⁵⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 192, tradução nossa.

⁴⁵⁵ LUKÁCS, 2021, p. 15.

Considerar a posição da filosofia em relação à razão como um problema imanente à filosofia – no domínio da teoria do conhecimento, da fenomenologia ou da ontologia – é obra de um falso academicismo. Todas essas disciplinas são apenas aspectos da filosofia geral [...]. Para qualquer problema relevante da teoria do conhecimento ou de algum outro ramo da filosofia, os modos de colocá-lo e resolvê-lo dependem da maneira como o filósofo concebe a relação entre o ser e a razão e diferem conforme, para ele, o núcleo da existência, a essência do ser, seja de natureza racional ou irracional.⁴⁵⁶

O irracionalismo de Hugo, que embala os legisladores prussianos, representados pela figura maior de Savigny, “profana tudo o que é sagrado para o homem legal, ético, político, mas ele apenas esmaga esses santos para as poder cultuar como relíquias históricas, ele os profana diante dos olhos da razão para cultuar depois aos olhos da história e, ao mesmo tempo, cultuar os olhos históricos”⁴⁵⁷. O coração da existência não é a natureza racional, humana em contraposição ao animal, mas a sua natureza animal, portanto, irracional. Por isso, Hugo e a *Escola Histórica do Direito* recorrem ao passado – “relíquias históricas”, que não são mais que “fantasias anti-históricas”, como a do homem no estado de natureza – em substituição da racionalidade acerca do presente.

E “tudo o que é sagrado para o homem legal, ético e político” é a liberdade que deve se efetivar no direito, na ética e no político, pois, diversamente de Hugo, Marx não “acredita que as falsas flores foram arrancadas dos grilhões só para carregar verdadeiros grilhões sem flores”⁴⁵⁸. Aqui, é impossível não perceber a semelhança com a passagem da *Crítica da filosofia do direito de Hegel – introdução*, texto publicado em 1844, nos *Anais franco-alemães*, no entanto, as diferenças, apesar da semelhança, serão apontadas no próximo capítulo. Por ora, interessa apenas acentuar que nosso autor nos tempos da *Gazeta Renana* lutava no terreno do “partido do conceito”, que procurava medir o existente racionalmente a fim de efetivar a liberdade. Para Marx, não é o seu tempo que não tem vocação para a legislação, mas o grupo de seguidores de Hugo que não tem vocação para ocupar os cargos de legisladores de nosso tempo.⁴⁵⁹

⁴⁵⁶ LUKACS, 2021, p. 23.

⁴⁵⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 192, tradução nossa.

⁴⁵⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 192, tradução nossa.

⁴⁵⁹ Marx não chega a citar nominalmente Savigny neste texto, embora cite outras figuras importantes da ala conservadoras, como quando diz que “as teorias jurídicas e históricas de Haller, Stahl, Leo e afins são apenas como codices rescript! do direito natural de Hugo, que, após algumas operações críticas de química, permitem que o antigo texto original volte a emergir de forma legível,

Passemos, então, para a defesa de Marx do direito racional, que não pode se sustentar sem a sua defesa do Estado racional. Desse modo, veremos que a crítica de Marx às leis positivas na Prússia não pode ser tomada como uma crítica ao direito *tout court* nem, simplesmente, como defesa dos despossuídos. O aporte categorial deste momento não permite tais conclusões.

Encontramos nos escritos de Marx dos tempos da *Gazeta Renana* uma posição de fundo com relação ao Estado. E essa posição de fundo sustenta sua defesa do direito. Para o redator-chefe do “periódico democrático”, ao contrário do que pensam os teóricos do Direito Natural, os direitos dos indivíduos, logo, a cidadania, não passam de um disparate se, antes, não temos reconhecido o direito do Estado. “O direito do cidadão [Bürgers] individual é loucura se o direito do Estado não for reconhecido”⁴⁶⁰, isso é o que Marx escreve nesse período. Algo bastante próximo do que escreve Hegel no final da “Introdução” da *Filosofia do Direito*, imediatamente antes de iniciar sua exposição do “Direito abstrato”, quando abordará de maneira mais detida o direito privado, “o direito do Estado é [...] superior ao direito dos outros degraus ou estágios”⁴⁶¹, passagem que encontramos apenas na edição de Eduard Gans da obra hegeliana e que contém os “adendos” desse último. O direito do Estado aparece, então, como pressuposto dos direitos do cidadão individual, portanto, o direito privado como subordinado ao direito público.

Nesse sentido, o Estado é encarado como realizador da liberdade, como “livre união [Vereinigung] de homens éticos”⁴⁶², sendo sua a tarefa de fazer dos indivíduos do povo “membros do Estado”⁴⁶³, agindo na transformação dos “fins do indivíduo em fins gerais, o impulso bruto em tendência ética, a independência natural em liberdade espiritual”, afinal, assim, “o indivíduo frui sua vida no todo, e o todo na disposição do indivíduo”⁴⁶⁴. Essa é, precisamente, a “existência [Dasein] racional e pública do Estado”⁴⁶⁵. Trata-se de uma defesa democrática, a favor do

como queremos mostrar mais adiante no momento oportuno” (MEGA I/1, p. 198, tradução nossa). Pensamos que isso se deve ao receio de censura. Atribuimos o mesmo motivo para o fato de Marx não citar Savigny nenhuma vez sequer ao longo de toda a *Gazeta Renana*.

⁴⁶⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 161, tradução nossa.

⁴⁶¹ HEGEL, 2022, p. 226.

⁴⁶² MARX; ENGELS, 1975, p. 180, tradução nossa.

⁴⁶³ MARX; ENGELS, 1975, p. 181, tradução nossa.

⁴⁶⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 181, tradução nossa.

⁴⁶⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 181, tradução nossa.

povo, bem à maneira do *tiers état*, diz Marx quando da polêmica sobre o comunismo, “[...] a profecia de Sieyès se tornou realidade e que o *tiers état* se tornou tudo e quer ser tudo. Que o estamento, que hoje nada possui, exige uma participação na riqueza das classes médias, é um fato que [...] está circulando nas ruas de Manchester, Paris e Lyon para todos ver”⁴⁶⁶. E é por isso mesmo, que o Estado como “existência racional e pública” figura como motor do processo, contra o governo que rebaixa o seu espírito público ao nível do espírito de facção:

O Estado ético assume em seus membros a disposição do Estado, mesmo que eles se oponham a um órgão do Estado, o governo; mas a sociedade na qual um órgão se considera o único e exclusivo proprietário da razão e da eticidade do Estado, um governo que se opõe fundamentalmente ao povo e, portanto, toma sua disposição antiestatal como sendo a disposição geral, normal, a má consciência de facção inventa leis tendenciosas, leis de vingança, contra uma disposição que tem seu assento apenas nos próprios membros do governo.⁴⁶⁷

Não é por acaso, ou para exercer a função de advogado dos despossuídos, que Marx argumenta na *Gazeta Renana* – quando instado a opinar sobre a lei que criminalizava a recolha de madeira por parte dos camponeses do vale de Mosela – que “o povo, por sua vez, afunda em parte na superstição política, em parte na descrença política ou, completamente afastado da vida do Estado, torna-se uma *plebe privada [Privatpöbel]*”⁴⁶⁸, essa como se sabe, em Hegel, é resultado da própria dinâmica da sociedade civil-burguesa, em Marx, resulta do afastamento do povo da “vida do Estado” por meio da criminalização do povo. Aqui, vale mencionar, ainda, que a expressão usada por Marx *Privatpöbel* não aparece na *Filosofia do Direito* hegeliana, mas tão somente *Pöbel*, o que termina por acentuar a posição privada a que é rebaixado o povo quando “afastado da vida do Estado”, cortando, pela criminalização, os “mil nervos vitais” que o ligam a “cada um de seus cidadãos [Bürger]”⁴⁶⁹. Noutra passagem lapidar, Marx escreve que a aprovação de certos parágrafos da lei do furto de madeira “leva necessariamente a que uma massa de homens, sem disposição criminosa, seja cortada da verde árvore da eticidade e jogada, como madeira caída, no inferno do crime, da infâmia

⁴⁶⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 238, tradução nossa.

⁴⁶⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 238, tradução nossa.

⁴⁶⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 156, tradução nossa.

⁴⁶⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 211, tradução nossa.

e da miséria⁴⁷⁰. Um Estado que atua desse modo age contra o seu próprio conceito, que é ser a “livre união de homens éticos”⁴⁷¹ ou, o que é o mesmo, uma “união de homens livres”⁴⁷², visando a efetivação da liberdade e não da ausência de liberdade por meio da criminalização. Agindo desse modo, como efetivação da ausência de liberdade, o Estado atua contra seu povo, que passa a não acreditar na política, “afunda em parte na superstição política, em parte na descrença política”.

Voltaremos a abordar o problema da criminalização quando tratarmos propriamente do interesse que anima tanto a lei sobre o furto de madeira quanto a questão da censura. No momento, é necessário tecer mais alguns comentários sobre a concepção de Estado racional, pois, como dissemos, essa concepção é a base da sua defesa do direito. Perceber isto é importante para evitar certo enviesamento que resulta das ciências parcelares, no nosso caso a chamada ciência do direito, que acaba vendo no objeto somente aquilo que sua lente parcial o permite, e termina por tomar o determinante pelo determinado.

Para apreender com rigor o ponto de vista político adotado por Marx na *Gazeta Renana* na sua defesa do Estado verdadeiro é preciso afirmar que essa posição se firma em oposição radical ao ponto de vista teológico, “é preciso traduzir a linguagem dos deuses para a linguagem dos homens”⁴⁷³. A filosofia alemã, segundo Marx, foi responsável por demonstrar “a grande questão da ideia [...] de um ponto de vista sólido, ordenado [reellen]”⁴⁷⁴, contudo, a devoção alemã impede os alemães de realizarem o que eles mesmos já sabem, “de tanto respeito às ideias, eles não a efetivam”⁴⁷⁵. A realização do verdadeiro Estado político, portanto, concerne à crítica do verdadeiro Estado religioso, o Estado teocrático, afinal, “o verdadeiro Estado religioso é o Estado teocrático”⁴⁷⁶. Mas esse embate não pode ser realizado no interior da teologia ou da religião, mas da filosofia, que é “a sabedoria do mundo” e, por isso, “tem mais direito de ocupar-se do reino deste

⁴⁷⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 201, tradução nossa.

⁴⁷¹ MARX; ENGELS, 1975, p. 180, tradução nossa.

⁴⁷² MARX; ENGELS, 1975, p. 181, tradução nossa.

⁴⁷³ MARX; ENGELS, 1975, p. 160, tradução nossa.

⁴⁷⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 160, tradução nossa.

⁴⁷⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 160, tradução nossa.

⁴⁷⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 187, tradução nossa.

mundo, do Estado, do que a sabedoria do mundo do além, a religião”⁴⁷⁷. Assim, o terreno da política é a esfera própria da filosofia e dos filósofos, e não da religião e dos teólogos. É à filosofia que cabe investigar, dizendo agora em léxico hegeliano, a “ciência do Estado” e realizar o que outras ciências já o fizeram, sua separação frente à religião. Assim escreve Marx:

A filosofia não fez nada na política que a física, a matemática, a medicina, todas as ciências dentro de sua esfera, não tenham feito. Baco de Verulam declarou que a física teológica era uma virgem consagrada a Deus e era estéril, emancipou a física da teologia e tornou-se frutífera. Assim como você não pergunta ao médico se ele é crente, tão pouco você pergunta ao político. Enquanto Copérnico fazia a grande descoberta do verdadeiro sistema solar, a lei de gravitação do Estado era descoberta; seu peso foi encontrado nele mesmo. E, assim como os diversos governos europeus buscaram, com a primeira superficialidade da prática [Praxis], empregar esse resultado no sistema de pesos dos Estados, assim começaram, primeiro Maquiavel, Campanella, depois Hobbes, Spinoza, Hugo Grotius, até Rousseau, Fichte até Hegel, a olhar para o Estado com olhos humanos e a desenvolver suas leis naturais [Naturgesetze] a partir da razão e da experiência, e não a partir da teologia, assim como Copérnico não se deixou deter pelo fato de que Josué teria ordenado que o sol se detivesse em Gideón, e à lua no vale de Ajalón. A mais recente filosofia apenas deu continuidade a um trabalho já iniciado por Heráclito e Aristóteles.⁴⁷⁸

Marx insere “a mais recente filosofia”, o partido do Conceito, como ele se refere na tese doutoral, no interior do desenvolvimento histórico geral da filosofia, de Heráclito e Aristóteles a Hegel. A filosofia emancipou o Estado da religião quando encontrou a sua lei de gravidade nele mesmo e, a partir dessa descoberta, procurou sua legalidade na razão e na experiência, portanto, é “a partir da essência do Estado mesmo” que se deve “decidir sobre a justiça da constituição de um Estado”, isto é, julgá-lo não a partir da religião, mas “da natureza da sociedade humana”⁴⁷⁹. Entretanto, Marx não deixa de sobrelevar a diferença entre “a mais recente filosofia” e aquela filosofia que a precedeu. Essa se diferencia daquela no ponto em que não construiu o Estado “dos impulsos, seja da ambição, seja da sociabilidade, ou mesmo da razão, mas não da razão da sociedade, e sim da razão do indivíduo”, mas “da ideia do todo”, pois “considera o Estado como um organismo no qual a liberdade jurídica, ética e política devem alcançar a própria

⁴⁷⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 186, tradução nossa.

⁴⁷⁸ MARX; ENGELS, 1975, pp. 188-189, tradução nossa.

⁴⁷⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 188, tradução nossa.

realização, e no qual o cidadão singular obedece apenas às leis naturais de sua própria razão, a razão humana, nas leis do Estado”⁴⁸⁰. O Estado é a realização da liberdade e não do dogma. Também não deriva da animalidade, mas da liberdade inerente a seres racionais como são os seres humanos. É por isso que um Estado teocrático como é o Estado cristão não pode realizar um Estado que “corresponde ao conceito”, porque carrega na sua constituição a negação da liberdade, da liberdade religiosa:

Ou o Estado cristão corresponde ao conceito de Estado, e é uma realização da liberdade racional, de maneira que, para ser cristão, basta que um Estado seja racional, de forma que é suficiente desenvolver o Estado das racionalidades humanas, uma obra que a filosofia realiza; ou então o Estado da liberdade racional não se deixa desenvolver pelo cristianismo, então vós mesmos ireis confessar que este desenvolvimento não é implícito à tendência do cristianismo, porque este não deseja, um Estado imperfeito, e um Estado que não é a realização da liberdade racional é um Estado imperfeito.⁴⁸¹

Segundo Marx, a posição teológica “no Estado moderno não corresponde minimamente ao conceito que eles tem da própria posição”, haja vista que habitam não o mundo real, mas o “mundo situado além do mundo real”, portanto, sua teoria é senão a “teoria do mais além”. Já a posição política, filosófica, pois, é a teoria do mundo real, do Estado real, do “Estado das racionalidades humanas”, sendo, então, “a realização da liberdade racional” por meio do Estado que corresponde minimamente ao seu conceito. Mas Marx, na sua luta pelo conceito, também, estava convencido que “nenhuma existência ética corresponde ou deve [...] corresponder à sua essência” completamente, diz ele no artigo que discute o projeto de lei sobre o divórcio, “nenhum Estado, nenhum matrimônio, nenhuma amizade correspondem plenamente ao seu conceito”. O Estado está inserido na “história mundial” como “Estado real”, e, recordando bem a lição hegeliana, “na *história mundial*, enquanto *tribunal do mundo*”⁴⁸². Portanto, na condição de Estado real ele é finito e, por isso, objeto de transformação processual, logo, também, torna-se objeto da crítica filosófica.

⁴⁸⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 189, tradução nossa.

⁴⁸¹ MARX; ENGELS, 1975, p. 188, tradução nossa.

⁴⁸² HEGEL, 2022, p. 682.

A luta de Marx, na *Gazeta Renana*, é a luta da filosofia contra a religião, pois essa, além de ser incapaz de efetivar no Estado religioso a existência da liberdade, do mesmo modo, é incapaz de reconhecer a igualdade entre as confissões. Politicamente, o Estado religioso contradiz as duas maiores bandeiras dos tempos modernos: liberdade e igualdade. Argumenta Marx que, se um Estado reconhece a igualdade [gleichberechtigte] das religiões diversas, ele já “não pode mais ser um Estado religioso sem ofender as confissões religiosas particulares”, portanto igualdade e liberdade religiosas são mortais à existência do Estado religioso, o qual “faz do dogma o vínculo entre os indivíduos e a existência cívica [staatsbürgerlichen]”.⁴⁸³ Mas isso não impõe o ateísmo aos cidadãos individuais, nem impede aqueles que confessam uma dada religião de lutar em prol do Estado, contudo, nesse instante, a bandeira que tremula nas suas mãos não são as da sua religião particular, pois, diz Marx, “pergunte aos habitantes católicos da ‘pobre Irlanda [Erin] verde’, pergunte aos Huguenotes de antes da Revolução Francesa, não apelavam à religião, porque a sua religião não era a religião Estado, mas apelavam aos ‘direitos da humanidade’”.⁴⁸⁴ Sendo então uma luta política, cuja religião é o próprio Estado, Marx volta a reivindicar os direitos da filosofia ante a teologia, pois aquela “interpreta os direitos humanos”, exigindo “que o Estado seja o Estado da natureza humana”⁴⁸⁵, mas, recordemos, não da natureza humana como impulso da ambição ou da razão individual, e sim, da natureza humana como livre no todo que o Estado, “organismo no qual a liberdade jurídica, ética e política devem alcançar a própria realização, e no qual o cidadão singular, obedecendo às leis do Estado, obedece somente às leis naturais da sua própria razão, da razão humana”. Marx, então, aparece aqui como defensor da liberdade e da igualdade, trazidas como pilares dos “direitos humanos”, bem ao modo das declarações de direitos fruto do processo revolucionário francês. E a efetivação dessa igualdade e dessa liberdade só é possível com a realização do Estado político na Alemanha. E sua defesa ocorre enquanto luta a favor da separação entre religião e política, a fim de que o Estado se edifique não no dogma, mas na “livre razão”⁴⁸⁶.

⁴⁸³ MARX; ENGELS, 1975, p. 187, tradução nossa.

⁴⁸⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 187, tradução nossa.

⁴⁸⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 187, tradução nossa.

⁴⁸⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 106, tradução nossa.

A existência do Estado político, como dissemos, não nega a religião, mas o Estado teocrático nega a existência da cidadania, isto é, da relação dos indivíduos com o Estado como livres e iguais. No Estado político, católicos e protestantes “tem iguais direitos dentro do Estado, e tem iguais deveres para com ele”, pois, do ponto de vista político as diferenças religiosas são superadas. Os interesses individuais, privados, são preservados e superados na elevação desses interesses ao nível do interesse universal, público. Enquanto cidadãos do Estado o que se exige é que o “Estado seja a realização da razão política e jurídica”⁴⁸⁷.

Interessante perceber que o cerne da argumentação de Marx sobre a impossibilidade de um Estado teocrático realizar as tarefas do Estado político pode ser visto, também, quando nosso autor trata da subsunção dos interesses dos proprietários fundiários no Estado, que, no elemento governamental, vê-se reduzido a representante do interesse privado. Trata-se, como no caso da religião, de um particularismo que pretende dominar o Estado e fazer dele seu escravo. Se o Estado teocrático é impossível como Estado político, o *Estado dos proprietários*, como podemos chamar, também o é.

Marx adota uma posição na *Gazeta Renana* que identifica a “oposição do *Bourgeois*, e não a do *Citoyen*”⁴⁸⁸, à realização do Estado político na Alemanha. Nesse momento, o *Citoyen* é a solução do *Bourgeois*. Há, diferente do que ocorrerá em *Sobre a questão judaica*, por exemplo, uma aposta do nosso autor no cidadão contra o *burguês*, embora Marx não vislumbre a superação de ambos. Este último carrega consigo “a concepção de mundo do interesse próprio”⁴⁸⁹ e “nada é mais terrível do que a lógica do interesse próprio”⁴⁹⁰. E a filosofia, que não faz oposição apenas ao elemento teológico, coloca-se acima da “poética individualidade”⁴⁹¹, pois, sendo a investigação da verdade, ela “pergunta o que é verdadeiro, não o que é válido”, e mais, “o que é verdadeiro para todos os homens e não para alguns”⁴⁹², como seria o interesse dos egoístas proprietários fundiários, os quais raciocinam que uma “determinação legal é boa na medida em que [lhe] é útil”, no entanto, a “determinação legal” se torna “supérflua, nociva, impraticável, na medida

⁴⁸⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 105, tradução nossa.

⁴⁸⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 157, tradução nossa.

⁴⁸⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 217, tradução nossa.

⁴⁹⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 219, tradução nossa.

⁴⁹¹ MARX; ENGELS, 1975, p. 204, tradução nossa.

⁴⁹² MARX; ENGELS, 1975, p. 179, tradução nossa.

em que se aplica em favor do acusado”⁴⁹³. Nesse sentido, a filosofia se opõe à concepção de mundo do egoísmo porque suas verdades são capazes de “trocar o horizonte ilusório de uma particular concepção de mundo e de povo pelo verdadeiro horizonte do espírito humano”⁴⁹⁴. Assim sendo, o Estado político é o ponto de vista da filosofia, que é o ponto de vista do direito humano, aquele que é “verdadeiro para todos os homens”, contra o ponto de vista da religião e da propriedade.

A incompatibilidade da filosofia, a busca do “verdadeiro para todos os homens”, e o interesse egoísta do proprietário fundiário fica bastante aclarada quando Marx diz que “o interesse é por sua natureza cego, imoderado, unilateral, numa palavra, instinto natural sem lei”. Não é possível, diz Marx, que o sem lei faça leis.⁴⁹⁵ Enquanto a filosofia é o pensamento do todo, “o interesse não pensa, calcula”⁴⁹⁶. E quando pensa, ele é um pensar desmemoriado que apenas pensa em si.

Enquanto no ponto de vista da propriedade a “desigualdade é axioma”; no ponto de vista político, “a mais minuciosa igualdade tem que ser lei”. A lei sobre o furto de madeira não protege igualmente proprietário e contraventor, pois só reconhece a igualdade entre os proprietários, seja o grande ou o pequeno proprietário. Mas, argumenta Marx, não seriam proprietários e contraventores cidadãos do Estado? Portanto, como cidadãos, tem direito, pequeno e grande cidadão, a ser protegido pelo Estado. Conforme já firmamos aqui, ao jogar o camponês no terreno do crime e da punição, a lei sobre o furto de madeira transformou uma “massa de homens” em *plebe privada* excluída do terreno do direito, negando-a a “*possibilidade real [realen]* de direitos”⁴⁹⁷. Nesse ponto, reside a diferença fundamental entre o interesse privado e o interesse público, onde aquele ver apenas um interesse, o do contraventor, seu inimigo, que conflita com o seu interesse, o Estado precisa ver mais, pois precisa ver no possível contraventor um cidadão:

⁴⁹³ MARX; ENGELS, 1975, p. 204, tradução nossa.

⁴⁹⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 179, tradução nossa.

⁴⁹⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 235, tradução nossa.

⁴⁹⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 224, tradução nossa.

⁴⁹⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 210, tradução nossa.

O Estado verá, portanto, também no ladrão de madeira um ser humano, um membro vivo no qual corre seu sangue vital, um soldado que defenderá a pátria, uma testemunha cuja voz será ouvida no tribunal, um membro da comunidade que deve ocupar cargos públicas, um pai, cuja existência é sagrada, acima de tudo um cidadão, e o Estado não excluirá negligentemente um de seus membros de todos esses regulamentos, pois o estado se amputa sempre que transforma um cidadão em criminoso. Acima de tudo, porém, o legislador ético considerará como a obra mais séria, mais penosa e mais perigosa a submissão de um ato até então inocente à esfera dos atos criminosos.⁴⁹⁸

Na discussão acerca da lei sobre o furto de madeira, Marx contrapõe a “concepção de mundo bárbara” à “moderna concepção de mundo” a partir, respectivamente, da oposição entre pena privada e pena pública.⁴⁹⁹ Essa última nivela o “crime com a razão de Estado” e trata a punição como “um direito do Estado” cedido ao particular. Entretanto, a punição não é vingança, pois, como o direito do indivíduo é uma insanidade sem o reconhecimento do direito do Estado, “todo direito do Estado contra o criminoso é ao mesmo tempo um direito estatal do próprio criminoso”.⁵⁰⁰ O direito é afirmado na pena pública quando o Estado reconhece a “caducidade do delito”, nesse sentido, a punição pública afirma o direito ao passo que nega o ato delituoso, constitui uma negação da negação, para falar em linguagem hegeliana. Já na dicção de Marx, temos que “o direito é imortal e com isso demonstro a mortalidade do crime, precisamente com o fato de que o suprimo [aufhebe]”.⁵⁰¹ O Estado político, nesse sentido, não se coloca como executor dos interesses privados, pois garante esses interesses na medida em que “possa ser garantido por meio de leis e de normas prévias racionais”⁵⁰². Contra as pretensões dos proprietários de tornar os pobres camponeses, por meio do delito, em seus servos, Marx afirma que isso seria o mesmo que sacrificar a “imortalidade do direito” em prol do “finito interesse privado”, ficando demonstrado ao criminoso, o que não é desejado, “a mortalidade do direito, cuja imortalidade lhe deveria demonstrar por meio da pena”⁵⁰³. Agindo dessa maneira, o Estado sairia dos “caminhos do direito” e abandonaria “a órbita solar da justiça”.⁵⁰⁴ Portanto, ao

⁴⁹⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 211, tradução nossa.

⁴⁹⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 226, tradução nossa.

⁵⁰⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 227, tradução nossa.

⁵⁰¹ MARX; ENGELS, 1975, p. 230, tradução nossa.

⁵⁰² MARX; ENGELS, 1975, p. 230, tradução nossa.

⁵⁰³ MARX; ENGELS, 1975, p. 231, tradução nossa.

⁵⁰⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 231, tradução nossa.

interesse privado, o Estado político, na defesa de sua propriedade, apenas pode garantir a jurisdição civil, um juiz independente, que, embora seja uma vontade subjetiva particular, intenta o universal, pois está ligado a um princípio universal, a lei do Estado:

O juiz não tem superior, somente a lei. Mas o juiz tem o dever de interpretar a lei para a aplicação do caso concreto, tal como o entende após cuidadoso estudo. [...] O juiz independente não pertence a mim ou ao governo. Com o juiz, no máximo, ocorre a inverossimilhança de uma razão singular, a inverossimilhança de um personagem singular de uma razão singular [...]. O juiz julga minha ação de acordo com uma lei definida; [...]. O juiz avalia minha atividade conforme determinada lei [...]. Se eu for levado a um tribunal, serei acusado de infringir uma lei existente, e onde uma lei deve ser infringida, ela deve existir.⁵⁰⁵

Mas o interesse privado não se contenta com o juiz independente, o seu desejo é ele mesmo julgar e punir. O ponto de vista da propriedade privada, não tendo “os meios para se elevar ao ponto de vista do Estado”, deseja que esse último desça, “contra o direito e a razão, aos meios da propriedade privada, que são contrários ao direito e à razão”.⁵⁰⁶ Como pudemos provar, Marx na *Gazeta Renana* defende a realização do Estado político contra o Estado teocrático e proprietário. Se os teólogos elevam o Estado para além do seu próprio mundo; os proprietários fundiários, com seu ponto de vista rasteiro, ao rés do chão, rebaixam o Estado aquém da sua tarefa, a qual foi demonstrada pela filosofia, pois não se trata do direito desse ou daquele estamento, não se trata, portanto, de um privilégio, como diz Marx, mas dos direitos da humanidade.

A liberdade reconhecida no Estado político é “a liberdade sem nome próprio” porque é a unidade na diferença, pois garante igualmente a existência da liberdade de ofício, de propriedade, de consciência, de imprensa, dos tribunais, o que significa dizer que, do ponto de vista político, nenhuma dessas espécies do gênero liberdade é feita de medida para as demais liberdades, “a liberdade judicial é liberdade judicial quando os tribunais obedecem as próprias leis inatas do direito e não aquelas de uma outra esfera, como a religião”⁵⁰⁷ ou a propriedade privada.

⁵⁰⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 154, tradução nossa.

⁵⁰⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 215, tradução nossa.

⁵⁰⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 161, tradução nossa.

Tendo em conta aquilo que foi dito acima, podemos passar à compreensão precisa da defesa do direito em Marx nos tempos da *Gazeta Renana*, o que envolve sua concepção de direito racional, firmada na oposição entre direito e privilégio e direito humano e direito animal, bem como na sua defesa do direito consuetudinário dos pobres. Mas sua defesa do direito racional não pode prescindir de certa apreciação da lei positiva, afinal, como o próprio autor nos diz, “no Estado deve reinar o espírito universal da lei”, em oposição ao que podemos chamar de espírito particular ou estamental da lei, sem desconsiderar a *crítica* “da lei determinada e das instituições positivas do direito”⁵⁰⁸. Antes, então, de expor a posição de Marx frente às leis positivas e, também, à tarefa dos legisladores, tratemos da sua defesa do direito racional, pois este determina “os caminhos do direito” para a legislação.

O Estado político se relaciona com os indivíduos como cidadão e não como servo, resultando que “o cidadão não quer saber do direito como um privilégio”. Marx contrapõe privilégio a direito tendo como critério o particularismo de um e o universalismo do outro, respectivamente, “todas as formas de liberdade, portanto, tem existido sempre, uma vez como prerrogativa particular, outra como direito geral”⁵⁰⁹. É, pois, bastante próxima da forma como a oposição aparece na *Filosofia do direito*, no seu §252, no qual Hegel escreve que os “privilégios propriamente ditos, no sentido etimológico”, são “exceções à lei universal, feitas segundo a contingência”⁵¹⁰. No direito, a liberdade se torna lei universal e não exceção feita para alguns estamentos privilegiados:

Estes senhores [dos estamentos], porque não querem dever a liberdade, como dom natural, à razão solar universal, mas como dom sobrenatural de uma constelação especialmente favorável das estrelas, porque consideram a liberdade como uma qualidade puramente individual de certos estamentos ou pessoas, são forçados, por consequência, a subsumir a razão e a liberdade universais às más disposições e às fantasias dos ‘sistemas logicamente ordenados’. Para salvar as liberdades especiais de privilégio, eles proscrevem a liberdade geral da natureza humana⁵¹¹

⁵⁰⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 187, tradução nossa.

⁵⁰⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 143, tradução nossa.

⁵¹⁰ HEGEL, 2022, p. 526.

⁵¹¹ MARX; ENGELS, 1975, p. 139, tradução nossa.

Na *Dieta Renana*, não estamos diante de uma “Assembleia verdadeiramente política”, pois ela não “prospera sob a grande égide do espírito público”⁵¹², promulgando leis jurídicas, mas, tão somente, leis dos privilégios, “a razão política da província, tão logo feita a grande invenção das dietas, precipita-se toda vez sobre a própria espada, para, no entanto, ressurgir como a fênix nas próximas eleições”⁵¹³. Ela não raciocina politicamente porque não enxerga nos indivíduos o cidadão, e sim o servo. A liberdade é exceção e não lei universal.

À oposição entre direito e privilégio, liga-se outra oposição, entre direito humano e direito animal, cujo “nascimento data do período no qual a história da humanidade fazia parte da história natural” e “a humanidade aparecia despedaçada em determinadas raças animais, cuja relação não era a igualdade, mas a desigualdade, uma desigualdade fixada por leis”. Ao direito animal corresponde “o mundo da não-liberdade”, que “comporta direitos da não-liberdade” porque é a “existência da não-liberdade”. Já “o direito humano é a existência da liberdade”. Tanto o direito humano quanto o direito animal correspondem a certa forma de existência do mundo, portanto. O direito animal é típico do feudalismo, “reino espiritual animal, o mundo da humanidade dividida em oposição ao mundo da humanidade diferenciada, cuja desigualdade nada mais é do que a difração da igualdade”. No mundo da não-liberdade e da humanidade dividida somente é possível ser igual no interior das partes, e não no todo, pois não há Estado verdadeiro, portanto:

A única igualdade que emerge da efetiva vida dos animais é a igualdade animal com os outros da mesma espécie, a igualdade de determinada espécie consigo mesma, porém não igualdade do gênero humano. O gênero animal por si se manifesta apenas no comportamento hostil das diversas espécies animais, que fazem valer suas características próprias e diferenciais umas contadas as outras. É no estômago do animal feroz que a natureza tem preparado o campo de batalha da unificação, a forja para a íntima fusão, o órgão de conexão das diversas espécies animais. Do mesmo modo, no feudalismo cada raça se alimenta da raça inferior, até aquela que, igual a um pólipó crescido na leiva, possui apenas os muitos braços para colher os frutos da terra para as raças superiores, enquanto ela mesma come poeira. Enquanto no reino animal da natureza os zangões são mortos pelas abelhas operárias, no reino do espírito animal as abelhas operárias são mortas pelos zangões e por meio do próprio trabalho.⁵¹⁴

⁵¹² MARX; ENGELS, 1975, p. 139, tradução nossa.

⁵¹³ MARX; ENGELS, 1975, p. 138, tradução nossa.

⁵¹⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 205, tradução nossa.

O direito animal nega a existência universal da lei enquanto vive o direito como um privilégio dos estamentos. Marx acusa o interesse privado de mascarar na forma da lei o conteúdo animalesco de suas pretensões, “apelam ao próprio direito consuetudinário” e impõem, “em vez do conteúdo humano, a forma bestial do direito, que agora é degradado à mera máscara animal”⁵¹⁵. É uma “lei tendenciosa”, como é a lei que trata da censura, pois sua “forma legal contradiz o conteúdo”⁵¹⁶. Usa a forma universal da lei para encobrir o seu conteúdo animalesco, que não reconhece o gênero humano, mas as raças humanas separadas nos estamentos:

Para assegurar-se que os transgressores florestais não escapem, a dieta não apenas quebrou os braços e as pernas do direito, mas, inclusive, lhe traspassou o coração. [...] a um conteúdo não livre confere uma forma não livre. Se em nosso direito se introduz materialmente o interesse privado, que não tolera a luz da publicidade, há que dar também sua forma adequada, o procedimento secreto, para que ao menos não seja despertada ou nutrida alguma perigosa ou vaidosa ilusão. Consideramos como um dever de todos os renanos, em especial dos juristas, consagrar neste momento, toda sua atenção ao conteúdo do direito, para que, no final, não nos reste entre as mãos apenas a máscara vazia. A forma não tem nenhum valor, se não é a forma do conteúdo.

Os olhos filosóficos do periodista Marx se voltam, justamente, ao conteúdo do direito consuetudinário dos pobres. Nosso autor, é verdade, sai “em defesa da massa pobre, política e socialmente desafortunada” reivindicando “à pobreza o direito consuetudinário e não apenas o direito consuetudinário local, mas um direito consuetudinário que em todos os países é o direito consuetudinário da pobreza”, e vai mais longe em sua defesa, afirmando “que o direito consuetudinário, por sua natureza, só pode ser o direito desta massa ínfima, despossuída e elementar”.⁵¹⁷ Antes de aludir qualquer semelhança entre a defesa que Marx faz dos pobres às suas posições, já como comunista, em defesa do proletariado, é preciso responder: qual a natureza do direito consuetudinário que o liga tão fortemente aos pobres? A resposta a essa pergunta nos ajudará na apreensão mais precisa do direito racional.

⁵¹⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 205, tradução nossa.

⁵¹⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 108, tradução nossa.

⁵¹⁷ MARX; ENGELS, 1975, pp. 204-205, tradução nossa.

Para Marx, o direito consuetudinário constitui “um *domínio à parte* e ao lado do direito legal”, sendo, então, “racional apenas ali onde o direito existe *externamente e ao lado da lei*” como “antecipação de um direito legal”. O direito consuetudinário existe fora do universal que é o Estado e tem sua racionalidade apenas onde a liberdade e a igualdade existem, ainda que apenas como costume. Por isso, Marx fala em “antecipação de um direito legal”, o que significa que os costumes não encontram sua validade em si mesmos, enquanto costumes, o critério é racional e não histórico, por isso, como veremos adiante, o direito consuetudinário não prescinde da positividade.⁵¹⁸

Não é apenas o direito consuetudinário que se relaciona com o hábito, o direito legal, também, é o costume de um povo, “o direito não deixa de ser costume porque se constituiu em lei, mas deixou de ser apenas costume”⁵¹⁹. Além disso, em segundo lugar, o próprio direito legal constitui um costume do seu tempo. No entender de Marx, vivemos “no tempo das leis universais”, por isso, o direito consuetudinário racional “nada mais é do que o *costume do direito legal*”, desse modo, nosso autor defende o maior dentre todos os hábitos, o hábito moderno do direito legal. Como tal, “o direito não depende mais do acaso de o costume ser racional, mas sim, o costume se torna racional porque o direito é legal”, isto é, porque sua forma e seu conteúdo existem como direito do Estado enquanto lei universal. Na dicção de Marx: “porque o próprio costume se tornou costume do Estado”.⁵²⁰ O periodista alemão segue bem próximo da posição de Hegel, quando este aborda o “direito como lei”, pois consta na *Filosofia do direito* que os direitos consuetudinários “são sabidos de uma maneira subjetiva e contingente, por isso são mais indeterminados e a universalidade do pensamento está neles mais enturvada”, desse modo, fica mais sujeito às contingências. Marx, seguindo a defesa de Hegel, firma posição pela necessidade de positividade do direito, isto é, a produção legislativa de um código de leis, no qual o direito existe como lei universal de um Estado.

Marx inova completamente, em relação a Hegel, na sua posição frente ao direito consuetudinário dos pobres e do direito consuetudinário dos nobres, isto

⁵¹⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 206, tradução nossa.

⁵¹⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 206, tradução nossa.

⁵²⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 206, tradução nossa.

é, “mede a existência individual pela essência e a realidade particular pela ideia”. Na escala da crítica de Marx, os direitos consuetudinários do estamento dos nobres possuem um conteúdo que se opõe à forma exigida pelo seu tempo, a forma da lei geral, universal e necessária. Por isso, diversamente do direito consuetudinário dos pobres, não são, por sua natureza, direito racional. Não antecipam nenhum direito, pois existiram até então pela “falta de lei”, são produtos da força e do arbítrio. São, no fundo, diz Marx, “ilegalidades consuetudinárias”.⁵²¹ A defesa que Marx faz do direito consuetudinário dos pobres se fundamenta na ausência do interesse da propriedade privada, na forma da propriedade fundiária, é sempre bom destacar. Os pobres se relacionam com o mundo do único modo que é possível, como gênero humano, ligados que estão pelo órgão unificador, o estômago, “campo de batalha da unificação”. Diz Marx:

Há, portanto, um senso instintivo de direito nesses costumes da classe pobre; sua raiz é positiva e legítima, e a forma da lei consuetudinária aqui é tanto mais natural quanto a própria existência da classe pobre foi até agora um mero costume da sociedade civil-burguesa, que ainda não encontrou um lugar apropriado no círculo da estrutura consciente do Estado.⁵²²

É preciso destacar que as duas únicas aparições da expressão *bürgerlichen Gesellschaft* na *Gazeta Renana* ocorre no artigo que debate a lei sobre o furto de madeira. Não parece fortuita a necessidade que Marx teve de utilizar a expressão hegeliana nesse artigo, pois se trata do texto que levou nosso autor a opinar sobre os interesses materiais e sobre as chamadas questões econômicas. Tematizou a pobreza que é produto da sociedade civil-burguesa, “um mero costume” dela e que, ainda, não encontrou solução no Estado político. No entanto, nesse momento, Marx acreditava ser possível encontrar “um lugar adequado no âmbito da articulação consciente do Estado”, o governo e seus legisladores.

E, então, somos levados pelo próprio Marx à sua crítica daqueles chamados, pelo nosso autor, de “legisladores iluministas”. Dizemos levados, pois Marx, ainda no debate sobre o direito consuetudinário, diz-nos que “enquanto os

⁵²¹ MARX; ENGELS, 1975, p. 206, tradução nossa.

⁵²² MARX; ENGELS, 1975, p. 209, tradução nossa.

direitos consuetudinários dos nobres são costumes contra o conceito de direito racional, os direitos consuetudinários da pobreza são direitos contra o costume do direito positivo”, isto é, contra os legisladores que não reconhecem que “o conteúdo [do direito consuetudinário dos pobres] não se opõe à forma legal”, mas, antes, “resiste muito mais contra a própria ausência de forma”. Assim, os pobres, hábito da sociedade civil-burguesa, não encontram seu lugar no Estado porque eles ainda não foram elevados à forma da lei.⁵²³

Para Marx, as “legislações iluministas”, isto é, aquelas legislações que fizeram a transição do feudalismo para o tempo moderno, agiram com “parcialidade” quando trataram do direito consuetudinário dos pobres. No terreno do direito privado, “as legislações mais liberais se limitaram a formular os direitos existentes e a elevá-los ao universal”, contudo, “onde não encontravam direitos também não os criavam”.⁵²⁴ O resultado é que os sem-estamento foram excluídos do direito, da “possibilidade real de ter direitos”. Nessas legislações, as quais Marx chama de “mais liberais”, houve a abolição dos costumes particularistas, contudo elas não consideraram a diferença entre “o não-direito dos estamentos” e “o direito dos sem-estamento”, que no período medieval assumiam a forma de “arrogância arbitrária”, no caso do primeiro, ao passo que o segundo “assume a forma de concessões fortuitas”. Sendo assim, essas legislações acertaram pela metade, pois agiram com correção “contra aqueles que tinham costumes fora do direito”. No entanto, não procederam corretamente “contra aqueles que tinham costumes sem o direito”, no caso, os pobres.⁵²⁵ O exemplo fornecido por Marx é bastante elucidativo:

Os mosteiros foram abolidos, suas propriedades foram secularizadas e eles agiram corretamente. Mas o sustento incidental que os pobres encontravam nos mosteiros não se converteu de modo algum em outra fonte positiva de riqueza. Ao transformar a propriedade monástica em propriedade privada e, por exemplo, ao compensar os mosteiros, os pobres que viviam dos mosteiros não eram compensados. Pelo contrário, uma nova fronteira foi traçada para eles e eles foram cortados de um antigo direito. Isso ocorreu em todas as transformações de prerrogativas em direitos.⁵²⁶

⁵²³ MARX; ENGELS, 1975, p. 206, tradução nossa.

⁵²⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 207, tradução nossa.

⁵²⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 207, tradução nossa.

⁵²⁶ MARX; ENGELS, 1975, p. 207, tradução nossa.

Essas legislações venceriam sua parcialidade e agiriam melhor se tivessem transformado, como o fizeram, “arrogâncias arbitrárias” em “direitos legais”, desde que “encontrassem nelas um conteúdo de direito racional”, mas, também, transformassem “em obrigações as concessões fortuitas”. Desse modo, desde o início, os pobres encontrariam um lugar no Estado. O caráter próprio da propriedade no medievo tornava difícil o trabalho do legislador, “na medida em que todos os direitos consuetudinários dos pobres se baseavam no fato de que uma dada propriedade apresentava um caráter equívoco”, isto é, nem propriedade privada nem propriedade comunitária, era uma espécie de híbrido de direito público e privado.⁵²⁷ O problema, na visão de Marx, não estava apenas nesse caráter contraditório da propriedade medieval, pois a unilateralidade dessas legislações foi garantida pela faculdade intelectual utilizada pelos legisladores no momento de proceder a legislatura. E nesse momento, podemos recordar a crítica que Marx realizou na *carta ao pai* à sua empreitada na filosofia do direito, que resultara em divisões arbitrárias, uma “escrivanhinha com gavetas que eu, mais tarde, enchi de areia”, numa possível crítica à faculdade do entendimento [Verstand], a qual Marx, agora na *Gazeta Renana*, diz ter sido “o órgão com o qual as legislações concebiam estas ambíguas figuras”⁵²⁸. O modo de proceder do entendimento, que Marx não deixa de valorizar como um “trabalho grande e admirável”, embora aponte seus limites, pois o entendimento “não só é unilateral, mas é seu trabalho essencial fazer o mundo unilateral”. Assim, as legislações iluministas fizeram do mundo moderno unilateral ao positivar apenas o interesse dos estamentos nobres, esquecendo-se dos pobres. Marx não chega a recriminar em si essas legislações, haja vista que cumpriram sua função no momento anterior ao estágio da razão:

[...] visto que só a unilateralidade forma e extrai o particular da nebulosa inorgânica do todo. O caráter das coisas é um produto do entendimento. Cada coisa, para ser algo, deve isolar-se e ser isolada. Precisamente enquanto fixa cada conteúdo do mundo numa sólida determinação e, por assim dizer, petrifica o ser mutante, o entendimento produz a multiplicidade do mundo, porque o mundo não seria multilateral sem as muitas unilateralidades.⁵²⁹

⁵²⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 207, tradução nossa.

⁵²⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 207, tradução nossa.

⁵²⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 208, tradução nossa.

Trata-se, então, para Marx, de superar essa unilateralidade, obra necessária do entendimento, que excluiu uma “massa de homens” do Estado moderno e da “possibilidade real de ter direitos”. Dito de outro modo: a tarefa que nosso autor projetava para a nova legislatura era precisamente elevar os pobres, um costume da sociedade civil-burguesa, ao reconhecimento da sua existência para o Estado por meio do direito positivo. É nesse sentido que apreendemos a função dos “direitos consuetudinários dos pobres” como “direitos contra o costume do direito positivo”, isto é, contra a prática habitual da legislatura iluminista. O direito consuetudinário dos pobres reaviva na memória esse caráter contraditório do direito privado alemão, pois aí havia dois direitos, “um direito privado do proprietário e um do não-proprietário, ainda que prescindindo de que nenhuma legislação abolia os privilégios do direito público da propriedade, mas só os despojava de seu caráter aventureiro para lhes conferir um caráter burguês”.⁵³⁰ O caráter burguês do qual nos fala Marx é caráter de propriedade privada ainda ligado à propriedade da terra. E Marx defende que a nova legislação deve reconhecer que há objetos que, por sua própria natureza, não possuem o caráter de propriedade privada, estando excluídos do direito de propriedade porque são racionalmente objetos do direito de ocupação, por meio desse direito os pobres encontrariam o seu lugar no Estado:

Se, porém, toda forma medieval do direito, portanto, também da propriedade, era, sob todos os lados, de essência híbrida, dualista e discordante, e o entendimento fazia valer, com toda a razão, justamente o seu princípio de unidade contra esta contraditória determinação, não viu, porém, que há objetos de propriedade que jamais podem, por sua natureza, adquirir o caráter de propriedade privada de antemão; objetos que, por sua essência elementar e existência fortuita, caem sob o direito de ocupação da classe que pelo mesmo direito de ocupação é excluída de todos os direitos de propriedade; a classe que na sociedade burguesa ocupa o mesmo posto que aqueles objetos do mundo natural.⁵³¹

A tarefa do legislativo, no “Estado moderno, por pouco que corresponda ao próprio conceito”, é não se deixar levar pela “arrogância do interesse privado, cuja alma mesquinha nunca foi penetrada e iluminada pela ideia de Estado”, pois,

⁵³⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 208, tradução nossa.

⁵³¹ MARX; ENGELS, 1975, p. 208, tradução nossa.

“quando o Estado, mesmo num só ponto, se rebaixa tanto que, ao invés de agir à sua própria maneira, age à maneira da propriedade privada”, a consequência é o seu confinamento nos “limites da propriedade privada”, isto é, do seu egoísmo. O Estado se degrada ao se tornar o instrumento do interesse privado do proprietário, agindo contra uma “massa de homens”, legisla criando “leis tendenciosas” e “leis de vingança”, leis contrárias ao direito e à razão. Portanto, diante desse quadro, os legisladores, em um Estado moderno que corresponda minimamente ao conceito, precisam dizer aos proprietários que o rebaixam e degradam: “teus caminhos não são os meus caminhos e teus pensamentos não são os meus pensamentos!”.⁵³²

Marx estava convencido que o caminho para a Alemanha se aproximar de um Estado político que realize, ainda que pouco, o conceito passava pela codificação, desse modo, a sua crítica às leis positivas não prescinde, ainda assim, da positivação do direito, posição oposta àquela do jurista Savigny. O seu interesse é, justamente, tornar racional o direito positivo. No debate sobre a liberdade de imprensa, tal posição fica exposta de maneira límpida. Antes, contudo, importa dizer, que há uma unidade no pensamento de Marx nesse período, prova disso é que sua argumentação contra os interesses privados – particularistas, unilaterais, estamentais, seja qual for o termo que se queira, todos são utilizados pelo nosso autor –, cujo conteúdo não aceita a forma da lei geral, repete-se em vários dos seus artigos, de maneira que, para o debate sobre a liberdade de imprensa, tudo que se falou até aqui se mantém. Para que não reste dúvida, citamos:

Nós, certamente, não encontramos expresso, de forma mais clara, mais resoluto e plena, o espírito estamental específico do que no debate sobre a liberdade de imprensa [...]. O espírito de uma esfera determinada, o interesse individual de estamento particular, a unilateralidade natural do caráter, se manifestam da maneira mais áspera e impiedosa, ou, como se diria, mostram os seus dentes.⁵³³

E ainda:

As leis baseadas nas intenções não são leis do Estado ditadas para os cidadãos, mas leis de um partido contra outro. As leis tendenciosas suprimem a igualdade dos cidadãos frente à lei [...]. Não são leis, mas privilégios. Uns podem fazer o que a outros está vedado, mas não porque

⁵³² MARX; ENGELS, 1975, p. 127, tradução nossa.

⁵³³ MARX; ENGELS, 1975, p. 216, tradução nossa.

esses careçam de uma determinada qualidade objetiva, como, por exemplo, os menores de idade, para poder celebrar contratos, mas porque se suspeita de suas opiniões, de suas intenções.⁵³⁴

É possível encontrar, ainda, nos debates sobre a liberdade de imprensa, com maior clareza, diga-se, o critério para a positivação do direito racional. E podemos apreender esse critério pela oposição entre “sanção positiva da arbitrariedade”⁵³⁵ e “existência positiva da liberdade”.⁵³⁶ Para Marx, a censura, assim como o interesse dos proprietários fundiários, não pode ser lei pelo fato do seu conteúdo contradizer a forma da lei geral. As leis que legalizam a censura são leis tendenciosas e terroristas, pois seu “critério fundamental, não são os atos enquanto tais, mas a intenção de quem realiza”. Essas leis tendenciosas “não castigam somente o que faço, o que foram meus atos, mas o que penso”, portanto, insultam o cidadão porque são “leis vexatórias contra minha existência”.⁵³⁷ São leis da não-liberdade, positivam a ausência de liberdade, pois. São uma agressão à natureza humana que é a liberdade, e ao legislador, assim como “a lei não está isenta do dever universal de dizer a verdade”, não é permitido positivar uma mentira sobre a natureza humana em forma de lei universal. A lei, falo-nos Marx, “é o orador geral e autêntico da natureza jurídica das coisas”, e não o contrário, isto é, “a natureza jurídica das coisas que se atém à lei”.⁵³⁸ A legislatura, portanto, reconhece a natureza jurídica das coisas, que, sim, é anterior à lei. Sendo-lhe proibido promulgar mentiras legais ao preço de ser “a sanção positiva da arbitrariedade”, portanto, positivar a animalidade como condição natural do ser humano.

Por outro lado, a lei de imprensa não pune a liberdade, pois reconhece a liberdade como normal. É, portanto, uma “lei efetiva” porque a liberdade existe nela como lei positiva. Encara a punição como uma exceção ao direito, fazendo dos delitos da imprensa aquilo que são de fato, negação do direito, pois “a lei de imprensa declara a liberdade como a natureza do criminoso”, é “reconhecimento

⁵³⁴ MARX; ENGELS, 1975, p. 108, tradução nossa.

⁵³⁵ MARX; ENGELS, 1975, p. 107, tradução nossa.

⁵³⁶ Marx também usa a expressão Sanção geral do positivo [allgemeine Sanction des Positiven], quando critica o Estado religioso. A palavra *Sanction* tem origem no latim *sancire*, que é santificar. Cf. Marx; Engels, 1975, p. 106.

⁵³⁷ MARX; ENGELS, 1975, p. 108, tradução nossa.

⁵³⁸ MARX; ENGELS, 1975, p. 202, tradução nossa.

da própria liberdade”.⁵³⁹ Desse modo, a lei efetiva, digna de tal nome, é o reconhecimento positivo da liberdade contra o arbítrio e o acaso. Na lei de imprensa, temos a inclusão da liberdade de imprensa, que é uma espécie da “liberdade sem nome próprio”, na “esfera da liberdade legal, porque a liberdade legalmente reconhecida existe no Estado como lei”. O contraste entre a censura e a lei de censura revela, *in nuce*, a defesa do direito em Marx nos tempos da *Gazeta Renana*, visto que o direito aparece como reconhecimento no Estado da liberdade, que passa existir legalmente como lei geral, portanto, universalizado. O direito racional mede a existência positiva da lei, distinguindo o que é apenas uma lei formal, que sanciona o arbítrio, conteúdo que nega a sua forma, da lei efetiva, em cujo conteúdo se conecta essencialmente à forma. Na lei efetiva, temos o reconhecimento na forma e no conteúdo da igualdade do gênero humano e da liberdade que lhe é natural. Sobre o que foi dito, lemos nas folhas da *Gazeta Renana*:

As leis não são medidas repressivas contra a liberdade, como tampouco a lei da gravitação é uma medida repressiva contra o movimento, só porque, enquanto lei gravitacional, impele o eterno movimento dos corpos do mundo, mas, enquanto lei da queda, me derruba quando a infrinjo, querendo dançar no ar. Muito mais, as leis são as normas positivas, claras e universais, nas quais a liberdade adquire existência impessoal, teórica e independente do arbítrio individual.⁵⁴⁰

É somente nesse sentido que somos capazes, agora, de apreender a defesa de Marx da codificação do direito, “um código é a bíblia da liberdade de um povo”⁵⁴¹. Na passagem, apreende-se a superação da teologia pela filosofia na mudança da bíblia para o código, da religião para a religião do Estado, que se expressa não por dogmas, mas por leis. A codificação não é mera compilação de leis ou do direito consuetudinário. É a existência da liberdade universal e determinada no âmbito do Estado político. Na *Gazeta Renana*, a luta de Marx, ainda no partido do conceito, é pela realização na Alemanha do Estado político e do direito racional.

⁵³⁹ MARX; ENGELS, 1975, p. 150, tradução nossa.

⁵⁴⁰ MARX; ENGELS, 1975, p. 150, tradução nossa.

⁵⁴¹ MARX; ENGELS, 1975, p. 150, tradução nossa.

6 CAPÍTULO 5 – A GÊNESE DA CRÍTICA DE MARX AO DIREITO

Em 17 de março de 1843, Marx escreveu seu último texto para a *Gazeta Renana*. Um texto pequeno e direto com as seguintes palavras: “O signatário abaixo declara que renunciou à redação da *Gazete Renana* a partir de hoje devido às atuais condições de censura”⁵⁴². A declaração foi publicada no dia seguinte, no número 77 do periódico. Depois de muita insistência em elevar o debate público alemão ao “mais alto fim” a partir da “crítica das constituições do Estado e [das] instituições da pátria”, Marx não suportou a censura prussiana e resolveu se recolher no seu “gabinete de estudos”⁵⁴³.

Marx dizia, na *Gazeta Renana* e em carta, que a “tarefa fundamental” do seu periódico era “atrair para a Alemanha os olhares que muitos dirigiam para a França, para fomentar, em vez de um liberalismo francês, um liberalismo alemão” e não via como isso poderia “ser malvisto pelo governo de Friedrich Wilhelm IV”. Encontramos a mesma ideia em dicção semelhante na sua carta a Justus Wilhelm Eduard von Schaper, Presidente Superior da Província do Reno, escrita entre 12 e 17 de novembro de 1842. Nessa missiva, Marx defende a *Gazeta Renana* da censura sem abdicar dos princípios liberais do periódico, que, segundo nosso autor argumenta, tem ajudado “a pavimentar o caminho do progresso que a Prússia está conduzindo ao resto da Alemanha”, rejeita, então, a acusação que a *Gazeta Renana* havia recebido – na polêmica sobre o comunismo – de tentar “espalhar as simpatias e ideias francesas na Renânia”, e completa: “Em vez disso, a *Gazeta Renana* se propôs a principal tarefa de desviar o olhar que tantas pessoas ainda colocavam na França e na Alemanha e, em vez de um francês, evocar um liberalismo alemão”⁵⁴⁴. Contudo, essas explicações e outras, que podem ser lidas na aludida carta, parecem não ter alcançado êxito. A censura ao periódico só aumentava até que foi impossível permanecer na *Gazeta Renana* e na Alemanha.

Se é possível encontrar algo que forneça unidade à correspondência de Marx nesse período, esse algo é certamente a tematização da censura prussiana e, por consequência, da situação alemã à época do chamado *Vormärz*. Em 10 de

⁵⁴² MARX; ENGELS, 1975a, p. 366, tradução nossa.

⁵⁴³ MARX, 2008, p. 46.

⁵⁴⁴ MARX; ENGELS, 1975b, p. 33, tradução nossa.

fevereiro de 1842, na primeira carta de Marx a que temos acesso após a *carta ao pai*, nosso autor escreve a Arnold Ruge sobre um artigo que escreveu para o *Deutsche Jahrbücher* sobre a instrução de censura e manifesta sua preocupação com o censor, “é óbvio que é do interesse da causa que a impressão seja acelerada, se a censura não censurar minha censura”, pois se tratava de uma contribuição crítica à instrução. O presságio de Marx se confirmou. É o que lemos na missiva seguinte, agora de Ruge, em 25 de fevereiro de 1842:

Com sua crítica à censura, a tendência da censura prussiana contra os anuários também entrou em atividade. Há 8 dias o censor está cancelando nossa "má tendência". Você pode adivinhar a quem isso afeta. Seu ensaio se tornou uma impossibilidade, tudo que cheira a Bauer, Feuerbach e a mim foi rejeitado.⁵⁴⁵

Diante da censura prussiana, Ruge indaga Marx, dizendo que tem “uma antologia de coisas bonitas e picantes que juntas também deveriam dar um tapa na cara do censor” e se este último permitiria a impressão do seu artigo sobre a instrução “com o resto dos tolhidos, na Suíça, sob o título *Anekdotia philosophica* por Feuerbach, Bauer, Ruge e outros - se você não me permite mencionar seu nome”⁵⁴⁶. O artigo de Marx foi, de fato, publicado no *Anekdotia*, sob o título “Observações sobre as últimas instruções de censura da Prússia”, e a autoria ocultada pela assinatura “de um renano”⁵⁴⁷. Embora a publicação tenha preservado o anonimato de Marx, aqui, cabe um acréscimo que nos possibilita certa aproximação à personalidade de Marx, entendendo melhor o limite a que chegou quando comunica sua demissão da *Gazeta Renana*, pois, na carta seguinte, datada de 5 de março de 1842, pouco menos de um ano antes do seu desligamento do jornal, nosso autor autorizou a publicação com seu nome e julgou fundamental, dada as circunstâncias, a divulgação. Assim, ele escreve: “concordo plenamente com o plano da *Anekdotia philosophica* e, também, acho que seria melhor incluir meu nome entre os demais. Uma demonstração desse tipo, por sua própria natureza, exclui todo o anonimato”⁵⁴⁸. Não é possível saber os motivos que levaram Arnold Ruge a negligenciar a solicitação de Marx.

⁵⁴⁵ MARX; ENGELS, 1975b, p. 370, tradução nossa.

⁵⁴⁶ MARX; ENGELS, 1975b, p. 370, tradução nossa.

⁵⁴⁷ MARX; ENGELS, 1975a, p. 97, tradução nossa.

⁵⁴⁸ MARX; ENGELS, 1975b, p. 22, tradução nossa.

O período em que estive como redator-chefe da *Gazeta Renana* foi de intensa luta, teórica e prática, contra a censura. Em meados do ano de 1842, Marx escreveu uma série de artigos sob o título “O Editorial do Nº 179 da *Gazeta de Colônia*”, no qual polemizava com Karl Hermes, editor do *Kölnische Zeitung*. Nesses artigos, Marx colocava em prática a única censura defensável, a censura realizada pela crítica. Todavia, essa polêmica com a *Kölnische Zeitung*, cujo primeiro artigo sai em 10 de julho, ao que tudo indica, levou nosso autor ainda mais ao centro das polêmicas e aos olhos dos censores. É o que se pode depreender da carta de um dos editores da *Gazeta Renana*, Dagobert Oppenheim, de 4 de julho, e mais uma vez Marx é perguntado se deseja ter sua identidade revelada:

Acabo de receber seu artigo, que folheei às pressas, com os melhores agradecimentos. Ele é excelente, só temo que o censor canino puxe a faca de novo. Você não tem ideia com que rigor implacável e ao mesmo tempo injusto estamos sendo censurados, embora o próprio sujeito tenha me confessado que não havia recebido instruções mais rígidas. Ele foi incitado contra nós pelos partidários do Köln. Z. e outras pessoas perversas. É inevitavelmente que H[ermes] exija o nome do autor, como já fez com o artigo de Hess. E então eu pergunto se você gostaria que seu nome fosse mencionado ou mantido em segredo neste caso.⁵⁴⁹

Não encontramos na correspondência de Marx a resposta à indagação de Oppenheim, fato é que o primeiro artigo de Marx contra Hermes foi publicado seis dias depois na *Gazeta Renana* e seu nome consta logo abaixo do título como autor. Para finalizar nosso brevíssimo tratamento acerca da tematização da censura prussiana no epistolário de Marx, algo que fizemos com a finalidade de fornecer mais detalhes dos motivos que levaram Marx a sair da Alemanha, após sua demissão, e se encaminhar ao seu “gabinete de estudos”, como ele nos conta no prefácio de 1859, reproduzimos abaixo excerto de uma carta de Marx a Ruge, datada de 9 de julho de 1842, em que nosso autor aborda o clima político da Renânia e fala de um artigo seu que foi inteiramente censurado:

A propósito, não ache que, nós do Reno, vivemos em um Eldorado político. É preciso a tenacidade mais consistente para ler um jornal como o *Rheinische*. Meu segundo artigo sobre o parlamento estadual [Landtag], relativo à turbulência eclesiástica, foi proibido. Nele mostrei como os defensores do estado assumem uma posição eclesiástica e os defensores da igreja assumem uma posição estatal. Esse incidente é

⁵⁴⁹ MARX; ENGELS, 1975b, p. 20, tradução nossa.

ainda mais desagradável para os renanos desde que os estúpidos católicos de Colônia caíram na armadilha e a defesa do arcebispo atraiu assinantes. Aliás, você mal tem ideia de como eram vis as pessoas violentas e ao mesmo tempo como eram burras com a cabeça teimosa ortodoxa. Mas o sucesso coroou o trabalho. A Prússia beijou os chinelos do papa na frente do mundo inteiro e nossas máquinas de governo estão andando pelas ruas sem corar. O *Rheinische Zeitung* agora está recorrendo por causa do artigo. Em geral, a luta começa para eles. No *Kölnische Zeitung*, o redator do editorial, Hermes, ex-editor do antigo *Hannoverzeitung*, assumiu o partido do cristianismo contra os jornais filosóficos de Königsberg e Colônia. Se o censor não pregar outra peça, uma réplica aparecerá no próximo suplemento publicado por mim. O partido religioso é o mais perigoso do Reno. A oposição ultimamente se acostumou demais a se opor dentro da igreja.⁵⁵⁰

Para Marx, a causa da *Gazeta Renana* era substituir a “linguagem obscura da opinião privada” pela “linguagem clara da opinião pública”, reivindicando para o “domínio da imprensa” aquilo que “se vive na realidade efetiva”, portanto, não se tratava de saber se esse ou aquele tema pode ser abordado como problema jornalístico, mas, diz ele, “se trata da questão universal de se a imprensa deve ser imprensa efetiva, isto é, imprensa livre”. Não sendo mais possível levar à frente, na Alemanha, a luta por uma imprensa livre, o que Marx não deixou de denunciar no seu comunicado de desligamento da *Gazeta Renana*, dizendo que renunciava “à redação da *Gazete Renana* a partir [...] devido às atuais condições de censura”, estando repleto de dúvidas acerca dos “chamados interesses materiais” e depois de começar “a [se] ocupar das questões econômicas”, além de já ter revelado na *Gazeta Renana* a necessidade de estudar mais cuidadosamente as tendências comunistas francesas e inglesas, Marx não teve outra escolha e se recolheu no seu “gabinete de estudos”.⁵⁵¹

E o primeiro trabalho que Marx conduziu “para resolver as dúvidas que [lhe] assaltavam foi uma revisão crítica da *Filosofia do direito*, de Hegel”⁵⁵². Mas essa não foi uma necessidade que o assaltou naquele momento, Marx já estava anunciando uma crítica a Hegel há algum tempo. Em uma carta de 5 de março de 1842, enviada a Ruge, ele escreve: “outro artigo, que também destinei ao *Deutschen Jahrbüchern*, é uma crítica do direito natural de Hegel no que diz respeito à sua constituição interna”. Segundo Marx, nesse artigo, “o cerne é a luta

⁵⁵⁰ MARX; ENGELS, 1975b, pp. 28-29, tradução nossa.

⁵⁵¹ MARX, 2008, p. 46.

⁵⁵² MARX, 2008, pp. 46-47.

contra a monarquia constitucional como uma coisa híbrida que se contradiz e se anula completamente”. E conclui dizendo que “*Res publica* não pode ser traduzida para o alemão”⁵⁵³, algo interessante, pois, como veremos, a tônica de sua “revisão crítica da *Filosofia do direito*, de Hegel”, da qual nos fala o prefácio de 1859, será uma luta contra a monarquia constitucional em prol da democracia, como figura do Estado. Marx volta a referir seu projeto de crítica a Hegel, na correspondência com Dagobert Oppenheim, escrita entre agosto e setembro, “caso meus pontos de vista não concordem com os seus, eu, a menos que você considere inadequado, forneceria essa crítica ao *Anecdotes* anexada ao meu artigo contra a doutrina hegeliana da monarquia constitucional”⁵⁵⁴. Fato é que esse artigo nunca chegou ao *Deutschen Jahrbücher* nem ao *Anekdoten*. Encontramos um vestígio desse projeto nos cadernos de Bonn, onde estão coligidos uma série de excertos acerca da arte e da religião, o que é inteiramente compreensível tendo em vista que Marx, também, prometia a Ruge um artigo “‘sobre a arte cristã’, agora transformado em ‘sobre a religião e a arte, com especial referência à arte cristã’”⁵⁵⁵. No final desses cadernos, Marx anotou, em poucas palavras, um “índice do manuscrito ‘Sobre a crítica da filosofia do direito de Hegel’”:

A duplicação do desenvolvimento sistemático. I, 3, 4. misticismo lógico. II, 8, III, 9. o modo místico de falar, *ibid.* Um Exemplo. § 268. IV p. 13. 14. A ideia como Sujeito. IV, p. 15. 16. (Os sujeitos reais tornam-se mero nome.) p. 17 p. 18 p. 20,21. p. 24,26,27, p. 28 p. 40. p. 57. p. 75,78. XXVI, 2. XXVIII. XXX, 3. XXXI, 3. XXXII, 2. XXXIV, 2, 3, 4. p. XXXVn; 2. Contradição XXXIX.⁵⁵⁶

Desse projeto, como o próprio Marx diz no prefácio de 1859, ele publicou apenas a introdução, sob o título *Crítica da filosofia do direito de Hegel – introdução*, nos *Anais franco-alemães*, editados e publicados em Paris, já em 1844. No entanto, além desse texto publicado, temos, ainda, as suas anotações daquilo que seria o seu livro sobre o tema. Anotações que foram produzidas no seu “gabinete de estudos”, em Kreuznach, onde passou uma temporada, antes de

⁵⁵³ MARX; ENGELS, 1975b, p. 22, tradução nossa.

⁵⁵⁴ MARX; ENGELS, 1975b, p. 32, tradução nossa.

⁵⁵⁵ MARX; ENGELS, 1975b, p. 28, tradução nossa.

⁵⁵⁶ MARX; ENGELS, 1976, p. 368, tradução nossa.

chegar a Paris. Em 1843, Marx decide residir por alguns meses em Kreuznach, onde, finalmente, inicia sua crítica à *Filosofia do direito*.

Sua crítica da filosofia hegeliana não pode ser interpretada como uma simples prestação de contas, como um filho que rompe com o pai, mas segue carregando em suas veias o material genético do preceptor, pois a ruptura é radical. Como o próprio Marx defende, há uma “antítese direta” entre o seu pensamento e a filosofia especulativa de Hegel. A necessidade é de superar a filosofia de Hegel, que era a filosofia própria de seu tempo, não de modo a conformá-la, ou mesmo amalgamá-la noutras bases. Como vimos, na tese doutoral, Marx já havia confrontado o modo pelo qual Hegel encara a história da filosofia. Na valorização do jovem estudante Marx das chamadas filosofias pós-aristotélicas, já havia uma confrontação com o mestre. Ainda na tese, Marx defende que os discípulos devem adotar uma relação refletida frente ao mestre e não imediata, cabendo-lhes, portanto, buscar os motivos das acomodações ou unilateralidades do pensamento do mestre, nesse caso, Hegel, nos próprios princípios de sua filosofia, na “sua consciência interior essencial”. E ao final, Marx refere a necessidade de ultrapassar o mestre.

O ponto inicial dessa ultrapassagem radical de Marx em relação a Hegel, encontra-se registrado nos manuscritos produzidos em Kreuznach, hoje, conhecidos por *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Marx, com o “espírito em mutação”⁵⁵⁷, parte para a crítica decidida do pensamento de Hegel e, conseqüentemente, do mundo moderno, afinal “a filosofia do direito e do Estado é a única história alemã situada *al pari* com o presente moderno”⁵⁵⁸. Procuraremos demonstrar, começando pela análise desses manuscritos de Kreuznach, que a partir de então se trata não de uma defesa do direito, mas da crítica ao direito, embora a *Crítica da filosofia do direito de Hegel* deva ser encarada como texto de transição, entre uma posição que defende o direito e aquela que decididamente o critica. Dizemos isso devido ao fato de nesse texto Marx adotar posição crítica a certa configuração (*Gestalt*) do Estado, particularmente da monarquia constitucional, defendendo a democracia, e não uma posição crítica à forma Estado como tal. Este último caso, a crítica da forma Estado como tal e do direito,

⁵⁵⁷ CHASIN, 2009, p. 67.

⁵⁵⁸ MARX, 2010b, p.150.

é uma aquisição marxiana que somente aparece nos textos de 1844. Nesse sentido, nos manuscritos de 1843, ainda encontramos certa defesa do direito e do Estado, não mais como Estado racional, mas figura da democracia.

A sua mudança de posição frente ao direito somente ocorre após a sua saída da *Gazeta Renana*, no entanto, antes de se radicalizar, atravessa uma transição nos manuscritos de Kreuznach, pois essa alteração passa necessariamente pela crítica da filosofia hegeliana, que encarava o Estado como motor, determinante e sujeito ao passo que a sociedade civil-burguesa era movida, determinada e predicado. Essa alteração retira pouco a pouco do direito, chamado de *racional* na *Gazeta Renana*, e da lei positivada nos códigos de leis a qualidade de serem a realização objetiva e efetiva da liberdade. Adiante, mostraremos como Marx encara de modo diverso a relação entre direito e liberdade, partindo da sua mudança de posição frente ao Estado. Se nos tempos da *Gazeta Renana*, a defesa do direito em Marx se sustenta na sua defesa do Estado político, movendo-se na esfera da política em contraposição à esfera da religião; a partir de Kreuznach, há o abandono progressivo da defesa do direito, a começar que nesses manuscritos não vemos diante de nós o tão defendido direito racional. Embora Marx ainda defenda o direito no texto em tela, sua defesa ocorre via defesa da democracia. Nos textos de 1844, já não aparece a posição de defesa do Estado como figura da democracia, sua crítica ao direito, agora sim, como tal encontra fundamento na crítica decidida e aberta ao Estado político pleno, então, movendo-se, também, para fora da esfera política. Não é nossa intenção, obviamente, reescrever a tese chasiniana da ontopositividade e ontonegatividade da politicidade, mas, na verdade, apoiamo-nos nela, também, para revelar a passagem da defesa à crítica ao direito.

Marx inicia os Manuscritos de 1843 mostrando a “clara mistificação” presente no pensamento hegeliano, que “não desenvolve seu pensamento a partir do objeto [*Gegenstand*], mas desenvolve o objeto segundo um pensamento previamente concebido na esfera abstrata da lógica”⁵⁵⁹. Em Hegel, tudo se converte em categorias da sua Lógica: ao tratar da passagem da família e da sociedade civil-burguesa para o Estado, as partes reais [*wirkliche*], a verdadeira

⁵⁵⁹ MARX, 2010a, p. 36.

“força motriz” do Estado é “produzida pela Ideia real”⁵⁶⁰. Aqui já nos cabe apontar séria divergência entre essa formulação e aquela dos tempos da *Gazeta Renana*, que concebia o Estado como força motriz e, portanto, esfera resolutive. Dessa maneira, Marx é um crítico não só de Hegel, mas de si mesmo. Vejamos o que escreve o agora crítico do pensamento especulativo:

A Ideia é subjetivada e a relação real [*wirkliche*] da família e da sociedade civil com o Estado é apreendida como sua atividade interna imaginária. Família e sociedade civil são os pressupostos do Estado; elas são os elementos propriamente ativos; mas, na especulação, isso se inverte.⁵⁶¹

Hegel procura no Estado “a história do conceito lógico”, e por isso “a condição torna-se o condicionado, o determinante torna-se o determinado [*Bestimmte*], o produtor é posto como o produto de seu produto”⁵⁶². Há, reconhece Marx, um progresso no pensamento hegeliano, pois trata “o Estado político como um organismo [...], por consequência, a distinção dos poderes não mais [é tratada] como uma distinção anorgânica [mecânica], mas como uma distinção viva e racional”⁵⁶³. No entanto, a maneira como concebe tal organicidade do Estado político em relação às demais esferas, notadamente a família e a sociedade civil-burguesa, é problemática, pois:

[...] o pressuposto, o sujeito, são as distinções reais [*wirklichen*] ou os diferentes lados da constituição política [*politischen Verfassung*]. O predicado é a sua determinação como orgânicos. Em vez disso, a Ideia é feita sujeito, as distinções e sua realidade são postas como seu desenvolvimento, como seu resultado, enquanto, pelo contrário, a Ideia deve ser desenvolvida a partir das distinções reais.⁵⁶⁴

O realismo com que Hegel trata a sociedade civil-burguesa se dissolve no momento do Estado em mistificações logicizantes, pois este, ao suprassumir [*aufheben*] tanto o momento da família quanto da sociedade civil-burguesa, resolve apenas idealmente as contradições anteriores, ao passo que, na realidade efetiva da sociedade civil-burguesa, “o espetáculo da extravagância, bem como da miséria

⁵⁶⁰ MARX, 2010a, p.30.

⁵⁶¹ MARX, 2010a, p. 30.

⁵⁶² MARX, 2010a, pp. 30-31.

⁵⁶³ MARX, 2010a, p. 33.

⁵⁶⁴ MARX, 2010a, p. 33.

e da corrupção física e ética”⁵⁶⁵, permanece intocável. As pessoas privadas, que têm por finalidade seu próprio interesse, não sofrem mais com o risco da completa extinção, embora vivam da mesma maneira. Portanto, nota Marx,

[...] o verdadeiro interesse não é a filosofia do direito, mas a lógica. O trabalho filosófico não consiste em que o pensamento se concretize nas determinações políticas, mas em que as determinações políticas existentes se volatilizem no pensamento abstrato. O momento filosófico não é a lógica da coisa, mas a coisa da lógica. A lógica não serve à demonstração do Estado, mas o Estado serve à demonstração da lógica.⁵⁶⁶

Note-se que não se trata apenas de uma mera inversão do método hegeliano. A partir da constatação de que “o momento filosófico [em Hegel] não é a lógica da coisa, mas a coisa da lógica”, Marx inaugura um novo itinerário de investigação, que, como expõe Sartori, “busca a própria ‘exposição da realidade’, a explicitação das determinações da realidade efetiva”, tratando-se, por isso, ainda na dicção do autor brasileiro, “da prioridade ontológica do objeto (Gegenständ), que, claro, não se reduz ao objeto inerte (Objekt) enquanto instância constitutiva da realidade efetiva”⁵⁶⁷. Da própria pena marxiana é possível encontrar os termos radicais postulados pela sua inversão, pois, diz ele: “o verdadeiro caminho a ser percorrido está invertido”, posto que “o mais simples é o mais complexo e o mais complexo o mais simples”, dito de outro modo, “o que deveria ser ponto de partida se torna resultado místico e o que deveria ser resultado racional se torna ponto de partida místico”⁵⁶⁸. A nova posição do pensamento marxiano em relação à especulação é incontornável da sua crítica ontológica da politicidade, afinal, “nos Estados modernos, assim como na filosofia do direito de Hegel, a realidade [*Wirklichkeit*] consciente, verdadeira, do assunto universal, é apenas formal, ou apenas o formal é assunto universal real [*Wirkliche*]”⁵⁶⁹. Marx, então, segue dizendo:

O Estado moderno, no qual tanto o “assunto universal” quanto o ato de ocupar-se com ele são um monopólio, e no qual, em contrapartida, os

⁵⁶⁵ HEGEL, 2022, p.443.

⁵⁶⁶ MARX, 2010a, pp. 38-39.

⁵⁶⁷ SARTORI, 2014, p. 702.

⁵⁶⁸ MARX, 2010a, p. 60.

⁵⁶⁹ MARX, 2010a, p.82.

monopólios são assuntos universais reais, realizou o estranho achado de apropriar-se do “assunto universal” como uma mera forma. [...] Com isso, ele encontrou a forma correspondente ao seu conteúdo, que somente na aparência é o assunto universal real”⁵⁷⁰.

Essa posição em nada lembra a antiga fórmula adotada mesmo nos artigos mais radicais da *Gazeta Renana*, quando o Estado racional, único digno de tal nome, era encarado como “livre união de homens éticos” e que mirava a efetivação da liberdade sem nome próprio, universal. O direito era visto como um enorme avanço em relação ao sistema de privilégios da feudalidade, algo que se mantém, afinal, é inegável o progresso na passagem do privilégio ao direito, no entanto, esse último tinha em si o apanágio da razão e da liberdade geral. Para que não reste nenhuma dúvida acerca da *diferença específica* e, portanto, da mudança de posição referida nas passagens do manuscrito de Kreuznach, retomase a entonação fornecida pelo próprio Marx, em artigo escrito para a *Gazeta Renana*:

A verdadeira educação “pública” do Estado é, antes de tudo, a sua existência racional e pública. O Estado educa de fato os seus membros na medida em que os torna membros do Estado, transformando os fins do indivíduo em fins gerais, o impulso bruto em tendência ética, a independência natural em liberdade espiritual, enquanto o indivíduo frui sua vida no todo, e o todo na disposição do indivíduo.⁵⁷¹

Quando Marx chega em Paris, em 1844, já carrega consigo um novo programa de investigação, que inclui tomar como ponto de partida as relações situadas no seio da sociedade civil-burguesa, agora em franca oposição a Hegel, que vislumbrava no Estado político as determinações da sociedade civil-burguesa. Assim, “a crítica verdadeiramente filosófica da atual constituição do Estado não indica somente contradições existentes” porque “ela esclarece essas contradições, compreende sua gênese, sua necessidade”, apreendendo-as “em seu significado específico”, algo que ainda poderia soar bastante hegeliano, no entanto, Marx acrescenta que “esse compreender não consiste, como pensa Hegel, em reconhecer por toda parte as determinações do Conceito lógico, mas em

⁵⁷⁰ MARX, 2010a, p. 83.

⁵⁷¹ MARX; ENGELS, 1975a, p. 181, tradução nossa.

empreender a lógica específica do objeto específico”.⁵⁷² Temos diante de nós, a ruptura de Marx com o partido do conceito, orientação que guiava suas posições ao longo dos últimos anos.

Como dissemos anteriormente, a nova posição frente à relação entre Estado e sociedade civil-burguesa, essa que quase não é referida no período anterior, não deixa intocado o direito. Lembrando passagem da *Miséria da Filosofia*, obra escrita em 1847, na qual se encontra a afirmação sumária de que “o direito, nada mais é que o reconhecimento oficial do fato [Tatsache]”⁵⁷³, Marx escreve em Kreuznach formulação aproximada, indicando a origem do direito fora do Estado e, mais, que o direito é mistificação:

Os romanos, na verdade, foram os primeiros a desenvolver o *direito da propriedade* privada, o direito abstrato, o direito privado, o direito da pessoa abstrata. O *direito privado romano* é o *direito privado* em seu *desenvolvimento clássico*. Nos romanos, no entanto, não encontramos, em nenhuma parte, que o direito da propriedade privada tenha sido mistificado, tal como nos alemães. Ele não se tornará jamais, também, *direito público*. O direito de propriedade privada é *Jus utendi et abutendi*, o direito de arbitrariedade sobre a coisa. O principal interesse dos romanos é desenvolver e determinar as relações que surgem como relações abstratas de propriedade privada. O fundamento real da propriedade privada, a posse, é um fato [Faktum], um fato inexplicável, não um direito. Somente por determinações jurídicas, que a sociedade [Societät] confere à propriedade efetiva, ela adquire a qualidade de propriedade legal, de propriedade privada.⁵⁷⁴

Para Marx, “a propriedade privada tem a razão *romana* e o coração *germânico*”⁵⁷⁵. Assim sendo, o alemão identifica nos romanos certa superioridade no trato do direito da propriedade privada, que, entre eles, é direito privado e não se torna nunca direito público, isto é, não é mistificada, como fazem os germânicos, em especial, Hegel, onde alcança a qualidade de direito público por meio do *morgadio*. Para Hegel, o morgadio aparece como tendo uma finalidade pública na mediação entre o príncipe e a sociedade civil-burguesa. Contudo, Marx encara como mistificação submeter o *jus utendi et abutendi* ao direito público, pois a consequência é justamente a submissão do Estado político aos interesses da

⁵⁷² MARX, 2010a, p.108.

⁵⁷³ MARX, 1985, p. 86.

⁵⁷⁴ MARX, 2010a, p.125.

⁵⁷⁵ MARX, 2010a, p. 125.

propriedade privada, que permanece sendo encarada por Marx como propriedade fundiária.

Outro aspecto que nos parece sumamente importante é que Marx, ao analisar o modo pelo qual os romanos encaravam o direito da propriedade privada, remete para um fundamento externo ao direito, a posse, que vem a adquirir a qualidade de propriedade privada depois do seu reconhecimento. Portanto, a explicação do direito se encontra fora dele, pois embora possa parecer ao jurista que esse tenha dado origem à propriedade privada, essa já era um fato presente na realidade efetiva, como posse, cabendo ao direito o papel de revestimento oficial, “qualidade de posse jurídica”. É preciso explicar como a posse se torna um direito e, assim, como pôde se tornar “propriedade efetiva”, “propriedade privada”. Nesse caso, a “concepção jurídica de mundo”, aludida por Engels e Kautsky, opera na “inversão ideológica”, como se refere Sartori⁵⁷⁶, da qual o direito emerge como demiurgo do próprio fato, no exemplo acima, a posse. Reconhecer que a oficialidade jurídica exerce importante papel na sociedade civil-burguesa dista bastante da clássica concepção jurídica de mundo, pois “é preciso que percebamos que o momento preponderante da produção da realidade é a produção social”⁵⁷⁷. Como lembrou bem o próprio Marx quando nos diz que foi conduzido por suas investigações à seguinte conclusão:

as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades, condições estas que Hegel, a exemplo dos ingleses e dos franceses do século 18, compreendia sob o nome de “sociedade civil-burguesa”.⁵⁷⁸

Encontramos em *O Capital* passagens nas quais o direito permanece sendo o “reconhecimento oficial do fato”, e a explicação do direito permanece fora das relações jurídicas. Caso do direito das crianças, que não é mais que o reconhecimento por parte do terreno do direito da dissolução promovida pela grande indústria da base econômica do “antigo sistema familiar e do trabalho familiar a ele correspondente”, nas linhas marxianas, encontra-se assim disposto:

⁵⁷⁶ SARTORI, 2011, p. 23.

⁵⁷⁷ SARTORI, 2011, p. 23.

⁵⁷⁸ MARX, 2008, p. 47.

“a força [*Gewalt*] dos fatos [*Tatsachen*] obrigou, enfim, [o Parlamento inglês] a reconhecer que a grande indústria dissolveu, juntamente com a base econômica do antigo sistema familiar e do trabalho familiar a ele correspondente, também as próprias relações familiares antigas. Era necessário proclamar o direito das crianças”⁵⁷⁹. Em outra passagem, na qual consagra a forma limitada da atuação no chamado terreno do direito, retirada da sua grande obra inacabada, *O Capital*, ele diz: “[...] revoluções não se fazem por meio de leis”⁵⁸⁰. Isso prova que o que aqui chamamos de gênese da crítica de Marx ao direito é chamado de gênese justamente pelo fato de ser o início de algo que ainda irá se desenvolver ao longo do itinerário marxiano, mas a tônica é de continuidade e não de ruptura.

Há ainda que se considerar os *Manuscritos de Kreuznach* como um escrito de transição, pois embora já se encontre aí os elementos fundamentais da sua crítica a Hegel, Marx de certo modo parte da arquitetura hegeliana – indo além dela, é verdade – quando procura fundamentar a constituição de uma verdadeira democracia. Marx sustenta sua defesa democrática tendo como base as formas de governo, posição que será revista nos textos posteriores. Não é coincidência que o foco de Marx na *Crítica da filosofia do direito de Hegel* tenha sido a crítica da monarquia constitucional, pois esse era o tema que nosso autor anunciava desde 1842, na troca de correspondências com o editor Arnold Ruge. Toda a defesa hegeliana da monarquia constitucional, para Marx, parte de uma mistificação, qual seja: Hegel não tomou os “sujeitos reais como base do Estado”⁵⁸¹, isto é, não partiu da família e, especialmente, da sociedade civil-burguesa, por isso, a especulação subjetivou o Estado na vontade do monarca e não na vontade do povo. E para defender o monarca, Hegel mistifica até mesmo o mais empírico dos fatos, “ele não diz: a vontade do monarca é a decisão última, mas a decisão última da vontade é... o monarca”, então, arremata Marx, “a primeira frase é empírica. A segunda distorce o fato empírico em um axioma metafísico”⁵⁸². Marx remete a posição hegeliana de defesa da razão de Estado e da consciência de Estado em “uma ‘única’ pessoa empírica, a exclusão de todas as outras”, a certa posição anterior à Revolução Francesa, ao *L'état c'est moi*, o que acaba

⁵⁷⁹ MARX, 2013, p. 683.

⁵⁸⁰ MARX, 2013, p. 997.

⁵⁸¹ MARX, 2010a, p. 44.

⁵⁸² MARX, 2010a, p. 45.

evidenciando neste momento certa aproximação com a visão do *tiers-État*. Sua defesa da democracia se fundamenta na defesa da soberania popular. E não sendo possível haver dupla soberania, ou ela está no monarca ou no povo, “soberania do monarca ou do povo, eis a *question*”⁵⁸³. E a resposta de Marx, contra Hegel, é sem dúvida: do povo. E a única figura de Estado capaz de comportar a soberania popular é a democracia. O que dizemos fica explícito na seguinte passagem:

A democracia é a verdade da monarquia, a monarquia não é a verdade da democracia. A monarquia é necessariamente democracia como incoerência contra si mesma, o momento monárquico não é uma incoerência na democracia. Ao contrário da monarquia, a democracia pode ser explicada a partir de si mesma. Na democracia nenhum momento recebe uma significação diferente daquela que lhe cabe. Cada momento é, realmente, apenas momento do dêmos inteiro. Na monarquia, uma parte determina o caráter do todo. A constituição inteira tem de se modificar segundo um ponto fixo. A democracia é o gênero da constituição. A monarquia é uma espécie e, definitivamente, uma má espécie. A democracia é conteúdo e forma. A monarquia deve ser apenas forma, mas ela falsifica o conteúdo.⁵⁸⁴

Temos no excerto supracitado uma das chaves para bem caracterizar a *Crítica da filosofia do direito de Hegel* como texto de transição entre o pensamento de Marx dos tempos da *Gazeta Renana* e o pensamento marxiano que surgirá a partir de 1844. Marx, nesses manuscritos produzidos no seu “gabinete de estudos”, abandona a defesa do Estado racional que tinha a função de reconhecer, a partir da sua legislatura, na forma de leis gerais um conteúdo, também, geral. Decorre dessa visão, sua defesa da lei de imprensa, do direito consuetudinário dos pobres e da separação entre religião e política. Agora, a democracia aparece no seu pensamento como figura do Estado que é “conteúdo e forma”, ao contrário da monarquia que é uma forma que falsifica o conteúdo. Aqui, Marx ainda aposta em uma certa figura do Estado na qual o conteúdo não contradiz a forma, contudo, diferentemente da *Gazeta Renana*, essa figura do Estado encontra seu fundamento na sociedade civil-burguesa e não no próprio Estado, “na monarquia o todo, o povo, é subsumido a um de seus modos de existência, a constituição política; na democracia, a constituição mesma aparece somente como uma

⁵⁸³ MARX, 2010a, p. 49.

⁵⁸⁴ MARX, 2010a, p. 49.

determinação e, de fato, como autodeterminação do povo”⁵⁸⁵. A inversão sujeito-predicado se faz presente neste momento. O povo não é predicado do Estado, da constituição política; essa é predicado do povo. E somente a democracia é capaz de assimilar a existência efetiva do homem:

Na monarquia temos o povo da constituição; na democracia, a constituição do povo. A democracia é o *enigma* resolvido de todas as constituições. Aqui, a constituição não é somente *em si*, segundo a essência, mas segundo a *existência*, segundo a realidade efetiva, em seu fundamento efetivo, o *homem efetivo*, o *povo efetivo*, e posta como a obra *própria* deste último. A constituição aparece como o que ela é, o produto livre do homem; poder-se-ia dizer que, em um certo sentido, isso vale também para a monarquia constitucional, mas a diferença específica da democracia é que, aqui, a *constituição* em geral é apenas *um* momento da existência do povo e que *a constituição política* não forma por si mesma o Estado.⁵⁸⁶

Na democracia, a constituição política é fruto do “homem efetivo”, do “povo efetivo”, isto é, da soberania popular, aquela é produto dessa última. O ponto de partida da democracia é o homem, sendo o Estado esse homem objetivado, “do mesmo modo que a religião não cria o homem”, elocução que poderia jogar Marx no colo de Feuerbach se não fosse o seu complemento, “assim também não é a constituição que cria o povo, mas o povo a constituição”⁵⁸⁷. Não se trata, portanto, como nos tempos da *Gazeta Renana*, de encontrar um âmbito no Estado para o povo, afinal, na democracia o próprio Estado é o âmbito do povo, pois este o criou. Na democracia, o povo não precisa aguardar que o Estado reconheça o seu direito, porque o Estado aparece como autodeterminação do povo, como diz Marx, “o homem não existe em razão da lei”, como é no caso do Estado racional e do direito racional do período anterior, agora, na democracia, “a lei existe em razão do homem, é a *existência humana*”, ao passo que “nas outras formas de Estado o homem é a *existência legal*”. O direito, como se pode perceber, não foi tomado de maneira negativa, pois continua sendo importante que a lei exista, ainda que em reconhecimento da existência humana, contudo não fica mais a cargo do direito determinar essa existência.

⁵⁸⁵ MARX, 2010a, p. 50.

⁵⁸⁶ MARX, 2010a, p. 50.

⁵⁸⁷ MARX, 2010a, p. 50.

A defesa de Marx da democracia fica mais clara conforme nosso autor compara essa figura estatal com as demais figuras estatais (*Staatsbildungen*), monarquia e república. Para Marx, tanto monarquia quanto república “são uma *forma* de Estado precisa, determinada, *particular*”, ao passo que “na democracia, o princípio *formal* é, ao mesmo tempo, o princípio *material*”, o povo é o princípio formal e material na democracia, por isso, diz Marx, a democracia é “a verdadeira unidade do universal e do particular”. Essa unidade do universal e do particular resulta mais clara quando Marx diz que nas outras figuras de Estado “o homem político tem sua existência particular ao lado do homem não político, do homem privado”, isto é, “a propriedade, o contrato, o matrimônio, a sociedade civil-burguesa aparecem, aqui [...], como modos de existência particulares ao lado do Estado político”, isto é, a vida do homem privado é o conteúdo “com o qual o Estado político se relaciona como forma organizadora, como entendimento que determina, limita, ora afirma, ora nega, sem ter em si mesmo nenhum conteúdo”. Aqui, é importante destacar o modo como Marx encara o “entendimento” dentro de sua limitação, que é não lidar com a contradição, mas afastá-la por meio do seu “ora afirma, ora nega”.⁵⁸⁸ Nas demais formas estatais, o Estado político se relaciona com a sociedade civil-burguesa como esfera separada desta que a organiza e a engloba, diz Marx:

Na democracia, o Estado político na medida em que ele se encontra ao lado desse conteúdo e dele se diferencia, é ele mesmo um conteúdo *particular*, como uma *forma de existência* particular do povo. Na monarquia, por exemplo, este fato particular, a constituição política, tem a significação do *universal* que domina e determina todo o particular. Na democracia o Estado, como particular, é *apenas* particular, como universal é o universal real, ou seja, não é uma determinidade em contraste com os outros conteúdos. Os franceses modernos concluíram, daí, que na verdadeira democracia o *Estado político desaparece*. O que está correto, considerando-se que o Estado político, como constituição, deixa de valer pelo todo.⁵⁸⁹

Segundo pensa Marx neste manuscrito, nas outras formas estatais, até há Estado, lei e constituição, contudo, o Estado domina “sem que ele domine realmente” porque ele não penetra “materialmente o conteúdo das restantes

⁵⁸⁸ MARX, 2010a, p. 50.

⁵⁸⁹ MARX, 2010a, pp. 50-51.

esferas não políticas”; por outro lado, “na democracia, a constituição, a lei, o próprio Estado é apenas uma autodeterminação e um conteúdo particular do povo, na medida em que esse conteúdo é constituição política”⁵⁹⁰. Eis que temos, então, uma defesa da democracia como a verdade das formas estatais, pois nela o Estado político ocupa o seu devido lugar como “conteúdo particular do povo”, mas, também, porque na democracia o Estado político existe sem excluir o Estado não político.

Contudo, a tônica já é distinta em *Sobre a questão judaica*, artigo publicado em 1844, nos *Anais franco-alemães*. E é preciso sempre considerar a distinção entre os textos teóricos publicados pelo autor e aqueles rascunhos que mais serviram ao seu autoesclarecimento, esses podem iluminar certos aspectos daqueles, contudo não possuem valor equivalente à produção teórica publicada. Em *Sobre a questão judaica*, Marx insere uma categoria nova no seu pensamento, algo que não encontramos nos rascunhos, pois, nesse texto, aparece pela primeira vez a relação entre emancipação política, parcial, e emancipação humana, geral.

A emancipação política, reconhece Marx neste artigo, “de fato representa um grande avanço; não chega a ser a forma definitiva da emancipação humana em geral, mas constitui a forma definitiva da emancipação humana dentro da ordem mundial vigente até aqui”⁵⁹¹. Em uma perspectiva marxiana não há *citoyen* sem *bourgeois*, nem direito público sem direito privado. São como as duas faces de Jano, inseparáveis, embora existam tensões e, até mesmo, fricções, mas toda tensão se faz a partir de articulações minimamente compatíveis, dispostas entre si. Tais tensões, e suas limitações, encontram-se muito bem descritas, em uma longa passagem, na qual Marx aborda o momento da “autolibertação humana [que] procura realizar-se sob a forma da autolibertação política”. Diz ele, com as devidas licenças para uma longa citação, mas que se julga necessária:

[...] nos períodos, em que o Estado político é gerado por meio da violência como Estado político a partir da sociedade civil-burguesa, em que a autolibertação humana procura realizar-se sob a forma da autolibertação política, o Estado pode e deve avançar até a abolição da religião, até a destruição da religião; porém, somente na medida em que avance até a abolição da propriedade privada, até o *maximum*, até o confisco, a taxaçoão progressiva, em que avance até a abolição da vida, até a

⁵⁹⁰ MARX, 2010a, p. 51.

⁵⁹¹ MARX, 2010c, p.41.

guilhotina. Nos momentos em que está particularmente autoconfiante, a vida política procura esmagar seu pressuposto, a sociedade civil-burguesa e seus elementos, e constituir-se como a vida real e sem contradição do gênero humano. No entanto, ela só consegue fazer isso caindo em contradição violenta com suas próprias condições de vida, ou seja, declarando a revolução como permanente, e, em consequência disso, o drama político termina tão necessariamente com a restauração da religião, da propriedade privada, de todos os elementos da sociedade civil-burguesa, quanto a guerra termina com a paz.⁵⁹²

Temos, então, os entraves próprios à esfera política, campo no qual Marx lutou durante todo aquele período jornalístico da *Gazeta Renana*. Ao se pretender qualquer emancipação humana geral mediada pelo Estado, este não o faz sem cair “em contradição violenta com suas próprias condições de vida”, isto é, toda revolução política, quando encerrada em si, é reacionária, mantenedora, pois, dos pressupostos da vida burguesa, contrária que é à “revolução permanente”. Por isso, “o drama político termina tão necessariamente com a restauração da religião, da propriedade privada, de todos os elementos da sociedade civil-burguesa”, mas a história não é o drama política. A história não termina com a realização do Estado político, como parecia ser o caso na *Gazeta Renana*. Na esteira de José Chasin⁵⁹³, avista-se, no pensamento marxiano, uma política orientada para a sua própria superação. Na elocução do marxista brasileiro, deve-se “fazer uma política que desfaça a política”, uma verdadeira “metapolítica”, que pode ser assim sintetizada:

[...] a crítica marxiana da política, decifração da natureza da politicidade e de seus limites, e por consequência o desvendamento da estreiteza e insuficiência da prática política enquanto atividade humana racional e universal, donde salto metapolítico ao encontro resolutivo da sociabilidade, essência do homem e de todas as formas da prática humana.⁵⁹⁴

E quanto ao direito? Seria possível pensar uma prática jurídica que desfaça o próprio direito, na forma de um “metadireito”? Sobre essa questão, por certo delicada, Vitor Sartori sugere alguns apontamentos no que ele chama de “heterogeneidade entre direito e política”⁵⁹⁵. A partir do reconhecimento de certa

⁵⁹² MARX, 2010c, p. 43.

⁵⁹³ CHASIN, 2009, p. 65.

⁵⁹⁴ CHASIN, 2009, p. 66.

⁵⁹⁵ SARTORI, 2015, p. 8.

diferença entre essas duas esferas é possível afirmar que “há um acoplamento muito maior do direito em relação à sociedade civil-burguesa que no caso da política”, pois, afirma o autor, “as possibilidades presentes no campo jurídico são consideravelmente menores, dado que este [o direito] somente ‘reconhece oficialmente’, aquilo que é colocado – mediante lutas sociais – noutros ‘terrenos’”. A questão torna-se palpável quando Marx trata dos direitos humanos, os *droits de l’homme*, que não são mais que os direitos do homem que vive na sociedade civil-burguesa⁵⁹⁶. Os direitos à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, reconhecidos “oficialmente” pela constituição francesa de 1793, são “fatos” já há muito presentes na sociedade civil-burguesa. O direito à liberdade é o “reconhecimento oficial” da “liberdade do homem como mônada isolada recolhida dentro de si mesma”; o direito à propriedade privada reconhece a relação já existente entre os indivíduos da sociedade civil-burguesa, que veem no outro a “restrição de sua liberdade”; algo semelhante se pode dizer da igualdade jurídica e da segurança. A primeira é a igualdade formal, típica de sujeitos que trocam equivalentes no mercado, enquanto a segunda, “o conceito social supremo da sociedade burguesa, o conceito da polícia”, vem assegurar a permanência do homem egoísta.

Portanto, longe de se contrapor ao homem egoísta, individualista e encerrado nos seus próprios interesses, como o próprio Marx pensava anteriormente, os direitos humanos reafirmam esse homem, em contraste ao ser humano genérico. Na sociedade civil-burguesa, afirma Marx, “o único laço que os une é a necessidade natural, a carência e o interesse privado, a conservação de sua propriedade e de sua pessoa egoísta [*egoistischen Person*]⁵⁹⁷, sendo o Estado político movido por esses interesses, ao passo que o direito é o reconhecimento, na forma legal, do conteúdo próprio dessa esfera. Como adverte Sartori, portanto, “de modo algum, [Estado e direito] podem trazer à tona qualquer modo de solução das questões sociais”⁵⁹⁸. Nas linhas marxianas, encontra-se da seguinte maneira:

⁵⁹⁶ MARX, 2010c, pp. 49-50.

⁵⁹⁷ MARX, 2010c, p. 50.

⁵⁹⁸ SARTORI, 2015, p. 7.

A revolução política [*politische Revolution*] decompõe a vida burguesa em seus componentes sem revolucionar esses mesmos componentes nem os submeter à crítica. Ela encara a sociedade burguesa [...] como fundamento de sua subsistência, como um pressuposto sem qualquer fundamentação adicional e, em consequência, como sua base natural.⁵⁹⁹

Em contrapartida, a emancipação humana, assegura Marx,

[...] só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão [*Staatsbürger*] abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “*forces propres*” como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma [*Gestalt*] da força política.⁶⁰⁰

Para Marx, então, considerando a diferença entre emancipação política e emancipação humana, não há contradição na confissão do judaísmo, ou do cristianismo, por parte dos indivíduos privados. O Estado, sim, deve se libertar de toda e qualquer religião. Contudo, o “judeu secular real”, esse, que “não se conservou apesar da história, e sim através da história”⁶⁰¹, só poderá ser realmente livre quando se libertar da “religião da necessidade prática”, isto é, do comércio, que “reifica sua essência” por meio da “práxis da alienação”, que se torna “estranha” a ele, submetendo-se dessa maneira à “dominação [*Herrschaft*] de uma essência estranha [*fremden*] a eles e emprestando-lhes a importância de um ser estranho a eles – o dinheiro”⁶⁰². Note-se que a esfinge a desafiar Marx, ao final de *Sobre a questão judaica*, é impreterivelmente a sociedade civil-burguesa, que em Hegel é descrita de forma bastante realista, mas que só encontra solução para as suas questões fora de si, no Estado, que, como visto, resolve as suas contradições apenas parcialmente, politicamente. Portanto, é preciso ir além da solução política, que sequer consegue ser problematizada pelo direito, a emancipação humana se coloca como emancipação em que o indivíduo supera as condições da sociedade civil-burguesa, condições essas que Estado político e direito, encarados agora como partes do problema, ajudam a manter.

⁵⁹⁹ MARX, 2010c, p. 52.

⁶⁰⁰ MARX, 2010c, p. 54.

⁶⁰¹ MARX, 2010c, p.57.

⁶⁰² MARX, 2010c, pp.59-60.

A posição de Marx frente ao Estado político é antagônica àquela desenvolvida na *Gazeta Renana*, quando a luta fundamental era a realização desse Estado na Alemanha. A partir de 1844, “o Estado político pleno constitui, por sua essência, a vida do gênero humano em oposição à sua vida material”, por isso, ele é um avanço frente à feudalidade, a qual sequer reconhece a existência do gênero humano. Contudo, no programa de Marx, é necessário seguir realizando o gênero humano para além do Estado político, afinal, “todos os pressupostos [da] vida egoísta continuam subsistindo fora da esfera estatal na sociedade civil-burguesa”, mas “como qualidades da sociedade civil-burguesa”. É preciso se emancipar, então, das condições materiais que sobrevivem na sociedade civil-burguesa, pois onde ocorreu a emancipação política e “o Estado político atingiu a sua verdadeira forma definitiva”, o homem se duplicou, levando, desse modo, “uma vida dupla não só mentalmente, na consciência, mas também na realidade, na vida concreta”, como cidadão e burguês. O Estado político e o direito não realizam a liberdade e a igualdade do gênero humano, haja vista que coexistem “uma vida celestial e uma vida terrena, a vida na comunidade política, na qual ele se considera um ente comunitário, e a vida na sociedade burguesa, na qual ele atua como pessoa particular”.⁶⁰³ A degradação do gênero humano levada adiante no tratamento das pessoas como meio e juguete permanece no Estado político como vida apartada, como vida na sociedade civil-burguesa. E todas as tentativas de solução política para essa degradação, como Marx argumenta em outro texto de 1844, chamado *Glosas críticas marginais ao artigo "o rei da Prússia e a reforma social" de um prussiano*, foram infrutíferas. Mas em *Sobre a questão judaica* já encontramos a impotência do Estado político em relação aos problemas originados na sociedade civil-burguesa:

A relação entre o Estado político e a sociedade burguesa é tão espiritualista quanto a relação entre o céu e a terra. A antítese entre os dois é a mesma, e o Estado político a supera da mesma maneira que a religião supera a limitação do mundo profano, isto é, sendo igualmente forçado a reconhecê-la, produzi-la e deixar-se dominar por ela. Na sua realidade mais imediata, na sociedade burguesa, o homem é um ente profano. Nesta, onde constitui para si mesmo e para outros um indivíduo real, ele é um fenômeno inverídico. No Estado, em contrapartida, no qual o homem equivale a um ente genérico, ele é o membro imaginário de uma

⁶⁰³ MARX, 2010c, p. 52.

soberania fictícia, tendo sido privado de sua vida individual real e preenchido com uma universalidade irreal.⁶⁰⁴

Como dissemos, a questão é voltar para a sociedade civil-burguesa, apreender sua anatomia, sem a ilusão política e jurídica. Já naquele texto mencionado por Marx no prefácio de 1859, na *Crítica da filosofia do direito de Hegel – introdução*, temos que “a crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasia ou consolo, mas para que se desvencilhe deles e a flor viva desabroche”⁶⁰⁵, embora bastante similar a certa passagem da *Gazeta Renana*, já analisada no capítulo anterior, a qual visava defender a realização do Estado político e do direito racional na Alemanha, essa passagem acima referida ganha novos contornos diante da sua crítica da politicidade e do direito instaurada pelo novo horizonte emancipatório, o da emancipação humana. Não se trata mais de emancipar-se parcialmente por meio do Estado, não há mais o “além da verdade”, mas tão somente a verdade desprovida de “fantasia ou consolo”, na qual o homem suporta os “grilhões” efetivos, e “o poder material tem de ser derrubado pelo poder material”⁶⁰⁶.

À crítica da teologia, tomada por Marx como pressuposto de toda crítica, soma-se a crítica do Estado e do direito, tomados, assim, também, como “flores imaginárias”, dito de outro modo, a liberdade imaginária, pois, como nosso próprio autor escreve, “a crítica do céu transforma-se, assim, na crítica da terra, a *crítica da religião*, na *crítica do direito*, a *crítica da teologia*, na *crítica da política*”. Essa passagem é reveladora do grau de *maturidade* da percepção marxiana, maturidade que a perspectiva do *corte* não é capaz de apreender, pois, em linguagem engelsiana, podemos dizer que em 1844 Marx já havia percebido a necessidade de transformar a crítica da “concepção teológica de mundo” na crítica da “concepção jurídica de mundo”, terreno novo, “fadada a se tornar clássica para a burguesia” e para a qual seria necessário mirar o canhão da crítica. Não é, portanto, por acaso, que no texto que ora analisamos aparece pela primeira o sujeito cujo destino irremediável é lutar contra as condições desse novo mundo criado pela burguesia, o proletariado. As possibilidades para uma revolução

⁶⁰⁴ MARX, 2010c, p. 52.

⁶⁰⁵ MARX, 2010b, p. 146.

⁶⁰⁶ MARX, 2010b, p. 151.

radical, metapolítica, são depositadas “na formação [*Bildung*] de uma classe com grilhões radicais, de uma classe da sociedade civil-burguesa que não seja uma classe da sociedade civil-burguesa”, isto é, a classe do proletariado, “que não [reivindica] nenhum direito particular porque contra ela não se comete uma injustiça particular, mas a injustiça por excelência”, por conseguinte, “que não pode se emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas da sociedade e, com isso, sem emancipar todas essas esferas”⁶⁰⁷. Bem distante da solução dada por Marx ao problema dos pobres na Alemanha nos tempos da *Gazeta Renana*, isto é, sua inclusão no âmbito do Estado político por meio do reconhecimento de direitos de cidadania.

No final desse período, Marx chega “à conclusão de que a anatomia da sociedade civil-burguesa deve ser procurada na economia política”, pois não cabe mais à filosofia fazer “abstração do homem efetivo”, contentando-se com a suprassunção ao modo hegeliano, espécie de sublimação do existente na figura do Estado, que não passa da reconciliação, o qual satisfaz “o homem total de uma maneira puramente imaginária”. Foi essa procura que o levou a produzir os famosos *Manuscritos de Paris*, escritos em 1844, mais conhecidos como *Manuscritos econômico-filosóficos*. Nesses manuscritos de Paris, Marx diz ter empreendido uma “crítica do direito e da ciência do Estado sob a forma de uma crítica da filosofia hegeliana do direito”⁶⁰⁸ nos *Anais franco-alemães*, assim, temos o próprio autor se autoproclamando crítico ao direito, o que nos conduz ao cerne dessa tese, demonstrar que a gênese da crítica ao direito em Marx ocorre nos anos de 1843 e 1844, imediatamente após a sua saída de cena com a demissão da *Gazeta Renana*, sem esquecer que a *Crítica da filosofia do direito de Hegel* constitui texto de transição entre um momento e outro.

Quanto aos Manuscritos de 1844, parece-nos que o autor caminha um pouco mais e passa a vislumbrar os próprios limites de uma crítica ao direito. O seu objetivo com esses escritos é encontrar o fundamento “da conexão entre economia nacional e o Estado, o direito, a moral, a vida civil (*bürgerliches Leben*)”⁶⁰⁹. Nesse escrito, encontramos três cadernos nos quais Marx aborda

⁶⁰⁷ MARX, 2010b, p.156.

⁶⁰⁸ MARX, 2010d, p. 19.

⁶⁰⁹ MARX, 2010d, p. 19.

questões como: ganho do capital, renda da terra, trabalho estranhado e propriedade privada, crítica da dialética e da filosofia hegelianas em geral, propriedade privada e comunismo. Em todos eles, o direito não é mistificado. Marx adota como ponto de partida a “realidade efetiva”, que, agora, é investigada desde a crítica da economia política, ainda chamada pelo autor de economia nacional. Portanto, não é um acaso Marx iniciar, por exemplo, os manuscritos relativos ao “Ganho do Capital” e à “Renda da terra” com citações de Jean-Baptiste Say, como destacado por Helena de Assis Mota, que atesta a atenção do autor quanto à “estrutura jurídica”. Segundo a autora, “as próprias citações selecionadas por Marx permitem inferir que ele considerava as relações e implicações de toda a estrutura jurídica na qual se baseavam as relações econômicas que desvendava”⁶¹⁰. No entanto, a partir da posição adotada já nos Manuscritos de Kreuznach, no qual “o verdadeiro fundamento da propriedade privada, a posse, é um fato, [...] não um direito”, nesta tese, entendemos diferente essa questão. Reputamos que o motivo que levou Marx a iniciar os aludidos manuscritos com citações referentes ao direito é o fato do terreno jurídico, mistificado pela concepção jurídica de mundo, ter a aparência criadora das “relações econômicas”, “baseando-as”, como diz a própria autora da análise do texto marxiano, quando, na realidade efetiva, a coisa se processa de maneira diversa, pois o direito se limita às potencialidades da própria realidade efetiva, vista a partir das relações e das condições existente na sociedade civil-burguesa, seu ponto de partida desde os manuscritos de Kreuznach.

Partindo dos “pressupostos da economia nacional”, aceitando, pois, “sua linguagem e suas leis”, Marx constatou “que o trabalhador baixa à condição de mercadoria e à de mais miserável mercadoria”, e acrescenta, “que a miséria do trabalhador se põe em relação inversa à potência (Macht) e à grandeza (Grösse) da sua produção”, e que, portanto, “o resultado necessário da concorrência é a acumulação de capital em poucas mãos”. Desaparece, ainda, “a diferença entre o capitalista e o rentista fundiário (Grundrentner)”, bem como “entre o agricultor e o trabalhador em manufatura”, de modo que, “no final das contas, toda a sociedade tem de decompor-se nas duas classes dos proprietários e dos trabalhadores sem

⁶¹⁰ MOTA, 2011, p. 69.

propriedade”⁶¹¹. O autor não busca explicar a “miséria do trabalhador”, a “acumulação de capital” ou a decomposição da sociedade “nas duas classes dos proprietários e dos trabalhadores sem propriedade” a partir de transformações ou conquistas no terreno do direito. A solução também não passa por encontrar no Estado político um âmbito de reconhecimento de direitos capaz de os tornar membros do Estado. A própria economia nacional, como atestam as citações de Say, é condescendente à mística concepção jurídica de mundo, pois ela mesma “parte do fato dado e acabado da propriedade privada”, por isso, diz Marx:

Ela percebe o processo material da propriedade privada, que passa, na realidade (Wirklichkeit), por fórmulas [*Formeln*] gerais, abstratas [*abstrakte*], que passam a valer como leis para ela. Não concebe (begreift) estas leis, isto é, não mostra como tem origem na essência da propriedade privada [...] ela supõe o que deve [*soll*] desenvolver.⁶¹²

A dicção marxiana é distinta, por exemplo, de quando o autor, ainda jornalista da *Gazeta Renana*, analisou as legislações que sucederam o sistema feudal e que deveriam resolver o problema da miséria, mas não o fizeram. Diz ele à época:

[...] em relação ao Direito Privado, as legislações mais liberais se limitaram a formular e elevar a um nível universal os direitos que encontraram já existindo. Onde não encontraram tais direitos, não criaram nenhum [...]. Seu comportamento foi correto por opor-se àqueles que possuíam costumes, situados além do Direito, porém foi incorreto por proceder contra os que possuíam costumes, a despeito do Direito.⁶¹³

Marx situa a miséria real dos camponeses do Vale de Mosela, dentre outros motivos, no fato de não se ter reconhecido os direitos, nas novas “legislações liberais”, dessa parcela mais miserável da sociedade civil-burguesa, a quem se negou a participação na “esfera superior de direitos”. A posição no período investigado é completamente outra, o autor busca na realidade efetiva da vida material a causa real da miséria real do trabalhador. O salário, por exemplo, não é a lei do salário ou o direito ao salário, mas “é determinado mediante o

⁶¹¹ MARX, 2010d, p. 79.

⁶¹² MARX, 2010d, p. 79.

⁶¹³ MARX; ENGELS, 1975a, p. 207, tradução nossa.

confronto [*Kampf*] hostil entre capitalista e trabalhador”⁶¹⁴, o direito surge, nesse sentido, *post factum*, reconhecendo oficialmente o resultado daquele “confronto hostil”, mas nunca como algo que por si põe a própria realidade, criando-a, inclusive. Sobre a luta por melhores salários, é ilustrativa a posição de Marx já no final da vida sobre a luta pela regulação por lei do salário mínimo. Marx foi contra a inclusão dessa pauta no programa eleitoral dos trabalhadores socialistas franceses, manifestando incredulidade quanto a certas reivindicações jurídicas. Marx acusa de tolice colocar no programa os “salários mínimos fixados por lei” e disse “que se o proletariado francês era tão pueril a ponto de exigir esses paliativos, então não vale a pena elaborar qualquer programa”⁶¹⁵.

Enquanto no terreno do direito, trabalhadores e capitalistas são iguais, na realidade efetiva os trabalhadores são, por meio do “salário habitual”, reduzidos à *simple humanité*, ou seja, a uma “existência animal”. Mesmo na situação que lhe seja mais favorável, ao trabalhador é destinado “sobretabalho e morte prematura, descer à condição de máquina, de servo do capital que se acumula perigosamente diante dele”⁶¹⁶. Os afamados Direitos do Homem – igualdade, liberdade, propriedade e segurança – não podem pertencer ao trabalhador, que “de um homem é reduzido a uma atividade abstrata e uma barriga”⁶¹⁷. O salário não garante a reprodução do ser humano, mas tão somente do trabalhador, essa “classe de escravos”⁶¹⁸. O trabalhador é “servo do capital” e “classe de escravos”. Merece destaque, portanto, a negação explícita a qualquer concepção jurídica de mundo, pois não há maior fonte de orgulho dos juristas de todas as épocas que a igualdade jurídica, substituta da ordem servil típica da feudalidade, portanto, não se pode compreender as referências de Marx à “servidão”, bem como à “escravidão”, como meros recursos retóricos. Aqui, encontramos uma distinção importante entre os textos da *Gazeta Renana* e a produção marxiana posterior. Enquanto lá nos tempos do “periódico democrático”, a animalidade, típica da feudalidade, resolvia-se na inclusão dos indivíduos na esfera superior do direito do Estado, reconhecendo o direito humano contra o

⁶¹⁴ MARX, 2010d, p. 23.

⁶¹⁵ MARX; ENGELS, 2010, p. 44, tradução nossa.

⁶¹⁶ MARX, 2010d, p. 27.

⁶¹⁷ MARX, 2010d, p. 26.

⁶¹⁸ MARX, 2010d, p. 28.

direito animal do privilégio; nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, a vida animal é a vida da própria sociedade civil-burguesa e que não se resolve mais na “universalidade irreal” do Estado político pleno, que, embora reconheça o direito humano, este não realiza a universalidade real do gênero humano.

Ainda nos Manuscritos de 1844, apontamos para uma passagem resolutiva do autor alemão em relação ao direito, que, se comparada àquela passagem da *Gazeta Renana*, na qual o jovem jornalista defende a imortalidade do direito, deixará bastante explícita a sua mudança de posição frente não somente ao Estado, mas ao direito, também. Escreve Marx, criticando Hegel:

Aqui está a raiz do falso positivismo de Hegel ou de seu criticismo apenas aparente; o que Feuerbach indicou como pôr, o negar e o restaurar da religião ou teologia, o que é, porém, de se apreender de modo mais universal. A razão está, pois, junto de si na não-razão enquanto não-razão. O homem que reconheceu levar no direito, na política etc. uma vida exteriorizada, leva nesta vida exteriorizada, enquanto tal, sua verdadeira vida humana.⁶¹⁹

Na passagem seguinte, Marx explica melhor os limites da filosofia hegeliana, notemos que a repercussão dessa passagem para o direito é simplesmente avassaladora, diz ele:

Assim, por exemplo, na filosofia do direito de Hegel, o direito privado suprassumido = moral, a moral suprassumida = família, a família suprassumida = sociedade civil-burguesa, a sociedade civil-burguesa suprassumida = Estado, o Estado suprassumido = história mundial. **Na realidade efetiva, continuam subsistindo direito privado, moral, família, sociedade civil-burguesa, Estado etc., apenas se tornam momentos, existências e modos de existências do homem, que não têm validade isoladas.**⁶²⁰

E não para por aí, como se já não bastasse, continua o autor alemão:

Na sua existência efetiva, esta essência móvel está oculta. Manifesta-se, revela-se, em primeiro lugar, no pensar, na filosofia, e por isso minha verdadeira existência religiosa é minha existência (Dasein) filosófico-religiosa, minha verdadeira existência política é minha existência filosófico-jurídica [...].⁶²¹

⁶¹⁹ MARX, 2010d, p. 130.

⁶²⁰ MARX, 2010d, p. 130, grifo nosso.

⁶²¹ MARX, 2010d, p. 130.

Na crítica da *negação da negação*, momento fundamental da dialética hegeliana, Marx parece ter encontrado o movimento capaz de fornecer à sua dialética uma tonalidade “crítica e revolucionária”, como nos fala em *O capital*. Além disso, nas passagens destacadas, é possível capturar a posição de Marx frente ao direito de um modo mais preciso. Segundo ele, o direito, assim como a moral, a família, a sociedade civil-burguesa e o Estado, deve ser superado não mais de um modo filosófico, mas real e efetivamente. Contudo, devemos levar em consideração a *diferença específica* entre direito, moral, política, religião, arte etc. Na Ideologia alemã, obra de 1845 – 1846, Marx se refere à “ilusão jurídica”, que “reduz o direito à mera vontade”, por isso, juristas e “todos os códigos jurídicos em geral” explicam as relações entre indivíduos como algo acidental, tal qual os economistas políticos consideram que essas relações “podem ser estabelecidas ou não a depender da vontade, e cujo conteúdo repousa inteiramente sobre o arbítrio individual dos contratantes”. Certa posição que parte do direito já toma uma realidade ilusória, pois não compreende que “sempre que, por meio do desenvolvimento da indústria e do comércio, surgiram novas formas de intercâmbio, [...] o direito foi, a cada vez, obrigado a admiti-las entre os modos de adquirir a propriedade”⁶²². Se na *Gazeta Renana*, tratava-se de luta pelos códigos, bíblias da liberdade de um povo, agora, os códigos são ilusões incapazes de explicar as relações de um modo necessário. Com clareza, ele afirma: “não se pode esquecer que o direito, tal como a religião, não tem uma história própria”⁶²³. À luz dos desenvolvimentos posteriores, a posição de Marx nos Manuscritos de 1844 com relação ao direito confirma o percurso anterior, que ganha maior detalhamento a partir da crítica ontológica da economia política, a qual, “ao contrário de reduzir ou unilateralizar, induz e promove a universalização, estendendo o âmbito da análise desde a raiz ao todo da mundanidade, natural e social, incorporando toda gama de objetos e relações”⁶²⁴. O pensamento marxiano é avesso a toda e qualquer vulgata que pretenda reduzir a realidade efetiva a modelos constituídos por um pensamento *a priori*; parte-se, não há outra maneira, da realidade efetiva, dos homens efetivos.

⁶²² MARX; ENGELS, 2007, p. 77.

⁶²³ MARX; ENGELS, 2007, p. 76.

⁶²⁴ CHASIN, 2009, p. 77.

Em Kreuznach, adianta que o direito não é o “verdadeiro fundamento” da propriedade privada, sendo esta, antes, algo que aparece como “fato inexplicável”, isto é, algo que está presente na realidade efetiva, que não surge da ideia, mas do próprio movimento do real, das relações engendradas na sociedade civil-burguesa. Nos Manuscritos, a questão é encontrar o “fundamento [...] da conexão entre economia nacional e o Estado, o direito, a moral, a vida civil”, isso tudo “na medida em que a economia nacional mesma [...] trata destes objetos”⁶²⁵. Ainda em 1844, Marx continua sua caminhada e, nas *Glosas críticas marginais ao artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social”*, encontramos finalmente um tratamento público do autor sobre a relação entre Estado político e economia, não podemos esquecer que os *Manuscritos econômico-filosóficos* são, na verdade, rascunhos dos seus primeiros estudos sobre economia política, portanto, não deixam de se situar nos limites próprios desse tipo de material. O texto *Glosas críticas marginais ao artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social”* é uma excelente amostra dos resultados a que chegava o pensador alemão após quase dois anos de investigação acerca da “anatomia da sociedade civil-burguesa”, essa coisa cuja lógica interessava desvendar. O texto também constitui o primoroso exemplo de análise concreta, na qual a “prioridade ontológica do objeto” é levada às últimas consequências.

Quanto ao terreno do direito, o texto é sutil, o que deixa o “leitor jurídico” em apuros, afinal, como pode o texto dar tratamento ao “terreno do direito”, inclusive de maneira crítica, sem proferir, pelo menos textualmente, uma vez sequer a palavra “direito” ou expressão que o valha? De pronto, deve-se aludir à leitura imanente, que permite a apreensão do objeto no seu desenvolvimento interno desde as origens – os “verdadeiros fundamentos”. Essa “investigação genética”, não nos custa repetir, permite “a captura *imanente* da entificação examinada”, isto é, “a *reprodução analítica* do discurso através de seus próprios meios é preservada em sua identidade, a partir da qual, e sempre no respeito a essa integridade fundamental”, procurando “esclarecer o intrincado de suas origens e desvendar o rosto de suas finalidades”⁶²⁶. Portanto, a compreensão da crítica de Marx ao terreno do direito demanda esforço de apreensão imanente do objeto, do

⁶²⁵ MARX, 2010d, p. 19.

⁶²⁶ CHASIN, 2009, p. 40.

itinerário crítico do pensamento do autor, por isso, defende-se que a “ausência” de referências ao direito, salvo raras exceções, é verdadeira “censura” à concepção jurídica de mundo, em si ilusória. Agora, “o homem é o mundo do homem”⁶²⁷, não é o mundo do direito, do Estado, da religião. Finalmente, “a verdade do aquém” se impõe “na crítica da terra”, qual seja, “a crítica da religião, na crítica do direito, a crítica da teologia, na crítica da política”⁶²⁸, como, também, já aludimos anteriormente. Assim, as *Glosas marginais* seguem as veredas da fina crítica marxiana.

O fundamento da crítica marxiana a Ruge, a quem se dirige nas *Glosas*, é que este, quando da ocasião da revolta dos trabalhadores silesianos, atribui a incompreensão, diga-se truculência, do Estado prussiano no trato da questão social ao seu caráter não-político, cabendo, assim, ao “Estado plenamente político” a solução dos problemas sociais. Somente um Estado verdadeiramente político, universal e racional, portanto, é capaz de solucionar a questão social que aparece na greve dos trabalhadores. É uma aposta na “esfera da política”. E mais: a mesma falta de entendimento político que caracteriza o governo também se apresenta no movimento dos trabalhadores alemães, incapazes de vislumbrar algo além da revolta. Esse era o cerne da argumentação de Ruge, segundo Marx.

A crítica endereçada ao “prussiano”, como Ruge assinou o seu artigo, é o motivo que Marx precisava para tratar da “relação geral da política com as enfermidades sociais”⁶²⁹. Para tanto, analisa, especialmente, o caso da Inglaterra, que é, decididamente, a nação capitalista mais avançada, e, portanto, não há suspeita do seu caráter político. Se há uma nação política, essa nação é a Inglaterra. Tal predileção por acompanhar de perto o desenvolvimento do que havia de mais avançado remete à famosa passagem dos *Grundrisse*:

A anatomia do ser humano é uma chave para a anatomia do macaco. Por outro lado, os indícios de formas superiores nas espécies animais inferiores só podem ser compreendidos quando a própria forma superior já é conhecida. Do mesmo modo, a economia burguesa fornece a chave da economia antiga etc. Mas de modo algum à moda dos economistas, que apagam todas as diferenças históricas e veem a sociedade burguesa em todas as formas de sociedade.⁶³⁰

⁶²⁷ MARX, 2010b, p. 145.

⁶²⁸ MARX, 2010b, p. 147.

⁶²⁹ MARX; ENGELS, 1982, p. 446, tradução nossa.

⁶³⁰ MARX, 2011a, p. 84.

Com os olhos voltados para a Inglaterra, Marx vai à raiz do problema ao perguntar como o Estado político inglês resolve o problema da miséria, isto é, como um Estado indubitavelmente político resolve suas questões sociais. E a resposta é mais uma vez a crítica da politicidade, com desdobramentos mais radicais, pois parte, agora, das suas primeiras incursões na crítica da economia política, que o permitiu conhecer melhor a “anatomia da sociedade civil-burguesa”, tanto que “o proletariado [nesse estágio] já deveria ter alcançado [na Alemanha] uma força decisiva para sufocar antipatias e antagonismos políticos e atrair contra si toda a hostilidade da política”⁶³¹. Diferentemente de Arnold Ruge⁶³², Marx não vislumbrava mais para a Alemanha a solução via mera emancipação política, ou seja, constituição de um Estado plenamente político. Vejamos como essa crítica se coloca por meio da pena do próprio autor e, ainda mais, como os seus desdobramentos são destruidores em relação ao direito, embora não o cite de forma explícita.

Marx confronta a economia política inglesa, “expressão mais clara da interpretação inglesa do pauperismo”, seu “reflexo científico”, com a miséria real dos trabalhadores ingleses, isto é, a:

grande beleza natural, os fantásticos trapos dos pobres ingleses e a carne ao mesmo tempo murcha e enrugada das mulheres consumidas pelo trabalho e pela miséria; as crianças deitadas no esterco; as aberrações criadas pela sobrecarga física na mecânica monótona das fábricas! Últimos detalhes favoritos da prática: a prostituição, o assassinato e a força!⁶³³

Marx sabe que a “relação geral da política com as enfermidades sociais” tem seu ponto de partida na realidade efetiva. Nessa perspectiva, o Estado político inglês observa paulatinamente o pauperismo aumentar à medida que as soluções políticas são postas em prática. Tais soluções, contrariando a tese de que em Marx predomina a noção de Estado-coerção, são postas na conta tanto da administração

⁶³¹ MARX; ENGELS, 1982, p. 449, tradução nossa.

⁶³² A ruptura com A. Ruge já se encontra desenhada no itinerário teórico de Marx. Contudo, é possível acompanhar o desenvolvimento dessa ruptura nas cartas entre Marx-Ruge, entre março e setembro de 1843, quando debatiam os preparativos dos Anais Franco-alemães.

⁶³³ MARX; ENGELS, 1982, p. 551, tradução nossa.

quanto da assistência, que, em suma, passam necessariamente pela aprovação de legislações sensíveis à questão social. Contudo, o pensamento marxiano é arisco aos modelos, devendo, por isso, “necessariamente levar em conta as particularidades das vias de entificação do capitalismo e as correspondentes expressões concretas das formas políticas que a dominação econômica assume”⁶³⁴. Ao analisar “A chamada acumulação primitiva”, no livro primeiro de *O Capital*, Marx ressalta que “sua história [da acumulação primitiva] assume tonalidades distintas nos diversos países e percorre as várias fases em sucessão diversa e em diferentes épocas históricas”⁶³⁵. Nesse sentido, o recurso da “administração e da benevolência” não será a única maneira política de solucionar os males sociais, o processo toma “tonalidades distintas”, tanto na Inglaterra quanto em outras nações, pois, observando que a miséria só aumenta, o parlamento inglês resolve culpar os pobres da sua própria situação de pobreza e o resultado disso é a sua criminalização. Observemos como essa dinâmica é capturada pela análise marxiana, que diz:

O significado geral que a Inglaterra política obteve do pauperismo limita-se ao fato de que, no curso do desenvolvimento, apesar das medidas administrativas, o pauperismo se tornou uma instituição nacional e, portanto, inevitavelmente objeto de uma administração ramificada e ampla, uma administração que, entretanto, não tem mais a função de sufocá-lo, mas de discipliná-lo, de perpetuá-lo. Essa administração desistiu de tentar estancar a fonte do pauperismo por meios positivos; ela se contenta em cavar, com ternura policial, um leito de morte para ele sempre que ele borbulha na superfície do país oficial. O Estado inglês, longe de ir além das regras administrativas e benevolentes, desceu muito abaixo delas. Ele apenas administra o pauperismo, que em desespero se deixa apanhar e prender.⁶³⁶

Afastando toda e qualquer possibilidade de “autonomização da política”⁶³⁷, a “lição geral” é concebida “no curso do desenvolvimento” do caso concreto da Inglaterra, que não se enquadra na *tipificação* seja do Estado ampliado ou do Estado-coerção, pois “bem longe de ultrapassar as medidas de administração e de assistência, o Estado inglês desceu muito abaixo delas”. Quanto à solução da questão social, o Estado inglês apenas a administra,

⁶³⁴ PAÇO CUNHA, 2015, p. 6.

⁶³⁵ MARX, 2013, p. 963.

⁶³⁶ MARX; ENGELS, 1982, p. 453, tradução nossa.

⁶³⁷ PAÇO CUNHA, 2015, p. 10.

controlando-a das mais diversas formas. Convivem os “meios positivos”, legais, com a “ternura policial”, que se torna recurso viável sempre que a questão social “transborda para a superfície do país oficial”. Portanto, concorda-se com o destaque dado por Elcemir Paço Cunha, que diz:

Por um lado, as medidas administrativas (leis e políticas sociais) e a beneficência e, por outro, algo inferior centrado na repressão, convertendo os problemas sociais em problemas de polícia. O movimento desses dois modos expressa que, ao fim, trata-se de administrar, e não resolver, a pobreza como ponto alto da ação política. É, portanto, a conversão dos efeitos da contradição historicamente determinada em objeto de administração, num movimento real da forma política não estacionada em um único momento, o repressivo.⁶³⁸

Portanto, não há nada de particular, como alude Ruge, no fato de o Governo prussiano não solucionar as questões sociais via administração, nem mesmo no tratamento policial, repressivo, com que resolveu o caso dos trabalhadores silesianos. A eliminação do pauperismo é a eliminação das próprias condições sociais que gestam continuamente a classe proletária, isto é, a superação da sociedade civil-burguesa. Contudo, não é essa a finalidade – eliminar a sociedade civil-burguesa – do “entendimento político”, afinal, seria caso de suicídio, embora, mesmo os “políticos mais radicais e [os] revolucionários”, deixem-se iludir, identificando o “fundamento do mal” não na “essência do Estado”, inseparável do movimento real da forma política, “mas numa determinada forma de Estado”.⁶³⁹ É importante não se deixar levar pela ilusão que contrapõe a “vida civil-burguesa” e a “vida pública”, o “interesse privado” e o “interesse público”, o “direito privado” e o “direito público”, a “doutrina da concorrência” e a “doutrina do monopólio”, a “doutrina da liberdade industrial” e a “doutrina da corporação”, pois essa conflituosidade, embora existente, é conformadora do próprio Estado, que “admite a existência de problemas sociais, procura-os ou em leis da natureza, que nenhuma força humana pode comandar, ou na vida privada, que é independente dele, ou na ineficiência da administração, que depende dele”.⁶⁴⁰

Não se trata de um acidente de percurso que um político bem-intencionado, até que há, isso é certo, não consiga resolver os problemas sociais,

⁶³⁸ PAÇO CUNHA, 2015, pp. 10-11.

⁶³⁹ MARX, ENGELS, 1982, p. 455, tradução nossa.

⁶⁴⁰ MARX, ENGELS, 1982, p. 455, tradução nossa.

ou que as políticas públicas sempre pareçam insuficientes. A “boa vontade política”, que reduz as condições de existência à mera escolha de indivíduos “iluminados”, não toca em nada a ação do Estado, que “[...] não pode eliminar a contradição entre a função e a boa vontade da administração, de um lado, e os seus meios e possibilidades, de outro, sem eliminar a si mesmo, uma vez que repousa sobre essa contradição”⁶⁴¹. Portanto, segundo o pensamento marxiano:

Se o Estado moderno quisesse suprimir com a impotência da sua administração, teria que suprimir com a atual vida privada. Se ele quisesse suprimir a vida privada, deveria suprimir a si mesmo, uma vez que ele só existe como antítese dela. Mas nenhum ser vivo acredita que os defeitos de sua existência tenham a sua raiz no princípio da sua vida, na essência da sua vida, mas, ao contrário, em circunstâncias externas à sua vida. O suicídio é contra a natureza. Por isso, o Estado não pode acreditar na impotência interior da sua administração, isto é, de si mesmo.⁶⁴²

A solução passa agora pela ultrapassagem do limitado “entendimento político”, construindo, como já mencionado, uma prática social *metapolítica*, só possível a partir da ação organizada da classe trabalhadora, como é o caso das manifestações dos trabalhadores silesianos, de modo que “por mais parcial que seja uma revolta industrial, ela encerra em si uma alma universal; e por mais universal que seja a revolta política, ela esconde, sob as formas mais colossais, um espírito estreito”. Temos, então, uma ação que visa superar a estreiteza da revolta política, fazendo-se revolta social. O processo é contraditório e deve ser compreendido na sua dinâmica, pois, salienta o pensador alemão, mesmo o proletariado, em condições nas quais o “entendimento político” se encontra mais desenvolvido, “gasta suas forças em insensatas e inúteis revoltas sufocadas em sangue”, especialmente no início do movimento. Isso se deve, explica Marx, ao fato de que esse sujeito “pensa na forma política, vê o fundamento de todos os males na vontade e todos os meios para remediá-los na violência e na derrocada de uma determinada forma de Estado”. O entendimento político serve à vida do trabalhador como uma ilusão, tornando “obscuras as raízes da miséria social”⁶⁴³. Não é mais o caso, como defende Ruge, de criticar uma determinada forma de

⁶⁴¹ MARX, ENGELS, 1982, p. 456, tradução nossa.

⁶⁴² MARX, ENGELS, 1982, p. 456, tradução nossa.

⁶⁴³ MARX, ENGELS, 1982, p. 461, tradução nossa.

Estado em favor de um outro. O proletariado tem seu antagonismo nas condições de vida da sociedade civil-burguesa, e não no rei ou no parlamento.

Devemos admitir que a política exerce uma função perecível no seio do processo social que conduz à revolução, que, contudo, não pode ser preterida pelo socialismo, pois, “logo que tenha início a sua atividade organizativa, [...] que apareça o seu próprio objetivo, a sua alma, então o socialismo se desembaraça do seu revestimento político”⁶⁴⁴. O pensamento marxiano certamente é crítico do “entendimento político”, que não resolve os problemas sociais, mas, manipula-os por meio da administração e das leis de assistência, ganhando relevo tanto a concessão de direitos quanto a implementação de políticas assistenciais, além de estar sempre no horizonte político o tratamento policial da questão social. Ao não se “desembaraça[r] do seu revestimento político”, atesta Marx, “todas as revoluções somente aperfeiçoaram a máquina em vez de quebrá-la”, logo “a classe operária não pode simplesmente se apossar da máquina do Estado tal como ela se apresenta e dela servir-se para seus próprios fins”⁶⁴⁵. Vislumbramos, então, que as *Glosas* constituem um passo importante à crítica ao direito na medida em que Marx aprofunda sua crítica do “entendimento político” e das soluções, também jurídicas, que esse entendimento formula para os problemas sociais, como o problema da miséria e do pauperismo, em particular. Contudo, algo mais pesa sobre o direito, que diferente da política, tem seu papel diminuído no processo de transformação radical da sociedade. Se podemos pensar, com Marx, usando a expressão de Chasin, em termos de *metapolítica*, o mesmo procedimento não é possível quanto ao direito, um *metadireito* é impossível. E essa impossibilidade ocorre pelo “acoplamento” do direito em relação à sociedade civil-burguesa.⁶⁴⁶ Nos textos posteriores ao período analisado nesta tese, esse acoplamento entre direito e sociedade civil-burguesa, do qual nos fala Sartori, fica ainda mais explicitado no pensamento do autor. Em uma dessas obras, que Marx já planejava a publicação, como é possível apreender das suas cartas do final de 1844, lemos:

O Estado moderno reconhece essa sua base natural [a sociedade civil-burguesa], enquanto tal, nos *direitos gerais do homem* [*allgemeinen*

⁶⁴⁴ MARX, ENGELS, 1982, p. 463, tradução nossa.

⁶⁴⁵ MARX, 2011b, p. 54.

⁶⁴⁶ Cf. Sartori (2015) e Paço Cunha (2015).

Menschenrechten]. Mas não os criou. Sendo como é, o produto da sociedade burguesa, impulsionada por seu próprio desenvolvimento até mais além dos velhos vínculos políticos, ele mesmo reconhece, por sua vez, seu próprio local de nascimento e sua própria base mediante a proclamação [Proklamation] dos direitos humanos.⁶⁴⁷

O pensamento marxiano é límpido quanto ao lugar do direito, reconhecendo oficialmente os fatos, sendo, pois, “produto da sociedade civil-burguesa”. A concepção jurídica de mundo, tal qual a concepção religiosa nos tempos da feudalidade, manipula o real, invertendo a “lógica da coisa” ao autonomizar o direito em relação à realidade efetiva, que, na verdade, cria-o.

Acreditamos que, para abordar a crítica marxiana ao direito e buscar a sua gênese, é preciso negar certa amálgama entre direito, de um lado, e crítica marxiana, do outro, conformados em uma espécie de um encontro marcado a partir da conveniência dos intérpretes, os quais costumam temperar os temas com o ingrediente da *luta de classes*. O caminho perseguido nesta tese, como se pode averiguar, foi buscar a posição de Marx em relação ao direito sem nunca os separar, isto é, a crítica marxiana ao direito é tracejada nas pegadas deixadas pelo próprio caminhar do autor, isto é, nos caminhos do próprio andarilho.

⁶⁴⁷ MARX; ENGELS, 2011c, p. 132, grifo nosso.

7 CONCLUSÃO

Na presente tese, mostramos que a análise da obra de Marx demanda do investigador bastante cuidado com o itinerário intelectual do autor e com o universo categorial que envolve cada momento, por isso, percorremos as primeiras pegadas do *vigoroso andarilho* nos momentos iniciais de sua produção teórica, entre os anos 1837 e 1844 a fim de encontrar o momento da gênese da crítica de Marx ao direito.

A obra do autor alemão tem sido ao longo das décadas objeto de acirradas disputas políticas, o que tem prejudicado sobremaneira o avanço do conhecimento rigoroso do seu pensamento. A instrumentalização desse pensamento é, sem dúvida, um dos maiores obstáculos ao tratamento científico do arcabouço teórico legado por Marx a partir de suas obras. Marx não foi um pensador sistemático, escreveu quase sempre movido por polêmicas políticas e intelectuais e no calor da hora, sua vasta produção jornalística é prova disso. O autor alemão produziu mais rascunhos que obras acabadas e publicadas, tendo, portanto, um pensamento inacabado e incompleto, apesar das tentativas stalinistas, de ontem e de hoje, de oferecer um método de análise pronto e acabado aos incautos.

Assim, uma primeira conclusão que podemos extrair diz respeito ao modo mais rigoroso de investigar o pensamento de Marx, tendo em vista as características próprias desse objeto. Acreditamos que a melhor forma de apreender as determinações dessa formação ideal é a partir do seu itinerário intelectual, onde se pode captar gênese, estrutura e função de cada texto e avaliar a estatura teórica dos diversos materiais disponíveis, como correspondências, rascunhos, excertos, artigos jornalísticos e obras publicadas. Trata-se de um desafio colossal e impossível de se efetivar em um só trabalho, sendo necessário, como acreditava José Chasin, um esforço coletivo e coordenado para esse fim.

A crítica marxista do direito, no Brasil, tem negligenciado bastante o estudo do próprio Marx, a marxologia, e adotado outros autores como espécies de lentes pelas quais realizam suas *leituras* do pensador alemão. Marcio Bilharinho Naves, partindo de Althusser, desconsidera boa parte da produção intelectual de Marx nas suas análises, que se concentram no livro 1 de *O capital*, na verdade,

em alguns capítulos desse livro. Seguindo Althusser, Naves imputa à obra de Marx anterior à *Ideologia alemã* a defesa do jusnaturalismo, algo que se mostrou falso nesta tese. Além disso, Naves, de modo inconsequente com o seu próprio mestre francês, toma as formulações do jurista soviético Pachukanis como toda a verdade da obra de Marx sobre o direito, no entanto, mesmo Pachukanis toma para sua análise aquelas obras de Marx reputadas por Naves como não científicas. Por usar Pachukanis como espécie de intérprete oficial de Marx, Naves imputa o uso de certas categorias, presentes na obra pachukaniana, como *sujeito de direitos*, ao autor alemão, carecendo de maiores comprovações. Esse tipo de análise tem prejudicado o movimento, ainda, necessário de retorno a Marx. Algo que alguns marxistas parecem temer.

Outra figura destacada da crítica marxista do direito em nosso país é Roberto Lyra Filho, referência para a advocacia popular. Em relação à sua análise do direito em Marx, temos a famosa noite em que todos os gatos são pardos. O lyrismo é o mundo mais perfeito das várias leituras possíveis. Lyra Filho elenca diversos obstáculos fantasiosos para o tratamento do direito na obra de Marx, combatendo a todo custo a crítica radical de Marx ao direito, posto que procura passagens, como que *achadas na rua*, nas quais haja algum resquício de defesa de certo direito em Marx, desconsiderando a arquitetura categorial do autor.

Para não ficarmos apenas no Brasil, outra figura importante da crítica marxista do direito, Pachukanis – colocando de lado os problemas com os intérpretes do soviético no Brasil – não pode ser tomado como intérprete oficial da crítica de Marx ao direito, tendo em vista que, além de ser necessário separar aquilo que é original da crítica pachukaniana ao direito do que de fato foi dito e formulado por Marx, Pachukanis não teve acesso ou não conheceu profundamente obras fundamentais de Marx, como a *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, *Manuscritos econômico-filosóficos*, *Ideologia alemã* e os *Grundrisse*.

É importante que os pesquisadores encarem como tarefa a ser feita a investigação da crítica de Marx ao direito a partir das publicações da MEGA-1 e das novas publicações da MEGA-2. Enfrentando o desafio de analisar um pensamento inacabado e não sistemático, por isso, defendemos que muitas luzes podem surgir de um estudo organizado e rigoroso do itinerário intelectual de Marx,

apreendendo cada ruptura e cada continuidade, bem como cada aquisição intelectual nova do autor.

Tentando seguir essa tomada de posição frente ao pensamento marxiano, mostramos como Marx mudou de posição em relação ao direito durante os anos de 1837 a 1844, saindo de uma posição que pode ser sintetizada como de defesa do direito, sob a base de uma defesa do Estado racional, único capaz de reconhecer leis gerais e realizar a liberdade na realidade efetiva, passou por um momento de transição, logo após sua saída da *Gazeta Renana*, em meados de março de 1843, quando aposta, nos manuscritos de Kreuznach, na democracia como forma de Estado capaz de, a partir da sua vinculação com a soberania popular, como autodeterminação do povo, reconhecer leis universais que fossem a forma e o conteúdo da vida efetiva da sociedade civil-burguesa, ao passo que, em 1844, seu pensamento se volta à crítica do direito, posto que o Estado plenamente político realiza tão somente uma universalidade irreal, não sendo capaz de emancipar radicalmente o ser humano, e seu aparato legal não passa de reconhecimento legal daquilo que é posto como necessário à sociedade civil-burguesa.

8 REFERÊNCIAS

Referências da Introdução

ALTHUSSER, L. **Por Marx**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.

ARANTES, P. **Um departamento francês de ultramar**: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CHASIN, J. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

CHASIN, J. Rota e perspectiva de um projeto marxista. **Ensaio Ad Hominem/Estudos e edições Ad Hominem**, São Paulo, IV, 2001., p. 5-78.

FINESCHI, R. Karl Marx Después de la edición histórico-crítica (MEGA2): un objeto de investigación. **Laberinto**, 38, 2013.

GIANNOTTI, J. A. “Contra Althusser”. **Exercícios de filosofia**, 1975., p. 85-103

GOLDSCHMIDT, V. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos. In: GOLDSCHMIDT, V. **A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963, p. 139-147.

LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Mario Duayer; Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

LYRA FILHO, R. **Karl, meu amigo**: diálogo com Marx sobre o direito. Porto Alegre: Fabris, 1983.

MARGUTTI, P. Sobre a nossa tradição exegética e a necessidade de uma reavaliação do ensino de Filosofia no país. **Kriterion**, 55, 129, 2014.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política (Livro I). Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2103.

MASCARO, A. Direitos Humanos: uma crítica marxista. **Lua Nova**, 107, 2017, p. 109-137

MUSTO, M. Introducción. In: MUSTO, M. **De regreso a Marx**: nuevas lecturas y vigências en el mundo actual. Tradução de Francisco T. Sobrino. Buenos Aires: Editorial Octubre, 2015.

MUSTO, M. La Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA2) y el redescubrimiento de Marx. In: (COORD.), M. M. **Tras las huellas de un fantasma**: la actualidad de Karl Marx. México: Siglo XXI Editores, 2011.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3ª. ed. São Paulo: Global, 2015.

TEIXEIRA, F. J. S. **Pensando com Marx**: uma leitura crítico-comentada de O Capital. São Paulo: Ensaio, 1995.

TIBLE, J. **Marx selvagem**. São Paulo: Annablume, 2013.

VAISMAN, E.; ALVES, A. J. L. Apresentação. In: CHASIN, J. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

Referências do capítulo 1

AKAMINE JR., O. *et al.* **Léxico Pachukaniano**. Marília-SP: Lutas Anticapital, 2020.

ALTHUSSER, L. **Por Marx**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.

ARANTES, P. Origens do marxismo filosófico no Brasil: José Arthur Giannotti. In: MORAES, J. Q. **História do marxismo no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007., p. 127-186.

BASTOS, R. **O conceito de direito em Marx**. Porto Alegre: Fabris Editor, 2012.

BATISTA, F. R. O conceito de ideologia jurídica em Teoria geral do direito e marxismo: uma crítica a partir da perspectiva da materialidade das ideologias. **Verinotio**, Belo Horizonte, X, n. 19, abril 2015., p. 91-105 Disponível em: <http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/200/190>. Acesso em: 06 set. 2022.

BELLON, J. **O direito soviético**. Coimbra: Almedina, 1975.

CARVALHO, J. M. D. **Cidadania no Brasil**: o logo caminho. 11^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CASALINO, V. A Revolução e a crítica marxista do direito: o debate teórico soviético entre 1917 e 1937. **Verinotio**, Belo Horizonte, XII, n. 23, abril 2017, p. 154-182 Disponível em: <http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/310/298>. Acesso em: 06 set. 2022.

CASALINO, V. Troca, circulação e produção em Teoria geral do direito e marxismo: Sobre a crítica “circulacionista” à teoria de Pachukanis. **Verinotio**, Belo Horizonte, X, n. 19, abril 2015., p. 106-125 Disponível em: <http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/201/191>. Acesso em: 06 set. 2022.

CASTRO, F. A. Bourdieu Encontra Pachukanis. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 11, n. 01, 2020., p. 117-144 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/6610/5157>.

CAVA, B. Pashukanis e Negri: do antidireito ao direito do comum. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 4, n. 6, 2013., p. 2-30 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/6610/5157>. Acesso em: 06 set. 2022.

CERRONI, U. **O pensamento jurídico soviético**. Tradução de Maria de Lurdes Sá Nogueira. Póvoa de Varzim: Europa-América, 1976.

DA SILVA, V. L. Direito e historicidade: uma abordagem thompsoniana de Pachukanis. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 12, n. 3, 2021., p. 1615-1644 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/Zxp4LXPKn8c6dYtMBzfxBcH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 set. 2022.

DAGNINO, E. **Sociedade civil e espaços públicos no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

DREIFUSS, R. **O jogo da direita na Nova República**. Petrópolis: Vozes, 1989.

EDELMAN, B. **A legalização da classe operária**. Tradução de Marcos Orione. São Paulo: Boitempo, 2016.

EDITORA. Nota editorial. In: ENGELS, F.; KAUTSKY, K. **O socialismo jurídico**. Tradução de Lívia Cotrim e Márcio Bilharinho Naves. 2ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2012., p. 7-8.

ELBE, I. Teoria Geral do Direito e Marxismo de Eugen Pachukanis. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 10, n. 2, 2019., p. 1554-1582 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/42607/29536>. Acesso em: 06 set. 2022.

ENGELS, F. **Anti-Dühring**: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2015.

ENGELS, F. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 10ª. ed. São Paulo: Global editora, 1989.

ENGELS, F.; KAUTSKY, K. **Socialismo jurídico**. Tradução de Lívia Cotrim e Márcio B. Naves. São Paulo: Boitempo, 2012.

FERREIRA, A. D. A. **Questão de Classes. Direito, Estado e Capitalismo em Menger, Stutchka e Pachukanis**. São Paulo: AlfaOmega, 2009.

FERREIRA, P. P. P. Mercadoria e sujeito, valor e direito: esboços para uma leitura de Pachukanis. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 20, n. 10, 2022., p. 1-31 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/60602/41824>. Acesso em: 06 set. 2022.

FITZPATRICK, P.; RÜEGG, A. Marxismo y derecho: una bibliografía de la literatura en lengua inglesa. **Crítica Jurídica Nueva Época**, n. 6, 1987., p. 169–183. Disponível em: https://www.criticajuridica.org/index.php/critica_juridica/article/view/123/122. Acesso em: 05 set. 2022.

FONSECA, A. M. Positivismo jurídico x materialismo histórico: uma leitura acerca das fundações dos sistemas jurídicos de Kelsen e Pachukanis. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 8, n. 1, março 2017., p. 14-52 Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rdp/a/4MGrVXpRWX6r36BfyWnLsKB/?format=pdf&lang=pt>
. Acesso em: 06 set. 2022.

FURQUIM, G. M. *et al.* Gaudemar encontra Pachukanis: breve ensaio sobre a mobilidade do sujeito de direito e migrações. **Verinotio**, Belo Horizonte, n. 26, dezembro 2020., p. 383-402 Disponível em: <http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/560/484>. Acesso em: 06 set. 2022.

GIANNOTTI, J. A. Contra Althusser. **Revista Teoria e Prática**, São Paulo, revista bimensal 1968.

GOHN, M. D. G. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 8ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HOBBS, T. **Do cidadão**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HOSHIKA, T. **Pachukanis e a Forma Jurídica: contribuição à crítica da teoria geral do direito**. São Paulo: Lavra Palavra, 2022.

IASI, M. L. Direito e emancipação humana. **Revista da Faculdade de Direito**, São Bernardo, 2, n. 2, 2005., p. 170-192 Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/RFD/article/view/477/474>. Acesso em: 19 setembro 2022.

JEAMMAUD, A. La "crítica del derecho" en Francia: de la búsqueda de una teoría materialista del derecho al estudio crítico de la regulación jurídica. **Crítica Jurídica Nueva Época**, n. 4, 1986., p. 73–99. Disponível em: https://www.criticajuridica.org/index.php/critica_juridica/article/view/88/87. Acesso em: 05 set. 2022.

JEAMMAUD, A. Veinte años después: la crítica jurídica en Francia. **Crítica Jurídica Nueva Época**, n. 25, 2006., p. 111–120.

JUNQUEIRA, B. H. P. **Pachukanis e Kelsen: uma breve análise sobre o papel estatal em seus sistemas jurídicos**. São Paulo: Editora Dialética, 2021.

KASHIURA JR., C. N. Pachukanis e os 90 anos de Teoria geral do direito e marxismo. **Verinotio**, Belo Horizonte, X, n. 19, abril 2015., p. 70-78 Disponível em: <http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/198/188>. Acesso em: 06 set. 2022.

KASHIURA JR., C. N. Sujeito de direito e interpelação ideológica: considerações sobre a ideologia jurídica a partir de Pachukanis e Althusser. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 6, n. 10, 2015., p. 49-70 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/12742/11706>. Acesso em: 06 set. 2022.

KORSCH, K. Apresentação. In: PACHUKANIS, E. B. **Teoria Geral do Direito e Marxismo**. Coimbra: Centelha, 1977.

LESSA, S. A emancipação humana e a defesa dos direitos. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, 2007. Acesso em: 19 setembro 2022.

LYRA FILHO, R. Humanismo dialético. **Direito e avesso: boletim da Nova Escola Jurídica Brasileira**, Brasília, II, n. 3, 1983.

LYRA FILHO, R. **Karl, meu amigo**: diálogo com Marx sobre o direito. Porto Alegre: Fabris Editor, 1983.

LYRA FILHO, R. **O que é Direito?** 17^a. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LYRA FILHO, R. **Para um direito sem dogmas**. Porto Alegre: Fabris Editor, 1980.

MARSHALL, T. H.; BOTTOMORE, T. **Cidadania e classe social**. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Tradução de Mario Duayer. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus profetas (1845-1846). Tradução de Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano e Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA I/1**. Berlin: Dietz, 1975.

MARX, K.; ENGELS, F. **Werke 4**. Berlin: Dietz, 1977.

MARX, K. Glosas críticas ao artigo “‘O rei da Prússia e a reforma social’. De um prussiano”. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na Alemanha**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010.

MASCARO, A. Direitos Humanos: uma crítica marxista. **Lua Nova**, 107, 2017, p. 109-137

MASCARO, A. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASCARO, A. **Introdução à filosofia do direito**: dos modernos aos contemporâneos. São Paulo: Atlas, 2002.

MASCARO, A. L. Nos extremos do direito (Schmitt e Pachukanis). **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 57, 2002., p. 135 - 140 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/P9PyDv9PHTbQCKZKjmDTDCh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 set. 2022.

MASTRODI, J.; FURQUIM, G. M. Pachukanis e o abolicionismo penal de Hulsman e Christie. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 5, n. 9, 2014., p. 151-175 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/10507/10644>. Acesso em: 06 set. 2022.

MELKEVIK, B. Ler Pachukanis. **Verinotio**, Belo Horizonte, X, n. 19, abril 2015., p. 61-69 Disponível em: <http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/197/187>. Acesso em: 06 set. 2022.

MUSTO, M. La Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA2) y el redescubrimiento de Marx. In: (COORD.), M. M. **Tras las huellas de un fantasma**: la actualidad de Karl Marx. México: Siglo XXI Editores, 2011.

MUSTO, M. **O velho Marx**: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883). Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018.

NASCIMENTO, J. Com Pachukanis, para além de Pachukanis: direito, dialética da forma-valor e crítica do trabalho. **Verinotio**, Belo Horizonte, X, n. 19, abril 2015., p. 79-90 Disponível em: <http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/199/189>. Acesso em: 06 set. 2022.

NAVES, M. B. **A questão do direito em Marx**. São Paulo: Outras Expressões; Dobra Universitária, 2014.

NAVES, M. B. **Marx**: ciência e revolução. São Paulo: Moderna, 2000.

NAVES, M. B. **Marxismo e direito**: um estudo sobre Pachukanis. São Paulo: Boitempo, 2000.

NAVES, M. B. **O discreto charme do direito burguês**: ensaios sobre Pachukanis. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2009.

NAVES, M. B. Prefácio. In: ENGELS, F.; KAUTSKY, K. **Socialismo jurídico**. São Paulo: Boitempo, 2012.

PACHUKANIS, E. B. **Teoria Geral do Direito e Marxismo**. Coimbra: Centelha, 1977.

PACHUKANIS, E. B. **Teoria geral do direito e marxismo**. Tradução de Paula Vaz de Almeida. São Paulo: Boitempo, 2017.

PAÇO CUNHA, E. Marx e Pachukanis: do fetiche da mercadoria ao “fetiche do direito” e de volta. **Verinotio**, Belo Horizonte, X, n. 19, abril 2015., p. 160-171 Disponível em: <http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/205/195>. Acesso em: 06 set. 2022.

PAÇO CUNHA, E. Movimento real da forma política em Marx: elementos para a crítica dos “aparelhos repressivos” como síntese do estado capitalista. **Marx e o Marxismo**, Niterói, 4, n. 7, jul./dez. 2016., p. 201-233 Disponível em: <file:///C:/Users/muril/Downloads/phfaraujo-gerente-da-revista-01-elcemir-pao-cunha.pdf>. Acesso em: 21 setembro 2022.

PAZELLO, R. P. **Direito insurgente**: para uma crítica marxista ao direito (v. 1). Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2021.

PAZELLO, R. P. Os momentos da forma jurídica em Pachukanis: uma releitura de Teoria geral do direito e marxismo. **Verinotio**, Belo Horizonte, X, n. 19, abril 2015., p. 133-143 Disponível em: <http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/203/193>. Acesso em: 06 set. 2022.

PEREIRA NETO, M. L. **A posição de Marx frente ao direito nos escritos de 1835-1843**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2018a.

PUIQPELET MARTÍ, F. Sobre la filosofía jurídica marxista española. **Crítica Jurídica Nueva Época**, n. 5, 1987., p. 27–42. Disponível em: https://www.criticajuridica.org/index.php/critica_juridica/article/view/112/111. Acesso em: 05 set. 2022.

QUIÑONES PÁEZ, J. R. Aproximación al desarrollo de la crítica marxista del derecho en Colombia. **Crítica Jurídica Nueva Época**, n. 5, 1987., p. 43–50. Disponível em: https://www.criticajuridica.org/index.php/critica_juridica/article/view/113/112. Acesso em: 05 set. 2022.

RAGO FILHO, A. A filosofia de José Arthur Giannotti: marxismo adstringido e analítica paulista. **Verinotio**, Belo Horizonte, V, n. 9, 2008., p. 107-133 Disponível em: <http://www.verinotio.org/conteudo/0.79972783923124.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

ROMERO ESCALANTE, V. F. Pashukanis y su recepción en México. **Verinotio**, Belo Horizonte, X, n. 19, abril 2015., p. 126-132 Disponível em: <http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/202/192>. Acesso em: 06 set. 2022.

ROMERO ESCALANTE, V. Marxismo e direito na América Latina ou El primer Correos. **Crítica Jurídica da Nova Era**, n. 2, 2020., p. 227–247. Disponível em: https://www.criticajuridica.org/index.php/critica_juridica/article/view/39/38. Acesso em: 05 set. 2022.

ROSAS VARGAS, H. La Crítica Jurídica Latinoamericana Nuevas gramáticas jurídico-políticas para entender el derecho como praxis de vida. **Crítica Jurídica Nueva Época**, n. 2, 2020., p. 249–292. Disponível em: https://www.criticajuridica.org/index.php/critica_juridica/article/view/40/39. Acesso em: 05 set. 2022.

SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980**. 3ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

SANDOVAL CERVANTES, D. Revolución o reforma: avatares de la crítica jurídica en el siglo XXI. **Crítica Jurídica Nueva Época**, n. 2, 2020., p. 293–313. Disponível em: https://www.criticajuridica.org/index.php/critica_juridica/article/view/41/40. Acesso em: 05 set. 2022.

SARTORI, V. B. Acerca da categoria de pessoa e de sua relação com o processo de reificação em O capital de Karl Marx: um debate com Pachukanis. **CADERNOS DE ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA (USP)**, São Paulo, v. 1, 2019a., p. 6-37.

SARTORI, V. B. Acerca da heterogeneidade entre direito e política em Marx. **Marx e o Marxismo: Insurreições, passado e presente (Anais de evento)**, Niterói, 2015a. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2015/anais2015/mc44/Tc443.pdf>. Acesso em: 19 setembro 2022.

SARTORI, V. B. Apontamentos sobre Direito e marxismo. **Direito & Realidade**, 2, 2011a., p. 1-25

SARTORI, V. B. Apontamentos sobre Direito e politicismo em Marx. **Novos Temas**, 5-6, 2012., p. 20-42

SARTORI, V. B. Apontamentos sobre justiça em Marx. **NOMOS**, Fortaleza, 37, 2017b., p. 331-353.

SARTORI, V. B. Considerações sobre transformação social e Direito em Marx e Engels: sobre a necessidade de uma crítica decidida ao terreno do Direito. In: LIPPSTEIN, D. **Políticas Públicas, Espaço Local e Marxismo**. Santa Cruz do Sul: Essere del Mondo, 2015b., p. 89-103.

SARTORI, V. B. Crítica da economia política e crítica ao direito: uma teoria do direito marxiana? **REVISTA CULTURAS JURÍDICAS**, Niterói, 4, 2017a., p. 55-86.

SARTORI, V. B. De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta. **Kriterion**, Belo Horizonte, 130, 2014b., p. 691-713

SARTORI, V. B. Direito e fetichismo: forma jurídica, forma-mercadoria e alienação na sociedade civil-burguesa. **Cadernos de pesquisa marxista do Direito**, São Paulo, 1, 2011b., p. 169-187

SARTORI, V. B. Direito e socialismo? A atualidade da crítica de Marx e Lukács ao Direito. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 5, 2014c., p. 277-300

SARTORI, V. B. Direito, política e reconhecimento: apontamentos sobre Karl Marx e a crítica ao direito. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, Curitiba, 61, n. 2, maio/ago. 2016d., p. 203–233 Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/43847/29064>. Acesso em: 21 setembro 2022.

SARTORI, V. B. Engels como crítico do direito e da igualdade jurídica: a luta por direitos e sua ambiguidade. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, 18, 2018b., p. 13-54

SARTORI, V. B. Engels e a igualdade jurídica: notas acerca da questão da secularização da visão de mundo teológica no direito. Projeto História. **Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 63, 2018c., p. 279-315

SARTORI, V. B. Fetichismo, transações jurídicas, socialismo vulgar e capital portador de juros; o livro III de O capital diante do papel ativo do direito. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 1, 2019b., p. 124-154.

SARTORI, V. B. Friedrich Engels e a moral frente ao fenecimento do Estado. **Revista Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, 07, n. 15, 2016a., p. 376-408

SARTORI, V. B. Friedrich Engels e o duplo aspecto da igualdade. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 1, 2016c., p. 707-756

SARTORI, V. B. Marx e a forma jurídica em O capital: um embate com Pachukanis. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 12, n. 04, 2021., p. 2689-2741 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/5NfsFTWfnYpHPy5CsKXTf9y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 set. 2022.

SARTORI, V. B. Marx e Engels como Críticos da Justiça. **PRIM@ FACIE**, 17, 2017c., p. 1-44

SARTORI, V. B. Marx e Engels como Críticos da Justiça. **PRIM@ FACIE**, 16, 2017c., p. 1-44.

SARTORI, V. B. Marx e Hegel: três momentos da crítica marxiana ao direito. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, Rio das Ostras, v. 24, n. 1, abril 2018a., p. 177-208.

SARTORI, V. B. Marx e o Direito do trabalho: a luta de classes, o terreno jurídico e a revolução. **Revista Katalysis**, v. 22, 2019c., p. 293-308.

SARTORI, V. B. Marx: Crítica do Direito e crítica à Economia Política. **Marx e o Marxismo**, Niterói, v. 5, 2017d., p. 270-284.

SARTORI, V. B. Moral, ética e direito: Lukács e a teoria do direito. **Revista Sapere Aude**, Belo Horizonte, 6, n. 11, 2015d., p. 244-264.

SARTORI, V. B. O que é crítica ao Direito? In: MELO, T. D.; AKAMINE, O.; KASHIURA, C. **Para a crítica do Direito**. São Paulo: Expressão Popular, 2015c., p. 331-358.

SARTORI, V. B. **Ontologia, técnica e alienação**: para uma crítica ao direito. 2013. Tese de doutoramento (Direito). São Paulo: USP, 2013.

SARTORI, V. B. Teoria geral do direito e marxismo de Pachukanis como crítica marxista ao direito. **Verinotio**, Belo Horizonte, X, n. 19, abril 2015., p. 36-60
Disponível em:
<http://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/196/186>. Acesso em: 06 set. 2022.

SOARES, M. A. Direito e revolução em Petr Stutchka. **Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois (Anais de evento)**, Niterói, 2013. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2013/Trabalhos/Amc592.pdf>. Acesso em: 19 setembro 2022.

SOARES, M. A.; PAZELLO, R. P. Direito e marxismo: entre o antinormativo e o insurgente. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 5, n. 9, 2014., p. 475-500
Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/13109/10656>. Acesso em: 19 setembro 2022.

TONET, I. Para além dos direitos humanos. **Novos Rumos**, 17, n. 37, 2002. Disponível em:

UCHIMURA, G. C.; COUTINHO, A. R. Pachukanis, Vaughan e a violação de normas jurídicas trabalhistas: a face obscura da gestão capitalista das relações de trabalho. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 10, n. 1, março 2019., p. 274-302
Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rdp/a/P3KtK8qWYdQmBW3pfdqXy5D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 set. 2022.

VAZ, A. Pachukanis, Lukács e Postone: um contraste entre concepções de uma sociedade pós-capitalista. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, 20, n. 10, 2022., p. 1-23 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/62775/41627>. Acesso em: 06 set. 2022.

WRÓBLEWSKI, J. La teoría marxista del Estado y el derecho en Polonia. **Crítica Jurídica Nueva Época**, n. 5, 1987., p. 21–26. Disponível em: https://www.criticajuridica.org/index.php/critica_juridica/article/view/111/110. Acesso em: 05 set. 2022.

Referências do capítulo 2

AGUIAR E SILVA, V. M. D. **Teoria da literatura**. 3ª. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

ALBINATI, A. S. C. B. **A questão da moralidade na obra de Marx**. São Paulo: Instituto Caio Prado Jr., 2021.

ALBINATI, A. S. C. B. **As determinações da moralidade na obra de Marx**. Tese (doutorado), Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 2007.

ALBINATI, A. S. C. B. **Gênese, função e crítica dos valores morais nos 1999 textos de 1841 a 1847 de Karl Marx**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 1999.

ALCKMIN, R. M. **Feuerbach e Marx: da sensibilidade à atividade sensível**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 2003.

ALCOUFFE, A.; WELLS, J. Marx, maths, and MEGA 2. **Munich Personal RePEc Archive**, 2009. Disponível em: https://mpra.ub.uni-muenchen.de/80535/1/MPRA_paper_80535.pdf. Acesso em: 2022 setembro 26.

ALTHUSSER, L. **Por Marx**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.

ÁLVARES, L. P. **Flechas e martelos: Marx e Engels como leitores de Lewis Morgan**. Dissertação (mestrado), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito, 2019.

ALVES, A. J. L. **A cientificidade na obra marxiana de maturidade: uma teoria das Daseinsformen**. Tese (doutorado), Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280418>. Acesso em: 26 setembro 2022.

ALVES, A. J. L. A coupure como segredo do entendimento e o desentendimento das categorias: Althusser e a cientificidade de Marx. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, Rio das Ostras, v. 24, n. 1, pp. 139-155, abril 2018. Disponível em: <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/274/262>. Acesso em: 26 setembro 2022.

ALVES, A. J. L. **A Individualidade nos Grundrisse de Karl Marx**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 1999.

ALVES, A. J. L. A metáfora do anatomista e a possibilidade do conhecimento objetivo da realidade social em Marx. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, 22, n. n. 38, maio/agosto 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/muril/Downloads/6782-Texto%20do%20artigo-21250-1-10-20151009.pdf>. Acesso em: 26 setembro 2022.

ALVES, A. J. L. A questão do Standpunkt na cientificidade marxiana: a querela do trabalho produtivo na economia política. **Verinotio – revista on-line de educação e ciências humanas**, Rio das Ostras, VI, n. n. 12, outubro 2010. Disponível em: <http://www.verinotio.org/conteudo/0.66423638599388.pdf>. Acesso em: 26 setembro 2022.

ANDERSON, K. Apêndice: As vicissitudes da Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA). In: ANDERSON, K. **Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais**. Tradução de Pedro Davoglio Allan M. Hillani. São Paulo: Boitempo, 2019., p. 357-364.

ANDERSON, K. New Marx Publications: A MEGA Update. **Historical Materialism**, v. 9, n. 1, p. 226-230, 2001. Disponível em: https://brill.com/view/journals/hima/9/1/article-p226_11.xml?language=en. Acesso em: 26 setembro 2022.

ANDERSON, K. On the MEGA and the French Edition of Capital, Vol. I: An Appreciation and a Critique. **Beiträge zur Marx-Engels Forschung**, Berlin, 1997. Disponível em: <https://www.kevin-anderson.com/wp-content/uploads/docs/anderson-article-marx-french-edition-capital-sc.pdf>. Acesso em: 26 setembro 2022.

BARBOSA, S. P. **Crítica à especulação e determinação social do pensamento na obra marxiana de 1843 a 1848**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 2001.

BAUER, B. **Kritik de Geschichte der Offenbarung, t.1: Die Religion des alten Testaments in der geschichtlichen Entwicklung ihrer Principien**. Berlin : Dümmler, 1838.

BAUER, B. **Kritik der evangelischen Geschichte des Johannes**. Bremen: Schönemann, 1840.

BAUER, B. **Kritik der evangelischen Geshichte des der Synoptiker, v.1**. Leipzig: Wigand, 1841.

BENJAMIN, W. **Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BENSAÏD, D. Os despossuídos: Karl Marx, os ladrões de madeira e o direito dos pobres. In: MARX, K. **Os despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira**. São Paulo: Boitempo, 2017.

BOBBIO, N. **Ni con Marx, ni contra Marx**. Tradução de Lia Cabbib Levi e Isidro Rosas Alvarado. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

BROPHY, J. M. Recent Publications of the Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA). **Central European History**, USA, p. 523-537, v. 40, n. 3, setembro 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20457258?refreqid=excelsior%3Afa6e351f9ae4bfb7ac35e83c6600a096&seq=1>. Acesso em: 26 Setembro 2022.

BUNZEL, W.; HUNDT, M.; LAMBRECHT, L. **Zentrum Und Peripherie**: Arnold Ruges Korrespondenz Mit Junghegelianern. Berlin: Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag Der Wissenschaften, 2006.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos, 1750-1880. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2012.

CANDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. 6ª. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CERQUEIRA, H. E. A. D. G. Breve história da edição crítica das obras de Karl Marx. **Rev. Econ. Polit.**, 35 (4), outubro/dezembro 2015. Disponível em: 10.1590/0101-31572015v35n04a08. Acesso em: 26 setembro 2022.

CERQUEIRA, H. E. A. D. G. David Riazanov e a edição das obras de Marx e Engels. **Revista Economia**, Brasília (DF), p.199–215, 11 (1), jan./abr. 2010. Disponível em: http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf. Acesso em: 26 Setembro 2022.

CHARTIER, R. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. Tradução de Luzmara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EdUFCar, 2014.

CHASIN, J. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

CHASIN, J. Redescoberta de Marx. **Ensaio Ad Hominem/Estudos e edições Ad Hominem**, São Paulo, Tomo IV – Dossiê Marx, n. 1, 2001a.

CHASIN, J. Rota e perspectiva de um projeto marxista. **Ensaio Ad Hominem/Estudos e edições Ad Hominem**, São Paulo, Tomo IV – Dossiê Marx, n. 1, pp. 5-78, 2001b.

CHASIN, M. **O Complexo Categorical da Objetividade nos escritos Marxianos de 1843 a 1848**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: FAFICHAJFMG, 1999.

CIESZKOWSKI, A. V. **Prolegomena zur Historiosophie**. Berlin: Veit, 1838.

COSTA NETO, P. L. D. Notas introdutórias sobre a publicação das obras de Marx e Engels. **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 30, p. 49-65, 2010. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo179artigo5.pdf. Acesso em: 26 setembro 2022.

COSTA NETO, P. L. D. Sobre a recepção das obras de Marx e Engels até 1989. **Revista Ideação**, Feira de Santana, n. 39, p. 149-166, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/4569/3909>. Acesso em: 26 setembro 2022.

COSTA, M. H. M. D. **As categorias Lebensäusserung, Entäusserung, Entfremdung e Veräusserung nos manuscritos econômico-filosóficos de Karl Marx de 1844.** Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 1999.

DEUS, L. G. D. Marx em tempos de MEGA: os planos e o plano de O Capital. **Estud. Econ.**, São Paulo, v.45, n.4, p. 927-954, out./dez. 2015.

DEUS, L. G. D. **Soberania popular e sufrágio universal:** o pensamento político de Marx na Crítica 43. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 2001.

DIQUATTRO, A. MEGA 2 and the New Marx Scholarship. **Science & Society**, v. 75, n. 2, p. 262-266, April 2011. Disponível em: <https://guilfordjournals.com/doi/10.1521/siso.2011.75.2.262>. Acesso em: 26 setembro 2022.

EDITORA. Nota da edição. In: MARX, K. **Grundrisse:** manuscritos econômicos de 1857-1858: esboço da crítica da economia política. Tradução de Nélio Schneider Maria Duayer. São Paulo: Boitempo, 2011.

EDITORA. Nota da editora. In: MARX, K. **Os despossuídos:** debates sobre a lei referente ao furto de madeira. São Paulo : Boitempo, 2017.

EDITORES, O. Anmerkungen. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Werke 1.** Berlin: Dietz Verlag, 1981.

EIDT, C. **O estado racional:** lineamentos da política de Karl Marx nos artigos da Gazeta Renana (1842-1843). Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 1998.

ENDERLE, R. M. **Ontologia e política:** a formação do pensamento marxiano de 1842 a 1846. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2000.

ENGELS, F. Friedrich Engels a Paul Lafargue (27 de outubro de 1890). In: MARX, K.; ENGELS, F. **Cultura, arte e literatura:** textos escolhidos. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ENGELS, F. **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã (edição bilíngue).** Tradução de Vinícius Matteucci de Andrade Lopes. São Paulo: Hedra, 2020.

ENGELS, F. **Nova Gazeta Renana.** Tradução de Livia Cotrim. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

FARIA, L. D. D. **A determinação sócio-histórica das formações ideais nas Teorias da mais-valia de Karl Marx.** Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 2003.

FEUERBACH, L. **Para a crítica da filosofia de Hegel.** Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. São Paulo, SP : LiberArs, 2012.

FEUERBACH, L. Über Philosophie und Christentum in Beziehung auf den der Hegelschen Philosophie gemachten Vorwurf der Unchristlichkeit (1839). In:

FEUERBACH, L. **Kleinere Schriften I (1835-1839)**. Berlim : Akademie, 1989, pp. 219-92.

FEUERBACH, L. Zur Kritik der Hegelschen Philosophie. **Hallische Jahrbücher**, n. 208-16, 1839.

FEUERBACH, L. Zur Kritik der positiven Philosophie. **Hallische Jahrbücher**, Leipzig, 1838.

FINESCHI, R. Karl Marx después de la edición histórico-crítica (MEGA2): Un nuevo objeto de investigación. **Filosofía, política y economía en el Laberinto**, p. 85-102, 2013.

FINESCHI, R. Karl Marx dopo l'edizione storico-critica (mega2): un nuovo oggetto di ricerca. **Marxismo oggi**, 1999. Disponível em: https://www.marxismo-oggi.it/images/mega-2/Fineschi_1999.pdf. Acesso em: 26 setembro 2022.

FINESCHI, R. Novità dalla mega. A cura di Roberto Fineschi. Intervista con Manfred Neuhaus e Gerald Hubmann. **Marxismo oggi**, 2007. Disponível em: https://www.marxismo-oggi.it/images/mega-2/Intervista_Neuhaus_Hubmann2007.pdf. Acesso em: 26 setembro 2022.

FINESCHI, R. Novità dalla MEGA. **Marxismo oggi**, 2008a. Disponível em: https://www.marxismo-oggi.it/images/mega-2/Fineschi-Ridolfi_Riva-Sgro2008.pdf. Acesso em: 26 setembro 2022.

FINESCHI, R. Resenha: SGRO, Giovanni. MEGA-Marx Studi sulla edizione e sulla recezione di Marx in Germania e in Italia. Napoli-Salerno: Orthotes, 2016. **Materialismo Storico**, n. 1-2, p. 368-371, 2016. Disponível em: <https://journals.uniurb.it/index.php/materialismostorico/article/view/619/570>. Acesso em: 27 setembro 2022.

FINESCHI, R. **Un nuovo Marx. Filologia e interpretazione dopo la nuova edizione storico-critica (MEGA)**. Roma: Carocci, 2008b.

FINESCHI, R.; BELLOFIORE, R. **Re-reading Marx: New Perspectives After the Critical Edition**. New York: Palgrave Macmillan, 2008c.

FREDERICO, C. **O jovem Marx: as origens da ontologia do ser social (1843-1844)**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

GALLEGO, C. V. D. A. **A crítica marxiana à política no período de 1843-1848**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 2002.

GIANNOTTI, J. A. **Origens da dialética do trabalho: estudo sobre a lógica do jovem Marx**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

GONTIJO, E. H. **Natureza, sociedade e atividade sensível na formação do pensamento marxiano**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 2007.

GTIESE, A.; PAWELZIG, G. Zur Gestaltung der neuen Edition der „Dialektik der Natur“ entsprechend den Prinzipien der MEGA. **Deutsche Zeitschrift Für Philosophie**, v. 34, n. 3, p. 267-271 , 1986.

HANSEN, J. **Rheinische Briefe und Akten zur Geschichte der politischen Bewegung 1830 – 1850 (Erster Band - 1830 – 1845)**. Essen a.d. Ruhr: Baedeker, 1919. Disponível em: <http://www.rheinische-geschichte.lvr.de/GRhGPublikationen>. Acesso em: 26 setembro 2022.

HAUPT, G. Marx e o marxismo. In: HOBBSAWM, E. **História do marxismo. O marxismo no tempo de Marx (vol. 1)**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Nemésio Salles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 347-422, 1983.

HEINE, H. Ela dança. In: HEINE, H. **Heine, hein?: Poeta dos contrários**. Tradução de Tradução de André Vallias. São Paulo: Perpectiva, 2011.

HEINRICH, M. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra, volume 1: 1818-1841**. Tradução de Claudio Cardinali. São Paulo: Boitempo, 2018.

HERRES, J. Der Einzug des Computers in die Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA) - Stand und Perspektiven. **Historical Social Research**, v. 25, p. 189-193, 2000. Disponível em: https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/5083/ssoar-hsr-2000-no_2__no_92-herres-der_einzug_des_computers_in.pdf?sequence=1&isAllowed=y&lnkname=ssoar-hsr-2000-no_2__no_92-herres-der_einzug_des_computers_in.pdf. Acesso em: 26 setembro 2022.

HESS, M. Carta de Moses Hess a Berthold Auerbach (2 septiembre 1841). In: MARX, K. **Escritos de Juventud**. Tradução de Wenceslao Roces. Ciudad de México: Fondo de Cultura Econômica, 1987.

HIRSCH, H. Karl Friedrich Köppen der Intimste Berliner Freund Marxens. **International Review for Social History**, 1, 311, 1936. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/international-review-for-social-history/article/abs/karl-friedrich-koppen-der-intimste-berliner-freund-marxens/F8A18A23ACECF5942DBCBD5BF86AA91C>. Acesso em: 26 setembro 2022.

HUBMANN, G. Clásicos incompletos. Constelaciones filológico-editoriales en Marx e otros clásicos de las ciencias sociales. In: MUSTO, M. **Tras las huellas de un fantasma: la actualidad de Karl Marx**. México: Siglo XXI, 2011.

HUBMANN, G. Da política à filologia: a Marx-Engels Gesamtausgabe. **Crítica Marxista**, Campinas, n.34, p.33-49, 2012. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo27129Critica_Marxista_Texto_Completo_34.33-49.pdf. Acesso em: 27 setembro 2022.

HUNDT, M. **Der Redaktionsbriefwechsel der Hallischen, Deutschen und Deutsch-Französischen Jahrbücher (1837-1844)**. Berlin: de Gruyter, 2014.

HUNDT, M. **Theodor Echtermeyer (1805-1844): Biographie Und Quellenteil Mit Unveroeffentlichten Texten**. Berlin : Peter Lang GmbH, 2012.

KENJI, M. New aspects of Marx's economic theory in MEGA: Marx's original six-sector model. **The European Journal of the History of Economic Thought**, v. 25, i. 5, p. 893-911, 2018a. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09672567.2018.1456556>. Acesso em: 27 setembro 2022.

KENJI, M. The Books of Crisis and Tooke–Newmarch excerpts: a new aspect of Marx's crisis theory in MEGA. **The European Journal of the History of Economic Thought**, p. 1-14, 2018b. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09672567.2018.1475502>. Acesso em: 27 Setembro 2022.

KÖPPEN, C. F. **Friedrich der Grosse und seine Widersacher: eine Jubelschrift**. Leipzig: Verlag von Otto Wigand, 1840. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=tn4OAAAAYAAJ&pg=PR2&dq=Karl+Friedrich+K%C3%B6ppen&hl=de&ei=IT4ATu-dM8-h-Qao89HIDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 27 Setembro 2022.

KÖPPEN, K. F. Friedrich der Grosse und seine Widersacher: eine Jubelschrift (1840). In: PEPPERLE, H. **Ausgewählte Schriften in zwei Bänden (v. 1)**. Berlim: Akademie, p. 135 – 227, 2003.

KURZ, H. D. Will the MEGA 2 edition be a watershed in interpreting Marx? **The European Journal of the History of Economic Thought**, v. 25, n. 5, p. 783–807, 2018.

LÁPINE, N. **O jovem Marx**. Lisboa: Editorial Caminho, 1983.

LÖWY, M. **A teoria da revolução no jovem Marx**. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, G. **O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2018.

LUKÁCS, G. **O Jovem Marx e Outros Escritos de Filosofia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

LYRA FILHO, R. **Karl, meu amigo: diálogo com Marx sobre o direito**. Porto Alegre: Fabris Editor, 1983.

MÁRKUS, G. **Teoria do conhecimento no jovem Marx**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

MARTINS, M. V. Sobre a nova edição da obra de Marx e Engels: só a ideologia salva? In: DEL ROIO, M. **Marx e a dialética da sociedade civil**. Marília; São Paulo: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2014.

MARX, K. **As lutas de classes na França de 1848 a 1850**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. **Cantos para Jenny y otros poemas**. Barcelona: El Viejo Topo, 2000.

MARX, K. Considerações de um rapaz acerca da escolha de uma profissão. In: HEINRICH, M. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra, volume 1: 1818-1841**. Tradução de Claudio Cardinali. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, K. Crítica da filosofia do direito de Hegel – introdução. In: MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010b.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, K. **Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2018a.

MARX, K. **Escritos ficcionais: Escorpião e Félix e Oulanem**. Tradução de Flavio Aguiar e Tercio Redondo Claudio Cardinali. São Paulo: Boitempo, 2018b.

MARX, K. Glosas críticas ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social”. De um prussiano”. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Lutas de classes na Alemanha**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010c.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010d.

MARX, K. **Miséria da filosofia**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2017b.

MARX, K. **Nova Gazeta Renana**. Tradução de Livia Cotrim. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política (Livro I)**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **Os despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira**. São Paulo: Boitempo, 2017a.

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010e.

MARX, K.; ENGELS, F. **Cartas sobre o capital**. Tradução de Leila Escorsim. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

MARX, K.; ENGELS, F. **Collected Works 1**. USA: Lawrence & Wishart, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **Escritos sobre a Guerra Civil Americana**. Tradução de Felipe Vale da Silva e Muniz G. Ferreira. Londrina: Aetia Editorial, 2020.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA I/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1975.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA III/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1975.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA III/4**. Berlin: Dietz Verlag, 1984.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA IV/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1976.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA IV/2**. Berlin: Dietz Verlag, 1981.

MARX, K.; ENGELS, F. **Werke 1**. Berlin: Dietz Verlag, 1981.

MARX, K.; ENGELS, F. **Werke 13**. Berlin: Dietz, 1961.

MARX, K.; ENGELS, F. **Werke 37**. Berlin: Dietz Verlag, 1967.

MARX, K.; ENGELS, F. **Werke 4**. Berlin: Dietz, 1977.

MARX, K.; RUGE, A. **Los anales franco-alemanes**. Tradução de J. M. Bravo. Barcelona: Ediciones Martinez Roca, 1970.

MARXHAUSEN, T. Obras completas de Marx e Engels (MEGA). **Crítica Marxista**, Campinas, n.39, p. 95-124, 2014. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2015_11_09_16_31_1133.pdf. Acesso em: 27 setembro 2022.

MEHRING, F. **Karl Marx: a história de sua vida**. São Paulo: editora José Luis e Rosa Sundermann, 2013.

MORAES, J. Q. D. Continuidade e ruptura no pensamento de Marx: do humanismo racionalista ao materialismo crítico. In: BOITO JR., A. **A obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações**. São Paulo: Xamã, 2000.

MÜLLER, L. A. P. **Economia política e espírito hegeliano: a influência de Steuart e Smith na formação da filosofia de Hegel**. Dissertação de mestrado, São Paulo: Programa de Pós-graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, letras e ciências humanas da USP, 2011.

MUSTO, M. A escrita de O capital: gênese e estrutura da crítica de Marx à economia política. Tradução de Murilo Leite Pereira Neto e Carolina Peters. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, Rio das Ostras, v. 24, n.1, pp. 23-57, 2018b.

MUSTO, M. El mito del “joven Marx” en la interpretaciones de los manuscritos económico-filosóficos de 1844. In: CONCHEIRO, E.; GANDARILLA, J. **Marx revisitado: posiciones encontradas**. Ciudad de México: CEIICH-UNAM, pp. 21-58, 2015. Disponível em: <https://www.marcellomusto.org/el-mito-del-joven-marx-en-las-interpretaciones-de-los-manuscritos-economico-filosoficos-de-1844/482>. Acesso em: 27 setembro 2022.

MUSTO, M. Karl Marx: o charme indiscreto da incompletude. **Outubro**, São Paulo, n. 19, v. 1, p. 55-60, 2011a.

MUSTO, M. La Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA²) y los nuevos rostros de Karl Marx. **Solar**, Lima, v. 10, n. 2, p. 105-114, 2014.

MUSTO, M. La Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA²) y el redescubrimiento de Marx. In: (COORD.), M. M. **Tras las huellas de un fantasma: la actualidad de Karl Marx**. México: Siglo XXI Editores, 2011b.

MUSTO, M. Marx en París: los Manuscritos económico-filosóficos del 1844. In: MUSTO, M. **Tras las huellas de un fantasma. La actualidad de Karl Marx**. México: Siglo XXI, pp. 116-132, 2011c.

MUSTO, M. Marx Is Back: The Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA) Project. **Rethinking Marxism: A Journal of Economics, Culture & Society**, v. 22, n.2, p. 290-291, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08935691003625620?journalCode=rrmx20>. Acesso em: 27 setembro 2022.

MUSTO, M. **O velho Marx**: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883). Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018a.

MUSTO, M. Os manuscritos econômico-filosóficos de 1844 de Karl Marx: dificuldades para publicação e interpretações críticas. **Caderno CRH**, vol. 32, núm. 86, pp. 399-418, 2019.

NEUHAUS, M. Clásico entre los clásicos. Bases filológico-editoriales, estructura y últimos desarrollos de la Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA). In: MUSTO, M. **Tras las huellas de un fantasma**: la actualidad de Karl Marx. México: Siglo XXI, 2011.

PAÇO-CUNHA, E. **Gênese, razoabilidade e formas mistificadas da relação social de produção em Marx**: a organização burocrática como abstração arbitrária. Tese (doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

PALÚ, M. A. **Estado, democracia e gênero humano**: a crítica de 1843 e a fundação do pensamento marxiano. Dissertação (mestrado), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito, 2019.

PAUL, S. El censor St. Paul informa sobre Marx. In: MARX, K. **Escritos de Juventud**. Tradução de Wenceslao Roces. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

PAZELLO, R. P. Orelha do livro. In: MARX, K. **Os despossuídos**: debates sobre a lei referente ao furto de madeira. São Paulo: Boitempo, 2017.

PERDIGAO, G. A. **Lentes coloridas**: direito e religião, as concepções de mundo e a questão da igualdade em F. Engels. Dissertação (mestrado), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito, 2018.

PEREIRA NETO, M. L. A marxologia vive em “O velho Marx”: por que ler Marx 200 anos depois do seu nascimento? **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, Rio das Ostras, v. 24, n. 2, pp. 241-252, 2018b. Disponível em: <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/369/352>. Acesso em: 27 setembro 2022.

PEREIRA NETO, M. L. **A posição de Marx frente ao direito nos escritos de 1835-1843**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2018a.

RIBAS, P. El proyecto mega Peripecias de la edición crítica de las obras de Marx y Engels. **Nueva Sociedad**, n. 277, p. 151-159, 2018. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/el-proyecto-mega/>. Acesso em: 27 setembro 2022.

ROHAHN, J. Publishing Marx and Engels after 1989: The fate of the mega. **Critique**, v. 29(1), p. 196–207, 2001. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03017600308413467>. Acesso em: 27 setembro 2022.

ROSENKRANZ, K. **Hegels Leben**. Berlin: Verlag von Dunder und Humblot, 1844. Disponível em: https://hegel.net/rosenkranz/Rosenkranz1844-Hegels_Leben.pdf. Acesso em: 27 setembro 2022.

RUBEL, M. **Crônica de Marx**. São Paulo: Ensaio, 1991.

SALDAÑA, P. Marx está presente em apenas 4% de disciplinas de pesquisa em filosofia. 2019. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/marx-esta-presente-em-apenas-4-de-disciplinas-de-pesquisa-em-filosofia.shtml>. Acesso em: 26 setembro 2022.

SANTIAGO, S. **Carlos & Mário**: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

SARTORI, V. B. Marx e Hegel: três momentos da crítica marxiana ao direito. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, Rio das Ostras, v. 24, n. 1, abril 2018a., p. 177-208.

SARTORI, V. B. Os juristas nas Teorias do mais-valor de Karl Marx: produtividade e desenvolvimento capitalista diante da concepção marxiana de socialismo. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, Rio das Ostras, v. 26, n. 1, pp. 330-5, 2020. Disponível em: <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/485/427>. Acesso em: 27 setembro 2022.

SATÓRIO, L. V.; ASSUNÇÃO, V. N. F. D. A trajetória de J. Chasin: teoria e prática a serviço da revolução social. Entrevista com os Profs. Drs. Antonio Rago Filho e Ester Vaisman. **Verinotio - Revista on-line de Educação e Ciências Humanas**, Rio das Ostras, n. 9, Ano V, pp. 221-297, nov. 2008. Disponível em: http://www.verinotio.org/conteudo/r9_14_entrevista_rago_ester.pdf. Acesso em: 27 setembro 2022.

SGRO, G. La MEGA2 e dintorni, in Nel cantiere delle opere di Marx ed Engels. **Marxismo oggi. Rivista quadrimestrale di cultura e politica**, Milano, nuova serie, XXI, n. 1, p. 63-81, 2008a. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259467743_La_MEGA2_e_dintorni_in_Nel_cantiere_delle_opere_di_Marx_ed_Engels_Marxismo_oggi_Rivista_quadrimestrale_di_cultura_e_politica_nuova_serie_XXI_2008_n_1_gennaio-aprile_2008_Milano_Teti_Editore_2008_pp_63. Acesso em: 27 setembro 2022.

SGRO, G. La MEGA-impresa. A proposito di un recente contributo critico sulla Marx-Engels-Gesamtausgabe. **Logos: Rivista annuale del Dipartimento di Filosofia “A. Aliotta”**, Napoli, v.2, p. 255-363, 2008b.

SGRO, G. **MEGA-Marx Studi sulla edizione e sulla recezione di Marx in Germania e in Italia**. Napoli-Salerno: Orthotes, 2016.

SODRÉ, N. W. Desventuras da Marxologia. **Temas de Ciências Humanas**, São Paulo, nº 5, 1979.

STRAUSS, D. F. **Das leben Jesu kritisch bearbeitet (1835)**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2012.

TAKENAGA, S. Marx on rent: new insights from the new MEGA. Takenaga, S. Marx on rent: new insights from the new MEGA. **The European Journal of the History of Economic Thought**, p. 1–35, 2018.

TELES JUNIOR, J. F. "**Forças essenciais**" nos **Manuscritos econômico-filosófico de 1844 de Karl Marx**. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 2002.

VAISMAN, E. A obra de juventude e da maturidade: ruptura ou continuidade? **In: BOITO JR., A. A obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações**. São Paulo: Xamã, 2000.

VAISMAN, V. Itinerário de um grupo de pesquisa. **Ensaio Ad Hominem/Estudos e edições Ad Hominem**, São Paulo, Tomo IV – Dossiê Marx, n. nº1, 2001.

Referências do capítulo 3

ALBINATI, A. S. C. B. **As determinações da moralidade na obra de Marx**. Tese (doutorado), Belo Horizonte: UFMG/ FAFICH, 2007.

ALTHUSSER, L. **Por Marx**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.

BARATA-MOURA, J. **Marx e a crítica da "Escola Histórica do Direito"**. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

FICHTE, J. G. **Fundamento do Direito Natural segundo os princípios da Doutrina da Ciência**. Tradução de José Lamego. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas: filosofia do espírito**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: edições 70, 1992.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HEGEL, G. W. F. **Linhas fundamentais da filosofia do direito: direito natural e ciência do estado em seu traçado fundamental**. Tradução, apresentação e notas de Marcos Lutz, incluindo os adendos de Eduard Gans; introdução de Jean-François Kervégan Müller. São Paulo: Editora 34, 2022.

HEINRICH, M. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra, volume 1: 1818-1841**. Tradução de Cláudio Cardinali. São Paulo: Boitempo, 2018.

JAEGER, H. Savigny et Marx. **Archives de Philosophie (Tome XII): Marx et le droit moderne**, Paris, 1967.

KANT, I. **Metafísica dos costumes**. Tradução de Clélia Aparecida Martins; Bruna Nadai *et al.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LAMEGO, J. Apresentação - O Fundamento do Direito Natural e o sistema do idealismo transcendental. **In: FICHTE, J. G. Fundamento do Direito Natural segundo os princípios da doutrina da ciência**. Tradução de José Lamego. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. VII-XLVII.

LEFEBVRE, J.-P.; MACHERY, P. **Hegel e a Sociedade**. Tradução de Thereza Christina Ferreira Stummer; Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

LÖWY, M.; SAYRE, R. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LYRA FILHO, R. **Karl, meu amigo**: diálogo com Marx sobre o direito. Porto Alegre: Fabris Editor, 1983.

MARTINS, D. R. D. O caminho romântico do jovem Karl Marx para o hegelianismo. **Kínesis**, v. X, n. 25, 2018, p. 40-61. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/3.douglasmartins.pdf>. Acesso em: 15 novembro 2022.

MARX, K. Carta de Karl Marx (em Berlim) a Heinrich Marx (em Trier). 10-11 de novembro de 1837. In: HEINRICH, M. **Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna**: biografia e desenvolvimento de sua obra, volume 1: 1818-1841. Tradução de Claudio Cardinali. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Florestan Fernandes. 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, K. **Escritos ficcionais**: Escorpião e Félix e Oulanem. Tradução de Flavio Aguiar e Tercio Redondo Claudio Cardinali. São Paulo: Boitempo, 2018b.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: livro III: o processo global de produção capitalista. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA I/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1975a.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA III/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1975b.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA IV/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1976.

MARX, K.; ENGELS, F. **Werke 13**. Berlin: Dietz, 1961.

MÜLLER, M. L. Apresentação. In: HEGEL, G. F. W. **Linhas fundamentais da filosofia do direito**: direito natural e ciência do Estado em seu traçado fundamental. São Paulo: Editora 34, 2022.

NAVES, M. B. **A questão do direito em Marx**. São Paulo: Outras Expressões; Dobra Universitária, 2014.

OLIVEIRA, F. O Cameralismo e os fundamentos da Ciência do Estado nos escritos de Seckendorf, Justi e Sonnenfels. **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, abril 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revce/article/view/e25602/e25602>. Acesso em: 09 novembro 2022.

PRAWER, S. S. **Karl Marx and World Literature**. Oxford: Oxford University Press, 1978.

SARTORI, V. Acerca da individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e do “romantismo” em Marx. **Práxis Comunal**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, 2018, 33-70.

SARTORI, V. B. Acerca da Individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e do “romantismo” em Marx [Parte II: revolução e indivíduos universalmente desenvolvidos]. **Práxis Comunal**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2019, pp. 168-201.

SARTORI, V. B. Marx e Hegel: três momentos da crítica marxiana ao direito. **Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, Rio das Ostras, v. 24, n. 1, abril 2018a., p. 177-208.

SCHELLING, F. W. J. **Nova dedução do Direito Natural**. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 2019.

SCHLEGEL, F. Fragmentos do Athenaeum (Excertos). In: LOBO, L. **Teorias poéticas do romantismo**. Tradução, seleção e notas de Luíza Lobo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 50-72.

VAISMAN, E.; FORTES, R. V. Apresentação. In: LUKÁCS, G. **A destruição da razão**. Tradução de Bernard Herman Hess; Rainer Patriota; Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Instituto Lukács, 2020, p. XI-XIX.

Referências do capítulo 4

ENGELS, F. Engels an Richard Fischer in Berlin. In.: MARX, K.; ENGELS, F. **Werke 39**. Berlim: Dietz, 1968, pp. 466-467.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas: filosofia do espírito**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: edições 70, 1992.

HEGEL, G. W. F. Linhas fundamentais da filosofia do direito: direito natural e ciência do estado em seu traçado fundamental. Tradução, apresentação e notas de Marcos Lutz Müller, incluindo os adendos de Eduard Gans; introdução de Jean François Kervégan Müller. São Paulo: Editora 34, 2022.

HOBBS, T. **Do cidadão**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LUKÁCS, G. **O espírito europeu (1946)**. Tradução de Carolina Peters. Verinotio, Rio das Ostras, v. 27, n. 1, pp. 9-39, jan./jun. 2021.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Florestan Fernandes. 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA I/1**. Berlin: Dietz, 1975.

MÜLLER, M. L. Notas. In: HEGEL, G. W. F. **Linhas fundamentais da filosofia do direito: direito natural e ciência do estado em seu traçado fundamental**. Tradução, apresentação e notas de Marcos Lutz Müller, incluindo os adendos de Eduard Gans; introdução de Jean François Kervégan Müller. São Paulo: Editora 34, 2022.

SARTORI, V. B. Marx: Crítica do Direito e crítica à Economia Política. Marx e o Marxismo, Niterói, v. 5, 2017, p. 270-284.

Referências do capítulo 5

CHASIN, J. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

HEGEL, G. W. F. **Linhas fundamentais da filosofia do direito**: direito natural e ciência do estado em seu traçado fundamental. Tradução, apresentação e notas de Marcos Lutz Müller, incluindo os adendos de Eduard Gans; introdução de Jean François Kervégan Müller. São Paulo: Editora 34, 2022.

MARX, K. **A guerra civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011b.

MARX, K. **A miséria da filosofia**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Global, 1985.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel – introdução**. In.: MARX, K. Crítica da filosofia do direito de Hegel. Tradução Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010b.

MARX, K. **Crítica da filosofia do Direito de Hegel**. Tradução Nélio Schneider e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011a.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010d.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política (Livro I). Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **Sobre a questão judaica**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2010c.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **A sagrada família**. São Paulo: Boitempo, 2011c.

MARX, K.; ENGELS, F. **MECW (V. 46)**. Lawrence & Wishart, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA I/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1975a.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA I/2**. Berlin: Dietz Verlag, 1982.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA III/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1975b.

MARX, K.; ENGELS, F. **MEGA IV/1**. Berlin: Dietz Verlag, 1976.

MOTA, H. de A. **Escritos marxianos de juventude e direito**. 2011. Dissertação de Mestrado (Sociologia). UNICAMP, São Paulo.

PAÇO CUNHA, E. Movimento real da forma política em Marx: elementos para a crítica dos “aparelhos repressivos” como síntese do estado capitalista. In: **Marx e o Marxismo: Insurreições, passado e presente (Anais)**. Niterói, 2015.

SARTORI, V. B. Acerca da heterogeneidade entre direito e política em Marx. In: **Marx e o Marxismo: Insurreições, passado e presente (Anais)**. Niterói, 2015.

SARTORI, V. B. Apontamentos sobre marxismo e direito: decadência burguesa e manipulação. In: **Revista Jurídica Direito e realidade**. São Paulo, 2011.

SARTORI, V. B. De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta. In: **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 130, pp. 691-713, 2014.

ANEXOS

O LEGADO LITERÁRIO DE KARL MARX (1833-1844)

Anexo 1 – Escritos do período colegial (1831[?] - 1835)

ANO	TIPO	TÍTULO DO DOCUMENTO
1833	Escritos literários	Auf Karl den Großen ⁶⁴⁸
1835	Trabalhos para conclusão do <i>Gymnasium</i> (<i>Abiturarbeiten</i>)	Religionsaufsatz – Die Vereinigung der Gläubigen mit Christo nach Johannes 15,1-14, in ihrem Grund und Wesen, in ihrer unbedingten Notwendigkeit und in ihren Wirkungen dargestellt
		Übersetzung aus dem Griechischen – Aus Sophoclis Trachiniae
		Deutscher Aufsatz – Betrachtung eines Jünglings bei der Wahl eines Berufes
		Übersetzung ins Französische – Exemples qui servent à prouver, que l'homme peut modifier les influences du climat qu'il habite
		Mathematische Arbeit
		Lateinischer Aufsatz - An principatus Augusti merito inter feliciores reipublicae Romanae aetates numeretur?
		Lateinisches Extemporale - De Hemsterhusii moribus. Lateinisches Extemporale

⁶⁴⁸ Poema encontrado em um caderno de Sophie Marx. Segundo Michael Heinrich, "é possível que esse primeiro poema tenha sido fruto de atividades nas aulas de alemão" (2018, p. 209). Nesse caderno, também há mais dois poemas inéditos, *Menschenleben* e *Schwester hold*, mas que não constam suas datas de composição.

Anexo 2 – Escritos do período acadêmico: a Literatura de Marx

ANO	ORIGEM	TÍTULO
1833	Poemas encontrados nos cadernos de Sophie Marx	Auf Karl den Großen ⁶⁴⁹
1835-1836	Poemas compilados por Sophie Marx ⁶⁵⁰	Die Tochter. Ballade
		Der stolzen Schönen. 2 Sonette
		Widmung mehrerer Gedichte zu Vaters Geburtstage
		Schiller. 2 Sonette
		Goethe. 2 Sonette
		Wunsch
		Die Blinde. Ballade
		Rizio, Sänger der Maria Stuart. Ballade
		Zuruf
		Die Sängler. Ballade
		Die zwei Königskinder
		Sturmlied
		Der Greis. Romanze in 6 Liedern
		Die Göttin des Rheins. Ballade
		Der Schaum
		Die Erscheinung
		Die Sterne. 3 Sonette
		Engelbert Klingholz. Ballade
		Die Ruhe
		Die Geistesblüthe
		Die Oper
		Hans Heiling. Oper
		Das eherne Pferd. Oper
Der Misanthrop		
Die unmoralische und die mystische Litteratur		
Deutscher Geschmack		
1836	Buch der Liebe ⁶⁵¹ (Tomo I)	Die zwei Himmel. Auf der Reise nach Berlin im Wagen. An Jenny
		Die Nacht. An Jenny
		Der Gedanken. An Jenny
		Menschenstolz. An Jenny
		Des Sängers letztes Lied. Ballade
		Das bleiche Mädchen. Ballade
		Lucinde. Ballade

⁶⁴⁹ No caderno de Sophie Marx, há três poemas inéditos, além de *Auf Karl den Großen*, datado de 1833, há dois outros poemas, cuja datação não é possível determinar. São eles *Menschenleben* e *Schwester hold*.

⁶⁵⁰ De um total de 39 poemas, há 26 poemas inéditos neste compilado.

⁶⁵¹ O *Buch der Liebe*, caderno de poemas enviado a Jenny, foi dividido em dois tomos. No tomo 1, há 12 poemas; e no tomo 2, somam 22 poemas.

1836	Buch der Liebe (Tomo I)	Sängerliebe. An Jenny
		Der Wilden Brautgesang. Ballade
		Trennungsabend. An Jenny
		Die Zerrißne. Ballade
		Schlußsonette. An Jenny
	Buch der Liebe (Tomo II)	Amulet
		Das Gift
		Pultlied
		Lied an die Sterne
		Die zwei Sterne. Räthsel
		Meine Welt
		Glöckner's Thurmlied
		Der Lampe Licht
		Empfindungen
		Abendstunde
		Klage
		Mein Streben
		Das Gespenst. Ballade
		Traum
		Lied eines Schiffer's auf der See
		Umwandelung
		Todschmerz
		Der Knabe und das Mägdlein Ballade
		Die Mutter. Ballade
		Sturm
	Vorwurf	
	Wunsch	
	Buch der Lieder⁶⁵²	Die Geister. Ballade. An Jenny
		Alboin und Rosemunde. Romanze
		Harmonie. An Jenny
		Seelenmusik. An Jenny
		Sehnsucht. An Jenny
		Die beiden Harfensängerinnen. Ballade
		An Jenny. Sonette
An Jenny		
Die Romanze vom Grab		
Der Sirenen Sang. Ballade		
Lied der Elfen		
Gnomenlied		
Phantasiegebilde. Sonette an Jenny		
Die beiden Rosen. Romanze		
Sonette an Jenny		
Vorerinnerung an Jenny		
Die Zauberin. An Jenny		
An Jenny		

⁶⁵² O *Buch der Lieder*, também oferecido a Jenny, contém 23 poemas.

1836	Buch der Lieder	An Jenny. Sonette
		An Jenny. Sonette
		An Jenny. Sonette
		Des Sängers Christabend. Romanze
		An Jenny
1837	Gedichte, meinem teuren Vater zu seinem Geburtstage 1837 ⁶⁵³	Widmung. An den Vater
		Zauberharfe. Ballade
		Sehnsucht. Romanze
		Nachtliebe. Romanze
		Sirenensang. Ballade
		Der Wassergreis. Ballade
		Erste Elegie aus Ovid's Büchern der Trauer; frei übersetzt
		Die Wahnsinnige. Ballade
		Blumenkönig. Phantastische Ballade
		Erwachen
		Des Verzweifelnden Gebet
		Lucinde. Ballade
		Weltgericht. Scherz
		Die beiden Harfensängerinnen. Ballade
		Epigramme
		Harmonie
		Die Zerrißne. Ballade
		Menschenstolz
		Lied an die Sterne
		Lied eines Schiffer's auf der See
		Das bleiche Mädchen. Ballade
		Waldquell
		Spielmann
		Drei Lichtlein
		Die Entführung. Ballade
		Wiener Affentheater in Berlin
		Armida von Ritter Gluck
		Verdingung
		Sentimentale Seelen
		Neumodische Romantik
		An die Sonne der Wahrheit. (F. Quednow.)
Auf einen Ritterheroen		
Meiner Nachbarin jenseits		
Philister Verwunderung		
Mathematikerweisheit		
An die Mediziner		

⁶⁵³ O caderno dedicado ao pai, contém 50 poemas, dos quais nove (destacados em negrito na tabela 2) já constavam nos cadernos entregues a Jenny. Portanto, são 41 poemas inéditos. Nesse caderno, também há dois textos incompletos, algumas cenas de uma tragédia, o primeiro ato de *Oulanem*, e certos capítulos de *Scorpion und Felix*, um romance humorístico. A presente pesquisa contabilizou 122 poemas produzidos por Marx entre 1835 e 1837.

1837	Gedichte, meinem teuren Vater zu seinem Geburtstage 1837	Mediziner-Psychologie
		Mediziner-Metaphysik
		Mediziner-Anthropologie
		Mediziner-Ethik
		Zwei Lieder an Jenny
		Schluß-Sonett an Jenny
		Wechselgespräch. Ballade
		Seefels
		Männerl und Trommerl. Mährlein
		Spatziergang
		Zauberschiff. Romanze
		Mondmann
		Nachtgedanken. Dithyrambe
		Traumbild. Dithyrambe
		Oulanem
Scorpion und Felix		
1841	Poema publicado em 23 de janeiro na revista <i>Athenäum</i>, n. 4	Wilde Lieder

Anexo 3 – Produção acadêmica de Marx

ANO	TÍTULO DO DOCUMENTO
1839-1840	Hefte zur epikureischen Philosophie
1840-1841	Berliner Hefte
1841	Differenz der demokritischen und epikureischen Naturphilosophie

Anexo 4 – Entre a docência e o jornalismo: os últimos escritos acadêmicos de Marx

ANO	ORIGEM	TÍTULO DO DOCUMENTO
1842	Bonner Hefte	Exzerpteaus Karl Friedrich von Rumohr: Italienische Forschungen
		Exzerpte aus Johann Jakob Grund: Die Malerey der Griechen
		Exzerpteaus Charles De Brosses: Ueber den Dienst der Fetischengötter, und aus Karl August Böttiger: Ideen zur Kunst – Mythologie
		Exzerpte aus Christoph Meiners: Allgemeine kritische Geschichte der Religionen
		Exzerpte aus Benjamin Constant: De la religion
		Index zum Manuskript „ Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie“
		Exzerpte Jean Barbeyrac: Traité de la morale des pères de l'église

Anexo 5 – Correspondências ativas e passivas do período acadêmico: do final de 1835 a 1841

ANO	TÍTULO	DATA
1835	Heinrich Marx para Karl Marx	8 de novembro
	Heinrich Marx e Henriette Marx para Karl Marx	18-29 de novembro
1836	Heinrich Marx e Henriette Marx para Karl Marx	Fevereiro a início de março
	Heinrich Marx para Karl Marx	19 de março
	Heinrich Marx para Karl Marx	Maio a junho
	Heinrich Marx para Karl Marx	1º de julho
	Heinrich Marx para Karl Marx	9 de novembro
	Heinrich Marx, Henriette Marx e Sophie Marx para Karl Marx	28 de dezembro
1837	Heinrich Marx para Karl Marx	3 de fevereiro
	Heinrich Marx para Karl Marx	2 de março
	Heinrich Marx e Henriette Marx para Karl Marx	12-14 de agosto
	Heinrich Marx para Karl Marx	20 de agosto
	Heinrich Marx e Henriette Marx para Karl Marx	16 de setembro
	Karl Marx para Heinrich Marx (carta ao pai) *	10-11 de novembro
	Heinrich Marx e Sophie Marx para Karl Marx	17 de novembro
	Heinrich Marx para Karl Marx	9 de dezembro
1838	Heinrich Marx, Henriette Marx e Sophie Marx para Karl Marx	10 de fevereiro
	Henriette Marx e Heinrich Marx para Karl Marx	15-16 de fevereiro
	Jenny von Westphalen para Karl Marx	Após 10 de maio
	Jenny von Westphalen para Karl Marx	24 de junho
	Henriette Marx para Karl Marx	22 de outubro
1839	Bruno Bauer para Karl Marx	11 de dezembro
1839-1840	Jenny von Westphalen para Karl Marx	
1840	Bruno Bauer para Karl Marx	1º de março
	Bruno Bauer para Karl Marx	30 de março
	Bruno Bauer para Karl Marx	5 de abril
	Henriette Marx para Karl Marx	29 de maio
	Bruno Bauer para Karl Marx	25 de julho
1841	Sophie Marx para Karl Marx	Antes de março
	Bruno Bauer para Karl Marx	28 de março
	Bruno Bauer para Karl Marx	31 de março
	Bruno Bauer para Karl Marx	Início de abril
	Karl Marx para K. F. Bachmann	
	Karl Marx para Oskar Ludwig Bernhard Wolff	7 de abril

Anexo 6 – Escritos dos tempos da Gazeta Renana: correspondência

1841	Bruno Bauer an Karl Marx, 12. April.
	Karl Friedrich Koppen an Karl Marx, 3. Juni
	Jenny von Westphalen an Karl Marx, um den 10. August
	Jenny von Westphalen an Karl Marx, 13. September
1842	Bruno Bauer an Karl Marx, 26. Januar
	Karl Marx an Arnold Rüge, 10. Februar
	Arnold Rüge an Karl Marx, 25. Februar
	Karl Marx an Arnold Rüge, 5. März
	Bruno Bauer an Karl Marx, 16. März
	Karl Marx an Arnold Rüge, 20. März
	Arnold Rüge an Karl Marx, 26. März
	Georg Jung an Karl Marx, um den 12. Mai
	Karl Marx an Arnold Rüge, 27. April
	Dagobert Oppenheim an Karl Marx, 4. Juli
	Arnold Rüge an Karl Marx, vor dem 9. Juli
	Karl Marx an Arnold Rüge, 9. Juli
	Arnold Rüge und Karl Riedel an Karl Marx, 7. August
	Karl Marx an Dagobert Oppenheim, etwa Mitte August bis zweite Hälfte September
	Arnold Rüge an Karl Marx, 21. Oktober
	Karl Marx an Justus Wilhelm Eduard von Schaper, zwischen 12. und 17. November
	Georg Herwegh an die Redaktion der „Rheinischen Zeitung“, 22. November
	Karl Marx an Arnold Rüge, 30. November
	Arnold Rüge an Karl Marx, 4. Dezember
	Arnold Rüge an Karl Marx, 6. Dezember
Arnold Rüge an Karl Marx, 10. Dezember	
Bruno Bauer an Karl Marx, 13. Dezember	
Heinrich Joseph Ciaessen an Karl Marx, 21. Dezember	
1843	Karl Marx an Arnold Rüge, 25. Januar 1843 40 591
	Arnold Rüge an Karl Marx, 1. Februar
	Georg Herwegh an Karl Marx, 17. Februar
	Arnold Rüge an Karl Marx, 18. Februar
	Arnold Rüge an Karl Marx, 26. Februar
	Jenny von Westphalen an Karl Marx, Anfang März
	Karl Marx an Arnold Rüge, 13 März 1843 47 596
	Arnold Rüge an Karl Marx, 8. März
Karl Marx an Arnold Rüge, März 1843 44 594	

Anexo 7 – A publicística de Marx dos tempos da Gazeta Renana: de 1842 ao início de 1843

ANO	PERIÓDICO	TÍTULO	DATA
1842	Anekdotas	Bemerkungen über die neueste preußische Zensurinstruktion	Publicado em 1843 e redigido entre 15/01 e 10/02 de 1842
	Gazeta Renana	Die Verhandlungen des 6. Rheinischen Landtags. Erster Artikel. Debatten über Preßfreiheit und Publikation der Landständischen Verhandlungen	05 a 19/05/1842
		Die Zentralisationsfrage in bezug auf sich selbst und in bezug auf das Beiblatt der „Rheinischen Zeitung“	17/05/1842
		Der leitende Artikel in Nr. 179 der „Kölnischen Zeitung“	10 a 14/07/1842
		Das philosophische Manifest der historischen Rechtsschule	09/08/1842
		Verhandlungen des 6. Rheinischen Landtags. Dritter Artikel. Debatten über das Holzdiebstahlggesetz	25/10 a 03/11/1842
		Der Kommunismus und die Augsburger „Allgemeine Zeitung“	16/10/1842
		Zur Polemik über den Kommunismus Bemerkung der Redaktion der „Rheinischen Zeitung“	23/10/1842
		Die „liberale Opposition“ in Hannover Fußnote der Redaktion der „Rheinischen Zeitung“. Assinado: Die Redaktion der Rheinischen Zeitung	08/11/1842
		Die Kommunalreform und die „Kölnische Zeitung“ mit Änderungen von Marx' Hand	08 a 13/11/1842
		Der Ehescheidungsgesetzentwurf Kritik der Kritik Fußnote der Redaktion der „Rheinischen Zeitung“ mit Änderungen von Marx' Hand. Assinado Die Redaktion der Rheinischen Zeitung	15/11/1842
		Kabinettsordre in bezug auf die Tagespresse	16/11/1842
		Ein Korrespondent der „Kölnischen Zeitung“ und die „Rheinische Zeitung“	17/11/1842
		Die polemische Taktik der Augsburger Zeitung	30/11/1842
		Der Artikel in Nr. 335 und 336 der Augsburger „Allgemeinen Zeitung“ über die ständischen Ausschüsse in Preußen	11 a 31/12/1842

1842	Gazeta Renana	Über Adolph Stahr Fußnote der Redaktion der „Rheinischen Zeitung“	18/12/1842		
		Der Ehescheidungsgesetzentwurf	19/12/1842		
	Deutsche Jahrbücher	Noch ein Wort über „Bruno Bauer und die akademische Lehrfreiheit“ von Dr.O. F.Gruppe. Berlin 1842	16/11/1842		
1843	Gazeta Renana	Das Verbot der „Leipziger Allgemeinen Zeitung“ für den preußischen Staat	01/01/1843		
		Zur Polemik der Augsburger „Allgemeinen Zeitung“	03/01/1843		
		Ankündigung der „Rechtfertigung des f t-Korrespondenten von der Mosel“	03/01/1843		
		Rechtfertigung des tt-Korrespondenten von der Mosel Abschnitt A und B	15 a 20/01/1843		
		Rechtfertigung des tt-Korrespondenten von der Mosel Fragment des Abschnitts C: Krebschäden der Moselgegend	?/01/1843		
		Die „Kölnische Zeitung“ und das Verbot der „Leipziger Allgemeinen Zeitung“	04/01/1843		
		Die gute und die schlechte Presse	06/01/1843		
		Replik auf den Angriff eines „gemäßigten“ Blattes	08/01/1843		
		Replik auf die Denunziation eines „benachbarten“ Blattes	10/01/1843		
		Erwiderung auf ein Nachwort der Augsburger „Allgemeinen Zeitung“ Bemerkung der Redaktion der „Rheinischen Zeitung“	12/01/1843		
		Die Denunziation der „Kölnischen“ und die Polemik der „Rhein- und Mosel-Zeitung“	13/01/1843		
		Die „Rhein- und Mosel-Zeitung“	16/01/1843		
		Randglossen zu den Anklagen des Ministerialreskripts	?/01/1843		
		Die hiesige Landtagsabgeordnetenwahl	09/03/1843		
		Die „Rhein- und Mosel-Zeitung“ als Großinquisitor	12/03/1843		
		Stilistische Übungen der „Rhein- und Mosel-Zeitung“	14/03/1843		
		Erklärung. Assinado Dr. Marx. 17 de março	18/03/1843		
			Trier'sche Zeitung/Nr. 55	Zum Ausbleiben der Fortsetzung der „Rechtfertigung des tt-Korrespondenten von der Mosel“ Erklärung der Redaktion der „Rheinischen Zeitung“. Assinado Die Redaction der Rheinischen Zeitung	25/02/1843

Anexo 8 – Artigos jornalísticos dos tempos da Gazeta Renana cuja autoria de Marx é contestável

ANO	PERIÓDICO	TÍTULO	DATA
1842	Gazeta Renana	Über die Kommunalreform	23/10/1842
		Übergabe eines Gemeindeordnungsentwurfs, welcher die Rechtsgleichheit zwischen Stadt- und Landgemeinden nicht anerkennt, an die rheinischen Deputierten in Berlin	10/11/1842
		Zur Korrespondenz „Die Besetzung der Insel Fernando Podurch die Engländer“	17/11/1842
		Über Schutzzölle	22/11/1842
		Zur Rede von Dr. Coremans „Die niederdeutschen Belgier, ihre Sprache, ihre Literatur“	24/11/1842
		Über das Projekt merkantilischer Jahreskongresse	27/11/1842
		Die „Rheinische Zeitung für Politik, Handel und Gewerbe“. Zum Beginn des zweiten Jahrgangs	1/12/1842
		Zur Korrespondenz „Kampf zwischen Deutschtum und Dänentum“	16/12/1842
		1843	Gazeta Renana
Denkschrift betreffend die Unterdrückung der „Rheinischen – Zeitung“. I. Die Konzession	?/?/1843		
Denkschrift betreffend die Unterdrückung der „Rheinischen – Zeitung“. II. Die Zurücknahme der Konzession	?/?/1843		
Denkschrift betreffend die Unterdrückung der „Rheinischen – Zeitung“. III. Die Tendenz	?/?/1843		
Erwiderung auf eine Kritik des Pastors von Erpel	21/02/1843		
Unwahrheiten der „Rhein-und Mosel-Zeitung“	27/02/1843		
Die Augsburgsburger „Allgemeine Zeitung“	28/02/1843		
Verleumdungen seitens der „Rhein-und Mosel-Zeitung“	06/03/1843		
Die neue Zensurinstruktion	08/03/1843		
Mitteilungen der Redaktion der „Rheinischen Zeitung“	?/?/1843		

Anexo 9 – Artigos jornalísticos dos tempos da Gazeta Renana modificados por Marx

ANO	PERIÓDICO	TÍTULO	DATA
1842	Gazeta Renana	Herweghs und Ruges Verhältnis zu den Freien. Brief von Georg Herwegh. Redigiert von Karl Marx	29/11/1842
		Die inquisitorische Behandlung eines Gefangenen in Hannover. Korrespondenz von Lothar Hörner. Redigiert von Karl Marx	final de 1842

Anexo 10 – Petições assinadas por Marx nos tempos da Gazeta Renana

ANO	TÍTULO
1843	Petition Kölner Bürger um das Fortbestehen der „Rheinischen Zeitung“
	Bittschrift der Aktionäre der Rheinischen Zeitungsgesellschaft um das Fortbestehen der „Rheinischen Zeitung“ nebst Denkschrift
	UntertänigsteBittschrift der Aktionäre der Rheinischen Zeitungsgesellschaft um das Fortbestehen der „Rheinischen Zeitung“
	Denkschrift der Aktionäre der Rheinischen Zeitungsgesellschaft
	Protokoll der außerordentlichen Generalversammlung der Rheinischen Zeitungsgesellschaft am 12. Februar 1843
	Protokoll der ordentlichen Generalversammlung der Rheinischen Zeitungsgesellschaft am 24. Februar 1843

Anexo 11 – Correspondências ativas e passivas: da saída da Gazeta Renana ao final de 1844

ANO	TÍTULO	DATA
1843	Arnold Rüge para Karl Marx	19 de março
	Arnold Rüge para Karl Marx	Março
	Karl Marx para Arnold Rüge, erste Hälfte	Maio
	Arnold Rüge para Karl Marx	4-7 de junho
	Arnold Rüge para Karl Marx	17 de julho
	Arnold Rüge para Karl Marx	11 de agosto
	Arnold Rüge para Karl Marx	Agosto
	Karl Marx para Arnold Rüge	Setembro
	Arnold Rüge para Karl Marx	22 de setembro
	Karl Marx para Ludwig Feuerbach	3 de outubro
	Ludwig Feuerbach para Karl Marx. Erster Entwurf	Entre 6 e 25 de outubro
	Ludwig Feuerbach para Karl Marx. Zweiter Entwurf	Entre 6 e 25 de outubro
	Ludwig Feuerbach para Karl Marx	25 de outubro
	Karl Marx para Julius Fröbel	21 de novembro
	Arnold Rüge para Karl Marx	1º de dezembro
	Georg Herwegh para Arnold Rüge, Karl Marx und Friedrich Wilhelm German Maurer	28 de dezembro
	1844	Karl Heinzen para Karl Marx
Heinrich Joseph Ciaessen para Karl Marx		13 de março
Jenny Marx para Karl Marx		21 de junho
Georg Jung para Karl Marx		26 de junho
Moses Heß para Karl Marx		3 de julho
Georg Jung para Karl Marx		31 de julho
Jenny Marx para Karl Marx		Entre 4 e 7 de agosto
Karl Marx para Ludwig Feuerbach		11 de agosto
Jenny Marx para Karl Marx		Entre 11 e 18 de agosto
Heinrich Heine para Karl Marx		21 de setembro
Friedrich Engels para Karl Marx		Início de outubro
Karl Marx para Julius Campe		7 de outubro
Wilhelm Weitling para Karl Marx		18 de outubro
Karl Marx para Heinrich Börnstein		Antes de novembro
Karl Marx para Heinrich Börnstein		Outono
Friedrich Engels para Karl Marx		19 de novembro
Joseph Rütten und Zacharias Löwenthal para Karl Marx		3 de dezembro
Zacharias Löwenthal para Karl Marx	27 de dezembro	
1844-1845	Karl Marx para Heinrich Börnstein	Entre final de dezembro e início de janeiro

Anexo 12 – Correspondência sobre os Anais franco-alemães

ANO	TÍTULO	DATA
1843	Marx para Ruge Auf der Treckschuit nach D.	Março de 1843
	Ruge para Marx Berlin	Março de 1843
	Marx para Ruge Köln	Maio de 1843
	Bakunin para Ruge Petersinsel im Bieler See	Maio de 1843
	Ruge para Bakunin Dresden	Junho de 1843
	Feuerbach para Ruge Bruckberg	Junho de 1843
	Ruge para Marx Paris	Agosto de 1843
	Marx para Ruge Kreuznach	Setembro de 1843

Anexo 13 – Declarações assinadas ou solicitadas por Marx após saída da Gazeta Renana

ANO	DECLARAÇÃO	DATA
1843	Zur Nachricht (Marx e Ruge)	Novembro de 1843
	La Démocratie Pacifique: Déclaration	11/12/1843

Anexo 14 – Excertos e notas do período posterior à saída da Gazeta Renana: entre março de 1843 e 1844

ANO	ORIGEM	TÍTULO
1843	Kreuznacher Heftel 1	Historisch-politische Notizen: Geschichte von Frankreich von C. G. Heinrich
	Kreuznacher Heftel 2	Historisch-politische Notizen: Notizen zur Geschichte Frankreichs, Venedigs und Polens und Exzerpte aus staatstheoretischen Werken, Aus Christoph Gottlob Heinrich: Geschichte von Frankreich
		Historisch-politische Notizen: Aus C. F. E. Ludwig: Geschichte der letzten fünfzig Jahre
		Historisch-politische Notizen: Aus Pierre Daru: Histoire de la république de Venise
		Historisch-politische Notizen: Histoire de France depuis la restauration par Charles Lacretelle
		Historisch-politische Notizen: Aus Jean-Jacques Rousseau: Du contrat social
		Historisch-politische Notizen: Examen critique de l'ouvrage posthume de M. la Baronne de Staël etc par Bailleul
		Historisch-politische Notizen: Aus Henry Brougham: Polen
		Historisch-politische Notizen: Aus Charles Montesquieu: De l'esprit des loix
		Historisch-politische Notizen: Inhaltsverzeichnis
		Kreuznacher Heftel 3
	Historisch-politische Notizen: Aus Johann Martin Lappenberg: Geschichte von England	
	Kreuznacher Heftel 4	Historisch-politische Notizen: Aus Ernst Alexander Schmidt: Geschichte von Frankreich
		Historisch-politische Notizen: Aus François-René Chateaubriand: Ansichten über Frankreich seit dem Juli 1830
		Historisch-politische Notizen: Aus Karl Wilhelm Lancizolle: Ueber Ursachen, Character und Folgen der Julitage
		Historisch-politische Notizen: Aus Wilhelm Wachsmuth: Geschichte Frankreichs im Revolutionszeitalter
		Historisch-politische Notizen: Aus Leopold Ranke: Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation
		Historisch-politische Notizen: Historisch-politische Zeitschrift von L. Ranke
		Historisch-politische Notizen: Aus John Lingard: Geschichte von England seit dem ersten Einfall der Römer

1843	Kreuznacher Hefte 4	Historisch-politische Notizen: Aus Erik Geijer: Geschichte Schwedens
	Kreuznacher Hefte 5	Historisch-politische Notizen: Aus Johann Christian Pfister: Geschichte der Teutschen
		Historisch-politische Notizen: Aus Justus Moser: Patriotische Phantasien
		Historisch-politische Notizen: Aus CG. Jouffroy: Das Princip der Erblichkeit und die französische und englische Pairie
		Historisch-politische Notizen: Aus Hamilton: Die Menschen und die Sitten in den vereinigten Staaten von Nordamerika
		Historisch-politische Notizen: Aus Niccolo Machiavelli: Vom Staate
1844	Historisch-ökonomische Studien (Pariser Hefte)	Vorarbeiten zu einer Geschichte des Konvents
		René Levasseur, (de la Sarthe) ex-Conventionnel: Mémoires. T. 1-4
		Jean-Baptiste Say: Traité d'économie politique. T. 1 und 2
		Frédéric Skarbek: Théorie des richesses sociales. T. 1
		Jean-Baptiste Say: Cours complet d'économie politique pratique
		Exzerpte aus Adam Smith: Recherches sur la nature et les causes de la richesse des nations. T. 1-3
		Xenophon von Athen: Werke. Bd.9-11
		David Ricardo: Des principes de l'économie politique et de l'impôt. T. 1 und 2
		James Mill: Éléments d'économie politique
		John Ramsay MacCulloch: Discours sur l'origine, les progrès, les objets particuliers, et l'importance de l'économie politique
		Guillaume Prévost: Réflexions du traducteur sur le système de Ricardo
		Friedrich Engels: Umriss zu einer Kritik der Nationaloekonomie
		Antoine-Louis-Claude Destutt de Tracy: Éléments d'idéologie. T. 4 und 5
		Exzerpte aus Georg Wilhelm Friedrich Hegel: Phänomenologie des Geistes
		Carl Wolfgang Christoph Schüz: Grundsätze der National-Oeconomie
		Friedrich List: Das nationale System der politischen Oekonomie. Bd.1
		Heinrich Friedrich Oslander: Enttäuschung des Publikums über die Interessen des Handels, der Industrie und der Landwirtschaft
		Heinrich Friedrich Oslander: Ueber den Handelsverkehr der Völker. Bd. 1

1844	Historisch- ökonomische Studien (Pariser Hefte)	David Ricardo: Des principes de l'économie politique et de l'impôt. T. 2
		Exzerpte aus Eugène Buret: De la misère des classes laborieuses en Angleterre et en France

Anexo 15 – Manuscritos inacabados do período posterior à saída da Gazeta Renana: entre março de 1843 e 1844

ANO	TÍTULO
1843	KREUZNACH: Zur Kritik der Hegeischen Rechtsphilosophie
	Kreuznach: Index zum Manuskript „Zur Kritik der Hegeischen Rechtsphilosophie“
1844	Ökonomisch-philosophische Manuskripte
	Konspekt zu Georg Wilhelm Friedrich Hegels „Phänomenologie des Geistes“. Kapitel „Das absolute Wissen“

Anexo 16 – A publicística do período posterior à saída da Gazeta Renana

ANO	PERIÓDICO	TÍTULO
1844	Deutsch-Französischen Jahrbücher	Zur Judenfrage
		Zur Kritik der Hegeischen Rechtsphilosophie. Einleitung
	Annales Françaises et Allemandes	Programme
	Allgemeine Zeitung	Erklärung
	Vorwärts!	Kritische Randglossen zu dem Artikel „Der König von Preußen und die Sozialreform. Von einem Preußen“
		Illustrationen zu der neuesten Kabinettsstilübung Friedrich Wilhelms IV
		Aus dem Briefe einer deutschen Dame. Brief von Jenny Marx. Redigiert von Karl Marx
		Georg Weber – Negersklaven und freie Sklaven
		Georg Weber Offizielle preußische Wohltätigkeit
		Georg Weber – Die Kolonie Ostwald im Elsaß
		Georg Weber – Das Geld
	Mannheimer Abendzeitung	Motive des Untergangs der „Deutsch-Französischen Jahrbücher“

APÊNDICE

A CORRESPONDÊNCIA PASSIVA E ATIVA DE KARL MARX

1. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 08/11/1835

Querido Karl,

Mais de três semanas se passaram desde que você partiu, e não temos nenhum sinal de você! Você conhece sua mãe e a ansiedade dela, e, ainda assim, essa negligência sem limites! Isso, infelizmente, apenas confirma fortemente a minha opinião de que, apesar das suas boas qualidades, em seu coração predomina o egoísmo.

Sua mãe não sabe nada desta carta. Eu não quero aumentar ainda mais a ansiedade dela, mas, repito, é uma irresponsabilidade da sua parte.

De minha parte, posso esperar – mas exijo que você tranquilize sua mãe imediatamente.

Seu pai,

Marx.

2. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 18-29/11/1835

Querido Karl,

Em primeiro lugar, algumas palavras sobre a minha carta, que podem tê-lo aborrecido. Você sabe que eu não me sustento pedantemente na minha autoridade, portanto, também admito ao meu filho quando estou errado. Eu realmente lhe disse para escrever somente depois de você ter olhado um pouco mais ao seu redor. No entanto, como demorou tanto tempo, você deveria ter tomado minhas palavras menos literalmente, especialmente porque você sabe quão ansiosa e preocupada é sua boa mãe. Sobre esse capítulo, é suficiente.

Sua carta, quase ilegível, deu-me muita alegria. É claro que não tenho dúvidas sobre sua boa-vontade, sua dedicação, nem mesmo sua firme intenção de fazer algo grandioso. Por ora, fico feliz que o começo esteja sendo agradável e fácil para você, e que esteja adquirindo gosto por seus estudos profissionais.

Nove seminários me parecem um pouco demais, e eu não gostaria que você fizesse mais do que seu corpo e seu espírito são capazes de suportar. Se, entretanto, você não encontrar nenhuma dificuldade nisso, pode ser bom. O campo do conhecimento é incomensurável, e o tempo é curto. Você, certamente, me dará um relatório mais extenso e detalhado na sua próxima carta. Você sabe o quanto me interessa por tudo o que lhe diz respeito.

Em relação aos seminários jurídicos, você não deve exig[ir...] que seja derretido e poético. A matéria não permite [...] composição poética, você terá que ficar confortável e achar [...] digno de pensamento profundo. Desculpa [...] matérias.

O que mais devo dizer-lhe agora? Dar-lhe um sermão? A fim de [...] dizer o que você não sabe? Embora a natureza o tenha dotado suficientemente para que se você verdadeiramente o [...] seu entendimento mais brilhante, seu sentimento puro, seu intocado [...] ensinar, para não se desviar do bom caminho [...] e o que eu desejo, você sabe muito bem. Eu agora quero [...] pedir o que eu em circunstâncias menos favoráveis [...] não consegui alcançar. Desejo ver em você o que poderia ter acontecido comigo caso tivesse visto o mundo sob auspícios tão favoráveis. Você pode realizar ou destruir minhas maiores

esperanças. Talvez seja errado e imprudente edificar as maiores esperanças em alguém e, assim, talvez minar sua própria tranquilidade. Quem mais, senão a natureza, é a culpada de homens que não são tão fracos sejam pais fracos?

Você tem uma sorte, querido Karl, que é dada a poucos jovens da sua idade. Na primeira experiência profissional da vida, você encontrou um amigo, e um amigo muito digno, que é mais velho e mais experiente do que você. Agradeço essa sorte. A amizade, no verdadeiro sentido clássico, é a mais bela joia da vida e, nessa idade, por toda a vida. Será a melhor pedra de toque do seu caráter, do seu espírito e do seu coração, na verdade, da sua moralidade, se você for capaz preservar seu amigo e ser digno dele.

Que você continue a ser moralmente bom, eu realmente não duvido. Mas um grande apoio para a Moral é a pura fé em Deus. Você sabe que eu sou tudo menos um fanático. Mas esta fé é uma exigência real do homem, mais cedo ou mais tarde, e há momentos na vida em que mesmo o ateu é involuntariamente atraído para a adoração do Altíssimo. E é ruim [...], pelo que Newton, Locke e Leibniz acreditavam, todos podem [...] se submeter.

[...] Loers achou muito ruim você não ter feito uma visita de despedida a ele. Apenas você e Clemens foram os únicos a quem ele contou sobre H. Schlick. Tive que recorrer a uma mentira inocente e dizer a ele [...] que estivemos lá enquanto ele estava fora. A sociedade [...] a associação com Clemens foi pouco para o meu gosto.

Herr Loers foi nomeado segundo diretor e Herr [Brüggemann], como Comissário, esteve aqui ontem para a posse. Foi uma grande cerimônia, já que tanto Herr Brüggemann quanto Herr Loers falaram. Herr Loers deu um ótimo almoço, do qual também participei. Lá falei com várias pessoas que perguntaram por você, e de muitas maneiras fui felicitado por Herr Wienenbrügge ser seu amigo. Estou realmente desejoso de conhecê-lo, e ficaria muito feliz se vocês nos visitassem na Páscoa e, é claro, ficassem aqui junto conosco. Para mim, isso seria uma prova especial da amizade dele com você.

E assim, bom e querido Karl, cuide-se muito bem e, ao proporcionar uma nutrição realmente vigorosa e saudável ao seu espírito, não se esqueça de que nesta terra miserável ele está sempre acompanhado do corpo, que determina o bem-estar de toda a máquina. Um erudito doente é o ser mais infeliz da terra.

Portanto, não estude mais do que a sua saúde pode suportar. Para isso, exercício diário e abstinência, e espero abraçar você mais forte em espírito e corpo toda as vezes.

Trier, 18/11/1835

Seu dedicado pai,

Marx

A propósito. Eu li seu poema palavra por palavra. Francamente confesso, querido Karl, que não o entendo nem em seu verdadeiro sentido, nem em sua tendência. Na vida comum, é uma proposição indiscutível que, com a realização dos desejos mais ardentes, o valor [*Werth*] do que se deseja diminui muito e, muitas vezes, desaparece completamente. Isso certamente não é o que você queria dizer. Isso seria digno de consideração, no máximo, como um princípio moral [*moralischer Grundsatz*], porque, guiado por esse pensamento, evitam-se os prazeres imorais e até adia-se o que é permissível, a fim de que o adiamento retenha o desejo ou assegure um prazer elevado. Acredito que Kant diga algo assim em sua antropologia.

Você deseja somente encontrar a felicidade na idealização abstrata (algo análogo ao devaneio fantasioso)? Em resumo, dê-me a chave, admito minha estreiteza.

Na ocasião da celebração de Herr Loers, achei a situação do bom Herr Wyttenbach extremamente dolorosa. Eu tive vontade de chorar com a ofensa feita a esse homem, cuja única falha é sua bondade. Fiz o meu melhor para mostrar a alta estima que tenho por ele e, entre outras coisas, contei-lhe como você é dedicado e que gostaria de compor um poema em sua homenagem, mas que não tinha tempo. Isso o deixou muito feliz. Você vai me fazer o favor de me enviar alguns versos para ele?

[Postscript no topo da primeira página no lado direito]

P.S. Sua querida mãe teve um impedimento para escrever e assim permanece até hoje, 29 de novembro. É impressionante que nem sequer conheçamos seu endereço exato.

[Postscript da mãe de Marx em 29 de novembro à carta de 18 de novembro]

Com grande prazer, pego minha caneta para lhe escrever; a carta do seu querido pai está pronta há muito tempo, mas eu tenho estado sempre ocupada. Eu gostaria de receber outra carta sua, que provasse que você está bem, pois pode acreditar que anseio muito por você. Ainda estamos todos muito bem, agradecemos aos céus, todos estão ativos e diligentes, e até Eduard está trabalhando muito para que possamos fazer dele um homem capaz. Agora, você não deve considerar isso como uma fraqueza do nosso sexo caso eu esteja curiosa para saber como você organiza sua pequena casa, se a economia [*Ökonomie*] realmente desempenha o papel principal, que é uma necessidade absoluta para as casas grandes e pequenas. Aqui, permita-me observar, querido Carl, que você nunca deve considerar a limpeza e a ordem como algo secundário, pois a saúde e a alegria dependem delas. Insista estritamente para que seus quartos sejam lavados com frequência e estabeleça um tempo definido para isso – e você, meu querido Carl, tome um banho semanal com esponja e sabão. Como está indo com o café, você faz, ou como é? Por favor, deixe-me saber tudo sobre sua casa. Sua amável Musa certamente não se sentirá insultada pela prosa de sua mãe, diga-lhe que o mais alto e melhor é alcançado a partir do mais baixo. Então, agora, adeus. Se você tiver algum desejo para o Natal que eu possa satisfazer, estou pronta para realizá-lo com prazer. Adeus, meu querido e amado Carl, seja honesto e bom e mantenha sempre Deus e seus pais diante de seus olhos. Adeus, sua amada mãe, Henriette Marx.

Todas as crianças enviam saudações e beijos e, como sempre, você é o mais amado e o melhor.

3. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

02-03/1836, Trier

Querido [Karl,]

Se a descrição do seu estado não foi um tanto poética – o que eu desejo – é muito provável que nos preocupe. Espero, pelo menos, que a triste experiência lhe traga a necessidade de prestar mais atenção ao seu estado de saúde. Além de uma boa consciência, a saúde é o bem mais precioso do homem, e os pecados da juventude, em cada excesso ou mesmo nos prazeres que em si mesmos são prejudiciais, vingam-se terrivelmente. Temos um triste exemplo aqui com Herr Günster. No caso dele, não se fala em vício, mas fumar e beber destruíram seu peito já fraco, e ele dificilmente vive até o fim do verão. Sua própria vida é um sofrimento, e lá se vai com ele um excelente espírito perdido.

Mesmo o estudo excessivo é loucura em tal caso. Por outro lado, exercícios moderados, como caminhar e às vezes até cavalgar, mas não loucamente, são muito benéficos; ainda melhor se mantiver o coração alegre e livre de preocupações.

Suas contas, querido Karl, são *à la Carl*, sem contexto e sem resultado. Se elas tivessem sido mais curtas e precisas, e os números propriamente colocados em colunas, a operação teria sido muito simples, exige-se organização, também, de um aprendiz, especialmente um de jurista prático.

No geral, não tenho objeções, apenas acredito que a aquisição de muitos livros no momento é inadequada e onerosa, especialmente grandes obras históricas.

Sua viagem foi adequada se benéfica para sua saúde, mas você deveria ter falado antes algumas palavras sobre ela.

Ainda, e apesar de suas duas cartas (você vê, elas podem ser contadas), eu ainda não conheço seu plano de estudos, o que deve ser de grande interesse para mim. Até onde eu vejo, você não faz nenhuma matéria de história natural [*naturhistorische*], e se física e química são realmente ensinadas tão mal, certamente seria melhor fazê-las em Berlim. Parece-me que apenas uma introdução geral à cameralística seria útil, porque é sempre bom ter uma visão geral do que se deve fazer um dia.

A propósito, Monsieur Gratz, aqui da cidade, me enviou uma carta recomendando você ao Sr. Walter. Mande para ele uma carta – você ouviu alguma coisa a respeito? Eu gostaria disso porque você particularmente gostou muito desse professor.

Seu clube estudantil [*Kränzchen*] me agrada, acredite, mais do que o pub. Os jovens que têm prazer em tais reuniões são necessariamente pessoas educadas e estão mais conscientes de seu valor como futuros cidadãos excelentes do que aqueles que encontram seu valor destacado em sua excepcional grossura. Os jovens que gostam de tal reunião são necessariamente pessoas cultas e sentem melhor seu valor como futuros cidadãos excelentes do que aqueles que encontram seu valor excelente na grosseria excelente.

Você faz bem em esperar para publicar. Um poeta, um literato, deve hoje sentir a vocação de produzir algo que valha a pena, quando pretende se destacar para o público. Por outro lado, ele pode de fato prestar homenagem às musas. Essa sempre foi uma das mais nobres homenagens às mulheres. Mas se em todos os lugares a primeira entrada no mundo é amplamente decisiva, este é especialmente o caso para esses semideuses. Sua superioridade deve mostrar-se no primeiro verso, para que todos imediatamente reconheçam o nascimento de deus. Eu lhe digo francamente, estou profundamente satisfeito com suas aptidões e espero muito delas, mas me entristeceria vê-lo fazer sua primeira aparição como um poeta ordinário; ainda que deva bastar para você dê prazer àqueles imediatamente ao seu redor no círculo familiar. Só os excelentes têm o direito de chamar a atenção de um mundo mimado por um Schiller – os espíritos poéticos provavelmente diriam “Goethe”.

A propósito, agradeço-lhe, querido Karl, por sua consideração muito filial de que você só submeteria seu primeiro trabalho à minha crítica. Isso é tanto mais carinhoso de sua parte, pois sabe quão pouca poesia foi inoculada em mim pela natureza, como mesmo em minha vida não fui capaz de fazer um verso tolerável, mesmo nos doces dias do meu primeiro amor. Por enquanto, vou pensar nisso e esperar para ver se foi apenas um elogio.

Como é, meu caro Karl, que a sua viagem não está incluída nas despesas? Você não está dificultando a sua vinda, está?

Anexo à minha carta uma nota de 50 táleres dizendo-lhe nesta ocasião que pertence somente a você a responsabilidade por seus estudos e que você deve evitar qualquer outra ideia, reduzindo suas necessidades conforme necessário. A esperança de que você possa algum dia ser um apoio para seus irmãos é uma ideia muito bonita e atraente demais para um coração bem-humorado para que eu queira privá-lo disso.

Por enquanto, não tenho mais nada a adicionar, só repito o meu conselho para cuidar da sua saúde. Não há nada mais lamentável do que um estudioso doentio, e nem pais mais infelizes do que aqueles que veem um filho que tanto promete, por cuja educação eles fizeram sacrifícios, ter seu potencial desperdiçado. Tome isso com o coração. Só posso apelar ao seu coração, pois acredito que é bom e nobre.

Abraça-lhe com toda sua alma,
Seu pai
Marx

[Postscript pela mãe de Marx]

Caro amado Carl,

Seu desconforto nos entristeceu muito, mas eu espero e desejo que você tenha se recuperado e embora seja muito preocupada com a saúde de meus queridos filhos, estou convencida de que você, querido Carl, você pode envelhecer –, mas para isso você deve evitar tudo o que poderia aumentar o mal, você não pode ficar superaquecido nem beber muito vinho ou café, e nem comer nada picante, muita pimenta ou outras especiarias; você não pode fumar tabaco nem ficar acordado por muito tempo à noite e acordar cedo. Tenha cuidado também para não pegar um resfriado e, querido Carl, não dance até que esteja bem de novo. Vai parecer ridículo para você, querido Carl, que eu aja como médico, mas você não sabe como os pais levam isso a sério quando veem que seus filhos não estão bem, e quantas horas de ansiedade isto já nos causou. Vocês, os filhos, certifiquem-se de que estão física e moralmente saudáveis, e não se preocupem com mais nada. Seu querido pai esteve bem durante todo o inverno, graças a Deus, e não faltou trabalho, e ainda estamos muito bem. Como você gosta da minha cidade natal – é um lugar realmente lindo e espero que o

tenha inspirado muito, a ponto de lhe dar material para a poesia. Escreva logo, querido Carl, mesmo que não seja muito, mas não demore demais. Adeus, querido Carl, beijo-lhe nos meus pensamentos,

Sua mãe amorosa,

Henriette Marx

4. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 19/03/1836

Querido Karl,

Acabei de receber sua carta e devo confessar que estou um pouco surpreso com ela.

No que diz respeito a sua carta contendo as contas, eu já lhe disse na época que eu não fazia ideia delas. Eu percebi que você precisa de dinheiro e, portanto, enviei-lhe 50 táleres. Somados à quantia que você levou consigo, isso faz 160 táleres. Você está ausente há cinco meses, e agora nem sequer diz o que precisa. Isso, em todo caso, é estranho. Caro Karl, repito que faço tudo com muita boa vontade, mas como pai de muitos filhos – e você sabe muito bem que não sou rico – não estou disposto a fazer mais do que o necessário para o seu bem-estar e progresso.

Se, portanto, você ultrapassou um pouco os limites, que seja encoberto, já que deve. Mas garanto-lhe que o "*nec plus ultra*" significa dinheiro jogado fora. Estou convencido de que é possível administrar com menos, e Herr Müller, o notário aqui, custa menos e talvez possa fazer melhor. Mas não mais sob qualquer condição. Eu deveria contar com algum golpe especial de boa sorte, mas não há nada do tipo no presente momento; pelo contrário, minha renda diminuiu. De modo algum digo isso para afligir você, longe disso, mas para deixar clara para você, de uma vez por todas, minha decisão firme.

Envio uma recomendação a Herr Kaufmann, que, como me diz Herr Hofmann, é o guardião do escritório da loteria no prédio da universidade; você vai ganhar dinheiro lá, como você precisa.

Bem, que Deus cuide de você, e venha logo. Estamos todos desejando ver você.

Seu dedicado pai,

Marx

5. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 05-06/1836

Querido Karl,

Sua carta, que recebi apenas no dia 7, fortaleceu minha crença na retidão, franqueza e lealdade de seu caráter, o que significa mais para mim do que o dinheiro, e, portanto, não vamos dizer mais nada sobre isso. Você está recebendo 100 táleres e, se precisar, receberá o restante. No entanto, você certamente se tornará um pouco mais sábio, e também terá que se preocupar com as coisas menores, pois, Deus sabe, apesar de toda filosofia, essas coisas menores dão muitos cabelos grisalhos.

E o duelo está tão intimamente entrelaçado à filosofia? É respeito, na verdade, medo da opinião. E que tipo de opinião? Não exatamente sempre do melhor tipo, e ainda assim!!! Em toda parte, o homem tem tão pouca consistência. Não deixe que essa inclinação, e se não é inclinação, essa mania, crie raízes. Você poderia, no final, privar você e seus pais das melhores esperanças que a vida oferece. Eu acho que um homem sensato pode facilmente e decentemente não dar atenção a isso, *tout en imposant*.

Caro Karl, se você puder, tome providências para que médicos competentes e reconhecidos lhe deem bons atestados, você pode fazê-lo de consciência tranquila. Seu peito é fraco, pelo menos no presente. Se desejar, vou lhe enviar um de Herr Berncastel, que o trata. Mas para ser coerente com a sua consciência, não fume muito.

Você não manteve sua palavra comigo – lembra da sua promessa? – e eu me orgulhei pelo reconhecimento das críticas feitas a mim. No entanto, como otimistas políticos, eu tomo o estado atual das coisas como elas são, mas eu gostaria de ter algum conhecimento sobre o assunto, ou seja, sobre as negociações conduzidas, que talvez eu pudesse ter verificado melhor do que Schäfer – e, se possível, também o conhecimento do assunto em questão –, mas se este último envolver muitos problemas, esperarei até a sua chegada. Adeus, querido Karl, sempre seja franco e verdadeiro, olhe sempre para seu pai e sua boa mãe como seus melhores amigos. Eu não podia guardar segredo dela, porque do contrário ela ficaria ansiosa com o seu longo silêncio. Ela é

econômica, mas seu amor pela vida é [...] – e tudo é secundário diante disso. Eu te abraço carinhosamente.

Seu fiel pai

Marx

Devo, no entanto, informá-lo sobre algo peculiar. Seu amigo Kleinerz me escreveu que ele está sendo seriamente perseguido (provavelmente porque ele foi embora) e até teve que fazer o exame da escola, no qual, no entanto, para sua surpresa, ele passou brilhantemente. Ele tem muitíssimas dificuldades. Uma ajuda muito eficaz para ele seria uma recomendação de seu bispo ao reitor da Faculdade de Medicina, Herr Professor Müller, que em sua juventude recebeu muita gentileza daquele homem digno.

E eis que o bom Herr Görgen comprometeu-se a falar com o bispo, e este último, por sua vez, concordou, e disse que eu deveria elaborar o papel eu mesmo (sem, no entanto, no menor querer admitir sua relação com Herr Müller). Enviei a recomendação pós-paga a Herr Müller e informei Herr Kleinerz sobre isso.

Este último demonstrou grande tato porque, por sua vez, e para proteger minha posição até certo ponto em relação ao amigo que confiava em minha palavra, ele me enviou, sem esperar pelo resultado, seus testemunhos de serviço, que são realmente esplêndidos. Além disso, ele parecia não ter dúvidas do sucesso.

Como o acaso brinca com os seres humanos!

Sua querida mãe cumprimenta e beija você. É tarde demais para escrever mais – até a próxima.

[Adicionado na primeira página da carta]

No momento, não pude lhe enviar mais nada. Nos próximos dias você provavelmente receberá 20 táleres através de Rabe.

6. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 1/07/1836

Eu não só concedo permissão ao meu filho Karl Marx, mas é minha vontade que ele entre na Universidade de Berlim no próximo período para continuar seus estudos de Direito e Cameralística, iniciados em Bonn.

Trier, 1 de julho de 1836

Marx

justizrat, barrister

[Postscript]

Por favor, querido Karl, escreva imediatamente, mas escreva francamente, sem reservas e com sinceridade. Acalme a mim e à sua querida e gentil mãe, e logo esqueceremos o pequeno sacrifício monetário.

Marx

7. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 9/11/1836

Querido Karl,

A verdade é que já recebemos notícias de você antes de receber sua carta, porque Herr Jaehnigen teve a gentileza de escrever para mim. A carta dele é muito cortês com você e comigo. Ele até me pede muito sinceramente que recomende que você realize o desejo dele de visitá-lo e à sua família *sans gêne* com bastante frequência; e como eu faço um papel tão pequeno no mundo, tenho menos razão para duvidar de sua sinceridade, já que em geral sempre o vi se comportando como um homem muito digno de respeito e muito nobre. É bom desfrutar da estima de tal homem, cujo coração e mente o classificam entre os privilegiados.

Que Herr Esser tenha tratado você com tanto respeito, achei bastante inesperado, e é para você uma honra, pois essa circunstância prova que, apesar de seus princípios estritos, você é capaz de se associar com os mais diversos tipos de pessoas em termos humanos. Esses princípios me fazem lembrar da minha juventude passada, e ainda mais porque eram tudo o que possuía. Eu não era hábil e isso pode ser facilmente explicado. Sua mãe diz que você é o favorito da fortuna. Não tenho objeções a isso. Por Deus, que você acredite! Pelo menos, a esse respeito, nem por um momento duvido de seu coração, de que você fala sério quando se considera sortudo por ter seus pais. E certamente um pouco de exagero não é mais perdoável do que sobre este ponto, e nenhum dano é feito se aqui a cabeça é governada pelo coração.

Mesmo que Herr Reinhard esteja doente, ele deve ter um funcionário que certamente deveria saber algo sobre meu filho.

Herr Sandt não é *o próprio*, ele é o irmão do Procurador Geral Sandt de Colônia e tem um posto no Tribunal de Recurso. Herr Meurin o conhece bem. Se necessário, ele pode informá-lo sobre o meu caso, no qual ele é provavelmente o adversário.

Que você goste muito de Herr Meurin me dá muito prazer, pois tenho um gosto especial por ele. Ele é uma das raras pessoas que mantêm a bondade de

coração junto com maneiras educadas. Sua mente prática certamente envergonha muitas pessoas muito instruídas.

Estou particularmente feliz por você viver com pessoas bem-educadas e não se associar muito com os jovens, pelo menos não com aqueles que você não conhece bem o suficiente. A única coisa que peço a você é para não exagerar em seus estudos, mas manter-se fisicamente em forma e poupar sua visão prejudicada. Você tem participado de muitos e importantes cursos – naturalmente, você tem todos os motivos para trabalhar muito, mas não se exaure. Você ainda tem muito tempo para viver, se Deus quiser, para o benefício de si mesmo e de sua família e, se minha suposição não estiver errada, para o bem da humanidade.

No momento, ainda não me decidi por nenhuma firma comercial. Eu quero falar com Herr von Nell sobre isso. Por enquanto estou lhe enviando aqui 50 táleres. Você deve, no momento, poder estimar aproximadamente a quantidade absoluta de que precisa a cada ano, e é isso que eu gostaria de saber.

Eu escrevi para você de Frankfurt, onde eu estava por causa de Hermann. Herr Donner levou a carta ao Hofrat. Foi enviada em 20 de outubro. Você parece não ter recebido ainda. Ela contém um monte de sermões, então eu não vou me deter nisso por muito tempo. Mas eu gostaria de uma resposta a essa carta. Por causa do único e, é claro, item extremamente importante, peço-lhe que inclua, além da carta especial para mim, uma carta extra-especial. É verdade que, como regra, nunca guardo segredo da sua boa mãe. Mas neste assunto, neste momento, estou preocupado com sua enorme ansiedade, que não é, como no caso do marido, adequadamente contrabalançada pelo sentimento mais vigoroso de dever estrito.

Eu não sou nenhum anjo, é verdade, e sei que o homem não vive só de pão. Mas, em face de um dever sagrado a ser cumprido, as intenções subsidiárias devem ceder. E repito, não há dever mais sagrado para o marido do que o que ele compromete em relação a sua esposa, que é mais fraca. Portanto, neste, como em todos os outros aspectos, seja bastante franco comigo como seria com um amigo. Mas se, após o autoexame, você realmente persistir em sua determinação, você deve se mostrar imediatamente como um homem. Mesmo

assim, isso não impede o ardor poético, a aspiração de cumprir seu dever também é muito poética.

Hoje Hermann foi para Bruxelas, onde está entrando em uma boa casa. Mas ele tem que pagar 1.000 fr. imediatamente para a entrada. Em troca, a casa é apenas obrigada a apresentá-lo a todas as transações comerciais que ocorrem, sem estipulação de período, de modo que depende de sua diligência e compreensão para se colocar o mais rapidamente possível em uma posição para se tornar independente. Espero muito de sua diligência, mas menos ainda de sua inteligência. Compreensivelmente, ele não está morando na casa do empresário e, no momento, ele tem que se manter inteiramente. É uma pena que este jovem bem-intencionado não tenha um cérebro melhor.

Menni frequenta o ginásio e, ao que parece, quer mostrar um pouco mais de zelo... As meninas são boas e diligentes. Meu cabelo fica em pé quando penso que essa mercadoria agora só é procurada se for dourada, e eu entendo tão pouco dessa arte. Por que você não me contou detalhes sobre a Kleinerz? Estou muito interessado em saber o que aconteceu com ele. Bem, Deus cuide de você, querido Karl, e sempre ame seu pai como ele ama você.

8. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 28/12/1836

Querido Karl,

Se eu fosse menos indulgente, se em geral eu pudesse nutrir ressentimento por um longo tempo, e particularmente contra meus entes queridos, eu certamente teria justificativa em não responder a você de forma alguma. Não é em si louvável ser exageradamente sensível, muito menos para um pai cuja falha certamente não é a da severidade.

Se você tivesse refletido que no momento em que lhe enviei a última carta, não havia tido nenhuma palavra de você além de sua primeira carta; que o intervalo era um pouco grande, mesmo contando da minha segunda carta enviada; que uma vez me confundi sobre uma questão – que em si foi completamente agradável para mim – a qual envolvia um sentimento de dever para com uma pessoa realmente mais digna, eu estava fadado a ser extremamente sensível a um silêncio que era inexplicável para mim, e que, se eu, então, usasse algumas expressões que poderiam parecer duras, em primeiro lugar, não pensava em pesar minhas palavras, mas também era sensível, não inteiramente sem causa; Além disso, asseguro-lhe que não tinha nenhum calúnia e animus.

Se eu não tivesse uma alta opinião sobre o seu tipo de coração, eu não ficaria tão ligado a você de forma geral e sofreria menos com aberrações, pois você sabe que, por mais que eu aprecie seus dons intelectuais, na ausência de um bom coração, eles não seriam de nenhum interesse para mim. Mas você mesmo confessa que já me deu algum motivo para ter certas dúvidas sobre sua auto-abnegação. E em vista de tudo isso, você poderia muito bem ser um pouco menos sensível ao seu pai.

Agora é hora de você acabar com a tensão que arruína a mente e o corpo, e eu posso exigir com razão que, a este respeito, você deve mostrar alguma consideração pelo bem-estar de sua boa mãe e o meu próprio, pois nós certamente não subiremos para campos elísios, e consideramos de alguma importância que você deva permanecer saudável.

Mas, repito, você assumiu grandes deveres e, querido Karl, correndo o risco de irritar sua sensibilidade, expressei minha opinião de maneira um tanto prosaica segundo meu modo: com todos os exageros e exaltações do amor em uma mente poética, você não pode restaurar a tranquilidade de um ser a quem você se dedicou inteiramente; pelo contrário, você corre o risco de destruí-lo. Somente pelo comportamento mais exemplar, por esforços masculinos e firmes que, no entanto, conquistam a boa vontade e o favor das pessoas, você pode garantir que a situação seja endireitada e que ela seja exaltada aos seus próprios olhos, aos olhos do mundo e consolada.

Falei com Jenny e deveria ter gostado de poder descansar totalmente a mente dela. Eu fiz tudo o que pude, mas não é possível discutir tudo. Ela ainda não sabe como seus pais vão encarar o relacionamento. Tampouco o julgamento de parentes e do mundo é uma questão insignificante. Temo a sua sensibilidade, que nem sempre é a certa, e por isso deixo para você avaliar esta situação. Se eu fosse poderoso o suficiente para proteger e acalmar esse nobre ser em algum aspecto por vigorosa intervenção, nenhum sacrifício seria grande demais para mim. Infelizmente, no entanto, sou fraco em todos os aspectos.

Ela está fazendo um sacrifício inestimável por você. Ela está mostrando uma abnegação que só pode ser plenamente apreciada à luz da razão fria. Ai de você, se alguma vez em sua vida ousar esquecer isso! No momento, no entanto, somente você mesmo pode efetivamente intervir. De você deve vir a certeza de que, apesar de sua juventude, você é um homem que merece o respeito do mundo, e o ganha a passos largos, que dá certeza de sua constância e seus sérios esforços no futuro, e compele as más línguas a que fiquem em silêncio sobre os erros do passado.

Como você pode definir melhor isso, só você pode estar plenamente consciente.

Nesse contexto, devo perguntar-lhe se você sabe quantos anos deve ter para ocupar um cargo acadêmico. É muito importante saber disso, pois o seu plano, penso eu, deve ter como objetivo alcançar tal posição o quanto antes, mesmo que seja em um grau mais baixo, e você deveria tentar escrever para criar perspectivas para uma boa situação e eventualmente percebê-los.

A poesia deve certamente ser a primeira alavanca; o poeta, claro, deveria ser competente aqui. No entanto, o tipo de poesia para provocar o efeito mágico pode preferencialmente ser uma questão para quem é sábio e um homem do mundo. – Na vida cotidiana, isso pode ser exigir demais de um jovem; mas aquele que assume deveres mais elevados deve ser consistente, e aqui a sabedoria e a política serão santificadas aos olhos do próprio poeta pelo alto e meritório cumprimento do dever.

Eu imploro e peço a você – já que basicamente você tem talento, só que a forma ainda não está lisa – doravante seja calmo, modere essas tempestades, não as desperte no seio de alguém que merece e precisa de tranquilidade. Sua mãe, eu mesmo, Sophie, a boa criança, que exerce autonegação no mais alto grau, cuida de você, tanto quanto a situação permite, e em troca de seus esforços, o futuro reserva para você uma felicidade a merecer que todas as dificuldades são fáceis de suportar.

Suas visões da lei não são desprovidas de verdade, mas estão muito bem colocadas em um sistema para provocar tempestades, e você não sabe quão violentas são as tempestades acadêmicas. Se o que é ofensivo no assunto não pode ser completamente removido, pelo menos a forma deve ser atenuante e agradável.

Você não diz nada sobre Meurin, nem se visitou Herr Eichhorn.

Eu não quero escrever para Herr Jaehnigen agora, e como o assunto não é de todo urgente, você pode esperar por uma oportunidade.

Se você enviar cartas volumosas por postagem comum, elas serão muito caras. Só a última custou um táler. As encomendas enviadas por correio expresso também são caras, e a última também custa um táler.

Se você quiser escrever muito no futuro, escreva sobre todos os assuntos possíveis, de modo que o que ouvimos seja muito e variado. Deixe-o acumular para formar um pacote e enviá-lo pela mala da bagagem. Não se ofenda com esta pequena observação sobre economia.

Espero que você tenha recebido o vinho agora. Beba e seja alegre, e desista de todos os empreendimentos irrelevantes, todo o desespero, e abandone a poesia se ela não embelezar sua vida e torná-la feliz.

[Postscript pela mãe de Marx]

Caro Carl,

Seu querido pai está com tanta pressa de enviar esta carta que tudo o que posso fazer é enviar saudações e beijos mais sinceros.

Sua mãe amorosa

Henriette Marx

[Continuação do pai de Marx]

Fechado um pedido de dinheiro para 50 táleres. Se você preferir que eu procure uma firma lá para fazer um acordo com você, você deve me dizer aproximadamente a quantia mensal que eu deveria arranjar para você. Até agora você deve ser capaz de dizer o que isso significa com uma coisa e outra.

Marx

[Postscript da irmã de Marx, Sophie]

Sua última carta, querido Karl, me fez chorar lágrimas amargas. Como você poderia pensar que eu deixaria de lhe dar notícias de sua Jenny? Eu sonho e penso apenas em vocês dois. Jenny te ama; se a diferença de idade a preocupa, isso é por causa de seus pais. Ela agora tentará gradualmente prepará-los; depois disso escreva para eles você mesmo; eles realmente têm muita consideração por você. Jenny nos visita com frequência. Ela esteve conosco ontem e chorou lágrimas de prazer e dor ao receber seus poemas. Nossos pais e seus irmãos e irmãs a amam muito, esta última além de qualquer medida. Ela nunca tem permissão para nos deixar antes das dez horas, o que você acha disso? Adeus, querido, bom Karl, meus desejos mais ardentes para o sucesso do desejo do seu coração.

9. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 03/02/1837

Querido Karl,

Sua última carta me deixou particularmente feliz, pois prova que você se livrou das pequenas fraquezas que, a propósito, me inquietaram; você reconhece sua posição e está se esforçando com energia e dignidade para assegurar seu futuro. Mas, querido Karl, não caia no extremo oposto.

Além do fato de que ser sociável oferece vantagens muito grandes para a diversão, o descanso e o desenvolvimento, especialmente para um jovem, a sensatez exige – e isso é algo que você não deve negligenciar, já que você não está mais sozinho – que alguém deve obter algum apoio, de uma maneira honrada e digna, é claro. A negligência, especialmente porque nem sempre se está inclinado a buscar a razão mais honrosa para isso, não é facilmente perdoada por pessoas ilustres, ou por aqueles que pensam assim, e particularmente se demonstraram certo grau de condescendência. – Herr Jaehnigen e Herr Esser não são apenas homens excelentes, mas provavelmente são importantes para você, e seria muito imprudente e realmente impróprio negligenciá-los, já que eles o receberam de uma maneira tão decente. Na sua idade e na sua posição, você não pode exigir qualquer reciprocidade.

O corpo também não deve ser negligenciado. Boa saúde é o maior benefício para todos, para os estudiosos, acima de tudo.

Não exagere nas coisas. Com seus dons naturais e sua diligência atual, você alcançará seu objetivo, e um único período não importa.

Por mais que eu tenha experiência, não posso elaborar um plano completo para você com uma pesquisa clara de todas as nuances.

Em todo caso, parece-me indubitável que sua intenção de se fazer avançar por estudos acadêmicos é muito boa e adequada para você, se, além disso, você não ignora a ninharia de prestar atenção ao desenvolvimento físico.

Mas, é claro, isso pode levar um bom tempo e, dado o estado das coisas, é claro que seria desejável que algo fosse feito a respeito. A esse respeito, portanto, a única coisa que resta é escrever. Mas como começar? Essa é uma pergunta difícil, mas há outra que a precede: você conseguirá ganhar a confiança

de um bom editor? Pois isso pode muito bem ser a coisa mais difícil. Se você tiver sucesso nisso – e, no geral, você é o favorito da fortuna – então surge a segunda questão. Algo filosófico ou legal, ou ambos juntos, parece excelente para assentar uma base. A boa poesia pode muito bem ficar em segundo plano, e isso nunca prejudica a reputação de alguém, exceto, talvez, aos olhos de alguns poucos pedantes. Artigos polêmicos leves são os mais úteis, e com alguns bons títulos, se eles são originais e têm um novo estilo, você pode decente e seguramente aguardar um cargo de professor etc., etc., etc. Mas você deve chegar a uma decisão firme, se não no presente momento, de qualquer forma, ainda este ano, e quando você o tiver feito, mantenha-a firmemente em vista e siga o seu curso de forma inabalável. Não é tão difícil para você como foi para seu papai se tornar um advogado.

Você sabe, querido Karl, que, por causa do meu amor por você, me permiti algo que não está de acordo com meu caráter, e de fato às vezes me preocupa. Mas nenhum sacrifício é grande demais para mim se o bem-estar de meus filhos exigir isso. Além disso, ganhei a total confiança de sua Jenny. Mas a boa e amável garota atormenta a si mesma incessantemente – ela tem medo de lhe fazer mal, de fazer você se esforçar demais etc., etc., etc. Pesa em sua mente que seus pais não sabem ou, como eu acredito, não querem saber. Ela não consegue explicar para si mesma como é que ela, que se considera tão pouco sentimental, se deixou levar tanto. Uma certa timidez pode ter algo a ver com isso.

Uma carta sua, que você pode anexar selada, mas que não deveria ser ditada pelo poeta fantasioso, poderia confortá-la. Deve, é claro, estar cheia de sentimentos delicados e devotados e de puro amor, como não tenho dúvidas de que será, mas deve dar uma visão clara de seu relacionamento e elucidar e discutir as perspectivas. As esperanças expressas devem ser estabelecidas sem reservas, com clareza e com firme convicção, para que, por sua vez, sejam convincentes.

Você deve dar uma garantia firme de que esse relacionamento, longe de lhe causar algum dano, tem o efeito mais feliz em você, e em certos aspectos eu acredito em mim mesmo. Por outro lado, exige resolutamente, com a audácia masculina em face da qual a pobre criança era tão indefesa, que agora ela não

deve vacilar, não pode olhar para trás, mas com calma e confiança olhar para o futuro.

O que você tem a dizer ao seu pai? Você não está surpreso em me encontrar no papel de intermediário? Quão erroneamente eu poderia ser julgado por muitas pessoas se minha influência se tornasse conhecida! Que motivos ignóbeis talvez pudessem ser imputados a mim! Mas eu não me repreendo – se apenas o céu der sua bênção, me sentirei extremamente feliz.

Seria apropriado fazer uma visita a Herr Eichhorn, mas deixo isso por sua conta. Repito, no entanto, que gostaria de ver você indo mais vezes visitar Herr Jaehnigen e Herr Esser.

Também seria bom se você fizesse um contato mais próximo com pelo menos um dos professores mais influentes.

Você não viu mais o jovem Herr Schriever? Desde que estamos em termos muito bons e a senhorita Schriever provavelmente se casará com seu amigo Karl von Westphalen, e como de qualquer maneira ele deveria vir aqui em breve, gostaria que você o visitasse de vez em quando.

Você não ouviu mais notícias sobre o Dr. Kleinerz? Eu gostaria de saber algo sobre ele.

Eu incluo aqui uma carta de crédito. É para uma quantia maior do que você mesmo pediu, mas eu não queria alterá-lo, porque agora eu confio em você para não usar mais do que o necessário.

Bem, adeus, querido Karl, escreva em breve se ainda não enviou uma carta como a que pedi. Escreva também o que seu senhorio está fazendo, ele me interessa muito.

Herr von Notz me disse que você viria aqui durante as férias de outono. Não sou de modo algum a favor disso, e se você tiver em mente suas circunstâncias e as das pessoas que são queridas para você, você terá que concordar comigo. Mas é possível que eu vá a Berlim. O que você diz sobre isso?

Seu fiel pai

Marx

Eu envio meus melhores cumprimentos ao meu querido amigo Meurin e sua amável esposa. Diga a ele que ele faria bem em reservar um tempo para mim.

P.S. Não seria ruim, querido Karl, se você escrevesse de maneira mais legível.

Eu raramente vejo Jenny, ela não pode fazer o que quiser. Você pode ficar tranquilo, seu amor é verdadeiro. Quando você escrever da maneira que eu gostaria, pedirei uma resposta.

10. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 02/03/1837

É notável que eu, que sou por natureza um escritor preguiçoso, fico totalmente inesgotável quando tenho que escrever para você. Eu não vou e não posso esconder minha fraqueza por você. Às vezes meu coração se deleita em pensar em você e em seu futuro. E, no entanto, às vezes não consigo me livrar das ideias que me despertam tristes pressentimentos e medo quando sou atingido como por um raio pelo pensamento: o seu coração está de acordo com a sua cabeça, com seus talentos? Tem lugar para os sentimentos terrenos, porém mais suaves, que neste vale de tristeza são tão essencialmente consoladores para um homem de sentimentos? E como esse coração é obviamente animado e governado por um demônio que não é concedido a todos os homens, esse demônio é celestial ou faustiano? Você nunca será capaz – e essa não é a dúvida menos dolorosa do meu coração – de uma felicidade doméstica verdadeiramente humana? Você será capaz – e essa dúvida não me torturou menos recentemente, desde que cheguei a amar uma certa pessoa como minha própria filha – de transmitir felicidade àqueles imediatamente ao seu redor?

O que evocou este tipo de ideias em mim, você perguntará? Frequentemente pensamentos ansiosos desse tipo me vêm à mente, mas eu os afasto facilmente, pois sempre senti a necessidade de envolvê-lo com todo o amor e cuidado de que meu coração é capaz, e sempre gosto de esquecê-los. Mas noto um fenômeno impressionante em Jenny. Ela, que é tão inteiramente dedicada a você com sua disposição infantil e pura, revela às vezes, involuntariamente e contra sua vontade, um tipo de medo, um medo carregado

de pressentimentos, que não me escapa, que eu não sei como explicar, e todos os traços que ela tentou apagar do meu coração, assim que indiquei para ela. O que isso significa, o que pode ser? Eu não posso explicar para mim mesmo, mas infelizmente a minha experiência não me permite desviar facilmente.

Que você deve se erguer no alto do mundo, a lisonjeira esperança de ver seu nome tido um dia em alta reputação, e também seu bem-estar terrestre, estas não são as únicas coisas perto do meu coração, elas são ilusões de longo alcance que têm criados raízes profundas em mim. Basicamente, no entanto, tais sentimentos são em grande parte característicos de um homem fraco, e não estão livres de toda escória, tais como orgulho, vaidade, egoísmo etc., etc., etc. Mas posso assegurar-lhe que a realização dessas ilusões pode não me fazer feliz. Somente se seu coração permanecer puro e pulsar de um modo puramente humano, e nenhum espírito demoníaco for capaz de afastar seu coração de sentimentos mais sutis – só então encontraria a felicidade que, por muitos anos atrás, sonhei encontrar através de você; caso contrário, veria o maior objetivo da minha vida em ruínas. Mas por que eu deveria crescer tão macia e talvez te afligir? No fundo, não tenho dúvidas de seu amor filial por mim e por sua boa e querida mãe, e você sabe muito bem onde estamos mais vulneráveis.

Passando aos bons assuntos. Alguns dias depois de receber sua carta, que Sophie trouxe, Jenny nos visitou e falou sobre sua intenção. Ela parece aprovar suas razões, mas teme o passo em si, e isso é fácil de entender. De minha parte, considero bom e louvável. Como ela sugere, ela está escrevendo para você que você não deve enviar a carta diretamente – uma opinião que eu não posso concordar. O que você pode fazer para colocar sua mente em repouso é nos dizer oito dias antes do dia em que você está postando a carta. A boa menina merece toda consideração e, repito, apenas uma vida cheia de amor terno pode compensá-la pelo que já sofreu e até pelo que ainda sofrerá, pois são santos notáveis com os quais ela tem de lidar.

É principalmente por ela que desejo tanto que em breve você dê um passo à frente no mundo, porque lhe daria paz de espírito, pelo menos é nisso que acredito. E garanto-lhe, querido Karl, que se não fosse por isso, eu tentaria, no momento, impedi-lo de se apresentar publicamente, em vez de estimulá-lo. Mas você vê, a menina encantadora virou minha velha cabeça também, e eu

desejo acima de tudo vê-la calma e feliz. Só você pode fazer isso e o objetivo é merecedor de toda a sua atenção, e talvez seja muito bom e salutar que, imediatamente após sua entrada no mundo, você seja compelido a demonstrar consideração humana, de fato sabedoria, previsão e reflexão madura, apesar de todos os demônios. Agradeço aos céus por isso, pois é o ser humano em você que eu amarei eternamente. Você sabe que, embora eu seja um homem prático, não fui moído a ponto de ser embotado no que é alto e bom. No entanto, eu não me permito prontamente ser completamente arrancado da terra, que é minha base sólida, e flutuei exclusivamente em esferas arejadas onde não tenho chão firme sob meus pés. Tudo isso naturalmente me dá uma causa maior do que eu teria de refletir sobre os meios que estão à sua disposição. Você assumiu uma composição dramática e, claro, contém muito do que é verdade. Mas, intimamente ligado à sua importância, sua grande publicidade, é naturalmente o perigo de sofrer. Nem sempre, especialmente nas grandes cidades, é necessariamente o valor interno que é decisivo. Intrigas, cabalas, ciúmes, talvez entre aqueles que tiveram mais experiência com isso, muitas vezes superam o que é bom, especialmente se o último ainda não foi criado e mantido em alta honra por um nome bem conhecido.

Qual seria, portanto, o caminho mais sábio? Buscar uma possível maneira pela qual esse grande teste seria precedido por um menor envolvendo menos perigo, mas suficientemente importante para você emergir dele, no caso de sucesso, com um nome não muito sem importância. Se, no entanto, isso tem que ser feito por algo pequeno, então o material, o assunto, as circunstâncias, devem ter alguma qualidade excepcional. Eu vasculhei meu cérebro por um longo tempo em busca de tal assunto e a seguinte ideia me pareceu adequada.

O assunto deveria ser um período retirado da história da Prússia, não tão prolongado a ponto de exigir um momento épico, mas cheio de acontecimentos, quando, no entanto, o futuro estava na balança.

Deve redundar para a honra da Prússia e proporcionar a oportunidade de atribuir um papel ao gênio da monarquia – se necessário, através da mente da nobre rainha Louise.

Tal momento foi a grande batalha em La Belle Alliance Waterloo. O perigo era enorme, não só para a Prússia, para o seu monarca, para toda a

Alemanha etc., etc., etc. Na verdade, foi a Prússia que decidiu a grande questão aqui – portanto, em todo o caso, esta poderia ser a sujeito a uma ode no gênero heroico, ou de outra forma – você entende isso melhor do que eu.

A dificuldade não seria grande demais em si mesma. A maior dificuldade, em qualquer caso, seria compactar uma imagem grande em um pequeno quadro e dar um retrato bem-sucedido e habilidoso do grande momento. Mas se executada em um espírito patriótico e alemão com profundidade de sentimento, tal ode seria suficiente para estabelecer as bases para uma reputação, estabelecer um nome.

Mas eu só posso propor, conselho. Você me superou; neste assunto você é em geral superior a mim, então devo deixar que você decida como quiser.

O assunto de que falei teria a grande vantagem de poder muito em breve ser apresentado a propósito, já que o aniversário é em 18 de junho. O custo não seria muito considerável e, se necessário, suportarei isso. Gostaria de ver a boa Jenny calma e capaz de erguer a cabeça com orgulho. A boa criança não deve se desgastar. E se você for bem-sucedido neste projeto – e se a demanda não estiver além de seus poderes – então você estará em uma posição segura e capaz de relaxar um pouco da vida de estufa.

De fato, também é impossível não se entusiasmar com esse momento, pois seu fracasso teria imposto grilhões eternos à humanidade e especialmente à mente humana. Somente os liberais de duas caras de hoje podem deificar um Napoleão. E, na verdade, sob seu governo, nem uma única pessoa teria ousado pensar em voz alta o que está sendo escrito diariamente e sem interferência em toda a Alemanha, e especialmente na Prússia. E qualquer um que tenha estudado a história de Napoleão e o que ele entendeu com a expressão absurda da ideologia pode se alegrar grandemente e com uma consciência limpa em sua queda e a vitória da Prússia.

Dê minhas cordiais saudações ao nosso amigo Meurin. Diga-lhe que até agora não consegui realizar a comissão com a qual fui encarregado. Sofri de um resfriado durante oito dias e desde então não me arrisquei a ir além da sessão.

Seu fiel pai

Marx

11. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Bad Ems, 12/08/1837

Querido Karl,

Minha carta, escrita quando fiquei muito animado, pode tê-lo acertado bastante, e sinceramente sinto muito se esse foi realmente o caso. Não como se eu tivesse cometido uma injustiça; deixo para você julgar por si mesmo se eu tinha uma razão válida para perder a paciência. Você sabe, você deve saber, o quanto eu te amo. Suas cartas (contanto que eu não encontre nelas qualquer vestígio dessa sensibilidade doentia e pensamentos fantásticos e sombrios) são uma necessidade real e teriam sido particularmente verdadeiras neste verão para a sua mãe profundamente afetuosa e para mim. Eduard tem estado doente durante os últimos seis meses, e emagreceu bastante, sua recuperação é muito duvidosa e, o que é tão raro entre as crianças e tão exaustivo, ele sofre da mais profunda melancolia, realmente tem medo de morrer. – E você sabe como sua mãe é – ela não sai do lado dele, ela se atormenta dia e noite, e eu estou com medo de que ela seja vencida por esses esforços.

Nos últimos 7-8 meses, eu mesmo fui afligido por uma tosse dolorosa, que tem sido continuamente irritada pela necessidade eterna de falar. Sophie também nunca está bem e está sempre tomando remédio sem sucesso. Nessa situação, com seu caso de amor, a indisposição prolongada de Jenny, sua profunda preocupação e a posição ambígua em que eu, que sempre soube apenas o curso mais direto, me vejo em relação aos Westphalens, tudo isso me afetou profundamente e às vezes me deprimiu tanto que não me reconheci mais, e por isso pergunto: tenho sido muito duro sob a influência do mais profundo mal humor?

Por mais que eu te ame acima de tudo – exceto de sua mãe – eu não sou cego e ainda menos quero ser assim. Eu faço justiça em muitos assuntos, mas não posso me livrar inteiramente do pensamento de que você não está livre de um pouco mais de egoísmo do que o necessário para a autopreservação, e nem sempre posso dissipar o pensamento de que, estando em seu lugar, eu mostraria maior consideração e amor mais abnegado para com meus pais. Eu não recebi nada dos meus pais além da minha existência – embora, para que não seja

injusto, com amor da minha mãe – e como eu lutei e sofri, a fim de não os afligir o maior tempo possível.

Não use seu temperamento como desculpa. Não culpe a natureza, que certamente tratou você como uma mãe. Te deu força suficiente, o arbítrio cabe ao homem. Mas abandonar-se à dor na mais leve tempestade, desnudar um coração despedaçado e partir o coração de nossos amados a cada sofrimento, você chama isso de poesia? Deus nos proteja do mais belo dos dons da natureza se esse for o seu efeito imediato. Não, é apenas fraqueza, excesso de indulgência, amor-próprio e presunção que reduzem tudo à sua medida e forçam até mesmo aqueles que mais amamos ao segundo plano!

A primeira de todas as virtudes humanas é a força e a vontade de se sacrificar, de deixar de lado o ego, se o dever o exige, e de fato, não aqueles sacrifícios glamourosos, românticos ou heroicos, o ato de um momento de devaneio fantasioso ou sentimento heroico. Mesmo o maior egoísta é capaz disso, pois é precisamente o ego que então tem lugar de destaque. Não, são aqueles sacrifícios diários e recorrentes que surgem do coração puro de uma pessoa boa, de um pai amoroso, de uma mãe de coração terno, de um cônjuge amoroso, de um filho agradecido, que dá à vida seu único encanto e a torna bonita, apesar de tudo que é desagradável.

Você mesmo descreveu, maravilhosamente, a vida de sua excelente mãe, tão profundamente sentida que toda a sua vida é um contínuo sacrifício de amor e lealdade, e verdadeiramente você não exagerou. Mas o que há de bom nos belos exemplos se eles não inspiram ninguém a copiá-los? Mas você pode, com a mão no seu coração, se orgulhar de ter feito isso até agora?

Não quero pressioná-lo com muita força, certamente não quero ofendê-lo, pois, na verdade, sou fraco o bastante para me arrepender de tê-lo ofendido. Mas não é apenas que eu e sua boa mãe soframos disso, talvez eu até deixasse isso passar. No coração de ninguém existe tão pouco egoísmo como no dos bons pais. Mas para o seu próprio bem não devo e nunca abandonarei essas palavras até que eu esteja convencido de que esta mancha em seu caráter tão nobre desapareceu. Muito em breve você vai e deve ser um pai de família. Mas nem honra nem riqueza nem fama farão sua esposa e filhos felizes; só você pode fazer isso, seu melhor eu, seu amor, seu comportamento terno, o sacrifício de

idiosincrasias tempestuosas, surtos violentos de paixão, de sensibilidade mórbida etc., etc., etc. Quase não estou mais falando em meu nome, estou chamando sua atenção para o laço que deve ser atado.

Você diz a si mesmo que a boa sorte fez de você seu filho de estimação. Que Deus, em Sua infinita bondade, faça com que você o acompanhe atentamente, tanto quanto a frágil humanidade o permitir. Mas mesmo o homem mais feliz experimenta horas sombrias, nenhum mortal se aquece no sol eterno. Mas, daquele que é feliz, se tem todo o direito de exigir que ele enfrente a tempestade com coragem viril, calma, resignação, alegria. Pode-se, com razão, exigir que a felicidade passada seja uma armadura contra o sofrimento temporário. O coração do homem feliz é cheio, largo e forte, não deve se permitir ser facilmente quebrado.

Sua querida mãe encaminhou sua carta para mim aqui. O plano que você delineou é bom, caso seja bem executado, bem ajustado para se tornar um monumento duradouro da literatura. Mas grandes dificuldades estão se acumulando no caminho, particularmente por causa do egoísmo daqueles que são ofendidos, e do fato de que não há homem de excelente reputação crítica para estar à frente. Por outro lado, o papel é adequado para criar uma reputação. Aqui surge a pergunta se o seu nome aparece nesta conexão. Pois é precisamente para ganhar uma reputação, uma reputação como crítico, que é tão essencial para ajudar você como docente. No entanto, eu não poderia obter qualquer certeza sobre isso com sua carta. Que Deus lhe dê sua bênção.

Parece que minha viagem a Berlim não se materializará. Depois das grandes despesas que tive este ano, isso exigiria muito dos meus fundos. E também devo confessar que tive alguma intenção (embora não muito definida) de tentar, se possível, transferir para a magistratura. No entanto, gostaria de saber antecipadamente a opinião de Herr Jaehnigen, cuja cooperação poderia, em todo o caso, ser muito útil. Mas desde que isso não aconteceu, vejo pouca esperança para o assunto. Eu não queria perguntar nada a você que fosse contra seus sentimentos, mas talvez você pudesse ter agido com mais sabedoria. A propósito, ouvi dizer que Herr Jaehnigen e sua esposa estão viajando para Paris e passarão por Trier. Você perdeu muito, pois neste verão Frau Jaehnigen escreveu algumas cartas realmente excepcionalmente delicadas para sua Jenny.

Estou ansioso e com grande desejo de receber uma carta sua para ouvir mais sobre seus compromissos. Mas peço-lhe para entrar em mais detalhes.

Hoje sacrifiquei meu passeio matinal por você, mas só há tempo para fazer um pequeno e escrever algumas linhas para sua boa mãe, a quem enviarei esta carta. Pois me incomodaria escrever de novo longamente e, assim, sua mãe ainda tem uma carta grande.

Adeus, meu bom Karl, e sempre me conserve tão querido quanto você diz, mas não me faça corar com sua lisonja. Não há mal nenhum em ter uma opinião elevada de seu pai. Na minha posição eu também consegui algo, o suficiente para ter você, mas não o suficiente para me satisfazer.

Seu pai

Marx

P.S. O suposto sermão fúnebre que você me pediu é um trabalho de cerca de dez linhas, que eu não possuo mais, mas que acredito que Sophie tenha, e que até na última versão sofreu algumas alterações.

12. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Bad Ems, aproximadamente 20/08/1837

Caro, bom Karl,

Não sei se, ao receber esta carta, você já terá recebido a carta que eu enviei para sua querida mãe. Embora eu pense que sim, considerando que eu gosto de conversar com você, e que você talvez ache agradável ver alguém de cuja companhia amigável eu tenha desfrutado por alguns dias, eu aproveito a gentil disposição do portador para lhe enviar algumas linhas.

O portador é um bom rapaz, tutor do filho do príncipe Karl. Conheci-o aqui, onde eu, que não me misturo facilmente, tenho estado praticamente isolado. Passei muitas horas agradáveis com Herr Heim e, na medida em que se pode conhecer alguém em pouco tempo, acho que encontrei nele um homem muito honesto, agradável e reto. Ele vai procurá-lo, diz ele, e ficarei contente se descobrir que a imagem esboçada pela autocomplacência de um pai for correta.

Em vista das próximas férias, talvez não seja desagradável para você olhar para algumas questões importantes e é possível que, devido à sua posição, Herr Heim possa facilmente ajudá-lo a esse respeito.

Se você tiver tempo livre e escrever para mim, ficarei feliz se você redigir para mim um plano conciso dos estudos jurídicos positivos pelos quais passou este ano. De acordo com o seu projeto, parece-me desnecessário que você faça palestras sobre cameralística. Só não negligencie a ciência natural, pois não há certeza de poder compensar isso depois, e o arrependimento chega tarde demais.

Talvez daqui a alguns anos seja um momento favorável para obter uma [...] entrada no direito, se você está fazendo de Bonn seu objetivo, já que não há absolutamente nenhum homem lá que possa fazer algo fora do comum. Eu sei que, no que diz respeito à ciência, Berlim tem vantagens e grande atração. Mas, além do fato de que maiores dificuldades surgem lá, você certamente também deve ter alguma consideração por seus pais, cujas esperanças otimistas seriam em grande parte destruídas por sua permanência tão distante. Claro que isso não deve atrapalhar seu plano de vida; o amor dos pais é provavelmente o menos egoísta de todos. Mas se esse plano de vida pudesse ser fraternalmente

combinado com essas esperanças, isso seria para mim a mais alta de todas as alegrias da vida, cujo número diminui consideravelmente com os anos.

Minha estada até agora rendeu muito pouco sucesso, e ainda assim terei que prolongá-lo, apesar do tédio mais doloroso, a fim de cumprir o desejo de sua querida mãe, que mais urgentemente me pede para fazê-lo.

Obviamente, terei que abandonar meu lindo desejo há muito tempo alimentado de ver você durante essas férias. Custa-me muito esforço, mas parece que não pode ser ajudado. Essa tosse fatal me tortura em todos os aspectos!

Bem, Deus cuide de você, querido Karl, seja feliz e – não posso repeti-lo com frequência demais – não negligencie sua saúde ao enriquecer sua mente.

Com todo meu coração e alma,

Seu pai,

Marx

13. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 16/09/1837

Querido Karl,

Sua última carta, que recebemos há cerca de oito dias, leva-me a esperar uma continuação maior, certamente em breve, e eu deveria ter gostado de esperar até ter uma visão geral do todo. Mas pode ter preocupado você ter que esperar demais, especialmente no que diz respeito a um plano que talvez determine os próximos passos.

Você me conhece, querido Karl, não sou obstinado nem preconceituoso. Se você faz sua carreira em um departamento de aprendizagem ou em outro, é essencialmente tudo para mim. Mas é caro ao meu coração, é claro, por você, escolher o que está mais de acordo com seus talentos naturais. No início, era a coisa comum que se tinha em mente. Essa carreira, no entanto, não pareceu do seu agrado e confesso que, contagiada por suas visões precoces, aplaudi-a quando você tomou o ensino acadêmico como seu objetivo, seja no direito ou na filosofia, e na contagem final eu acreditei que o último fosse mais provável. Eu estava suficientemente ciente da dificuldade desta carreira, e aprendi particularmente sobre isso recentemente em Ems, onde tive a oportunidade de ver um bom número de professores da Universidade de Bonn. Por outro lado, uma coisa é inegável, a saber, que alguém que tem certeza de si pode ter um papel importante como professor de direito em Bonn, e é mais fácil ser enviado de Berlim a Bonn, desde que, claro, haja algum patrocínio. A poesia teria que obter esse patrocínio para você. Mas seja qual for sua boa sorte a esse respeito, levará vários anos e sua situação especial o coloca sob pressão [...].

Vamos dar uma olhada no outro aspecto (e um ponto importante é que, com bons estudos clássicos, uma cátedra sempre pode permanecer como uma meta final). Uma carreira prática avança por completo tão rapidamente? Como regra, isso não acontece, e a experiência prova isso muito bem. Aqui também o patrocínio faz muito. Sem isso você não seria capaz de reclamar se, alguns anos depois de ter completado seus estudos, você se tornasse um avaliador não remunerado, e então [permanecesse] um assessor por anos depois. Contudo, mesmo com os mais rigorosos padrões morais e com os mais meticulosos

escrúpulos, pode ser permitido obter para si mesmo, através de seus próprios méritos, um patrono que, convencido da eficiência do protegido, conscienciosamente avança e o promove. E, de qualquer forma, você foi dotado por natureza com talentos que são muito adequados para esse propósito. Como fazer o melhor uso deles é uma questão para você decidir, e dificilmente pode ser julgado por uma terceira pessoa, tanto mais que aqui o caráter individual deve ser muito levado em consideração. E o que quer que você empreenda, você deve necessariamente olhar para o assunto e fazer sua estimativa deste ponto de vista, pois você está com pressa; você sente isso e eu também.

Em alguns aspectos, é claro que isso deve ser lamentado, mas mesmo a imagem mais bonita tem suas sombras, e aqui a resignação tem que entrar em ação. Essa resignação, além disso, baseia-se em partes tão brilhantemente iluminadas e deve sua origem tão inteiramente à própria vontade, que é guiada pelo coração e pela mente, que deve ser considerada um prazer e não um sacrifício.

Mas volto à pergunta: o que devo aconselhar? E, em primeiro lugar, no que diz respeito ao seu plano de crítica teatral, devo confessar acima de tudo que, no que diz respeito ao assunto em si, não sou particularmente competente. A crítica dramática requer muito tempo e grande circunspeção. No que diz respeito à arte, tal trabalho em nosso tempo talvez seja o mais meritório. No que diz respeito à fama, pode levar a um diploma acadêmico.

Como será recebido? Eu acho que com mais hostilidade do que benevolência, e o bom Lessing, perseguido, aprendeu, tanto quanto eu sei, que nenhum caminho é cheio de rosas, mas viveu e morreu um pobre bibliotecário.

Será que ele renderá lucro financeiro específico? A questão se funde com a precedente, e não estou em condições de dar uma resposta categórica. Eu ainda acho que algumas obras únicas, um poema muito bom, uma tragédia ou comédia, são muito mais adequadas para o seu propósito. Mas você está esculpindo sua própria carreira e quer continuar a fazê-lo. Eu só posso dirigir um desejo para o céu, que de uma forma ou de outra você pode, o mais rápido possível, alcançar seu objetivo real.

Eu vou dizer apenas mais uma coisa. Se, devido ao fato de que depois de três anos de estudo você não pedir mais nada de casa, você se expõe demais

à necessidade de fazer o que pode ser prejudicial a você, então deixe o destino tomar seu caminho e em todos os eventos, mesmo que isso envolva sacrifício da minha parte, prefiro muito mais me sacrificar do que prejudicar sua carreira. Se você administrar isso de maneira sensata e sem atrasar sua carreira, certamente me proporcionará um grande alívio, porque, na verdade, desde a saída do tribunal de justiça e das atividades perambulantes dos jovens, minha renda diminuiu proporcionalmente, minhas despesas se tornaram mais pesadas. Mas, como eu disse, essa consideração não deve ficar no caminho.

Voltando à questão de uma carreira prática, por que você não diz nada sobre cameralística? Não sei se estou enganado, mas parece-me que poesia e literatura são mais propensas a encontrar patronos na administração do que no judiciário, e um conselheiro do governo que canta me parece mais natural do que um juiz cantor. E afinal, o que mais há na cameralística do que você já precisa como um verdadeiro advogado, além da história natural [*Naturkunde*]? Este último você não deve negligenciar, isso seria irresponsável.

Mas você está na fonte onde pode encontrar instrução, e é precisamente aquele lado da estrutura que você provavelmente não teria apreciado em um estado normal, a questão da vida em seu real significado, ocorreu a você, e você irá, portanto, considerar verificar e agir. Não estou preocupado com o fato de que essas considerações, mesmo se pressionadas, o levarão a ações baixas e rastejantes. Com meu cabelo descolorido, uma mente um tanto curvada e cheia de preocupações, eu ainda desafiaria e desprezaria os humildes. Você com sua força incomparável, oprimido pela natureza com as bênçãos do mar, tal coisa não parece possível para você. Mas na abundância de vitalidade pode parecer ao jovem orgulhoso uma grande humilhação, o que exige prudência e dever para consigo mesmo, e especialmente para com as pessoas cujo bem-estar se fez dever para consigo mesmo. É muito pedir para ser mundano aos 19 anos, mas quem aos 19 ...

Não mostrei sua última carta a Westphalen. Essas pessoas muito boas são de uma marca tão peculiar; eles discutem tudo de tantos aspectos e com tal extensão que é também melhor dar a eles o mínimo de material possível. Como seus estudos deste ano continuam os mesmos, não vejo por que devo dar-lhes material para novas fantasias.

Jenny ainda não está aqui, mas está para vir em breve; que ela não escreva para você é – não posso chamar de outra coisa – infantil, teimosia. Pois não pode haver nenhuma dúvida de que sua atitude para com você é um dos mais abnegados amores, e ela não estava longe de prová-lo por sua morte.

De alguma forma, ela tem a ideia de que é desnecessário escrever, ou alguma outra ideia obscura sobre o assunto, que ela possa ter, também tem um toque de genialidade, e que importância isso tem sobre o assunto? Você pode estar certo, como eu estou (e você sabe que eu não sou crédulo por natureza), que nenhum príncipe seria capaz de afastá-la de você. Ela é devotada a você de corpo e alma, e você nunca deve se esquecer disso, na idade dela ela está fazendo um sacrifício por você que as meninas comuns certamente não seriam capazes. Então, se ela pensa não estar disposta ou capaz de escrever, em nome de Deus, deixe passar. Pois afinal de contas é apenas um sinal, e pode-se dispensar isso, pelo menos, se alguém tiver certeza do essencial. Eu falarei com ela sobre isso se a ocasião permitir, por mais relutante que seja de fazê-lo.

Ao longo do ano fiquei contente com a expectativa de vê-lo, e assim a pessoa vive sob uma eterna ilusão. A única coisa que não engana é um bom coração, o amor que flui do coração; e, a esse respeito, só posso contar-me entre os ricos, pois desfruto do amor de uma esposa incomparável e do amor de bons filhos.

Não nos faça esperar tanto tempo por cartas. Sua boa mãe precisa ser animada e suas cartas têm um efeito maravilhoso em seus espíritos. Ela sofreu tanto neste verão que apenas um tão completamente esquecido de si mesmo poderia continuar, e as coisas ainda são as mesmas. Que Deus nos resgate logo desta longa luta! Escreva de vez em quando algumas linhas para Eduard, mas aja como se estivesse bem de novo.

Se, sem muito inconveniente para si mesmo, você puder fazer um contato mais próximo com Herr Jaehnigen, você me fará um favor, eu desejo muito isso. Para você, em especial, seria muito vantajoso associar-se a Herr Esser e, como ouço, ele está em condições amistosas com Meurin.

Além disso, peço-lhe que vá até o senhor juiz Reinhard e peça-lhe em meu nome que tome medidas para fazer uma mudança no meu caso. Ganhando

ou perdendo, já tenho preocupações suficientes e quero essa preocupação fora da minha cabeça.

Bem, meu querido bom Karl, acho que escrevi o suficiente. Eu raramente divido as coisas em porções e acho que as porções aquecidas não são tão boas quanto as frescas. Adeus, e em conexão com seu velho pai não se esqueça que seu sangue é jovem; e se tiver a sorte de protegê-lo de paixões tempestuosas e devastadoras, revigore-o pelo menos com uma alegria juvenil e um espírito alegre, e com prazeres juvenis em que o coração e a mente concordem. Eu o abraço de todo meu coração e alma.

Seu fiel pai

[Post-scriptum da mãe de Marx]

Caro amado Carl,

Que o céu possa mantê-lo em boa saúde é realmente o meu desejo mais ardente, além de que você seja moderado em seu modo de vida e tanto quanto possível também em seus desejos e esperanças, agora que você alcançou o que é mais essencial, você pode agir com mais calma e discrição. A senhora von Westphalen falou às crianças hoje. [Jenny está para] vir hoje ou amanhã. Ela escreve que quer muito voltar para Trier e está ansiosa para ouvir de você. Acho que o silêncio de Jenny em relação a você deve-se à modéstia de donzela, que já comentei nela e que certamente não é para a sua desvantagem, mas só aumenta ainda mais seus encantos e boas qualidades. – Edgar provavelmente irá a Heidelberg para continuar seus estudos, partindo do [...] temido – de que seu bem-estar e seu sucesso em tudo o que você empreende é caro aos nossos corações, você pode ficar tranquilo. Que o Todo-Poderoso e o Todo-Bom apenas lhe mostre o caminho certo que é mais benéfico para você, é isso que desejamos pedir. Apenas tenha coragem e persista [...] será coroado. Eu o beijo com todo meu coração em meus pensamentos. [...] torná-lo para os casacos de lã de outono que irão protegê-lo de pegar um resfriado. Escreva logo, querido Carl.

Sua mãe sempre amorosa

Henriette Marx

Escreva também algumas linhas para Hermann e coloque-as em uma carta para nós. Ele está indo muito bem e as pessoas estão muito satisfeitas com ele.

14. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 17/11/1837

Querido Karl,

Você ainda está sediado em Stralow? Nesta época do ano e na terra onde não há limoeiros em flor, isso pode ser pensável? Mas onde você está então? Essa é a questão, e para um homem prático, o primeiro requisito para correspondência é conhecer um endereço. Portanto, tenho que aproveitar a gentileza dos outros.

Um endereço, no entanto, é forma, e precisamente esse parece ser o seu lado fraco. As coisas podem ser diferentes em relação ao material? Pelo menos, deve-se supor que, se alguém tem em mente: 1) que não lhe falta assunto, 2) que sua situação é grave o suficiente para despertar grande interesse, 3) que seu pai é talvez um pouco parcial em sua apegos a você etc., etc., etc., e ainda depois de um intervalo de dois meses, o segundo dos quais me causou algumas horas desagradáveis cheias de ansiedade, recebi uma carta sem forma ou conteúdo, um fragmento rasgado que não diz nada, que não se relacionava com o que existia antes e não tinha conexão com o futuro!

Se uma correspondência é de interesse e valor, deve ter consistência, e o escritor deve necessariamente ter sua última carta diante de seus olhos, como também a última resposta. Sua última carta continha muita coisa que excitou minha expectativa, exceto uma. Eu tinha escrito várias cartas que pediam informações sobre meus pontos. E, em vez de tudo isso, recebi uma carta de fragmentos e fragmentos e, o que é muito pior, uma carta amargurada.

Falando francamente, meu caro Karl, eu não gosto desta palavra moderna, que todos os fracos usam para encobrir seus sentimentos quando brigam com o mundo porque não possuem, sem trabalho ou problemas, palácios bem mobiliados com vastas somas de dinheiro e carruagens elegantes. Essa amargura me enoja e você é a última pessoa de quem eu a esperaria. Quais os fundamentos que você pode ter para isso? O mundo todo não lhe sorriu desde o berço? A natureza não lhe dotou de magníficos talentos? Seus pais não deram muito carinho a você? Você já não foi até agora capaz de satisfazer seus desejos razoáveis? E você não levou, da maneira mais incompreensível, o coração de

uma garota que milhares invejam para você? No entanto, o primeiro evento desagradável, o primeiro desejo desapontado, evoca a amargura! Isso é força? Isso é um personagem viril?

Você mesmo declarou, com palavras secas, que ficaria satisfeito com as garantias para o futuro e, por causa delas, renunciaria a todos os sinais exteriores do presente. Você não fez essa renúncia palavra por palavra, por escrito? E só as crianças se queixam da palavra que deram quando começam a sentir pressão.

No entanto, aqui também a sua sorte se mantém. Sua boa mãe, que tem um coração mais suave do que o meu e a quem ainda ocorre com muita frequência que nós também já fomos o brinquedo do ladino cego, soou o alarme, e os bons pais da sua Jenny mal podiam esperar o momento em que o seu pobre coração ferido seria consolado, e a receita, indubitavelmente, já está em suas mãos, se um endereço defeituoso não forçou a epístola a se desviar.

O tempo é limitado, pois Sophie deve levar a carta antes do cargo aos von Westphalens, que agora moram longe, e esta boa oportunidade também foi anunciada para mim apenas hoje, de modo que devo concluir. De fato, no momento eu não saberia o que dizer, no máximo eu só poderia fazer perguntas para você, e eu não gosto de ser importuno. Só mais uma coisa que meu Herr Filho ainda me permitirá, a saber, expressar minha surpresa por ainda não ter recebido nenhum pedido de dinheiro! Ou talvez você já queira agora compensar isso da quantidade excessivamente grande? É um pouco cedo para isso.

Sua querida mãe se recusou a se reconciliar inteiramente com o fato de que você não voltou para casa no outono como os outros fizeram. Se for muito tempo para você e sua querida mãe até o próximo outono, você pode vir para as férias de Páscoa.

Seu fiel pai

Marx

[Post-scriptum da irmã de Marx, Sophie]

Adeus, querido Karl, tenhamos notícias de que agora você está satisfeito e que sua mente está em repouso. Até a Páscoa, Karl, as horas até então me parecerão uma eternidade!

15. Heinrich Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 9/12/1837

Querido Karl,

Se alguém conhece as fraquezas, deve tomar medidas contra elas. Se, então, eu quisesse, como de costume, escrever de forma coerente, no final meu amor por você me levaria a adotar um tom sentimental, e tudo o que acontecera antes teria sido em vão desde que você – pelo menos parece – nunca tomasse uma carta na sua mão uma segunda vez, e de fato é bastante lógico, por que ler uma carta uma segunda vez se a carta enviada em troca nunca for uma resposta.

Por isso, darei vazão às minhas reclamações na forma de aforismos, pois são realmente reclamações que estou apresentando. Então, para recebê-los bem claros para mim e fazer você engoli-los como pílulas, levanto questões que estou inclinado a resolver bastante a posteriori.

1. Qual é a tarefa de um jovem a quem a natureza tem concedido incontestavelmente talentos inusitados, em particular

2. se ele, como ele afirma e, além disso, eu acredito de bom grado, reverencia seu pai e idealiza sua mãe;

b) se ele, sem levar em conta sua idade e situação, tem vinculada uma das meninas mais nobres ao seu destino, e

c) colocou assim uma família muito honrosa na posição de ter que aprovar uma relação que aparentemente e de acordo com o modo usual do mundo mantém grandes perigos e perspectivas obscuras para esta criança amada?

2. Seus pais tinham o direito de exigir que sua conduta, seu modo de vida, lhes trouxesse alegria, pelo menos momentos de alegria e, tanto quanto possível, banir as causas da tristeza?

3. Quais têm sido até agora os frutos de seus magníficos dons naturais, no que diz respeito aos seus pais?

4. Quais foram esses frutos no que diz respeito a você mesmo?

Estritamente falando, eu poderia e deveria talvez terminar aqui e deixar para você responder e dar uma explicação completa. Mas tenho medo de uma veia qualquer de poesia nessa conexão. Eu responderei prosaicamente, da vida real como é, correndo o risco de parecer muito prosaico até mesmo para o meu Herr Filho.

O clima em que me encontro é, na verdade, tudo menos poético. Com uma tosse que tenho há um ano e que dificulta a minha profissão, associada a recentes ataques de gota, me vejo mais mal-humorado do que razoável, e aborrecido com minha fraqueza de caráter, e assim, é claro, você pode esperar apenas as descrições de um homem envelhecido, mal-humorado, que se irrita com desapontamentos contínuos e, especialmente, pelo fato de ter que segurar ao próprio ídolo um espelho cheio de imagens distorcidas.

Respostas e / ou reclamações

3. Presentes merecem, exigem gratidão; e uma vez que magníficos dons naturais são certamente os mais excelentes de todos, eles exigem um grau especialmente elevado de gratidão. Mas a única maneira pela qual a natureza permite que a gratidão seja mostrada a ela é fazendo uso adequado desses dons e, se eu puder usar uma expressão comum, fazer com que o talento tenha lucro.

Estou bem ciente de como alguém pode e deve responder em um estilo um pouco mais nobre, a saber, tais presentes devem ser usados para o seu próprio enobrecimento, e eu não discuto que isso seja verdade. Sim, de fato, eles deveriam ser usados para o seu enobrecimento. Mas como? Se a pessoa é um ser humano, um ser espiritual e um membro da sociedade, um cidadão do estado. Daí o enobrecimento físico, moral, intelectual e político. Somente se o uníssono e a harmonia forem introduzidos nos esforços para atingir esse grande objetivo, pode um belo e atrativo todo aparecer, agradável a Deus, aos homens, aos pais e à

moça que se ama e que merece, com maior verdade e naturalidade para ser chamado de um quadro verdadeiramente plástico do que seria um encontro com um velho colega de escola.

Mas, como eu disse, somente o esforço para estender o enobrecimento em proporção devida e igual a todas as partes é evidência da vontade de provar a si mesmo digno desses dons; somente através da uniformidade desta distribuição pode ser encontrada uma bela estrutura, verdadeira harmonia.

De fato, se restritas a partes individuais, os esforços mais honestos não apenas não levam a um bom resultado, mas, ao contrário, produzem caricaturas: se restritas à parte física – simplórios; se à parte moral – visionários fanáticos; se à parte política – intrigantes, e se à parte intelectual – feras instruídas.

- a) Sim, um jovem deve estabelecer esse objetivo se realmente deseja dar alegria a seus pais, cujos serviços prestados a ele cabe ao seu coração apreciar; especialmente se ele sabe que seus pais depositam suas maiores esperanças nele.
- b) Sim, ele deve ter em mente que assumiu um dever, possivelmente excedendo a sua idade, mas ainda mais sagrado por causa disso, para se sacrificar em benefício de uma menina que fez um grande sacrifício em vista de sua excelência, méritos e sua posição social ao abandonar sua brilhante situação e perspectivas em nome de um futuro incerto e tedioso ao se acorrentar ao destino de um homem mais jovem. A solução simples e prática é conseguir para ela um futuro digno dela, no mundo real, não em uma sala cheia de fumaça com uma lâmpada de óleo fedorenta ao lado de um estudioso que cresceu selvagem.
- c) Sim, ele tem uma grande dívida a pagar, e uma família nobre tem o direito de exigir uma compensação adequada pela perda de suas grandes esperanças, tão bem justificadas pela excelente personalidade da criança. Pois, na verdade, milhares de pais teriam recusado seu consentimento. E em meio à sua tristeza, seu próprio pai quase deseja que o tivessem feito, pois o bem-estar dessa menina angelical é muito

caro para meu coração; eu verdadeiramente a amo como uma filha, e é por essa mesma razão que estou tão ansioso por sua felicidade.

Todas essas obrigações juntas formam um vínculo tão intimamente tecido que só ele deveria exorcizar todos os maus espíritos, dissipar todos os erros, compensar todos os defeitos e desenvolver novos e melhores instintos. Deveria ser suficiente para transformar um jovem não-civilizado em um ser humano ordenado, um gênio abnegado em um pensador genuíno, um líder selvagem de jovens selvagens em um homem apto para a sociedade, alguém que retém orgulho suficiente para não torcer e virar como uma enguia, mas tem inteligência e tato práticos o suficiente para sentir que é somente através da relação com pessoas de mente moral que ele pode aprender a arte de se mostrar ao mundo em seu aspecto mais agradável e mais vantajoso, de ganhar respeito, amor e prestígio como o mais rápido possível, e de fazer uso prático dos talentos que a mãe natureza, de fato, concedeu prodigamente a ele.

Isso, em suma, era o problema. Como isso foi resolvido?

A dor de Deus!!! Desordem, excursões mofadas em todos os departamentos do conhecimento, mofados sob uma lâmpada de óleo sombria; correndo selvagem no roupão de um erudito e com o cabelo despenteado em vez de correr solto sobre um copo de cerveja. Retirada insociável com negligência de todo decoro e até mesmo de toda consideração pelo pai. – A arte de associação com o mundo restringia-se a uma sala de trabalho suja, na desordem clássica da qual talvez as cartas de amor de uma Jenny e as advertências bem-intencionadas e talvez escritas com lágrimas do pai ao *fidibus* seriam usadas para derramamentos de cachimbo, o que de qualquer forma seria melhor do que se caíssem nas mãos de terceiros devido a uma desordem ainda mais irresponsável. – E é isso aqui? Nesta oficina de erudição sem sentido e inconveniente, para que os frutos amadureçam, que refrescam a você e a sua amada, e que seja colhida a colheita que servirá para cumprir suas sagradas obrigações!?

4. Eu sou, naturalmente, muito profundamente afetado, apesar da minha resolução, estou quase impressionado com a sensação de que estou machucando você, e já a minha fraqueza mais uma vez começa a tomar conta de mim, mas a fim de me ajudar, literalmente, eu tomo as pílulas

reais prescritas para mim e engulo tudo, pois vou ser duro de uma vez por todas e dar vazão a todas as minhas reclamações. Não me tornarei de coração mole, pois sinto que fui indulgente demais, com pouco apelo às minhas queixas e, assim, até certo ponto, tornei-me seu cúmplice. Devo dizer e direi que você causou muito aborrecimento aos seus pais e pouca ou nenhuma alegria.

Mal passaram seus acontecimentos selvagens em Bonn, mal seus antigos pecados foram aniquilados – e eles foram verdadeiramente múltiplos – quando, para nosso espanto, as dores do amor se instalaram, e com a boa natureza dos pais em um romance romântico nós fomos tornados seus arautos e os portadores de sua cruz. Mas profundamente conscientes de que a felicidade de sua vida estava centrada aqui, toleramos o que não poderia ser alterado e talvez tenhamos desempenhado papéis impróprios. Embora ainda tão jovem, você se afastou de sua família, mas vendo nos olhos dos pais a influência benéfica sobre você, esperávamos ver os bons efeitos se desenvolverem rapidamente, porque de fato a reflexão e a necessidade testemunhavam igualmente a favor disso. Mas quais foram os frutos que colhemos?

Nunca tivemos o prazer de uma correspondência racional, que em regra é o consolo da ausência. Pois a correspondência pressupõe relações consistentes e contínuas, realizadas reciprocamente e harmoniosamente por ambos os lados. Nunca recebemos uma resposta às nossas cartas; nunca a sua próxima carta teve qualquer conexão com a sua anterior ou com a nossa.

Se um dia recebemos o anúncio de que você fez algum novo conhecido, depois isso desapareceu totalmente e para sempre, como uma criança ainda não nascida.

Quanto ao que realmente ocupava, pensava e fazia nosso filho muito querido, dificilmente quando uma frase rapsódica eventualmente era lançada sobre esse assunto o catálogo rico chegava ao fim, terminando como por passe de mágica.

Em várias ocasiões ficamos sem receber cartas por meses, e a última vez foi quando você sabia que Eduard estava doente, sua mãe sofrendo e eu mesmo não estava bem, e além do mais, a cólera grassava em Berlim; e como se isso nem sequer demandasse um pedido de desculpas, a sua carta seguinte

não continha uma única palavra sobre isso, mas apenas algumas linhas mal escritas e um extrato do diário intitulado *A Visita* que eu francamente preferiria jogar fora em vez de aceitar, um trabalho maluco que apenas testemunha como você desperdiça seus talentos e passa suas noites dando à luz monstros; que você siga os passos dos novos imoralistas que distorcem suas palavras até que eles mesmos não as escutem; que batizam uma torrente de palavras um produto de gênio porque é desprovida de ideias ou contém apenas ideias distorcidas.

Sim, sua carta continha alguma coisa – reclamações de que Jenny não escreve, apesar do fato de que no fundo você estava convencido de que isso era favorável por todos os lados – pelo menos não havia motivo para desespero e amargura – mas isso não era suficiente, seu querido ego ansiava pelo prazer de ler o que você já sabia (o que, é claro, no presente caso é bastante justo), e isso era quase tudo que meu Herr Filho poderia dizer a seus pais, que ele sabia estar sofrendo, ele havia sido oprimido por um silêncio sem sentido.

Como se fôssemos homens de riqueza, meu Filho Supremo dispôs em um ano de quase 700 táleres, contrariando todo acordo, contrariando todo costume, enquanto os mais ricos gastam menos que 500. E por quê? Eu lhe faço a justiça de dizer que ele não é um libertino nem um perdulário. Mas como pode um homem que, semana sim, semana não, descobre um novo sistema e tem que rasgar trabalhos antigos laboriosamente alcançados, como ele pode, eu pergunto, se preocupar com ninharias? Como ele pode se submeter à mesquinhez da ordem? Todo mundo lhe põe a mão no bolso e todo mundo o engana, contanto que não o perturbem em seus estudos, e uma nova ordem de pagamento é logo escrita de novo, é claro. Pessoas de mente estreita como G. R. e Evers podem estar preocupadas com isso, mas eles são pessoas comuns. É verdade que, em sua simplicidade, esses homens tentam digerir as palestras, mesmo que sejam apenas as palavras, e obter patronos e amigos aqui e ali, pois os exames são presididos por homens que são professores, pedantes e às vezes vingativos, que gostam envergonhar quem é independente; mas a grandeza do homem consiste precisamente em criar e destruir!!!

É verdade que esses pobres jovens dormem muito bem, exceto quando às vezes dedicam meia noite ou uma noite inteira ao prazer, enquanto meu talentoso e esforçado Karl passa noites miseráveis acordado, enfraquece a

mente e o corpo com um estudo sério, nega-se todo prazer, de fato, para prosseguir estudos abstratos elevados, mas o que ele constrói hoje ele destrói amanhã, e no final ele destruiu seu próprio trabalho e não assimilou o trabalho dos outros. No final, o corpo fica doente e a mente confusa, enquanto as pessoas comuns continuam a avançar sem perturbações e às vezes alcançam o objetivo melhor e, pelo menos, mais confortavelmente do que aqueles que desprezam as alegrias da juventude e estragam sua saúde para capturar à sombra da juventude a erudição, que eles provavelmente teriam alcançado melhor em uma hora de relações sociais com pessoas competentes, e com prazer social no negócio!!!

Eu concluo, pois sinto pelo pulso mais forte que estou prestes a cair em um tom de coração mole, e hoje pretendo ser implacável.

Devo acrescentar também as queixas de seus irmãos e irmãs. De suas cartas, dificilmente se pode ver que você tem irmãos ou irmãs. Quanto à boa Sophie, que sofreu tanto por você e Jenny e é tão generosa em sua devoção a você, você não pensa nela quando não precisa dela.

Eu paguei seu pedido de dinheiro de 160 táleres. Eu não posso, ou dificilmente posso, cobrar isso para o ano acadêmico passado, pois isso realmente tem o devido valor. E para o futuro, não quero esperar muitos do mesmo tipo.

Vir aqui no presente momento seria um absurdo! É verdade que sei que você se importa pouco com palestras, embora provavelmente pague por elas, mas pelo menos observarei as decências. Eu certamente não sou escravo da opinião pública, mas também não gosto de fofoca às minhas custas. Venha para as férias da Páscoa – ou mesmo duas semanas antes, eu não sou tão pedante – e apesar da minha epístola atual você pode ter certeza de que vou recebê-lo de braços abertos e com a batida acolhedora do coração de um pai, que na verdade está doente, somente pela ansiedade excessiva.

Seu pai

Marx

16. Heinrich e Henriette Marx para Karl Marx, em Bonn

Trier, 10/02/1838

Querido Karl,

Já faz dois meses que tenho que permanecer no meu quarto, e por um mês inteiro, na minha cama, e é por isso que não escrevo para você. Hoje pretendo ficar de pé por algumas horas e ver até onde posso escrever uma carta. A verdade é que tenho estado um tanto trêmulo, mas eu consigo, só devo, é claro, ter de ser um pouco mais breve do que eu deveria e gostaria de ser.

Quando lhe escrevi uma carta bastante ríspida, o estado de espírito em que me encontrava naturalmente deveria ser levado em conta, mas esse humor não me fez inventar nada, embora, é claro, isso pôde me fazer exagerar.

Não estou em condições de embarcar novamente em uma discussão acerca de cada queixa em separado, e, em geral, eu não quero me meter com você na arte do argumento abstrato, porque nesse caso eu deveria, antes de tudo, estudar a terminologia antes que eu pudesse penetrar no santuário, e eu estou velho demais para isso.

Tudo bem se sua consciência modestamente harmoniza com sua filosofia e é compatível com ela.

Apenas em um ponto, é claro, todo o transcendentalismo é inútil, e nisso você sabiamente achou por bem manter um silêncio aristocrático, estou me referindo à insignificante questão do dinheiro, cujo valor para um pai de família você ainda não parece reconhecer, mas eu, sim, reconheço, e não nego que às vezes eu me repreendo por ter deixado você com a rédea tão solta a este respeito. Assim, estamos agora no quarto mês do ano letivo e você já drenou 280 táleres. Eu ainda não ganhei tanto assim neste inverno.

Mas você está errado em dizer ou imputar que eu o julgo ou entendo mal. Nem um, nem outro. Eu reconheço totalmente o seu coração, a sua moralidade. Já no primeiro ano de sua carreira jurídica, eu lhe dei uma prova irrefutável disso, nem mesmo exigindo uma explicação em relação a um assunto muito obscuro, mesmo que fosse muito problemático. Somente a verdadeira fé em sua alta moralidade poderia tornar isso possível, e agradeço aos céus que não tive que voltar a isso. Mas todo esse reconhecimento não me deixa cego, e é só porque

estou cansado que abro os braços. Mas sempre acredite, e nunca duvide, que você tem o lugar mais íntimo em meu coração e que você é uma das alavancas mais poderosas da minha vida.

Sua última decisão é digna do maior elogio e bem ponderada, sábia e louvável, e se você cumprir o que prometeu, provavelmente dará os melhores frutos. E tenha a certeza de que não é apenas você que está fazendo um grande sacrifício. Isso se aplica a todos nós, mas a razão deve triunfar.

Estou exausto, querido Karl, por isso devo concluir. Lamento não ter conseguido escrever como queria. Eu teria gostado de abraçá-lo com todo o meu coração, mas minha condição ainda ruim torna isso impossível.

Sua última sugestão a meu respeito apresenta grandes dificuldades. Quais os direitos que posso usar? Qual apoio eu tenho?

Seu fiel pai

Marx

[Post-scriptum da mãe de Marx]

Seu querido pai, pela primeira vez, fez um esforço para escrever para você. O bom pai está muito fraco, Deus conceda que ele possa em breve recuperar sua força. Ainda estou bem de saúde, querido Carl, e estou resignada com a situação e me acalmo. A querida Jenny se comporta como uma criança amorosa em relação a seus pais, assume um papel íntimo em tudo e muitas vezes nos anima por sua disposição infantil amorosa, que ainda consegue encontrar um lado positivo para tudo. Escreva para mim, querido Carl, sobre o que tem ocorrido com você e se você está bem de novo. Eu sou a mais insatisfeita por você não dever vir durante a Páscoa; eu deixo o sentimento ir antes da razão e me arrependo, querido Carl, por você ser razoável demais. Você não deve tomar minha carta como medida do meu profundo amor; há momentos em que se sente muito e se pode dizer pouco. Então adeus, querido Carl, escreva logo para o seu bom pai, e isso certamente ajudará na sua rápida recuperação.

Sua mãe sempre amorosa

Henriette Marx

[Post-scriptum da irmã de Marx, Sophie]

Você ficará feliz, querido Karl, em ouvir do pai; minha longa carta agora me parece tão pouco importante que não sei se devo anexá-la, pois temo que não valha a pena o custo do transporte.

Nosso querido pai está ficando melhor; já está na hora. Ele logo completará oito semanas na cama, e ele só se levantou pela primeira vez há alguns dias para que o quarto pudesse ser arejado. Hoje ele fez um grande esforço para escrever algumas linhas para você com uma mão trêmula. O pobre pai agora está muito impaciente, e não é de admirar: todo o inverno ele esteve atrasado em questões de negócios, e a necessidade agora é quatro vezes maior do que antes. Eu canto para ele diariamente e também leio para ele. Mande-me finalmente o romance que você tanto me prometeu. Escreva de uma vez, será uma distração agradável para todos nós. Karoline não está bem e Louise também está de cama; com toda a probabilidade, ela tem febre escarlate. Emilie se mantém alegre e de bom humor, e Jette não está exatamente no humor mais amável.

P.S. DE HEINRICH MARX À CARTA DE HENRIETTE MARX PARA KARL MARX
EM BERLIM

[15-16 de fevereiro, 1838]

Querido Karl,

Eu lhe envio algumas palavras de saudação, não posso fazer muito ainda.

Seu pai,

Marx

17. Jenny von Westphalen para Karl Marx, em Berlim

Trier, depois de 10/05/1838

“[...] ser uma garota má”. Essa foi a única coisa que eu disse. Oh, Karl, Karl, o olhar com que você estava olhando para mim ainda me sacode por dentro. Senti como se meu coração tivesse que se partir. Muitas vezes eu ainda sinto a dor mais aguda, não mais como uma facada, mas ainda profunda o suficiente. Mas o olhar não foi suficiente para você, você queria me esmagar completamente e disse: “E se agora eu contasse aos irmãos sobre as irmãs que se comportam assim, que elas são más?” Karl, eu já te disse algo semelhante? Fiquei em silêncio, meu coração parou de bater; então você sentiu o que tinha feito e pediu perdão. Você pôde fazer isso em um momento dos maiores amores, o que posso esperar quando um dia esfriar. Olha, Karl, isso é um inferno. Alimentá-lo seria suicídio e deve piorar. Perdoe-me por escrever isso, mas às vezes ainda sinto dor. Foi no dia 3 de maio, no dia 7 você viajou, no dia 10 já não estava mais. Foi demais. No dia 15 tive um pressentimento de morte, mas mais terrível, porque ainda não tinha fim e cada dia trazia mais preocupação, mais dor, mais medo. É verdade que o que senti naquele dia ainda não passou. Na segunda vez, foi minha morte.

Karl, que você pudesse me dizer que eu era uma garota má, que você pudesse me dizer naquela época, não estava certo. Não estou zangada com você por causa disso, você pode estar certo; mas dói muito. Olha Karl, Edgar poderia me dizer isso e eu não sentiria a dor mortal com que suas palavras me atingiram. Se isso é menos amor, então você está certo. Não posso dizer de outra maneira. Oh Karl, eu te amo de uma maneira muito diferente de Edgar.

Você se lembra de como eu sempre dizia no começo, sim, eu lhe quero bem, como eu nunca conseguia me decidir a usar o verbo *amar*? No *querer* havia ainda um pouco de amizade, amor fraternal, que eu assim queria embelezar. Veja, eu quero bem a Edgar, eu amo você. Você entende o que quero dizer? Não se ofenda, por favor?

Eu pondero se disse algo ofensivo em minha última carta! Não consigo encontrar e então não foi de propósito; mas não era isso, também, tão verdadeiro quanto a vida de um deus, mas eu estava tão ofendida, tão agitada, e você sabe

como sou vaidosa e Karl, me perdoe só mais uma vez, queime a carta e esqueça. Escrevi um novamente um pouco agitada, sua carta é a culpada. Se ao menos você estiver bem de novo, apenas, apenas isso, coração. Você teve febre biliar? Então, não é a febre do resfriado? Amado doutor. Não se preocupe comigo, estou completa agora.

18. Jenny von Westphalen para Karl Marx, em Berlim

Niederbronn, 24/06/1838

Que aqui atrás de mim está o lugar da aflição, o velho ninho de padres com sua humanidade em miniatura, é o que lhe diz o cabeçalho deste bilhete; agora ele deve lhe contar mais sobre nossa viagem à terra dos Vosges, minha vida interior e exterior na pequena e amigável residência de banho, mas antes disso você deve ficar quieto e ouvir, você, caríssimo querido do meu coração, ouça as doces saudações que lhe trazem as palavras doces e ternas de amor que ele sussurra para você. Caro Karl, se você pudesse estar comigo agora, para que eu pudesse descansar sobre o seu coração, unida a você, olhar para o vale alegre e amigável, os prados graciosos, as montanhas com suas alturas arborizadas! Mas, oh, você se sabe tão longe, tão longe, tão inacessível; em vão os meus olhos o procuram, em vão os meus braços estendem-se para você, em vão o chamo com todos os doces nomes do mais terno amor; devo pressioná-los todos os beijos quentes nas testemunhas silenciosas do seu amor, em vez do seu, devo pressioná-los contra o meu coração com minhas lágrimas. Karl, envie-me com frequência essas doces mensagens de amor, escreva-me com frequência; me causa angústia, mais angústia do que posso dizer; é a única coisa que tenho que a alma em desespero pode erguer, a única coisa que me salva de afundar completamente na dor, no desespero. Ainda não consigo me orientar, ainda não consigo suportar com calma e compostura o pensamento de uma perda insubstituível; tudo parece tão sombrio, tão sinistro, todo o futuro tão sombrio, nenhum garoto amigável sorri para mim, nenhuma perspectiva feliz; mesmo do passado brilhante emergem apenas memórias melancólicas e, infelizmente, cada hora do presente alegre novamente a comparação dolorosa entre nossa antiga riqueza e nosso empobrecimento atual; cada dia, cada momento me lembra que não é mais como antes, que nunca mais será igual, que ele não está mais entre nós, o esplêndido que abençoou nosso amor, que não podem mais revigorantes raios de sol se lançar na escuridão do presente, que foi arrancada de nós para sempre, se foi para sempre.

Hoje, em particular, me vem a recordação de seu precioso e maravilhoso garoto. Hoje faz apenas um ano que estivemos juntos em Kürenz; estávamos

ambos sozinhos e conversamos por duas ou três horas sobre os assuntos mais importantes da vida, os mais nobres e violentos interesses, religião e amor. Ele falou palavras maravilhosamente deliciosas, ensinamentos de ouro em meu coração, falou comigo com um amor de cordialidade e intimidade que só uma mente tão rica como a dele é capaz. Meu coração devolveu isso a ele fielmente, este amor ele vai guardar para sempre! – Existe um amor que se estende além desta vida, que é infinito, e pertence a ele. Ele estava muito triste e sério naquele dia, falava muito da precária condição de Edumännchen, que na época já via claramente em suas tristes consequências, e, também, reclamava da própria fraqueza física; ele tossiu muito naquele dia e foi muito atacado.

Peguei um monte de morangos para ele e sempre lhe entregava os mais lindos, você devia ter visto como ele ficava feliz, como me agradecia, como sorria para mim. Jamais esquecerei esse sorriso celestial! Depois ele ficou mais alegre, até ficou me chamando o tempo todo de Madame Presidente de uma maneira bastante jocosa e brincalhona; a esposa do presidente Rive estava tão gravemente doente na época que a cada dia se esperava a sua morte, e isso então significava que eu poderia tomar o lugar do seu paizinho, eu deveria ser escolhida como um homem interino dele, já que ia demorar tanto com você e nesse longo intervalo ia fazer de conta que era a Madame Presidente. Essa fantasia o divertiu por muito, muito tempo, e sempre que eu olhava para ele, ele dizia maliciosamente: “Como vai você, minha querida Dona Patroa?” Assim, a cada dia, a cada momento, me lembro dele, o glorioso, sempre despertando de novo os sentimentos de saudade ardente do ente querido que se foi e dos dias mais bonitos de sua estada entre nós. E, no entanto, não o desejo de volta a este mundo de miséria, não, eu o abençoo, invejo sua sorte – regozijo-me com o descanso feliz de que desfruta nos braços de seu Deus, regozijo-me por ele ter lutado, sofrido, que ele tenha encontrado a rica recompensa de sua bela vida lá no além!

Perdoe-me, Karl, essas explosões de dor, perdoe-me por me demorar tanto no seu objeto eternamente inesquecível, mais sagrado e de luto de todos nós, despertando assim sentimentos dificilmente acalmados em vez de suprimindo a efusão de minhas queixas, perdoe-me por não o abordar de maneira alegre e amigável, mas ainda não consigo controlar meu humor, meu

sofrimento. E como poderíamos rememorar melhor e mais dignamente sua morte do que lembrando constantemente dele, a gloriosa e sempre fresca memória de sua vida pura, de suas virtudes sublimes, de seu amor celestial; e, no entanto, esse é o consolo mais doce para todos nós, a segurança mais edificante.

Aqui estou enviando a você um pouco do cabelo do querido, é a última coisa que nos resta de sua concha externa, para alvejar a tristeza e a preocupação. Eu o cobri com meus beijos, molhei com minhas lágrimas. Ele gostaria de se tornar um talismã para você nesta vida, sempre siga as suas virtudes...

19. Henriette Marx para Karl Marx, em Berlim

Trier, 22/10/1838

Caro Carl!

por meio deste você recebe a soma dos 160 táleres de que precisa para fazer seu doutorado, mostre-me imediatamente se o recebeu corretamente – o bom Deus lhe dê sorte em todos os seus empreendimentos e guie você no caminho certo – responda também a respeito dos livros para que se possa orientar corretamente, adeus e pense em sua mãe e irmãos de vez em quando.

Trier, 22 de outubro de 1838

Sua mãe amorosa

Henriette Marx

20. Bruno Bauer para Karl Marx, em Berlim

Bonn, 11/12/1839

Caro Marx!

O que devo escrever para você sobre como estou me saindo que ainda não tenha escrito em detalhes para Edgar e para casa? Devo escrever duas vezes?

Você pergunta se eu já conheci uma sereia do Reno. Nem em minhas caminhadas nem na sociedade vi nada parecido. Não gosto muito das jovens locais, que geralmente são vistas acompanhadas. Elas têm muito pouco orgulho feminino, parecem ansiar demais pelo chapéu, e os alunos, que são formalmente nomeados por seus pais para serem assediadores constantes, tiveram uma influência muito grande no mundo feminino local para que algo particularmente inteligente pudesse sair dele. Devo primeiro me tornar mais conhecido e, em particular, chegar a algumas casas onde essa influência é mantida afastada, a fim de ser capaz de julgar em termos gerais e talvez decidir sobre os particulares.

A transição para uma mulher, embora velha, logo se faz. Faz tempo que não vejo nada de Fichte. Ainda não experimentei como é acompanhar seus seminários, mas de modo geral ele particularmente não dispõe de muito crédito por aqui e sua reputação como filósofo não é significativa. A esse respeito, portanto, vai ser fácil pra você. Apenas certifique-se de que você consegue ministrar um seminário durante o verão. A princípio, nada me causou impressão mais desagradável do que a fisionomia de Fichte, depois me reconciliei um pouco com ele sua natureza filistina e burguesa, mas como sua arrogância aquosa também se infiltra aí, sigo com a primeira impressão sobre o velho. Ainda não o vi mastigar açúcar.

Como só ministrei *per accidens* neste inverno (embora tenha ouvintes muito atentos, incluindo Möller), ainda não posso julgar minha relação com os alunos locais. O semestre de verão será decisivo. Tanto sei que meus seminários anunciados para o verão (A vida de Jesus e Crítica ao quarto evangelho) já causaram um santo horror entre os professores locais, sobretudo a “crítica” é escandalosa para eles, também tenho ouvido que muitos alunos se manifestaram contra alguns dos homens daqui, que eles, como futuros clérigos, não poderiam

ouvir de mim, sendo um hegeliano, então eles querem se desligar de mim a priori, mas eu vou atacá-los e soar o sino crítico para que fujam correndo de horror.

Que você compartilhe algumas de suas elucubrações lógicas comigo, posso explicar dizendo que o bom e velho Koppen o acusa de sofisma? Oh, o bom, o bom e velho Koppen, ele está falando sério sobre sua brochura? Como seria necessária agora! Se, depois de minhas experiências em Berlim, eu chegar à universidade local, especialmente ao corpo docente de teologia e depois aos miseráveis graus de doutorado em Berlim, a Prússia parece destinada a apenas avançar através de uma batalha em Jena. Apesar da cúpula da paz em Berlim, isso deve ocorrer em breve, não precisa ser entregue a um Lechfelde, existem outros campos também.

O que você diz sobre as energias lógicas de confronto, etc., parece-me que Hegel definitivamente as desenvolveu em seu devido lugar na seção sobre o método; em essência, elas têm a forma de reflexão e são desenvolvidas como tal e dizem ser o próprio Hegel em algum lugar que aqui a dialética da forma e o movimento da determinação só podem ser “crescidos”, isto é, ainda não podem ser enfatizados para a reflexão, isso só é possível em essência.

Apenas certifique-se (você se sente desconfortável com todas as memórias, mas o que ajuda) que você pode terminar o exame rude e que você pode se dedicar ao seu trabalho lógico sem obstáculos, especialmente se você pode trabalhar integralmente na essência do novo! As mudanças na enciclopédia, às quais muitas vezes voltei antes, não me parecem de forma alguma melhorias.

Ainda não vi o livro de Fischer, mas li Feuerbach com o prazer que surge do constrangimento em que coloca o bando de pessoas constrangidas. Mesmo que seu estratagema em distinguir entre o essencial e o não essencial não seja tão especial, deve horrorizar a multidão.

Escreva para mim sobre as férias, o que todos vocês estão fazendo e também inclua uma palavra prosaica de seu exame. Também me escreva em detalhes o que você sabe sobre a história do anuário e sobre Ladenberg. Saudações Koppen, Rutenberg e Althaus e quem quer que você veja no clube. Estou aqui com mais frequência no cassino e em um clube de professores no Trierschen Hofe, mas nada funciona no nosso clube, pelo qual sempre houve um

interesse intelectual, os *tempi passati* nunca mais voltam. Aqui você apenas bate palmas e se diverte e, depois de se reunir às 9h, você se separa às 11h. Tudo puro filistinismo.

Boas festas!

Adeus

Seu B. Bauer, Bonn

21. Jenny von Westphalen para Karl Marx, em Berlim

Trier, entre 1839-1840

Querido e único amor! Você não está mais com raiva de mim, mas também não está mais preocupado comigo. Fiquei tão empolgada da última vez que escrevi, e em momentos como este vejo tudo muito mais negro e terrível do que realmente é.

Perdoe-me, querido, por assustá-lo tanto, mas fui destruída pelas suas dúvidas sobre o meu amor e lealdade. Diga, Karl, como você pôde, ao escrever tão secamente para mim, expressar uma suspeita simplesmente porque fiquei em silêncio um pouco mais do que o normal, além da dor por sua carta sobre Edgar, oh, por tanta coisa que enche minha alma de tristeza inexprimível, trancada em mim. Eu só fiz isso para poupar você, para me poupar de uma emoção, uma consideração que devo a você e à minha família. Oh, Karl, quão pouco você me conhece, quão pouco você vê minha situação, e quão pouco você sente em que consiste minha dor, onde meu coração está sangrando.

O amor de uma menina é diferente do de um homem, também deve ser diferente. Claro, a garota não pode dar ao homem nada além de amor, dela e de sua pessoa, pois ela é completamente indivisa e eterna. Em circunstâncias normais, a menina também deve encontrar sua plena satisfação no amor do homem, deve esquecer tudo o mais no amor.

Mas agora, Karl, pense na minha situação, você não me respeita, não confia em mim, e eu soube desde o início, senti profundamente, mesmo antes de me ser explicado de forma tão fria, sábia e racional, que eu não seria capaz de manter atual o entusiasmo do seu amor juvenil.

Oh Karl, aí reside minha tristeza pelo que qualquer outra garota encheria de deleite sem nome, seu amor lindo, tocante e apaixonado, as declarações indescritivelmente belas sobre ele, as imagens inspiradoras de sua imaginação, que tudo isso só me assusta e muitas vezes me desespera.

Quanto mais eu me entregasse à bem-aventurança, mais terrível seria meu destino se o seu amor ardente cessasse, você deveria se tornar frio e reservado. Veja Karl, a preocupação com a continuação do seu amor me rouba

todo o prazer, não posso realmente esperar o seu amor porque não me sinto mais segura dele, nada poderia ser mais terrível para mim do que isso.

Veja Karl, é por isso que não sou tão grata, tão feliz pelo seu amor quanto ele realmente merece, é por isso que eu o lembro mais das coisas externas, da vida da realidade, ao invés de, do mesmo modo como você a entende, me agarrar inteiramente ao mundo do amor, fundir-me a ele e em uma unidade espiritual mais elevada e cara com você esquecer tudo o mais, para encontrar consolo e bem-aventurança apenas aí. Karl, você poderia sentir a aflição, você seria mais brando comigo e não veria prosa hedionda e vulgaridade em todos os lugares, não veria falta de amor verdadeiro e profundidade de sentimento em todos os lugares. Oh, Karl, poderia descansar com segurança no seu amor, minha cabeça não queimaria assim, meu coração não doeria e sangraria assim. Eu poderia descansar com segurança em seu coração para sempre, Karl, por Deus minha alma não pensaria na vida e na prosa fria. Mas, anjinho, você não me respeita, não confia em mim e o seu amor, pelo qual daria tudo, não posso mantê-lo fresco e jovem. A morte está no pensamento, agarre-a uma vez em minha alma e você será mais gentil quando eu desejar um consolo que está além do seu amor. Eu sinto como você está certo em tudo, mas também penso na minha situação, minha tendência a pensamentos turvos, imagine tudo isso como é e você não será mais tão duro comigo. Se ao menos você pudesse ser um pouco uma menina e uma estranha como eu. Desde sua última carta, me atormentava com o medo de que você pudesse ter brigado e depois um duelo por minha causa. Dia e noite te vi ferido e sangrando e doente e, Karl, que eu contaria tudo a você, não fiquei totalmente infeliz com esse pensamento, porque quase jurei que você tinha perdido sua mão direita e, Karl, portanto eu delirava com isso, era sobre isso eu abençoei. Veja, coraçãozinho, pensei comigo mesma, então eu poderia me tornar absolutamente indispensável para você, então você sempre teria me mantido perto de você e amada. Então pensei que poderia ter escrito todos os seus queridos pensamentos celestiais e que poderia ser muito útil para você. Pensei em tudo com tanta naturalidade e nitidez que sempre ouvi sua querida vozinha, nela, meus queridos [...] As palavras derramaram sobre mim e eu as ouvi e cuidadosamente as preservei para os

outros. Sempre vejo as coisas assim, mas então fico feliz, porque então sou sua e sua com você. Se eu pudesse imaginar isso, então ficaria satisfeita.

Querido e único coração, escreva-me logo e diga-me que você tem saúde e que sempre me ama. Mas, Karlzinho, tenho que falar com você um pouco mais a sério, diga como você pode duvidar da minha lealdade? Oh, deixe, Karl, de obscurecer-se por outra pessoa, não é como se eu entendesse mal as qualidades boas e excelentes de outras pessoas e considerasse você insuperável, mas, Karl, eu o amo tão inexprimivelmente e só deveria encontrar algo adorável em outra pessoa. Oh, Karlzinho, eu nunca estive ausente de você, nunca, nunca, e ainda assim você não confia em mim, mas é estranho que tenha chamado sua atenção justo aquele que eu mal vi em Trier, que nem poderia ser conhecido, enquanto fui vista, muito alegre e muito animada, em conversas com homens de todos os tipos.

Muitas vezes posso ser muito alegre e provocadora, muitas vezes brincar com completos estranhos e ter uma conversa animada – coisas que não posso fazer com você. Olha, Karl, eu poderia conversar sem parar com qualquer pessoa, e se você apenas olhar para mim, receio não saber uma palavra, minhas veias ficam presas e minha alma treme. Muitas vezes, quando penso em você tão de repente, fico em silêncio e espio dentro de mim e então não posso dizer nada para nenhum mundo, oh, eu não sei como é, mas é tão estranho para mim ter coragem quando penso em você, e eu não penso isolada e eventualmente sobre você, não, toda a minha vida e ser é um pensamento sobre você. Frequentemente penso muito no que você me disse, no que me perguntou, e então gostaria de mergulhar em sensações estranhas inexplicáveis. Karl, e quando você me beijou assim e me apertou contra si e me abraçou com tanta força que eu não conseguia respirar de medo e estremecimento, e então você me olha assim, tão peculiar tão gentilmente, oh querido, você não sabe como você costumava olhar para mim. Karlzinho, se você soubesse como isso é tão especial para mim, não posso realmente descrever para você. Às vezes também penso comigo mesma quando estou sempre com você e você me chama de sua amante, como deve ser tão bom. Se você me ama, então posso dizer tudo o que quero dizer, então você não ficará tão envergonhado quanto está agora. Karlzinho, é bom ter alguém assim. Se você soubesse como é, não acreditaria

que eu poderia amar outra pessoa. Querida, você provavelmente não sabe o que disse todo tipo de coisa para mim quando eu penso sobre isso. Uma vez você me disse uma coisa tão querida, que só diz quando ama muito alguém e quando quer ser tão querida consigo mesma. Você me disse isso carinhosamente muitas vezes. Karlzinho, você se lembra disso? E se eu tivesse que lhe dizer exatamente tudo que pensei, mas malandro você quer dizer que eu já teria lhe contado tudo, mas você está muito enganado, se eu não for mais sua namorada, então eu vou te dizer o que fazer com ninguém pode-se dizer isso quando se pertence inteiramente ao amor. Se você pensa nisso, Karlzinho, então me conte tudo e me olhe com ternura de novo. Essa foi a melhor coisa que me aconteceu no mundo. Oh, querido, como você me olhou assim pela primeira vez, e depois rapidamente desviou o olhar, depois voltou a olhar, e eu simplesmente assim, até que finalmente se olharam por muito tempo e profundamente e não conseguiram mais desviar o olhar.

Não fique zangado comigo, querido, e escreva-me com um pouco de ternura, serei muito feliz e não me preocuparei tanto com a minha saúde. Muitas vezes acho que é pior do que é. *Eu realmente me sinto mais confortável agora do que há muito tempo.* Também parei de tomar a medicação e está com um gosto muito bom de novo. Eu vou muito ao jardim de Wettendorf e trabalho duro o dia todo. Infelizmente, não consigo ler nada. Se ao menos eu soubesse de algum livro que pudesse entender direito isso me distrairia um pouco. Muitas vezes leio uma página por uma hora e depois não entendo nada. Querido, eu posso compensar isso se eu retomar um pouco agora, você me ajuda a avançar novamente e eu volto a entender rápido também.

Você conhece algum livro, mas tem que ser de um tipo muito especial, um pouco erudito, que mesmo que eu não entenda tudo, é como estar no meio do nevoeiro, então um pouco, que não se leia tudo bem, e além disso nada de contos de fadas nem dada de versos, que eu simplesmente não aguento mais. Acho que ficaria bem se mantivesse minha cabeça um pouco ocupada. Ao trabalhar com as mãos, a cabeça tem muita margem de manobra. O Karlzinho continua saudável para mim? O estranho amor vive em outro lugar novamente. Estou muito feliz com a mudança no seu [...]

Ao senhor Karl Marx.

22. Bruno Bauer para Karl Marx, em Berlim

Bonn, 1/03/1840

Caro Marx!

Devo realmente escrever algumas linhas? Realmente não sei se devo fazê-lo, embora já tenha posto a caneta em movimento e algumas linhas já estejam lá, podem ser como quiserem. Quantas vezes já lhe escrevi – e você está em silêncio! E o que devo escrever para você? Aqui tudo permanece o mesmo, ou seja, H. parece tão vazio e lento como sempre. Sei que você pode ser injusto se quiser julgar o curso trivial que é abordado aqui um dia após o outro e, como eu fiz, reclamar da "insignificância superficial". Mas se o julgamento da injustiça fosse referido, algo inteligente teria que emergir da calma. Mas nada aparece. Bonn é certamente a universidade que menos oferece para a ciência. As pessoas mais inteligentes aqui ainda são os linguistas como Diez e Lassen, que estão comigo na mesa do almoço onde como. Mas se estão cansados de trabalhar em suas pesquisas, ficam contentes e não querem ser perturbados por sofismas. É notável como se escapa a cada toque de uma das colisões tão contidas na Prússia. Quando bato às vezes você não sabe o que pensar.

O único que vê com clareza e pensa com liberdade aqui é o Dr. Gildemeister – também linguista na faculdade de filosofia. Ele também está na mesa do almoço, eu costumo sair com ele, dar um passeio com ele e sair com ele à noite. É apenas ele com quem realmente me associo. Ele era originalmente um teólogo e tinha formação filosófica. Ainda posso conversar com ele sobre assuntos do coração. Ele conhece as condições gerais e se preocupa com elas, embora sejam desconhecidas dos outros ou apareçam apenas no uniforme de polícia mais tacanho.

Você nunca me disse que havia uma razão para ser encontrada aqui. Procurei por um longo tempo até que alguém finalmente me mostrou a própria deusa da razão. É uma vendedora ambulante de maçãs sentado no mercado. Quando jovem, ela sentou-se no altar durante a revolução como a deusa da razão e recebeu a veneração que o povo de Bonn agora nega a razão. Mesmo os gênios da razão ainda andam por aqui como filisteus. Um professor universitário era um gênio quando criança e dançava em torno do altar da razão no mercado.

Agora! Deusa da Razão! Gênios da razão! Nenhuma outra universidade prussiana pode desfrutar de tais tesouros.

Outro dia, eu também li o livro de Fischer, "Ideia de Deus", e quase resultou em um escândalo se eu não tivesse resistido à tempestade com prudência. Um professor de teologia havia me emprestado a coisa, e quando eu a trouxe de volta para ele e disse, a seu pedido, que se uma pessoa apenas expressasse suas demandas e necessidades, isso não teria derrubado uma filosofia tão tremenda, ele rompeu com Elias me zelou e disse com a cara em brasa: Ele sentiu a necessidade de expressar todo o seu desgosto por uma filosofia ímpia e continuou trovejando, dando um currículo terrível (terrivelmente sem sentido) da filosofia hegeliana como um Kapucin. Visto que esse filisteu é um zelota ardente e descuidado, usei toda a minha calma e firmeza para não causar nenhum dano. Ouvir um homem falar de uma maneira que realmente precisa me pareceu tão ridículo como se alguém dissesse em boa companhia que sentia necessidade de mijar no bolso do vizinho. Para arcar com todas as consequências da tempestade, falei horas a fio a ponto de o homem ter que admitir que diante de um grande sistema não bastava apenas colocar algumas frases na minha frente. A limpeza de Fischer é patética. O que sua farsa está fazendo: *vapulanos Fischer?*

O tempo está ficando cada vez mais terrível e belo. Levanta logo. Os interesses políticos são certamente maiores em outros lugares, mas os interesses que interessam a toda a vida em nenhum lugar são tão ricos e múltiplos como na Prússia. O Protestantismo e a Igreja Católica, que através dos sofrimentos até agora se tornou autoconsciente tanto quanto pode, mais o interlúdio do Hermesianismo.

A União Evangélica, que se dissolverá cada vez mais porque acaba de servir apenas para trazer os opostos de volta à verdade! Acima de tudo, o surgimento das contradições mais decididas e do fútil sistema policial chinês, que eles querem encobrir e só ajudam a fortalecê-los. Enfim a filosofia, que está se emancipando dessa opressão chinesa e vai liderar a luta, enquanto o Estado, em sua ilusão, renuncia à liderança! Nunca houve tanto a fazer em um estado. Ponha um fim à sua procrastinação e ao seu péssimo tratamento para com as

bobagens e uma mera farsa, como o exame. Se ao menos você estivesse aqui e pudéssemos conversar sobre mais do que o jornal pode suportar. Adeus.

Dein

B.Bauer

23. Bruno Bauer para Karl Marx, Berlim

Bonn, 30/03/1840

Caro Marx!

Agora você pode se informar diplomaticamente com precisão sobre as realizações de doutorado. O colóquio é apenas uma forma acordada em um quarto de hora. Portanto, não há mais nada para você fazer a não ser fazer o exame em Berlim. Nem sei se você precisa dizer para o corpo docente de Berlim que quer fazer sua habilitação para fazer o exame de *pro licentia docendi*. Nada disso é mencionado nos estatutos aqui. Todo médico promotor tem essa licença. Mas você pode dizer a Gabler sua intenção e ele ficará ainda mais inclinado e divertido no exame quando ouvir um Hegeliter subir para uma cadeira. O exame, como ouvi de Möller aqui, gira principalmente e regularmente sempre em Berlim, sobre Aristóteles, Spinoza e Leibniz – nada mais. Apenas faça! Ridiculamente – vou rir cada vez mais da situação durante toda a minha vida e depois – também tive que fazer um colóquio aqui para cumprir a lei formal. Mas durou apenas exatamente 5 minutos, porque as pessoas logo perceberam a inutilidade dessa situação. E pense em você aqui em frente ao Calkers! Em qualquer caso, é bom se você visitar Ladenberg, é claro que não vai melhorar sua posição aqui, pois as recomendações mais fortes do Ministério me acompanharam aqui – mas eles podem virar idiotas de uma vez como as pessoas locais são? No começo, quando eu cheguei e eles tinham ouvido falar de minhas recomendações de antemão, tudo aqui estava tranquilo contra [mim] de uma forma que eu nunca tinha visto nada parecido. Agora que a pessoa percebe que ainda não me tornei professor, é claro que ainda está pasmo com minha relação com o ministério, e ficaria ainda mais agoniado se aqueles artigos de jornal sobre a filosofia hegeliana não tivessem aparecido por volta do Natal. Até então ninguém sabia como eram as coisas em Berlim – mas eu e o pessoal daqui nos acostumamos por nos vermos com mais frequência e agora as pessoas na cidade só falam sobre: quanto eu receberia com o salário do ministério, sejam 600 Para mais? 600 é o consenso geral do povo, deve ser o mínimo! As cabeças de ovelha! É claro que terei cuidado para não educar as pessoas sobre a situação. Uma visão geral do estado geral e das condições científicas é um artigo que nunca foi visto

aqui. | Não te vejo aqui ainda, mas tenho que te escrever com antecedência, não preciso mais tarde: Quando você chegar aqui, você não tem permissão para falar com ninguém aqui sobre qualquer coisa, exceto o tempo e coisas do gênero, até que não tenhamos falado. Tenho que me preocupar com todo o mundo local antes que você possa entrar. Não se deve deixar escapar uma palavra sobre assuntos do coração, ou seja, questões de pensamento e coisas espirituais, embora as pessoas, isto é, apenas as mais espertas e ativas, tenham horror ao diabo, mas os pobres não sabem como deixar isso claro para eles mesmos. O que é filosofia e seu significado atual lhes diz apenas um sentimento incerto de medo, mas eles não podem interpretá-lo. Até agora eu tenho – devo me elogiar-me mantido com cautela inabalável. Apenas uma vez, e isso ainda carrega meu coração, eu perdi meu caminho. Eu estava com Kilian no festival do tolo em Colônia, voltamos sozinhos naquela noite e deixei esse homem sem personalidade me seduzir para dizer uma palavra sobre a relação atual entre Estado e filosofia. Ainda me preocupa agora! Essa pessoa – sobrinho de um segundo Rameau – não tem disposição nenhuma e, como tenho certeza, terá levado algumas palavras distorcidas a todos os teólogos e a todos os seus estrangeiros. Você vê o quão cuidadoso e equilibrado você tem que ser aqui, mas você também vê as torturas que eu suporto aqui e como desejo poder sentar-se com você em um copo. Além de fofocar sobre os movimentos intestinais e a resignação do outro – literalmente! pelo menos um frequentemente se perde até então – não acontece aqui. Meu princípio é: abra apenas na cadeira! Pratiquei nesse inverno e vou treinar e acompanhar cada vez mais, porque justamente aquele lugar é o único onde se pode falar do seio nessa situação. E claro: viva a caneta! Mas simplesmente não fale com essas pessoas sobre assuntos maiores, elas não entendem! ou são tomadas por pouco!

Nunca conheci as pessoas tanto na sua sujeira como agora. Eu vim para um ambiente onde se tem o conhecimento mais exato de todas as pessoas locais, de suas atividades normais, de suas relações com o ministério e meu conhecimento detalhado dessa imundície ensinou-me homenzinho em todas as suas especialidades. Os homens deste mundo só são dignos de perecer. Não tenho memória especial para essas coisas, mas o que ouvi quatro ou cinco vezes – e não raro – direi em poucas palavras quando você estiver aqui e ouvir.

Mas eu me acostumei um pouco com as fofocas da noite e ouço para me recuperar do meu trabalho árduo.

Se você estivesse aqui primeiro! Se você pudesse partir no final de maio. Nos primeiros 35 dias de junho é Pentecostes, o adorável festival – seria maravilhoso se pudéssemos fazer uma curta viagem ao Reno em cinco a seis dias. Mas isso é certo, quando você chegar teremos uma taça do melhor, não do vinho local, o que é abominável. Devemos ter vinho que corresponda à nossa alegria.

Só não demore muito o anúncio do Rel. Phil, e muito menos deixe-o mentir. Você está menos autorizado a fazê-lo porque, como pessoa imparcial e não envolvida, você pode dizer muito sobre a publicação de Hegel que ainda não foi discutido. Acima de tudo, linda Marh [Eineke]. Do contrário, você poderia me causar muitos danos. Ele sempre se posiciona respeitosamente diante de outras pessoas e, por causa de sua idade e de seu trabalho, deve ser tratado com consideração. Envie o trabalho logo também.

Se você não quisesse ler sobre hermesianismo no próximo inverno, eu teria inventado. Mas é desnecessário dizer e não precisa ser mencionado: você tem que ler sobre isso, você tem que ler porque há muito tempo está ciente desse assunto com uma palavra. Isso causará uma agitação tremenda. Vou postar uma resenha do || no inverno ler a teologia protestante contemporânea publice e tornar a dogmática apologética positiva o assunto principal. Anunciei 4 cursos para o verão, incluindo a vida de Jesus e as críticas ao evangelho 4. Poderei contar-lhes coisas deliciosas, pois só o povo local já recebeu o anúncio. Crítica do 4º Evangelho! Eu tive que mudar porque soa muito filosófico e frívolo!! Houve piadas deliciosas, mas estou tentando contorná-las, caso contrário, a guerra teria estourado há muito tempo. Mas eu o vejo se aproximando.

Então Rutenberg não é apenas o velho, ele está ficando ainda mais chato? O pobre gotejamento! Ele ainda não leu a Crítica dos segredos da fraternidade, de Klappenbach, e está tão completamente dominado pela estúpida estupidez dessa fraternidade? Mas eu vi acontecer assim por muitos anos, e vai ser pior. Ele simplesmente não deveria falar sobre mim também! É justamente no sofrimento que ele nem sabe que vejo meu destino se desdobrar cada vez com mais clareza, e quando estou feliz sei que me aproximo cada vez com mais

determinação e sou educado para isso. Eu sei por que sofro e se já digo: a teologia está certa em me fazer sofrer, então eu sei que o ponto de vista em breve virá onde será mostrado ainda mais que eles sabiam onde estão comigo.

Saudações ao bom, muito bom Koppen!

Agora? O Reno nos vê juntos em suas margens no Pentecostes? Bebemos então Maytrank ou um copo de vinho genuíno sob o perfume das flores da videira? Escreva muito em breve o quão longe você está e se você leva o assunto a sério

Seu

B.Bauer.

24. Bruno Bauer para Karl Marx, em Berlim

Bonn, 5/04/1840

Caro Marx!

Você vai me permitir sentar na cadeira da sabedoria mais uma vez? Dê um nome a esta cadeira e faça o que quiser com esta folha de papel, mas depois, se você estiver aqui apenas uma vez, terei de parar de fazer esses discursos inteligentes e poderemos conversar sobre coisas melhores. Aqui, como em qualquer outro lugar, tomaremos o lugar da oposição por um tempo, e ela logo ficará pior do que é agora. Mas as pessoas com quem nos encontramos aqui na sociedade e nas relações diárias não sabem do que se trata e não têm ideia do conflito em que o estado e a ciência estão cada vez mais envolvidos. Todos têm seus pequenos interesses, ou seu recinto pessoal, no qual ficam satisfeitos uma vez que o ministério tenha adicionado um par de 100 após mil cartas de mesada, ou os melhores tenham completado sua disciplina especial e, também, estejam felizes com suas vidas. De um ponto de vista geral eles são afetados de forma desagradável, a ideia de um conflito os incomoda e quem quis falar em briga, além de um descontente. Existem descontentes semelhantes aqui também, mas eles têm apenas uma ideia fixa que se limita a um pequeno ponto: um deles está descontente porque sua teoria não foi introduzida no seguro médico, ou outro está descontente por causa de uma disputa com Rehfues, mas há poucos espécimes e, como tal, aos olhos de outros, afligidos por uma mácula e fugiram ou pelo menos evitaram porque interrompem a superfície geral. Como está a filosofia do Estado, eles não têm ideia, apenas os pietistas ainda têm os melhores narizes, uma espécie de medo e murmúrio entre eles de uma apostasia geral iminente dos ímpios. Eles têm o pressentimento de uma crise, como os animais da mudança da vida natural, mas a questão nem deve ser levada a sério, pois aquele murmúrio é uma fórmula culinária velha e banal. O raciocínio de tais pessoas lançaria uma aparência de insatisfação sobre aqueles que se permitiriam fazê-lo e, de fato, uma vez que estive aqui e minha oposição se desenvolveu internamente em resolução, não detesto nada mais do que essa aparência ou a designação de um insatisfeito! Quando eu estava dando minha palestra pública, uma multidão de professores veio ouvir Galimathias de Hegel e

ficou pasmo com a simplicidade – Delbrück estava fora de si com milagres. Então eles não sabem rimar com a certeza e imparcialidade com que eu apareço, e você realmente estraga toda a diversão para as pessoas se você não mostrar a elas insatisfação, porque se elas também não puderem entrar nisso, elas esperem apenas uma vez, um hegeliano deve sempre ter a lança em mãos. É o melhor que pode acontecer quando você chega a um lugar onde não está sobrecarregado de trabalho. Interiormente, porém, e, também, exteriormente seguro, a pessoa também se torna mais segura interiormente no relacionamento que vê os Manequins que têm de cair em toda a sua nudez diante de nós. A vitória, que já é certa, ficou clara para mim em toda a sua proximidade quando vi este lindo pedacinho do mundo aqui. Aqui, porém, também ficou claro para mim o que eu não queria admitir totalmente para mim mesmo em Berlim ou apenas confessar para mim mesmo durante a luta, o que tudo teria de cair. A catástrofe será terrível, profunda e quase gostaria de dizer que será maior e mais monstruosa do que aquela com que o Cristianismo veio ao mundo. E aqui a pessoa deveria se envolver em uma disputa pessoal e interminável com os trapos? Deve-se aparecer na frente de tais pessoas como insatisfeito, embora interiormente nada menos do que insatisfeito, chateado ou irritado? O que está por vir é muito certo para ser inseguro, mesmo por um momento. Se a oposição triunfou na França, se for reconhecida lá após uma reação tão grande, então esse triunfo virá com ainda mais segurança e mais cedo em uma área onde apenas apologéticas estúpidas podem ser combatidas. Os poderes hostis estão tão próximos agora que um golpe decidirá. As pessoas que queriam se defender à medida que começavam a atrair cada vez mais o Estado para seus interesses, acabaram de preparar sua derrubada final e merecem seus agradecimentos por isso.

Isso seria o suficiente de ressentimento!

Adeus

Dein B.Bauer.

25. Henriette Marx para Karl Marx, em Berlim

Trier, 29/05/1840;

Quantas lágrimas dolorosas e amargas chorei enquanto fui completamente perdoado por fazer tudo o que era valioso e caro para você no passado, podem ser avaliadas por quem conhece nosso antigo relacionamento doméstico – é preciso um olhar extravagante e um ventre de mãe exuberante para ele – Pessoas que nós, como elevadores de vigia, temos que reconhecer essa dor com essa indulgência e gentileza de lidar seis semanas depois que seu querido pai foi levado conosco, nenhuma entre as mulheres da Westfália se deixou ser vista por [nós], a bondade não nos trouxe nenhum consolo deste lado, era verdade como se você nunca tivesse nos visto Naquela época, H. Schlink não tinha feito nada de errado – quando isso acontecia uma vez a cada 4-5 semanas, era uma reclamação, uma estatística lamentável para nos consolar, depois HS viajou para Berlim e veio de seu lado a infeliz história agora verdadeira o orgulho e a Eytelkeit ofendidos, agora não havia mais motivo para nossa família, agora eu tinha que ser o culpado por tudo que não teria apresentado o assunto de maneira adequada – sem estuque, minha triste relação em todos os aspectos , [...] atormentado, humilhado como se eu entendesse [...] não sentir isso é só a herança de você ... te ...] vomitou – o que eu, [...] Eu fazia quando não [...] E por qualquer motivo e por que – pelo qual sempre fui ameaçada, eles queriam romper o relacionamento, e isso poderia te deixar infeliz – esse amor maternal exagerado que me tornava boba e gatinha – é indispensável, deveria ter dito que você age como seu sentimento e seu coração dizem que eu não me importo, então você teria mais respeito por mim – então você só vê uma mãe fraca em mim e duvida do meu sentimento – por sentir que tenho muitas queixas desde seu querido pai morri Muitas passagens que são sensíveis para mim muitas vezes têm que lidar com o lugar onde Schpätter está pronto – mas eu não lamento nada mais do que eu mesmo e os meus tratados dessa forma por Westphalens – e aqui a equipe masculina não é a parte atuante. Eu me considerava alto demais quando mencionei algo sobre isso em uma carta para você – O HS foi poupado por três quartos de um ano e eu tive que ser o culpado por tudo – então ninguém entrou em nosso limiar em meio ano – mesmo o Novo

Anos veio ninguém e que o bom juiz não tinha permissão de nos visitar mais, pois a família W. foi consolar nossas meninas lá por 14 dias [...] para mostrar sua simpatia, na época [...] o Herman foi visitar Edgar, ele conheceu uma Jeny [...] no quarto de Edgar que não foi aceito na família [...] ele não foi aceito – ele [...] era um distinto estranho e Schprach [...] Winnen II esta é a quantia que pode ser digerida você nunca fará os sacrifícios morais pela minha família que todos nós fizemos por você.

A felicidade pode sorrir para você e você pode com seu bom coração [...] o que você acha que seus irmãos são culpados [...] mas você nunca pode substituir o que todos nós suportamos e sofremos por você, devo dizer Carl [...] ... entenda que você pode reconhecer as virtudes mais belas e elevadas em uma garota [...] a quem você ama] [...] mas cada família tem uma característica básica que [...] permanece o mesmo – a família W. é o exaltado, não apenas milieus não encontra *stat* – ou você é transferido para as cicatrizes celestiais ou tem que se contentar com o abismo – então com o HS está a letra de onde W. HS me escreveu, e isso é verdade do tipo que qualquer pessoa razoável pode ficar satisfeita, caso contrário, eu não teria contado a vocês sobre isso, e lembro-me da expressão em que HS diz que está longe dele [uma] senhora que é geralmente amado e tenha cuidado para querer ofender – (agora eu pergunto o que isso tem uma boa reputação em comum) então é e você pode ler a carta de quem você veio – quem fofocaria do meu jeito Eu teria lhe contado tudo isso há muito tempo, e mais ainda, sinto muito por ter que dizer tudo isso, tem que ser feito uma vez com o coração, e como o céu fica claro e alegre novamente, a quem ele afasta da tempestade – 1 | Assim, posso novamente suportar tudo pacientemente quando meu coração respira sozinho uma vez – e se for um acordo íntimo da alma com você, Carl, que produz essa magia, então seria impossível para mim dizer uma palavra dura que Jeny é sempre como se eu pudesse quebrar seu coração com isso – também atribuo isso à minha paciência sobre-humana ... [Agora para] a fria realidade, não posso deixar de observar que só recebo a carta, quem é o conteúdo [...] e que posso estar preocupado em agradar – enviarei um certificado de H. [...] se você não pode fugir assim, só aconselho que não dê adiantado nenhum dinheiro, que tipo de garantia você tem,

aí eu quero saber o quanto você acha – Eu não prometeria muito em seu lugar – quem faz tal ato o faz por pouco,

agora adeus Carl
Sua mãe Henriette
Trier, 29 de maio de 1840
Eu gostaria de saber se você se pronunciou.

26. Bruno Bauer para Karl Marx, em Berlim

Bonn, 25/07/1840

Sua carta, querido Marx, que você me deu a Marcus, era tão ruim que eu não poderia entregá-la. Você pode escrever algo assim para sua lavadeira, mas não para um editor que deseja conquistar primeiro. Fui, pois, a ele para resolver o assunto pessoalmente, ou melhor, porque tinha a priori a certeza de que ele não gostaria de saber nada sobre o assunto, para, pelo menos, ter estado lá de acordo com as vossas instruções. Marcus, que não te conhece de jeito nenhum, que eu não conheço, que é pouco envolvido em empreendimentos e sempre só naqueles com pessoas já conhecidas, não quis entrar no assunto, embora eu lhe tenha dito o que acontecia a [...] Coisa a ser esperada.

Agora eu realmente não conheço nenhum livreiro aqui. Não posso propor meu novo editor porque tenho que esperar para ver como meu livro vai com ele. Depois, se fosse mais tarde, eu escreveria a ele imediatamente. Portanto, não havia mais nada para mim a não ser fazer com que Gildemeister providencie para que o pedido seja feito a outro livreiro aqui, de quem Gildemeister é amigo. Depois que Gildemeister disse a este editor o que esperar da fonte, ele não se opôs, ou seja, ele queria permitir que condições mais detalhadas entrassem em ação. Portanto, agora você tem que escrever para mim o que deveria ter escrito para Marcus há muito tempo, se o livro existe, se já foi concluído, quantas folhas a fonte terá e quanta taxa você teria. Seria bom se você não esticasse muito suas exigências, porque se a redação for mais tarde, você pode pedir mais ao editor.

Devo, portanto, escrever sua opinião e apresentar um relatório sobre o assunto no decorrer de agosto, para que possa resolvê-lo antes de sair daqui.

Aliás, como eu disse e acabei de escrever, Gildemeister fez o pedido a outro livreiro, então, eu, na verdade, tenho um [...] agora eu apresentei o assunto a ele e ele se ofereceu para entrar em contato com aquela editora a respeito.

Pelo que vi aqui, porém, neste momento, nomeadamente sob o novo governo, não seria o momento certo para submeter o hermesianismo à crítica filosófica. Ainda não se sabe como o atual rei o colocará, tudo é possível. Portanto, seria melhor esperar. É inoportuno criticar uma escola de filosofia oprimida pelo Estado e ainda não firmemente enraizada nas mentes. Sob o antigo rei era diferente, a qualquer momento parecia que o hermesianismo poderia lutar resolutamente pela vitória. A crítica deve ser dirigida contra a felicidade, contra aquilo que já entrou em colapso internamente. Então escreva sobre isso.

27. Sophie Marx para Karl Marx, em Berlim

Trier, Antes de 03/1841

Caro Carl!

Não sei se mamãe escreveu para você que estava planejando uma viagem à Holanda para fazer um tratamento ocular; em todo caso, vocês podem saber que a mamãe fica apenas até Bonn, lá consultou o professor Wutzer e recebeu a informação tranquilizadora de que ela só precisa se submeter a uma cura insignificante, por isso podemos agora esperar mamãe todos os dias. Antes de partir, mamãe recomendou que eu lhe dissesse que, se você precisasse de dinheiro para sua partida ou outras despesas, basta escrever para mim. Acelere seus negócios lá tanto quanto possível e surpreenda sua mãezinha e outra pessoa o mais rápido possível, que provavelmente estará esperando por você com saudades. Eu teria muito, muito a dizer a um irmão leal e amoroso sobre meus próprios assuntos, mas isso também é bom.

Sua irmã

Sophie.

28. Bruno Bauer para Karl Marx, em Berlim

Bonn, 28/03/1841

A seguir estão os estatutos de Bonn:

"§54. Quem quiser fazer uma habilitação como docente particular e tiver recebido o doutorado em universidade estrangeira deve vir ao corpo docente para aprovação e, ao final, seu diploma, um curriculum vitae em latim e quaisquer textos que tenha editado, mas em qualquer caso um tratado impresso ou escrito do assunto principal sobre o qual pretende dar palestras. Se o corpo docente acreditar que reconheceu suficientemente sua capacidade aprendida a partir dos escritos apresentados, pode conceder-lhe essa aprovação, caso contrário, o candidato deve se submeter a um colóquio com o propósito de notificação.

§ 57. Se a admissão – designadamente após a apresentação do ensaio escrito e da tese de doutoramento – tiver sido decidida, o candidato deve proferir uma aula experimental perante o corpo docente no prazo de 4 semanas; isso é seguido por um colóquio sobre o conteúdo da palestra experimental. Após o término do colóquio, a habilitação é aprovada.

§58. Depois de três meses, o docente particular tem que dar uma palestra experimental de alemão para os alunos.

§ 59. O custo de hospedagem no exterior para doutorandos é 25, que deve ser pago à tesouraria da universidade antes da palestra. Por um exame de colóquio e a emissão do ato pertinente, será pago ao tesoureiro.

§ 59 Não compreendo se ambas as somas devem ser pagas. A coisa não está clara, pois a palestra e o colóquio coincidem.

Com prazos de 4 semanas, 3 meses, como todas as leis universitárias, elas estão lá para não serem obedecidas. Para este propósito, como em qualquer caso para qualquer outro propósito, você deve se aproximar da Ladenberg e tentar garantir que você não está vinculado a esses prazos. Você deve, pelo menos, tentar ver se pode ser dispensado disso. Pode ser que a Malícia seja necessária e você esteja vinculado a ela e quem sabe se ela não será capaz de detê-lo. Será preciso temer ainda mais a Malícia, pois as pessoas não vão gostar de ver alguém novo na habilitação. Spruce afundou completamente. Quase sem audiência! Eles sabem aqui que não são filósofos e que os alunos querem ouvir

filosofia. Em qualquer caso, certifique-se de que Ladenberg abre o caminho para você, escreva aqui em seu nome e prepara todos os tipos de intrigas que possam surgir desde o início. Veja também se você pode vencer Eichhorn.

Agora não consigo mais olhar para ele. Este verão a revista tem que surgir, seu plano, arranjo e tudo tem que ser arranjado para que o primeiro seja publicado em Michaelmas. Não é mais suportável. O estrondo de Berlim e o langor dos anuários de Halle – com sua boa vontade, lamento que ele esteja tão nu, mas porque ele não faz melhor e expulsa os vermes de seu jornal – veio à tona cada vez mais. Reilstab! agora devo até mesmo vir em seu auxílio! O terrorismo da teoria verdadeira deve limpar o campo.

Tenho que fazê-lo agora por causa do estabelecimento e da publicação externa – a ideia é clara! – escolha entre duas lonas. As dores de parto externas da revista também serão duras, já que agora sou um pastor com Wigand. Mas ainda não posso escrever sobre esses dois planos. Você deve manter o segredo o mais estritamente possível.

Uma vez que só podemos permitir alguns funcionários e o trabalho cada vez mais difícil tem que ser feito, seria bom se você viesse aqui neste verão e fizesse algum trabalho imediatamente. Teremos que conseguir o material no verão.

Dou-lhe os parabéns pelo louro poético que a Conversa de Frankfurt deu a você.

Virtude Macte! Poesia da Alemanha!

Herr Doctorander recebe a tarefa mais estrita de entregar a Edgar meu manuscrito sobre Hegel imediatamente, para que ele possa mantê-lo e enviá-lo quando eu o solicitar e precisar de uma nova correção. A tempo e instantaneamente!

Adeus

Sua

B. Bauer

Por causa dos prazos que têm que ser cumpridos no final, você tem que calcular quando tem que estar aqui.

29. Bruno Bauer para Karl Marx, em Berlim

Bonn, 31/03/1841

Caro Marx!

Se tudo corresse de acordo com meus desejos, eu já teria escrito para sua noiva há muito tempo. Mas mesmo agora eu ainda considero isso impróprio por sua causa. Apenas saia dessa vez e você terá vencido. Se eu pudesse estar em Trier para apresentar o assunto ao seu povo. Acho que a pequena cidade também acrescenta algo à confusão. Dificilmente poderei tocar em Trier neste verão, porque finalmente quero trabalhar com os Evangelhos nas minhas costas para poder começar outras coisas.

Mas se você quiser dizer à sua noiva que considero uma das conseqüências mais felizes da amizade com você o fato de eu conhecer uma mulher tão nobre e o quanto aguardo o dia em que poderei homenageá-la pessoalmente e expressar minha admiração, você me deixa muito feliz com isso.

Sua noiva é capaz de suportar qualquer coisa com você e quem sabe o que está por vir. A decisão, na medida em que se expressará em uma ruptura para fora, creio eu, está se aproximando cada vez mais e quem pode dizer como os governos então se posicionarão? Os trapos são derrotados em qualquer caso, mesmo que sejam protegidos pelos governos por toda a eternidade. Basta aparecer, você também dará à sua noiva todo o resto que for possível.

Você vai rir quando ouvir, ou melhor, ouvir como eu rolo o plano da revista na minha cabeça. Lamento apenas por repreensão; falo isso sinceramente bem com ele e, em todo caso, encerrarei o assunto de forma que ele não tenha reclamações e não possa duvidar da minha sinceridade. Ele não tem noção da tempestade que está se formando sobre sua cabeça, vou mostrar a ele com muito cuidado antes que comece a trovejar. Acho que o assunto, embora venha a provocar uma crise severa, se resolverá para o prazer geral de todas as pessoas bem-intencionadas, incluindo a de Ruge. Você deve observar o mais estrito silêncio em relação a todos os estranhos.)

Trendelenburg certamente será um dos primeiros sacrifícios que você fará à filosofia ofendida.

Se vierem a Bonn, talvez este ninho se torne em breve objeto de atenção geral e podemos trazer aqui a crise nos seus momentos mais importantes. A luta com a faculdade teológica local talvez esteja se tornando cada vez mais séria; se meu livro sair, o que acontecerá em breve, acrescentarei outro bom soco. Em primeiro lugar, estou iniciando um ensaio maior no qual me oponho à direção do governo. Os cães não podem nos fazer mal, eles têm medo, mas são durões.

Você já ouviu falar da revisão de Weißes? assim como levei a última carta para você e Edgar ao correio no domingo, ela chegou ao cassino e eu estava lendo. Ele ainda estava pensando muito positivamente e provavelmente ficará chocado quando vir o segundo volume. Estou curioso para saber como vai evoluir: mas acho que vou levar embora todos os que ainda se interessam pelo assunto.

O artigo de Weisse nos papéis de Brockhaus sobre afinidades eletivas é muito bom. Você leu isso?

Imagine, anteontem alguém veio ao meu bar, anunciou-se como conhecido seu e de Köppen e quem é? Neurar. Aliás, ele já tinha sabido em Coblenz que você ia fazer o doutorado em Jena. Ele deseja fazer um exame subsequente aqui.

Se você vier, escreva-me no dia anterior para que eu possa estar em casa. Em qualquer caso, leve o posto apenas até Bonn; do contrário, dificilmente você conseguiria ficar aqui por uma hora. Ainda dá tempo de continuar pedindo o e-mail aqui. Você também pode pegar um barco a vapor para Coblenz e eu o acompanharei uma parte do caminho se você chegar durante as férias.

Aliás, o corpo docente filosófico local não entendia como se expressar claramente em seus estatutos sobre suas leis tão importantes. Essas datas devem ser entendidas, como agora aprendi, que apenas as mais extremas a que o candidato tem direito se referem.

Imediatamente após o colóquio, você pode fazer o discurso de habilitação pública se quiser, então leia um artigo público neste verão. Vá a Ladenberg e diga a ele para registrá-lo aqui por enquanto.

Seria um absurdo se você se dedicasse a uma carreira prática. A teoria é agora a prática mais forte e ainda não podemos prever em que sentido ela se tornará prática. Dê a Edgar o anexo. Ele também contém algo para você.

30. Bruno Bauer para Karl Marx, em Berlim

Bonn, início de 04/1841

Caro Marx!

Você receberá o certificado.

Uma vez que a essência só pode ser apropriada à aparência, você não obtém nada de essencial aqui. Mas logo escreverei para você novamente se estiver menos obcecado por trabalho do que sou agora. Em todo caso, escrevi-lhe recentemente, pouco antes de sua carta chegar.

O fato de você só agora estar pedindo aparências mostra que ainda não está longe com seus assuntos externos. Mas me escreva muito em breve: como é a transcrição, a impressão, as provas e em geral o seu trabalho. Quando você virá?

Em breve, enviarei um pacote para Marheineke novamente e depois trouxerei uma carga maior de cartas e obrigado por sua carta.

Até lá, tchau, escreva logo e diga olá para o clube, Edgar || e quando você está em Charlottenburg, tudo está em casa comigo.

Oh, para onde foram as rosetas? só quando você

Seu

B. Bauer

[...] venha, eles florescerão novamente para mim. Tenho bastante alegria, diversão etc. aqui, também tenho o suficiente do que as pessoas chamam de risada, mas nunca mais como em Berlim, se eu simplesmente cruzasse a rua com você.

31. Karl Marx para Karl Friedrich Bachmann

6/04/1841

Berlim. Schützenstrasse 68.

6 de abril de 1841.

Excelentíssimo Senhor!

Respeitosamente, para fins de doutorado, uma dissertação sobre a diferença entre a filosofia natural democrática e epicurista, incluiu a *litterae petitoriae*, o *curriculum vitae*, meus certificados de conclusão das universidades de Bonn e Berlim, finalmente enviei os honorários legais de doze Friedrichsd'or, solicito também, sinceramente, caso meu trabalho seja suficiente para que o corpo docente acelere a concessão do doutorado o mais breve possível. Por um lado, só posso ficar mais algumas semanas em Berlim, por outro lado, as circunstâncias externas tornam muito desejável obter o doutorado antes de partir.

Queria recuperar os certificados porque são os originais.

Com o maior respeito por V. Exa., mais devotado

Karl Heinrich Marx.

32. Karl Marx para Oskar Ludwig Bernhard Wolff

7/04/1841

Excelentíssimo professor!

Permito-me expressar meus sinceros agradecimentos pela grande gentileza com que V. Exa. atendeu meu pedido. Gostaria de informar que acabo de enviar minha dissertação junto com os acedentes para a faculdade de filosofia e agradecer a V. Exa., de acordo com sua gentil oferta de agilizar o envio do diploma, pensei já ter aproveitado demais a sua gentileza para ousar incomodá-lo ainda mais enviando-lhe diretamente a minha dissertação.

Com a certeza da mais profunda gratidão e do maior respeito, sou o seu mais dedicado

Karl Heinrich Marx.

Para V. Exa.

o professor Wolff

para Jena

gratuitamente.

33. Bruno Bauer para Karl Marx, em Berlim

Bonn, 12. April, 1841

| Caro Marx!

Que raiva tomou conta de você de novo. Não foi o inocente carneiro von Schramm do Kölner Zeitung que o empurrou. Seus chifres não cresceram o suficiente para isso. O que o move e o preocupa! Você está certo em tudo que escreve, antes de escrever para mim e antes de eu ouvir. Portanto, o que o deixou alarmado novamente em dizer verdades que são verdadeiras antes de escrever e continuar assim, você pode pronunciá-las suavemente como uma criança de leite ou mil vezes mais furiosa do que você disse. O que há de errado com você! Ponha fim à história e, finalmente, arranque-se! Claro, eu só mencionei o ensaio de Schramm porque ele aceitou o de Hegel, enquanto o ensaio anterior atingiu Hegel no rosto com uma estupidez canibal. A história, como você viu, continuou e o S. se retirou do caso muito infeliz.

Eles sabem algo mais preciso em Berlim que o Hallische J. deveria ser proibido na Prússia e por que isso deveria acontecer?

Ontem vi outro exemplo de estupidez. Eu estava na companhia e um professor que é bom em liberais me perguntou sobre o Werder.

Quando eu disse que ele – embora eu não pudesse acrescentar o belo epigrama de Heine – já havia sido poeta e cantava em companhia de Veit e Stieglitz, eles disseram com admiração: aha! daí sua poesia juvenil, que foi comprovada recentemente em seu discurso público. As pessoas são muito estúpidas. Eles odeiam seriedade, nitidez e masculinidade.

O discurso que o conde Westphalen fez em Munster e a Ordem do Gabinete que o mandou para longe de Berlim agora circulam aqui. Chama a atenção, mas ainda não vi por que a circulação só começou ontem.

As negociações do parlamento estadual são vergonhosamente estúpidas e sua reimpressão nos jornais é quase calculada para sufocar qualquer interesse nelas. Esses cães com sua confiança! Seu leite deve ser derramado em suas gargantas com uma surra!)

Você agora não deve, em hipótese alguma, incluir aquele versículo de Ésquilo em sua dissertação, incluir absolutamente nada nela que exceda o

desenvolvimento filosófico. Por que, neste momento em que você ainda não sabe sentar-se, por que jogar uma pedra com vontade ousada que lhes dá motivo para gritar e até armas para mantê-lo longe de todas as cadeiras por muito tempo? Nesta dissertação você tem que se ater à forma filosófica e nela você pode dizer tudo o que está em tais lemas. Só agora não! Depois, uma vez que você tenha aparecido na cadeira e com um desenvolvimento filosófico, você pode dizer o que quiser e de que forma quiser. É muito difícil manter a forma filosófica, daí a necessidade de ampliar sem causa e dar à estupidez a causa que ela apenas busca, mas não encontra tão facilmente na forma. Mas se você já teve o lema impresso, pode ser, veja como você bate nas pessoas.

Como eu disse: tudo depois, só não neste momento!

Eu dei meu ensaio, que lancei muito rapidamente e agora completei, um lema sobre o assunto, que é esplêndido. Mas já estou sentado e eles não podem me afastar tão facilmente.

Você deve ter em mente que também aumentará a necessidade de sua noiva se dificultar o acesso ao cateter devido a uma falha popular. Depois disso, você terá dificuldades suficientes de qualquer maneira.

Olhe para a minha dúvida como quiser: de acordo com sua visão básica, você concordará comigo que uma coragem desnecessária só deixa de ser supérflua com base em um grande desenvolvimento. Pode ser apenas uma piada após um desenvolvimento sistemático.]

(Considere que Cerberus guarda todas as faculdades filosóficas e o abeto de três folhas, Brandis, Calker aqui não é um Cerberus ruim dos tolos. Depois bata na cabeça deles para que rosne, mas não os faça latir de antemão. Os cães latem para todos os lados, que ovelhas balem e riem de toda essa passagem, que estou encerrando aqui.

Você ainda pode sair de Berlim este mês? Faça tudo o que puder. Você se fecha com ele, tranquiliza sua noiva, se comunica com a sua e ainda pode ler em Bonn! Derrube os obstáculos ou lute contra eles de outro ponto! Edgar fará tudo. Dê a ele o manuscrito de seu trabalho imortal, deixe-o obter a impressão e a correção e enviar as coisas para Jena para que o diploma seja enviado a você de lá para Bonn ou Trier, ou Edgar pode recebê-lo em Berlim e aonde quer que você vá deseja enviar. Você não precisa esperar por essas coisas em Berlim.

Que tal se você avisasse a sua noiva que no momento em que você devolver a ela toda a calma interior por meio de sua chegada, ela também deveria se fortalecer por meio de uma distração externa e encontrá-lo com seu irmão no Reno?

Do jeito que você está aqui, a coisa da revista vai acabar. Gildemeister viajou para Bremen há duas semanas para encerrar as negociações. Receberei uma resposta nestes dias.

As coisas vão ser difíceis. Ainda é um lugar escuro de onde os funcionários deveriam vir. Quando a segunda parte do meu negócio for lançada, com a qual venci completamente em *criticis* e *mythologicis*, Strauss terá de empregar uma grande dose de autoconquista se quiser cooperar. E se você agora faz Feuerbach, de onde vem as pessoas?

E, no entanto, este assunto é absolutamente necessário e a conexão com Rügen na base anterior de seu artigo e com os colegas de trabalho anteriores é impossível. O Hub, como ali, luta em todos os lugares e contra o Hub, como ali, luta de todos os lados; apenas certifique-se de vir aqui e a nova batalha começa. E agora Wigand está imprimindo loucamente no meu segundo volume. O assunto está deliciosamente emaranhado por todos os lados, e a resolução será interessante. Se Dummler for rude, apenas grosseria maior ajudará. Ele provavelmente terá partido pelo seu.

Dois decretos do gabinete estão circulando aqui para os protestantes. Até agora, o décimo reitor da faculdade local participou dos sínodos. Ele sentou *tertio loco* depois de presidente e vice-presidente. O governo agora propõe que o apartamento do reitor cesse agora porque não é mais necessário. Como se a "questão vital" do século 19 estivesse sendo tratada, o Dr. Graeber sentou-se e elaborou um ensaio de muitos arcos e provou que o apartamento do reitor ao lado do reitor era absolutamente necessário. Para a ira dos protestantes exagerados, o rei respondeu: "Não tenho nada contra se todo o corpo docente for colocado *in corpore et tertio loco*".

Um novo pastor deve ser vocacionado em Duisburg. Em vez de preparar o certificado de vocações de acordo com as regras da igreja prescritas, escolhe-se uma fórmula anterior e antiquada. Um após o outro, o governo e o ministério protestam, e o assunto chega ao rei. Tudo em tensão! Aí vem *ridiculus mus*,

novamente para aborrecimento das pessoas que pensavam que sua causa era infinitamente importante: "Para mim, você pode tirar o certificado vocacional da cópia mais antiga de ordenanças da igreja que você puder encontrar." As pessoas colocam o dedo na cabeça novamente –, para restaurar sua dignidade. Depois que sua bexiga estourou, eles buscam o vento novamente para se inflar novamente.

34. Karl Friedrich Koppen para Karl Marx, Trier

Berlim, 03/06/1841

Caro Marx,

Com certeza, como resultado de nossa separação, fiquei melancólico por mais de uma semana – para falar com Hirsch Hyacinth – e precisava de você todos os dias; mas nunca pregou com uma “certa ironia triste do egoísmo sem personalidade da época e: Você também, meu filho Karl! exclamou “. Não, nunca meu doce Brutus com a alma de Antonius. Eu sabia que você não escreveria de Frankfurt no momento em que prometeu fazê-lo; caso contrário, nunca duvidei que você faria Eu sei que você é bom para mim, você não pode viver sem mim, ou: "Não se pode fazer nada contra o amor", como às vezes gosta de exprimir a sua amável modéstia. Veja, eu me tornei sedutor desde que você me emancipou – embora você mal tenha apertado sua mão para se despedir de mim – e com sua personalidade negra meu "sentimento que não perfura nada" foi embora ao mesmo tempo. Eu mesmo começo a me tornar gradualmente este mundano. Agora tenho meus próprios, por assim dizer, pensamentos ponderados, enquanto todos os meus anteriores não estavam longe, a saber, da Schützenstrasse ou pelo menos na mesma. Eu posso realmente trabalho de novo agora e estou feliz por estar andando entre cabeças de ovelhas e ainda assim não sou um. Que sentimento bom! Mas o que não é ainda pode ser.

Quanto aos pensamentos da Schützenstrasse, nosso Bruno Bauer tem um esplêndido ensaio, nem um pouco jesuíta, no corredor. Anuários escritos. O venerável cavalheiro começa com a ideia de que o estado bizantino é na verdade o estado cristão; Dirigi esse pensamento à polícia e pedi seu passaporte; e então vi que ele também pertencia a sua casa na Schützenstrasse. Veja, você é uma revista de pensamentos, uma casa de trabalho ou, para usar o estilo berlinense, uma cabeça de boi de ideias. Se vir Bauer em Bonn, pode dizer-lhe que, em vista desse ensaio, vou emitir a você um certificado de purificação relativo ao seu jesuitismo.

Estou muito feliz que você tenha sido declarado totalmente incapaz, especialmente porque nós dois estamos agora na mesma condenação, sim, como você sabe, eu sou a favor disso há dez anos. Mas agora eu tenho isso em

preto e branco, enquanto meus soldados se exercitam desde ontem, que é uma verdadeira alegria. Mas o que sua doce amante dirá sobre sua incapacidade? Mas você vai contar a ele tão pouco quanto a minha impiedade.

No que diz respeito à literatura, devo primeiro falar de mim mesmo, pois o que é a literatura sem mim? Meu ensaio sobre historiadores, que não teve a sorte de agradar a certas pessoas, realmente foi um fiasco, o que, é claro, só experimentei desde que estava de volta a pessoas com formação científica, i. H. não está mais com você, contato habitual. É um novo passo em minha notoriedade. Ranke estava fora de si; Entre outras coisas, ele disse sobre Dönniges que era ruim não haver remédios legais contra tal calúnia na corte real. Estado prussiano. Stuhr, por outro lado, está feliz por eu tê-lo colocado um pouco menos no chão do que os outros. "É muito querido para mim, especialmente por causa de Johannes Schulzen, que você me elogiou" – porque ele pensa que eu o elogiei – ele me disse outro dia com muita confiança. Desde então, ele tem me tratado como seus pares e pode faça mais, certamente não pergunte. "Só não pense que Helwing é um cara como você e eu", disse ele na mesma noite quando elogiei Helwing. O ensaio causou uma impressão quase cômica em meu duetor nominal. Pois ele estava em uma sociedade na qual alguns conselheiros ministeriais e professores discutiam isso longa e duramente, e desde então ele sentiu um ser superior em mim. Ele fez os anuários trabalharem três vezes diferentes para compartilhar a escrita com todos os seus sogros, tias e pais, e seu cunhado me pediu, por um bom preço russo, para trabalhar para o Ele deve editar uma revista russa e, como você não está mais aqui, posso me tornar russo novamente com a consciência limpa. O bom Meyen dedicou seu próprio artigo no Ateneu a este "ensaio extremamente astuto e perspicaz", no qual declara que mostrei suficientemente que sou capaz de fazer melhor do que Raumer e Ranke e que é uma pena que o façamos. não me dê uma posição na qual eu pudesse viver inteiramente na ciência. Meyen é um sujeito esplêndido, ele me visita de vez em quando e ontem eu fui dar um passeio com ele. Se eu cuidadosamente escolher uma amiga bonita de novo, não é outro que não ele na mão. Talvez ele seja seu sucessor. "Os constitucionalistas da Alemanha do Sul me reimprimiram no Correio de Stuttgart, o que é obviamente muito inconstitucional.

Se você se lembra, às vezes ouvíamos do louco Dr. Schopenhauer falado. Algumas vezes usei uma frase favorita dele, a saber, que a poligamia é permitida entre todos os povos, exceto com uma certa seita judaica, ou seja, com os cristãos. Este turco já publicou dois papéis premiados, um coroado e outro sem coroas ("Sobre os princípios básicos da moral", Frankfurt a. M.), nos quais ele desacredita terrivelmente Hegel e, a propósito, Fichte, por cujos apoiadores ele tem anteriormente considerado. Ele declara que o *summus philosophus*, como ele chama Hegel, é insano. Mündt triunfa sobre isso em um longo ensaio no piloto. Ele declara que o ataque é o julgamento final da filosofia hegeliana. Estou escrevendo isto para que, quando vier a Trendelenburg, você também se lembre do Schopenhauer em homenagem.

Você leu a carta de Bettina para Spontini no Augsburger? Meyen o imprimiu lá. Um artigo básico, de má qualidade e, ao mesmo tempo, policial sobre isso foi publicado no Hamburger Correspondenten. Chama-se, entre outras coisas, uma "vassoura", "um sete", que de outra forma preferiria sair com o "couro" (no sentido mineiro) do que [com] a "caneta", etc. O autor é provavelmente nosso Prezado Joel Jacobi, Stuhr me garante que tem novidades muito diferentes, mas muito secretas sobre o assunto. Aliás, Spontini se aposentou com todo o seu salário.

Sua Majestade Friedrich Wilhelm IV está agora em minha querida pátria para ver se os camponeses Drömlinger, os Stuhr, se ele os conhecesse, provavelmente contariam entre os Pelasgians, são ainda mais estúpidos do que certas outras pessoas. Ele almoçou em uma fazenda perto da aldeia de meu nobre pai, junto com o fazendeiro, o Schulzen, o pastor e o administrador do distrito. Como eu vi em uma carta de meu pai, os Altemarkers são completamente insanos; eles literalmente relincham com lealdade e amor por seu amado governante. Kyritz, meu país!

Você deve ter lido outra história nos jornais. Ir. Majestade Friedrich Wilhelm IV emitiu uma ordem de gabinete para a cidadania de Breslau, na qual o mais alto de vocês, quando vier a Breslau neste verão, proíba qualquer solenidade, porque a cidadania do Parlamento do Estado instruiu seu deputado do estado para levantar a questão de 22 de maio de 1815 trazer para. A cidadania de Breslau provavelmente dará uma resposta assustadora.

Você já deve saber que trinta e seis professores catedráticos fizeram um protesto estúpido contra a nomeação de um curador, mas foram rejeitados. Stuhr está satisfeito com o fracasso das intrigas de Boeckh, como ele mesmo diz.

Fala-se muito aqui sobre o fato de seu colega, Dr. phil. Bunsen se tornará Ministro de Assuntos Espirituais, Ministro de Relações Exteriores de Eichhorn e Werther abdica. Isso seria um passo desejável em frente. Porque, como você sabe, Bunsen não é católico nem protestante, mas inventou ele mesmo a religião Capitolina na Cidade das Sete Colinas. É provável que isso seja introduzido pelos regulamentos do gabinete, e então seremos, pelo menos, redimidos do cristianismo.

Enquanto eu estava escrevendo o último, o Lnt. Giersberg comigo, com quem eu não falava há muito tempo e me dizia que ele recebia uma carta sua há mais de oito dias. Desde que nos despedimos e por ter conhecido as especialidades mais especiais, porque ficamos juntos apenas cinco minutos no dia da tua partida e eu "tive tempo de esperar" que ainda te [...] tempo [...] [...], mas estou tão conformado que vou continuar escrevendo no ato, realmente não conheço nenhuma novidade que você queira, a não ser que o mais importante é que vou receber um subsídio de 50% , e imediatamente escrevi para A High Ministry, fingindo que ainda estava no meio do islandês, e pedi dinheiro para minha estada de dois meses em Copenhagen.

Nada aconteceu até agora e dificilmente será feito. Não terminei meu ensaio sobre serralheiros até o Pentecostes, então dificilmente será impresso antes de 1o de julho. Nele tentei especular. Você vai rir até a morte! Aliás, tão rude e cristão que ele formalmente me qualifica para deposição. Você visitou Rügen em Halle? Não recebi uma carta dele desde então. Seja o corredor. Os anuários também podem ser banidos sob o outro título, a partir de 1º de julho ainda sem acordo

35. Jenny von Westphalen para Karl Marx, em Bonn

Trier, por volta de 10/08/1841

Meu pequeno javali [Schwarzwildchen],

como estou feliz que você esteja feliz e que minha carta o divirta, e que você tenha saudades de mim, e que você more em quartos forrados de papel de parede e que tenha bebido champanhe em Colônia e que haja clubes de Hegel e que você esteja sonhando e que você, em suma, que você é meu, meu querido, meu javali. Mas com tudo isso sinto falta de uma coisa: você poderia ter me elogiado um pouco por causa do meu grego e da minha erudição; mas agora você é um senhor hegeliano – você não reconhece nada, e se fosse a coisa mais excelente, se não fosse exatamente no seu sentido, então eu tenho que ser modesto e descansar sobre meus próprios louros. Sim, eu ainda tenho que descansar, infelizmente, em penas e travesseiros, e até mesmo esta pequena epístola é enviada ao mundo da minha cama.

No domingo, arriscarei uma excursão ousada até a sala da frente – mas isso não funcionou bem para mim e agora tenho que pagar por isso novamente. Schleicher acabava de me dizer que havia recebido uma carta de um jovem revolucionário e que estava cometendo um grande erro com seus compatriotas. Ele não acha que pode comprar ações ou qualquer outra coisa. Nossa, querido, agora você está até mesmo se envolvendo na política. Essa é a coisa vertiginosa. Karlzinho, apenas tenha em mente que você tem um amor em casa que espera e geme e que depende inteiramente do seu destino. Querido, se eu tivesse te visto de novo pela primeira vez.

Infelizmente, não posso nem devo determinar o dia ainda. Não vou conseguir um passaporte até me sentir bem novamente. Mas ainda estou segurando a semana. Caso contrário, nosso querido sinóptico acabaria se mudando e eu não teria visto o venerável. Esta manhã, de madrugada, já estudei no Augsburger. 3 artigos hegelianos e anúncio do livro de Bruno!

Na verdade, querido coração, devo chamar-lhe agora o meu vale favorito, porque só pediu duas linhas e o papel está quase cheio. Mas hoje não quero me ater tão estritamente à letra da lei e pensar em estender as linhas exigidas a tantas páginas. E você não está zangado com sua Jennichen por causa disso,

querido, e no que diz respeito ao conteúdo em si, você se apega a ele – que apenas um ladino dá mais do que tem. Hoje está lamentavelmente vazio em minha cabeça que ruge e ruge e não sobra quase nada nele além de rodas, chocalhos e moinhos. Os pensamentos estão todos fora, mas o pequeno coração está tão cheio, tão transbordando de amor e saudade e desejo ardente por você, o infinitamente amado. Você não recebeu uma remessa de lápis de Vauban entretanto? No final, a escala não é melhor e, no futuro, devo enviar as cartas diretamente para meu senhor e mestre. O Commodore Napier está passando com um casaco branco de boneca. – A pouca audição e visão desaparecem com a aparência. Simplesmente faz sentido para mim como no Wolfsschlucht no Freischütz quando de repente o exército selvagem e todo o estranho, fantástico [...] Moldar por. Apenas um sempre viu os fabricantes de cordas em nosso pequeno palco de lamentações ao qual as águias, corujas e crocodilos estavam amarrados – aqui o mecanismo é apenas de um tipo diferente. Amanhã, o pai será tirado da situação em uma cadeira para o primeiro Tempo. Ele está um pouco desanimado com o progresso muito lento da cura, mas dá ordens sem cessar e não vai demorar muito para que ele tenha a Grã-Cruz da Ordem de Comando. Se eu não estivesse deitada lá tão miseravelmente agora, logo estarei amarrando minha bolsa. Tudo está pronto. Vestidos, golas e gorros na melhor ordem e somente o usuário não está disponível. Oh, querida, o quanto penso em você e no seu amor nas noites sem dormir, quantas vezes orei por você, te abençoei e implorei bênçãos para você e como muitas vezes eu sonhei doce com toda a bem-aventurança que foi e será. – Esta noite o Haizinger está jogando em Bonn. Você vai lá. Eu a vi como Donna Diana.

Karlzinho Gosto de lhe contar muito mais – mas a mãe não sofre mais – senão ela teria que pegar a caneta e não posso mais gritar para você a mais calorosa saudação de amor. Um beijo em cada dedo e agora para longe. Voem, voem para meu Karl e pressionem-se com tanto calor em seus lábios, pois eles são quentes e íntimos deles; e então pare de ser mensageiros mudos de amor e sussurre para ele sobre toda a pequena, doce e secreta beleza que o amor te dá – conte-lhe tudo – mas não, deixe algo para sua ama. Adeus, querido indivíduo. Não posso continuar, senão minha cabeça ficaria completamente confusa.

Adeus, querido homenzinho da ferrovia. Adeus meu querido homenzinho. Posso casar com você? Adeus. Adeus, meu querido. Doutor Karl H. Marx

36. Jenny von Westphalen para Karl Marx, em Bonn

Neuß, 13/09/1841

Fazem-me feliz, levanta-me, enche-me de serena alegria! – Imagine, querida, eu ainda estava sonhando e meditando em minha cama quando Thekla veio até mim com sua cartinha aleijada, e a saudação matinal com a qual eu apenas sonhava, ecoou em tons suaves, cálidos e celestiais. Como eu estava feliz, como obrigado, como eu estava cheio de carinho! Você realmente gosta de minhas cartas? Sempre não consigo acreditar. E quão orgulhoso e vaidoso me deixa o bajulador! Oh, querida, em sua carta antiprussiana você fala de humor, inteligência, vivacidade. – Hoje, querido anjinho, você vai sentir falta de tudo isso; por alguns dias estou tão triste e humilde de novo, tão deprimido, assustado e cheio de medo e preocupação. Ontem recebi uma carta da mamãe. Edgar tinha cerca de 10 táleres de Richard. e pediu o pagamento adiantado de sua pensão de outubro. O primeiro foi enviado a ele imediatamente, o último foi recusado. Até então, eu tinha deliberadamente mantido silêncio sobre a situação financeira desequilibrada do pequeno Edgar, a fim de poder apresentar a coisa toda oralmente mais tarde. Foi ainda mais opressor para mim quando, depois dos 40 táleres, recebi imediatamente 30 táleres novamente, que, através do pagamento da dívida de Salm e outras despesas necessárias, havia derretido de novo tanto que eu não tinha o suficiente para a viagem de volta por um longo tempo.

Agora os honestos me oferecem tudo na discrição e me pedem para citar qualquer valor, mas você pode imaginar o quanto me deprime aceitar tudo isso e depois ter que sair com as dívidas de Edgar, tanto mais que as despesas acumularam este ano também. Afora esse ponto desagradável, porém, a mãe volta a me advertir, erguendo novamente tudo para mim e pedindo a Edgar que me busque em Colônia, e que apenas observe as expressões e a decência interior, porque do contrário eu não poderia visitar. você em Bonn. Oh, querida, como tudo isso pesou em minha alma! Decência externa e interna!! – oh, meu Karl, meu doce único Karl!

E, no entanto, Karl eu posso, não sinto remorso, mantenho meus olhos bem fechados, bem fechados e então vejo seu olho feliz e sorridente – olhe, Karl, então estou feliz com o pensamento – tudo era para você – de não ser nada para

os outros. Oh Karl, eu sei muito bem o que fiz e como seria condenado ao ostracismo pelo mundo, sei tudo, tudo e mesmo assim sou feliz e abençoado e eu mesmo não dei a memória daquelas horas por nenhum tesouro no mundo. Este é o meu amor e deve permanecer assim para sempre. Só quando penso que tenho que viver longe de você por tanto tempo, tão completamente rodeado de aflição e miséria, é que tremo junto. Mas Karl, você me escreve com tanto carinho, tão bem, então, ah, Karl, como é que eu beije as cartas. Eu sempre os carrego no meu coração, eles têm o poder da salvação. Karl, como você é bom como anjo, se você está calado agora Se você não fosse amoroso, cordial e grato agora, eu teria que me desesperar. Mas nunca, nunca foste tão querida e carinhosa e oh, querida, fica assim e não beija nenhuma outra rapariga como eu e o Karlzinho, não estou zangado contigo por teres beijado a tua patroa assim, eu estou até um pouco feliz, se você fosse feliz, eu te amo, mas a maior bem-aventurança, que nem me atrevo a imaginar para mim mesma, ter que tratar os outros, não, Karl, não posso. Oh, Karl, você não, agora você permanece leal a mim sempre e sempre e certifique-se de que em breve eu me tornarei sua amante. Oh, querida, quero ler todos os seus desejos de seus olhos e sempre ponderar e me preocupar para te fazer feliz. Você não deveria me buscar em Colônia. Em casa acho que farei o escrúpulo, querida, oh, por favor, por favor, estou ansioso por isso. Esta semana não tenho permissão para pensar em ir embora, mas na próxima no final, provavelmente irei montar meu pacote de viagem. Diga, você pode me amar então ou isso te incomoda no trabalho? Diga-me tudo isso e você sabe alguma coisa sobre Bauer, sobre Edgar, sobre a casa etc. etc. Oh, querida, você não acredita na confusão que estou escrevendo e nos arredores. Lá fora, Ham[eyer] está dando uma palestra de uma hora sobre a maneira mais prática de limpar potes de ferro – entre o balido de três menores, Fritz e August martelam em uma vara de pescar, Thekla embala a criança mais nova com "Durma, anjo, você "etc. Frango, esquilo, coelho, canário estão zumbindo e cantarolando e pulando e veloz ao meu redor, de cima para baixo por todos os lados. Agora há uma perereca. Ela está sentada em um grande vidro e subindo e descendo uma escada. O Deus, o que tudo isso voa e cria – muitas vezes é muito assustador para mim.

Alguns dias atrás eu estava muito apertada no castelo e como os Hameyans não podem se separar de seus 3 vermes, seu marido não consegue sair de sua catarro e jardim, seus repolhos, aipo, salsa, Puratsch, cebolas, raízes e perenes, Thekla e Digamos que ela tenha calos em seu pedal de elefante e, conseqüentemente, não seja capaz de marchar, então decidi fazer uma viagem para Düsseldorf por conta própria. Levei Fritz comigo como cicerone, vaguei pelas ruas com ele pela manhã, visitei Dandekenmüller, Heines, uma velha comerciante holandesa, Sra. Von Meyerink, com quem conversei muito sobre seu amigo Siebel, e depois fui jantar em o palácio do camareiro. Aqui novamente vasos, porcelanas chinesas, produtos fundidos, piadas da corte, salmão, cardeal abacaxi e a noite com seu céu roxo ameno estava aqui. Fui com o camareiro até o Reno e depois caminhei para casa com meu pequeno companheiro. Foi uma noite divinamente linda. O céu brilhante como uma estrela, anunciando um dia brilhante. A estrela do amor brilhava forte e claramente no céu alto e era como se fosse apenas por minha causa presa ali para brilhar em casa e para brilhar a luxúria e a paz em meu coração e para celebrar meu amor. Como eu pensei que você e seu amor.

Eu vivi cada happy hour novamente, mais uma vez me deitei em seu coração, embriagado de amor e abençoado! E como você sorriu para mim e ficou feliz. Karl, Karl, como eu te amo! Hoje sou incapaz e quase sem o dom da comunicação e tudo o que carrego no meu coração, todos os meus sentidos e pensando tudo, tudo, passado, presente, futuro, é só um som, só um sinal, só um tom e quando parece que o nome dele é apenas eu te amo inexprimível, limite de tempo e incomensuravelmente. Tudo o mais é absorvido por ele. Karl, Karl, quando penso em tudo isso e com que delicadeza, com que gentileza você me lembra disso! Como você sabe como colocar espírito e alma angelicais neles e me elevar acima da concupiscência do meu próprio coração. Sim Karl, é verdade quando eu mesma te vi tão feliz e acreditei que havia dado vida e felicidade e eternidade por isso. Eu teria suportado alegremente o desprezo e a desgraça do mundo para dar a você um momento de felicidade! Oh, Karl e ainda – eu temo não, não tantas vezes, então eu vejo seus olhos novamente, leio suas cartas e tudo está bem novamente e paz em meu peito. Tive de rir quando você escalou ou esquadrinhou o navio a vapor Mösel, e

imediatamente me lembrei da criança Bryen com suas mãozinhas e olhos! – Se o trabalho fosse aqui, não diria que não há vegetais suficientes aqui. Ai, meu Deus, que tipo de feijão e repolho e raízes você experimenta aqui, bem, querida, você [...] vivenciará seu milagre comigo também. Todas as roupas são justas demais para mim e continuo aparando suas costuras.

Querido doce anjo, você sempre pensa em toda aquela bem-aventurança, oh, meu querido, querido coraçãozinho, como eu estava feliz, tão radiante! Para ser Karl sua esposa, que pensamento – talvez, oh, Deus me deixa tonto! Já sou um pouco sua amante? O Karlzinho disse que ainda serei completamente seu. Oh, quando penso em Trier, estremeço juntos – meus pais moram lá, meus velhos pais que amam tanto você, oh Karl, eu sou muito ruim e nada é melhor sobre mim do que meu amor por você – mas está acima tudo grande, forte e eterno. Karl me escreva logo, logo de novo, assim que puder. Suas cartas nunca foram mais bem-vindas, mais hilárias, mais necessárias – pense Karlzinho, se você me esquecer agora – não, não, você não pode – nunca poderá. O fim do seu amor e o fim da minha existência coincidem em um momento. E depois dessa morte não há ressurreição – porque somente no amor está a crença na continuidade. Oh Karl, a sala está crescendo e dançando ao meu redor. Não posso mais – adeus anjo escreva logo, logo, não posso mais viver sem suas cartas nos próximos mais detalhes sobre nosso reencontro. Anjo como eu, eu te amo. Esse é todo o meu humor e inteligência, minha vida, meu significado.

Doutor Karl Heinrich Marx
em Bonn

37. Bruno Bauer para Karl Marx, em Trier

Bonn, 26/01/1842

Caro Marx!

A carta de Leipzig, que eu esperava e certamente poderia ter esperado quando te escrevi, Wigand escrevera em 30 de dezembro, ficou em minhas mãos em algum correio no caminho, o que provavelmente é mais útil do que eu teria sido capaz de saber como fazer isso. Esperei em vão. Nesse ínterim, Rügen, que havia falado com Wigand, escreveu que a trombeta e, como ele também escreveu, minha igreja regional foram proibidas. Os jornais confirmaram a primeira. A resolução ministerial das três autoridades censuradas é de 15 de dezembro. Ao mesmo tempo, Rügen escreveu que Wigand não queria. Eu também escrevia muito para a frente e para trás, definitivamente perguntei por que precisava pensar em países estrangeiros, então Wig disse que estava pronto. Mas é claro que outro título deve ser usado agora. Escrevi: "A doutrina da religião e da arte de Hegel, do ponto de vista da fé, foi julgada por b. m. "Amanhã ou depois de amanhã, mandarei meu manuscrito embora – agora também elaborei o prefácio.

Você agora tem que fazer o mesmo, mas

1, costure-o em uma tela.

2, torne-o gratuito, pois o Wigand não pode pagar em dobro.

3, escreva um anúncio de conteúdo de sua dissertação e anexe-o.

4, Você mencionou uma vez – mas foi um erro querer 15 cópias gratuitas.

15 é o mais alto, mas como há dois autores, então [...] Vou pegar três. Você também pode se contentar com menos. Se você tiver mais protuberâncias, pode comprá-lo ou mandá-lo comprar.

Em Berlim eles estão ficando sérios, as coisas estão ficando mais interessantes, eles estão sendo banidos de repente, então você só vai manter em segredo que Wig vai assumir a pressão.

Por que você ainda não trabalha para o *Gazeta Renana*?

Adeus

Seu

B. Bauer.

A trombeta não é apenas proibida, mas também confiscada.

38. Karl Marx para Arnold Rüge, em Dresden

Trier, 10/02/1842

Querido amigo,

Tomo a liberdade de lhe enviar uma pequena contribuição para o Deutsche Jahrbücher na forma da crítica anexa à instrução de censura.

Se o artigo for adequado para sua revista, peço-lhe, por enquanto, que não mencione meu nome a ninguém, exceto Wigand, e, também, que me envie imediatamente por correio as edições do Deutsche Jahrbücher contendo meu artigo; porque, por enquanto, aqui em Trier, estou completamente excluído do mundo literário.

É óbvio que é do interesse da causa que a impressão seja acelerada, se a censura não censurar minha censura.

Se você ainda não conhece um crítico do livro superinteligente de Vatke, "über die Sünde" – se não fosse tão desesperadamente sábio, você se sentia tentado a chamá-lo de estúpido – então você tem meu zelo crítico sob seu comando.

Talvez valesse a pena abordar novamente o trabalho de Bayer sobre os espíritos morais. A crítica de Feuerbach foi um serviço amigável. Honrado como é o estado de espírito moral de Bayer, seu trabalho em si é tão fraco e até mesmo imoral.

Eu ficaria muito feliz se você avisasse Wigand que meu manuscrito chegará a você em alguns dias. A carta de Bauer, em que exige que seja finalmente enviado, veio quando eu estava muito doente, de cama, e por isso me foi entregue há poucos dias. Estando ocupado com o artigo anexo, não fui capaz de fazer as correções necessárias.

Como agora cheguei ao final de algumas obras volumosas, nem é preciso dizer que todas as minhas forças estão à disposição do Deutsche Jahrbücher.

Com sincero respeito,

Marx

Meu endereço é: Dr. Marx, Trier, para ser entregue a Geheimer Regierungsrat von Westphalen.

39. Arnold Rüge para Karl Marx, em Trier

Dresden, 25 de fevereiro

Meu querido amigo,

Com a sua censura à crítica, a censura prussiana da tendência contra os anuários entrou em atividade. A censura está cancelando nossa "má tendência" há oito dias. Você pode adivinhar a quem isso afeta. Seu ensaio se tornou uma impossibilidade, tudo que cheira a Bauer, Feuerbach e eu foi rejeitado.

Reuni uma tal elite de coisas bonitas e picantes, que ao mesmo tempo deveriam dar uma bofetada na cara dos censores; e pergunto se me permite que mande imprimir o seu ensaio na Suíça com os outros inibidos sob o título *Anekdotia philosophica von Feuerbach, Bauer, Rüge und Andern* – se não me permite mencionar o seu nome.

O seu ensaio abriria o assunto e seria seguido por uma crítica às medidas saxônicas e provaria que elas são um resultado do sistema prussiano, e assim por diante. De Feuerbach vêm teses sobre a reforma da filosofia, de mim críticas ao seu livro, dos ensaios de Bauer, o Lázaro.

Espero que o assunto surta efeito, incluindo a aparência de que essa medida dobrará imediatamente os esforços dos filósofos e criará um novo órgão para eles, e as pessoas devem se surpreender.

Estou muito feliz em aceitar suas críticas a Vatke. Se não a passarmos em Leipzig, ela irá para Zurique.

Você provavelmente está me escrevendo com B. Bauer se aprova o plano da anedota e se vai entregar seu ensaio sobre ele. Quero sugerir ao livreiro a forma de livro, taxa moderada de Octav e 3 Louis d'or. Talvez você ainda tenha algo adequado aí. Então deixe-me ver.

Por favor, responda o mais rápido possível para que eu possa escrever.

Totalmente seu

40. Karl Marx para Arnold Rüge, em Dresden

Trier, 5/03/1842

Querido amigo,

Concordo plenamente com o plano da *Anekdotas philosophica*¹ e, também, acho que seria melhor incluir meu nome entre os demais. Uma demonstração desse tipo, por sua própria natureza, exclui todo o anonimato. Esses senhores devem cuidar para que a consciência esteja limpa.

Com o repentino ressurgimento da censura saxônica, é óbvio desde o início que será totalmente impossível imprimir meu "Tratado sobre a arte cristã", que deveria ter aparecido como a segunda parte do Posaune.²

Mas que tal incluí-lo em uma versão modificada no *Anekdotas*? A massa de material desagradável para a censura que agora enche a mente das pessoas talvez torne possível também publicar a *Anekdotas*, à medida que o material se acumula, em várias parcelas separadas! Outro artigo que também pretendo para o *Deutsche Jahrbücher* é uma crítica à lei natural hegeliana, na medida em que diz respeito ao sistema político interno. O ponto central é a luta contra a monarquia constitucional como um híbrido que do começo ao fim se contradiz e se anula. *Res publica* é totalmente intraduzível para o alemão. Eu enviaria ambos os artigos imediatamente para seu exame, se eles não exigissem a reescrita de

¹ O título completo é *Anekdotas zur neuesten deutschen Philosophie und Publicistik*, que Rüge planejava publicar na Suíça. A primeira edição do almanaque (1843) trazia o artigo de Marx "Comentários sobre as últimas instruções de censura da Prússia" e também artigos de Ludwig Feuerbach, Karl Friedrich Koppen, Arnold Ruge e outros.

² A referência é ao livro de Bruno Bauer *Die Posaune des jüngsten Gerichts über Hegel den Atheisten und Antichristen. Ein Ultimatum*, que foi publicado anonimamente no início de novembro de 1841. Bauer o escreveu em agosto e setembro de 1841 com alguma ajuda de Marx. Bauer e Marx pretendiam publicar a segunda parte do livro como seu trabalho conjunto. No entanto, sua cooperação logo chegou ao fim, principalmente porque Marx, que queria vincular mais estreitamente a filosofia avançada à política, estava insatisfeito com a tendência de Bauer de limita-se a críticas radicais à teologia. Depois que Marx deixou Bonn e foi para Trier em janeiro de 1842 para ver o pai de sua noiva, Ludwig von Westphalen, que estava morrendo, Bauer publicou a segunda parte de *Die Posaune* como um livro separado intitulado *Hegels Lehre von der Religion und der Kunst von dem Standpunkte des Glaubens aus beurteilt* (Leipzig, 1842) sem a seção que seria escrita por Marx - um tratado sobre arte cristã.

uma cópia justa e, em parte, algumas correções³. O fato é que meu futuro sogro, Herr von Westphalen, ficou deitado em seu leito de morte por três meses e morreu anteontem. Durante esse período, portanto, era impossível fazer nada direito.

Em relação às outras coisas, da próxima vez.

Com o mais sincero respeito,

Devotadamente seu,

Marx

A propósito. Por meio de um descuido, o manuscrito sobre a censura contém a frase: “a censura da tendência e a censura da tendência”. Deveria ser: “a censura da tendência e a tendência da censura”. A gentileza de enviar-me a resposta diretamente por correio para Trier. Bauer foi suspenso do cargo, conforme escreve em uma carta que acabo de receber, *par lit de justice*.⁴

³ O artigo não apareceu na publicação para a qual foi escrito. O manuscrito não existe. Mais tarde, Marx apresentou sua crítica à monarquia constitucional em sua *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, escrita no verão de 1843 (ver presente edição, Vol. 3).

⁴ No outono de 1841, Bruno Bauer foi proibido de lecionar por Eichhorn, Ministro do Culto Religioso, Educação e Medicina, e em março de 1842 ele foi suspenso do cargo de Privat-Docente de Teologia na Universidade de Bonn por suas opiniões ateístas e declarações de oposição. A carta de Bruno Bauer mencionada por Marx não foi encontrada. Lit de justice - sessão do antigo Parlamento francês realizada na presença do rei, cujas direções, naquele caso, adquiriram força de lei.

41. Bruno Bauer para Karl Marx, em Trier

Bonn, 16/03/1842

Caro Marx!

Quando a notícia da morte no jornal de Colônia me assustou, pude adivinhar, pelo sentimento que se apoderou de mim, que satisfação deve ter sido para você, o fato de ter ajudado o nobre homem a aliviar nos últimos dias.

À sua noiva – mas talvez nem seja você quem vomitou o envelope – você me recomendará novamente depois, se só ver essas linhas depois.

Aprendi sobre Assuntos Gerais porque não vejo ninguém, nada além do que dizem os jornais.

Esta é a única coisa que posso relatar a você se não tiver sido informado por Rügen que as coisas estão se desenvolvendo muito rapidamente e que a proibição dos anuários – mas não fale com ninguém sobre isso – é esperada diariamente. Os anuários estão mortos e uma nova era deve começar neste assunto. As anedotas são necessárias e devem ser continuadas, mas eles não podem fazer isso sozinhos. São necessários novos formulários e meios. Até o título Anekdotas, que é adequado e prova o Tato de Ruge, indica o ínterim. Mas ninguém pode determinar || quanto tempo dura o período intermediário. Os eventos que ainda estão por vir devem ensiná-lo.

Já que minha suspensão foi decidida, deixarei Bonn na primeira oportunidade, ou assim que receber algo oficial, e irei para Berlim ou um lugar onde possa conduzir meu julgamento melhor do que aqui. Vou para o leste, não para me orientar, porque isso dá para fazer sem essa viagem, mas para ver se dá para orientar outras pessoas.

Seu Bauer

Bonn

42. Karl Marx para Arnold Rüge, em Dresden

Trier, 20/03/1842

Querido amigo,

Os novatos são as pessoas mais piedosas, como a Saxônia *prova ad oculos*. Bauer já teve o mesmo tipo de cena com Eichhorn em Berlim que você teve com o Ministro do Interior. Como oradores, esses cavalheiros são tão parecidos quanto duas ervilhas. Por outro lado, o que é excepcional é que a filosofia fala de forma inteligível com a sabedoria de estado desses canalhas, e mesmo um pouco de fanatismo não faz mal. Não há nada mais difícil do que fazer essas Providências terrenas acreditarem que a crença na verdade e as convicções espirituais existem. Eles são dândis de estado tão céticos, almofadinhas experientes, que não acreditam mais no amor verdadeiro e desinteressado. Como, então, chegar a esses roués, exceto com a ajuda do que, nos círculos mais elevados, é chamado de fanatismo? Um tenente da guarda considera um amante cujas intenções são honrosas um fanático.

As pessoas não deveriam mais se casar por causa disso? É notável que a degradação das pessoas ao nível dos animais tenha se tornado para o governo um artigo de fé e um princípio. Mas isso não contradiz a religiosidade, pois a deificação dos animais é provavelmente a forma mais consistente de religião, e talvez em breve seja necessário falar de zoologia religiosa em vez de antropologia religiosa.

Quando eu ainda era jovem e bom, já sabia pelo menos que os ovos postos em Berlim não eram os ovos do cisne Leda, mas os ovos de ganso. Um pouco mais tarde percebi que eram ovos de crocodilo, como, por exemplo, o último ovo pelo qual, supostamente, por proposta da Assembleia da Província do Reno, as restrições ilegais da legislação francesa sobre alta traição, etc., e os crimes de oficiais, foram abolidos. Mas desta vez, por se tratar de disposições legais objetivas, o *hocus-pocus* é tão estúpido que até os advogados renanos mais estúpidos o perceberam imediatamente. Ao mesmo tempo, a Prússia declarou com total ingenuidade que a publicidade dos procedimentos judiciais poria em risco o prestígio e o crédito dos funcionários prussianos. Essa é uma admissão extremamente franca. Todos os nossos rabiscos renanos sobre

publicidade e publicidade sofrem de um defeito básico. As pessoas honestas continuam provando que essas instituições não são políticas, mas apenas legais, que estão certas e não erradas.

Como se essa fosse a questão! Como se todo o mal dessas instituições não consistisse precisamente no fato de serem um direito! Eu gostaria muito de provar o oposto, a saber, que a Prússia não pode introduzir publicidade e publicidade, pois tribunais livres e um estado não livre são incompatíveis. Da mesma forma, a Prússia deve ser altamente elogiada por sua piedade, pois um estado transcendental e uma religião positiva andam juntos, assim como um ícone de bolso faz com um vigarista russo.

Bülow-Cummerow, como você deve ter visto nos jornais chineses, faz sua caneta flertar com seu arado. Ah, essa coquete rústica, que se adorna com flores artificiais! Acho que escritores com esta posição terrena – pois, afinal, uma posição em terras aradas é certamente terrestre – seriam desejáveis, e ainda mais se no futuro o arado pensasse e escrevesse em vez da caneta, enquanto a caneta, por outro lado, devia realizar trabalho de servo em troca. Talvez, em vista da atual uniformidade dos governos alemães, isso aconteça, mas quanto mais uniformes os governos, mais multiformes hoje são os filósofos, e é de se esperar que o exército multiforme conquiste o uniforme.

Ad rem já que entre nós, alemães leais e morais, a política está incluída na formalia, de onde Voltaire deduziu que temos os livros mais profundos de direito público.

Portanto, no tocante ao assunto, achei que o artigo “Sobre a arte cristã”, agora transformado em “Sobre a religião e a arte, com especial referência à arte cristã”, deve ser totalmente refeito, devido ao tom do Posaune, que eu segui conscienciosamente:

"Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz para o meu caminho."
"Teus mandamentos me tornam mais sábio do que meus inimigos, pois eles estão sempre comigo", e "O Senhor rugirá de Sião"

- este tom do Posaune e a incômoda restrição da exposição hegeliana devem agora ser substituídos por uma exposição mais livre e, portanto, mais

completa. Dentro de alguns dias, devo ir a Colônia, onde montei minha nova residência, pois considero intolerável a proximidade dos professores de Bonn. Quem gostaria de ter que falar sempre com gambás intelectuais, com gente que estuda apenas com o propósito de encontrar novos becos sem saída em todos os cantos do mundo!

Devido a essas circunstâncias, portanto, não pude, é claro, enviar aqui a crítica da filosofia do direito hegeliana para o próximo *Anekdotia* (como também foi escrito para o Posaune); prometo enviar o artigo sobre arte sacra até meados de abril, se você estiver preparado para esperar tanto. Isso seria o mais preferível para mim, já que estou examinando o assunto de um novo ponto de vue e dando também um epílogo de românticos como suplemento. Enquanto isso, para usar a linguagem de Goethe, devo continuar a trabalhar no assunto e aguardar sua decisão. A gentileza de escrever sobre isso para Colônia, onde estarei no início do próximo mês. Como ainda não tenho domicílio definido lá, envie-me a carta para o endereço de Jung.

No próprio artigo, tive necessariamente de falar sobre a essência geral da religião; ao fazê-lo, entro em conflito com Feuerbach

em certa medida, um conflito que diz respeito não ao princípio, mas à concepção do mesmo. Em qualquer caso, a religião não ganha com isso. Há muito tempo não ouço nada sobre Koppen. Você ainda não abordou Christiansen em Kiel? Eu o conheço apenas por sua história do direito romano, que, entretanto, contém também algo sobre religião e filosofia em geral. Ele parece ter uma mente excelente, embora, quando se trata de filosofar de verdade, sua escrita seja terrivelmente incompreensível e formal. Talvez agora ele tenha começado a escrever alemão simples. Caso contrário, ele parece ser à la hauteur des principes ^

Terei muito prazer em vê-lo aqui no Reno.

Seu,

Marx

Acabo de receber uma carta de Bauer na qual ele escreve que deseja viajar novamente para o norte, devido à tola ideia de que lá poderá conduzir melhor o seu processo contra o governo prussiano. Berlim está perto demais de Spandau. Seja como for, é bom que Bauer não esteja permitindo que o assunto

siga seu próprio curso. Como aprendi aqui com meu futuro cunhado, o aristocrata *comme il faut*, as pessoas em Berlim ficam particularmente irritadas com Bauer.

43. Arnold Rüge para Karl Marx, em Trier

Dresden, 26/03/1842

Imediatamente, caro amigo, apenas duas palavras: Você pode terminar seu primeiro e, se possível, seu segundo tratado. De qualquer forma, a pressão diminuirá no final de abril. Eu quero e tenho que ter 20 folhas juntas, então preciso de material e é do interesse da matéria impressionar. Podemos imprimir 20 folhas – mesmo na forma de itens incoerentes – em Stuttgart, ou seja, com todas as vantagens e privilégios do mais sereno governo federal.

Ainda estou viajando para Berlim hoje, então estou um pouco fugindo. Não vou ficar aí muito tempo.

O jornal pode aguentar. Então, também queremos cultivar a anedota e [...] escrever artigos diplomáticos e trocar parrhesia por parrhesia. Eu prometo a mim mesma curtir esse gênero. Há muito material em Berlim. Estou com vontade de curtir.

O fato de Bauer ir para Berlim não leva a nada. O processo acabou. Mas isso tem que ser escrito. Caso contrário, ele será suspenso para sempre. Alguém está acostumado com isso em Bonn. E o que poderia fazer se ele brigou com Eichhorn novamente?

Vou ver Koppen e escrever para Christiansen.

44. Georg Jung para Karl Marx, em Bonn

Köln, por volta de 12/05/1842

Caro Marx!

É com grande prazer que posso estar ao seu serviço. – Seus ensaios sobre liberdade de imprensa são extraordinariamente bonitos, outro dia houve uma reunião em Hamburgo por causa dos incendiados⁵, e os jornais foram solicitados a imprimir apelações. Levantei-me e disse ao *Gazeta Renana* que estava pronto para isso. Na palavra *Gazeta Renana*, Loë, que esteve presente imediatamente, voltou-se para mim e, desde então, manteve os olhos em mim com frequência. O cara tem uma cabeça bonita, mas um traço muito fanático na boca.

Meyen escreveu outro dia, no *Gazeta Renana*, que o D. Jahrb em Berlim já era emocionante, despertou entusiasmo. Em seguida, perguntou: Marx não vai dar um passo à frente logo e mostrar o que realmente é sobre ele? Bem, você deu a ele uma boa mastigação para mastigar. – Nós não escrevemos para ele que você tinha

são para ouvir o que ele está dizendo. – Você já está trabalhando na história do arcebispo? Em breve terminaremos com a liberdade de imprensa.

Oppenheim disse que o convidou para vir para o Pentecostes, você faria isso?

⁵ Na noite de 5 de maio de 1842, eclodiu um incêndio em um celeiro na Deichstrasse que varreria a cidade nos três dias seguintes.

45. Karl Marx para Arnold Rüge, em Bresden

Trier, 27/04/1842

Querido [...]

Você não deve ficar impaciente se minhas contribuições atrasarem por mais alguns dias – mas apenas por alguns dias. Provavelmente Bauer o informará oralmente que este mês, devido a todos os tipos de confusões externas, foi quase impossível para mim trabalhar.

Mesmo assim, quase terminei. Vou enviar-lhe quatro artigos: 1) "Sobre a arte religiosa", 2) "Sobre os românticos", 3) "O Manifesto Filosófico da Escola Histórica de Direito", 4) "Os Filósofos Positivistas", de quem provoquei um pouco.¹⁵⁹ Esses artigos, em conteúdo, estão conectados.

Você receberá o artigo sobre arte religiosa como um extrato de duodécimo, pois a obra tem crescido continuamente até quase as dimensões de um livro, e fui atraído para todos os tipos de investigações que ainda levarão muito tempo.

Abandonei meu plano de me estabelecer em Colônia, porque a vida ali é muito barulhenta para mim e a abundância de bons amigos não leva a uma filosofia melhor.

Enviei ao *Gazeta Renana* um longo artigo sobre a nossa última Assembleia da Província do Reno com uma ligeira introdução sobre o *Preussische Staats-Zeitung*. Em conexão com os debates na imprensa, voltei novamente à questão da censura e da liberdade de imprensa, examinando-o de outros pontos de vista.

Assim, Bonn continua sendo minha residência por enquanto; afinal, seria uma pena se ninguém permanecesse aqui para os homens santos ficarem com raiva.

Ontem Hasse veio de Greifswald, em relação a quem a única coisa que admiro são suas enormes botas de cano alto, como as de um padre de aldeia. Ele falava, também, como um livro de aldeia em vários volumes, sobre o entediante Anselmo de Canterbury, no qual vem trabalhando há dez anos. Ele acha que a tendência crítica atual é um momento que deve ser superado. Ele fala da religiosidade como um produto da experiência de vida, com o que

provavelmente quer dizer sua criação bem-sucedida de filhos e sua barriga gorda, pois barrigas gordas passam por todo tipo de experiências e, como diz Kant: se for para trás, torna-se um F., se for para cima, torna-se inspiração religiosa. Que homem este piedoso Hasse é com sua constipação religiosa!

Achamos muito divertido o que você escreveu em suas cartas sobre a falta de "coração cheio" de Vatke. Este Vatke superinteligente e diplomático, que gostaria tanto de ser o maior crítico e o maior crente, que sempre sabe tudo melhor do que ninguém, este Vatke para uma parte não tem coração e para a outra não tem cabeça. Hie jacet * Vatke – um exemplo notável do que leva a paixão por cartas e música religiosa.

Fichte, que se envolveu no manto de sua impopularidade, espalhou o boato meio ambíguo de que ele foi convidado para Tübingen. O corpo docente não está atendendo a seu desejo de ser retido por um aumento de salário.

Sack fez uma viagem a Berlim com as mais piedosas intenções para especular sobre a loucura de seu irmão e para ser nomeado em seu lugar.

Nada além de guerras e devassidão, diz Tersites, e se a universidade daqui não pode ser acusada de guerras, pelo menos não faltam devassidão.

Não quer levar a cabo o seu plano de uma viagem ao Reno?

Seu,

Marx

46. Dagobert Oppenheim para Karl Marx, em Trier

Köln, 4/07/1842

Caro Marx!

Acabo de receber seu artigo com os melhores agradecimentos, que folheei com pressa. Ele é excelente, mas temo que o censor canino coloque a faca novamente. Você não tem ideia da severidade inexorável e mais injusta com que somos censurados, embora o sujeito me confessasse que não havia recebido instruções mais duras. Ele é um dos apoiadores da Köln. Z. e outras pessoas iníquas completamente incitadas contra nós.

É inevitável que H [ermes] peça a ele que forneça o nome do autor, como fez no artigo de Hess. Portanto, pergunto se deseja que seu nome seja mencionado ou retido neste caso.

Até à data, já contamos com 841 assinantes postais. Nosso querido Coeln é incorrigível. – Você não acha que seria furioso se você mencionasse seu nome sob o título? O que você acha daquilo? – Anteontem, Bürgers se tornou o feliz pai de um filho muito pequeno.

Você gentilmente pede uma resposta imediata

D. Oppenheim.

47. Arnold Rüge para Karl Marx, em Trier

Dresden, antes de 9/07/1842

Caro amigo

Como você me escreveu no final de abril e prometeu que suas contribuições para o Anecdotis seriam enviadas a você o mais rápido possível, não recebi mais notícias suas. Já a impressão da anedota depende da sua remessa. Sem suas contribuições, não terei volume suficiente por muito tempo, nem terei o interesse essencial nas novas forças armadas com as quais você está se movendo para a batalha. Você não tem que me deixar sentar e envie o mais rápido possível para que eu possa finalizar.

Se você ainda não terminou e precisa de mais algumas semanas, pelo menos me escreva como está.

Suas declarações sobre a liberdade de imprensa no jornal são maravilhosas, facilmente as melhores que foram escritas sobre o assunto até agora. Citei no Jahrbuch e imagine o absurdo que o censor de Leipzig está cancelando essas citações impressas com a censura prussiana.

Informe-nos o mais breve possível. Os teólogos se saíram muito bem aqui. Os cães querem viver para sempre.

Os meus melhores cumprimentos!

Totalmente seu

Por favor, envie o encarte para M. Fleischer.

48. Karl Marx para Arnold Rüge, em Dresden

Trier, 9/12/1842

Querido amigo,

Se os acontecimentos não tivessem me desculpado, eu teria abandonado qualquer tentativa de desculpa. É lógico que considero uma honra contribuir para a *Anekdotas* e apenas circunstâncias estranhas desagradáveis me impediram de enviar meus artigos. De abril até os dias de hoje, tenho conseguido trabalhar por um total de talvez apenas quatro semanas, no máximo, e não sem interrupção. Tive de passar seis semanas em Trier devido a outra morte. O resto do tempo foi dividido e envenenado pelas mais desagradáveis controvérsias familiares. Minha família colocou obstáculos em meu caminho, os quais, apesar da prosperidade da família, me colocaram no momento em sérias dificuldades.¹⁶¹ Não posso sobrecarregá-los com a história desses escândalos particulares; é realmente uma sorte que os escândalos de natureza pública tornem impossível a um homem de caráter irritar-se com os privados. Durante esse tempo, eu estava escrevendo para o *Gazeta Renana*, para o qual há muito deveria ter enviado meus artigos etc. etc. Eu já teria informado vocês há muito tempo sobre esses intermezzos, se não tivesse esperado poder fazê-lo dia a dia completar meu trabalho. Dentro de alguns dias, irei para Bonn e não tocarei em nada antes de terminar as contribuições para o *Anekdotas*. É claro que, nesse estado de coisas, não fui capaz de elaborar em particular o artigo "Sobre arte e religião" tão minuciosamente quanto o assunto exige.

Aliás, não imagine que nós, do Reno, vivamos em um Eldorado político. A persistência mais inabalável é necessária para forçar um jornal como o *Gazeta Renana*. Meu segundo artigo sobre a Assembleia Provincial, tratando da questão das discórdias clericais, foi excluído pelo censor. Mostrei neste artigo como os defensores do estado adotaram um ponto de vista clerical e os defensores da igreja um ponto de vista estadual. Este incidente é ainda mais desagradável para o *Gazeta Renana* porque os estúpidos católicos de Colônia caíram na armadilha, e a defesa do arcebispo teria atraído assinantes. A propósito, você dificilmente pode imaginar o quão desprezíveis são os opressores e ao mesmo tempo quão estupidamente eles lidaram com o idiota ortodoxo.³ Mas a questão teve um final

bem-sucedido: antes de todo o mundo, a Prússia beijou a mula do Papa e nossos autômatos do governo andam pelas ruas sem corar. O *Gazeta Renana* já fez um apelo sobre o artigo. Em geral, a luta pelo *Gazeta Renana* está começando. No *Kölnische Zeitung*, o autor dos artigos principais, Hermes, ex-editor do antigo *Hannoverzeitung* político, tomou partido do cristianismo contra os jornais filosóficos de Königsberg e de Colônia. Se o censor não pregar mais uma peça, uma resposta minha será publicada no próximo Suplemento. O partido religioso é o mais perigoso da região do Reno. A oposição tem se tornado muito acostumada ultimamente a se opor dentro da igreja.

Você conhece algum detalhe sobre o chamado "Livres"? O artigo do *Königsberger Zeitung* foi, para dizer o mínimo, pouco diplomático. Uma coisa é declarar para a emancipação – isso é honesto; outra coisa é começar gritando isso como propaganda; isso soa como se gabar e irrita o filisteu. E então, reflita sobre quem são esses "Livres", um homem como Meyen, etc. Mas, de qualquer forma, se existe uma cidade adequada para tais empreendimentos, é Berlim. Provavelmente serei arrastado para uma prolongada polêmica com o *Cologne Hermes*. Por mais ignorante, superficial e trivial que seja o homem, precisamente graças a essas qualidades ele é o porta-voz do filistinismo e não pretendo deixá-lo continuar tagarelado. A mediocridade não deveria mais desfrutar do privilégio da imunidade. Hermes também tentará me impor "Os Livres", de quem, infelizmente, não tenho a menor certeza. É uma sorte que Bauer esteja em Berlim. Ele, pelo menos, não permitirá que nenhuma "estupidez" seja cometida, e a única coisa que me inquieta neste caso (se for verdade e não meramente uma fabricação deliberada de jornal), é a probabilidade de que a insipidez dos berlinenses irá tornar ridícula a sua boa causa e que num assunto sério não poderão evitar muita "estupidez". Qualquer pessoa que tenha passado tanto tempo como eu entre essas pessoas, descobrirá que essa ansiedade tem fundamento.

Como você está se saindo com seu *Jahrbucherd*?

Como você está no centro das notícias filosóficas e teológicas, nada gostaria mais do que aprender algo de você sobre a situação atual. É verdade que o movimento do ponteiro das horas é visível aqui, mas não o do ponteiro dos minutos.

O velho Marheineke parece ter considerado necessário fornecer ao mundo inteiro uma prova documental da total impotência do antigo hegelianismo. Seu voto é um voto vergonhoso.

Os saxões nesta Assembleia não denunciarão a censura?

Belo constitucionalismo!

Esperando ouvir de você em breve,

Seu,

Marx

Rutenberg é um peso na minha consciência. Eu o trouxe para o conselho editorial do *Gazeta Renana*, mas ele é absolutamente incapaz. Mais cedo ou mais tarde, ele verá a porta.

O que você aconselha se o artigo sobre o arcebispo não for carimbado para publicação pela alta censura policial? Deve aparecer na impressão por causa de 1) nossa Assembleia Provincial, 2) o governo, 3) o estado cristão. Devo, talvez, enviá-lo para Hoffmann e Campe? Não me parece adequado para o *Anekdotas*.

49. Arnold Rüge e Karl Riedel para Karl Marx, em Bonn

Dresden, 7/08/1842

Querido amigo,

Faz apenas 4 semanas quando você me escreveu. Muito aconteceu desde então. O que você tocou naquela época: "Os livres e os Phualetths" não existem. Essa é uma forma de "atirar com pólvora", como um velho amigo meu, que primeiro batizou os Phualetths em 1830, leva a nada e apenas prova o quão fracos somos, mesmo em reconhecer os problemas práticos até agora. Naquela época você já caracterizou corretamente o assunto como mera tentativa de jornal.

Os anuários precisam cruzar seu caminho até o parlamento estadual. O parlamento estadual pode fazer algumas coisas boas e espero isso. A *Anekdot*a deve contribuir para isso. Espero seu trabalho. Seu ensaio sobre o arcebispo ainda não apareceu. Como refugiado da censura, pelo menos é adequado para a *Anekdot*a. É difícil fazer qualquer coisa com Campe. Ainda vou passar melhor pela política no Jahrbbb, porque a teologia tem sido perseguida por ela.

Bauer havia me enviado uma resenha sobre Ammon. Non imprimatur [não estou impressionado]. O governo está em forte contradição com o princípio constitucional, mas sem saber e por medo da confederação e da Prússia. Caso contrário, temos uma mente legal, o que na Alemanha agora quer dizer muito. |

Na Prússia, por sua legalidade, não se preocupa com as leis, mas apenas com os desejos mais elevados e sua interpretação pela polícia. Aqui a polícia está quebrada e será possível atacar a polícia da imprensa e suas extravagâncias. Seria fácil derrubá-los totalmente se os livreiros não fossem tão ruins. Esses estúpidos industriais não têm noção de liberdade política e, no entanto, a indústria é a única coisa em que o governo insiste.

Um livro está prestes a aparecer: Diferença entre a filosofia de Hegel e a de Schelling de Glaser, que discutiu a metafísica aristotélica (ele quer mudá-la completamente de novo, você provavelmente já viu o livro). A "diferença" é agora um ser estranho e, em todo o caso, com toda a confusão filosófica, digna de uma revisão, é extrema contra Schelling e pretende torná-lo um plagiador puro, o que

só é sempre verdade até certo ponto. Por outro lado, ele se torna aquele Scholastic que não continua.

Você quer fazer uma crítica sobre a indústria do livro? No Jahrbbb, quero dizer?

Responda logo e não esqueça de anexar as observações para a *Anekdotä*.

Caro Marx! Glaser é o mesmo que você viu no Walter's na Ronenstrasse. Limpe-o com força. Estou em Dresden agora.

Tenha a bondade de enviar o encarte a Jung em Cöln para o *Gazeta Renana* e se quiser lê-lo de antemão.

Mais uma vez, meus melhores cumprimentos

seu

A. Ruge

50. Karl Marx para Dagobert Oppenheim, em Köln

Bonn, entre meio de agosto e segunda metade de setembro de 1842

Caro Oppenheim,

Estou anexando um manuscrito de Ruge. O nº 1 não é utilizável, mas o nº 2, sobre a situação na Saxônia, você provavelmente poderá usá-lo. Envie-me o artigo de Mayer no *Gazeta Renana* sobre o sistema de governo local e, se possível, todos os Hermes 'artigos contra os judeus. Enviarei então o mais rápido possível um artigo que, mesmo que não resolva definitivamente a última questão, o fará seguir outro curso.

O artigo sobre Hanover será aprovado? Tente, pelo menos, fazer um pequeno começo logo. Não se trata tanto deste artigo em si, mas de uma série de artigos úteis dessa área que posso então prometer a vocês. O autor do artigo me escreveu ontem:

"Não acho que meus ataques à oposição prejudicarão as vendas do jornal em Hanover; pelo contrário, as pessoas lá estão, de maneira geral, tão avançadas que as opiniões que apresento serão aceitas como corretas."

Se estiver de acordo com sua opinião sobre o assunto, envie-me também o artigo de Juste-Milieu para crítica. O assunto deve ser discutido desapassionadamente. Em primeiro lugar, argumentos teóricos bastante gerais sobre o sistema político do Estado são mais adequados para órgãos puramente científicos do que para jornais. A teoria correta deve ser esclarecida e desenvolvida dentro das condições concretas e com base no estado de coisas existente.

No entanto, uma vez que agora aconteceu, duas coisas devem ser tidas em consideração. Cada vez que entramos em conflito com outros jornais, o assunto pode, mais cedo ou mais tarde, ser usado contra nós. Uma manifestação tão clara contra os fundamentos do atual sistema de Estado pode resultar em uma intensificação da censura e até mesmo na supressão do jornal. Foi assim que o *Tribuna da Alemanha do Sul* chegou ao fim. Mas, em qualquer caso, despertamos o ressentimento de muitos, na verdade a maioria, das pessoas

práticas de pensamento livre que empreenderam a laboriosa tarefa de ganhar a liberdade passo a passo, dentro da estrutura constitucional, enquanto nós, de nossa confortável poltrona de abstrações, mostramos-lhes suas contradições. É verdade que o autor do artigo de *Juste-Milieu* convida à crítica; mas 1) todos nós sabemos como os governos respondem a tais desafios; 2) não basta que alguém expresse disponibilidade para ouvir críticas, para as quais, em qualquer caso, sua permissão não será solicitada; a questão é se ele escolheu a arena apropriada. Os jornais só começam a ser a arena apropriada para tais questões quando elas se tornam questões do estado real, questões práticas.

Considero fundamental que o *Gazeta Renana* não seja guiado por seus colaboradores, mas que, ao contrário, os oriente. Os artigos do tipo mencionado oferecem a melhor oportunidade para indicar um plano definido de operações aos contribuintes. Um único autor não pode ter uma visão do todo como o jornal.

Se minhas visões não coincidem com as suas, eu – se você não achar que é inapropriado – eu daria esta crítica ao *Anekdotä*, como um suplemento ao meu artigo contra a teoria da monarquia constitucional de Hegel. Mas acho melhor quando o jornal é seu próprio médico.

Esperando uma resposta antecipada de você,

Seu,

Marx

51. Arnold Rüge para Karl Marx, em Köln

Dresden, 21/10/1842

Sr. Marx.

Suspeito, caro amigo, que você já está em Colônia e acho que o reconheci no jornal. A *Anekdoten* está no prelo. Eu mantive sua casa aberta para você. Froebel imprime 4 folhas por semana. A impressão será concluída em 8 semanas. – Então, se for possível, envie-me seu manuscrito o mais rápido possível ou, se não for mais de 4-5 folhas, envie-o para Froebel (Dr. Julius) em Zurique e diga a ele que foi anunciado a mim que ocuparia o lugar do último artigo de Nauwerck: (que apareceu mutilado no Jahrbuch). Seria muito bom se você pudesse se juntar a nós. Você me permitiu mencionar seu nome em resposta às críticas do Censurado. Se você quiser incluir seus primeiros nomes, peço a Froebel que escreva isso também.

Então me diga se e quando receberei suas críticas sobre o problema de Weisses e como você está indo com seu tempo, e se o jornal vai deixar a você tempo livre para outra coisa. Estou muito interessado nisso, especialmente porque você até agora me deu mais esperança do que realização, e posso ver muito bem o quanto você cumprirá quando encontrar isso.

Uma coisinha para o jornal da redondeza.

52. Karl Marx para Justus Wilhelm Eduard von Schaper, em Koblenz

Köln, entre 13 e 17/11/1842

Ilustre Sr. Presidente!

Honorável Senhor!

Seus melhores votos foram dados a mim pelo presidente do distrito, Sr. Gerlach zu Cologne, no dia 12 deste mês, envie um rescrito do Ministério da Censura e também duas ordens e me interrogue oficialmente. Dada a importância das explicações que me foram solicitadas, preferi hoje dirigir-me por escrito a Ew Hochwohlgeboren, em vez de me exprimir com firmeza na acta.

- 1) No que diz respeito ao rescrito do Ministério da Censura e em particular ao pedido para que o *Gazeta Renana* mude a sua tendência e adote uma que agrade ao governo, só posso interpretar esta exigência em relação à forma, à moderação de que, tanto quanto o conteúdo permite, dá lugar pode ser. A tendência de um jornal que, como o *Rheinische*, não é apenas um amálgama sem sentido de reportagens secas e elogios tímidos, mas com uma crítica consciente de um propósito nobre, embora agudo, ilumina as condições e instituições estatais da pátria, parece-nos assim como na Instrução de Censura recentemente emitida e também em pontos de vista freqüentemente expressos em outros lugares, a Irmã Majestade é apenas uma tendência a ser aceita pelo governo. Até agora, o editor responsável nunca demonstrou qualquer desaprovação dessa tendência. Visto que o *Rh. Z.* também está sujeito à censura mais estrita, como pode sua supressão como uma primeira advertência ser justificada?

Gostaria de lhe assegurar que muito depende dela [da *Gazeta Renana*], ajudando a pavimentar o caminho de progresso que a Prússia está conduzindo ao resto da Alemanha. Por isso mesmo, devo rejeitar a censura feita a mim no rescrito, como se o *Rh. Zeit* estivesse tentando espalhar as simpatias e ideias francesas na Renânia. Em vez disso, o *Gazeta Renana* se propôs a principal tarefa de desviar o olhar que tantas pessoas ainda colavam da França na Alemanha e, em vez de um francês, evocar um liberalismo alemão que o governo de Frederico Guilherme IV certamente não pode ser desagradável. O *Rh. Z.* sempre se referiu à Prússia, de cujo desenvolvimento

depende o resto da Alemanha. A prova desta tendência é fornecida pelos artigos sobre a "Hegemonia Prussiana", que são polemicamente dirigidos contra os esforços antiprussianos do *Augsburger Zeitung*. A prova disso é fornecida por todos os artigos sobre a União Aduaneira Prussiana contra os artigos do *Correspondente de Hamburgo* e outros jornais em que o *Rh. Z. de Hanover, Meklenburg* e as cidades hanseáticas são os únicos salutaros. A prova é fornecida acima de tudo pela referência constante à ciência do norte da Alemanha em contraste com a superficialidade não apenas dos franceses, mas também das teorias da Alemanha do Sul. O *Rh. Zeitung* foi o primeiro jornal da Alemanha do Sul e do Reno em geral, que introduziu o espírito da Alemanha do Norte, o espírito do Protestante, na Província do Reno e na Alemanha do Sul, e como se poderia vincular as tribos separadas de forma mais inseparável do que por meio da unidade espiritual, que expressa a alma e a única garantia de unidade política contra todas nossas tempestades são!

No que diz respeito à tendência supostamente irreligiosa do *Rh. Z.*, não pode ser desconhecido das mais altas autoridades que toda a Alemanha, e de preferência a Prússia, sobre o conteúdo de uma certa fé positiva, e somente desta, não da religião, que nunca tocamos e nunca iremos tocar, é dividida em dois campos, ambos os quais contam entre seus defensores homens que estão em alta posição na ciência e no Estado. Um jornal não deve participar de um concurso de tempo indeciso, ou apenas um oficialmente prescrito para isso? | Se Lutero não é suspeito de ter atacado o então único modo de existência do Cristianismo, a Igreja Católica, apesar do imperador e do império, de uma forma ainda desenfreada e generalizada, deveria ser proibido em um estado protestante do dogma atual para representar a visão oposta não por meio de falhas individuais frívolas, mas por meio de afirmações consistentes de uma ciência séria e de preferência alemã? Além disso, nunca ultrapassamos o território do jornal, mas apenas tocamos em dogmas, como as doutrinas e as condições da Igreja em geral, na medida em que outros jornais queriam fazer da religião um direito do Estado e movê-la de sua própria esfera para a esfera da política. Será até mesmo fácil para nós cobrir cada um de nossos ditos com ditos semelhantes e mais fortes de um rei

prussiano, Frederico, o Grande, e consideramos essa autoridade uma autoridade na qual os publicitários prussianos podem muito bem confiar.

O *Gazeta Renana* pode, portanto, acreditar que o desejo de Majestade por uma imprensa independente e liberal, estabelecido na Instrução de Censura, de preferência se concretizou e, assim, contribuiu muito para as bênçãos com que toda a Alemanha está atualmente acompanhando nosso Rei em sua aspirante carreira ascendente.

O *Gazeta Renana*, V. Exa., não se baseia na especulação do livreiro, nem na perspectiva de algum lucro. Um grande número dos homens mais respeitados em Colônia e na província do Reno, com desagrado apenas pelo estado miserável da imprensa alemã, acreditava que não poderia honrar melhor a vontade da Majestade do Rei do que estabelecer um monumento nacional no *Gazeta Renana*, um jornal cheio de caráter e sem medo de falar a língua dos homens livres e, embora seja um fenômeno estranho, que o rei ouça a verdadeira voz do povo. A velocidade sem precedentes de distribuição deste jornal mostra o quão bem ele entendeu os desejos do povo. Para este propósito aqueles homens deram seu capital, não pouparam nenhum sacrifício para este propósito e agora como Ew. Honestamente, eu decido por mim mesmo se posso e devo declarar como o órgão desses homens: O *Gazeta Renana* mudará sua tendência se a opressão exerceria violência contra uma única pessoa privada e não contra a Província do Reno e o espírito alemão?

Aliás, para provar ao governo o quanto estou disposto a cumprir seus desejos, na medida em que sejam compatíveis com a profissão de jornal independente, quero, como vem acontecendo há algum tempo, abstrair de todos os religiosos e eclesiásticos assuntos tanto quanto possível, a menos que outros jornais e as próprias condições políticas façam referência a eles necessária.

2) O que agora, em segundo lugar, a demanda Ew Preocupações altamente nascidas, a Para demitir Rutenberg imediatamente, em 14 de fevereiro dei ao Presidente do Distrito v. Gerlach explica que não é, de forma alguma, editor do *Gazeta Renana*, mas apenas atua como tradutor do mesmo. Em que fui dado pelo Presidente. A ameaça de Gerlach de suprimir o jornal

imediatamente no caso de Rutenberg não ser demitido imediatamente, eu cedi à violência e por enquanto o afastei de qualquer participação no jornal. Mas, uma vez que não tenho conhecimento de nenhuma disposição legal segundo a qual este ponto do rescrito possa ser justificado, solicito a Vossa Excelência. Honestamente por nomear tal disposição, possivelmente para uma decisão rápida se ela deve permanecer com a decisão tomada ou não, para que eu possa fazer uso de meus direitos legais em uma instância. |

- 3) No que se refere ao terceiro ponto, a apresentação de novo redator, de acordo com a lei de censura de 18 de outubro de 1819, § .. somente as máximas autoridades de censura têm o direito de solicitar a apresentação de outro redator. Não tenho conhecimento de nenhuma disposição que transfira esta autorização para os presidentes superiores. Peço, portanto, uma descrição do mesmo, possivelmente por uma ordem do Ministério da Censura. Eu ficaria muito feliz, mas apenas neste caso, em apresentar um *redacteur* para aprovação

53. Georg Herwegh para die Redaktion der „Rheinischen Zeitung“, em Köln

Berlim, 22/11/1842

Meus queridos amigos!

O Elberfelder Zeitung, e dele a Didaskalia, contêm a notícia de que visitei a Sociedade dos Livres, mas descobri que ela estava sujeita a todas as críticas. Não visitei esta sociedade, portanto não a encontro abaixo nem acima das críticas. Não a visitei porque Rüge não me contou muitas coisas animadoras sobre as reuniões de nossos amigos. Com esse romantismo revolucionário, esse desejo de gênio, essa fama, você compromete nossa causa e nosso partido; Rügen e eu explicamos isso francamente. Eles se ressentiram – pelo menos! Não quero falar contra eles, por isso gostaria de lhe pedir uma nota no *Gazeta Renana* que mostre o assunto em sua verdadeira luz. Se não visitei a Sociedade dos Livres, que em sua maioria são pessoas excelentes individualmente, não foi porque estou defendendo outra causa, mas simplesmente porque tenho essa frivolidade, esse berlinismo do jeito que parece, porque odeio e acho ridículo esta imitação estúpida dos clubes franceses, com todo o respeito e entusiasmo pela revolução francesa, como uma pessoa que também quer se livrar da autoridade desta revolução. Aí você tem minha opinião; faça o uso apropriado dele, por favor. Estou com Deus!

Isso seria uma coisa. Agora a outra coisa que, como você pode ver, me interrompeu na continuação imediata desta carta. Você receberá relatórios ridículos de uma audiência com o rei que desejava me ver. A proximidade da majestade não me cegou e, se fosse possível, fui ainda mais livremente dela do que dela. Schönlein foi uma testemunha de nossa conversa. Depois de muita agitação incomum ao ver um poeta tão ilustre cara a cara – estou simplesmente relatando para evitar apresentações desagradáveis em outros lugares – ele soube imediatamente como tomar a posição certa, disse que somos e devemos ser inimigos, mas queremos honestos. Sejamos inimigos, temos que resistir uns aos outros, ele vai ficar no seu ofício pelo menos uma vez etc. Ele está extremamente satisfeito com minha visita, e pode me garantir, infinitamente mais do que a visita de outro homem famoso há cerca de um ano atrás, Sr. Thiers. Ele me deseja um dia de – (não o entendi aqui, era uma palavra como Damask ou

algo semelhante) e esteja convencido de que então poderei trabalhar tremendamente; espero me ver novamente na Suíça, onde declarei que quero ficar para sempre, etc. Eu corro por ter de escrever isso para você; mas eu preciso, para que você tenha cuidado com a correspondência que chega.

Em movimento para partir para Koenigsberg, atiro para hoje.

Fique bem!

Também vou mostrar meu noivado com uma *repubuck comme il faut*, uma garota que poderia nos ensinar boas lições sobre o assunto da liberdade!

54. Karl Marx para Arnold Rüge, em Dresden

Köln, 30/11/1842

Querido amigo,

Minha carta de hoje se limitará à “confusão” com “Os livres”.

Como você já sabe, a cada dia a censura nos mutila impiedosamente, tanto que muitas vezes o jornal dificilmente consegue aparecer. Por causa disso, uma massa de artigos de “Os livres” pereceu. Mas me permiti jogar fora tantos artigos quanto o censor, pois *Meyen and Co.* nos enviaram montes de rabiscos, grávidos de revolucionar o mundo e vazios de ideias, escritos em um estilo desleixado e temperados com um pouco de ateísmo e comunismo (que esses senhores nunca estudaram). Por causa da total falta de senso crítico, independência e habilidade de Rutenberg, *Meyen and Co.* se acostumaram a considerar o *Gazeta Renana* como seu próprio órgão dócil, mas eu acreditava que não poderia mais permitir essa torrente aquosa de palavras à maneira antiga. Esta perda de algumas criações inúteis de “liberdade”, uma liberdade que se esforça principalmente para “ser livre de todo pensamento”, foi, portanto, a primeira razão para o escurecimento do céu de Berlim.

Rutenberg, que já havia sido removido do departamento alemão (onde seu trabalho consistia principalmente na inserção de sinais de pontuação) e para quem, somente a meu pedido, o departamento francês foi provisoriamente transferido – Rutenberg, graças à monstruosa estupidez de nossa providência estatal, teve a sorte de ser considerado perigoso, embora não representasse perigo para ninguém, exceto para o *Gazeta Renana* e para si mesmo. Uma exigência categórica foi feita para a remoção de Rutenberg. A providência prussiana, este *despotisme prussien, le plus hipócrite, le plus fourbe*, poupou o gerente de um passo desagradável, e o novo mártir, que já aprendeu a mostrar consciência do martírio na expressão facial, comportamento e fala com algum virtuosismo, está explorando isso rumo dos acontecimentos. Ele escreve para todos os cantos da terra, escreve para Berlim que ele é o princípio banido do *Gazeta Renana*, que está adotando uma posição diferente em relação ao governo. Nem é preciso dizer que isso também evocou manifestações dos heróis

da liberdade nas margens do Spree, “cuja água lamacenta lava as almas e dilui o chá”.

Finalmente, além disso, veio a atitude sua e de Herwegh para com “Os Livres” para fazer com que a taça dos olímpicos enfurecidos transbordasse. Há poucos dias recebi uma carta do pequeno Meyen, cuja categoria favorita é, mais apropriadamente, o que deveria ser. Nesta carta, sou questionado sobre minha atitude 1) para com você e Herwegh, 2) para “Os Livres”, 3) para o novo princípio editorial e a posição em relação ao governo. Eu respondi imediatamente e expressei francamente minha opinião sobre os defeitos de seus escritos, que encontram liberdade em uma forma licenciosa, semelhante a um *sans-culotte* e ao mesmo tempo conveniente, em vez de em um conteúdo livre, isto é, independente e profundo. Exigi deles raciocínios menos vagos, frases magniloquentes e autoadoração satisfeita por si mesmos, e mais precisão, mais atenção ao real estado das coisas, mais conhecimento especializado. Afirmar que considero inadequado, na verdade até mesmo imoral, contrabandear doutrinas comunistas e socialistas, portanto, uma nova perspectiva de mundo, em críticas teatrais incidentais etc., e que exijo uma discussão bem diferente e mais completa do comunismo, se for, deve ser discutido em tudo. Solicitei ainda que a religião fosse criticada no âmbito da crítica das condições políticas, em vez de que as condições políticas fossem criticadas no âmbito da religião, uma vez que isso está mais de acordo com a natureza de um jornal e o nível educacional do público leitor; pois a religião em si mesma não tem conteúdo, deve seu ser não ao céu, mas à terra, e com a abolição da realidade distorcida, da qual é a teoria, ela entrará em colapso por si mesma. Por fim, desejava que, se se fala em filosofia, seja menos brincalhão o rótulo “ateísmo” (que lembra as crianças, garantindo a todos os que estão dispostos a ouvi-las que não têm medo do bicho-papão homem), e que em vez disso o conteúdo da filosofia deve ser levado ao povo. *Voilà tout.*

Ontem recebi uma carta insolente de Meyen, que ainda não havia recebido este trabalho e que agora me questiona sobre todas as coisas possíveis: 1) Devo dizer de que lado estou em sua briga com Bauer, sobre a qual não sei absolutamente nada; 2) por que não permiti que isso e aquilo passassem; Estou ameaçado de ser acusado de conservadorismo; 3) o jornal não deve

temporizar, deve agir da maneira mais extremada, ou seja, deve ceder com calma à polícia e à censura ao invés de se agarrar a suas posições de luta, imperceptíveis para o público, mas mesmo assim teimosas e concordantes com o seu dever. Finalmente, um relatório infame é dado sobre o noivado de Herwegh etc. etc.

Tudo isso é prova de uma terrível dose de vaidade que não entende como, para salvar um órgão político, se pode sacrificar alguns de Berlim, e não pensa em nada exceto nos assuntos de sua camarilha. Além disso, este homenzinho pavoneava-se como um pavão, pôs solenemente a mão no peito e na adaga, deixou cair alguma coisa sobre "a sua" festa, ameaçou-me com o seu desagrado, declamado à la Marquês Posa, só um pouco pior etc.

Já que agora temos que suportar da manhã à noite os mais horríveis tormentos da censura, comunicações ministeriais, reclamações do *Oberpräsident*, acusações na Assembleia Provincial, gritos de acionistas, etc. etc., e continuo no meu posto só porque considero meu dever impedir, da melhor maneira possível, aqueles que estão no poder de levarem a cabo seus planos, você pode imaginar que estou um tanto irritado e que respondi com bastante severidade a Meyen. É possível, portanto, que "Os livres" se retire por um tempo. Portanto, eu imploro sinceramente que você mesmo nos ajude contribuindo com artigos, e, também, peço a seus amigos que façam o mesmo.

Seu,

Marx

55. Arnold Rüge para Karl Marx, em Köln

Dresden, 4/12/1842

Agora mesmo, caro amigo, recebi sua carta, que me surpreende tanto quanto o artigo sobre ou melhor, contra a camarilha dos "livres". Não suspeitava que eles fossem tão longe e considerassem seriamente seu vazio como um poder, isto é, tomei a coisa como se apresentava a mim como uma reputação: pois para seriedade nem as pessoas nem suas fraseologias [Redensarten] eram necessários. Portanto, não fiquei nem um pouco surpreso com sua comunicação das ameaças formais de Meyen. Achei que a história escaparia à publicidade e só me declarei contra todo esse gênero blasé e vão por ocasião do prefácio de 1843, que escrevi há poucos dias. Então agora a sorte está lançada.

A tua carta e as tuas medidas têm a minha total aprovação, e fico satisfeito que os "livres", ou melhor, estes tolos frívolos, tenham encontrado em ti, sem que eu te escrevesse uma palavra, o caráter de negação decidida da própria falta de caráter deles.

Em particular, há muita tristeza na história. Talvez você em particular possa ser útil aqui. Ouve, então: não compreendo a pergunta de Meyen sobre a minha disputa com Bauer, uma vez que não fiz mais do que advertir Bauer da Sociedade do Livres e do tom (eles lutam e repreendem-se quando o vinho entra em vigor etc.) que prevalece em Walburg, com o qual ele, Bauer, irá comprometer-se a si próprio e à sua causa. De minha parte, este é apenas o pressuposto para o caso Bauer e, se você preferir, uma persuasão amigável, que eu deveria ter permitido em um perigo tão óbvio. Bauer resistiu a isto e fez uma defesa de toda a atitude dos livres, que defendeu perante o Tz. e declarou que não queria deixar os livres, ou seja, Meyen, Buhl, Koppen, Stirner, e assim por diante. Claro que nada mais poderia dizer do que tentar "agitar" o próprio Koppen contra a tirania de Bauer, e não consegui encontrar nada mais desejável do que a sociedade ser desmantelada; todos seriam então muito mais fáceis de seguir e ainda assim valeriam o que ele valia. Você pode ver que isso ainda não era uma disputa de princípios e que eu não tinha inclinação para levar a sério a defesa dos excessos de Walburg. Fiquei feliz por ter sido inesperado novamente que Koppen, que havia batido na cabeça de Bauer com o punho, agora também

defendeu todo o procedimento quando ataquei de brincadeira esse método na presença de E. Bauer.

Bem, não deixo de reconhecer que essa violência de defesa é quase tão triste quanto toda a maldade furiosa, sociável e literária que se lança sobre si mesma com ateísmo, comunismo, libertinagem, cabeças e guilhotinas; mas acredito que Bauer é uma pessoa séria demais para manter seus paradoxos por mais tempo do que as cócegas da disputa e a raiva de minha "moralização" e minha "indiferença reacionária" exigiam. Desejo que esta disputa absolutamente absurda, da qual não suspeitei por mil milhas, não seja conduzida pública e seriamente. Escrevi duas vezes a Bauer e evitei mencionar os Livres na primeira vez, na segunda vez apenas respondi às saudações dele de Wigand e rejeitei especificamente a acusação de que eu havia alertado formalmente você e o jornal sobre os Livres. (Uma carta com o conteúdo foi lida para Stehely) Eu teria achado isso supérfluo porque você e Jung conheciam os Livres pessoalmente e melhor do que eu mesmo.

Bauer ainda não me respondeu; mas eu pensaria que ele estava louco se visse nesses incidentes e confusões uma transgressão fundamental dos anuários e do jornal. Considero totalmente impossível que Bauer se perca em tais vaidades e subjetividades. Ele deve ver que ele bagunçou completamente com o livre, e que agora não há outra posição para ele do que a do erudito imparcial e especialmente moral e socialmente inviolável. Ele tem que manter as loucuras da monotonia de estudante sob controle e também não encontrar gosto nelas. As coisas nas quais ele e nós estamos todos enredados pelas contradições espirituais são muito sérias para isso.

Veja, é assim que é. Eu acredito que Bauer, apesar da pergunta de Meyen, não tem nenhuma justificativa para romper comigo, e nem vai, já que eu estava perfeitamente certo em chamar a bagunça do povo livre de bagunça, e mais ainda em seu próprio interesse para aconselhar contra.

Apesar de tudo isso, o assunto é uma calamidade total – visto de forma bastante objetiva, que só é possível, e a filosofia não pode se aborrecer tanto.

Bebendo, gritando, sim, eu digo, você poderia até deixar as pessoas irem à luta. Tudo isso feito à parte de um conteúdo sério e sem maculá-lo. Jamais procurarei a essência de Bauer em tal excesso: mas para preencher esses

excessos com os dogmas e palavras-chave da filosofia e da liberdade, ou antes, para fazer da liberdade uma dogmática dessa atividade – bem, isso não funciona e quem insiste em fazendo isso, se arruinou.

Suas cartas para Meyen terão um impacto poderoso. O principal, entretanto, seria dissuadir o próprio Bauer do plano de proteger os livres e sua reputação vazia e apresentá-los como algo sensato.

Os discursos tolos contra Herwegh começaram antes de seu noivado. Naquela época, ele era apenas um suábio estúpido, e eu, que, é claro, havia sido o mais peculiar, era um filisteu. O vício do gênio e do autorreconhecimento é realmente ridículo. Jacoby, o Königsberger, o *Gazeta Renana* – isto é, personagens e extensões essenciais da consciência política – não eram mais válidos para eles do que seus dogmas e extremidades, que eles nem mesmo haviam inventado, não podiam se afirmar contra qualquer ataque sério.

Mas, mais uma vez: espero que você salve Bauer dessa atmosfera – talvez por meio de suas cartas para Meyen, que ele irá comunicar e não importa o quão fortes sejam – mas ainda melhor se você falar com ele sobre as travessuras dos Livres queixou-se seriamente. Bauer não deve se envolver publicamente nesta sopa e tem muita confiança em si mesmo se pensa que poderia tomá-la. Sem seriedade moral, mesmo a melhor causa se perde na Alemanha, e a dissolução social e estatal (no processo de existência da humanidade sem Estado) de que ele falou nunca pode ser séria, mas é inútil como uma reputação contra mim, especialmente na forma "só se pode negar e não saber o que é positivo". Em suma, agora você está au fait. Não gosto de admitir para mim mesmo que Bauer pudesse nos pregar a peça e se isolar com os livres, e desejo, pelo bem dele – pelo bem da boa causa, evitar esse truque do hospício. – Faça o que puder. Mas se isso não pode ser evitado e os livres arrastam a si próprios e seu princípio absurdo para a esfera pública – então eu sou o primeiro que farei de tudo para matá-los por completo e para libertar o assunto dessa arbitrariedade selvagem, que o trouxe para governar quem grita mais alto, golpeia com mais força, para libertar. Os livres têm apenas um meio: desistir de si mesmos e se tornar pessoas inteiras para ainda serem considerados espiritualmente.

Vou acrescentar uma coisinha para o jornal. Vou continuar a fazer o que puder.

Infelizmente, Franck é tão inerte e lento que poderia ser muito útil para você de outra forma. Escreverei a outros imediatamente; também a Berlim para meu irmão e alguns outros, nomeadamente para Hermann Muller, que poderia pelo menos conseguir correspondência e alguns novos contatos.

Talvez Vischer e Strauss escrevam para você sobre Aesthetica. Isso pode ser feito por meio de Vischer. Quero escrever para ele o mais rápido possível, hoje. Reinhold Köstlin pode escrever sobre Württemberg e a política da Baviera. Ele está em Tübingen. Você teria que pedir por si mesmo. Se você quiser Merz, que obviamente é um pouco forte entre deus, ele agora mora em Stuttgart e tem talento e lazer. Se você não gostar, pode devolvê-lo. Então, eu quero perguntar a ele.

Apresente os meus cumprimentos calorosos a Jung e, por fim, gostaria de dizer que estou muito satisfeito por não ter se permitido ser enganado por este homem bom, corajoso e totalmente objetivo, o amável Herwegh. Basta ver o autor e o réu lado a lado para poder decidir. Todo meu coração.

56. Arnold Rüge para Karl Marx, em Köln

Dresden, 6/12/1842

Apenas duas palavras, caro amigo, e essa é a notícia de que Meyen, como imediatamente suspeitei, fantasiou mais sobre Bruno Bauer do que tinha causa para isso. Não ocorre à Bauer fazer uma discussão séria e uma disputa factual a partir das disputas em Berlim. O artigo de 29 de novembro, no entanto, parece tê-lo incomodado muito, e ele está sem dúvida muito enganado ao atribuí-lo a Herwegh. Ele acabou de me enviar sua crítica à dogmática de Strauss e escreveu sobre ela. Para o exterior, no entanto, a experiência que eles têm é muito saudável. Não precisamos de panelinhas assim. No entanto, você não sentirá falta deles individualmente por muito tempo. Meyen não será reconhecido e M. perceberá que ele "não tem partido". Mas é bom que você seja tão rigoroso contra esses artigos de liberdade.

57. Arnold Rüge para Karl Marx, em Köln

Dresden, 10/12/1842

Querido amigo,

Rutenberg me visitou ontem. Ele não o tornará mais popular entre os livres, e como você mesmo escreveu o artigo do dia 29 contra os livres de acordo com as cartas de Herwegh, como ele me diz, parableno-nos pelo terceiro membro de nossa liga, a quem agora você deve se tornar infalível. B. Bauer ficará muito zangado com você por enquanto, mas espero que não por muito tempo. O assunto parece ter chegado ao fim; e, de fato, deveria ter terminado imediatamente com seu início d. H. B. Bauer não deveria ter se rendido aos seus caprichos e admitido os truques do "livre".

Rutenberg concordou comigo por enquanto, mas em Berlim dificilmente resistirá ao grande gênio e ao prego que se projeta dos homens do Livre: – embora seja um dia que a camarilha não pode resistir e os indivíduos só precisam buscar salvação nele, que eles desistem da camarilha.

58. Bruno Bauer para Karl Marx, em Köln

Berlim, 13/12/1842

Caro Marx!

Você recebeu tanta correspondência sobre questões locais em Coin que seria supérfluo se eu também fizesse uma contribuição. A maioria das cartas é do tipo que você mesmo vai admitir para mim que estaria abaixo da minha dignidade se eu quisesse montar uma cabine correcional.

Por fim, você também recebeu esclarecimentos sobre a forma como a disputa realmente eclodiu. Portanto, também sou supérfluo a esse respeito. Por fim, ao aceitar a correspondência de Herwegh, você aparentemente tomou partido, e deve ter tido razões ainda mais convincentes para fazê-lo, já que esqueceu a contradição nessa correspondência de que a pessoa que incomoda a própria população local diz que não concorda com eles virem, e desde que você não considere que a natureza irritada desta correspondência é o sinal de uma pequena alma.

De acordo com seu conhecimento das pessoas e das circunstâncias, você deveria ter criticado todas e quaisquer cartas que vieram daqui para Colônia. E você deveria ter deixado as cartas que enviou aqui em sua mesa por um dia antes de enviá-las.

Você deve saber melhor se existe um clique aqui, um clique com o qual você está muito animado, se existe um clique e eu posso querer pertencer a um clique, e você deve saber melhor sob as atuais circunstâncias significativas. por conta própria, sem que você precise negociar e tomar decisões.

Se há pessoas livres que se posicionam seriamente no mercado visível como livre arbítrio, isso mostra em minha defesa, na qual dediquei uma seção especial a essa questão.

O direito da população local é indiscutível. É por isso que eles permaneceram em silêncio, apesar de toda a irritação.

Caro Marx, os direitos de Berlim são tão grandes, os berlinenses têm tão pouco no caminho dos passos errados que provocam a pressa dos outros, que não quero falar mais sobre este assunto, pois teria que tocar em muitas coisas desagradáveis, da qual ninguém aqui é culpado.

Prefiro escrever para você em outra ocasião sobre coisas que são mais agradáveis e mais próximas de nós.

59. Heinrich Joseph Ciaessen para Karl Marx, em Kreuznach

Köln, 21/12/1842

Meu caro amigo

Nosso Moselaner acaba de enviar uma resposta inutilizável ao Presidente Superior, que contém os únicos fatos de que o município em questão é Bernkastel. Isso é seguido por uma carta para você essencialmente com o seguinte conteúdo:

“É preciso prudência para retirar-se da reunião meio espancado.

Minha reserva consiste no seguinte:

Segue a história da petição de H. Valdenaire.

O quão pouco o Ministério depende de suas autoridades locais é evidente pelo fato de que o Dr. Kraft, de Trarbach, e o pastor Martini foram solicitados a relatar francamente sobre o estado do Mosela.

Tanto para os Moselans. – Quer escrever para H. Valdenaire? Esse fato seria útil. A propósito, você pode ver que nosso amigo desprezível nos deixa completamente em apuros e que estamos limitados a nós mesmos. –

Recomende-me a sua noiva e nos vemos de volta em breve.

60. Karl Marx para Arnold Rüge

25/01/1843

Você provavelmente já sabe que o *Gazeta Renana*, proibido, revogado, é, recebeu uma declaração de morte. A nomeação deles foi marcada para o final de março. Durante este período de força, ela tem censura dupla. Nosso censor, um homem honrado, está sob a censura do presidente do governo local v. Gerlach, um idiota passivamente obediente, deve ser apresentado ao nariz da polícia para cheirar nossa folha de papel acabada, e se ela cheira a algo não cristão, não prussiano, o jornal não deve aparecer.

Várias causas especiais convergem para esta proibição, nossa divulgação, minha justificativa do correspondente de Mosela, em que os estadistas mais elevados ficaram muito embaraçados, nossa obstrução em nomear o remetente da lei do casamento, a convocação dos bens sobre os quais poderíamos agitar, enfim nossas críticas à proibição do jornal [Leipziger] Allgemeine] e dos anuários alemães.

O rescrito ministerial que está aparecendo nos jornais atualmente é possivelmente ainda mais fraco do que os anteriores. Os seguintes motivos são dados:

- 1) a mentira de que não tínhamos concessão, como se na Prússia, onde nenhum cachorro pode viver sem seu crachá de policial, o Rh. Z. poderia ter aparecido por um dia sequer, sem as condições oficiais de vida.
- 2) A instrução de censura de 24 de dezembro visava a uma tendência censura. Por tendência entendia-se a imaginação, a crença romântica de ter uma liberdade que não se permitiria ter na realidade. Se o jesuitismo sensato, como reinou no governo anterior, tinha uma cara dura, esse jesuitismo romântico exige a imaginação como sua proposta principal. Supõe-se que a imprensa censurada conhece a imaginação da liberdade e aquele homem esplêndido que mais altamente permitiu que essa imaginação vivesse. Mas se a Instrução de Censura queria uma censura da tendência, o rescrito ministerial agora declara uma tendência consistentemente ruim de que a proibição e a supressão foram inventadas em Frankfurt. O censor estava ali apenas para censurar os excessos da

boa tendência, embora a instrução tivesse apenas dito o contrário, ou seja, devem-se permitir os excessos à boa tendência.

3) O velho Larifari de má disposição, teoria oca, Dudeldumdey etc.

Nada me surpreendeu. Você sabe o que pensei sobre a instrução de censura. Vejo apenas uma consequência aqui, vejo na supressão do *Gazeta Renana* um avanço na consciência política e, portanto, resigno. Além disso, a atmosfera ficou muito úmida para mim. É ruim fazer servidão por sua própria liberdade e cercar com agulhas em vez de pistões. Estou cansado da hipocrisia, da estupidez, da autoridade crua e de nossas curvas, curvas, torções e questionamentos. Então o governo me libertou novamente.

Como já escrevi para você, me desintegrei com minha família e, enquanto minha mãe viver, não tenho direito à minha propriedade. Também estou noivo e não posso, não posso e não irei deixar a Alemanha sem minha noiva. Então, se eu pudesse editar os mensageiros alemães com Herwegh em Zurique, eu gostaria disso. Não posso começar nada na Alemanha. Você está se falsificando aqui. Portanto, caso queira me dar conselhos e informações sobre este assunto, ficarei muito grato.

Estou trabalhando em várias coisas que nem a censura, nem o livreiro, nem qualquer existência possível podem encontrar aqui na Alemanha. Espero uma resposta sua o mais rápido possível.

61. Arnold Rüge para Karl Marx, em Köln

Dresden, 1/02/1843

A sua carta, caro amigo, trouxe-me as primeiras notícias do novo passo para a autocastração do espírito alemão.

Sentei-me imediatamente para lhe responder e tinha acabado de terminar quando Wigand veio de Leipzig e me impediu de enviá-lo. Porque a coisa é essa. Aceitei imediatamente sua sugestão de editar o mensageiro e estava prestes a escrever a Herwegh que achava que essa oferta seria desejável para ele e Froebel ao mesmo tempo; pois eu já havia pensado antes se Prutz não deveria ajudar o mensageiro e ajudar Herwegh, uma vez que Herwegh sozinho poderia querer começar o assunto um pouco suíço demais. Ele não cursou a escola alemã nem literária nem filosoficamente a fundo: Prutz, por outro lado, é um talento literário, embora lhe falte o filosófico. Prutz respondeu à minha sugestão, que não fiz unilateral como projeto porque ele estava me esperando em Leipzig hoje. Mas agora estou prejudicado por um negócio e, portanto, confiei tudo a Wigand. O próprio Wigand agora acha que seria bom se Prutz fosse para Zurique e Herwegh gostaria de trabalhar com Prutz no final. Por outro lado, Wigand gostaria de continuar os anuários na Suíça e pensa que os dois periódicos poderiam muito bem coexistir, pois teriam que passar sem a proibição. Isso sem dúvida sofre. Só temos que renomear os anuários e realmente transformá-los em um instituto semelhante à Revue indépendante, que se edita com muita inteligência, nem é preciso dizer que não colocamos nenhum romance neles.

Pois acho que podemos, de modo geral, manter o orçamento dos anuários e contar com vendas muito maiores assim que lidarmos profundamente com política e publicidade e, ao mesmo tempo, jogarmos a doutrina completamente ao mar. Você pode agora ter uma renda fixa de 550 ou 600%? É improvável que você pague mais de £ 30.250 em honorários de redator; pelo menos, seria necessária uma diligência extraordinária para aumentá-lo. Na melhor das hipóteses, então, a matéria concede para o início 850 «f. Se pudéssemos atingir um boom popular, um subsídio poderia ser obtido aumentando-se os honorários do escritor.

O orçamento dos anuários era de 15 folhas por mês = 180 folhas. Taxa editorial 180 Louisd'or, taxa de redação 360 Louisd'or. O primeiro nunca foi totalmente pago porque nunca tivemos mais de 600 clientes. No ano passado, Wigand pagou 429 pelo departamento editorial, nos 200 anteriores. Apenas no 6º ano ele quis pagar a soma total. Mas as chances para o nosso projeto são bem melhores, porque nos apresentamos como uma continuação, ou seja, como uma continuação política e popularizada, ou seja, podemos reivindicar para nós toda a precedência dos anuários.

Além disso, Wigand precisa de um estabelecimento próprio para a empresa e que você tenha que cuidar de todos os arranjos e da impressão correta. Isso deve acrescentar algo a você.

É assim que está a questão, e Wigand sabe muito bem que podemos criar um órgão importante e que seremos mais do que capazes de substituir os anuários assim que transferirmos a filosofia radical para a liberdade de imprensa. Mas não quero esconder de vocês que Wigand tem a honra de não permitir que Froebel e Herwegh (que se associará a Froebel) ganhem fama sem mais delongas, para ser o livreiro progressista e publicar os livros do último movimento. Wigand, portanto, não quis ouvir nada sobre isso quando eu disse a ele que agora se deveria lançar todas as suas forças no mensageiro.

O assunto realmente tem dois lados, já que não está em nosso poder dispor livremente do mensageiro e, claro, o projeto original do mesmo seria completamente alterado se nos atirmos nele com nossos pontos de vista, o que é claro também não temos veia da Suíça para ter. Além disso, depois que o *Gazeta Renana* foi banido, a imprensa da oposição alemã foi completamente destruída e o mensageiro mal conseguia suportar todo o seu peso. O mensageiro deve tentar substituir o *Gazeta Renana*, devemos substituir a artilharia pesada da filosofia, mas ambos representam um renascimento essencial.

Se concordar, cada um de nós redigirá um prospecto e, em seguida, nos reunirá para editá-lo e (trarei Wigand comigo) para concluir o contrato com o livreiro. Claro, mais alguns meses se passarão e depois poderemos viajar juntos para a Suíça, onde estou disposto a levar minha esposa na boa temporada. A noiva de Herwegh irá para Zurique em março. Não gostaria de ir antes de maio, mas se for preciso, nos encontraremos mais cedo e assim que você quiser.

Deixe-me saber sua opinião em breve e quanto mais especial, melhor. Uma coisa deve ser certa, que preferimos discutir continuamente as questões da crise política ou da consciência geral quando ela está começando a se delinear, isto é, estabelecemos uma publicidade muito precária. Se você quiser me enviar um rascunho de como você vê a perspectiva e se você concorda com a base que eu declarei discursivamente aqui, eu gostaria muito. Temos que usar o tempo intermediário para nos preparar para que depois possamos pular por baixo dos filisteus, inteiros e com armadura, e dar-lhes tudo de uma só vez. Uma "2ª autocrítica" das meias medidas nos anuários e no jornal, uma narração simples da nossa real libertação destes grilhões, que eu, como vós, senti com luxúria – que terá um efeito colossal e deve constituir a introdução.

Não ouço uma palavra dos berlinenses. Bauer tem grandes trabalhos pela frente e, como sempre, é trabalhador, Wigand me disse. Que sua raiva conosco se dissipe. Não há mais nada a ver com ele, já que está muito mal motivado. Os outros berlinenses não produzem nada primitivo e escrevem muito mais do que pensam; mas também não tenho mais notícias de suas atividades. Por outro lado, fiz novos conhecidos que respeito muito e que ficarão felizes em ouvir de nós.

De qualquer forma, podemos lidar com as coisas de maneira *supérieur* e tranquila que todos entendam que a liberdade de imprensa não é um dilúvio.

Mas eu termino para ver o começo do verdadeiro fim, que Deus entregou em nossas mãos, surgir ainda mais cedo. Entre em contato logo.

62. Georg Herwegh para Karl Marx, em Köln

Zürich ,17/02/1843

Querido amigo!

O documento anexo deixará suficientemente claro para você o motivo do meu longo silêncio e conterà a resposta completa à sua carta antes do fim. Com Zurique, não há nada à mão; eu não sei para onde estou indo; mas a apenas duas milhas daqui no início. Suas cartas ainda são endereçadas a Zurique. Assim que me casar, irei fazer uma viagem ao sul da França e à Espanha com minha esposa. Para o mensageiro alemão, reivindico sua contribuição mais ativa; aparecerá em todas as circunstâncias, e seria bom para mim se você me enviar contribuições de sua caneta para o primeiro trimestre do ano; o mais rápido que você puder, é claro. Faça algumas observações imprudentes e contrárias à censura sobre a proibição do *Deutscher Jahrbucher* e do *Gazeta Renana*; muito pode ser ligado a ele. – O que está encerrado é compreensível sem comentários e os suíços, sobretudo o liberalismo, que só tem o privilégio de incluir em suas fileiras tudo o que é sem caráter, deve receber um bom impulso. A imbecilidade dos nossos políticos manifestou-se eminentemente no facto de não compreenderem as petições que apenas afirmavam que o governo ultrapassava a sua competência.

Envie para o *Deutschen Boten* o que quer que esteja queimando em sua mente até que eu encontre algo mais específico para você. O editor pode lhe oferecer 40 f por um arco de oitava como uma taxa. Fiquei muito feliz em ver você e sua noiva conosco neste verão. Isso também se tornou água. Perseguido por todos os lados – bem, isso também é bom, pelo menos dá a sensação de que você existe.

63. Arnold Rüge para Karl Marx, em Köln

Dresden, 18/02/1843

Querido amigo,

Não considero as notícias sobre Herwegh autênticas ainda; Então Herwegh soube dessa intenção de Bluntschli e do partido de setembro antes mesmo de sua viagem, e neste caso ele pensou em se mudar uma hora e meia de Zurique e esperar lá por maio e as eleições para o Grande Conselho, em que o mês de setembro partido provavelmente seria derrubado. Dificilmente poderemos começar antes de 1º de julho, portanto, de qualquer forma, nos beneficiaremos com as eleições de maio se refletirmos sobre Zurique. Caso contrário, ainda há cantões suficientes abertos para nós, mesmo Estrasburgo e Bruxelas e outros maiores semelhantes. Quando sua tortura editorial em Colônia acabar, teremos que nos reunir, e o mais inteligente será que você venha a Leipzig, é claro, às custas do regimento e depois fique aqui em Dresden por alguns meses ou se apresse adiante para o local do nosso renascimento. Eu mesmo quero passar alguns meses com minha esposa na Suíça e no Reno no verão para ver velhos amigos e novas pessoas novamente, mas para conhecer minha esposa sobre um país e uma vida diferente. Ainda não considero necessário sair daqui e fazer um passeio errante com a família. Pelo contrário, ele vive e vive aqui tão bem quanto sob o domínio do filósofo suíço. É claro que é uma questão diferente com a Prússia, onde todos os dias eles fazem leis a partir de ordenanças e privilégios são uma forma comum.

Veja, caro amigo, que não tenho intenção de desenvolver nosso plano unilateralmente, e que considero absolutamente necessário que o façamos.

1, juntamente com Wigand discutir tudo exatamente e corrigi-lo,

2 que então também trataremos o assunto pessoalmente na Suíça ou onde quer que seja, para que possamos ser totalmente afastados de todo o trabalho penoso das autoridades locais.

3 que desejo muito ansiosamente uma boa temporada para a viagem à Suíça, mas é claro que sacrifico meus desejos em caso de emergência – embora nem seja preciso dizer que apenas Wigand é necessário para o estabelecimento

do outro lado da fronteira, e que eu ainda posso esperar por mim mesmo se Wigand quiser ir na expedição em abril.

Ver Bluntschli novamente, que conheço pessoalmente, deve ser muito divertido. Depois das eleições de maio, se forem derrotados, o assunto ficará ainda mais picante do que antes, quando a religião ainda triunfa.

Por meio de uma correspondência na *Gazeta de Leipzig*, que também designei a Wigand para o *Renana*, enviei notícias preliminares de que continuaremos os anuários juntos. Eu mesmo ainda não consegui explicar isso com a nossa assinatura, porque teria cancelado imediatamente a minha reclamação ao parlamento estadual e não quero impedir o andamento deste assunto. As *Anekdotas* publicadas já há muito tempo ainda não chegaram. Froebel parece ser muito lento.

Quando tivermos certeza da localização, forma, modo de envio e todas essas características externas – só então queremos que nosso prospecto, que é muito importante, saia para o mundo.

Nesse ínterim, a reação pode levar suas pegadinhas no escuro, pois como nós mesmos ainda deixamos tudo em suspenso, nem Berlim, nem Basel, nem Zurique serão astutos o suficiente para botar o ovo não posto com antecedência.

Dê minhas calorosas saudações a Jung. Em algumas semanas, falarei com Wigand. Então, escreverei imediatamente o que combinamos sobre nosso encontro e as próximas viagens.

Cada mensagem sua me interessa. Não esconda nada de mim e me escreva assim que encontrar um motivo.

Daqui corresponde um certo Pfützner para o jornal, que realiza o seu trabalho de forma muito descuidada e ao mesmo tempo polemiza os ministros de uma forma desajeitada, contando piadas de mau gosto e não entrando no assunto em si. Desse modo, ele distorceu muitos fatos que mais tarde foram refutados pelas comunicações do parlamento estadual. Outro dia ele foi tão indiscreto que uma conversa entre o Ministro e Todt, que havia acontecido no vestiário, foi transferida para o quarto. Konneritz provavelmente havia dito brincando a Todt no vestiário: "Ele só sugaria um novo veneno dos arquivos", e Pfützner está transferindo essa afirmação não parlamentar para a câmara. Você

poderia pedir a ele para entrar se quisesse denunciar e que ele não fez isso depois de ouvir o museu. Mas documentos como a resposta da deputação ao *Decret des Konneritz*, que era contrário à constituição, deveriam ter sido copiados para você pelo menos na íntegra. Agora você terá que retirá-los do Leipziger.

Um correspondente melhor é Wittig e Leupoldt Addr Arnoldsche Buchhandlung seria ainda melhor. Mas nós, nomeadamente eu através de Leupoldt, referimos repetida e urgentemente os procedimentos de H. Pfützner. Talvez ajude. Leupoldt correspondit para Brockhaus. Eu mesmo não posso interromper nenhum momento para ir para a sala pela manhã e ter que admitir que não estou com vontade de usar o prazo do jornal e esbarrar na tesoura desse censor. Ainda devemos nos surpreender ao ver que uma folha de papel interessante aparece de vez em quando. Com os melhores cumprimentos, até breve.

Envie a carta para Fleischer.

64. Arnold Rüge para Karl Marx, em Köln

Dresden, 26/02/1843

Querido amigo,

Aqui eu mando a *Anekdotas*. Que você goste do desconhecido e do conhecido seja uma memória agradável.

Hoje não consigo parar de escrever e me apressar para colocar as coisas no correio. Taxa e cálculo na semana da Páscoa.

Do meu coração

Seu

Envie o encarte para Fleischer muito rapidamente.

65. Jenny von Westphalen para Karl Marx, em Köln

Kreuznach, início de março/1843

Embora na última conferência das duas grandes potências nada tenha sido estipulado em um determinado ponto, nenhum tratado sobre a obrigação de abrir correspondência foi concluído e, conseqüentemente, nenhum meio externo de coerção existia; assim o pequeno Schreiberchen sente com seus cabelos aparentemente cacheados abrir a dança com os sentimentos do mais profundo e íntimo amor e gratidão por você, meu querido, bom, único homem de coração. Quero dizer, você nunca seria melhor e mais doce e mais sincero, e ainda assim eu ficava encantado cada vez que você se separava e teria adorado tê-lo de volta várias vezes para dizer-lhe mais uma vez como, querido, o quanto eu te amo. Mas a última vez é a saída da vitória; Eu nem sei o quão querido você foi para mim no fundo do meu coração, quando eu não o vi mais fisicamente, e apenas a sua única imagem verdadeira estava tão vividamente na frente da minha alma, em toda a sua suavidade angelical e bondade, amor, soberania e brilho espiritual. Se ao menos você estivesse aqui agora, meu caro Karlzinho; quanta suscetibilidade à felicidade você encontraria em seu Wackerchen, sua pequena vifchen, e caso aparecesse mesmo com a pior tendência ou intenções maliciosas; Eu não tomaria nenhuma medida reacionária; Eu deitaria pacientemente minha cabeça, entregando-a ao menino mau. "O quê" como? – Luz, o quê, como, luz. Você ainda pensa em nossas conversas crepusculares, nossas festas de acenos, nossas horas de sono? Querido coração, quão bom, quão querido, quão indulgente, como você estava feliz!

Como é que a tua imagem se põe diante de mim de forma tão brilhante, vitoriosa, como anseia o meu coração pela tua presença constante, como treme em tua direção de prazer e deleite, como te segue com medo em todos os teus caminhos. Para o passaporte, para a Merten em ouro, para Papa Rügen, para a Panza, vou acompanhá-lo em todos os lugares, e seguir em frente e segui-lo. Eu poderia apenas pavimentar e aplainar todos os caminhos para você e limpar tudo que deve atrapalhar você. Mas não é nosso destino que também devemos intervir ativamente nas rodas do destino. Estamos condenados à passividade pela queda da ofensa de Madame Eva, nossa sorte é esperar, ter esperança,

tolerar, sofrer. No máximo, nos é confiada a meia de tricô, a agulha, a chave e o que é mais do mal; somente quando se trata de determinar o local de impressão dos anuários alemães é que o veto feminino interfere e desempenha de forma invisível um papel importante. Esta noite tive um pequeno porta-voz sobre Estrasburgo. Isso não deveria impedi-lo de voltar para casa se você traísse a Alemanha para a França dessa forma, e se não fosse possível que a soberania liberal também lhe desse uma notificação: “Por que você não emigra, ou melhor, fica longe quando você tá nos meus estados não está confortável”. Mas tudo isso é, como eu disse, o porta-voz e repreensão padrinho provavelmente saberá o que fazer; especialmente quando tal bolsa particular se esconde no fundo e sai com uma petição separada. Portanto, deixe o assunto descansar no colo de Abraão. – Esta manhã, quando me levantei, coloquei o xadrez de volta no lugar, peguei os tocos de charuto, limpei o pó de cinza; tentei destruir as "casas velhas", o lençol fechado caiu na minha mão. Então você cortou seu amigo Ludwig e deixou um lençol de amor aqui. Se você já passou, ainda haveria tempo, mas pelo homenageado Herr Buchbinder No caso de uma fita, é necessária com urgência. Já que todo o trabalho estava sujo. Você certamente desperdiçou mais folhas. Foi uma pena e uma pena. Chapéu as folhas soltas. Agora eu tenho que dizer a você quais dificuldades e infortúnios eu passei quando você se foi. Uma vez eu vi que você não cuidou de seus lanches e que os abandonou ao vento, ao clima, ao ar e a todas as vicissitudes do destino; sem tirar um pano útil. Isso deve ter suscitado sérias dúvidas. O barbeiro Secundo entrou tropeçando. Achei que estava lucrando muito, perguntei com uma delicadeza estranha quanto o médico lhe devia – a resposta foi 7 ' / 2Sgr. Então eu rapidamente puxei o facit na minha cabeça e 2 gr V2 foram salvos. Eu não tinha moedas; então eu dei a ele de boa-fé que ele mudaria – 8 Sgr. – O que Halluçk está fazendo. Ele agradece, embolsa tudo, meus 6 pf. foram embora e eu fui deixado para trás. Eu ainda estava prestes a repreendê-lo e ele não entendeu meu olhar triste ou sua mãe tentou me acalmar – em suma – os 6 pfennigs. estávamos lá – onde tudo que é bonito vai. Isso já foi um engano! – Agora, outro item de banheiro. Saí esta manhã e vi muitas dicas novas na loja de Wolf. Você não pode obtê-los baratos ou deixar alguém escolhê-los; então peço a você, querido coração, que deixe este artigo comigo. Em geral, querida, eu realmente

preferiria agora que você não comprasse nada, economizasse seu dinheiro na estrada. Olha, querida, estou com você e depois compramos juntos e se formos traídos, acontece na empresa – por favor, querida, pare de comprar agora. Também com o homem das flores. Receio que você tenha que dar muito e escolher juntos foi muito bom. Se você não se afastar das flores, leve-as na cor rosa. Isso fica melhor com meu vestido verde. Mas eu preferia que você deixasse todo o negócio. Bom coração, é melhor que você só faça isso quando for meu marido legalmente antiquado. E então mais uma coisa antes que eu esqueça. Confira minha última carta. Fiquei irritado quando caiu nas mãos de outra pessoa. Sua tendência não é exatamente muito benevolente e suas intenções são malévolas sem motivo. Eles latiram para você fugitivos quando você saltou? Ou eles mostraram misericórdia pela justiça? Oppenheim está de volta e Ciaessen um pouco mais. O Laf arge seguirá o exemplo assim que eu puder. Já entregou a carta ao Eiss? Os homens do passe estão dispostos? Querido coração, essas são as perguntas de fora, agora vem ao coração bem no meio. Você se segurou bem no amortecedor ou havia uma Madame Hermann a bordo novamente? Seu malandro. Eu quero afastar isso de você. Sempre no vapor. Tal. No contrato social, no nosso ato matrimonial, tenho viagens aleatórias documentadas com interdito e tais anormalidades são punidas de forma mais obstrutiva. Eu tenho todos os casos especificados e penalizados e crio uma segunda lei do casamento altamente embaraçosa semelhante à lei de terras. Eu quero pegar você. Ontem à noite eu estava morto de cansaço de novo, mas coloquei outro ovo. Portanto, os estoques de alimentos não estão em muito mau estado e, como os estoques de Düsseldorf, estão subindo. Esperançosamente, quando você vier, eles estarão prontos e o estado garantirá os juro. Mas agora adeus. Dói me separar. Mágoa. Adeus, meus queridos, homelagos pretos e doces, “O quê, como!” Eh, sua cara velhaca. Talatta, talatta adeus, escreva talatta, talatta logo.

66. Karl Marx para Arnold Rüge, em Dresden

Köln, 13/03/1843

Querido amigo!

Assim que possível, partirei direto para Leipzig. Acabei de falar com Stucke, a quem a maioria dos governantes de Berlim parece ter impressionado muito. O Dr. Stucke é um homem muito bom.

No que diz respeito ao nosso plano, por ora direi a você minha convicção. Quando Paris foi conquistada, alguns propuseram o filho de Napoleão para governar, outros Bernadotte e outros, finalmente, Luís Filipe. Mas Talleyrand respondeu: Louis XVIII ou Napoleão. Esse é um princípio: tudo o mais é intriga.

E, portanto, também gostaria de chamar quase tudo o mais, exceto Estrasburgo (ou no máximo a Suíça), não um princípio, mas uma intriga. Livros com mais de 20 folhas não são escritos para o povo. A coisa mais importante que você pode ousar fazer são os diários mensais.

Se os anuários alemães fossem permitidos novamente, obteríamos uma cópia tênue do adormecido felizmente, e isso não é mais suficiente hoje. Por outro lado, os anuários franco-alemães seriam um princípio, um acontecimento de consequências, um empreendimento pelo qual se pode entusiasmar. Claro, eu apenas falo minha opinião sem importância e me submeto aos poderes eternos de outros destinos.

Finalmente – e as lojas de jornais estão me forçando a fechar – quero compartilhar meu plano particular com você. Assim que concluíssemos o contrato, eu viajaria para Kreuznach e me casaria, mas moraria lá com a mãe de minha noiva por um mês ou mais, pois teríamos que trabalhar um pouco antes de irmos trabalhar. Além disso, poderia ficar em Dresden algumas semanas se necessário, visto que todas as histórias anteriores, exclamações, etc. demorar muito.

Sem nenhum romance, posso garantir que amo da cabeça aos pés, e com toda a seriedade. Estou noivo há mais de 7 anos e minha noiva travou as lutas mais difíceis que quase minaram sua saúde para mim, em parte com seus parentes pietistas-aristocráticos, para quem "o Senhor do Céu" e o "Senhor em Berlim" são o mesmo objeto de culto, em parte com minha própria família, na qual

alguns padres e outros inimigos meus passaram a residir. Eu e minha noiva, portanto, lutamos durante anos em conflitos mais desnecessários e agravantes do que muitas outras pessoas três vezes mais velhas e que falam constantemente de sua "experiência de vida" (palavra favorita de nosso *juste milieu*).

Falando nisso! Recebemos uma réplica anônima do relatório de Prutz sobre os novos anuários de Tübingen. Reconheci Schwegler por sua caligrafia. Você é caracterizado como um encenqueiro exagerado, Feuerbach como um zombador frívolo e Bauer como uma mente totalmente acrítica! Os Suábios! Os Suábios! Esta vai ser uma boa cerveja!

Publicamos um ensaio superficial de Pfützner sobre sua bela e genuinamente popular reclamação – apaguei metade dela – na ausência de melhores críticas e na falta de tempo. O p.p. nunca entra em detalhes suficientes, e os pequenos capríolos que ele corta tornam-se objeto de sorrisos em vez de ridicularizar seu inimigo.

Eu tenho os livros para o açougueiro. Sua correspondência inicial é interessante. Bauer em Ammon é delicioso. As "tristezas e alegrias da consciência teológica" parecem-me uma tradução malsucedida na seção da fenomenologia: "A consciência infeliz". Os aforismos de Feuerbach só estão errados comigo no sentido de que ele se refere muito à natureza e pouco à política. Mas essa é a única aliança por meio da qual a filosofia atual pode se tornar uma verdade. Mas as coisas provavelmente correrão bem, como no século 16, quando os entusiastas da natureza correspondiam a um conjunto diferente de entusiastas do estado. O que mais gostei foi a crítica ao bom "jornal literário".

Você provavelmente já leu a autodefesa de Bauer. Na minha opinião, ele nunca escreveu tão bem.

Quanto à *G. Ren.*, eu não ficaria sob nenhuma condição, não posso escrever sob censura prussiana ou viver no ar prussiano. O chefe dos israelitas locais acaba de vir até mim e me pede uma petição para os judeus fazerem a Dieta e eu o farei.

Por mais nojenta que seja a fé israelita para mim, a visão de Bauer parece muito abstrata para mim. É importante abrir tantos buracos no estado cristão quanto possível e contrabandear o que é razoável, tanto, para nós. Você

tem que tentar pelo menos – e a amargura cresce a cada petição que é rejeitada com um protesto.

67. Arnold Rüge para Karl Marx, em Köln

Dresden, 8/03/1843

Querido amigo,

Nosso projeto ainda tem sua natureza de Prometeu. Estrasburgo, os franceses e os alemães; – que coisa boa! e agora você pode ouvir como novas portas se abriram na vista desde então. Eu estava em Leipzig para falar com Wigand em resposta à sua primeira carta. Oppenheim e seu companheiro tinham acabado de deixá-lo para ir para Berlim e parecia que a situação não era tão desesperadora. Então, disse Wigand, talvez você ficasse. Sua carta de 3 de março mostra que você ainda está firme em sua decisão de partir, e o companheiro de Oppenheim acaba de chegar ao meu quarto para me dizer:

que eles não foram feitos em Berlim, nem mesmo permitidos.

Isso agora foi resolvido na medida em que você e eu estamos em competição com nosso plano. Mas agora nosso ministro retirou o antigo projeto de lei de imprensa e apresentou um novo: 20 folhas gratuitas e abolida a pós-censura. Isso provavelmente será aceito pelas arquibancadas e, assim, uma prática mais tolerável será restaurada em Leipzig. Bem, diz Wigand, devemos esperar para ver e continuar a coisa em Leipzig com 20 folhas cada. No entanto, ele ainda não está claro sobre tudo isso, porque, como está agora, é preciso primeiro ter tudo preto e branco para ganhar uma base apenas até certo ponto. Não me socializei com Wigand desde que Oppenheim voltou; mas veja que em Berlim se está mergulhando no esterco da confusão mais horrível com as rédeas no lugar. Wühler, na Saxônia, depende disso, e não seria surpreendente se, como resultado, toda a proposta fosse retirada pelo ministério.

Wigand agora teme que, se não fizer nada, ficará ligado a Froebel, como fiz com os Anecdotes, cuja sorte o intriga porque ele profetizou que ninguém os compraria e, portanto, não queria envergonhá-los. Agora, se descobrir que a edição está vendendo, o que suspeito; Froebel ficará feliz em continuar, e Wigand ficará igualmente feliz em manter a continuação formal dos anuários em sua companhia, mesmo que sua esperança de liberdade de lençóis seja envergonhada. De qualquer forma, você entende que estamos com o assunto praticamente em nossas mãos e que, para operar de uma forma ou de outra, seja

para acreditar na palavra de Wigand ou para escolher outra empresa, devemos negociar pessoalmente.

Você pode ter vindo aqui, quero dizer, morado aqui; mas, como eu disse, haverá a próxima audiência na Câmara nas próximas semanas e então – nossa própria audiência. Se a situação se arrastar, você pode esperar para ver por mim. Portanto, acho que você executará sua ameaça em qualquer caso e virá pessoalmente primeiro a Leipzig e depois aqui para que possamos encerrar a história.

Concordo plenamente com a sua opinião sobre Estrasburgo e os franceses, e devo confessar que estou extremamente tentado a participar pessoalmente nesta mediação e a fazer amizade espiritual com ambas as nações, por meio de um órgão meu. Sob certas circunstâncias, uma empresa para a empresa gostaria de ser encontrada até em Estrasburgo, e o sangue do velho vagabundo se agita em mim, que sempre vai para o sul quando eu só penso nisso.

A Comédia Infernal em Berlim está acontecendo; mas o público é muito apático, não se permite bater palmas ou assobiar.

Eu me prometo muito desde suas origens. Talvez possamos ir a Berlim por alguns dias. Mais tarde, quero ir para o Reno e para a Suíça com minha esposa. Então, temos que encontrar e conhecer sua noiva.

Mas chega de projetar.

Você pode então receber pessoalmente a taxa por seus 2 ensaios no Anekdotis 2 folhas e 3 páginas. Froebel provavelmente enviará a seu comissário uma mudança para Volkmar. Escrevi sobre isso há alguns dias.

68. Karl Marx para Arnold Rüge

Berlim, 03/1843

(Anais Franco-alemães)

Estou viajando para a Holanda agora. Pelo que posso ver nos jornais locais e franceses, a Alemanha anda fundo na lama e está ficando cada vez mais. Garanto-lhe que, se você sente nada menos do que orgulho nacional, ainda sente vergonha nacional, mesmo na Holanda. O menor holandês ainda é um cidadão contra o maior alemão. E os julgamentos dos estrangeiros sobre o governo prussiano! Existe um acordo terrível, ninguém mais se engana sobre este sistema e sua natureza simples. Afinal, a nova escola fez algo de bom. O manto pomposo do liberalismo caiu e o mais repulsivo despotismo está em toda a sua nudez diante dos olhos do mundo.

Isso também é uma revelação, embora seja o contrário. É uma verdade que pelo menos nos ensina a conhecer o vazio de nosso patriotismo, a natureza não natural de nosso estado e a esconder nosso rosto. Eles olham para mim com um sorriso e perguntam o que ganham com isso? Você não faz uma revolução por vergonha. Eu respondo: a vergonha já é uma revolução; é realmente a vitória da Revolução Francesa sobre o patriotismo alemão, pela qual foi derrotada em 1813. A vergonha é um tipo de raiva que se retira. E se toda uma nação realmente tivesse vergonha, seria o leão que se retiraria para saltar dentro de si. Admito que mesmo a vergonha ainda não existe na Alemanha; pelo contrário, essas pessoas miseráveis ainda são patriotas. Mas que sistema deveria expulsar o patriotismo deles senão este ridículo do novo cavaleiro? A comédia de despotismo que está sendo encenada conosco é tão perigosa para ele quanto já foi uma tragédia para os Stuarts e os Bourbons. E mesmo que essa comédia não fosse tomada pelo que é por muito tempo, ainda seria uma revolução. O estado é muito sério para ser transformado em um arlequim. Alguém poderia, talvez, deixar um navio idiota flutuar diante do vento por um bom tempo; mas foi contra seu destino precisamente porque os tolos não acreditaram nisso. Esse destino é a revolução que nos espera.

69. Arnold Rüge para Karl Marx, em Köln

Dresden, 19/03/1843

[...] Sua carta, caro amigo, está absolutamente certa sobre o princípio do Gallo germânico. Mas no final dependerá da ação quando se trata de realização. Wigand é alguém que, se não entende as coisas, pelo menos desconfia, e eu o preparei. É estranhamente apropriado que Froebel o ofereça para abrir sua própria empresa com ele em Bruxelas. Dificilmente acredito que Wigand aceitará isso, pois ele é ambicioso demais para operar com Froebel; no entanto, este fermento no próprio comércio de livros dá um impulso paralelo aos nossos planos, e talvez tudo esteja pronto em algumas semanas.

[...] concordo com você sobre a unilateralidade natural de Feuerbach. Mas também tem muito significado político, só que ele pensa que as coisas na Alemanha não podem ser tratadas de outra forma a não ser a partir da teologia. Não podemos prescindir da religião, é verdade, mas com tudo isso já existe uma verdadeira atmosfera política muito purificada que quer ser cultivada, iluminada e aquecida. [...]

70. Arnold Rüge para Karl Marx

03/1843

(Anais franco-alemães)

“É uma palavra dura e, no entanto, digo porque é a verdade: não consigo pensar em um povo que fosse mais dilacerado do que os alemães. Você vê artesãos, mas não pessoas, pensadores, mas não pessoas, mestres e servos, meninos e pessoas calmas, mas não pessoas. – Não é um campo de batalha onde mãos e braços e todos os membros são desmembrados, enquanto o sangue da vida que foi derramado se derrete na areia?” Hölderlin no Hyperion. – Esse é o lema do meu humor e infelizmente não é novo; o mesmo objeto tem um efeito semelhante nas pessoas de vez em quando. Sua carta é uma ilusão. Sua coragem me desanima ainda mais.

Vamos vivenciar uma revolução política? nós, contemporâneos desses alemães? Meu amigo, você acredita no que quiser. Oh, eu sei disso! É muito doce ter esperança e muito amargo deixar de lado todas as ilusões. Há mais coragem no desespero do que na esperança. Mas é a coragem da razão, e chegamos a um ponto em que não podemos mais estar enganados. O que estamos vivenciando neste momento? Uma segunda edição das Resoluções Karlsbad, aumentada pela omissão da prometida liberdade de imprensa e melhorada pela promessa de censura, – um segundo fracasso das tentativas de liberdade política, e desta vez sem Leipzig e a Belle Alliance, sem esforços dos quais tínhamos razão para descansar. Agora descansamos do resto; e a simples repetição da velha máxima despótica, a cópia de seus documentos, nos faz descansar. Caímos de uma vergonha em outra. Tenho exatamente o mesmo sentimento de pressão e degradação que tive na época da conquista napoleônica, quando a Rússia impôs uma censura mais rígida à imprensa alemã; e se você encontra algum consolo no fato de que agora temos a mesma franqueza que medíamos então, isso não me conforta de forma alguma. Quando Napoleão, em Erfurt, disse aos simpatizantes alemães que se dirigiam a ele como *notre prince*: *je ne suis pas votre prince, je suis vôtre maître*; ele foi recebido com aplausos estrondosos. E se a neve russa não o tivesse respondido, a indignação alemã ainda dormia. Não me diga que esta palavra impudente foi

vingada de maneira sangrenta, não me convença de que a vingança acidental foi necessária, que todos os povos caíram do despotismo nu e cru assim que foi totalmente revelado. Eu quero ver um povo que sinta sua desgraça sem todos os outros povos; eu chamo de revolução a inversão de todos os corações e o levantamento de todas as mãos pela honra dos povos livres, pelo estado livre que não pertence a nenhum mestre, mas é o próprio ser público, que pertence apenas a si mesmo. Os alemães nunca vão tão longe. Eles morreram historicamente há muito tempo. Nada prova que ela estava em campo em todos os lugares. Os povos conquistados e governados não são poupados da luta, mas são apenas gladiadores que lutam por um propósito estranho e, se seus mestres mantiverem o polegar para baixo, se estrangulam. “Veja como as pessoas estão fazendo por nós!” Disse o Rei da Prússia em 1813. A Alemanha não é o herdeiro sobrevivente, mas sim a herança que lhe é devida. Os alemães nunca contam de acordo com os combates, mas de acordo com o número de almas que podem ser vendidas ali. Eles dizem que a hipocrisia liberal está exposta. É verdade, ainda mais aconteceu. As pessoas ficam chateadas e ofendidas, ouve-se amigos e conhecidos discutindo entre si, em todos os lugares se fala sobre o destino dos Stuarts e quem tem medo de dizer palavras descuidadas pelo menos balança a cabeça para indicar que há um certo movimento à sua frente. Mas tudo fala e apenas fala: há apenas uma pessoa que confiava em sua indisciplina para ser comum? Será que um deles é tão tolo a ponto de julgar mal nossos filisteus e sua paciência imortal com as ovelhas? Cinqüenta anos depois da Revolução Francesa e da renovação de toda a insolência do velho despotismo, é o que vivenciamos. Não diga que o século XIX não o suporta. Os alemães resolveram esse problema. Eles não apenas o suportam, como também o suportam com patriotismo, e nós, que ficamos envergonhados, apenas sabemos que eles o merecem. Quem não teria pensado que esta reação cortante do falar ao silêncio, da esperança à desesperança, de um estado humano a um estado completamente escravo, iria excitar todos os espíritos, conduzir o sangue de todos ao coração e evocar um grito geral de indignação! O alemão nada tinha a não ser a liberdade dos espíritos, que uma pessoa que é serva de outra ainda pode ter, e também esta agora lhe foi arrebatada; os filósofos alemães eram servos de homens antes, eles falavam e ficavam em silêncio sob ordens, Kant

nos deu os documentos; mas foi tolerada a audácia de que em abstracto declarassem o homem livre. Agora, essa liberdade, a chamada científica ou o princípio, que afirma não ser realizado, foi abolida e, claro, já se encontraram muitas pessoas que pregam a fé de Tasso:

Glaubt nicht, dass mir
Der Freiheit wilder Trieb den Busen blaehet.
Der Mensch ist nicht geboren frei zu sein.
Und für den Edlen ist kein schoener Glück,
Als einem Fürsten, den er ehrt, zu dienen.

Devemos objetar: e se ele não o honrar? então eles repetem: para ser livre, ele não nasce. É sobre seu conceito, não sua sorte. Sim, Tasso tem razão, quem serve uma pessoa e se chama escravo pode sentir-se feliz, pode até sentir-se nobre, a história e a Turquia o comprovam. Admitido, então, que um conceito não seja humano e ser livre, mas humano e servo, então o velho mundo é justificado.

Anos depois da revolução, os alemães não tinham objeções ao fato de as pessoas nascerem para servir e serem propriedade de seus senhores inatos. Os príncipes alemães se reuniram na Confederação Alemã para restaurar sua propriedade privada da terra e do povo e para abolir os "direitos humanos". Isso era antifrancês, eles foram aplaudidos. Agora, segue a teoria desse fato e porque a Alemanha não deveria ouvi-la sem relutância! Por que não se consolar do seu destino com o pensamento de que tem que ser assim, o homem não nasceu para ser livre?

E assim é, esse gênero realmente não nasceu para ser livre. Trinta anos, politicamente desolado e sob pressão tão degradante que até mesmo os pensamentos e sentimentos do povo eram supervisionados e regulados pela polícia secreta da censura, deixaram a Alemanha politicamente mais fútil do que nunca. Dizem que o navio dos tolos, que é um jogo de vento e ondas, não escapará de seu destino, e que o destino é a revolução. Mas você não acrescenta que essa revolução é a recuperação de tolos, pelo contrário, sua imagem só leva à ideia de condenação. Mas também não vou admitir a queda

que ainda é esperada. Fisicamente, esse povo útil não perece e, espiritualmente ou com sua existência como um povo livre, há muito acabou.

Se eu julgar a Alemanha por sua história passada e presente; então você não vai objetar a mim que toda a sua história é falsificada e toda a sua esfera pública atual não representa o estado real das pessoas. Leia os jornais que você quiser, certifique-se de não parar – e você admitirá que eles são Censura não impede ninguém de parar – elogiando a liberdade e a felicidade nacional que temos; e então você diz a um inglês, a um francês ou mesmo a um holandês que isso não é da nossa conta e do nosso caráter.

O espírito alemão, pelo que parece, é vil, e não hesito em dizer que, se não aparece de outra forma, é apenas culpa de sua natureza vil. Ou você quer elevar sua existência privada, seus méritos tranquilos, suas conversas de mesa não impressas, seu punho em seu bolso tão alto que a vergonha de sua aparência presente poderia ser lavada novamente pela honra de seu futuro? Ou você quer elevar sua vida privada, seus méritos tranquilos, suas conversas de mesa não impressas, seu punho em seu bolso tão alto que a vergonha de sua aparência presente poderia ser lavada novamente pela honra de seu futuro? Oh, esse futuro alemão! Onde sua semente é plantada? Na vergonhosa história que vivemos até agora? Ou no desespero de quem tem um conceito de liberdade e honra histórica? Ou mesmo na zombaria que os povos estrangeiros despejam sobre nós e depois nos fazem sentir da maneira mais sensível quando é o que é melhor para nós?

Por causa do grau de insensibilidade e depravação política a que realmente caímos, eles nem podem imaginar. Basta ler o Times sobre a repressão à imprensa na Prússia. Leia como os homens livres falam, leia o quanto de autoestima eles ainda confiam em nós, nós que não temos nenhuma, e lamentamos a Prússia, lamentamos a Alemanha. Eu sei que pertenço; não pense que eu quero escapar da vergonha geral. Você me reprova por não fazer melhor do que os outros, me desafia a inaugurar uma nova era com o novo princípio e a ser um escritor seguido por um século livre, você deve dizer qualquer amargura, estou nele recolhido. Nosso povo não tem futuro, qual é a nossa reputação?

71. Karl Marx para Arnold Rüge

Primeira quinzena de 05/1843

(Anais franco-alemães)

Sua carta, meu caro amigo, é uma boa elegia, uma canção fúnebre de tirar o fôlego; mas não é nada política. Ninguém se desespera, e mesmo que deva esperar muito tempo por causa da estupidez, depois de muitos anos eles de repente realizam todos os seus desejos piedosos por causa de uma sabedoria repentina.

Sim, você me contagiou, seu tema ainda não se esgotou, quero acrescentar o final e, quando tudo acabar, você vai me dar a mão para que possamos começar tudo de novo. Que os mortos enterrem seus mortos e chorem. Por outro lado, é invejável ser o primeiro a entrar com vida em uma nova vida; este deve ser o nosso lote.

É verdade, o velho mundo pertence ao filisteu. Mas não devemos tratá-lo como um bicho-papão, do qual nos afastamos ansiosamente. Em vez disso, precisamos ficar de olho nisso. Vale a pena estudar este Senhor do Mundo.

Claro, ele é o senhor do mundo apenas quando o preenche com sua sociedade, como vermes um cadáver. A sociedade desses senhores, portanto, não precisa de nada mais do que um número de escravos, e os donos dos escravos não precisam ser livres. Se, por causa de sua propriedade em terras e pessoas, eles são chamados de senhores no sentido eminente, eles não são menos filisteus do que seu povo.

Seres humanos, que seriam seres espirituais, homens livres, republicanos. Os filisteus não querem ser os dois. O que resta para eles serem e quererem?

O que eles querem, viver e se reproduzir (e, além disso, diz Goethe, ninguém traz), isso é o que os animais também querem, no máximo um político alemão teria que acrescentar algo, mas o homem sabe que ele quer e que é alemão então prudente não querer mais nada.

A autoestima do homem, a liberdade, só teria que ser despertada novamente no seio dessas pessoas. Só este sentimento, que desaparece com os gregos do mundo e com o cristianismo na névoa azul do céu, pode tornar a

sociedade uma comunidade de pessoas para seus propósitos mais elevados, um estado democrático.

As pessoas, por outro lado, que não se sentem gente, crescem na direção de seus senhores, como criadores de escravos ou cavalos. Os mestres ancestrais são o objetivo de toda esta sociedade. Este mundo é deles. Você a considera como ela é e como ela se sente. Eles se consideram como se encontram; e ficar onde cresceram seus pés, no pescoço desses animais políticos, que não têm outro destino a não ser "sujeitar-se a eles, ser gentil e esperar".

O mundo filisteu é o mundo animal político e, se temos que reconhecer sua existência, não temos escolha a não ser simplesmente concordar com o status quo. Séculos bárbaros o produziram e desenvolveram, e agora ele existe como um sistema consistente, cujo princípio é o mundo desumanizado. O mundo filisteu mais perfeito, nossa Alemanha, naturalmente teve que ficar muito atrás da Revolução Francesa, que restaurou o homem; e o Alemão Aristóteles, que queria tirar sua política de nossas condições, escreveria em seu cabeçalho: "O homem é um animal sociável, mas completamente apolítico", mas não poderia explicar o estado mais corretamente do que Herr Zöpfl, o autor do "Direito constitucional na Alemanha", já fez. Segundo ele, trata-se de uma "associação de famílias" que, continuemos, pertence hereditária e peculiarmente a uma das famílias mais altas, a chamada dinastia. Quanto mais férteis as famílias, mais felizes as pessoas, maior o estado, mais poderosa a dinastia, razão pela qual na despótica Prússia normal um bônus de 50 Rthlrn (Reichstaler) é dado para o sétimo menino.

Os alemães são tão realistas sensatos que todos os seus desejos e pensamentos mais elevados não se estendem além da vida nua. E essa realidade, nada mais, é aceita por aqueles que a dominar. Essas pessoas também são realistas, estão muito distantes de todo pensamento e de toda grandeza humana, oficiais e escudeiros comuns, mas não se enganam, têm razão, eles, como são, são perfeitamente suficientes para usar este reino animal e dominar, porque dominar e usar é um conceito, aqui como em toda parte. E se eles aceitam homenagens e olham por cima das cabeças abundantes desses seres sem mente, o que está mais próximo deles do que o pensamento de

Napoleão sobre a Berezina? Diz-se que ele apontou para a multidão de pessoas que se afogavam e gritou para seu companheiro: *Voyez ces crapauds!*

Essa fofoca é provavelmente uma mentira, mas não é menos verdade. O único pensamento do despotismo é o desprezo pelo homem, o homem desumanizado, e esse pensamento tem a vantagem sobre muitos outros de ser ao mesmo tempo um fato. O déspota sempre vê as pessoas degradadas. Eles se afogam diante de seus olhos e para ele na lama da vida comum da qual eles, como as rãs, sempre emergem. Se até mesmo pessoas que eram capazes de grandes fins, como Napoleão antes da loucura de sua dinastia, são forçadas a ter essa visão, como um rei comum deveria ser um idealista em tal realidade?

O princípio da monarquia em geral é o homem desprezado, desprezível, desumanizado; e Montesquieu está muito errado em gastar a honra com isso. Ele se apoia na distinção entre monarquia, despotismo e tirania. Mas esses são nomes de um conceito, no máximo uma diferença moral no mesmo princípio. Onde o princípio monárquico está em maioria, há pessoas em minoria; onde não há contestação, não há pessoas. Por que um homem como o rei da Prússia, que não tem evidências de que é problemático, deveria apenas seguir seu estado de espírito? E agora ele faz, qual é o resultado? Intenções conflitantes? Bem, nada vai sair disso. Tendências impotentes? Eles ainda são a única realidade política. Vergonhas e constrangimentos? Existe apenas uma vergonha e apenas um constrangimento, a descida do trono. Contanto que o clima permaneça no lugar, ele está certo. Lá ela pode ser tão inconsistente, tão sem cabeça, tão desdenhosa quanto ela quiser; ainda é bom o suficiente para governar um povo que nunca conheceu qualquer outra lei além da arbitrariedade de seus reis. Não estou dizendo que um sistema sem cabeça e a perda de respeito interna e externamente não terão consequências, não aceito a *Assecurranz* do Navio dos Tolos; mas afirmo que o rei da Prússia será um homem de seu tempo enquanto o mundo errado for o real.

Você sabe que me ocupo muito com este homem. Mesmo então, quando ele só tinha o *Berliner Politische Wochenblatt* em seu órgão, reconheci seu valor e sua finalidade. Já na homenagem em Königsberg, ele justificou minha suposição de que a questão agora se tornaria puramente pessoal. Ele declarou seu coração e mente a favor da futura lei constitucional do domínio prussiano,

seu estado; e, de fato, o rei é o sistema na Prússia. Ele é a única pessoa política. De uma forma ou de outra, sua personalidade determina o sistema. O que ele faz, ou o que você o deixa fazer, o que ele pensa, ou o que você coloca em sua boca, é o que o estado pensa ou faz na Prússia. Portanto, é realmente um mérito que o atual rei tenha declarado isso de forma tão direta. Só por um tempo foi errado que fosse considerado importante quais desejos e pensamentos o rei agora traria à luz. Isso não poderia mudar nada no assunto, o filisteu é o material da monarquia e o monarca é sempre apenas o rei dos filisteus; ele não pode fazer a si mesmo nem a seu povo libertar pessoas reais se ambas as partes permanecerem o que são.

O rei da Prússia tentou mudar o sistema com uma teoria que seu pai realmente não tinha. O destino dessa tentativa é conhecido. Ele falhou completamente. Totalmente natural. Uma vez que se chega ao mundo animal político, não há outra reação senão a ele, e nenhum outro avanço a não ser deixar suas bases e passar para o mundo humano da democracia.

O velho rei não queria nada extravagante, ele era um filisteu e não pretendia ser um fantasma. Ele sabia que o estado servo e suas posses só precisavam de uma existência prosaica e tranquila. O jovem rei estava mais vivo e alerta, pensava muito mais na onipotência do monarca, que só é limitado pelo coração e pela mente. O antigo estado servo e escravo ossificado o enojava. Ele queria trazê-lo à vida e impregná-lo completamente com seus desejos, sentimentos e pensamentos; e ele poderia exigir isso, ele em seu estado, se apenas quisesse ter sucesso. Daí seus discursos liberais e derramamentos do coração. Não a lei morta, mas o coração pleno e vivo do rei deve governar todos os seus súditos. Ele queria colocar todos os corações e mentes em movimento para os desejos de seu coração e planos longamente nutridos. Houve um movimento; mas o resto dos corações não batia como o seu, e os governados não podiam abrir a boca sem falar da abolição da velha regra. Os idealistas, que têm a insolência de querer transformar o homem em homem, tomaram a palavra e, enquanto o rei fantasiava em alemão antigo, pensaram que podiam filosofar em alemão novo. No entanto, isso era inédito na Prússia. Por um momento a velha ordem das coisas parecia virada de cabeça para baixo, sim, as coisas começaram a se transformar em pessoas, havia até gente conhecida, embora dar

nome a elas não seja permitido na dieta; mas os servos do velho despotismo logo puseram fim a essa agitação não-alemã. Não foi difícil atender aos desejos do rei, que delira sobre um grande passado repleto de padres, cavaleiros e servos, com as intenções dos idealistas, que apenas as consequências da Revolução Francesa, em última análise, sempre uma república e uma ordem de humanidade livre em vez de Ordem das coisas mortas deseja trazer para um conflito tangível. Quando este conflito se tornou severo e desconfortável o suficiente, e o rei irascível estava suficientemente excitado, os servos, que anteriormente guiavam o curso dos negócios com tanta facilidade, aproximaram-se dele e declararam que o rei não faria nenhum bem para induzir seus súditos a falar inutilmente, eles não seriam capazes de governar o sexo das pessoas que falam [Hesíodo, provavelmente]. Até o mestre de todos os russos da retaguarda ficara inquieto com o movimento nas cabeças dos russos da frente e exigia a restauração do antigo estado de calma. E houve uma nova edição do antigo respeito por todos os desejos e pensamentos das pessoas sobre os direitos e deveres humanos, ou seja, o retorno ao antigo estado de servo ossificado em que o escravo serve em silêncio e o dono da terra e do povo apenas através servos bem desenhados e quietos, se possível, há silêncio. Nenhum deles pode dizer o que quer, nem aquele que quer que se faça humano, nem o outro que não pode precisar de ninguém em seu país. O silêncio é, portanto, o único meio de informação. *Muta pecora, prona et ventri obedientia* ["O rebanho é silencioso, dócil e obedece ao estômago."].

Esta é a tentativa malsucedida de abolir o estado filisteu em sua própria base; foi rejeitado porque deixou clara a necessidade da brutalidade e a impossibilidade da humanidade para o despotismo do mundo. Um relacionamento brutal só pode ser mantido com brutalidade. E aqui estou encerrado com nossa tarefa comum de olhar para o filisteu e seu estado. Eles não dirão que tenho o presente muito alto, e se ainda não me desespero com isso, é apenas sua própria situação desesperadora que me enche de esperança. Não estou falando da incompetência dos senhores e da indolência dos servos e súditos que deixam tudo correr como agrada a Deus; e, no entanto, os dois juntos foram suficientes para causar uma catástrofe. Só chamo sua atenção para o fato de que os inimigos do filisteísmo, em uma palavra, todos os pensantes e todos os

que sofrem, chegaram a um entendimento, para o qual antes careciam de meios, e que mesmo o sistema reprodutivo passivo dos antigos súditos todos os dias recrutas para o Serviço da nova humanidade anuncia. O sistema de aquisição e comércio, de posse e exploração de pessoas, no entanto, leva muito mais rápido do que o aumento da população a uma ruptura na sociedade atual, que o antigo sistema não pode curar porque não cura e cria de forma alguma, mas apenas existe e desfruta. A existência da humanidade sofredora, que pensa, e da humanidade pensante, que está oprimida, deve necessariamente se tornar intragável e indigesta para o gozo passivo e irrefletido do mundo animal do filisteísmo.

Do nosso lado, o velho mundo deve ser completamente atraído para a luz do dia e o novo deve ser positivamente desenvolvido. Quanto mais os acontecimentos permitirem à humanidade pensante refletir e ao sofrimento se recompor, mais perfeito virá ao mundo o produto que o presente carrega em seu colo.

72. Arnold Rüge para Karl Marx, em Kreuznach

Dresden, 4 e 7/06/1843

Finalmente, em 31 de maio, Froebel veio. Ele reclama muito da feira e do crédito escandalosamente longo que os livreiros pedem. Já concordei com ele em começarmos com outubro, se possível; que estaremos com você na viagem de volta de Paris. Talvez eu já possa na jornada de ida. Enfim ele não pode viajar antes de agosto e acha que seria melhor porque você corre o risco de perder pessoas mais cedo. Se eu fosse viajar ainda mais cedo, não estaria com Froebel em Paris o tempo todo. Mas isso será encontrado. B. Bauer quer participar. Ele teria corrido e devastado todos e, a princípio, pensado: agora tudo deve se desintegrar e todos devem operar por conta própria; quando soube que estávamos prestes a fundar uma folha energética de radicalismo, ele se virou e disse que, se fosse esse o caso, ele não queria se excluir. Os outros enganaram Froebel e causaram a impressão que jamais poderiam deixar de causar, ou seja, a dos meninos estúpidos.

Estou estranhamente surpreso com outro fato que a passagem de estrangeiros e a temporada me trazem: a saber, a atividade incomum dos liberais em esforços bastante inesperados. Assim, os fabricantes e proprietários de engenhos da Silésia que jazem nos rios privados iniciaram um processo de protesto muito enérgico contra a lei da aspersão, que a nobreza e os camponeses aprovaram sem ouvir seus interesses e que consideram colocar em risco sua indústria. Os detalhes são muito interessantes; e que mesmo este assunto privado selecionado, que não deveria ter nenhum interesse, se torna um princípio – é uma comédia do destino que é digna do que foi dito até agora. Sua Majestade esteve inacessível e respondeu a esta ideia, que veio por escrito com a já conhecida forma de repreensão, a segunda ideia ainda mais forte – as pessoas declararam que teriam de emigrar se a lei fosse seriamente cumprida – é agora acessível.

A oposição liberal à sopa de leite está realizando um congresso na propriedade de Itzstein, perto de Frankfurt, que provavelmente fará muito barulho em breve.

Finalmente, uma palavra sobre nossa literatura além do Reno e sua distribuição.

Froebel quer mais capital de giro para sua ação e negociou comigo sobre isso. Tive agora a ideia de tentar descobrir se não seria possível criar 1000 ações a 50,50 por juros de quatro por cento e vender “para fundar uma livraria liberal e sem impressão e continuar os anuários com ela. Mas o assunto está em grande dificuldade. Os principais lugares seriam Colônia, Königsberg, Berlim, Breslau e o povo de Colônia agora está farto e preguiçoso com suas malas. No entanto, isso seria uma espécie de excitação para o partido liberal. Basta perguntar a Jung o que ele acha do assunto e se foi bem-sucedido em Colônia.

Froebel definitivamente dirigirá nossa empresa e publicará a revista; mas ele daria à sua editora um grande impulso pró pátria se colocasse fundos ainda maiores à sua disposição. Isso deve ser possível: a única questão é como?

Eu queria escrever para você com mais detalhes sobre todos os tipos de coisas. Mas agora vou levar minha cunhada para a Suíça Saxônica amanhã e não queria deixar a carta por aí por tanto tempo.

Saudações de todos nós e, também, nossos melhores parabéns a você e sua jovem.

Imaginem: Nostitz fez o discurso na inauguração da estátua do velho Padre August e eu tive a sorte de ser membro da deputação do conselho da cidade entre 60 dos 7 eleitos. Então ouvi tudo de muito perto: palavras inéditas! agora eles provavelmente serão impressos

73. Arnold Rüge para Karl Marx, em Kreuznach

Dresden, 17/07/1843

Querido amigo,

Estou doente há mais de 8 dias e só irei viajar na quarta-feira, dia 19. Ao meio-dia estarei em Nuremberg no dia 21, perto de Feuerbach em Bruckberg no dia 22, no dia 23 estarei em Würzburg, no dia 24 em Frankfurt e no dia 25 estarei com vocês em Kreuznach. Espero encontrar você lá.

Eu escrevi para você; mas nenhuma resposta de você. Enquanto isso, tudo é esclarecido por si mesmo.

Dê meus cumprimentos à sua jovem esposa; prazer em conhecê-lo.

Minhas mulheres os saúdam calorosamente.

Então adeus!

Seu

74. Arnold Rüge para Karl Marx, Kreuznach

Paris, 11/08/1843

Froebel deve ter escrito a você como nos saímos em Colônia. Desde então, tenho visto Bruxelas e agora Paris desde o dia 9. Por mais curta que seja a visita a ambos os lugares, em geral vi muito mais do que poderia saber de antemão. Bruxelas é muito mais isolada da vida alemã do que Paris. Aqui estão todos os jornais e livros, sem contar as 85.000 pessoas da nossa simpática pátria, em Bruxelas, ao contrário, faltam em todos os cantos. Os acadêmicos alemães lá são muito pobres para conseguir AUs e o público alemão não é grande o suficiente para empregar uma livraria alemã como esta. Por outro lado, Bruxelas é muito mais livre em termos de imprensa. As leis de setembro, os pagamentos de custódia e tudo o mais, que é terrível aqui agora, estão faltando em Bruxelas. A imprensa secundária de Bruxelas é formalmente bastante gratuita; mas o *Büding* está tão lá atrás que toda a Bélgica não tem um único jornal liberal, muito menos democrático. Foi dito que não encontraria leitores. Os alemães queriam muito uma livraria geral ali, mas a editora de livros alemães em Bruxelas parece ter grandes dificuldades, embora a rota marítima esteja muito próxima devido à ferrovia de Ostend. Os professores universitários são parcialmente democratas. Agora o Krausian Ahrens está partindo. Ele foi chamado para Leyden. Os juristas democráticos e farmacêuticos queriam usar isso para trazer um novo fermento para a história. Eles haviam planejado, portanto, que Ahrens aceitasse o emprego em Leyden e depois me oferecesse essa cátedra, que custava de 4 a 5 mil francos. Mas Ahrens quer ficar até a Páscoa e tomar um Krausian (o Leonhardi em Heidelberg) em seu lugar. Ele falou contra mim com "horror". Ele traiu formalmente o partido mais livre e, por enquanto, estava completamente desacreditado pelo *divectorium*.) Os democratas livres são chamados de Maynz, Ahrens (outro Ahrens, não o filósofo), Altmeyer, Breyer. Os 3 primeiros são advogados, os últimos são farmacêuticos. Você pode pensar que eles ficaram muito satisfeitos em me informar oralmente sobre suas intenções, derrotas e esperanças; e, de minha parte, ouvi as UAs com grande interesse e dei-lhes o máximo de informações que pude sobre nós, alemães, e o curso do movimento intelectual dos últimos tempos, que eles compreenderam apenas de maneira incompleta. No final,

aconselhei-os, caso conseguissem, a não me propor, mas a sugerir Feuerbach, e dei-lhes as notas necessárias sobre ele. Escreverei a Feuerbach sobre isso hoje.

Aqui em Paris, logo me convenci da impossibilidade total de você e eu sermos tratados e licenciados como puros homens de negócios; Todos os políticos e empresários com quem falei concordam plenamente nisso e também nas dificuldades intransponíveis para um terceiro estranho. Mas isso não importa: se tivermos apenas dinheiro, será muito fácil imprimirmos basicamente "livros" tanto quanto quisermos. De modo geral, minha experiência até agora tem sido agradável e continua em nessa direção, *mutatis mutandis*, acertamos com nossa visão original do assunto. Acho que vou visitar Elliot hoje, Leroux está aqui, Proudhon em Besançon. Proudhon editou um novo livro grosso sobre um sistema formal: *Création de l'ordre dans l'humanité*, ou *Principes d'organization politique*. O sistemático e o categórico são muito fracos: por outro lado, ele é radical até mesmo contra a religião. Ele começa com sua negação, e chama de sofistas da filosofia anterior, a que se opõe à ciência. Não fui muito longe com a leitura: mas posso ver que sua prática é melhor do que sua lógica e sua superstição em um sistema absoluto.

Hess viajou de volta comigo e mora acima de mim no Hôtel de la Gironde, rue quinze vingt Rivoli. Hess é um tanto desajeitado e sem senso de forma: do contrário, ele tem uma compreensão prática. Ele dificilmente se tornará um grande autor: mas é preciso desejar, porque *il faut faire peur*. Leia o suplemento que, um tanto corrompido por Hess e, portanto, melhorado, foi publicado por ele no *Kölnische Zeitung*.

Froebel deve ter lhe enviado o livro *Bluntschlian*.

Aqui eu vi o velho Cabet, um advogado astuto e muito inteligente, um homem que não tem ilusões e que julga com muito tato tudo o que é possível. Ele ouviu atentamente minhas comunicações sobre a Alemanha e o desenvolvimento de nosso jornal, expressou as ideias simples de humanismo em todas as esferas, de humanismo, que acaba de ser descoberto, com o acordo mais decisivo; o que o alemão laboriosamente adquire, os franceses vêm durante a noite. Fiquei muito interessado no homem e ele também suportou a mim e ao meu pobre francês com grande perseverança.

Ainda não vi políticos profissionais. As Bastilhas estão muito ocupadas; mas isso me parece uma grande tolice, tanto mais que ninguém acredita que toda a obra colossal estará realmente concluída. A agitação no calcário e no solo argiloso em frente ao portão, por onde passamos, causa uma impressão nojenta.

Dê a sua esposa meus melhores cumprimentos. Escreverei mais na próxima vez. Além disso, não parece ser mais caro morar aqui do que em Bruxelas. Um comerciante de Bremen comprou uma casa e um jardim aqui nos subúrbios por 16.000 francos e disse que a casa tinha 14 quartos. Em Bruxelas, um apartamento custa CHF 1000 por ano. Miethé.

75. Arnold Rüge para Karl Marx, Kreuznach

Paris, 08/1843

(Anais franco-alemães)

O novo Anacharsis e o novo filósofo me convenceram. É verdade; A Polónia pereceu, mas a Polónia ainda não está perdida, é o que parece das ruínas e se a Polónia quisesse usar o seu destino como lição e lançar-se nos braços da razão e da democracia, que felizmente deixaria de ser Polónia, poderia ser salvo. «Nova doutrina, nova vida», sim! Assim como a Polónia não salva a fé católica e a nobre liberdade, também a filosofia teológica e a nobre ciência não nos puderam libertar. Não há outra maneira de continuar nosso passado senão por meio do rompimento mais decisivo com ele. Os anuários morreram, a filosofia hegeliana é coisa do passado. Queremos fundar aqui em Paris um órgão em que possamos julgar a nós mesmos e a toda a Alemanha com total liberdade e inexorável sinceridade. Só isso é um rejuvenescimento real, é um novo princípio, uma nova posição, uma libertação da natureza tacanha do nacionalismo e um contra-ataque violento contra a reação brutal dos selvagens monstros populares que, junto com o tirano Napoleão, também devorou o humanismo da revolução. Filosofia e estreiteza nacional, como reunir as duas até no nome e no título de um periódico?

Mais uma vez, a Confederação Alemã proibiu acertadamente a restauração dos anuários alemães, ela nos chama: nenhuma restauração! Que sensato! Temos que fazer algo novo se quisermos fazer alguma coisa. Tento ser mercantil nesse assunto. Estamos contando com você. Escreva-me sobre o plano para a nova revista que estou anexando a você.

76. Karl Marx para Arnold Rüge, em Paris

Kreuznach, 09/1843

(anais franco-alemães)

Fico feliz que você esteja determinado a desviar seus pensamentos de olhar para o passado para um novo empreendimento. Portanto, em Paris, a velha escola de filosofia, *absit omen!* e a nova capital do novo mundo. O que for necessário, seguirá o exemplo. Portanto, não tenho dúvidas de que todos os obstáculos, cujo peso não entendi mal, podem ser removidos.

O empreendimento pode ou não acontecer; em todo caso, estarei em Paris no final deste mês, porque o ar aqui faz servo e não vejo absolutamente nenhum espaço para atividade livre na Alemanha.

Na Alemanha, tudo é violentamente suprimido, uma verdadeira anarquia do espírito, o próprio regimento da estupidez irrompeu e Zurique obedece às ordens de Berlim; Portanto, está se tornando cada vez mais claro que um novo ponto de encontro para as mentes realmente pensantes e independentes deve ser encontrado. Estou convencido de que nosso plano atenderia às necessidades reais e que as necessidades reais devem realmente ser atendidas. Portanto, não duvido da empresa assim que ela for levada a sério.

Ainda maiores do que os obstáculos externos parecem quase ser as dificuldades internas. Porque mesmo que não haja dúvidas sobre o "de onde", ainda há mais confusão sobre o "para onde". Não apenas uma anarquia geral irrompeu entre os reformadores, como todos terão de admitir para si mesmos que não têm ideia exata do que está para acontecer. No entanto, é precisamente a vantagem da nova direção que não antecipamos o mundo dogmaticamente, mas queremos encontrar o novo apenas a partir da crítica do velho mundo. Até agora os filósofos tinham a solução de todos os enigmas em suas escrivatinhas e o estúpido mundo exotérico só tinha que abrir a boca para que as pombas torradas da ciência absoluta voassem em sua boca.

A filosofia tornou-se secular e a prova mais notável disso é que a própria consciência filosófica é arrastada para a agonia da luta não apenas externamente, mas também internamente. Se a construção do futuro e a preparação para todos os tempos não são da nossa conta, então quanto mais

certo é o que devemos realizar no presente, refiro-me à crítica implacável de tudo o que existe, implacável no sentido que a crítica é não diante dos temores de seus resultados e tão pouco do conflito com as potências existentes.

Não sou, portanto, a favor de hastear uma bandeira dogmática, pelo contrário. Devemos tentar ajudar os dogmáticos a deixarem suas frases claras para eles. O comunismo, em particular, é uma abstração dogmática, pela qual tenho em mente não algum comunismo imaginário e possível, mas realmente existente, conforme ensinado por Cabet, Dézamy, Weitling, etc. Esse comunismo é em si apenas um fenômeno distinto do princípio humanístico, infectado por seus negócios privados opostos. A abolição da propriedade privada e do comunismo, portanto, não são de forma alguma idênticos, e o comunismo tem outras doutrinas socialistas, como as de Fourier, Proudhon etc., não acidentalmente, mas necessariamente, porque é em si apenas uma realização especial e unilateral do princípio socialista.

E todo o princípio socialista é novamente apenas um lado que diz respeito à realidade do verdadeiro ser humano. Da mesma forma, temos que nos preocupar com o outro lado, com a existência teórica do homem, isto é, fazer da religião, da ciência, etc., os objetos de nossa crítica. Também queremos ter um impacto sobre nossos contemporâneos, ou seja, nossos contemporâneos alemães. A questão é: como isso deve ser feito? Dois fatos não podem ser negados. Outrora a religião, então a política são os assuntos que constituem o principal interesse da Alemanha atual. Deve ser vinculado a eles como estão, não ser completamente oposto a qualquer sistema como a Voyage en Icarie.

A razão sempre existiu, mas nem sempre de forma racional. O crítico pode, portanto, ligar-se a todas as formas de consciência teórica e prática e desenvolver a verdadeira realidade como seu dever e propósito final a partir de suas próprias formas de realidade existente. No que diz respeito à vida real, o estado político, mesmo quando ainda não é conscientemente cumprido pelas demandas socialistas, contém em todas as suas formas modernas as demandas da razão. E ele não para por aí. Em todos os lugares, ele assume que a razão é realizada. Mas, assim como em toda parte, ele entra em contradição entre sua determinação ideal e seus pressupostos reais.

A verdade social pode, portanto, ser desenvolvida em todos os lugares a partir desse conflito entre o estado político e ele mesmo. Assim como a religião é o índice das lutas teóricas da humanidade, é o estado político das lutas práticas. O estado político, portanto, expressa todas as lutas, necessidades e verdades sociais em sua forma *sub specie reipublicae*. Portanto, não é de forma alguma sob a *hauteur des principes* que a questão política mais especial – como a diferença entre a classe e o sistema representativo – deva ser objeto de crítica. Pois esta questão apenas expressa de forma política a diferença entre o domínio do homem e o domínio da propriedade privada. Portanto, o crítico não só pode, como deve, entrar nessas questões políticas (que, na opinião dos crassos socialistas, são indignas). Ao desenvolver a preferência do sistema representativo sobre a classe, ele praticamente interessa a um grande partido. Ao elevar o sistema representativo de sua forma política à geral e afirmar o verdadeiro sentido em que se baseia, ele ao mesmo tempo força este partido a ir além de si mesmo, pois sua vitória é ao mesmo tempo sua perda.

Portanto, nada nos impede de iniciar nossa crítica à crítica da política, de fazer parte da política, isto é, das lutas reais, e de nos identificarmos com elas. Então, não confrontamos o mundo doutrinarmente com um novo princípio: Aqui está a verdade, ajoelhe-se aqui! Desenvolvemos novos princípios para o mundo a partir dos princípios do mundo. Não dizemos a ela: pare de lutar, eles são estúpidos; queremos entoar o verdadeiro slogan da batalha para você. Estamos apenas mostrando a ela por que ela está realmente lutando, e consciência é algo que ela precisa aprender, se também não quiser.

A reforma da consciência consiste apenas em deixar que o mundo tome consciência dela, despertando-a do sonho sobre si mesma, explicando-lhe suas próprias ações. Todo o nosso propósito pode consistir em nada mais, como também é o caso da Crítica da religião de Feuerbach, do que as questões religiosas e políticas serem trazidas para uma forma humana autoconfiante.

Nosso lema deve, portanto, ser: Reforma da consciência não por meio de dogmas, mas por meio da análise da consciência mística e autoevidente, seja ela religiosa ou política. Será então mostrado que o mundo há muito sonha com uma coisa da qual ele só precisa estar consciente para realmente possuí-la. Será mostrado que não é um grande traço entre o passado e o futuro, mas a

realização dos pensamentos do passado. Por fim, será mostrado que a humanidade não inicia um novo trabalho, mas realiza seu antigo trabalho com consciência.

Portanto, podemos resumir a tendência de nosso artigo em uma palavra: Autocompreensão (filosofia crítica) da época sobre suas lutas e desejos. Este é um trabalho para o mundo e para nós. Só pode ser obra de forças unidas. É uma confissão, nada mais. Para ser perdoado de seus pecados, a humanidade só precisa declará-los como eles são.

77. Arnold Rüge para Karl Marx, em Kreuznach

Paris, 22/09/1843

Apenas 2 palavras. Froebel está aqui e o fim da história é Paris. Herwegh provavelmente virá amanhã. Provavelmente irei aqui. Enfim, a revista está sendo impressa aqui. Estou procurando alugar uma casa para 3-4 pessoas. Quero persuadir Herwegh e Maeurer, e possivelmente você também, de que devemos morar juntos e fazer galhetas de forma que tenhamos um cozinheiro e uma cozinha para todas as 4 famílias e uma sala de jantar comum, mas fora isso todos têm o seu próprio quarto, etc. Mesmo os menores serviços de arrumação e limpeza dos quartos são prestados por uma pessoa, o porteiro. A água, a carne, o pão – tudo é levado para dentro de casa. Eu até acredito nos vegetais também.

No final das contas, estamos mais perto da Alemanha literária aqui do que em Estrasburgo, e o político não marchará tão rapidamente que deveríamos sair de Connex o mais rápido possível. Eu gostaria que você decidisse morar aqui e não na Alsácia. Maeurer (tem mulher e dois filhos) garantiu-me muito que pode viver com 2.700 francos (sem tabaco e sem cafés). Queremos receber CHF 3.000 e um pouco mais; então eu acho que você vai conseguir fazer isso e se o galheteiro d. H. Se um pedaço do comunismo for bem-sucedido, teremos que viver ainda mais barato.

O projeto literário e de venda de livros agora será realizado, e a sugestão de Froebel de torná-lo um participante da trama parece ter ganhado uma base bastante segura. Mas será necessário aventurar-se e começar de novo para ter um bom progresso com nossos amigos alemães.

Estou pronto para informá-lo sobre esta mudança de situação em meio ao seu desenvolvimento, a fim de talvez salvá-lo de uma viagem desnecessária a Estrasburgo. Mas vá para Estrasburgo; portanto, talvez você possa se preparar expressamente para a solução temporária e economizar custos. Então, tudo isso para sua nota. Claro que você é sensato o suficiente para não pegar meus projetos e minha boa vontade de dar ao diabo o pente apressadamente para uma realidade.

Afinal, você sabe, eu sempre reconheço a realidade, mesmo que seja para matar.

Mil saudações à sua esposa. Que possamos nos ver novamente em breve e como pessoas definitivas.

Hess lhe envia uma saudação amigável; Froebel, que mora ao nosso lado, também.!

78. Karl Marx para Ludwig Feuerbach, em Bruckberg

Kreuznach, 3/10/1843

Há alguns meses, quando estava de passagem, o Dr. Arnold R. informou o do nosso plano de edição dos anuários franco-alemães e, ao mesmo tempo, solicitou a sua colaboração. O assunto agora está arranjado para que Paris seja o local de impressão e publicação e o primeiro número mensal deve ser publicado no final de novembro.

Antes de minha partida para Paris, que acontecerá dentro de alguns dias, não posso deixar de fazer uma curta excursão epistolar com você, uma vez que não pude conhecê-lo pessoalmente.

Você foi um dos primeiros escritores a expressar a necessidade de uma aliança científica franco-alemã. Portanto, você certamente será um dos primeiros a apoiar uma empresa que deseja concretizar essa aliança. A saber, obras promíscuas em alemão e francês estão para aparecer. Os melhores autores parisienses aceitaram. Cada uma de suas contribuições será muito bem-vinda e você provavelmente terá algo pronto.

Acho que quase posso concluir pelo seu prefácio à 2ª edição de "Essência do Cristianismo" que você está ocupado com um trabalho mais detalhado sobre Schelling ou que ainda tem algumas coisas na manga sobre este folhado de creme. Veja, seria uma estreia maravilhosa.

Como você sabe, Schelling é o 38º membro do governo federal. Toda a polícia alemã está à sua disposição, o que eu mesmo uma vez experimentei como editor do *Gazeta Renana*. Pois uma instrução de censura não pode permitir que nada aconteça contra Saint Schelling.

Portanto, é quase impossível na Alemanha atacar Schelling de outra forma que não em livros com mais de 21 folhas, mas os livros com mais de 21 folhas não são livros do povo. O trabalho de Kapp é muito digno de crédito, mas é muito incômodo e inepta a separar o julgamento dos fatos. Além disso, nossos governos encontraram meios para tornar essas obras ineficazes. Não é permitido falar sobre isso. Eles são ignorados, ou as poucas agências de recrutamento patenteadas cortam essas coisas com algumas palavras de desprezo. O próprio grande Schelling finge não estar ciente desses ataques e conseguiu desviar a

atenção da obra de Kapp por meio do barulho fiscal sobre a sopa do velho Paul. Essa foi uma brincadeira de mestre diplomático!

Mas agora imagine o Schelling em Paris, revelado ao mundo do escritor francês! Sua vaidade não poderá calar-se, prejudicará o governo prussiano da maneira mais embaraçosa, é um ataque à soberania de Schelling externamente e um monarca vaidoso está mais interessado em sua soberania externamente do que internamente.

Com que habilidade Herr von Schelling também soube atrair os franceses, primeiro o primo eclético e fraco, depois o próprio Leroux brilhante. Schelling ainda se aplica a Pierre Leroux e seus iguais para o homem que substituiu o idealismo transcendente pelo realismo razoável, que substituiu o pensamento abstrato pelo pensamento com carne e sangue, que substituiu a filosofia técnica pela filosofia do mundo! Ele clama aos românticos e místicos franceses: "Eu sou a união da filosofia e da teologia!". Aos materialistas franceses: "Eu sou a união da carne e das ideias", aos céticos franceses: "Eu sou o destruidor da dogmática ", em uma palavra: " Eu .. Schelling! " Schelling não tinha apenas filosofia e teologia, ele era capaz de combinar filosofia e diplomacia. Ele fez da filosofia uma ciência diplomática geral, diplomacia para tudo. Um ataque a Schelling é, portanto, indiretamente, um ataque a toda a nossa política, e especialmente à política prussiana. A filosofia de Schelling é a política prussiana *sub specie philosophiae*.

Você faria para nossa empresa, mas ainda mais para a verdade, um grande serviço se fornecesse uma descrição de Schelling para a primeira edição. Você é o homem para isso precisamente porque você é Schelling ao contrário. O – podemos acreditar no bem de nosso oponente – o pensamento sincero da juventude de Schelling, que ele entretanto não tinha nada para realizar a não ser a imaginação, nenhuma energia, nenhuma vaidade, nenhum motorista, nenhum ópio, nenhum órgão, nenhuma irritabilidade, receptividade feminina, este jovem sincero pensamento de Schelling, que sempre foi um sonho de infância fantástico para ele, tornou-se verdade, realidade, seriedade masculina para você. Schelling é, portanto, sua caricatura antecipada e, assim que a realidade se confronta com a caricatura, ela deve se dissolver em névoa e névoa. Portanto, considero-o o adversário necessário e natural de Schelling, portanto chamado por Vossas

Majestades de natureza e história. Sua luta com ele é a luta da imaginação da filosofia com a própria filosofia.

No entanto, como você pode achar conveniente, estou certo de que espero uma contribuição sua. Meu endereço é: "Para o Sr. Maeurer, Rue Vanneau No. 23, à Paris para entrega ao Dr. Marx ". Minha esposa manda saudações de uma maneira desconhecida. Você não acredita em quantas seguidoras tem entre o belo sexo.

79. Ludwig Feuerbach para Karl Marx, em Kreuznach

Bruckberg, entre 6 e 25/10/1843

(Primeiro rascunho)

Eu tinha acabado de voltar à câmara secreta do interior do distrativo departamento de relações exteriores, que me ocupou desde a morte repentina de um irmão mais velho em abril deste ano, e já estava à beira de um objeto correspondente à minha natureza e a profissão a se concentrar quando recebi [sua] estimada carta com o pedido de fornecer uma característica de Schelling na nova revista fundada em conjunto por alemães e franceses.

Você me pediu para descrever uma das características de Schelling da maneira mais convidativa e espirituosa. Eles apresentaram a necessidade de tal coisa da maneira mais vívida, observando que obras independentes, mesmo que fossem tão completas quanto a escrita de Kapps, eram deliberadas e oficialmente ignorantes e devem ser o único lugar adequado onde alguém pode ser livre ao mesmo tempo e poderia se pronunciar com sucesso, descreveu o jornal fundado pelos alemães e os franceses.

Você deve ter comunicado anteriormente fatos bastante novos, como. B, que você como Redacteur da *G. Ren.* recebeu a licitação para não levar nada contra Schellg e, portanto, ligar para Schellg. o 38º membro da Confederação, em resumo, você deve ter feito a honra de me apresentar como o oposto Schelling e, conseqüentemente, como o oponente natural e necessário Sch. a ser definida. Você usou tudo que um escritor como eu, que é tão difícil de fazer a transição de dentro para fora, pode praticar. Apesar disso, pelo menos no futuro próximo, por mais sinceramente que eu sinto, não posso atender ao seu pedido. Trabalho no Departamento de Relações Exteriores desde minha morte repentina em abril deste ano.

Agora que voltei para a câmara interna, uma atividade séria e imanente é uma necessidade indispensável para mim e, conseqüentemente, psicologicamente impossível direcionar minha mente necessitada de conteúdo para uma aparência tão insubstancial, vã e transitória como parece. Onde a necessidade externa não coincide com a necessidade interna, aí nada posso fazer, nada posso alcançar. Onde eu não tenho nenhum objeto diante de mim,

também não posso formar uma oposição. Mas para uma característica Sch. não há necessidade interna.

Sch. deve sua fama apenas à sua juventude. O que os outros só alcançam na masculinidade com luta e esforço, ele já havia conseguido na juventude, mas por isso mesmo exauriu sua masculinidade. Se outros pudessem dizer no final de sua vida ativa o que se deseja na juventude, tem-se pés na velhice – o Herr Sch. inversamente diga: o que desejo na velhice, que tive em minha juventude em abundância – nomes, honra, confiança dos outros em seus talentos e o que é mais do que honra e nome – a confiança dos outros em mim. Sch. não é apenas julgado por outros – ele se julgou, se prostituiu. A única coisa que se pode explicar é como ele conquistou essa fama – a fama de um gênio da originalidade e da produtividade, já que apenas reproduzia o pensamento dos outros. Ele se tornou mais por Andre do que por si mesmo, como hoje é apenas por Andre. Seu último lote determina seu lote anterior. Se reconhecermos a razão de como ele ainda pode impressionar agora, também descobrimos a razão de como ele outrora podia impressionar e dar a suas realizações anteriores um significado que vai muito além dos limites da verdade. Pois mesmo então ele apenas transformou o idealismo do pensamento em idealismo da imaginação, concedendo tão pouca realidade às coisas quanto ao ego, apenas que tinha uma aparência diferente porque ele ligou o absoluto indeterminado ao ego definido, e ao idealismo um uma pintura panteísta. Mas o que é que ainda torna Schelling aparentemente vivo hoje? É ele mesmo? Oh! você abre suas palestras e desmaia com o cheiro dos cadáveres desses teosofistas Escolásticos de Duns Scotischen e Boêmios de J[akob], isso não é teosofia, mas teosofistas. É a mais desonesta e mais impura confusão de escolasticismos que cheira a época de Petrus Lombardus, de teosofismos? É aí que reside o poder e o sentido de Schelling, está fora dele – está naqueles que, para definir os seus interesses políticos e eclesiásticos, ou melhor, as intrigas, precisavam de um nome de filósofo. Além disso, Schelling teria ficado no escuro, assim como fez em Munique – no máximo, apenas nas mentes submissas de alguns docentes teria afastado seu fantasma confuso. Você tem que uivar com lobos. Mas o próprio Schelling provocou o declínio do espírito que agora o levanta.

Mas, no que diz respeito a sua *Phuos secunda*, ela é simplesmente refutada pelo fato de ser atraída aos olhos do público, pois só poderia existir enquanto não existisse. Vê-los e reconhecê-los como nada é uma atuação. É um grande erro deste venerável S[chelling] s não ter interrompido essas palestras por conta própria, mas misturado com seus comentários, embora muito astutos, espirituosos e corretos. Ele cometeu o erro oposto de L[eo]: ele deveria ter feito um livro de dois, este de dois. Esta revelação se refuta. Ela não pode pronunciar duas palavras sem que uma cancele a outra. Também seria uma grande tolice dizer algo contra ela, porque aqui renunciamos desde o início a toda necessidade e regularidade de pensamento, todo critério de verdade, toda diferença entre razão e absurdo. O princípio, na verdade o ser supremo supremo disso, é o ser objetificado do humano mais desenfreado e sem fundo, ou melhor, do absurdo desumano. Diga ao cavalheiro – o que você diz aqui é sem sentido, é inconsistente, é absurdo – ele responde: o absurdo é o sentido mais elevado, a loucura é a sabedoria, a irracionalidade é o superlativo da razão, é a razão excessiva, a mentira é a verdade – e Vício, virtude. O seu convite para escrever sobre Schelling realmente me empolgou tanto, por consideração à depravação da época, me apresentou uma característica como uma necessidade obrigatória que consegui ler nas palestras e reproduzir as impressões que recebi. Mas o resultado foi como afirmado acima. Que farsa teosófica! A autópsia é essencial aqui. Além disso, eu desenhei a essência da assim chamada filosofia positiva ou, como P[aulus] corretamente designou, filosofia putativa – apenas no meu curto caminho, que é limitado em todos os lugares apenas às características básicas e suas consequências. Eu só poderia ampliá-lo, apenas – felizmente *ad captum vulgi* – apenas executar apenas confirmar o que já disse em breve. Substancialmente || Eu não poderia dar nada de novo. Mas que interesse devo encontrar em mastigar algo que já foi dito? Só então eu poderia estar interessado em provar que o paralelo talvez ofensivo entre C[agliostro] e Sch. – Há um paralelo em que a diferença expressa filosófica ou especulativamente por seu predicado deve ser esquecida, para provar Schelling como uma definição que corresponde à verdade, na verdade, como uma definição que acerta o prego na cabeça. Mas esse interesse também dá lugar a um interesse superior. Pelo menos não posso consertar um fenômeno como Schelling neste momento e aqui

neste lugar. O inverno é a época mais sagrada para mim – no inverno sou um nortista, idealista, pensador, no verão um realista, sulista, carne, sangue – e por isso este lugar tranquilo é dedicado apenas a uma ocupação séria. Mas se, como espero, eu me mudar para uma cidade onde as vaidades da vida aparecem diante de meus olhos pelo menos como realidades sensuais, estaria tudo bem para mim assumir uma vaidade filosófica apropriadamente ad coram. Ad coram? quão desrespeitoso. Muito bem – mas não tenho o mínimo respeito pelo H. Sch.

80. Ludwig Feuerbach para Karl Marx, em Kreuznach

Bruckberg, entre 6 e 25/10/1843

(Segundo rascunho)

Excelentíssimo Senhor!

Com seu pedido de fornecer uma característica de Schelling no novo jornal a ser publicado em conjunto pelos alemães e pelos franceses, você me colocou em um grande conflito comigo mesmo. Eu tinha acabado de voltar a mim das ocupações distrativas, completamente desconhecidas e distantes que tinham sido minha responsabilidade desde a morte inesperada de um irmão mais velho em abril deste ano, e estava a ponto de me concentrar em um assunto que satisfazia tanto a mente quanto o coração quando eu recebi sua estimada carta. Eles chamam o Senhor v. Sch. nele o 38º membro federal sob o comando de toda a Polícia da Alemanha, e cita como prova o fato de que você, como editor do *Gazeta Renana*, foi proibido de escrever artigos contra Schelling. Eles reconhecem o valor e a importância da escrita de Kapp contra Schelling, mas observam que trabalhos acadêmicos estão sendo deliberadamente ignorados e que o truque diplomático foi usado para desviar a atenção da escrita de Kapp, etc., e que o lugar mais apropriado é aquele novo jornal, especialmente desde o H. v. Sch. também levou os franceses para trás da luz e fez um acreditar que ele era isso, o outro – em suma, ele era tudo em tudo.

Não posso me preocupar contínua e seriamente com as aparências sem substância – apenas no ataque de um humor humorístico – o único humor adequado para coisas sem substância, para coisas que parecem sem ser o que parecem – posso lidar com algo assim. O que também contradiz objetivamente a fala do oponente.

82. Ludwig Feuerbach para Karl Marx, em Kreuznach

Bruckberg, 25/10/1843

Honorável Senhor!

Você me apresentou a necessidade de uma nova característica de Schelling e, na verdade, em face dos franceses, de uma maneira tão espirituosa e assustadora que eu sinceramente lamento ter de responder a você: Pelo menos não posso entregá-las agora. Você conclui de um comentário no prefácio do Cristianismo: Eu estava ocupado trabalhando com Schelling. Mas eu estava me referindo ao trabalho de Kapp, a única razão pela qual não o nomeei, porque não sabia se ele se autodenominaria autor. Desde abril deste ano, quando escrevi este prefácio e uma morte súbita matou um irmão mais velho, não tive o escritor, não o filósofo, mas o representante do falecido, o advogado – um papel a que não estou habituado até agora – tem que jogar. Eu tinha acabado de voltar a mim e estava me preparando para um trabalho sério como escritor quando recebi sua estimada carta. Fiquei tão impressionado que, apesar do desejo de uma atividade correspondente à minha vocação mais íntima, estava disposto a aceitar seu convite e levar o filósofo da vaidade ad coram. Nesse testamento, também, eu realmente peguei as palestras de Berlim editadas e glosadas por Paul, que há muito estavam sobre minha mesa de leitura, sem serem vistas, e consegui passar por essa teosofia absurda do começo ao fim. Mas quando agora peguei a caneta, os bons arganazes falharam por falta de compulsão interna, e posso fazer o que quiser, o que não me é imposto por necessidade íntima, não posso fazer disso um objeto de escrita. Para caracterizar Schelling d. H. desmascarar é baseado no que foi feito recentemente por Kapp e outros – nada a mencionar de mim, que eu já coloquei sua última farsa apocalíptica na devida luz na revisão de Stahl – não científica, mas apenas uma necessidade política. Você mesmo diz admiravelmente: a farsa apocalíptica é a política prussiana sub specie philosophiae, e chame o malabarista teosofista de 38º membro da Confederação, e prove isso com um fato muito delicioso. Portanto, estamos lidando com um filósofo que, em vez do poder da filosofia, visualiza o poder da polícia, em vez do poder da verdade, o poder da mentira e do engano. Mas um assunto tão contraditório e repugnante requer um humor mental adequado para ser tratado

adequadamente. Tudo o que foi reconhecido como absolutamente correto e já foi mostrado direta e indiretamente como tal, ou seja, o que não é mais um objeto a ser censurado, é uma grande dificuldade psicológica. No entanto, reconheço convosco a necessidade externa e política de outra caracterização energética, e também não a desprezarei. Mas até agora não foi possível para mim. Seu convite me pegou completamente despreparado para um assunto tão mauvais. E o perículo já está em mora. Agora estou correndo para você com esta carta vazia em vez da característica]

83. Karl Marx para Julius Fröbel, em Zürich

Paris, 21/11/1843

Querido amigo!

Sua carta acaba de chegar, mas com sintomas muito peculiares.

1) Faltando tudo o que você incluiu enquanto escrevia, exceto o ensaio de Engels. Mas isso está fragmentado e, portanto, inutilizável. Começa no n. 5.

2) As cartas para Mason e eu estavam embrulhadas no envelope que estou anexando a você, que é datado de St. Louis. No mesmo envelope estavam as poucas páginas de Engels.

3) É a carta para Maurer, que, como a minha, estava aberta no envelope fechado, também foi assinada em excesso por uma letra estranha.

Estou anexando a peça que contém a assinatura.

Portanto, isso só é possível de duas maneiras.

Ou o governo francês vomitou e interceptou suas cartas e seu pacote. Nesse caso, envie de volta os endereços incluídos. Assim, não apenas desvendaremos um processo contra o French Post, mas, ao mesmo tempo, publicaremos o fato em todos os jornais da oposição. Em qualquer caso, será melhor entregar todo o pacote a um dealer francês. Não acreditamos, porém, que o governo francês tenha cometido uma infâmia que até agora só o governo austríaco se permitiu fazer.

Isso deixa o segundo caso em que seu Bluntschli e consortes pregaram a peça de Mouchard. Se for esse o caso, então:

1) Você abre um processo contra os suíços, e 2) Maurer, como cidadão francês, vai protestar no Ministério.

Quanto ao assunto em si, agora é necessário:

Por enquanto, proíba o aluno de entregar o referido arquivo, pois este deve ser um dos grandes adornos de nossa primeira edição; 3) Enviar todo o conteúdo para o endereço de Louis Blanc. No. 2 ou 3. Rue Taitbout.

Rügen ainda não está aqui. Não consigo começar a imprimir até chegar. Tive de rejeitar os ensaios enviados a mim por Hiesigen (Hess, Weill, etc.) até agora, com um grande Embarras des Débats. A repreensão provavelmente virá

no final deste mês. Quando tivermos o arquivo que você prometeu, a impressão pode começar. Escrevi para Feuerbach, Kapp e Hagen. Feuerbach já respondeu.

A Holanda me parece o lugar mais adequado se seus Mouchards não notificaram o governo neste exato momento.

Se o seu povo suíço cometeu a infâmia, não os relatarei apenas no Réforme, no National, no Démocratie Pacifique, no Siècle, Courier, La Presse, Charivari, Commerce e na Revue indépendante, mas também no "Times" e quando querem atacar em uma brochura escrita em francês. Esses pseudo-republicanos devem perceber que não têm nada a ver com cowboys e alfaiates. No que diz respeito ao escritório, vou considerá-lo um acidente deste apartamento, já que deseja mudar para um novo apartamento que seja adequado para fins comerciais e pecuniários.

Desculpe o ossudo desta carta. Não posso escrever de indignação.

Em todo caso, o truque pode vir dos doutrinários de Paris ou dos camponeses suíços, persuadiremos Arago e Lamartine a interpelar na câmara. Se eles querem cometer um escândalo: ut scandalum fiat. Responda rapidamente, porque o assunto é urgente. Como Maurer é cidadão francês, o golpe do lado de Zurique seria uma violação do direito internacional, o que não deveria acontecer com eles, os Kühjungen.

84. Arnold Rüge para Karl Marx, em Paris

Frankfurt am Main, 1/12/1843

Meu caro amigo,

Enfim a viagem se tornou realidade e só quero desejar que o segundo tempo corra tão bem quanto o primeiro.

Nauwerck, Brüggemann e o sogro de meu irmão, o doutor Mayer, vieram de Berlim para Leipzig, Duncker, Prutz, Schwarz e alguns outros de Halle. Apenas N. e B. estão satisfeitos com nossos planos literários, os residentes de Halle querem regenerar a velha vida para si mesmos, eles querem ser livres, também de nós, especialmente de Prutz, que é toda literatura. Nauwerck, Duncker e Schwarz estão muito satisfeitos com nosso princípio, mas é claro que apenas N. e B. talvez escrevam algo útil. Brugg, lamenta seu livro estúpido de mediação. N. falou muito sobre isso, mas B. está muito confuso sobre religião. Sem dúvida, tenho os residentes de Halle contra mim com meus feitos aventureiros e agitação, dificilmente eles admitiram que deveria haver tais pessoas, e que era algo que alguém poderia finalmente ser verdadeiro e falar pelo menos uma vez. Toda a Alemanha não está louca por patriotismo. Só o Sul pensa e sente com a revolução, e se não estiver completamente subjugado na França, voltará a se infiltrar no movimento assim que aparecer com seriedade.

Vou ficar aqui amanhã e vou ter um dia de descanso. Depois irei, acho que daqui a 6 dias, para Paris e para a casa de Maeurer, onde ficarei sabendo. Vou tentar chegar mais cedo. As senhoras – sua esposa, meu querido amigo, acima de tudo – têm que pensar onde ficarei com minha Arca de Noé e se haverá uma área de descarga adequada que eu possa decidir imediatamente. Claro que temos que ficar juntos.

Na verdade, estou escrevendo esta carta apenas para confirmar a viagem que realmente aconteceu e seu provável fim antes de minha chegada. Se nos der a última palavra de consentimento quando alugar o apartamento, é por causa da minha mulher. Não posso saber como isso acontece.

Temos colchões, camas, colchas, lençóis, linhos e coisas assim que ajudam no essencial na nossa caixinha. As outras caixas, sobre as quais

escreveu Maeurer, permaneceram em Dresden devido a um erro estúpido do despachante.

Diga a Maeurer AUes e prepare-o para minha ideia com ele. Também a Herwegh, que muito gentilmente se ofereceu para me registrar com todo o meu pessoal, relata minha chegada e me desculpe por não ter entrado em contato com ela diretamente. Conheço sua situação atual e, portanto, tive que contar com você e Maeurers como amigos ativos e móveis. Suspeitei em Paris que os liberais alemães nos deixariam completamente em apuros. Eles o farão por patriotismo, se o fizerem por indolência. Detalhes orais. Não sei nada sobre Colônia. A partir daqui, escreverei para Schramm e Oppenheim. Mayer relatou que Edgar B [auer] foi condenado à morte e recusou o recurso; se ele já foi executado – eu não sei. Devo confessar que não tinha certeza se Mayer não queria nos provocar; mas a história prussiana mais recente é inteiramente do mesmo calibre, sem esquecer a fundação da Capela Adalberto, das Irmãs da Misericórdia e assim por diante. Adeus no dia 8 ou 9 de dezembro. O clima está muito favorável. Boa sorte para o futuro.

Acho que você escreveu para Proudhon. Caso contrário, teremos que começar sem um francês no final. Ou devemos cantar as mulheres, a areia e o Tristão para cima. Eles são mais radicais do que L.B [lanc] e Lamartine.)

**85. Georg Herwegh para Arnold Rüge, Karl Marx e Friedrich Wilhelm
German Maurer, em Paris**

Paris, 28/12/1843

A feliz chegada de um verdadeiro menino, que se curvou à luz do dia às 8h30, se reporta ao Sr. Ruge, ao Sr. Marx e suas esposas, especialmente ao Sr. Maurer, o pai abaixo assinado. O nome que a criança receberá no batismo ainda é desconhecido.

G. Herwegh.

86. Karl Heinzen para Karl Marx, em Paris

Aachen, 16/02/1844

Caro Marx,

Froebel, de Zurique, está me escrevendo agora mesmo informando que também enviou um manuscrito sobre a questão constitucional prussiana, que gostaria de ver publicado por ele como brochura, para uso em seus anuários. Se você usar a coisa, seria muito melhor se você trouxesse para as pessoas como um folheto, para o qual foi projetado, mas se isso não for compatível com a sua empresa, então não tenho nada contra isso nos Anuários quando eles são amplamente divulgados. Eu sei que terei que arriscar algo na publicação; mas eu só gostaria que fosse ao mesmo tempo proporcionalmente eficaz, caso contrário, seria uma loucura. O senhor admitirá que o ensaio segue muito bem as despedidas do parlamento estadual e, portanto, sua publicação antecipada é duplamente desejável. Se não puder aparecer em breve ou não aparecer, apenas envie o manuscrito de volta para mim imediatamente, mas com uma oportunidade segura. Se você o usar, peço especialmente que receba a taxa o mais rápido possível, pois minha mudança para cá me deixou ainda mais envergonhado do que antes.

Hansemann me arranjou um emprego na seguradora contra incêndio; Em Colônia, fui determinado por funcionários públicos invasores

Railway para desistir do meu trabalho lá. Agora tenho que morar aqui, mas não vivo, sinto cada vez mais que essas posições fogem ao meu destino real e que tenho que me firmar em pé literário. Você não tem um trabalho para mim lá? Estou acostumado a negócios prosaicos há tanto tempo que o negócio de sua empresa parece espirituoso. Organizar correspondência, correção pp. Eu assumiria tudo isso com prazer, se apenas rendesse tanto que eu teria certeza do que era absolutamente necessário e, aliás, permitiria tanto tempo para completar minha renda com escritores e trabalhar por minhas convicções. Aqui na Prússia o diabo aguenta mais. Se alguém não acredita na imortalidade da alma e tem que desgastar inutilmente a mortalidade aqui na Prússia, então é preciso ter mais resignação do que eu para não ficar sem pele. Tenho inveja de você todos os dias em sua posição e sua volatilidade livre. Basta ser prático e

you can do more than the whole German national press. Just take care of the – customs officers. The profane claws of the tax nose can place so many material obstacles in our path that even overcoming the spiritual ones would be of little use. This is also part of the practice.

Respond quickly. Greetings from Rügen, Hess and Herwegh, to whom I thank you again for your poems. Good luck in freedom and love!

87. Heinrich Joseph Ciaessen para Karl Marx, em Paris

Köln, 13/03/1844

Meu querido Marx,

Uma fatura de 1000. Ser-lhe-á enviada nos próximos dias; apressamo-nos em cumprir o seu pedido, ou melhor, a sua comunicação foi um ímpeto para que realizássemos algo um tanto diferente do que pretendia. Minha opinião é que os anuários franco-alemães não podem durar a longo prazo, e ainda mais no próximo período de tempo. Todos os empreendimentos do tipo em que a parte literária não é mantida estritamente separada da parte de venda de livros, mais cedo ou mais tarde perecerão. Seu fim é acelerado quando obstáculos extraordinários se interpõem no caminho das operações comerciais e, conseqüentemente, habilidades e esforços incomuns por parte do livreiro são necessários. – Como é o ofício literário diferente? – Nada além da dificuldade do débito. – Como você vai garantir o seu débito? – E se houver prospectos, de onde virão os recursos para que apareçam os 3º e 4º números. Você mesmo sabe tão bem quanto eu que, após o estabelecimento do mercado livreiro alemão, os ganhos das primeiras edições não estão em suas mãos, ano e dia.

Que utilidade pode ter para nós que apareçam um terceiro e um quarto livretos, se o assunto tiver de ser interrompido? Por essas razões, todos temos a opinião unânime de que nossa coleção não deve ser usada em tentativas infrutíferas, mas sim apenas para compensar você pessoalmente pelos sacrifícios que você fez à nossa causa comum; Jung, que, como sempre, liderou o caminho (apesar de seu entusiasmo um tanto imaturo, ele é uma pessoa muito nobre), escreverá para você com isso em mente. Não gosto de levantar a preocupação de que você possa ter um falso orgulho, a ponto de rejeitarmos o alegre tributo que alegremente prestamos ao seu talento e eficácia. Nós, alemães, somos idealistas unilaterais. Enquanto O'Connell cobra um preço regular, quase evitamos falar sobre dinheiro. Como a grande multidão pode se envolver a não ser por meio de contribuições monetárias, por meio de um trabalho que está fazendo? O diarista não pode escrever, mas pode trabalhar um dia pela causa que corresponda aos seus desejos e interesses.

No momento, não podemos fazer mais do que um trabalhador diarista, você deve trabalhar para todos nós. Como você começa, você tem que considerar, nosso negócio é apenas permitir que você trabalhe livremente; abrimos uma espécie de assinatura nacional para você, como acontecia em todos os países gratuitos; No entanto, o assinante tem o direito de garantir que a sua intenção será alcançada, e por isso, e para dar a minha opinião ainda mais ênfase, enviarei a minha contribuição em separado.

Além disso, nunca tive mais confiança na vitória de nossa causa do que agora; sinais e maravilhas acontecem – o reino dos céus está mais perto do que sonhamos; mas a paciência é necessária em todas as questões humanas; até o sol nascer, deve-se tentar tornar a noite suportável. Nunca devemos exceder a medida do que é saudável e harmonioso, nem mesmo no sacrifício de nós mesmos por um propósito superior. – Por último, acrescentarei que ainda não vimos nada dos seus problemas 1 e 2, para dar um novo exemplo da dificuldade do débito. – Cumprimente sua querida esposa muitas vezes cordialmente de seus amigos leais.

88. Jenny Marx para Karl Marx, em Paris

Trier, por volta de 21/06/1844

Veja, meu querido coração, que eu não governo com você de acordo com a lei e exijo olho por olho, dente por dente, letra por letra, sou generoso e generoso, mas espero que minhas duas aparições diante de você em breve se transformará em ouro. Vai me trazer frutas – algumas linhas que meu coração anseia, algumas palavras que anunciam saúde e um pouco de saudade para mim. Eu gostaria muito de sentir sua falta e ouvir você ansiar um pouco por mim. Mas agora rapidamente, antes que o curso do dia comece novamente, um boletim sobre o nosso filho; porque este terceiro é agora a pessoa principal da liga e o que é meu e seu ao mesmo tempo é o vínculo de amor mais íntimo. A pobre boneca estava bastante infeliz e sofrendo após a viagem e além de um endurecimento do abdômen, acabou sendo uma superalimentação formal. O porco gordo teve que ser sacado e sua decisão foi então tomar uma ama de leite, já que não voltaria facilmente com a alimentação artificial. Você pode imaginar meu medo. Mas agora tudo acabou; o querido pequeno Klugaug amamenta esplendidamente uma enfermeira jovem e saudável, uma garota de Barbein, a filha do capitão que tanto dirigia. A mãe uma vez vestiu esta menina completamente como uma criança em tempos melhores, e – que coincidência – esta pobre criança, que deu ao pequeno pai uma viatura todos os dias, agora dá vida e saúde ao nosso filho. Foi difícil salvar e agora está quase completamente livre de perigo. Apesar de seu sofrimento, ela parece maravilhosamente fofa e é tão branca como uma flor, fina e transparente como uma princesinha. Certamente não teríamos conseguido passar por Paris e, portanto, essa viagem já está rendendo juros dourados. Além disso, estou de volta com a boa e pobre mãe que só consegue se encontrar em nossa separação com a maior luta. No Wettendorfs foi muito ruim para ela. Eles são pessoas muito cruas. Oh, se eu soubesse muitas vezes no inverno como a pobre mãe estava! Mas muitas vezes chorei e gemi por ela e você sempre foi tão indulgente e paciente. O bom desta ama de leite é que ela também é muito útil quando menina, gosta de ir junto e passou três anos servindo em Metz, então ela também fala francês. Portanto, minha viagem de volta está totalmente garantida. Quão feliz foi esse encontro, certo? A pobre

mãe agora está tendo muitas despesas e, no entanto, é muito pobre. Edgar os saqueia e depois escreve uma carta sem sentido após a outra, fica encantado com as revoluções que se aproximam, a derrubada de todas as condições, em vez de começar a derrubar suas próprias condições, que então sempre provocam discussões desagradáveis e golpes no jovem revolucionário louco. Em geral, não há lugar mais anseio pela reviravolta do existente do que quando alguém olha para superfícies planas e niveladas tão barulhentas e ainda assim sabe quão fundamentalmente a humanidade está cavando e fermentando. Mas agora da revolução para nossa ama de leite novamente. Pagarei o auxílio mensal de 4% do restante do auxílio viagem, incluindo remédios e médico. A mãe não quer; mas ela já tem que suportar mais da dieta do que ela pode suportar. É pobre, mas decente tudo ao seu redor. Os Trier são realmente excelentes contra eles e isso me reconcilia um pouco. Aliás, não preciso dar ronda a ninguém, porque se trata de mim e recebo cortesia de manhã à noite. Eu não posso te contar tudo. Ainda hoje lidei com o patriota Lehmann, que, por falar nisso, tem boas intenções e só teme que seus estudos científicos completos possam sofrer por aí. A propósito, pareço opulento com todos, e minha aparência externa justifica totalmente essa opulência. Já fui mais elegante do que todos, e nunca pareci melhor e mais florescente do que agora em minha vida. Há apenas um voto acima disso. E os elogios de Herwegh, "Quando fui confirmado", são repetidos aqui inúmeras vezes. Também penso, na minha mente, que bem se tiraria disso se fosse mesquinho? Apesar do fato de que todo o meu ser e ser expressa satisfação e abundância, tudo espera que você decida por uma posição definitiva afinal. Oh, seus burros, se vocês estivessem apenas parados sobre as rochas, mas onde está chão agora? Não são os vestígios do terremoto e do solo submerso em que a sociedade lançou seus templos e lojas visíveis em todos os lugares? O tempo da toupeira, creio eu, em breve parará de vasculhar o subsolo – em Wroclaw, ele foi aceso novamente. Se esperarmos um pouco mais até que nosso filho seja grande. Você me tranquiliza sobre isso. Você, querido anjo, você. Você só querido coração. Quão perto meu coração estava de você no dia 19 de junho! Como isso o atingiu de todo o coração. Mas voltando à história. No dia do nosso casamento, nosso querido Kinnichen melhorou e bebeu alimentos frescos e saudáveis. Então eu fiz o curso difícil – você sabe para onde ir. Eu estava

usando meu lindo vestido parisiense e meu rosto brilhava de medo e empolgação. Quando toquei a campainha, meu coração bateu quase audivelmente. Tudo passou pela minha alma. Está aberto. Jettchen sai, cai em volta do meu pescoço, me beija e me leva para a sala onde sua mãe e Sophie estão sentadas. Os dois me abraçam da mesma forma, a mãe me chama de você e Sophie me puxa para o sofá. Está terrivelmente destruído, parece 6 x 6 e dificilmente pode se recuperar.

E ainda assim Jettchen é quase ainda mais miserável. Apenas sua mãe está florescendo e bem e a própria serenidade; quase engraçado e exuberante. Oh, é tão assustador esta diversão. Todas as meninas eram iguais em cordialidade; especialmente Carolinchen. Na manhã seguinte sua mãe já estava lá às 9 horas para ver a criança. Sophie veio à tarde e esta manhã Carolinchen visitou nosso querido anjinho. Você pode imaginar tal mudança? É muito querido para mim e para minha mãe também; mas de onde veio isso de repente? o que o sucesso faz, ou no nosso caso, a aparência de sucesso, que eu sei como afirmar com as melhores táticas.

Não são suas próprias notícias? Imagine como o tempo passa e até os porcos mais gordos com você, o sneak também não é um político, um socialista também, i. H. então Schmiriaks do organismo de trabalho, etc. Já é ruim, como diz o Frankenthaler. Ele acha que sua camarilha é meio maluca, mas disse que é hora de você atacar Bruno Bauer.

Oh, Karl, o que você está fazendo, faça logo. E logo me dê um sinal de sua vida também. Sou carregado nas mãos do mais terno amor de mãe, minha pequena é querida e cuidada, todos os gawks, óculos, admiração e avaliação de Trier, e ainda assim o coração e a mente estão voltados para você. Oh, eu só poderia te ver de vez em quando e perguntar por quê? Ou cantar para você: "Você sabe quando será depois de amanhã?" Seu bom coração e então quanto eu gosto de beijar você, cozinhar frio não é bom, querido? Leia o Triersche Zeitung, está muito bom agora. Como parece porque com você. Agora estou longe de você há 8 dias. Nosso filho não poderia passar sem uma ama de leite, mesmo aqui com o melhor leite. Seu abdômen inteiro foi destruído. Hoje Schleicher me deu a garantia de que agora estava salvo. Não tinha a pobre mãe se preocupado muito, especialmente por intermédio de Edgar, que usa todos os

grandes sinais dos tempos, todos os sofrimentos da sociedade, apenas para encobrir e encobrir seu próprio nada com o exame. o trabalho está feito. É imperdoável. A mãe tem que estragar tudo e ele vai a todas as óperas de Colônia, enquanto escreve. Fala com a maior ternura de sua irmãzinha, sua Jennychen, não posso ser carinhoso com os Faselhanns.

Querida, frequentemente fico muito preocupado com nosso futuro, tanto próximo quanto distante, e acho que estou sendo punido por minha arrogância e exuberância aqui. Se você puder, me acalme sobre isso. Fala-se muito de renda permanente. Eu então respondo apenas com minhas bochechas vermelhas, minha carne branca, minha mantilha de veludo, chapéu emplumado e cocar medonho. Isso atinge o melhor e mais profundo e se eu for derrubado por isso, ninguém verá. A criança é tão deslumbrantemente branca que todos ficam maravilhados e tão delicados e delicados. Schleicher é muito atencioso e muito legal com a criança. Hoje ele não queria ceder, então veio a ira de Deus, então Reverchon, então Lehmann, então Poppey e assim por diante. Ontem, a perereca também estava lá com sua metade coberta de pergaminho de sua esposa. Eu não a vi. Seu próprio povo acabou de passar por aqui. Sophie também no maior estado. Mas que miserável!!!

Diga olá a Siebenkäs e Heines quando os vir. Receberei uma mensagem em breve. Você é corajoso para cantar o postillon de Lonjumeau?

Só não escreva de maneira muito vaga e irritada. Você sabe o quanto seus outros ensaios funcionaram. Escreva de forma factual e precisa ou com humor e facilidade. Por favor, querido coração, deixe a caneta correr sobre o papel e se ele cair e tropeçar e uma frase com ela – seus pensamentos estão lá como granadeiros da velha guarda, tão honrados e corajosos e podem também, como dizem, elle meurt corn elle ne se rend pas. E se o uniforme ficar frouxo e não for amarrado com tanta força? Como é bom o soldado francês, o exterior leve e solto. Imagine nossos prussianos transformados. Não estremeça – solte a tipoia e levante a gravata e o chakko – deixe os participantes correrem e colocarem as palavras que eles próprios quiserem. Em tal guerra, as pessoas não precisam marchar tão apropriadamente. E suas tropas estão indo para o campo, não estão? Sorte do general, meu mestre negro.

Adeus, querido coração, querida e única vida. Agora estou na minha pequena Alemanha e tudo é tão junto e o pequenino.

89. Georg Jung para Karl Marx, em Paris

Köln, 26/06/1844

As 100 cópias foram infelizmente confiscadas pelo governo de Baden no navio a vapor. – Mas me faz bem, por que eu tive que confiar no descuidado Renard? –

Ele me garantiu que não havia nada mais fácil do que conseguir esses livros, ele ficaria com toda a editora Froebel em Colônia. – Acho que o cara prometeria enviar a lua para Colônia, a pedido. – Vou te dar o dinheiro hoje em dia. – Se você ainda tiver alguns exemplares, cerca de 20-30, mande-os para alguém em Liege ou Verviers, e eu mesmo irei lá, pegá-los e contrabandear-los no meu casaco e nos bolsos da calça.

Os motins da Silésia irão surpreendê-lo tanto quanto a nós. – Você é um testemunho brilhante da correção de sua construção do presente e do futuro da Alemanha na introdução à filosofia do direito naquele anuário. Sua afirmação prova particularmente verdadeira que, uma vez que nenhum sistema, nenhuma classe particular pode atingir um governo particular, então o atrito e a luta são muito menos. Simpatia absoluta para os tecelões, os rebeldes e quem quer que suspeite de sua revolta nos jornais aqui e ali e a trate com palavras brutais não é um capitalista, não é um burguês, mas no máximo um homem de governo excessivamente zeloso que ainda não pode acreditar em Königl. Prússia. As baionetas encontraram resistência.

No Kölnische Zeitung você vai encontrar agora mais comunismo do que no jornal Rheinische, sim, ele abre uma Sousscription para os parentes enlutados dos tecelões da Silésia que caíram nos infortúnios mais recentes, isto é, para as famílias dos rebeldes dos mais perigosos tipos no casino bom e sólido para o Sr. v. Gerlach um jantar de despedida (também uma boa história. O governo dá ao pobre servo o trem para Düsseldorf, no Reno. Tempo, e Deus sabe o que mais, culpa, e agora o envia contra sua vontade, mas no jornal após sua vontade Erfurt – e agora o homem fica como um livro ruim que é proibido, de repente vale a pena do público!) Os mercadores mais ricos, os funcionários mais graduados, estão presentes e você coleta 100 Thr para os parentes enlutados dos rebeldes!

(Em vista de tais questões, o que era uma constelação ousada e completamente nova para você há alguns meses quase se tornou uma certeza de lugar-comum. – O único que se opôs no jantar foi o pequeno industrial que percebeu, eu não sei, deve-se, portanto, chamá-lo de mais estúpido ou mais inteligente do que os outros. – NB: Nenhum de nós estava naquele jantar, não um radical, mas [lajut, pessoas extremamente decentes, calmas]

Aqui e especialmente na Westfália, o anteriormente um tanto superficial e arrogante Dr. Grün é muito eficaz. Seu porta-voz prepara todos os fenômenos da época, mas especialmente o socialismo, para o senso comum da burguesia, para a qual o Dr. Grün desenvolveu um talento surpreendente e goza de uma censura muito branda. – Quem teria pensado nisso, os escritos enfadonhos, sem sistema e principalmente superficiais de Du Mont e Grün etc. Acho que têm mais efeito do que o *Gazeta Renana* – Todos os dias pauperismo, socialismo etc. para ele todos os dias sem assustá-lo; – sim, no final ele diria se lhe dissessem todos os dias, durante alguns anos, que era necessário.

Cumprimente sua esposa e Herweghs.

90. Moses Heß para Karl Marx, em Paris

Köln, 3/07/1844

Caro Marx!

Você já deve ter lido sua prisão no M [annheimer] Abendztg, "é claro, apenas no caso de você entrar em território prussiano", o que espero que não. Embora você possa adivinhar, é uma impressão dolorosa ver a violência brutal. Mas é bom que a coisa tenha sido publicada; isso só pode ser útil para você em todos os aspectos (embora o governo prussiano não tivesse que perseguir você e seus escritos, já que você teria se tornado popular mesmo sem isso, Heine diria). Apesar de alguns burros nacionais e apesar de sua distribuição muito restrita, os anuários deram grande sorte. Novos socialistas aparecem em todos os lugares, especialmente a parte filosófica foi completamente conquistada. Você já verá pelos jornais alemães que eu não exagerei em nada quando recentemente o assediei sobre a disseminação do socialismo. Os motins da Silésia também estão fazendo sua parte.

Em pouco tempo toda a Alemanha, que foi construída, será socialista, e radicalmente socialista, quero dizer, comunista. O Triersche Zeitung está agora começando a representar nossa direção ao lado de seu fourierismo ortodoxo. Este jornal simplesmente não tem redação e não se pode falar realmente de um jornal Triersche, mas apenas de seus correspondentes. – Karl Grün, que está cada vez melhor, tem muito mérito em divulgar nossos rumos na imprensa alemã. Ele é incansável. Que moramos aqui juntos e diariamente abrem novas brechas no preguiçoso prédio de nossos estados.

Você atribui muita importância a Bauer; ele não tem mais. Veja as coisas como estão conosco, não como eram, e tome cuidado para não cair no erro dos alemães que vivem lá, que, depois de serem alemães por anos, você ainda pode vê-lo onde estava quando o deixou. Bauer é julgado, pelo menos o antigo; e seu surgimento depende apenas de seguir ou não com o novo movimento. Seus seguidores mais entusiastas, não apenas aqui, também em outros lugares – falei com pessoas que acabaram de fazer uma turnê pela Alemanha – se afastaram dele de má vontade. Naturalmente! Foram esses seguidores porque eram radicais; agora todos os ex-radicais filosóficos são radicais socialistas, então a

cautela "sacerdotal" dessa pessoa solitária que faz da necessidade uma virtude – ele é solitário, ele tem que conviver com a censura, portanto ele defende a solidão e a censura – Claro não concordar. A propósito, acredito que Bauer provavelmente apresentaria o socialismo se seu amor-próprio não especulasse sobre informações sobre como ele poderia evitar a aparência de se mover atrás de nós, ou melhor, como a aparência seria conquistada se ele tinha vindo inteiramente de si mesmo, solitário, para o socialismo. Em qualquer caso, é uma mente estreita, mas não é uma estreiteza da cabeça, mas uma estreiteza do coração, que é claro que bate na cabeça, de modo que não se pode dizer o que vai acontecer com o cara, embora eu esteja convencido de que ele é radicalmente socialista agora. Isso emerge muito claramente de uma crítica de Proudhon (no 6º número 10 de sua publicação mensal). Apenas deixe ir agora. Você fez sua parte, deu a ele o último empurrão. Não pense que ele pode chegar a um acordo com qualquer outra coisa a não ser honestamente concordando com você. Todo o resto o torna mais desprezível a cada dia. Voilà mon opinião! Não se deve valorizar o adversário muito baixo, mas nem muito alto, nem dar mais importância a ele do que ele tem. Mostra com grande modéstia de sua parte que você não vê como Bauer é destruído por sua crítica se ele não se defender, e que há apenas uma defesa para ele – a admissão aberta de seu erro anterior. Isso dificilmente se deve esperar dele; Ele fez isso com Feuerbach de uma maneira diferente; bem, o pior para ele!

Receio que dentro de um ano falaremos tão pouco de Bauer quanto do grande Arnold Ruge. Nosso tempo faz julgamentos muito rápidos. Quem não o acompanhar será ignorado por ele e então levado à reação.

Onde está o Strauss? Acho que ele escreve romances. Rügen escreverá textos de ópera. E, infelizmente! os bons e velhos hegelianos. Sic transit gloria mundi.

Comentários: Socialismo. Ameaça de prisão caso entre na Prússia. Socialismo, quer dizer, Comunismo. Bauer. Sobre a crítica demolidora de Marx a Bauer. Ruge já é considerado carta fora do baralho. Tempo faz julgamento muito rápido. Os bons velhos hegelianos.

Para outra coisa! Você me escreve que a segunda remessa minha ainda precisa ser humanizada. Você parece ter se esquecido completamente de que

pedi que devolvesse meu ensaio porque eu mesmo queria alterá-lo muito. Caso contrário, se o "talvez" de minha ida para lá não se tornar uma certeza em breve (o que não eu, mas você deve saber), envie-me o artigo de volta ocasionalmente, mas de forma alguma por |

91. Georg Jung para Karl Marx, em Paris

Köln, 31/07/1844

Caro Marx,

Minha resposta demorou um pouco devido à morte de minha irmã, Frau Stein, há 6 dias. Ela e seu filho mais velho morreram de uma escarlatina muito forte e febre dos nervos. – Os outros dois filhos do meu cunhado também estiveram muito perto da morte, mas agora dizem que estão quase fora de perigo. – Tal tempestade, que de repente joga a construção de uma família feliz, rica e exuberante pela pilha, deveria trazer de volta a pessoa afetada, causar tal recapitulação de toda a vida que o homem sairia dela tão limpo como o ar depois de uma tempestade, mesmo aqui pode-se realmente ver o efeito pernicioso da religião; – se uma pessoa é religiosa em si mesma, então ela afunda completamente em sua vida sonhada, e a partir de então ela se torna indiferente à terra, se não for, e por imprudência, de repente ela a alcança, ela tem para consolá-lo, e conforme ele cresce, ele infunde a si mesmo e sua dor com as promessas gentis de reunião, etc., e todo ganho moral é perdido.

Coloquei as edições 5, 6 e 7 do jornal de literatura sob um envelope cruzado no correio. – Suas observações sobre Bauer estão certamente corretas, mas me parece que seria uma boa coisa se você transformasse isso em uma crítica para algum jornal alemão, principalmente para tirar Bauer de sua misteriosa emboscada. – Até agora ele ainda não estabeleceu suficientemente uma opinião definitiva sobre algo, a tarefa da crítica, diz ele, é compreender os fenômenos. Mas ele torna esse negócio muito fácil para si mesmo, ele só entende as contradições, as revela com desprezo e sai com um misterioso Hmm! Desse modo, é claro, não é tão difícil realizar o feito de que B. Bauer tanto se orgulha de escrever sob a censura prussiana. Os negócios dos irmãos Bauer muitas vezes se tornam muito mesquinhos quando eles criticam à sua maneira fenômenos como a opinião da faculdade de filosofia de Berlim sobre Nauwerck e coisas semelhantes, das quais as contradições, visíveis a todos, se projetam como chifres. – Se, é claro, eles quisessem entender a resolução das contradições, sua alardeada arte de escrever sob censura logo fracassaria, e a saída da Alemanha apontada pelos postulões também seria um desenvolvimento necessário para eles. Bauer é tão obcecado por críticas que recentemente me

escreveu que não se deve criticar apenas a sociedade, os proprietários privados, etc., mas, como ninguém pensou, também os proletários, como se não fosse por suas críticas, que é, deles, a compreensão de sua condição anti-higiênica e indigna, a crítica dos ricos, da propriedade, da sociedade em geral. Escreva-me imediatamente o que você acha que é bom fazer contra Bauer, se não quiser perder tempo com isso, Hess e eu queremos preparar suas cartas para um artigo de jornal.

Estou anexando a vocês uma crítica aos *mystères de Paris* do mensal de Buhl, que considero excelente em muitos aspectos, a crítica do jornal *B. Literature*, que também contém muitas coisas boas, forma um contraste notável com ele. – Eu ficaria muito grato se você me desse sua opinião e algumas instruções sobre esses dois artigos. Parece-me que Schmidt está errado quando retrata E. Sue como o mero representante da velha moralidade e moralidade desumanas, porque ele desce nas partes inferiores de sua pintura com o padrão do homem, mas certamente não se pode fazer isso com o jornal literário em Rudolph e especialmente no maldito pastor de Bouqueval para encontrar a verdadeira humanidade em todos os lugares. O que o jornal literário diz sobre a unidade nas obras de arte, como um velho grilhão, é certamente um absurdo dessa forma abstratamente jogada para baixo, Sue pinta o estado desumano da sociedade, ele tem que se opor à humanidade pura em Rudolph, etc., e ele queria isso também. Mas Schmidt certamente o descreve como um alfaiate do *Juste milieu*.

O russo que você me mandou neste inverno infelizmente ficou apenas uma hora comigo, ele estava cansado e queria continuar, fiquei muito surpreso ao ouvir dele que você era o hist. 10 condeno tão severamente os ans de L. Blanc. Não estou falando aqui de suas visões religiosas, mas a distinção entre o povo e a burguesia, que ele realiza em todos os lugares, parece-me tão bem apresentada quanto acredito que seu efeito sobre o povo francês deve ser imenso. – Então eu li o levante dos trabalhadores em Lyon, que ótimo] ele pinta a miséria, toda a condição dos trabalhadores, [... do outro] os republicanos que não sabem [o que] começar a atirar neles, então eles querem e [...] finalmente a câmara que, em um debate [...] sobre 2 palavras em um discurso, não sabe nada, mas aquele é contra, rebelou-se contra a [ordem] existente de forma sacrilégio. –

Essas pinturas deixam o assunto mais claro, principalmente para o povo, [...] do que toda doutrina teórica.

O nosso rei foi alvejado, o Kölnische Zeitufng] está satisfeito por não ter acontecido por razões políticas, como se não fosse por duas e dez vezes disparar contra um rei ou outra pessoa por interesse privado. – Acabo de receber do livreiro 8 exemplares do seu anuário e vou distribuí-los imediatamente.

Você gostou do Bergenroth?

91. Jenny Marx para Karl Marx, em Paris

Trier, entre 4 e 7/08/1844

Meu querido!

Recebi sua carta bem no momento em que todos os sinos tocavam, a artilharia disparou e a piedosa multidão se derramava nos templos para trazer ao Senhor celestial um aleluia de que ele milagrosamente salvaria o Senhor terreno. Você pode imaginar a sensação com que li as canções de Heine durante a celebração e também me juntei à minha Hosannah. Seu coração prussiano também estremeceu de horror com a notícia daquele crime, aquele crime inédito e impensável? O! sobre a virgindade perdida, honra perdida! Estas são as palavras-chave prussianas. Quando ouvi o pequeno cavalo de feno verde, o capitão da cavalaria X., declarar que ela havia perdido a virgindade, não acreditei em nada mais do que ele se referia à atual virgindade imaculada de Mãe Maria, pois essa é a única oficialmente confirmada – mas da virgindade dos chefes de estado prussianos! Não, há muito eu havia perdido a consciência disso. Um consolo ainda permanece no horror do puro povo prussiano, a saber: que o motivo do ato não foi o fanatismo político, mas a sede puramente pessoal de vingança. Com ele se consolaram – provavelmente eles – justamente nisso está a prova renovada de que uma revolução política é impossível na Alemanha, mas de que todos os germes de uma revolução social estão presentes. Se nunca houve um entusiasta político que ousasse ir a extremos, por outro lado, o primeiro que ousou tentar o assassinato foi levado a isso por necessidade, por necessidade material. O homem implorou em vão por três dias em Berlim com o risco constante de morrer de fome – ou seja, uma tentativa de assassinato social! Assim que começa, irrompe deste lado – esse é o ponto mais sensível e um coração alemão também é vulnerável a ele!

92. Karl Marx para Ludwig Feuerbach, em Bruckberg

Paris, 11/08/1844

Caro senhor!

Como acabo de encontrar a oportunidade, tenho a liberdade de enviar-lhes um ensaio meu no qual alguns elementos de minha crítica à Filosofia do direito – que já terminei uma vez, mas depois reformulei novamente para serem geralmente compreensíveis – são indicados. Não atribuo particular importância a este ensaio, mas tenho o prazer de encontrar a oportunidade de assegurar-lhe o excelente respeito e – permita-me a palavra – amor que tenho por você. Sua "Filosofia do Futuro" e a "Essência do Cristianismo" são, em qualquer caso, apesar de seu escopo limitado, de mais peso do que toda a literatura alemã atual reunida.

Nestes escritos você – não sei se intencionalmente – deu ao socialismo uma base filosófica, e os comunistas imediatamente entenderam essas obras dessa maneira. A unidade do homem com o homem, que se baseia na diferença real entre o homem, o conceito de espécie humana descida do céu da abstração para a terra real, o que é senão o conceito de sociedade?

Duas traduções, uma em inglês e outra em francês, de sua "Essência do Cristianismo" estão sendo preparadas e estão quase prontas para impressão. A primeira está em Manchester (Engels supervisionou), a segunda em Paris (o francês Dr. Guerrier e o comunista alemão Ewerbeck o interpretou com a ajuda de um estilista francês).

Nesse momento os franceses vão atacar imediatamente o livro, pois os dois partidos – padres e Voltairiens e materialistas – procuram ajuda externa. É um fenômeno estranho como, em contraste com o século 18, a religiosidade desceu para a classe média e a classe alta, enquanto a irreligiosidade – mas a irreligiosidade das pessoas que se sentem humanas – desceu ao proletariado francês. Deve ter assistido a uma das reuniões dos ouvriers franceses para poder acreditar no frescor virgem, na nobreza que surge entre este povo cansado. O proletário inglês também faz enormes progressos, mas carece do caráter cultural dos franceses. Mas não devo esquecer de enfatizar os méritos teóricos dos

artefícios alemães na Suíça, Londres e Paris. Mas o artesão alemão ainda é artesão demais.

Em todo caso, entre esses "bárbaros" de nossa sociedade civilizada, a história prepara o elemento prático para a emancipação do homem.

O contraste entre o personagem francês e nós, alemães, nunca me confrontou de forma tão aguda e impressionante como em uma escrita Fourierista que começa com as seguintes frases:

"O homem está inteiramente em suas paixões". "Você já conheceu um homem que pensava em pensar, que lembrava de lembrar, que imaginava imaginar? quem quis querer? já aconteceu com você mesmo não ... não, obviamente não! " O principal móvel da natureza, como a sociedade, é, portanto, o mágico, o apaixonado, a atração não refletida e "tout être, homme, plante, animal ou globo a reçu une somme des forces en rapport avec sa mission dans l'ordre universel " Daqui se segue: «les atrações sont propornelles aux destinées».

Todas essas frases não parecem como se os franceses tivessem deliberadamente colocado sua paixão em oposição ao actus purus do pensamento alemão? Você não pensa para pensar etc.

Como é difícil para o alemão sair da unilateralidade oposta, meu amigo de longa data Bruno Bauer, que agora está mais afastado de mim, deu novas evidências em sua crítica "Berliner Litteraturzeitung". Não sei se você leu. Há nele uma série de polêmicas tácitas contra você.

A personagem deste jornal literário se reduz a isto: a "crítica" se transforma em um ser transcendente. Esses berlinenses não se consideram pessoas que criticam, mas sim críticos que aliás têm a infelicidade de ser gente. só reconhecem uma necessidade real de uma coisa, a necessidade da crítica teórica. Pessoas como Proudhon são, portanto, acusadas de partir de uma "necessidade" "prática". Essa crítica, portanto, torna-se um espiritualismo triste e distinto. A consciência ou autoconsciência torna-se como aquele considerado apenas a qualidade humana.

O amor, por exemplo, é negado porque nele o amado é apenas "objeto". Abaixo o objeto! Esta crítica, portanto, se considera o único elemento ativo da história. Em frente está toda a humanidade como uma massa, como uma massa

inerte, que só se cria pela oposição para com valor do espírito. Portanto, é considerado o maior crime se o crítico tem coração ou paixão, ele deve ser irônico, frio como o gelo. Portanto, Bauer declara literalmente: "O crítico não toma parte nas tristezas nem nas alegrias da sociedade; ele não conhece amizade e amor, nem ódio e ressentimento; ele é entronizado na solidão, onde apenas às vezes o riso dos deuses do Olimpo ecoa de seus lábios diante da perversidade do mundo". O tom do jornal de literatura Bauerschen é, portanto, um tom de desprezo desapaixonado e torna tudo mais fácil para ele, pois ele joga os resultados em você e no tempo em geral na cabeça dos outros. Ele apenas desvendou as contradições e satisfeito com este negócio, retirou-se com um "Hm" desdenhoso. Ele explica que a crítica não dá nada, é espiritual demais para isso. Na verdade, ele expressa a esperança: "Já não está longe o tempo em que toda a humanidade decadente está aberta à crítica – e a crítica é ele e Comp. – irá emparelhar contra eles então separariam esta missa em grupos diferentes e distribuiriam o testemunho paupertatis a todos eles". Parece: Bauer lutou contra Cristo por rivalidade. Vou publicar uma pequena brochura contra esta aberração da crítica. Seria de grande valor para mim se você me desse sua opinião de antemão sobre como qualquer sinal de vida iminente de sua parte me faria feliz.

Os artesãos alemães locais, ou seja, a parte comunista deles, várias centenas, ouviram palestras sobre "Sua Essência do Cristianismo" de seus administradores secretos duas vezes por semana neste verão e mostraram-se estranhamente receptivos. N.64 des Vorwärts é reproduzido uma carta de minha esposa.

93. Jenny Marx para Karl Marx, em Paris

Trier, entre 11 e 18/08/1844

Meu único querido Karl!

Você não acredita, meu coração = querido, o quanto você me faz feliz com suas cartas e como sua última carta de chapéu, você sumo sacerdote e bispo de coração, acalmou suas pobres ovelhas de volta em paz e sossego. Certamente é errado e tolo se atormentar com todos os tipos de preocupações e olhares para visões distantes e sombrias, sinto tudo isso muito bem mesmo nesses momentos de tormento – só o espírito é vigoroso, a carne é fraca e então eu posso só então só será capaz de fazer isso com o seu Ajude a banir aqueles demônios. Mas suas últimas mensagens foram realmente tão reais e palpavelmente reconfortantes que seria errado meditar novamente agora. Eu vejo isso chegando agora, como no jogo de Boston, e espero que alguma circunstância externa determine a hora de meu retorno. Talvez a chegada de Edgar e essas ocasiões extravagantes. Toco com tanta relutância esse ponto embaraçoso e só o levarei à decisão de Adam na presença de Edgar. Em qualquer caso, se eu me mudar antes do inverno, como posso resistir a uma amizade tão querida e sincera que brilha em suas linhas.

E então no fundo o sentimento sombrio de medo, de medo, as ameaças reais de infidelidade, as seduções e seduções da cidade cosmopolita – todos esses são poderes e forças que atuam mais vitoriosamente em mim do que qualquer outra coisa. Como estou feliz por descansar mais uma vez em seu coração, em seus braços, tão suave e felizmente depois de tanto tempo. O que terei para lhe dizer e quantos problemas você terá para me trazer de volta à la hauteur des principes; porque na pequena Alemanha não é permitido permanecer au courant. Como você ficará feliz com a garotinha. Estou convencido de que você não reconhecerá a criança de novo, porque suas bolinhas de cuco e seu gorro preto natural devem denunciá-la. Tudo o mais mudou totalmente, apenas a semelhança com você está se tornando cada vez mais visível. Já faz alguns dias que ele está comendo sopa da planta que levei comigo e está com um gosto ótimo. No banheiro, ele espirra as mãozinhas para que todo o quarto nada e depois mergulha os dedinhos na água e os ouve apressadamente. O dedinho

que sempre o dobrou por baixo e depois espiou por entre os dedinhos é tão estranhamente flexível e ágil por causa desse hábito que dá para se maravilhar. Você pode se tornar um pianista – acho que pode fazer bruxaria com o polegar.

Quando ele chora, rapidamente lhe mostramos as flores do papel de parede e então ele fica quieto como um rato e olha até ficar com lágrimas nos olhos. Não temos permissão para falar com ele por muito mais tempo porque é muito esforço. Ele quer imitar todos os tons e respostas, e o tom intenso e avermelhado do atordoamento é um sinal de grande esforço. A propósito, é a própria alegria. Cada expressão te faz rir. Você deveria ver que querida garotinha eu trago para você. Onde quer que ouça falar, olha rapidamente e até que algo novo apareça novamente. Você não tem ideia da vivacidade da criança. Nenhum sono entra em seus olhos por noites inteiras e quando você olha para ele, ele ri alto. Fica mais feliz quando vê uma luz ou fogo. Você pode usá-lo para convocar a maior tempestade. Karlzinho, por quanto tempo a boneca faria um papel solo? Receio, receio, que quando papai e mamãe estiverem juntos novamente, vivendo em uma comunidade de propriedade, uma dupla logo seja apresentada. Ou devemos começar bem em Paris? Normalmente, a maioria dos pequenos cidadãos do mundo tem menos recursos. Recentemente, um homem pobre com 10 filhos pediu apoio ao prefeito Görtz, porque ele o repreendeu por seus muitos filhos; O homem não diz nada mais do que “Senhor, não existe aldeia tão pequena e esparsa, há uma vez por ano Kirmess nela.” Ele recebeu uma contribuição e provavelmente agora celebrará a 1ª Kirmess.

Comentário: novo filho. Assuntos domésticos. Faz muito tempo que não nos vemos com os seus. Primeiro a grande e nobre visita e agora os grandes preparativos para o casamento. Você é inconveniente, não é visitado e é humilde o suficiente para não voltar. O casamento é no dia 28 de agosto. Eles foram chamados pela primeira vez no domingo. Apesar de toda a glória, Jettchen está piorando a cada dia, a tosse e a rouquidão aumentam. Ela mal consegue andar mais. Ela anda por aí como um fantasma, mas deve ser casada. Geralmente é considerado terrível e sem escrúpulos. Rocholl deveria estar lá para sequestrar algo para seu sobrinho. Não sei se isso pode dar certo. Se eles ainda pudessem viver em uma cidade – mas em uma vila miserável e no inverno.

Não tenho ideia de como a sua natureza é engraçada e hilária. Se o destino não os amortecesse um pouco, ninguém poderia se salvar de sua arrogância. E a ostentação das parthias brilhantes e dos pousios e brincos ou xales! Não entendo nem entendo sua mãe. Ela mesma nos disse que acha que Jettchen tem tuberculose e ainda assim permite que ela se case com ela. Mas Jettchen deve querer isso à força. Estou ansioso para saber como tudo vai acontecer. Em Trier, há uma agitação como nunca vi antes. A Uit está em movimento. As lojas foram todas limpas, todos estão preparando salas para logotipos. Também temos um quarto pronto. Toda Coblenz vem e a nata da sociedade se junta à procissão. Todas as pousadas já estão superlotadas. São 210 pousadas recém-criadas, art riders, teatros, zoológicos, dioramas, teatros mundiais, enfim, tudo o que você imaginar já está sendo anunciado. Todo o palácio está repleto de tendas. Casas inteiras de madeira foram erguidas em frente aos portões. Trier vai no domingo. Todos têm que se juntar a uma procissão e então vêm as aldeias. 16.000 pessoas todos os dias. Stein já vendeu saias pequenas de deusa por 400 "f, que ela fabricou com seus restos de fitas velhas.

Em cada casa há rosários de 6 a 100 pfennigs. Também comprei um pequeno medalhão para Mämerchen e ontem ela ganhou um rosário para si. Você não tem ideia do que está acontecendo aqui. Metade de Luxemburgo chega para a próxima semana; O primo Michel também se inscreveu. As pessoas estão todas loucas. O que devemos pensar disso agora? É um bom sinal dos tempos que tudo tem que ir ao extremo, ou ainda estamos tão longe da meta. O diabo está acontecendo com você também. Isso vai se estabelecer novamente?

E agora me diga o que os Heuochs disseram sobre o seu artigo? Ele retribuiu, respondeu ou ficou em silêncio? Mas o menino realmente tem algo raramente ótimo. Que bom que agora você está um pouco de volta a Casse. Pense sempre que, quando o saco estiver cheio, como é fácil esvaziar novamente, como é difícil enchê-lo. Caro, bom coração Karl! Como eu te amo, como meu coração deseja por você. Eu realmente gostaria que Edgar ainda pudesse ver seu adorável não-pequenino. Se ele fosse apenas o tio do Referendarius – então poderei me despedir de minha mãe em breve. A boneca está apenas comendo sua sopa. Acha que não quer mais se deitar, sente-se

sempre direito. Lá ele pode olhar melhor ao redor. Diga-me, coração, há muito tempo que você nem menciona Guerrier. Aconteceu alguma coisa à ilustre Sra. Base? Nenhuma nova de George, o Divino?!

Estou muito ansioso para ver o que o pommer vai começar agora. Ele é silencioso ou escandaloso? É curioso que nada desagradável sempre venha de Colônia para melhor. Quão fiéis são os amigos, quão cuidadosos, ternos e atenciosos. Mesmo que seja constrangedor pedir dinheiro, certamente perde tudo que é desagradável e opressor com essas pessoas. Mal posso continuar a escrever. A criança continua me distraíndo com sua risada adorável e tenta falar. Você não tem absolutamente nenhuma ideia da beleza de sua testa, da transparência de sua pele, da delicadeza maravilhosa de suas mãozinhas.

Caro, bom coração, coração. Apenas escreva para mim novamente em breve. Fico muito feliz quando vejo sua caligrafia. Seu bom, querido, doce javali, seu pai da minha boneca.

Tchau, coração, coração.

94. Heinrich Heine para Karl Marx, em Paris

Hamburg, 21/09/1844

Querido Marx!

Sofro de novo com a minha visão fatal, e é apenas com dificuldade que rabisco esses sinais para você. Entretanto, o que tenho para vos dizer posso dizer oralmente no início do próximo mês, pois estou a preparar-me para partir, assustado com uma piscadela de cima – não me apetece ser revistado, as minhas pernas não têm talento para fazer os anéis de ferro usarem como Weitling os usava. Ele me mostrou as trilhas. Suspeito que tenho uma participação maior no ataque do que posso me orgulhar e, para ser honesto, o jornal atesta o maior domínio em provocar e comprometer. O que isso deveria dar, até o pedreiro fica desvalorizado! – Oral mais sobre isso. Se ao menos não houver perfídia em Paris. Meu livro foi impresso, mas não estará disponível aqui por 10 a 14 dias, para que não haja barulho. Hoje envio-vos as folhas publicitárias da parte política, sobretudo onde está o meu grande poema, sob um envelope cruzado, com três intenções. Ou seja, primeiro para que você se divirta com ele, segundo para que [você] possa se preparar para trabalhar para o livro na imprensa alemã e, em terceiro lugar, para que você possa, se você considerar aconselhável, ter o melhor do novo poema impresso nos encaminhamentos.

No final do capítulo 16 do grande poema, acredito que tudo está adequado para reimpressão, mas você deve se preocupar que a parte em que [...] é tratada, ou seja, os capítulos 4, 5, 6 e 7, não seriam impressos separadamente, mas no mesmo número vem. Igualmente, é o caso com a parte relativa ao antigo Rothbart, ou seja, os capítulos 14, 15 e 16, que devem ser impressos juntos no mesmo número. Escreva uma palavra introdutória para esses trechos. Estou levando você a Paris no início do livro, que consiste apenas em romances e baladas que sua esposa vai gostar. (Para dar-lhe minhas mais calorosas saudações é meu pedido mais gentil; estou ansioso para vê-lo novamente em breve. Espero que o próximo inverno seja menos melancólico para nós do que o anterior.)

Campe está agora fazendo uma cópia especial do grande poema, no qual a censura excluiu alguns lugares, mas para o qual escrevi um prefácio que é

muito franco; é por isso que decidi lançar o desafio aos nacionalista. Enviarei de volta para você assim que for impresso. Escreva a Hess (cujo endereço não sei) que, assim que vir meu livro no Reno, fará o que puder na imprensa antes que os ursos caiam sobre ele. Também peço que você use Jung como um artigo auxiliar. Caso você assine as palavras introdutórias solicitadas com seu nome, pode dizer que enviarei as folhas novas imediatamente. Você entende a distinção por que eu gostaria de ser isento desta observação de qualquer outra forma. – Peço-lhe que venha falar com Weill e lhe diga em meu nome que só recentemente recebi sua carta, que era dirigida ao injusto Henri Heine (há muitos aqui). Voltarei a vê-lo em 14 dias, enquanto isso ele não deveria ter uma linha impressa sobre mim, muito menos sobre meu novo poema. Se meus olhos permitirem, posso escrever para ele antes de partir. Atenciosamente, Bernays. – Estou feliz por estar indo embora. Já enviei minha esposa à França para ver sua mãe, que está à beira da morte. Adeus, caro amigo, desculpe meu rabisco confuso. Não posso esquecer o que escrevi – mas precisamos de alguns personagens para nos entender!

95. Friedrich Engels para Karl Marx, em Paris

Barmen, início de 10/1844

Querido Marx,

Você ficará surpreso por não ter lido minhas notícias antes, e você tem o direito de fazê-lo; entretanto, também não posso dizer nada sobre meu retorno lá. Estou sentado aqui em Barmen há três semanas, me divertindo tanto quanto posso com poucos amigos e muitos familiares, entre os quais, felizmente, há meia dúzia de mulheres adoráveis. Trabalhar está fora de questão aqui, muito menos desde que minha irmã ficou noiva do comunista de Londres Emil Blank, que Ewerbfeck] conhece, e é claro que agora há correria e correria dentro de casa. A propósito, posso ver que ainda haverá dificuldades consideráveis no caminho de meu retorno a Paris, e que provavelmente terei que ficar na Alemanha por meio ano ou um ano inteiro; é claro que farei tudo o que puder para evitar isso, mas você não acredita nas considerações mesquinhas e medos supersticiosos que são colocados sobre mim.

Fiquei três dias em Colônia e fiquei surpreso com a tremenda propaganda que fizemos lá. As pessoas são muito ativas, mas a falta de suporte adequado é muito palpável. Enquanto os princípios não se desenvolvem lógica e historicamente, do ponto de vista anterior e da história anterior, e como a necessária continuação deles em alguns escritos, tudo ainda está meio cochilando e, para a maioria deles, tateando às cegas. Mais tarde estive em Düsseldorf, onde também temos alguns caras legais. A propósito, gosto mais do meu Elberfelder, onde a maneira humana de ver as coisas realmente se tornou carne e sangue; esses camaradas realmente começaram a revolucionar a economia familiar e a ler o texto para seus idosos toda vez que eles se comprometem a tratar os servos ou trabalhadores de forma aristocrática – e isso é muito no patriarcal Elberfeld.

Além desse círculo, há também um segundo em Elberfeld, que também é muito bom, mas um pouco confuso. Em Barmen, o comissário de polícia é comunista. Anteontem estava comigo um antigo colega de escola e professor de segundo grau, que também está gravemente infectado sem ter entrado em contato com comunistas de forma alguma. Se pudéssemos ter um impacto direto sobre as pessoas, logo estaríamos no topo, mas isso é praticamente impossível,

especialmente porque nós, escritores, temos que ficar calados para não sermos pegos. Além do mais, aqui é muito seguro, não somos atendidos enquanto ficamos quietos e acho que H[eß] vê alguns fantasmas com seu medo. Ainda não fui molestado nem um pouco, e apenas o procurador-chefe uma vez perguntou a um de nosso povo por mim, isso é tudo que me veio aos ouvidos até agora.

O jornal disse que os Bernays haviam sido processados lá pelo governo local e estavam sendo julgados. Escreva-me se isso for verdade e o que o folheto faz, provavelmente já estará concluído. Você não tem notícias dos Bauer aqui, ninguém sabe nada sobre eles. Por outro lado, os anuários ainda estão rasgados até os dias de hoje. Meu artigo sobre o Carlyle me deu uma enorme reputação entre as "massas", ridiculamente, enquanto poucos leram o de economia. Isso é natural.

Em Elberfeld, também, os pastores, pelo menos o Krummacher, pregaram contra nós; por enquanto apenas contra o ateísmo dos jovens, mas espero que uma Philippica contra o comunismo se siga em breve. No verão passado, toda Elberfeld estava falando apenas sobre esses caras ímpios. Enfim, há um movimento estranho aqui. Desde que saí, Wupperthal fez maiores progressos em todos os aspectos do que nos últimos 50 anos. O tom social se tornou mais civilizado, a participação na política, a oposição é geral, a indústria avançou rapidamente, novos bairros foram construídos, florestas inteiras foram exterminadas e tudo agora está mais acima do que abaixo do nível alemão Civilização, embora ainda estivesse abaixo de quatro anos atrás – brevemente aqui um terreno esplêndido está sendo preparado para nosso princípio, e quando pudermos colocar nossos tintureiros e arquibancadas selvagens de sangue quente em movimento, você ainda deve se surpreender com o Wupperthal. Desta forma, os trabalhadores já haviam atingido o último estágio da velha civilização há alguns anos, eles protestam contra a velha organização social por um rápido aumento de crimes, roubos e assassinatos. As ruas são muito inseguras à noite, a burguesia é espancada, esfaqueada com facas e roubada; e se os proletários locais se desenvolverem de acordo com as mesmas leis que os ingleses, logo verão que essa maneira de protestar como indivíduos e violentamente contra a ordem social é inútil e, como povo, protestar em sua capacidade geral através do

comunismo. Se ao menos você pudesse mostrar o caminho aos caras! Mas isso é impossível.

Meu irmão agora é soldado em Colônia e, enquanto permanecer confiante, será um bom endereço para enviar cartas para H. etc. Por enquanto, não sei o endereço exato dele, então também não posso dar a você.

Desde que escrevi o anterior, estive em Elberfeld e encontrei alguns comunistas que antes eram totalmente desconhecidos para mim. Você pode girar e girar para onde quiser, você tropeça em comunistas. Um comunista muito furioso, pintor de caricaturas e pintor de história em ascensão, chamado Seel, vai a Paris daqui a dois meses, vou dirigi-lo a vocês, vocês vão gostar do sujeito com sua natureza entusiástica, seu amante de pintura e música, e é muito útil como criador de caricaturas. Talvez eu já esteja lá, mas isso ainda é muito duvidoso.

O Vorwärts! vem aqui em algumas cópias, assegurei-me de que outros farão o pedido; peça à expedição para enviar cópias de amostra: para Elberfeld para: Richard Roth, Wilh. Blank-Hauptmann junior, F. W. Strücker, bairersch Bierwirth Meyer na Funkenstrasse (pub comunista) e todos eles pelo livreiro comunista Bädeker lá e coberto. Quando os caras virem as cópias chegando, eles farão o pedido também. Depois de Düsseldorf para W.Müller Dr. Med.; para Colônia para o Dr. med. D'Ester, Bierwirth Löllchen, ao seu cunhado, etc. Tudo, é claro, nas livrarias e nos envelopes.

Agora certifique-se de que os materiais que você coletou sejam logo jogados no mundo. É uma hora sangrenta. Eu também vou começar a trabalhar duro e começar de novo hoje. Os alemães ainda estão muito no escuro quanto à viabilidade prática do comunismo; para me livrar desse lixo, escreverei um pequeno folheto informando que o assunto já foi resolvido e descreverei popularmente a prática do comunismo na Inglaterra e na América. Essa coisa me leva três dias ou mais e tem que educar muito os caras. Já vi isso nas minhas conversas com os habitantes locais.

Então funcionou bem e foi impresso rapidamente! Saudações a Ewerbeck, Bakunin, Guerrier e os outros, para não esquecer sua esposa e escrever para mim sobre absolutamente tudo muito em breve. Se esta carta chegar corretamente e sem abrir, escreva sob o envelope para "F. W. Strücker & Comp., Elberfeld ", com caligrafia comercial possível no endereço, caso contrário,

para qualquer outro endereço de onde dei Ewerb ... Estou ansioso para saber se os cães do correio serão enganados pela aparência elegante desta carta.

Bem, adeus Karl e escreva logo. Desde então, não tenho sido tão alegre e humano novamente quando tinha dez dias que passei com você. Por causa do estabelecimento que estava para ser estabelecido, ainda não tive oportunidade real de dar passos.

96. Karl Marx para Julius Campe, em Hamburg

Paris, 7/10/1844

Honorável Hoffmann & Campesche Buchhandlung à Hamburg Sr. Bem-nascido Sr. Julius Campe!

Caro senhor!

Eu e Engels escrevemos um panfleto de cerca de 10 folhas contra Bruno Bauer e seu apêndice.

Trata de temas de filosofia, história, idealismo, contém uma crítica aos *Mystères de Paris* etc. e não será desinteressante para a Alemanha. No geral, não é contrário à censura.

Se quiser assumir a editora, peço que me responda imediatamente, pois a brochura só pode perder o interesse atrasando a impressão. Se Heine ainda está em Hamburgo, agradeça muito pelos poemas enviados; eu não os teria mostrado ainda porque quero mostrar a primeira parte, as baladas, ao mesmo tempo.

97. Wilhelm Weitling para Karl Marx, em Paris

Londres, 18/10/1844

Acredito ter reconhecido você em alguns artigos de "Vorwärts", comparando o espírito do mesmo com o que me foi dito por você e estou feliz por você. Não preciso dizer nada longo e amplo o suficiente sobre isso, nós somos amigos e, como tal, queremos um. Vamos ver algo do outro de vez em quando, ou seja, algumas linhas.

E o Vorwärts!, vai aguentar? Seria fatal se tivesse o mesmo destino dos primeiros jornais alemães parisienses. Pareceria uma campanha perdida.

Hoje, alguém do clube local de mercadores alemães me disse que queria seguir em frente! não subscreve mais o seu discurso retórico e palavras insultuosas. Pelo que eu sei, essa também foi a razão pela qual não foi aceito na associação comunista local antes de eu chegar lá. Eu também não sou um amante dessas passagens, mas prefiro que sejam fingidas como um absurdo do reino do supersensível de outras fontes.

Você é casado? Cumprimente sua querida esposa, adeus e me escreva em breve.

98. Karl Marx para Heinrich Börnstein, em Paris

Paris, o mais tardar em 11/1844

Caro senhor!

Envie-me os papéis de Feuerbach assim que os imprimir.

99. Karl Marx an Heinrich Börnstein, em Paris

Paris, Outono de 1844

Caro senhor!

Você me comprometeria muito se quisesse descobrir, no máximo, até terça-feira, se Frank queria ou não assumir a publicação da brochura de Bauer.

É completamente indiferente para mim como ele decide. Posso ter um editor de fora da cidade todos os dias. Só com esta brochura, onde uma palavra conta, seria agradável vê-la impressa diante dos meus olhos e poder eu mesmo corrigi-la.

Em qualquer caso, peço-lhe que responda rapidamente. Seu devoto pronto para atendê-lo em troca.

Dr. Marx.

Post-scriptum. Visto que a brochura é dirigida contra Bauer e, em geral, contém pouco que seja contrário à censura, dificilmente acredito que a expulsão para a Alemanha causaria grandes dificuldades.

100. Friedrich Engels para Karl Marx, em Paris

Barmen, 19/11/1844

Caro M.

Há cerca de quinze dias, recebi algumas linhas suas e de cidadãos, datadas de 8 de outubro e com carimbo postal de Bruxelas em 27 de outubro. Mais ou menos na mesma época em que você escreveu o bilhete, enviei uma carta em seu nome, endereçada a sua esposa, e espero que tenha recebido. Para ter certeza no futuro de que nossas cartas não serão desviadas, nós as numeraremos; portanto, o meu atual é o nº 2 e, ao escrever, basta indicar até qual não recebeu e se falta algum no pedido.

Estive em Colônia e Bonn há alguns dias. Tudo está indo bem em Colônia. Grün deve ter falado sobre a atividade do povo. Hess planeja chegar lá em 14 dias a 3 semanas também, se conseguir o dinheiro necessário. Agora você tem o cidadão lá também, e com ele um Concilium adequado. Quanto menos você precisar de mim e mais eu estarei aqui. É claro que ainda não posso ir, senão teria que vomitar com toda a minha família. Também tenho uma história de amor que preciso resolver primeiro. E um de nós tem que estar aqui agora porque todas as pessoas precisam ser incitadas a fim de permanecer na atividade adequada e não se envolver em todos os tipos de besteiras e extravios. Por exemplo, Jung e muitos outros não podem ser persuadidos de que existe uma diferença fundamental entre nós e Rügen e que eles ainda acreditam que se trata apenas de um escândalo pessoal. Se você lhes disser que Ruge não é comunista, eles não acreditam muito e pensam que é sempre uma pena que uma "autoridade literária" como R. tenha sido jogada fora por descuido! Mais uma vez se deixa levar com uma estupidez colossal, para que seja demonstrado ao povo ad oculos ... Não sei, não há nada de certo em J. afinal, o sujeito não é decidido o suficiente. Agora temos reuniões públicas em todos os lugares para fundar associações para a elevação dos trabalhadores; isso traz movimento aos alemães e chama a atenção do filisteu para as questões sociais. Essas reuniões são facilmente convocadas sem consultar a polícia. Em Colônia, enchemos a metade do comitê de redação dos estatutos com os nossos próprios, em Elberfeld havia pelo menos uma pessoa e com a ajuda dos racionalistas trouxemos aos piedosos uma esplêndida derrota em duas reuniões; por imensa

maioria, tudo o que fosse cristão foi banido dos estatutos. Eu gostava de como esses racionalistas eram completamente ridículos com seu cristianismo teórico e seu ateísmo prático. Em princípio, eles concordaram com a oposição cristã, mas na prática o cristianismo, que de acordo com sua própria declaração forma a base da associação, não deveria ser mencionado nos estatutos em uma única palavra; os estatutos devem conter tudo, não apenas o princípio de vida da associação! Mas os companheiros se agarraram a essa posição ridícula com tanta firmeza que nem precisei dizer uma palavra, e ainda assim obtivemos os estatutos que só podemos desejar nas condições existentes. A reunião é novamente no próximo domingo, mas não posso comparecer porque estou indo para a Vestfália amanhã. Estou enterrado até as orelhas em jornais e livros ingleses, dos quais compilo meu livro sobre a situação dos proletários ingleses. Acho que estarei pronto em meados ou final de janeiro, já que passei pelo trabalho mais difícil, arranjando o material, por 8-14 dias. Vou fazer um bom registro de pecados para os ingleses; estou acusando a burguesia inglesa diante de todo o mundo de assassinato, roubo e todos os outros crimes em massa, e estou escrevendo um prefácio em inglês, que terei copiado separadamente e enviado aos líderes do partido inglês, homens de letras e membros do parlamento. Eu quero que eles pensem em mim. Aliás, nem é preciso dizer que saí do saco e me refiro ao burro, ou seja, à burguesia alemã, à qual digo com bastante clareza que é tão ruim quanto a inglesa, só que não é tão corajosa, tão consistente e tão habilidosa no arrasto. Assim que terminar, começarei com a história do desenvolvimento social dos ingleses, que me custará ainda menos esforço porque tenho o material pronto e arrumado em minha cabeça, e porque o assunto é muito claro para mim. Nesse ínterim, provavelmente irei escrever algumas brochuras, especialmente contra List, assim que tiver tempo.

Você deve ter ouvido falar do livro de Stirner. Wigand me enviou as folhas de aviso que levei comigo para Colônia e deixei com Hess. O princípio do nobre Stirner – você conhece Schmidt de Berlim, que escreveu sobre as *mystères* no *Buhische Sammlung* – é o egoísmo de Bentham, executado apenas mais consistentemente de um lado e menos consistentemente do outro. Mais consistente, porque St. também coloca o indivíduo como ateu acima de Deus, ou melhor, como a última coisa, enquanto Bentham permite que Deus ainda exista

numa distância nebulosa sobre ele, em suma porque St. se apoia no idealismo alemão, um idealista se transformou em materialismo e empirismo, onde Bentham é um empirista simples. St. é menos consistente porque gostaria de evitar a reconstrução da sociedade atômica que B. realiza, mas não pode. Este egoísmo é apenas o ser trazido à consciência da sociedade atual e do homem presente, a última coisa que a sociedade atual pode dizer contra nós, a ponta de toda teoria dentro da estupidez existente. É por isso que a coisa é importante, mais importante do que, por exemplo, Hess vê isso. Não temos que jogá-lo de lado, mas explorá-lo como uma expressão perfeita da loucura existente e, virando-o, construir sobre ela. Esse egoísmo é levado ao extremo, tão louco e ao mesmo tempo tão autoconfiante que, em sua unilateralidade, não pode durar um momento, mas deve se transformar imediatamente em comunismo.

Em primeiro lugar, é uma questão insignificante provar a St. que seu povo egoísta deve necessariamente se tornar comunista por puro egoísmo. Isso deve ser devolvido ao cara. Em segundo lugar, ele deve ser informado de que o coração humano está certo desde o início, imediatamente, em seu egoísmo, altruísta e abnegado, e assim ele volta ao que está lutando contra. Com essas poucas trivialidades, pode-se rejeitar a unilateralidade. Mas o que é verdade sobre o princípio, também devemos absorver. E é verdade, no entanto, que devemos primeiro tornar uma coisa nossa, coisa egoísta, antes de podermos fazer algo por ela – que, neste sentido, à parte de quaisquer esperanças materiais, somos comunistas por egoísmo, por egoísmo Desejo ser pessoas, não apenas indivíduos. Ou, em outras palavras: St. está certo quando rejeita "o homem" de Feuerbach, pelo menos a essência do Cristianismo; o "homem" de Feuerbach é derivado de Deus, Feuerbach veio de Deus para o "homem" e assim é "o Humano", no entanto, ainda coroado com um halo teológico de abstração. A verdadeira maneira de chegar às "pessoas" é o oposto. Temos que partir do ego, do empírico, do indivíduo corpóreo para não ficar preso nele como a testa, mas para subir daí ao "homem". O "homem" é sempre uma figura fantasma enquanto não trabalhar com o homem empírico tem sua base. Em suma, temos que partir do empirismo e do materialismo para que nossos pensamentos, e especialmente nosso "homem", sejam verdadeiros; temos que derivar o geral do indivíduo, não de nós mesmos ou do ar à la Hegel entende de e que já foram mencionados

individualmente por Feuerb, e que eu não repetiria se Hess não tivesse – como me parece devido ao antigo apego idealista – derrubar o empirismo, especialmente Feuerb, e agora Stirner de forma tão horrível. Hess está certo em muito do que diz sobre Feuerbach, mas por outro lado ele ainda parece ter algum absurdo idealista – quando se trata de coisas teóricas, sempre avança em categorias e, portanto, ele também não pode escrever popularmente porque é muito abstrato. Portanto, ele também odeia todo e qualquer egoísmo e prega o amor pelas pessoas, etc., o que novamente resulta em sacrifício cristão. Mas se o indivíduo corporal é a verdadeira base, o verdadeiro ponto de partida para nossos "seres humanos", então o egoísmo – é claro, não apenas o egoísmo intelectual de Stirner, mas também o egoísmo do coração – é o ponto de partida para nosso amor humano, caso contrário, ele paira no ar. Como Hess virá em breve, você poderá conversar com ele sobre isso sozinho. Aliás, toda essa fofoca teórica me entedia cada vez mais a cada dia, e cada palavra que ainda se perde sobre "homem", cada linha que se tem que escrever ou ler contra a teologia e a abstração, bem como contra o materialismo bruto, me irrita. algo bem diferente se, em vez de todas essas formações aéreas – porque mesmo o ser humano ainda não realizado permanece um até sua realização – se preocupa com coisas reais, vivas, com desenvolvimentos e resultados históricos – isso é pelo menos o melhor, enquanto como ainda estamos sozinhos, somos instruídos a usar a caneta e não podemos realizar nossos pensamentos diretamente com as mãos ou, se necessário, com os punhos. Mas o livro de Stirner mostra novamente como a abstração é profunda na essência de Berlim. Obviamente St. tem o maior talento, independência e trabalho árduo dos livres, mas com tudo isso ele cai do idealista para a abstração materialista e chega a nada. Ouvimos falar de avanços no socialismo em todas as partes da Alemanha, mas nem um traço de Berlim. Esses berlinenses superinteligentes ainda estabelecerão uma Démocratie pacifique no Hasenheide se toda a Alemanha abolir a propriedade – os caras certamente não irão adiante. Seja cuidadoso, um novo Messias logo se levantará em Uckermark, que colocará Fourier em forma após Hegel, construirá o falantro das categorias eternas e o apresentará como uma lei eterna da ideia vindoura, que o capital, o talento e o trabalho participam de certas partes do rendimento. Aquele se tornará o novo testamento de Hegel, o antigo Hegel se tornará o antigo

testamento, o "estado", a lei será uma "disciplina para Cristo" e o falanter, no qual as renúncias são colocadas de acordo com a necessidade lógica, será o "novo céu" e a "nova terra", a nova Jerusalém que desce do céu adornada como uma noiva, como tudo o que é mais amplo será lido no novo apocalipse. E quando tudo isso é concluído, então vem a crítica crítica, declarando que é tudo em tudo, que une capital, talento e trabalho em sua cabeça, que tudo o que é produzido é por meio dele e não por meio das massas impotentes – e leva tudo por si. Esse será o fim da hegeliana [democracia pacífica de Berlim.

Quando a crítica crítica estiver pronta, mande-me alguns exemplares, envelopados e lacrados, pelo comércio do livro. Cumprimente todas as pessoas.

101. Joseph Rütten und Zacharias Löwenthal para Karl Marx, em Paris

Frankfurt am Main, 3/12/1844

Caro senhor!

Recebemos ambas as suas cartas. O manuscrito, corrigido nos locais pertinentes de acordo com seus dados e munido do novo prefácio, já está nas mãos do impressor. Em anexo, você receberá a taxa pela sua "Crítica da crítica, etc." fixada em francos 1000 por acordo, em uma troca de francos 1000 – para Leopold S. Koenigswarter em Paris em 15 de dezembro Taxa recebida, feita para a empresa "Literarisches Anstalt von J. Rütten", a incluir. Com respeito e devoção à instituição literária.

J. Ruetten

Iremos enviar-lhe as folhas acabadas de tempos a tempos para que nos possa informar sobre quaisquer correções e acréscimos a serem feitos no final do livro.

102. Zacharias Löwenthal para Karl Marx, em Paris

Frankfurt am Main, 27/12/1844

Prezado Senhor, pelas linhas que de vez em quando lhe envio, gostaria apenas de informar que a impressão do seu livro está em andamento e que será enviado pelo correio no final de janeiro. Além disso, gostaria de perguntar se há um boato, que descobri recentemente, de que você estava trabalhando em um livro contra B. Bauer, com o título: A Sagrada Família, e não este livro com o que era conhecido na imprensa, e qual tem exatamente o mesmo conteúdo, confuso? Se este for o FaU, gostaria de pedir-lhe que me permitisse dar ao seu livro o título mais marcante e epigramático:

A sagrada família.

ou

A Crítica da Crítica Crítica,
contra Bruno Bauer e consortes.

dar; isso criaria mais sensação, e o conteúdo humorístico frequentemente muito marcante, esperançosamente, justificaria essa sensação preliminar. Também gostaria de pedir-lhe que me permitisse adicionar um breve comentário ao seu nome na página de rosto: (em Paris). Porque agora existem vários escritores na Alemanha, embora estejam subordinados ao seu nome.

Peço-lhe que nos notifique sobre estas questões o mais rapidamente possível, e saúdo-o com o maior respeito

Dr. Loewenthal

103. Karl Marx para Heinrich Börnstein, em Paris

Paris, entre fim de dezembro de 1844 e início de janeiro de 1845

Caro senhor!

É impossível para mim apresentar a crítica de Stirner a você antes da próxima semana. Portanto, deixe a cópia de amostra sem minha contribuição, a Bürgers fornecerá a você um ensaio.

Você terá meu ensaio na próxima semana.

Seu devotado

Marx!

104. Carta aos Anais Franco-alemães

Bakunin an Ruge Petersinsel im Bieler See, Mai 1843

Nosso amigo M. me deu sua carta de Berlim. Você parece ter ficado descontente com a Alemanha. Eles só veem a família e o filisteu, que está encerrado em suas estreitas quatro estacas com todos os seus pensamentos e desejos, e não querem acreditar na primavera que o atrairá para fora. Caro amigo, apenas não perca a sua fé, apenas não perca a sua fé. Lembre-se, eu, o russo, o bárbaro, não vou desistir dele, não vou desistir da Alemanha, e você, que está no meio de seu movimento, você, que testemunhou o início deles e ficou surpreso com sua ascensão, você quer agora condenar à impotência os mesmos pensamentos, que antes confiava para fazer tudo, quando seu poder ainda não tinha sido testado? Oh, eu admito, ainda há um longo caminho a percorrer antes do encontro alemão em 1789! quando os alemães não estariam séculos atrás? Mas agora não é hora de colocar as mãos no colo e se desesperar covardemente. Se homens como você não acreditam mais no futuro da Alemanha, não querem mais trabalhar nele, quem vai acreditar e quem vai agir? Estou escrevendo esta carta na Ilha Rousseau, no Lago Biel. Você sabe que não vivo de fantasias e frases; mas estremece minha medula e meus ossos ao pensar que apenas hoje, o que estou escrevendo para você e sobre tal assunto, fui trazido a este lugar. Ah, é certo, minha crença na vitória da humanidade sobre os sacerdotes e os tiranos é a mesma que o grande exílio derramou em tantos milhões de corações, que também levou consigo aqui. Rousseau e Voltaire, esses imortais, tornam-se jovens novamente; Eles celebram sua ressurreição nas mentes mais talentosas da nação alemã; um grande entusiasmo pelo humanismo e pelo Estado, cujo princípio é finalmente o homem, um ódio ardente dos padres e sua impudente contaminação de tudo que é humanamente grande e verdadeiro permeia novamente o mundo. *A filosofia mais uma vez desempenhará o papel que desempenhou tão gloriosamente na França;* e não prova nada contra eles que seu poder e temor tenham se tornado claros para seus oponentes mais cedo do que eles próprios. Ela é ingênua e não espera nenhuma luta ou perseguição no início, porque ela toma todas as pessoas como seres racionais e se volta para sua razão como se ela fosse seu mestre absoluto.

É absolutamente necessário que nossos oponentes, que devem declarar que não somos razoáveis e queiram permanecer assim, abram a luta prática, a resistência contra a razão, por meio de medidas irracionais. Este estado de coisas só prova a superioridade da filosofia, este clamor contra ela já é a vitória. Voltaire disse uma vez: *Vocês, homenzinhos, com um pequeno trabalho, que lhes dão um pouco de autoridade em um pequeno país, vocês clamam contra a filosofia?* Para a Alemanha, vivemos na época de Rousseau e Voltaire e "aqueles de nós que são jovens o suficiente para experimentar os frutos do nosso trabalho verão uma grande revolução e um tempo em que vale a pena o esforço para nascer". Também podemos repetir essas palavras de Voltaire sem medo de que a história as confirme pela segunda vez menos que a primeira.

Agora os franceses ainda são nossos professores. Politicamente, eles têm uma vantagem de séculos. E o que se segue disso! Essa tremenda literatura, essa poesia viva e belas artes, esse desenvolvimento e espiritualização de todo o povo, todas as condições que só entendemos de longe! Temos que recuperar o atraso, temos que enfrentar nossa arrogância metafísica, quem não aquece o mundo, dá a vara, temos que aprender, temos que trabalhar dia e noite, a fim de trazê-lo ao ponto em que as pessoas convivam com outras pessoas, para ser livre e tornar livre – temos que – sempre volto a tomar posse do nosso tempo com os nossos pensamentos. É concedido ao pensador e poeta antecipar o futuro e construir um novo mundo de liberdade e beleza em meio ao caos da desgraça e da modernidade que nos cerca.

E diante de tudo isso, iniciado no segredo dos poderes eternos, que fazem nascer o tempo de novo desde o ventre, você quer se desesperar? Se você se desespera com a Alemanha, não se desespera apenas de si mesmo, mas também desiste do poder da verdade a que se dedica. Poucas pessoas são nobres o suficiente para se dedicar completa e sem reservas à trama e à obra da verdade libertadora, poucas são capazes de comunicar este movimento do coração e da cabeça a seus contemporâneos; mas quem conseguiu se tornar a boca da liberdade e cativar o mundo com os tons prateados de sua voz tem a garantia da vitória de sua causa que outro só pode alcançar com o mesmo trabalho e o mesmo sucesso.

Agora eu admito, temos que romper com nosso próprio passado. Fomos derrotados, e se fosse apenas a força bruta que colocasse um obstáculo no caminho do movimento do pensamento e da poesia, essa crueza em si teria sido impossível se não tivéssemos vivido uma vida separada no paraíso da teoria erudita, se tínhamos as pessoas do nosso lado. Não conduzimos sua causa na frente dele. Os franceses são diferentes. Seus libertadores teriam sido suprimidos se alguém pudesse.

Eu sei que você ama os franceses, você sente sua superioridade. Isso é o suficiente para que uma forte vontade em uma causa tão grande emule e conquiste. Que sensação! Que bem-aventurança sem nome, esse esforço e esse poder! Oh, como invejo você por seu trabalho, sim, até por sua raiva, pois esse também é o sentimento de todos os nobres em seu povo. Eu só pude participar! Meu sangue e vida por sua libertação! Acredite em mim, ele vai subir e alcançar a luz do dia da história humana. Nem sempre será uma vergonha para os teutões ser o melhor servo de toda a tirania para contar como orgulho. Eles o acusam de que não é gratuito, que é apenas um povo privado. Você acabou de dizer o que é; como pretende provar o que vai ser?

Não foi exatamente o mesmo na França, e em quanto tempo toda a França se tornou um ser público e seus filhos se tornaram homens políticos? Não devemos desistir da causa das pessoas, mesmo que elas a abandonem. Eles se afastam de nós, esses filisteus, eles nos perseguem; tanto mais fielmente seus filhos se dedicarão à nossa causa. Seus pais buscam liberdade para assassinar, eles morrerão pela liberdade.

E que vantagem temos sobre os homens do século 18? Eles falaram de uma época sombria. Temos os tremendos resultados de suas ideias vividamente diante de nossos olhos, podemos entrar em contato com eles na prática. Se formos para a França, cruzaremos o Reno e, de uma só tacada, estaremos no meio dos novos elementos que ainda não nasceram na Alemanha. A disseminação do pensamento político em todos os círculos da sociedade, a energia de pensar e falar, que só irrompe nas mentes proeminentes porque a força de um povo inteiro é sentida em cada palavra marcante – agora podemos fazer tudo isso a partir de uma vida vista para conhecer. Uma viagem à França, e mesmo uma longa estadia em Paris, seriam da maior vantagem para nós.

A teoria alemã mereceu amplamente essa queda de todos os céus, o que está acontecendo com ela agora, quando teólogos rudes e escudeiros estúpidos a sacodem pelas orelhas como um cão de caça e mostram o caminho. Bom para ela se esta queda curar sua arrogância. Dependerá inteiramente dela se deseja aprender a lição de seu destino de que está abandonada em um lugar escuro e solitário e apenas protegida no coração do povo. Quem ganha o povo, nós ou vocês? Isso é o que esses castrados obscuros chamam aos filósofos. Que vergonha desse fato! mas também salvação e honra aos homens que agora estão liderando vitoriosamente a causa da humanidade.

Aqui, somente aqui começa a luta, e nossa causa é tão forte que nós poucos homens espalhados com as mãos amarradas colocamos suas miríades de medo e terror pelo nosso mero grito de guerra. Bem, isso se aplica! e eu quero afrouxar seus laços, vocês alemães que querem se tornar gregos, eu, a Foice. Envie-me seus trabalhos! Quero imprimir-lo na ilha de Rousseau e escrevê-lo novamente em letras de fogo no céu da história: Queda dos Persas!

Ruge para Bakunin, em Dresden, junho de 1843

Só agora recebo sua carta; mas seu conteúdo não fica desatualizado tão rapidamente. Você tem razão. Nós, alemães, estamos realmente ainda tão atrasados que só temos que produzir novamente uma literatura humana para ganhar teoricamente o mundo para que depois ele tenha pensamentos sobre os quais atue. Talvez possamos fazer uma publicação conjunta na França, talvez até com os franceses. Quero me corresponder com nossos amigos sobre isso. A propósito, você erroneamente levou tanto a sério que fiquei chateado em Berlim. Todos os outros estão mais satisfeitos consigo mesmos; e um único desejo, que o primeiro berlinense, o rei, cumpre, compensa um mundo cheio de descontentamento. Não pense que julgo mal esses desejos extensos. O cristianismo como exemplo é tudo, por assim dizer. Agora foi restaurado, o estado é cristão, um verdadeiro mosteiro, o rei é muito cristão e os funcionários reais são os mais cristãos de todos. Eu admito, essas pessoas só são piedosas porque não têm servidão suficiente. Você deve adicionar um serviço celestial ao serviço da corte terrestre; a servidão não deve ser apenas seu ofício, mas

também sua consciência. E se os selvagens norte-americanos se agridem com seus pecados, espero que os povos também executem novamente o mesmo procedimento com esses cães do céu. Mas, por enquanto, quem não deve achar que está tudo certo no reino de Deus? e eu certamente teria assumido a parte mais alegre da glória geral se não tivesse considerado que um ressentimento desapontado é sempre melhor do que uma autossatisfação desapontada. Você dirá que eu teria lido Eulenspiegel, que já estava chateado com a vinda da montanha, com bom uso; os berlinenses também o leram, sempre o lêem quando lêem sua história, mas inútil: por isso se atêm ao fato de que seus Eulenspiegeleis são boas piadas. Até mesmo seu cristianismo lhes interessa apenas como uma boa piada, como uma reviravolta engenhosa. É picante admitir todas as loucuras da superstição e usar um bom casaco; É picante ouvir-se falando no estilo do Sacro Império Romano-Germânico com "saudações e aperto de mão antes", ou assinar neste tempo profano com a data de qualquer dia sagrado, e como não é possível, também do santo Oetter Até hoje, digamos, de São João de Latrão e do Vaticano, é pelo menos picante lançar a bula para a restauração das irmãs misericordiosas ou para a fundação da capela de Santo Adelberto do castelo do profano Frederico.

Mas não quero correr o risco de viver sob as palmeiras de novo, nem mesmo na minha imaginação. Adeus, Berlim. Eu me elogio em Dresden. Tudo foi conquistado aqui, tudo foi desfrutado aqui, que a Prússia não pode recuperar com todo o esforço de sua aberta espirosidade. As propriedades, as guildas, as leis antigas, o clero além do secularismo, o prelado católico na câmara do Reichsratshe, os shorts e as meias pretas do clero luterano, os divórcios com aprovação religiosa e o poder do Consistório sobre tais ocasiões, a celebração do domingo e castigo de 16 groschen a 5 Reichsthaler para cada abusador do sábado que faz trabalho pesado, uma associação contra a crueldade para com os animais, mas ninguém contra a limpeza de chaminés, ninguém contra a negligência das pessoas – mas não, para não ser injusto, é preciso lembrar que um cristão honesto que levou a sério o humanismo e em parte aboliu a tortura das crianças pelos pobres por um meio muito engenhoso falhou não por sua incapacidade, mas por causa da excelência do que já existia. A Saxônia carrega toda a glória do passado rejuvenescida em seu colo; não se estuda por tempo

suficiente, esse Eldorado da velha jurisprudência e teologia, esse santo Império Romano em miniatura, cujas várias diretorias distritais e autoridades administrativas logo se declararão independentes umas das outras e cuja Universidade de Leipzig há muito tempo é independente do fútil curso de educação intelectual no deserto, na vasta Alemanha, quanto mais na Europa. Mas não estou dizendo que a nação saxônica não esteja fazendo nenhum progresso. Eu quero te contar uma história. Os judeus são maus cristãos, por isso não participam das liberdades do resto do povo saxão, não têm direitos honorários e não estão autorizados a fazer isto ou aquilo que os batizados podem fazer. Agora, o Brühische Terrasse era o Brühische Garten em frente a ele. Tinha uma parede acidentada junto à ponte, onde estão agora as escadas, e foi fechada do outro lado. Em muitos dias, um Schüdwache não permitia a entrada de ninguém, mas nenhum deles permitia judeus ou cães. Um dia, uma mulher comum veio com um cachorro nos braços e foi impedida pelo guarda por causa do cachorro. A mulher queixou-se indignada ao marido, o general, e apareceu um slogan que cancelou as instruções dos guardas contra os cães. Os cães agora iam para o Brühischer Garten de vez em quando; mas os judeus? – não, os judeus ainda não. Agora os judeus reclamaram e exigiram estar em pé de igualdade com os cães. O general ficou muito embaraçado. Deveria retirar sua ordem, cujas consequências revolucionárias não puniu? Sua esposa insistia nos direitos de seu cachorro e dos cachorros de suas amigas. O assunto já era costume e os judeus, o general viu diante de seus olhos, gritariam terrivelmente se não lhes fosse concedido o privilégio dos cães, de que gozaram durante toda a Idade Média, já no século XIX. Assim, o general decidiu, por sua própria responsabilidade, deixar os judeus entrarem no Jardim Brühl, caso este não fosse fechado devido à presença do tribunal. A indignação foi grande, mas o velho guerreiro a desafiou. Agora vieram os russos. O governador geral Replin não encontrou um tribunal em 1813. Ele também provavelmente pensou que talvez ninguém voltaria, e transformou o jardim Brühlsee no Brühische Terrasse com a grande escadaria e o acesso aberto que agora possui. Isso ultrajou o coração de todos os saxões normais; e se os russos não fossem muito mais populares do que os prussianos, a indignação teria estourado. Mas do jeito que as coisas aconteceram, o povo se deixou levar, na verdade eles até mataram os

majestosos faisões no grande jardim e aceitaram que os russos também abrissem ao povo este passeio, que antes era reservado aos faisões. Mas uma pessoa, o mais normal de todos os saxões, um Conselheiro Privado eleitoral que ainda está vivo, nunca esqueceu dos russos seu vício impróprio e destrutivo por inovação. Ele não reconhece o Brühische Terrasse ou o grande jardim. Ele nunca sobe ou desce "as escadas russas", ele sempre passa pelo portão legítimo do antigo "Brühlschen Garten", nunca traz um cachorro ou um judeu com ele, e na "Fasanerie" nunca segue outro caminho que não seja o caminho do meio, que também nos velhos tempos era aberto ao público a pé, exceto durante a época de reprodução do faisão.

Certamente o cristão conservador é sensato, e se todos os alemães fossem saxões normais, ou se "nenhum russo viesse de vez em quando para abrir seus passeios para eles, ou" nenhum francês cortasse suas tranças em Jena, ou, finalmente, deu-lhes que não há Prússia e nenhum desejo de inovação nas mentes de seus reis cristãos e pagãos; – Em nenhum lugar você viveu mais silenciosamente do que em Dresden. Mas do jeito que está, para nossa pátria saxônica, apesar de toda a glória de dentro, ainda há grandes tremores a temer de fora.

O mundo está perfeitamente em todo lugar

Aonde o homem não vai com seu tormento. [Schiller]

Feuerbach an Ruge Bruckberg, im Juni 1843

As cartas e planos literários que me transmitem deram-me muito em que pensar. Minha solidão exige o mesmo, não deixe de repetir suas transmissões. A queda dos anuários alemães me lembra a queda da Polônia. Os esforços de algumas pessoas foram em vão no pântano geral da podre vida popular.

Não encontraremos uma filial verde tão cedo na Alemanha. Tudo foi completamente corrompido, um desta forma, o outro daquela maneira. Precisávamos de novas pessoas. Mas desta vez eles não vêm dos pântanos e das florestas, como no caso da migração dos povos, devemos produzi-los de nossos lombos. E o novo mundo deve ser levado à nova geração em pensamentos e poesia. Tudo tem que ser exaurido do zero. Um grande trabalho de muitas forças unidas. Nenhum fio deve permanecer no antigo regimento. Novo amor, nova vida, diz Göthe; chamamos isso de novo ensino, nova vida.

A cabeça nem sempre está à frente; é a coisa mais móvel e complicada ao mesmo tempo. O novo surge na cabeça, mas o velho também fica por mais tempo na cabeça. Mãos e pés se rendem à cabeça com alegria. Então, acima de tudo, sua cabeça foi limpa e purgada. O chefe é um teórico, é um filósofo. Ele só tem que suportar o jugo amargo da prática, para a qual o puxamos para baixo, e aprender a viver humanamente neste mundo sobre os ombros de pessoas ativas. Esta é apenas uma diferença no modo de vida. O que é teoria, o que é prática? Qual é a diferença deles? Teórico é o que está só na minha cabeça, na prática o que assombra muitas cabeças. O que une muitas mentes cria massa, se espalha e assim abre espaço no mundo. Se um novo órgão pode ser criado para o novo princípio, essa é uma prática que não deve ser negligenciada.